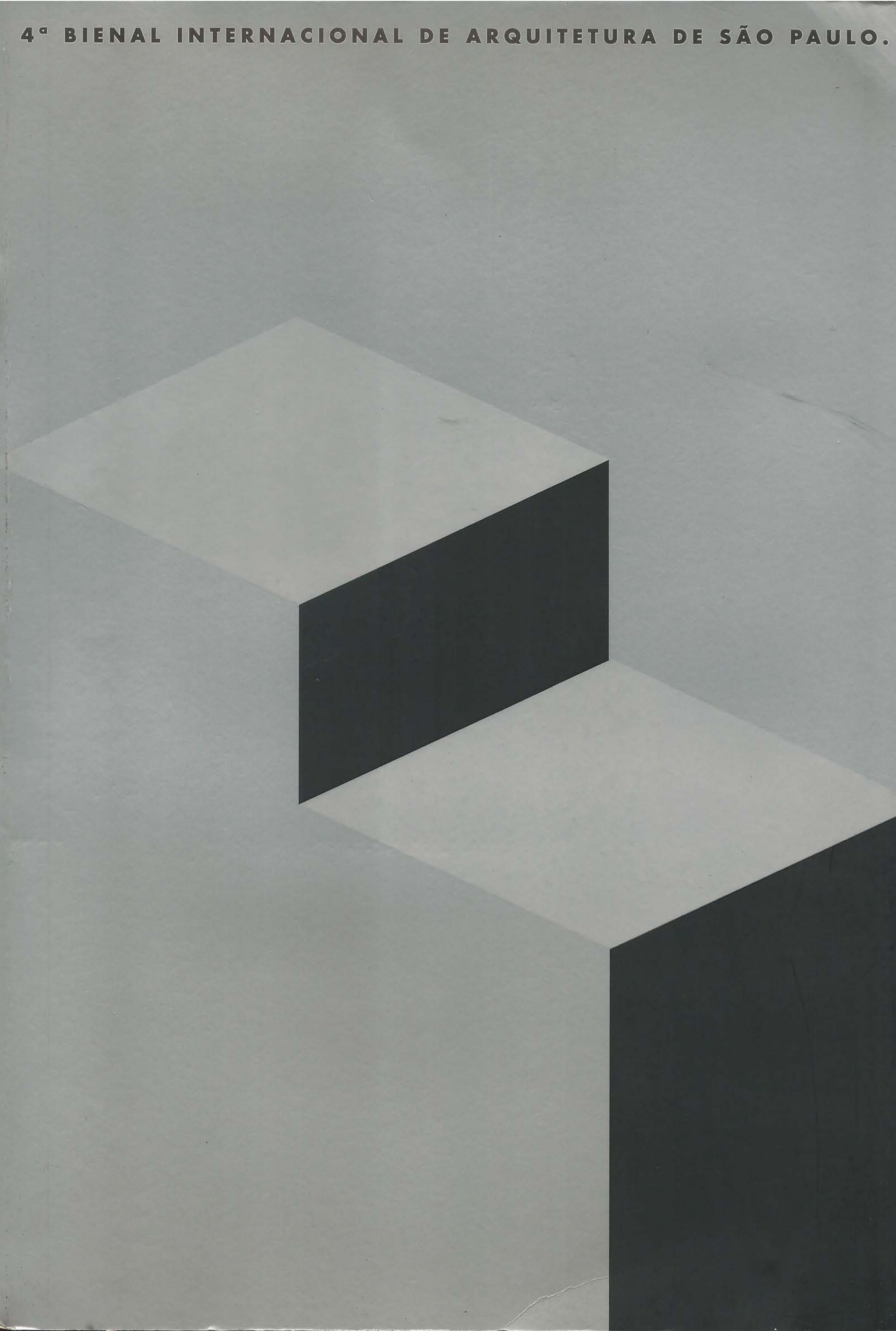
4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARQUITETURA DE SÃO PAULO.



4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

Mário Covas
Governador Do Estado de São Paulo
Presidente de Honra da 4° Bienal Internacional de Arquitetura

Carlos Bratke
Presidente da Fundação Bienal de São Paulo

Jens Olesen
1° Vice-presidente da Fundação Bienal de São Paulo

Milú Villela
2° Vice-presidente da Fundação Bienal de São Paulo

Carlos Maximiliano Fayet
Presidente Instituto dos Arquitetos do Brasil
Direção Nacional

Pedro Cury
Presidente Instituto dos Arquitetos do Brasil
Departamento de São Paulo

Lúcio Gomes Machado
Curador

Luiz Fisberg
Curador

Carlos Wendel de Magalhães
Diretor Superintendente

Marcos Weinstock
Diretor Executivo

Pieter Th. Tjabbes
Gerente Internacional

Mariah Villas Boas
Gerente Nacional

Conselho Consultivo da 4ª BIA

Carlos Bratke
Presidente da FBSP

Pedro Cury
Presidente do IAB-SP

Edson Elito
Diretor da FBSP e Vice-presidente do IAB-SP

José Geraldo Martins de Oliveira
1° Secretário-geral do IAB-SP

Representantes da Fundação Bienal de São Paulo

Jorge Wilheim
Lúcio Gomes Machado
Miguel Alves Pereira
Oswaldo Corrêa Gonçalves
Pieter Th. Tjabbes
Renato Nunes
Rubens Cunha Lima
Tito Lívio Frascino

Representantes do Instituto de Arquitetos do Brasil

José Magalhães, Jr.
Luiz Fisberg
Marcelo Carvalho Ferraz
Mário Figueroa
Paulo Júlio Valentino Bruna
Regina Maria Prosperi Meyer
Renato Dal Pian
Telesforo Cristofani

Fundação Bienal de São Paulo

Carlos Bratke
Presidente

Jens Olesen
1° Vice-presidente

Milú Villela
2° Vice-presidente

Edson Jorge Elito
Diretor

Pedro Aranha Corrêa do Lago
Diretor

René Parrini
Diretor

Diretores e gerentes

Carlos Wendel de Magalhães
Diretor Superintendente

Marcos Weinstock
Diretor Executivo

Altino Barros
Diretor Adjunto

Ivo Mesquita
Curador Geral

Mariah Villas Boas
Gerente de Eventos Nacionais

Pieter Th. Tjabbes
Gerente de Eventos Internacionais

Maurício Marques Netto
Gerente Financeiro

Luiz Carlos Roberto
Assessor Jurídico

Maria Rita Marinho
Secretária Executiva

Diretores representantes

Marcos Mendonça
Secrétario de Estado da Cultura

Glória Bayeux
Representante da Secretaria Municipal de Cultura

Lauro Moreira Barbosa
Representante do Ministério das Relações Exteriores

Octávio Elísio Alves de Brito
Representante do Ministério da Cultura

Consultores

Fábio Magalhães
Gianfranco Vannucchi
Neide Hahn
Roberto Bratke
Roberto Loeb
Samuel Mac Dowell

Conselho

Francisco Matarazzo Sobrinho
(1898 - 1977)
Presidente Perpétuo do Conselho

Conselho de Honra

Oscar P. Landmann
Presidente

Alex Periscinoto
Celso Neves
Edemar Cid Ferreira
Jorge Eduardo Stockler
Jorge Wilheim
Julio Landmann
Luiz Diederichsen Villares
Maria Rodrigues Alves
Roberto Muylaert

Conselho de Administração

Luiz A. Seraphico de Assis Carvalho
Presidente

Mendel Aronis
Vice-presidente

Conselheiros Vitalícios

Benedito José S. de Mello Pati
Celso Neves
Giannandrea Matarazzo
Hélène Matarazzo
João de Scantimburgo
Oscar P. Landmann
Oswaldo Corrêa Gonçalves
Otto Heller
Roberto Maluf
Roberto Pinto de Souza
Rubens José Mattos Cunha Lima
Sábato Antonio Magaldi
Sebastião de Almeida Prado Sampaio
Wladimir Murtinho

Conselheiros

Adolpho Leirner
Alex Periscinoto
Álvaro Augusto Vidigal
Angelo Andrea Matarazzo
Antonio Henrique Cunha Bueno
Áureo Bonilha
Beatriz Pimenta Camargo
Beno Suchodolski
Caio de Alcântara Machado
Carlos Bratke
Cesar Giobbi
David Feffer
David Zylbersztjan
Diná Lopes Coelho
Edemar Cid Ferreira
Edgardo Pires Ferreira
Ernst Guenther Lipkau
Fernando Roberto Moreira Salles
Fernão Carlos Botelho Bracher
Gilberto Chateaubriand
Horácio Lafer Piva
Jens Olesen
Jorge da Cunha Lima
Jorge Wilheim
José Ermírio de Moraes Filho
Julio Landmann
Lúcio Gomes Machado
Luiz A. Seraphico de Assis Carvalho
Manoel Ferraz Whitaker Salles
Marcos Moraes
Maria Rodrigues Alves
Mendel Aronis
Miguel Alves Pereira
Milú Villela
Pedro Aranha Corrêa do Lago
Pedro Franco Piva
Pedro Paulo de Sena Madureira
René Parrini
Roberto Civita
Roberto Duailibi
Rubens Ricúpero
Salo Davi Seibel
Stella Teixeira de Barros
Thomaz Farkas
Wolfgang Sauer

Instituto de Arquitetos do Brasil

Direção Nacional

Carlos Maximiliano Fayet (RS)
Presidente

Haroldo Pinheiro V. de Queiroz (DF)
Vice-presidente

Irineu Breitman (RS)
Secretário-geral

Maria Fátima Beltrão (RS)
Diretora Administrativa

Sérgio Saffer (RS)
Diretor Financeiro

Lais Salengue (RS)
Diretora Cultural

Roger de Souza Abrahim (AM)
Vice-presidente Norte

Napoleão Ferreira da S. Netto (CE)
Vice-presidente Nordeste

Luis Fernando de A. Freitas (RJ)
Vice Presidente Sudeste

Departamento de São Paulo

Pedro Cury
Presidente

Gilberto Belleza
1° Vice-presidente

Edson Jorge Elito
2° Vice-presidente

José Carlos de Lima Bueno
3° Vice-presidente

José Geraldo M. de Oliveira
Secretário-geral

Elefetérios A. Athanasopoulos
1° Secretário

Claudia Helena F. de S. Guedes
2° Secretário

Adriano Cotrim Pita
1° Tesoureiro

Candi Hirano
José Francisco Xavier Magalhães
Lucio Gomes Machado
Luiz Fisberg
Mario Arturo Figueroa Rosales
Diretores

Gilberto de Moura Caiuby
João Clodomiro Browne de Abreu
Ronald Tanimoto Celestino
Conselho Fiscal

Carlos Bratke
Edson Jorge Elito
Gilberto Belleza
João Honorio de Mello Filho
Joaquim Manoel Guedes Sobrinho
José Eduardo de Castro Bicudo Tibiriçá
José Magalhães Júnior
José Luiz Tabith Júnior
Conselho Superior - Titulares

Antonio das Neves Gameiro
Carlos Henrique Heck
José Borelli Neto
José Carlos Ribeiro de Almeida
Pedro Paulo de Mello Saraiva
Sami Bussab
Telesfóro Georgio Cristófani
Valter Caldana Júnior
Conselho Superior - Suplentes

Patrocinadores

Agência Espacial Brasileira
Banco Itaú S/A
Banco Mercantil
Bradesco Seguros
Bratke & Collet
Caixa Econômica Federal
Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha
Centro Cultural Banco do Brasil
Citibank
Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
Corporacion Antiguo Puerto Madero
Correios
Credicard
Deca
DIRECTV
Editora Abril
Eletrobrás
Eletropaulo
Folha de S.Paulo
Governo do Estado de São Paulo
Hewlett Packard
HSBC
INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Intelig
McCann-Erickson Brasil
Pilkington Blindex
Prefeitura do Município de São Paulo
Prefeitura Municipal de Santo André
Protege - Proteção e Transporte de Valores S/C Ltda.
Rede Globo de Televisão
S/A O Estado de S. Paulo
Secretaria de Direitos Humanos
Solutia do Brasil Ltda. Divisão Saflex
Souza Cruz
Takano Editora Gráfica Ltda.
UOL - Universo on Line
Volkswagen
Votorantim

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

TAKANO
EDITORA GRAFICA LTDA.

4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

Apresentação

Mil anos, ou pouco menos, são passados do renascer da vida urbana no mundo ocidental. Em sua origem, espaço de liberdade e franquias, a cidade chega ao fim do segundo milênio como uma Babel em desmoronamento. O século XXI delineia-se, então, como a possibilidade ameaçadora das metrópoles gigantescas, enormes centros nos quais o convívio será cada vez menos amigável e fraterno. Este cenário pouco animador pode ser evitado. Felizmente, a determinação da sociedade, aliada aos avanços tecnológicos, poderá redesenhá-lo.

Se, como pensava Villanova Artigas, a cidade é a casa de todos, deve ser cuidada como tal. Com o mesmo zelo, com a mesma atenção, precisa ser mobiliada com equipamentos urbanos que atendam à comunidade. Para esta tarefa é indispensável o concurso dos arquitetos e urbanistas. Não só por sua particular competência na lida com o tridimensional. Nem, tampouco, pela rara capacidade que possuem de unir a arte às ciências exatas, explorando as possibilidades criativas de ambas. Serão chamados pela ampla visão que possuem do ser humano, de sua dimensão piscológica individual, do vasto e complexo universo das relações socioeconômicas em que se desenrola a sua vida.

A Bienal de Arquitetura tem sua importante função: permitir a revisão do trabalho dos grandes mestres, o intercâmbio de experiências profissionais e a reflexão sobre elas, abrindo essa discussão às autoridades e aos cidadãos. Constitui-se, assim, em importante estímulo ao estabelecimento de critérios que reordenem e recuperem espaços urbanos.

Estas boas razões são, por elas mesmas, suficientes para que a iniciativa mereça o apoio do povo e do Governo de São Paulo.

Mário Covas
Governador do Estado de São Paulo
Presidente de Honra da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura

DA ARQUITETURA

Aqui, neste espaço, o objetivo e o subjetivo se encontram,
se defrontam e se combinam.

Tantas e quantas peças, montadas umas
sobre as outras, ou lado a lado, ou mesmo, formando cantos, curvas....
procuram a beleza. Seja por meio
de seus próprios atributos, seja mostrando-se umas para
as outras.

O tijolo fala. O concreto, também. A madeira, o aço, o
vidro...

Luz e sombra. Cores e texturas.
Criam uma expressão que, muito além das dimensões e do correto uso
pelo homem, constituem na composição uma ARTE.
A arte da arquitetura.
Uma arte especial.
Uma arte utilitária.
Assim, a metafísica da arquitetura vai muito além da pura física. A
física das construções não se sustenta em si mesma.

O desejo de ser/O desejo de se expressar é a grande motivação da vida.

Expandimos nossas personalidades ---------- criando.

Aprender é uma aspiração fundamental do ser humano.
Aprende-se com o que os outros dizem, ou fazem ou já fizeram. Fazem
dizendo, ou dizem que fazem.

Segue-se o bom exemplo e critica-se o considerado mau.
Escolhe-se aquilo que impressiona e disseca-se seu conteúdo, seu
conceito.

Para os arquitetos, dos vivos e dos mortos, restam as lições materializadas ou não.

Para os não-arquitetos, uma iniciação, um encontro, um reencontro. Afinal, arquitetura é cultura.

Um projeto tem começo, meio e fim.
O processo é mais ou menos
assim:
A partir de uma necessidade/programa inicia-se uma fase analítica em
que um ponto ramifica-se
em dezenas, centenas, milhares de alternativas.
Um emaranhado de novos problemas vai encontrando uma solução
específica.
Aí, começa a produção da síntese, quando se vai optando por aquelas
que parecem ser as melhores,
as mais atraentes, as mais simpáticas escolhas.
O funil da síntese conduz à solução final.
Muitas e muitas matérias entram no processo, o que faz
da arquitetura um grande universo de conhecimentos.

QUEM SABE, NÃO SEJA POR ISSO, ELA NOS ATRAIA TANTO.

Uma verdadeira obra de arquitetura é aquela que tem PRESENÇA.

Tem o som do silêncio. Fala através do desenho que a luz produz.

SILÊNCIO E LUZ

Sombras criam volumes, profundidades, perspectivas música imaginária.

Uns dizem que o homem tenta imitar a natureza e nela procura inspiração.
Outros pensam o contrário, que o homem a agride como num contra-ataque, defendendo-se das suas agruras.

E é muito bom que todos não pensem da mesma forma!

NÃO TERÍAMOS, AQUI, TANTAS IDÉIAS DIFERENTES A PREENCHER UMA IMENSA ÁREA DE QUASE TRINTA E CINCO MIL METROS QUADRADOS.

DO URBANISMO

PARIS "a Cidade-Luz" é considerada por quase todos que a conhecem a cidade mais linda do mundo. Um modelo, um exemplo.
Paris não tem um CENTRO determinado, como Nova York, ou quase uma centena como Los Angeles.
(Lá, também, não são caiadas as guias das calçadas.)
Há vários tipos de cidade, segundo sua conformação, função, vocação, morfologia, tipologia...
Há, inclusive, muitos sistemas administrativos, mas certamente todos correm atrás de uma ótima qualidade de vida.
Do conforto, do bem-estar, do bem querer.

Estaremos tratando aqui, também, das questões URBANAS.

Carlos Bratke
Presidente da Fundação Bienal de São Paulo

4º Bienal Internacional de Arquitetura

As Bienais Internacionais de Arquitetura resultantes da parceria do Instituto de Arquitetos do Brasil, Fundação Bienal de São Paulo e o Departamento de São Paulo do IAB são os eventos mais importantes realizados no Brasil para quem queira ter uma razoável visão geral da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil e no mundo.

Salas especiais que mostram a produção de destacados arquitetos nacionais estrangeiros, exposições com a produção dos últimos dois anos de profissionais que inscreveram seus trabalhos, dos distinguidos em concursos e nas premiações promovidas pelos Departamentos, homenagens àqueles que deixaram suas obras incorporadas à história da nossa profissão, em nosso país e no exterior, exposições de trabalhos premiados de estudantes, lançamentos de livros, revistas e outras publicações, mostra de materiais e serviços, enfim, uma grande quantidade de material e atividades de cultura ocupam integralmente as instalações da Bienal de São Paulo.

Por mais rápidos e atraentes que sejam os atuais meios de comunicação e informação que a eletrônica e a informática hoje possibilitam, nada substitui o contato direto com as obras e as pessoas que integram o mundo da arquitetura.

A busca do encontro, do debate ao vivo, às vezes imprevisto, da percepção, avaliação e reflexão sobre aquilo que está exposto, disponível e sem pressa, deve atrair dezenas de milhares de pessoas ao Parque Ibirapuera a partir de 20 de novembro de 1999.

Profissionais e empresários, professores e estudantes, gente e dirigentes, estamos todos, conscientemente ou não, comprometidos em cada ato, em cada momento, com a formação da cultura em nosso país, e a arquitetura é, sem dúvida, das manifestações culturais, aquela de maior consumo compulsório.

No cotidiano de cada um, desde a moradia, o ambiente de trabalho, os ambientes para serviços e lazer, até os espaços das cidades, a arquitetura e o urbanismo estão sendo percebidos e avaliados permanentemente, voluntariamente ou não, daí a sua importância como indicadores e geradores de cultura.

Nessa perspectiva, o Instituto de Arquitetos do Brasil se regozija com a realização deste evento e expressa sua gratidão àqueles que o tornaram possível neste país e neste momento de dificuldades pelo qual passamos.

Carlos Maximiliano Fayet
Presidente Nacional do IAB

4ª BIA e a Sociedade

A Bienal Internacional de Arquitetura, já em sua 4ª edição, vem se consolidando como uma das mais importantes mostras da produção atual dos arquitetos brasileiros e dos maiores nomes da arquitetura mundial. Ela tem proporcionado ao público brasileiro, e esta é sua intenção principal, acesso às contribuições propostas no campo da arquitetura, urbanismo, design e das inovações tecnológicas, permitindo que a sociedade brasileira possa reunir o instrumental necessário para ampliar sua percepção da importância da arquitetura e do papel do arquiteto em sua avaliação da qualidade do espaço urbano à sua volta. A qualidade de vida de uma cidade está intimamente ligada à qualidade do espaço construído, incluindo aí os espaços comuns (praças, ruas, avenidas etc.). Essa qualidade poderá ser mais rapidamente alcançada à medida que a comunidade como um todo possa consumir arquitetura com maior intensidade, principalmente por meio desta exposição, e a partir daí possa cobrar do Poder Público com maior grau de conhecimento sua parcela de responsabilidade nessa questão.

Por outro lado, a abertura da economia e o processo irreversível da globalização em que nosso país está se inserindo propiciam a entrada de escritórios estrangeiros em nosso mercado de trabalho. Não somos contrários a essa concorrência, mas temos a obrigação – como entidade de classe dos arquitetos – de promover e divulgar a competência e a produção dos arquitetos brasileiros e mostrar à sociedade brasileira que estamos em melhores condições de atendê-la, do que nossos colegas de outros países, pois conhecemos com maior profundidade suas reais necessidades e temos, por dever de ofício, uma percepção melhor de nossa realidade.

A mostra também nos propiciará a continuação das discussões e dos debates sobre temas da maior importância para nós. Que arquitetura teremos de produzir para o próximo século; que cidade queremos para a sociedade do futuro, tendo em vista o avanço tecnológico que está por vir; qual o papel do arquiteto no enfrentamento da pobreza em nosso país e da preservação do meio ambiente; como estancar o processo de degradação de nossas cidades e como recuperá-las; de que forma nossa profissão deverá se estruturar para enfrentar esses desafios. Esses e outros temas deverão se fazer presente durante os 60 dias de duração da 4ª BIA.

Essas são, ao nosso ver, as principais intenções da 4ª BIA. Esperamos que os esforços de todos que participaram na montagem dessa mostra sejam recompensados pelos benefícios que ela possa trazer ao povo de nosso país. O Instituto de Arquitetos do Brasil juntamente com a Fundação Bienal, apoiados pelos patrocinadores do evento, não mediram esforços no sentido de que esta grande mostra possa cumprir o papel que dela esperamos.

Pedro Cury
Presidente IAB-SP

Os arquitetos e a cidadania

A crescente importância de questões relacionadas com a qualidade de vida em ambientes urbanos de alta complexidade como aqueles em que vivemos coloca a Arquitetura e o Urbanismo em posição de destaque para o diagnóstico e a proposição de soluções.

Há dois anos, a conjugação dos esforços do Instituto de Arquitetos do Brasil e da Fundação Bienal de São Paulo permitiu realizar a mostra que colocávamos como "a retomada do debate com a sociedade", ocasião em que foi possível apresentar obras e projetos de fundamental importância para a compreensão da arquitetura brasileira e internacional deste século. Reafirmava-se então a tradição das duas entidades em promover contatos entre as várias culturas e, especificamente, a valorização da arquitetura e do urbanismo no panorama da cultura e da gestão do patrimônio público.

O enorme público que afluiu ao Pavilhão Ciccillo Matarazzo, em grande parte não vinculado à profissão ou ao estudo de arquitetura, permitiu constatar a carência de oportunidades de acesso à produção arquitetônica e, ao mesmo tempo, um enorme desejo de conhecer a produção dos arquitetos, isto é, as diversas maneiras como problemas relativos ao espaço construído, seja na escala do objeto, seja na da habitação individual; seja dos grandes edifícios públicos, seja das cidades.

Por outro lado, os diversos segmentos expostos proporcionaram a afirmação pública de instituições, de grupos de pesquisadores e de centenas de profissionais que até então tinham seu trabalho desconhecido do grande público e, freqüentemente, mesmo dos demais estudiosos e profissionais.

Nesta 4ª Bienal Internacional de Arquitetura, procuramos enfatizar ainda mais esta chave de contato com a sociedade, desta vez de forma ainda mais abrangente, sob o ângulo da qualidade de vida e da cidadania, isto é, da maneira pela qual as pessoas podem perceber, de modo sensível ou racional, a qualidade da gestão das nossas cidades, a qualidade dos nossos espaços, o interesse que tem os diversos setores da sociedade pela arquitetura como manifestação cultural ou ainda o resultado final do trabalho dos arquitetos.

Diretriz fundamental adotada nesta exposição foi acolher manifestações representativas de um amplo espectro de concepções sobre a atividade dos arquitetos, o que está claramente contemplado na Exposição Geral de Arquitetos. Esse segmento, ao lado do Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura, configura um verdadeiro estado da arte neste fim de milênio, permitindo antever a pluralidade de caminhos da arquitetura que serão consolidados nos próximos anos.

O visitante, além desse panorama, terá a ocasião de tomar contato, nas salas especiais, com a obra de arquitetos significativos para a compreensão da arquitetura brasileira e internacional, de propostas relevantes para a gestão urbana, além de alguns quadros representativos de nossa história cultural. No entanto, certamente não é e nem poderia ser um panorama exaustivo. Como é próprio de nossa atividade, a intervenção no ambiente é permanente e, portanto, a realidade a ser percebida está em constante mutação.

Aspecto particularmente digo de destaque é a importante presença da América Latina, especialmente da Argentina, cujos profissionais, críticos e instituições culturais encamparam decididamente a importância do diálogo entre amigos ainda tão distanciados no âmbito da cultura.

Complementando o universo apresentado, está prevista a realização de um extenso Fórum de Debates, o qual contará, nesta edição, com alguns ciclos especiais entre os quais se destacam o Seminário Arquitetura e Cidadania, um encontro internacional sobre Museologia, o 1° Simpósio Internacional "Criação e Comunicação Digital" e o III Seminário Docomomo Brasil.

As obras expostas foram substancialmente valorizadas pelo inteligente projeto para adequação dos espaços do inigualável pavilhão projetado por Oscar Niemeyer, que abriga a mostra.

A condução dos trabalhos de orientação e interação com todos os interessados somente foi possível com o fundamental papel desempenhado pelo Conselho Consultivo da 4ª BIA, constituído por profissionais ao mesmo tempo relevantes em sua atividade e dedicados às instituições que representam.

O produto registrado neste catálogo, mais que resultado dos esforços das instituições promotoras, é fruto da contribuição de inúmeras instituições culturais e de ensino do Brasil e do exterior, das entidades profissionais e, sobretudo, dos profissionais e estudantes: está presente nesta mostra o trabalho de equipes que somam milhares de profissionais em todo o mundo. É também resultado do trabalho muitas vezes anônimo das equipes técnicas e diretivas do IAB e da FBSP e, é importante destacar, não poderia ter sido realizado sem o concurso das entidades governamentais e empresas privadas que patrocinam o evento.

Lucio Gomes Machado
Luiz Fisberg
Curadores

Apoio

CaliaAssumpção & Associados Publicidade
Century Paulista Flat
Companhia Antarctica Paulista I.B.B.C.
Dínamo Filmes
Dotto Import
Eurobrás
Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires
Infraero
NASA
(National Aeronautics and Space Administration)
NEWCOMMBATES
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Próeditores
Receita Federal
Talent
The Boeing Company
Universidade de São Paulo
W/Brasil

Folha de S. Paulo
Gazeta Mercantil
Jornal da Tarde
Jornal do Brasil
O Estado de S. Paulo
O Globo

Bravo
Época
Isto É
República
Revista da Folha
Veja

Arc & Design
Arquitetura & Construção
AU-Arquitetura e Urbanismo
Construção / Pini
Ponto.Com
Projeto & Design
Techné

Canal Futura
Rede Bandeirantes
Rede Globo de Televisão
Rede Record
SBT - Sistema Brasileiro de Televisão
TV Cultura
TVE - TV Educativa

Central de Outdoor
Busdoor

Sumário

Exposição Geral dos Arquitetos

028 A
034 B
047 C
063 D
068 E
069 F
076 G
082 H
085 I
086 J
088 K
092 L
097 M
112 N
114 O
118 P
127 R
136 S
145 T
149 U
150 V
155 W
157 Y
157 Z

162 Concurso das Escolas de Arquitetura

168 Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil

Exposição Geral dos Arquitetos

Premiados

Grande Prêmio "Ex Aequo" - Urbanismo

Plano de Urbanização da Favela Jardim Floresta – Projeto Guarapiranga
Arq. Paulo de Mello Bastos

Urbanização de Favelas
Arq. Jorge Mário Jáuregui

Grande Prêmio "Ex Aequo" – Arquitetura

Estação Pêssego / Metrô
Arq. João Walter Toscano
Arq. Odiléa Helena Setti Toscano

Teatro Unimep
Arq. Paulo de Melo Zimbres
Arq. Marcos Sant'Anna Zimbres
Arq. Joara Cronemberger Ribeiro Silva

Projetos
(por ordem alfabética de nome do inscrito)

Exposição "Flávio Império"
Arq. André Vainer
Arq. Guilherme Paoliello

Estacionamento Trianon
Arq. Angelo Bucci
Arq. Fernando de Mello Franco
Arq. Milton Braga
Arq. Marta Moreira

Ermida no Mirante
Arq. Arnaldo Antonio Martino

Praça São Vicente Férrer – Formiga, MG
Arq. Carlos Alberto Maciel
Arq. Alexandre Brasil Garcia

Pavilhão de Jogos na Mantiqueira
Arq. Carlos Eduardo Warchavchik

Fazenda Água Comprida – Sede
Arq. Eduardo de Almeida

Apartment Building / Számadó Str., Budapest – Hungary
Arq. Ferenc Cságoly
Arq. Richard Hönich

Remodelação da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP
Arq. José Armênio de Brito Cruz

Escuela de Arquitectura y Diseño – Universidad Pontificia Bolivariana
Arq. Luis Guillermo Hernandez Vasquez
Arq. Javier Hernando Castañeda Acero
Arq. Carlos Mario Rodriguez Osorio
Arq. Mauricio Alberto Valencia Correa

Projeto de Utilização Racional do Eucalipto de Reflorestamento para uso Residencial
Arq. Marcelo Aflalo
Arq. Marta Rodés Aflalo

Nueva Facultad de Derecho
Arq. Miguel Angel Roca

Kiefhoek Renovation
Arq. Wytze Patijn

Prêmio Especial à obra do Arquiteto

Norman Foster

Menção Especial aos curadores da 4ª BIA

Arq. Lúcio Gomes Machado
Arq. Luiz Fisberg

Menção Especial aos autores do projeto da "Exposição Geral de Arquitetos"

Arq. André Vainer
Arq. Guilherme Paoliello

Menção Especial ao responsável pela execução da montagem da 4ª BIA

Arq. Ernesto Tuneu

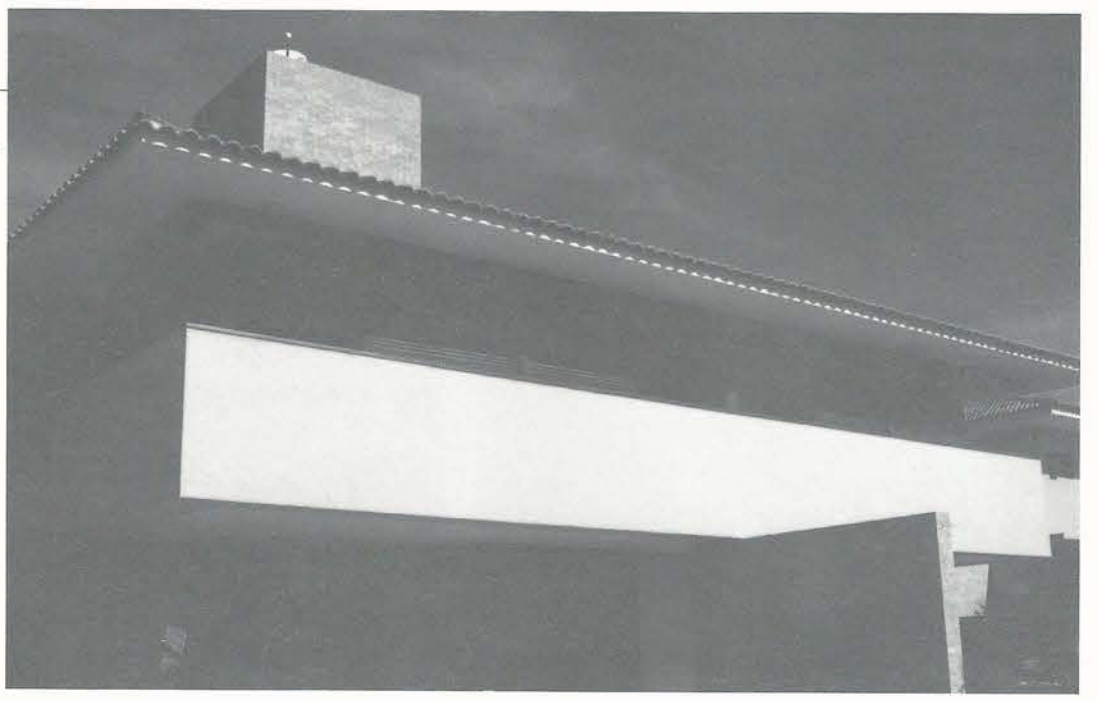
Júri de Premiação:

Acácio Gil Borsoi (Brasil)
David Resnik (Israel)
Francine Houben (Holanda)
Jorge Glusberg (Argentina)
José Forjaz (Moçambique)
Paulo Júlio Valentino Bruna (Brasil)
Sylvia Ficher (Brasil)

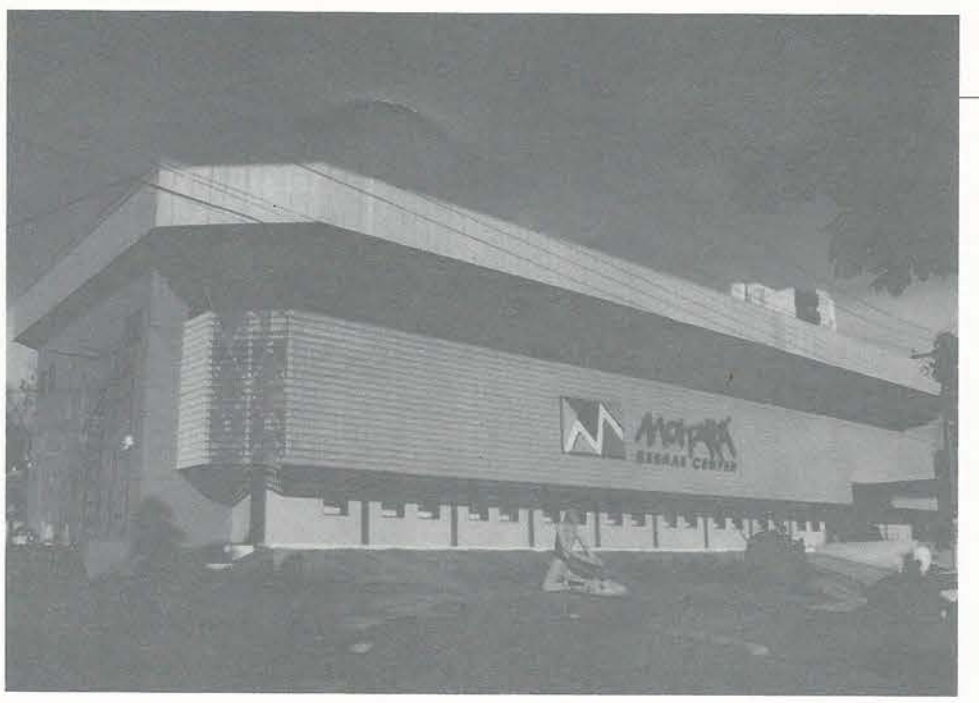
Abreu, Ivanir Reis Neves – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1989
Pinto, Luiz Felipe Teixeira – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1988
Consultor: Sérgio de Oliveira

Residência Mauro Corrêa (1998)
Itatiba, SP

O terreno em moderado aclive foi dividido em três plataformas. Na primeira, no nível da rua, estão localizados a garagem e os acessos da casa. Na segunda, foi implantada a casa com área social e de lazer voltadas para os fundos e os dormitórios para a frente, formando um grande volume, em balanço, apoiado sobre o muro de arrimo. A terceira plataforma faz parte da área livre do terreno.
A planta da casa desenvolve-se ao redor de um pátio central, para o qual todos os ambientes da casa se abrem por meio de portas ou janelas. O pátio, descoberto, intensifica a ventilação cruzada.



Adrião, João Mário de Arruda – Cuiabá, MT – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986
Poppi, Ademar – Cuiabá, MT – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1981
Consultores: Altair Bagio, Clésio Apolônio, Márcia Regina Baicere



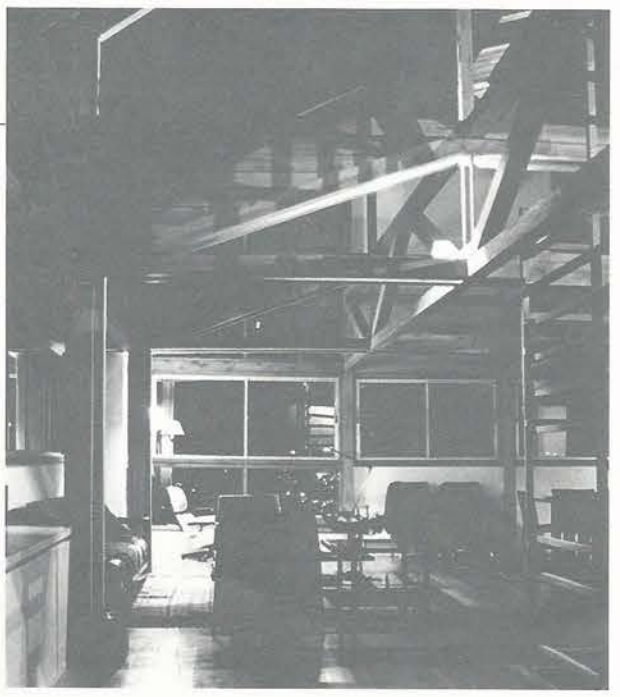
Moitará SEBRAE Center (1996)

Edifício destinado a abrigar exposições de arte, artesanato e produtos de microempresários, bem como espaços para cursos, palestras e eventos diversos. Para vencer o vão de 18 m, foi utilizada estrutura metálica, executada fora do canteiro de obras e montada no local. Janelas altas basculantes em todo o perímetro para ventilação permanente, beiral de 4 m e colméia amarela para barrar o sol da tarde, telhas com miolo de poliuretano são elementos que, mesmo depois da instalação do ar-condicionado, mantiveram suas funções. O pé-direito alto possibilitou a criação de um mezanino onde foram instaladas as salas de administração. A escada metálica, localizada no hall de entrada, aparece como elemento escultural, cujo patamar é fixado numa parede de concreto que também serve como contraventamento tanto da parede estrutural como do mezanino.

Aflalo, Marcelo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1978
Aflalo, Marta Rodés – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1978
Consultor: Hélio Olga de Souza

Projeto de Utilização Racional do Eucalipto de Reflorestamento para Uso Residencial (1999)
São Paulo, SP

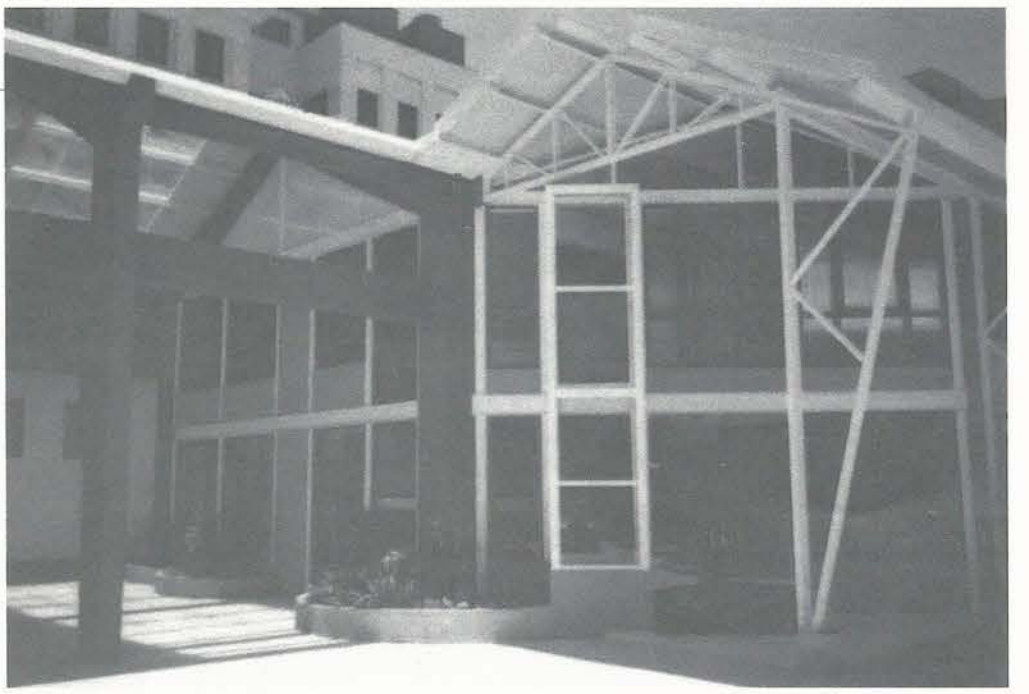
O ponto de partida do projeto foi comprovar a viabilidade de utilização do eucalipto de reflorestamento na execução de sistemas construtivos racionalizados. A grande declividade do terreno definiu a opção por levantar a casa em relação ao solo original, mantendo o perfil natural do terreno e tirando proveito da drenagem natural.
Sobre os 6 tubulões de 12 m de profundidade que compõem a fundação, foi fixado um suporte metálico que recebeu a estrutura de eucalipto. A solução estrutural visou a permitir espaços amplos, sem pilares na área central, cujos vãos foram vencidos por treliças no sentido longitudinal e pórticos no transversal. Tendo em vista a rapidez e facilidade da montagem, o fechamento da construção foi executado em painéis de concreto celular, que também permitiram a redução das cargas na estrutura. Para a execução de uma cobertura leve, foi instalado forro sobre o qual foram colocadas mantas de lã de vidro e uma manta flexível de grande resistência.
A área da casa é de 270 m², distribuídos em 4 pavimentos. O acesso se dá por uma laje pré-moldada de concreto, na cota da rua. Uma ponte de madeira liga a casa à construção principal.



Aguiar, Cláudio – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1972

Divisão de Desenho Industrial do Instituto Nacional de Tecnologia – INT (1998) – Rio de Janeiro, RJ

Para sediar o Laboratório de Prototipagem Rápida, a Divisão de Desenho Industrial do Instituto Nacional de Tecnologia, órgão do Ministério de Ciência e Tecnologia, ocupou um antigo galpão em pleno centro do Rio de Janeiro.
O conceito do projeto surgiu da idéia desenho industrial – indústria – fábrica – galpão. Partiu-se da revitalização da estrutura existente de pórticos de concreto para a ponte rolante e de sua ampliação por meio de tesouras de estrutura metálica com cobertura de telhas de chapas duplas de aço com miolo de poliuretano e telhas de policarbonato transparente em frente à fachada voltada para o pátio.
Antiga área de estacionamento, o pátio foi transformado em espaço de convivência, área para atividades esportivas e culturais.



Almeida, Clarisse de – Aracaju, SE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Silva e Souza, Rio de Janeiro, 1983
Colaboradores: Márcio H. Santos, Luís Abelardo Reis Seixas, Hélio Ferreira Alves

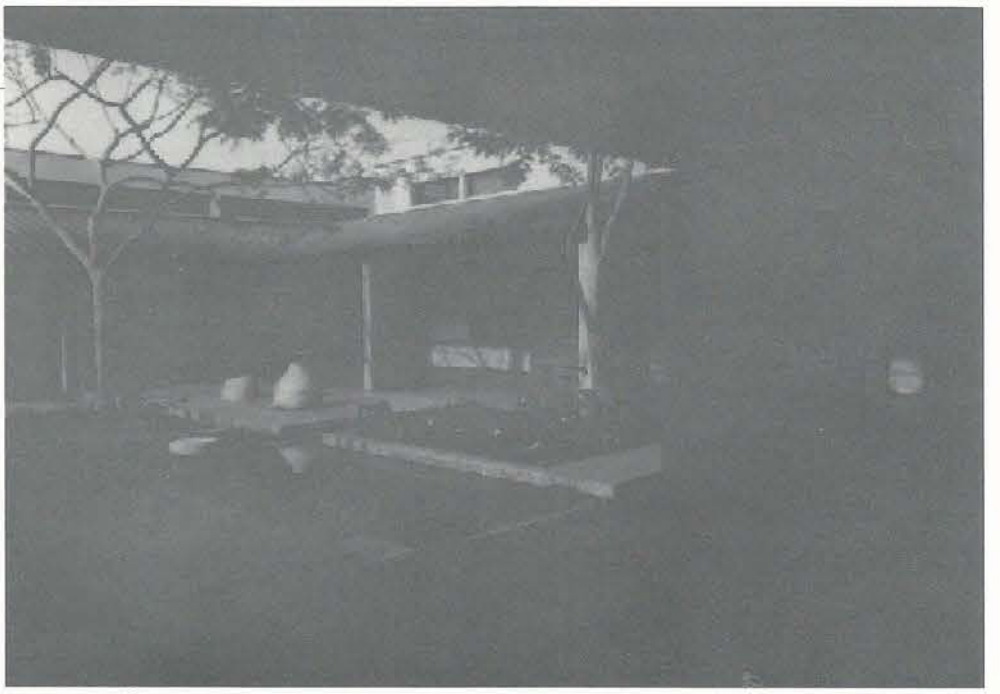
Reurbanização do Calçadão da Praia 13 de Julho (1998) Aracaju, SE

Situada no delta dos rios Sergipe e Poxim, essa praia ribeirinha foi se transformando num ambiente degradado com a crescente poluição do rio e a ocupação desordenada por comércio ambulante ou fruto de intervenções pontuais inconseqüentes.
O projeto tem como premissa básica o resgate da área como centro de lazer dos moradores dos bairros adjacentes, funcionando como uma grande praça de esporte e lazer. Para isso foi estabelecido o seguinte programa: recuperação e instalação das quadras de esporte, equipamentos de ginástica, ciclovia, parque infantil, calçadão para pedestres, quiosques, bancas de jornal e a construção de três pequenos edifícios para o posto policial, posto de saúde e o mirante para o mangue recentemente recuperado.

Almeida, Eduardo L.P.R. de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1960
Colaboradores: Camila Toledo Fabrini, Fernando Melo Franco, Vinicius Gorbati, Maria Isabel Imbronito, Adriana Shima Iwamizu
Consultores: Fernando Chacel, Sidney Linhares, Eduardo Sica, Douglas Cury

Fazenda Água Comprida (1998) Água Comprida, MG

Trata-se do projeto de uma organização agroindustrial, com formas e relações de trabalho diferenciadas.
O plano geral procurou integrar as condições produtivas, paisagísticas e as necessidades programáticas. O sistema viário estrutura a organização dos setores e possibilita a flexibilidade do planejamento agrícola e a apreensão da paisagem.
O setor de apoio à produção e o núcleo habitacional para os trabalhadores foram integrados num único conjunto implantado na bifurcação da estrada principal, próximo a uma das matas existentes. Esse setor foi definido como um espaço urbano onde os edifícios de armazenagem se caracterizam de forma diferenciada dos escritórios e das habitações.
Os galpões foram projetados em estrutura, cobertura e vedações em aço e alvenaria em blocos cerâmicos. Para as habitações, foi utilizado um sistema construtivo tradicional em alvenaria armada, telha de barro e estrutura simples de madeira. Para o escritório e para a casa-sede, foram adotados a mesma linguagem e o mesmo padrão construtivo e espacial das habitações.

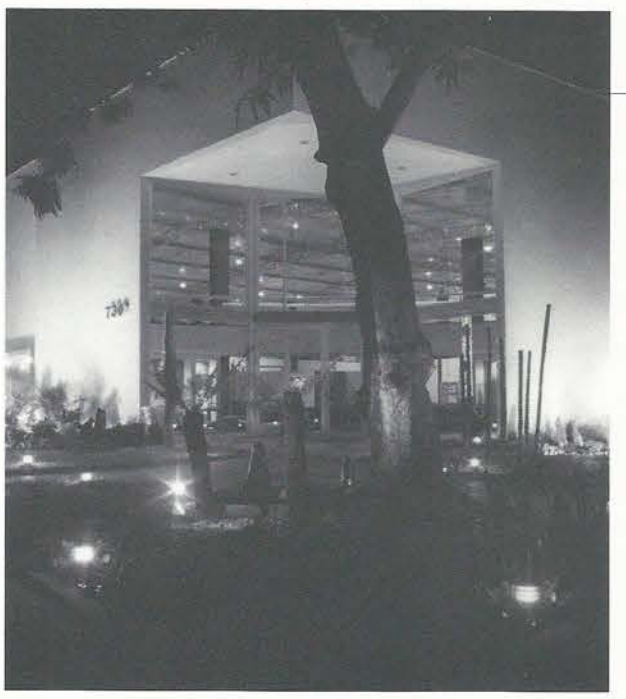


Almeida, Gustavo – Teresina, PI – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Silva e Sousa, RJ, 1981

Hospital São Marcos (1983)
Teresina, PI

O dinamismo da medicina moderna, com o aparecimento constante de novos equipamentos e tratamentos, tornou obrigatórias a adaptação e ampliação dos espaços físicos de muitos hospitais. O Hospital São Marcos iniciou suas atividades há 20 anos como um hospital especializado em doenças oncológicas e, após alguns anos, foi ampliado, transformando-se num dos mais importantes hospitais gerais do norte/nordeste do Brasil. Durante todos esses anos, a área desse hospital foi mais que triplicada, setores foram reformados uma ou mais vezes, outros construídos e há sempre muito a se fazer.
As construções originais, desprovidas de qualquer preocupação arquitetônica, ficavam numa mesma quadra em blocos separados que, depois de reformados e agrupados, formaram o corpo principal do Hospital. A grande preocupação dos projetos desenvolvidos ao longo de 16 anos foi a de manter uma unidade arquitetônica, apesar da inclusão de novos materiais e novas tecnologias. Atualmente, o conjunto de prédios está distribuído em três quadras, sendo que duas delas se interligam por uma passarela sobre a rua.

Almeida, Gustavo – Teresina, PI – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Silva e Sousa, RJ, 1981



Lilia Design – Loja de Decoração (1999)
Teresina, PI

A necessidade de um amplo espaço para a venda de móveis, objetos de decoração, tapetes e de uma grande área para estoque, aliada a um orçamento restrito e à busca de solução para a alta temperatura local, levou o autor a optar por uma construção tipo galpão com quase 10 m de altura. Da utilização de estrutura em concreto armado moldada "in loco", vigas de estrutura metálica tensionadas no centro e telhas duplas com isolamento térmico, obteve-se um grande espaço central com pé-direito duplo, circundado por um mezanino com divisões baixas em gesso para criar os ambientes decorados.

Almeida, Marília Sant'Anna de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1972
Silveira, Paulo S.L.F.
Colaboradores: Fernanda Denser, Dina Ricardi

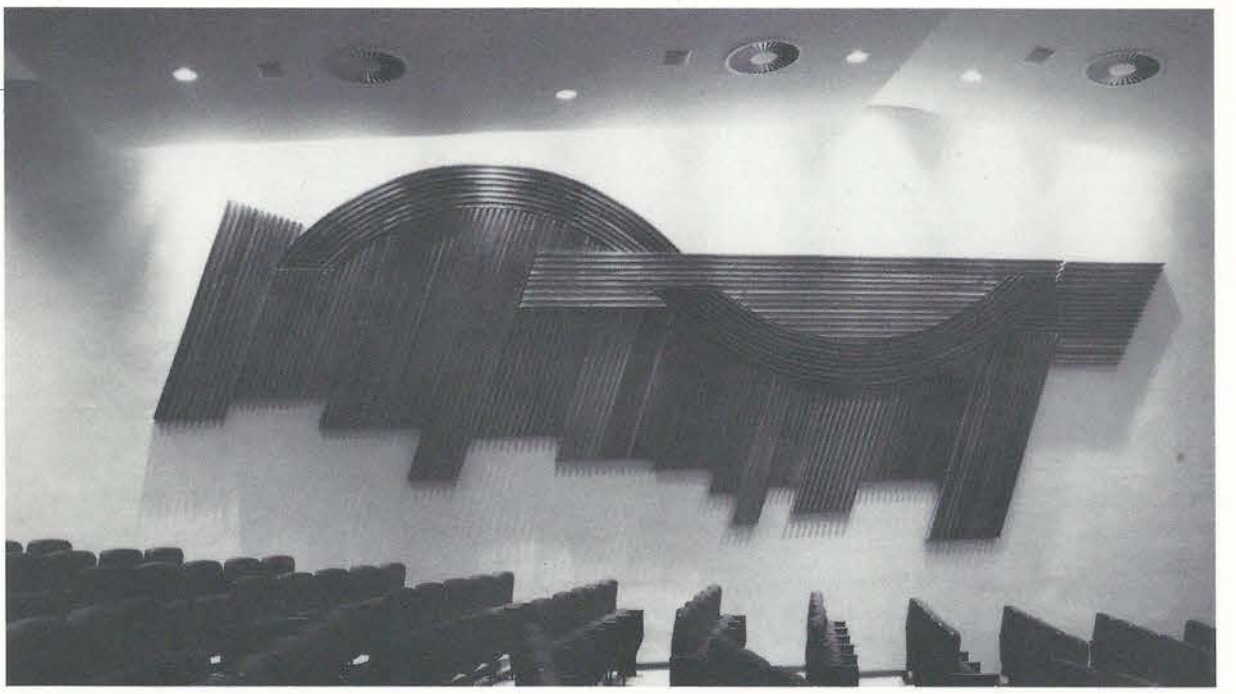
Hotel Ibis (1999)
Sorocaba, SP

O desafio do trabalho residiu no prazo estabelecido pelo cliente: dez meses no total – dois meses para a elaboração do projeto e oito para a construção. O partido do projeto foi orientado por esse prazo em todos os seus aspectos, desde a implantação até a adoção de um método construtivo racionalizado e industrializado. A implantação cartesiana do edifício no terreno privilegiou as áreas sociais, voltando-as para as melhores vistas da cidade. Os métodos construtivos resultaram numa somatória do processo artesanal-racionalizado e do industrializado-inovador: estrutura de concreto e fechamento externo com placas pré-moldadas de concreto. O desenho dessas placas foi desenvolvido de modo a resultar num conjunto rico em texturas, volume e cor. As divisões internas foram executadas no sistema "dry-wall", que consiste em placas de gesso acartonado com lã de vidro e montadas sobre perfis metálicos. Esse método permitiu uma grande velocidade no canteiro de obras.

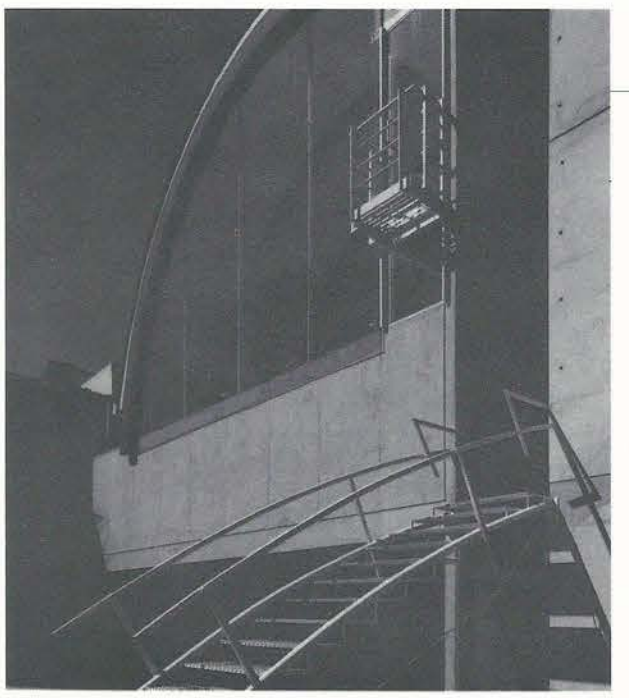
Almeida, Marília Sant'Anna de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1972
Colaboradora: Fernanda Denser

Sede Social APESP (1999)
São Paulo, SP

Esse trabalho constituiu-se na captação das potencialidades do projeto de arquitetura, reavaliando-o e detalhando-o de forma a resultar num todo harmonioso. Como a arquitetura propunha muita luz natural por grandes aberturas, buscou-se refletir a luz pelo mármore claro dos revestimentos dos pisos e das paredes e do uso de um desenho leve e contemporâneo. No salão de festas foram criadas duas elipses no piso com desenhos abstratos e coloridos; uma parede curva atrás do palco; e coberturas de vidro que proporcionaram maior amplitude ao espaço. O auditório foi inteiramente reavaliado, de seus aspectos funcionais aos acústicos. Na platéia o revestimento acústico das paredes transformou-se num elemento estético. No hall de entrada, executou-se um forro em abóbada, o que resultou num espaço acolhedor. Os locais de maior concentração receberam um forro composto por gesso e colméia de alumínio com lã de vidro em seu interior, para evitar reverberação do som nos ambientes. As partes em gesso valorizaram o espaço e permitiram a criação de uma iluminação que destaca os elementos arquitetônicos.



Andrade, Antonio Gil da Silva – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1981
Deimann, Percival – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Mogi das Cruzes, SP, 1981



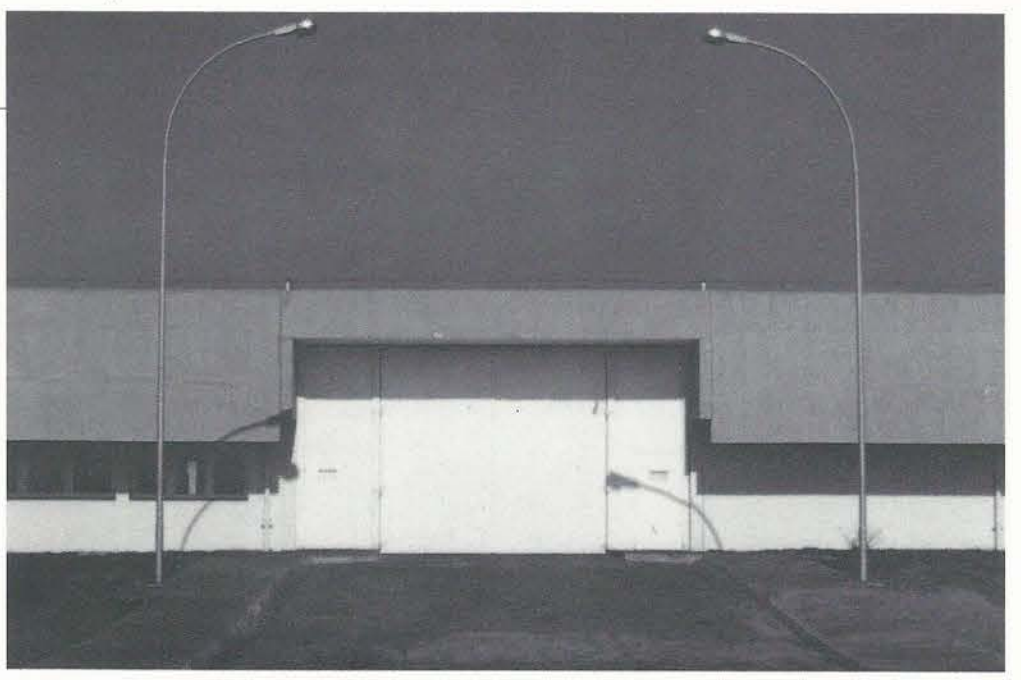
Residência Deimann (1998)
São Paulo, SP

Nessa casa, localizada no Alto de Pinheiros, buscou-se tirar partido da morfologia do terreno e da vista sobre o Butantã pela adoção de 3 prismas retangulares.
O primeiro, no nível do térreo, que concentra as áreas sociais, apoia-se de um lado na cota mais elevada do terreno e, do outro, no prisma vertical com 3 pavimentos, onde estão localizados os serviços e a suíte de hóspedes. O terceiro, que abriga a suíte principal no pavimento superior, está apoiado sobre uma lâmina de concreto que separa os ambientes da cozinha e refeições do ambiente da piscina. Separados verticalmente pela linha que marca a entrada da casa e horizontalmente pela passarela que corta o pavimento superior, os prismas são unidos pelo arco da cobertura que interliga e define formalmente todo o espaço destinado às áreas sociais.

Andrade, Nelson – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1963
Brito, Paulo Lúcio de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1965
Jorge, Wilson Edson – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1964

Cadeia Pública (1999)
São Paulo, SP

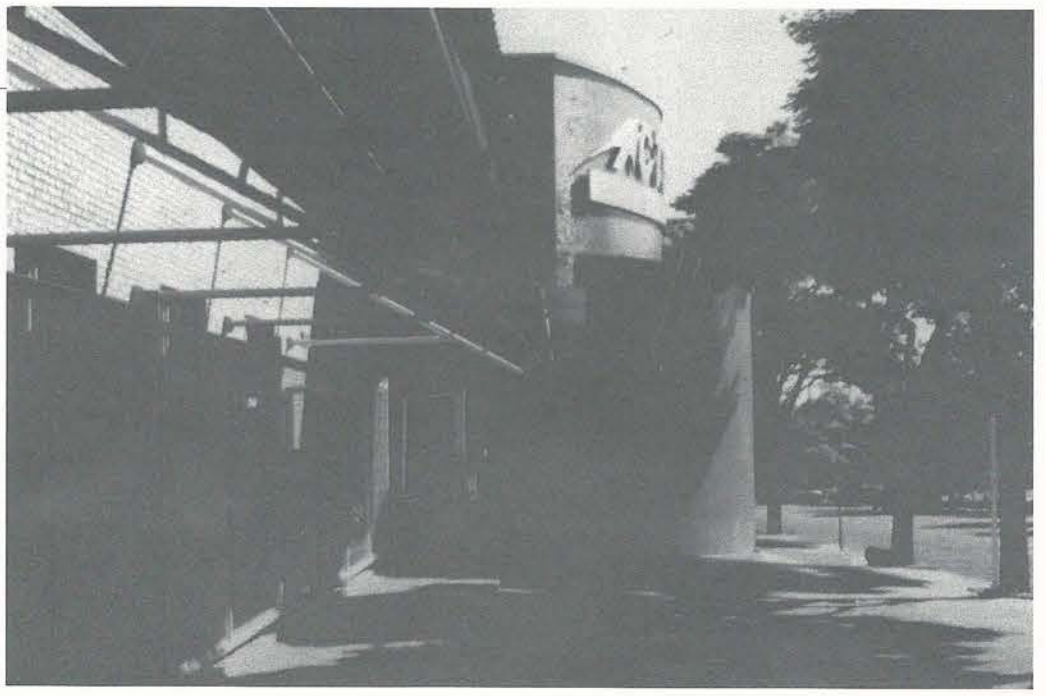
A Cadeia Pública, planejada com capacidade para 422 detentos, destina-se a presos provisórios e constitui-se em 4 módulos idênticos, com 96 presos em cada um, com dependências isoladas para celas de seguro e disciplinares, dependências para atendimento à saúde, inclusão e parlatório.
Utilizaram-se conceitos inovadores de segurança que possibilitaram a construção de celas convergentes para pátios abertos, onde a vigilância é feita em passarela superior, em volta do pátio.



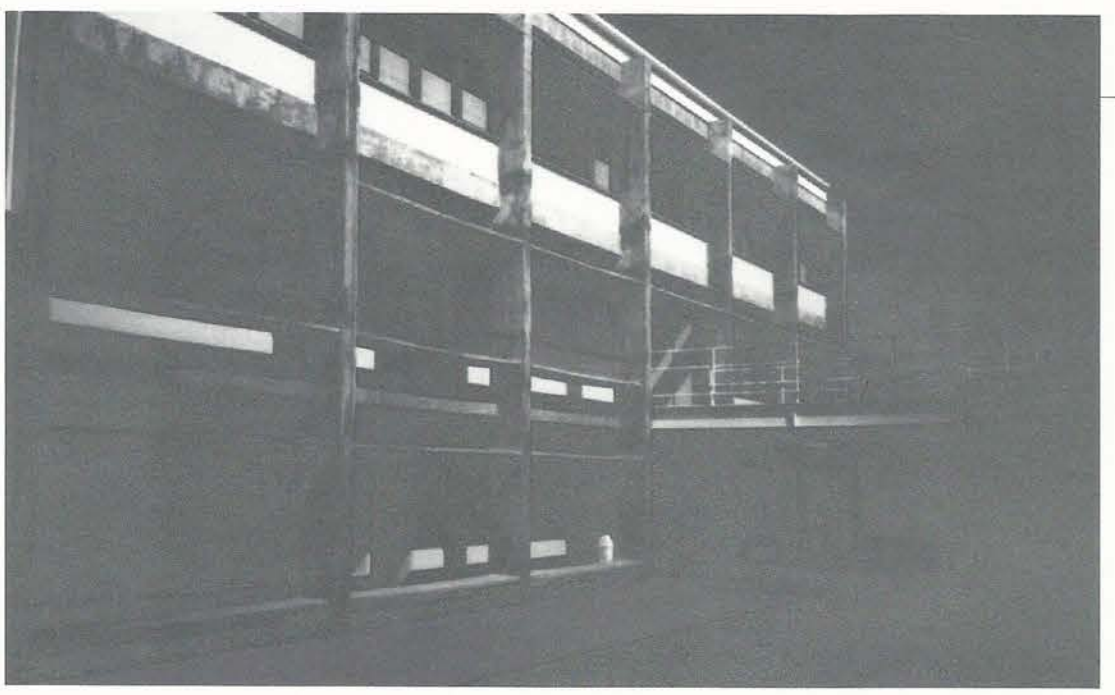
Andrade, Roberto – Uberlândia, MG – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Silva e Sousa, RJ, 1985
Guerra, Maria Eliza
Colaboradores: Maria do Carmo Fonseca Cavalcanti, Fábio Leite e Flávia Ballerini/Consultores: Antímio André Coelho Alves, Bráulio Alcântara e Flávio H. Vieira Silva

Centro Administrativo CTBC TELECOM (1998) Uberlândia, MG

O projeto foi norteado pelas características construtivas já presentes na região: estrutura metálica para cobertura, telha de aço, estrutura em concreto e fechamento com alvenaria em tijolo laminado aparente. Assumindo-se e valorizando-se o tijolo laminado, foram recompostos e criados grandes panos de fachada com esse material. Como resultado, grandes volumes com arestas bem definidas integram-se no espaço, refletindo externamente a solidez da empresa. Internamente o projeto visou a proporcionar funcionalidade e flexibilidade operacional para as atividades administrativas da empresa, resultando em ambientes agradáveis e humanizados. A área de circulação é interceptada por duas praças. Uma delas contém um painel em vidrotil de Tomie Ohtake.
Com o objetivo de marcar e qualificar o espaço, um elemento vertical de 30 m de altura (reservatório d'água) foi estrategicamente implantado.



Anelli, Renato Luís Sobral – São Carlos, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1982
Colaborador: José Jairo de Salles



Ampliação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos (1999) – São Carlos, SP

A realização do projeto foi condicionada à utilização de uma estrutura-padrão do Fundo de Construção da Universidade de São Paulo – Fundusp, com pórticos de 9 m de vão com espaçamento de 3 m entre eles. A implantação da estrutura, anexa ao edifício já existente, procurou organizar as diversas aberturas externas, definindo um pequeno pátio e uma entrada única para esse conjunto. A ligação entre o anexo e o edifício foi realizada por meio de uma passarela de estrutura metálica, que define o vestíbulo de entrada, e pelo aumento vertical da escada preexistente. A disposição das vedações tem a intenção de criar maior transparência aos vãos entre os pórticos, o que justifica os amplos caixilhos. Uma das paredes de vedação das salas de aula é curva, alterando a volumetria da estrutura-padrão.

Antoncich, Rodrigo Perez de Arce – Santiago, Chile – Universidade Católica de Santiago, Chile, 1972
Rosas, Alvaro Salas – Santiago, Chile/**Varas, Leonor Caamaño/Bianchi, Sebastian** – Santiago, Chile
Colaboradores: Patrício Mardones Miche, Maximiano Atria, Maurício Pezo/Consultores: Ricardo Umemade, Santiago Atria, Leonardo Parma, Ramon Lopez

Remodelação da Praça de Armas de Santiago (1999) Santiago, Chile

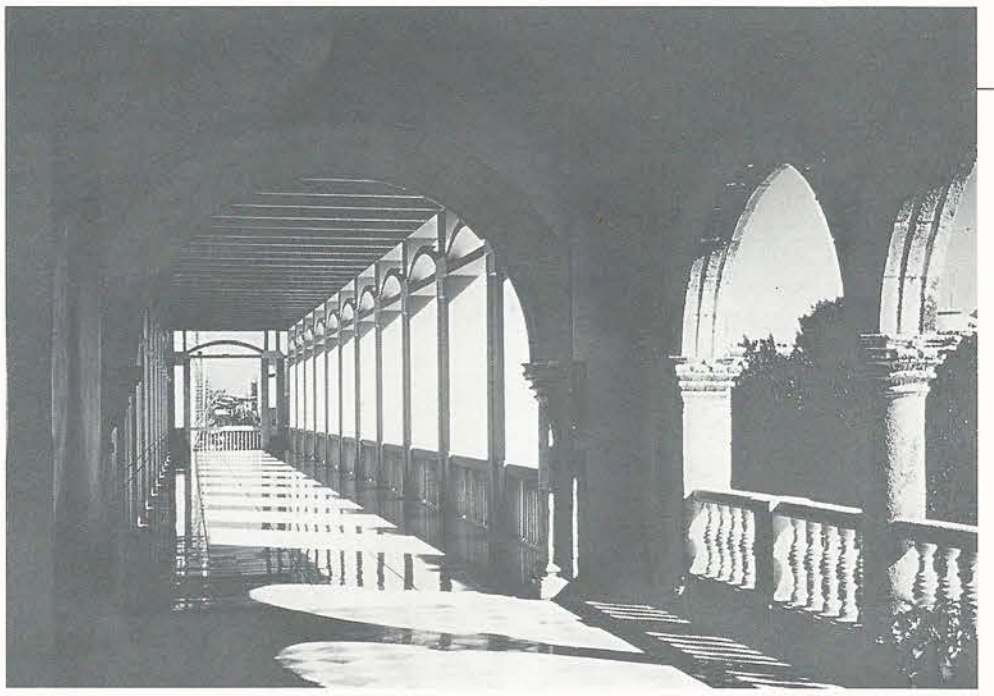
O lugar coincide com o local de origem de Santiago del Nuevo Extremo, fundado em 1542. Assim como outras praças na América Latina, essa foi originalmente concebida como uma vasta esplanada, com área de 120 x 120 m, a ser utilizada nas principais atividades urbanas. Desde a emancipação da Espanha, a praça transformou-se gradualmente num espaço de jardim.
O projeto tenta realizar a síntese da praça vazia com a praça ajardinada. Esses dois modelos tornam-se interligados: o chão rígido, o quadrilátero arborizado e duas alamedas definem a estrutura da nova praça.
O deslocamento do quadrilátero arborizado gera um novo centro que interage com o existente. Novas árvores plantadas em grade misturam-se com a folhagem madura das árvores preexistentes, e as recém-introduzidas palmeiras formam uma coroa mais alta. No plano do chão, a criação de níveis diversos diferencia as áreas. Um novo coreto construído predominantemente em cobre foi implantado sobre uma "colina".

Araújo, Berenice Agne – Cuiabá, MT – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974
Dorileo, Ruth Helena Faro
Poppi, Ademar

Museu do Rio Cuiabá (1999)

Com a recuperação da margem do rio Cuiabá, o antigo prédio do Mercado do Peixe, construído em 1899 e tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual em 1983, foi desativado e reformado para transformar-se num centro de referências sobre o rio, o "Museu do Rio Cuiabá".
O partido geral adotado teve o edifício tombado como fator principal, buscando uma intervenção em que o patrimônio fosse preservado em suas características peculiares. Para abrigar o aquário público, optou-se pela construção de um novo edifício, pois, pelas características de suas instalações e equipamentos, o aquário não poderia ser instalado no edifício antigo sem descaracterizar suas linhas arquitetônicas originais.
O novo edifício situa-se na parte posterior ao bloco principal, como um elemento independente do edifício tombado e unido a ele por uma estrutura espacial metálica que se apóia nos muros posteriores. Integrando os dois volumes, criou-se também um mirante, aproveitando a estrutura da antiga caixa d'água.

Axle, Augusto Quijano – Mérida, Yucatán, México – Arquitetura pela Universidade Ibero-Americana, Cidade de México, México, 1980
Riestra, Roberto Ancona/Novelo, Jorge Carlos Zoreda
Colaboradores: Enrique Cabrera Peniche, Alberto Vargas e Antonio Ix/Consultores: Carlos Mijares Bracho, Enrique Escalante, Elias Cisneros Avila



Centro Cultural de Mérida El Olimpo (1999)
Mérida, Yucatan, México

O ponto de partida do projeto foi a reinterpretação dos princípios volumétricos da antiga construção de El Olimpo, demolida em 1974.
A construção foi implantada de forma respeitosa no centro histórico, em relação aos monumentos vizinhos. A base dessa proposta é a reinterpretação dos elementos não-variáveis do contexto urbano, introduzindo-se novos elementos contemporâneos com uma estrutura espacial formada por cheios e vazios.
Na expressão plástica buscou-se o contraste entre as formas quadradas e circulares e, na variedade, de proporções de luz e sombra. A intenção é valorizar os percursos por meio das diferentes seqüências espaciais que enriqueçam a experiência da percepção estética dos usuários.
O pátio central é um ponto de encontro a céu aberto e o coração do projeto. Aqui todos os caminhos convergem, há a variação da intensidade de luz e sombras, e as variações climáticas são percebidas.

Axle, Augusto Quijano – Mérida, Yucatan, México – Arquitetura pela Universidade Ibero-Americana, Cidade de México, México, 1980
Consultores: Enrique Escalante Galaz, Elias Cisneros Avila

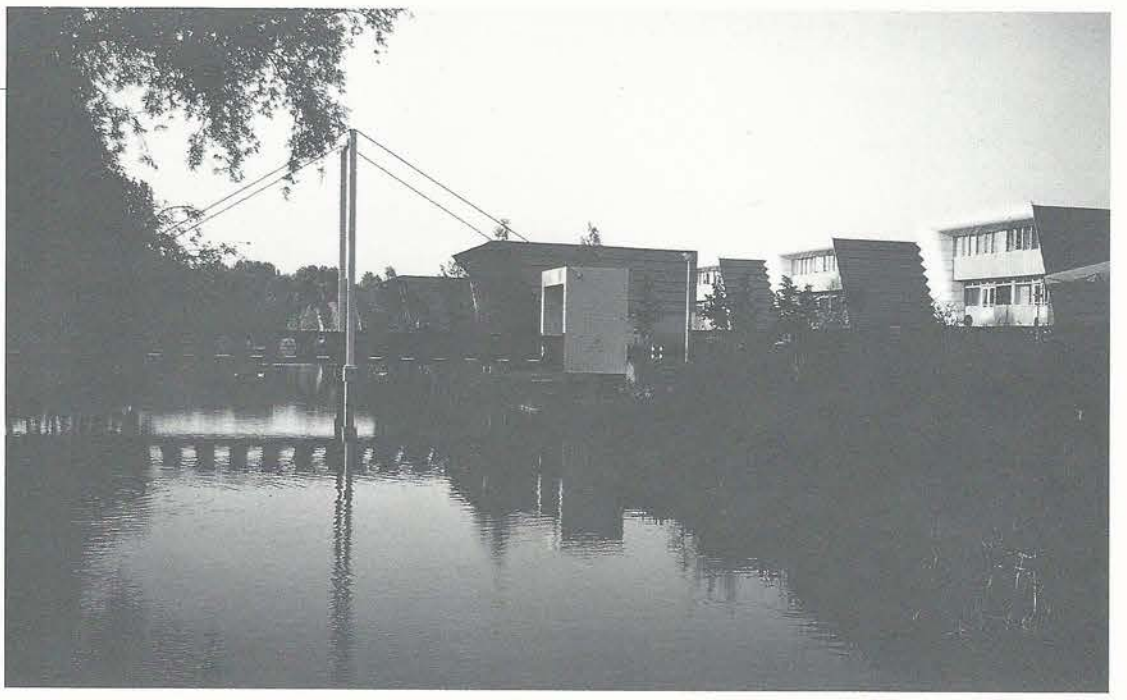
Casa de Hóspedes (1998)
Península de Yucatan, México

A casa de hóspedes encontra-se num lote adjacente à casa principal e já possuía uma escavação preliminar para uma piscina. A decisão foi organizar os espaços da casa, com a piscina como uma espécie de pátio central, parcialmente coberto, parcialmente descoberto.
A casa desenvolveu-se como um grande terraço com uma série de espaços direcionados num eixo norte-sul, evitando-se o sol do Oeste e procurando-se os ventos do Leste.
Dois volumes sustentam uma cobertura única – uma área social transparente se localiza num lado, no outro se situam os dormitórios, isolados das áreas coletivas – entre eles se encontra a área da piscina, debaixo de uma perfuração circular na laje de cobertura que permite a entrada de luz solar.

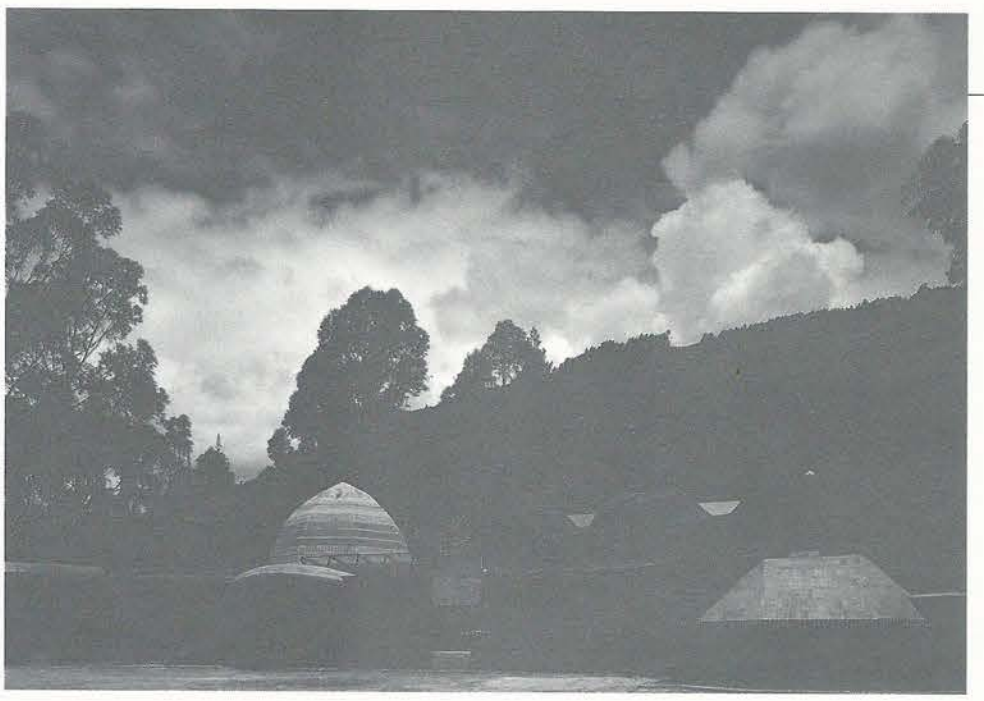
Baljon, Lodewijk – Amsterdã, Holanda – Universidade de Agricultura, Wageningen, Holanda, 1983, PhD 1992
Cidade de Amsterdã, Departamento de Planejamento Físico

Extensão Urbana em Amsterdã (1998)
Amsterdã, Holanda

Nieuw Sloten é uma das maiores extensões urbanas recentes em Amsterdã e consiste em 5 mil unidades residenciais, escolas, lojas, escritórios e instituições.
A densidade média é de 55 moradias por hectare, das quais um quarto apenas é constituído de apartamentos.
Participaram do empreendimento mais de 30 renomados arquitetos holandeses.
O projeto ganhou o prêmio Omgevingsarchitectuurprijs 1996, o de maior prestígio na categoria de desenho urbano na Holanda, conferido a cada dois anos.
A idéia que marca o trabalho é a de que a integração do planejamento urbano, arquitetura e paisagismo pode proporcionar às comunidades condições urbanas de qualidade duráveis. A aparentemente impossível tarefa de construir 5 mil moradias com uma densidade de 55 unidades por hectare, em sua maioria unifamiliares, desafiou os profissionais envolvidos a encontrar novos conceitos para a tradicional moradia suburbana.
O desenho do espaço público transformou-se no pivô de um processo em que novas tipologias residenciais foram desenvolvidas para atender às exigências de quantidade e densidade.



Baraya, Hernando – Bogotá, Colômbia – Universidade Javeriana, Bogotá, Colômbia, 1986
Colaboradores: Gustavo Garzon, Julio Fries, Gregorio Portilla, Norberto Garcia, Tere Vallejo, Simon Brigth, Clara Sanchez, Luis Aycardi e Luis Orozco



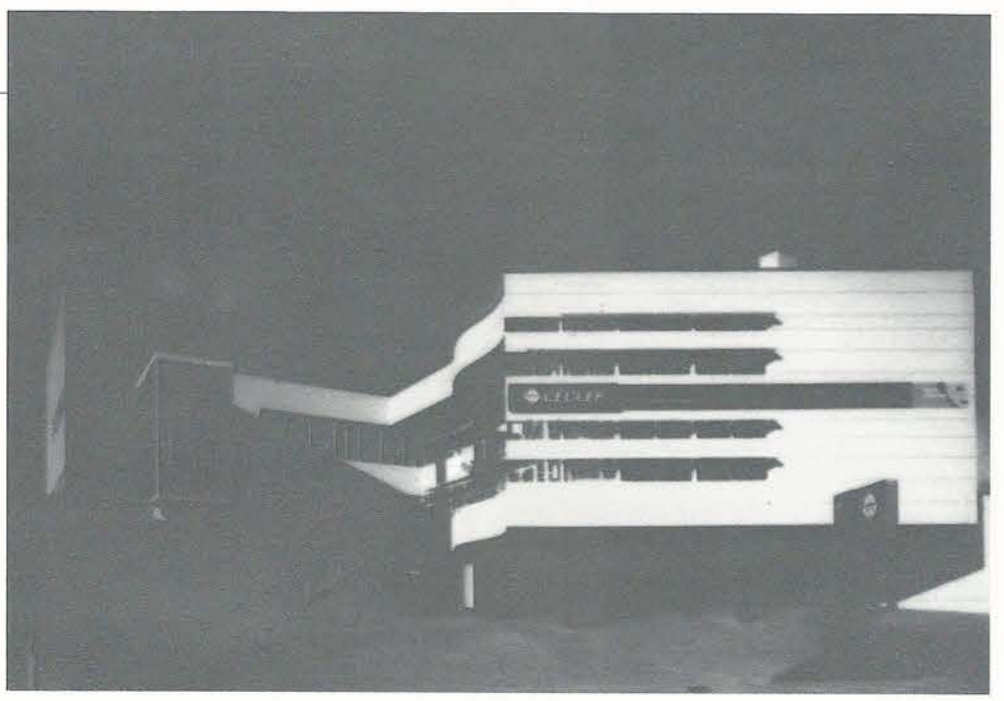
O Encontro (1999)

O arquiteto elaborou o projeto da casa denominada "O Encontro" considerando que a questão da arquitetura se resume em descobrir por onde a luz do sol penetra nos espaços, recuperando, a partir daí, o conhecimento das antigas civilizações e de outros elementos, como a geobiologia, a astronomia e o feng shui, que são definidores do espaço.
A casa foi implantada num terreno plano e quadrangular que forneceu a matéria-prima para sua construção: o adobe.

Barbosa, Marcelo Consiglio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, 1984
Corbucci, Jupira – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 1984
Colaboradores: Denise Matsutazaki, Lucimara Correia, Francisco Angotti Salgueiro/Consultores: Werebe Mordo, Sergio Koiti Kasazima, Carlos Caiano

CEL LEP XVIII do Forte (1999)
Barueri, SP

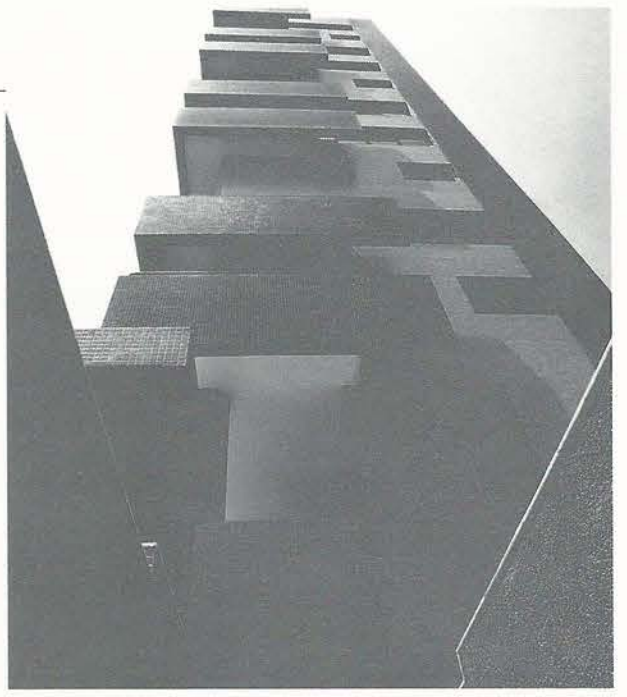
A implantação de dois volumes em "L" cria uma praça de chegada que acolherá os usuários da escola de línguas, permitindo uma transição entre o exterior e o interior. O volume dos fundos, recuado, abriga 12 salas de aula e 2 laboratórios. Sua cobertura, sustentada por uma treliça metálica, é destacada da laje do último pavimento. O segundo volume, destinado à biblioteca e ao centro de pesquisas, desenvolve-se a partir do bloco dos fundos até a parte frontal do terreno. A entrada do edifício se dá pelo primeiro pavimento que, por estar numa quota mais alta do que a rua, transforma o hall num platô que é também área de convivência. No térreo encontram-se o auditório, com entrada independente coberta por uma pequena marquise, e os setores de apoio e serviços dos funcionários.



Barbosa, Paulo Eduardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1980
Rossi, Marcia de Souza Pinto Alvarenga – São Paulo, SP – Universidade Mackenzie, São Paulo, SP ,1981
Colaborador: Eneida de Almeida/Consultores: Roberto Koiti Nakasone, Jorge Hidelma

Edifício Aroeira (1998)
São Paulo, SP

Para abrigar um edifício com 7 apartamentos num terreno de 400 m² foram construídos 6 do tipo meio-dúplex, um apartamento simples no primeiro andar e um apartamento para o zelador. O pavimento térreo foi reservado para lazer e abriga salão de festas, salão de jogos, piscina, deque e pátios. No tratamento das fachadas externas, revestidas com pastilhas, a cor foi utilizada de forma a conferir ao volume do edifício um aspecto de "objeto" inserido no contexto urbano.



Barda, Marisa – Milão, Itália – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1979
Colaborador: Edoardo Zanabom

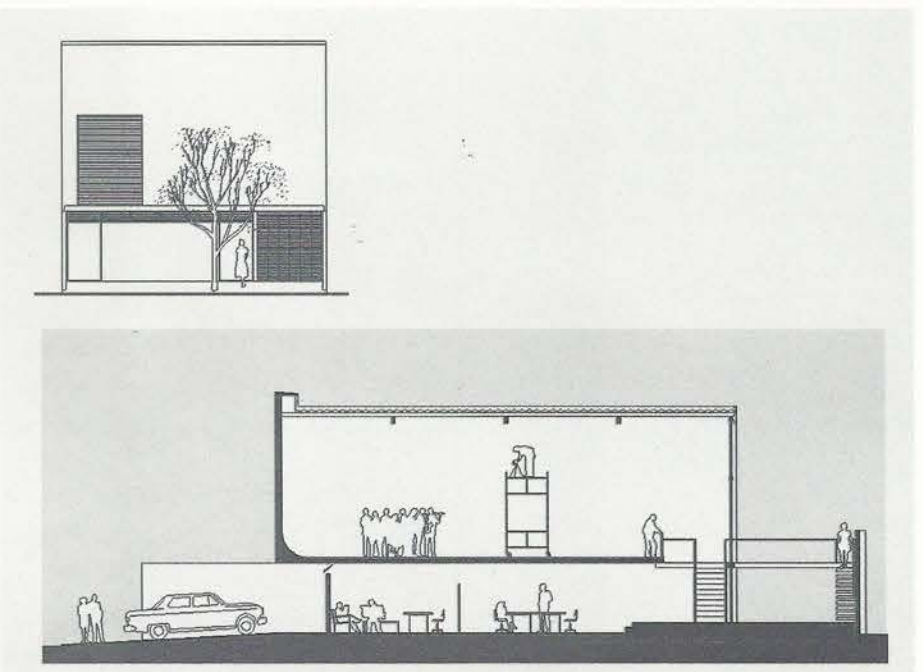
Recuperação do Edifício de Via Bramante (1999)
Milão, Itália

Concluído em 1910 e destinado a apartamentos de operários, o Edifício de Via Bramante hoje está localizado num bairro central e nobre de Milão. Dotado originalmente de um pátio interno com uma fonte central para lavagem de roupas, o acesso aos apartamentos era feito por terraços ou *ringhieras*. Apropriados pela alta burguesia, poucos apartamentos mantiveram a estrutura original e foram reformados com acréscimo de banheiro, cozinha e aquecimento, num processo de degradação do edifício. Considerado um edifício com valor histórico, no projeto de recuperação foram respeitadas as normas da Prefeitura de Milão e mantidas as características das "Casas de Ringhiera Vecchia Milano", em relação à cor, à estrutura e à simplicidade dos elementos componentes e decorativos.

Barossi, Antonio Carlos – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1979
Nakamuri, Milton Sussumu
Colaboradores: Caio Faggin, Eduardo Crafig/Consultores: Nestor Cayubi, Ricardo Trentini, Américo Griecco, Romão Ribka

Estúdio Fotográfico Gal Opídio (1999)
São Paulo, SP

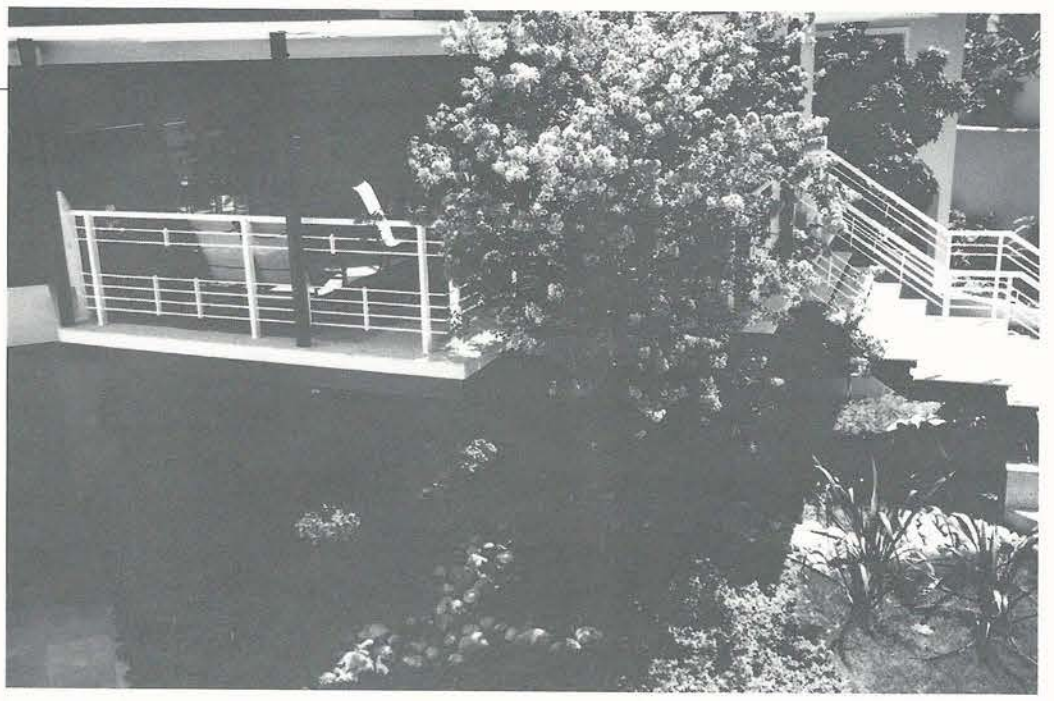
O programa compreendia três espaços: um salão com pé-direito duplo para o estúdio, uma área de administração e recepção e um conjunto de ambientes fechados para laboratório, depósitos e sanitários. Para obter uma área mais ampla possível para o estúdio e uma apropriação integral do lote, a proposta fugiu do arranjo usual adotando a solução de situar administração e serviços embaixo, com vãos menores e o salão em cima, com vão total articulados pelo quintal do fundo, extensão da copa.
A estrutura, sem necessidade dos recuos laterais, apresenta cobertura metálica no vão total do estúdio sobre paredes estruturais de blocos nas divisas. No fundo, o espaço interno é integrado ao quintal por uma abertura envidraçada em toda a altura. A empena frontal recebe luminosidade por um pequeno shed que também garante aeração ascendente e cruzada. Uma grande porta frontal, no estúdio, facilita o acesso de objetos de maior porte diretamente da rua.



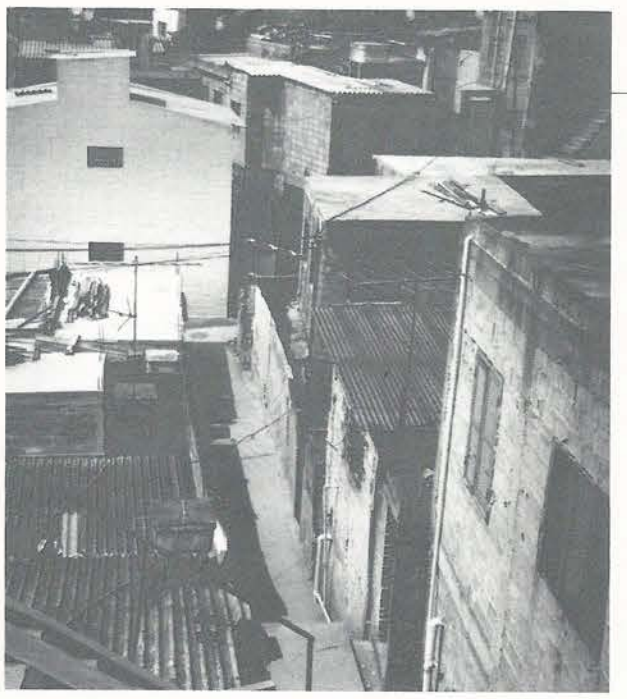
Barra, Eduardo – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1976

Residência Novo Leblon 2 – Tratamento Paisagístico (1998)
Rio de Janeiro, RJ

Só quando a lagerstroemia indica, vulgo extremosa, floresceu, é que todos compreenderam porque o arquiteto paisagista tinha insistido tanto em incorporá-la ao desenho da varanda. Tratava-se da reformulação do espaço externo de uma casa implantada nos fundos de um terreno de 1000 m². Com 400 m² de área livre, a piscina ficava imprensada entre a construção e o muro, onde o sol mal passava. Num lugar de clima quente como o Rio de Janeiro, a casa era ainda desprovida de uma peça fundamental, ou seja, a varanda.
A piscina foi transferida para a frente da casa e a garagem ocupou a área da antiga piscina. Mas, o maior desafio foi criar uma varanda elevada que funcionasse como elemento de transição entre a área interna, a dois metros do nível do terreno, e a área externa, sem que o espaço sob ela, com menos de 2 m de pé direito, fosse transformado em um depósito. A proposta de construção de uma varanda com piso de vidro e a criação de um jardim penetrando por baixo dela, transformou um espaço potencialmente inútil numa área verde totalmente incorporada ao ambiente da varanda e à área da piscina.



Bastos, Paulo de Mello – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1959
Colaboradores: Eduardo Xavier da Silva, Cad & Graphics Sistemas e Serviços, José Francisco de Oliveira/Consultores: Koichi Shidara, Julio Cerqueira César Neto, Fernando Prandini, Valdir Akihiko Nakasawa, Ivan Guedes Ávila, Fany Cutcher Galender, Sérgio Zaratin, José Pinti Ferreira Neto, Rosane Silva Vianna, Denise Monteiro, Maria Aparecida Soukef



Plano de Urbanização da Favela Jardim Floresta (1998)
São Paulo, SP

O Jardim Floresta integra o projeto de urbanização de um conjunto de quatro favelas do Programa Guarapiranga.
O projeto considerou fundamental contar com a participação da comunidade em todas as decisões tomadas. Desta forma, a necessidade de transferência dos assentados em áreas de risco para outros locais da favela, o alargamento ou abertura de vielas com impacto em várias habitações, a proposta de criação de espaços de convivência coletiva foram assimilados pela comunidade habilitando-a a participar da construção dos espaços criados e, posteriormente, de sua gestão. Os projetos criaram um sistema de vielas secundárias nas encostas, articuladas a uma viela principal de fundo de vale à qual se acoplam algumas áreas livres constituindo um conjunto de acesso e espaço público. Para os removidos das áreas de risco foram construídas novas casas. Paisagisticamente, o elemento mais importante é a arborização formada por espécies frutíferas.

Bastos, Paulo de Mello – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1959
Colaboradores: Eduardo Xavier da Silva, José Francisco de Oliveira
Consultores: Sonia de Deus R. Bercito, José Novaes de Andrade, Pedro Telecki, Stewio Ranzini, Kyoshi Yamamoto, Carlos Bertolucci, Júlio Moraes, Maria Aparecida Soukef

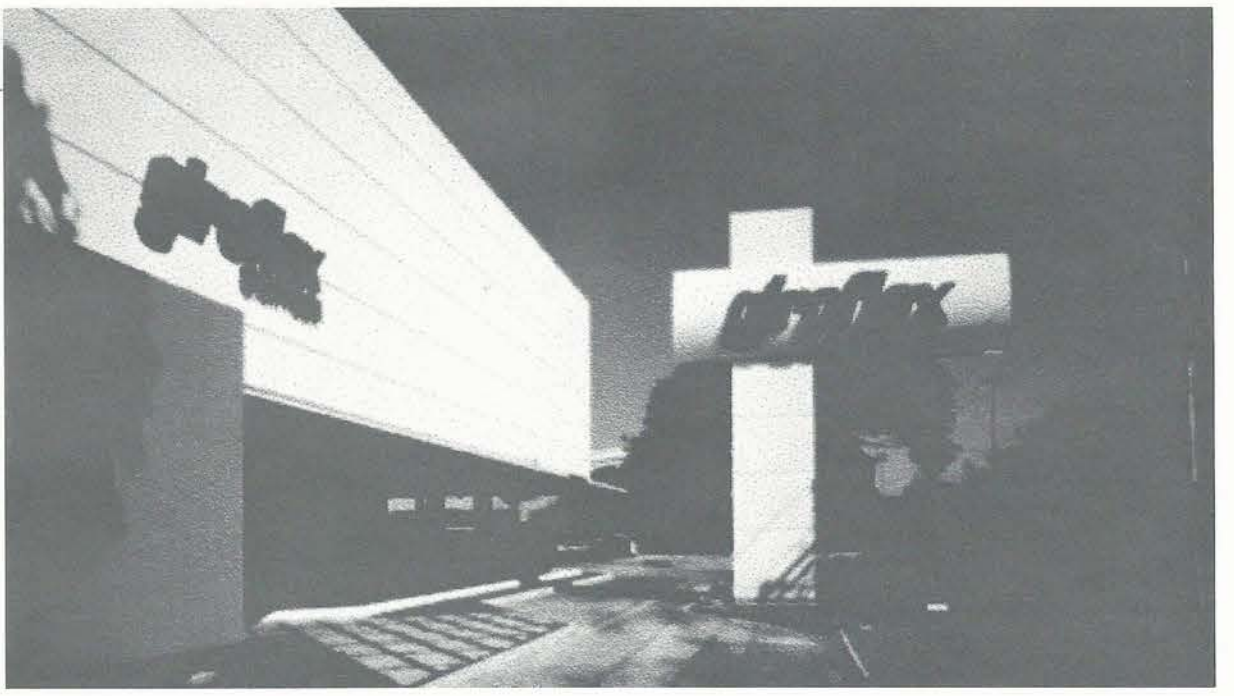
Restauro da Igreja de São Cristóvão (1998)
São Paulo, SP

A Igreja de São Cristóvão faz parte do Primeiro Seminário Episcopal, erguido em 1851do qual, além da Igreja, só resta o corpo lateral esquerdo. A restauração constituiu-se num verdadeiro desafio na medida em que as obras foram revelando e exigindo múltiplas soluções para os graves e insuspeitados problemas de estabilidade das torres, na cúpula e nas paredes laterais. Foram utilizadas estruturas atirantadas de aço para sustentação dos arcos de madeira portantes da cúpula. Para preservar e mostrar as paredes originais, com estrutura de madeira e adobe, foram empregados pilares e vigas de aço ou concreto. Assim a estrutura original foi aliviada da sua responsabilidade de sustentação.
O altar de inédito estilo neogótico em São Paulo, foi restaurado na plenitude de seu colorido original, dourado e azul profundo, que tinham sido recobertos por outros tratamentos pictóricos.

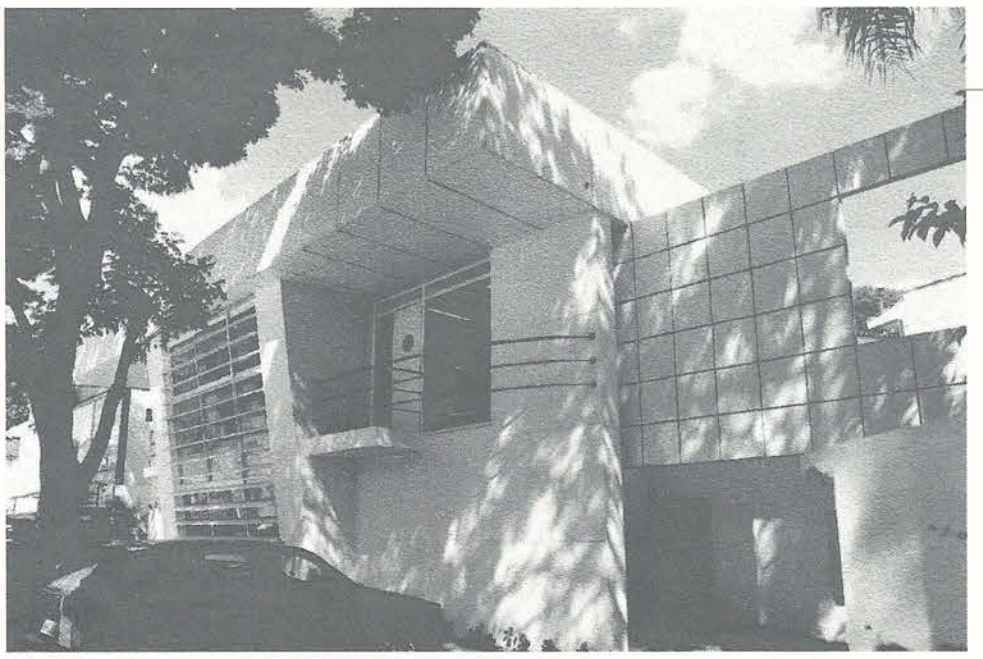
Batagliesi, Rogério – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1976
Malicia, Antonio/Colaboradores: Cleuza Borges Cardoso da Silva, Marco Fabio Morbin, Michael Klug, Mônica Leonor Rehder Andrade, Namir Jacob, Caio Bacci Marin, Tatiana Morita Nobre, Francisco Pedro Guerreiro, Erlon José Assensão Pereira, Paulo Bacchin, Cláudia Francisca de Souza

Giroflex Showroom Santo Amaro (1998)
São Paulo, SP

Trata-se do projeto de um showroom de 2 pavimentos com área de 700 m² distribuídos em uma composição de formas geométricas simples. A fachada é formada por um grande painel em módulos de chapa metálica e um brise horizontal, formando um volume que se solta do piso por meio de um pano de vidro que confere transparência ao conjunto.
O pavimento térreo, destinado ao showroom, voltado para o exterior, consiste numa grande vitrine para quem passa pela avenida Nações Unidas. O pavimento superior, voltado para o interior da fábrica, abriga parte dos escritórios da empresa.
Como o showroom demanda flexibilidade, projetou-se o forro, com iluminação independente, capaz de sustentar painéis divisórios intercambiáveis. O piso é contínuo, em madeira, com sobreposição de placas de carpete, possibilitando a delimitação na composição de ambientes diferentes.
Os conceitos de modulação e funcionalidade, bem como a possibilidade de reprodução do projeto em outros locais, foram decisivos nas soluções adotadas.



Batagliesi Rogério – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1976
Malicia, Antonio
Colaboradores: Cleuza Borges Cardoso da Silva, Marco Fabio Morbin, Michael Klug, Mônica Leonor Rehder Andrade, Namir Jacob, Caio Bacci Marin, Tatiana Morita Nobre, Francisco Pedro Guerreiro, Erlon José Assensão Pereira, Paulo Bacchin, Cláudia Francisca de Souza



Sede da International Boats (1999)
São Paulo, SP

Trata-se de um edifício de 2 pavimentos, com área de 400 m², destinado a abrigar um showroom para barcos. Esse espaço não apresenta os barcos, mas suas imagens, por meio de mídia eletrônica. Vidros, brises e painéis metálicos, bem como um desenho sugerindo as construções navais como partido arquitetônico caracterizam este projeto.

Batagliesi, Rogério – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1976
Malicia, Antonio
Colaboradores: Cleuza Borges Cardoso da Silva, Marco Fabio Morbin, Michael Klug

Pangea Concept Store (1999)
São Paulo, SP

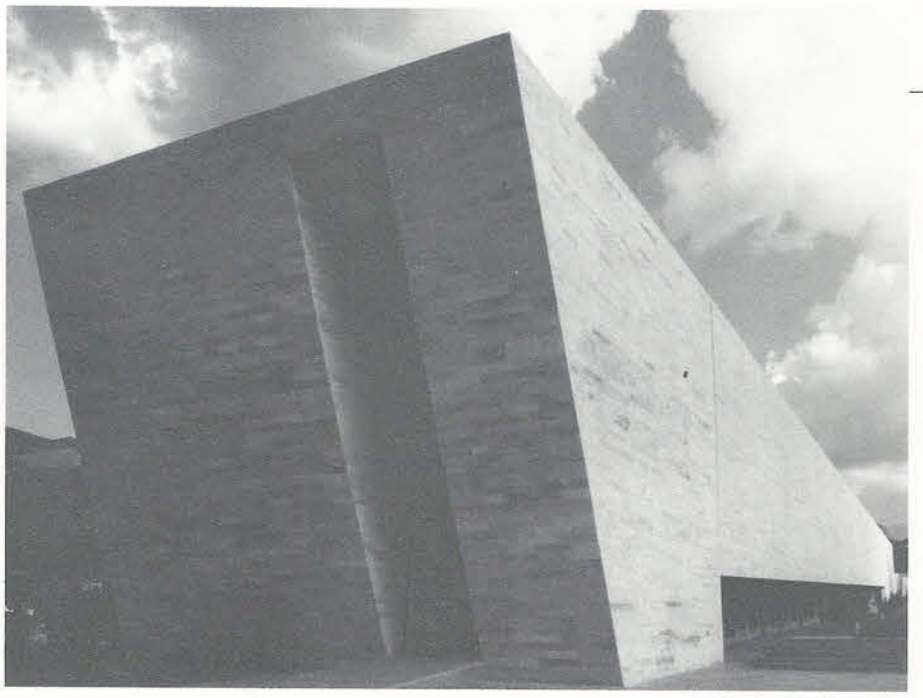
Trata-se de uma loja de dois pavimentos, térreo e mezanino, com área total de 250 m², direcionada ao comércio de roupas, acessórios e objetos.
O conceito adotado para a composição dos espaços procurou resolver o paradoxo da convivência entre soluções despojadas de baixo custo de execução, por exemplo, pintura diretamente sobre massa grossa desempenada, e o rigor na fabricação de peças usinadas em aço inox para montagem de estantes, prateleiras e demarcação de áreas de exposição de uso exclusivo de determinado produto ou designer.
Vidros e brises metálicos compõem a fachada e seu interior, o piso de granilite, com uma composição especial em sua fórmula, e o mobiliário em madeira tipo embuia completam um ambiente que busca uma expressão moderna.

Becato, Davison – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1977
Colaborador: Luiz Gilberto Vivan

Residência em Ilhabela (1997)
Ihabela, SP

Para uso do próprio arquiteto, essa casa, de pequenas dimensões, tem a sala como centro de convergência e convivência. Com a planta quadrangular subdividida em 6 quadrados menores, o arquiteto procurou resgatar as lembranças do núcleo e do agenciamento das casas tradicionais paulistas, o resultado entre cheios e vazios da casa do sítio do Padre Inácio em São Paulo, a simplicidade das plantas das casas caiçaras e, também, a Rotonda de Palladio com suas 4 fachadas iguais.
Em relação aos aspectos ligados ao conforto ambiental, procurou privilegiar a circulação horizontal e vertical do ar adotando grandes pés-direitos e o uso do lanternim, que também se caracteriza como um elemento formal da construção. Com técnica construtiva e materiais convencionais, os acabamentos e as cores utilizadas tiveram como inspiração a tradicional arquitetura caiçara.

Bedout, Juan Felipe Uribe de – Medellín, Colômbia – Universidade Pontifícia Bolivariana, Medellín, Colômbia, 1987
Restrepo, Mauricio Gaviria – Universidade Pontifícia Bolivariana, Medellín, Colômbia, 1979
Velez, Hector Mejia – Universidade Pontifícia Bolivariana, Medellín, Colômbia/Colaborador: Alejandro Bernal/Consultor: Luis Bernardo Gonzales



Unidade Crematória e Templo de Cinzas (1998)
Medellín, Antioquia, Colômbia

O projeto, além de resolver a tarefa requerida, pretende organizar os prédios existentes por meio de um sistema de circulação e vias para pedestres, com terraços e passarelas que partem do mesmo acesso que o Parque Cemitério "Campos de Paz".
O projeto consiste em dois componentes claramente definidos: a Unidade Crematória, colocada em frente ao átrio da capela existente, e o Templo das Cinzas, uma construção linear que atravessa o local longitudinalmente.
A planta baixa da construção responde às condições particulares do terreno: a geometria da capela e do átrio, o limite do terreno com sua topografia marcante e a fileira de árvores, e o limite das salas de velório existentes.
Os volumes adotam uma postura escultural em que a massa predomina, realizando a imagem de um grande bloco esculpido.

Belleza, Gilberto – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1985
Lago, Maria Clara Batalha Correa do – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, DF, 1985
Colaboradores: Luisa Goes Dantas, Fabiana Brienazi, Heloisa Aranha

Sede do Sindicom – Sindicato das Empresas de Asseio e Conservação no Estado de São Paulo (1999) – São Paulo, SP

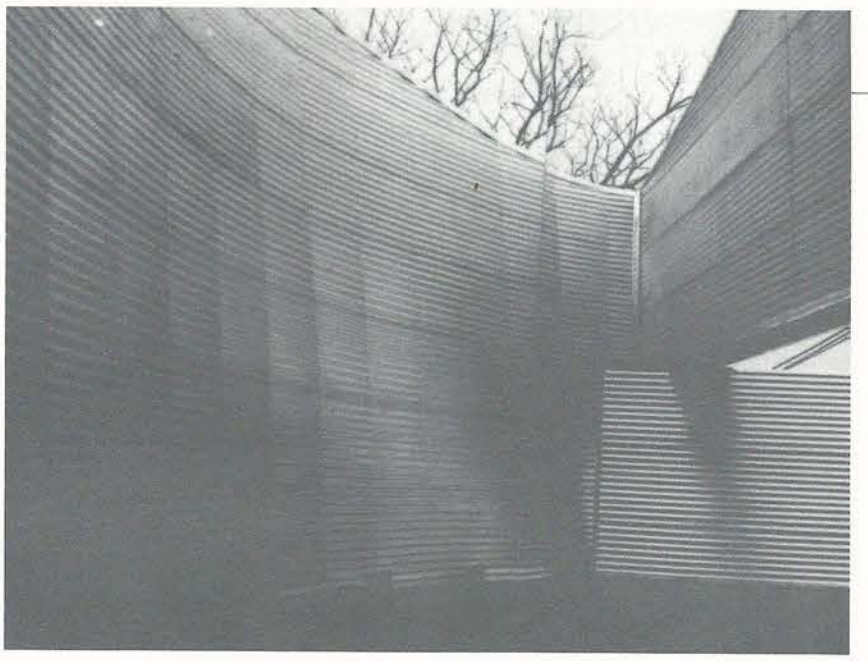
Trata-se de um projeto de intervenção numa construção em "estilo mediterrâneo", situada nas proximidades do Parque do Ibirapuera. A edificação existente foi radicalmente alterada e um novo bloco foi construído, nos fundos do terreno, para abrigar a área de eventos, o restaurante e a administração. Uma passarela com 12 m de vão interliga os dois blocos. A padronização dos materiais foi adotada nas fachadas, em que foi utilizado um único elemento: o vidro, presente nas pastilhas, nos blocos e nas lâminas dos caixilhos. Todo o revestimento em vidrotil branco funciona como contraponto ao verde do Parque.

Belleza, Gilberto – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1985
Lago, Maria Clara Batalha Correa do – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, DF, 1985
Consultor: Waldir Pomponio

Conjunto Residencial Vila Rosa (1999)
São Paulo, SP

Trata-se de um conjunto residencial próximo ao Horto Florestal e à Serra da Cantareira, composto por 4 residências. Nessa obra, o conceito estrutural e a busca de uma solução construtiva econômica orientaram a solução arquitetônica. Tirando partido da legislação e dos recuos definidos pela não-ortogonalidade das divisas, criaram-se abas não-computáveis e volumetrias diferenciadas nas fachadas do bloco superior.

Benítez, Solano – Assunção, Paraguai – Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional de Assunção, Paraguai, 1986
Marinoni, Alberto – Assunção, Paraguai – Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional de Assunção, Paraguai, 1989
Ayala, Luis – Assunção, Paraguai – Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, 1996
Colaboradores: Silvio Vazquez, Sergio Fanego e Mady Monnin



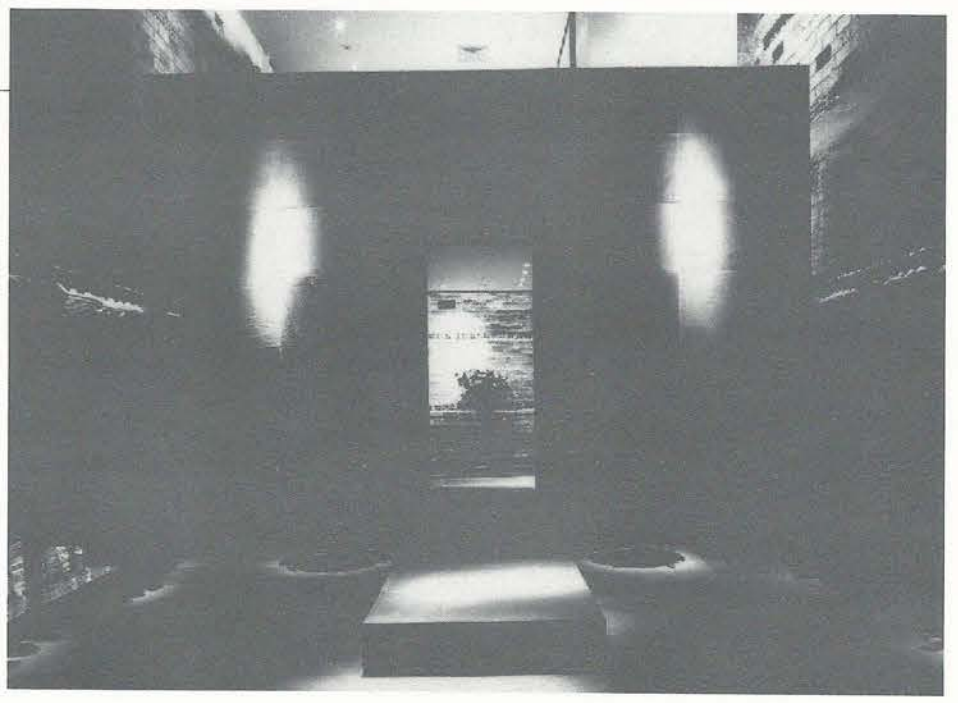
Publicitaria Paraná (1996)
Encarnación, Paraguai

Na periferia de Encarnación, próximo a um grupo de prédios (depósitos e pequenas fábricas) transformado em espaço de produção da agência de publicidade, foi construído o edifício destinado a escritórios. O projeto buscou marcar a presença da nova edificação no local e, ao mesmo tempo, integrá-la ao conjunto preexistente. Implantada no limite do terreno, dispõe de duas grandes portas que permitem o acesso a uma área intermediária entre a rua e os escritórios, onde a tradicional galeria foi substituída por um espaço aberto em forma elipsoidal com fachadas cônicas inversas. Essa elipse acompanha e configura o espaço interno, que é subdividido por paredes de tijolos com 4 cm de espessura e estrutura metálica como suporte. No exterior, um pátio é integrado à construção, com duas grandes árvores que "furam" a cobertura.

Bertoldi Jr., Marcos – Curitiba, PR – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Curitiba, 1982

Con Base (1997)
Curitiba, PR

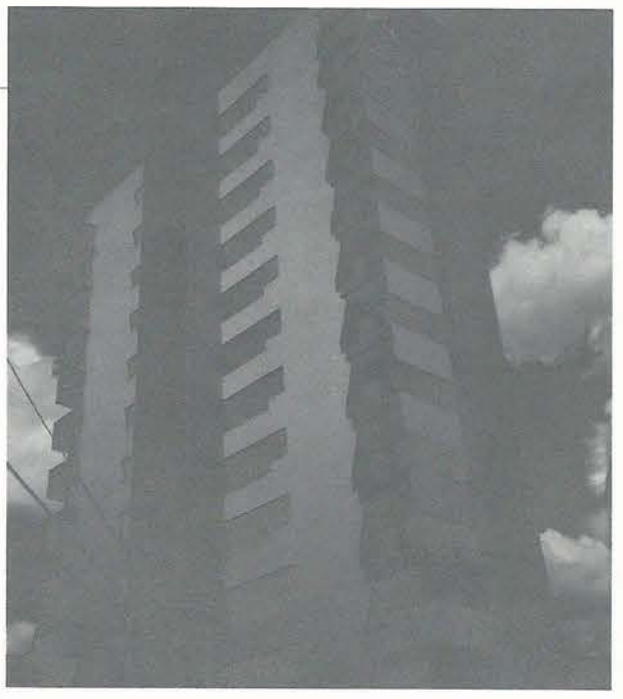
A loja está localizada num shopping aberto e a proposta arquitetônica para seus espaços internos é simples e simétrica. A passagem central forma uma passarela para a parte interna da loja. No espaço frontal, com pé-direito duplo, fica a área de exposição; ao fundo, os provadores e nas laterais da passarela o balcão e a escada de acesso ao mezanino. Todo o espaço se organiza por meio de módulos de 48 X 90 cm, equivalente ao tamanho das pedras que revestem o piso e as paredes.



Besen, Eduardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984
Katakura, Paula/Honda, Suzi Sayuri
Consultores: Proenge Engenharia, Sandretec Tecnologia, Apoio Consultoria de Fundação

Edifício Alice (1996)
São Paulo, SP

O prédio foi projetado visando à insolação adequada para todos os apartamentos e ao grande recuo em relação aos vizinhos. Nesse recuo foi criado um passeio lateral, onde se localizam os jardins e os acessos principais e para onde se voltam os apartamentos (face norte). O setor de serviço está localizado na face oposta, junto ao menor recuo. A flexibilidade interna é total, não há pilares e vigas, o que permite ao morador derrubar paredes e alterar o espaço a seu gosto.
Na composição das fachadas, foram utilizadas floreiras, terraços, paredes curvas e abas em cores diferentes e contrastantes, criando elementos arquitetônicos de forte presença na paisagem urbana.



Besen, Eduardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984

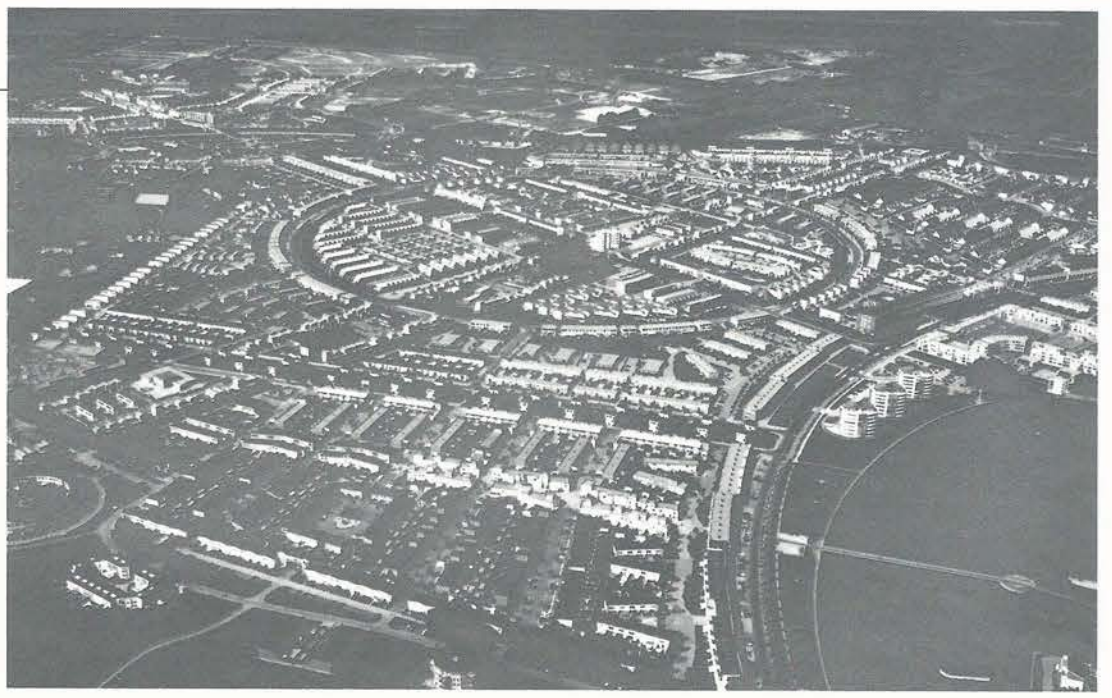
Edifício Casablanca (1996)
São Paulo, SP

Esse prédio foi projetado tendo em vista insolação adequada para todos os apartamentos e grande recuo em relação aos vizinhos. Nesse recuo foi criado um passeio lateral, onde se localizam os jardins e os acessos principais e para onde se voltam os apartamentos (face norte). O setor de serviço foi localizado na face oposta, junto ao menor recuo.
A flexibilidade interna é total, não há pilares e vigas, permitindo ao morador retirar paredes e modificar o espaço a seu gosto.
Na composição das fachadas foram utilizadas floreiras, terraços, paredes curvas e abas em cores diferentes e contrastantes, criando elementos arquitetônicos de forte presença na paisagem urbana.

Bhalotra Ashok – Roterdã, Holanda – Escola de Planejamento e Arquitetura, Nova Délhi, Índia, 1965
Grégoire, Anton
Colaboradores: Anton Bijlholt, Wouter Bolsius, Joop Nuijens

Plano Diretor e Urbanístico para Kattenbroek, 1996
Amersfoort

O plano diretor envolve o desenho urbano e paisagismo para uma nova área residencial (5 mil unidades), composta em sua maioria de edificações de baixo porte, com setores semi-subsidiados e setores de investimento privado. O projeto incorpora temas específicos e metáforas que determinaram o caráter de partes específicas da arquitetura e do paisagismo. As principais metáforas foram: a Máscara, o Anel, a Avenida dos Pátios, a Zona Oculta e o Canal.
Há cinco metáforas paisagísticas, cinco metáforas urbanas e cinco metáforas arquitetônicas, definindo zonas que interagem entre si, sobrepondo-se. Os nomes das ruas relacionam-se com os temas das metáforas.
A preocupação dominante foi conferir qualidades ao ambiente urbano do projeto, o que gerou, por exemplo, a proposta de uma variedade de tipologias residenciais e uma zona pública central que abriga trabalhos de artes visuais. O resultado pode ser conferido em pesquisas que indicaram um alto grau de satisfação dos moradores com suas casas e com os espaços comuns do conjunto.



Bhalotra, Ashok (Kuiper Companions) – Roterdã, Holanda – Escola de Planejamento e Arquitetura, Nova Délhi, Índia, 1965
Bolsius, Wouter

Nieuwe Hof – Planejamento para Área Residencial (1999)
Amersfoort, Nieuwland

Trata-se de planejamento urbano para uma nova área residencial no centro da cidade de Amersfoort, envolvendo 221 unidades residenciais e um shopping center de 4.600 m², contendo lojas, escritórios, serviços médicos e estacionamento no subsolo. Com uso de cores vivas e complexo tratamento dos espaços, o conjunto é circundado pelas águas. Na face interior do conjunto há uma praça clássica fechada, reminiscência das praças do sul da Europa e a face exterior apresenta uma coleção de rochas coloridas dispostas como uma colagem em várias formas, texturas e materiais.

Bhalotra, Ashok – Roterdã, Holanda – Escola de Planejamento e Arquitetura, Nova Délhi, Índia, 1965
Niesen, Huub
Grégoire, Anton

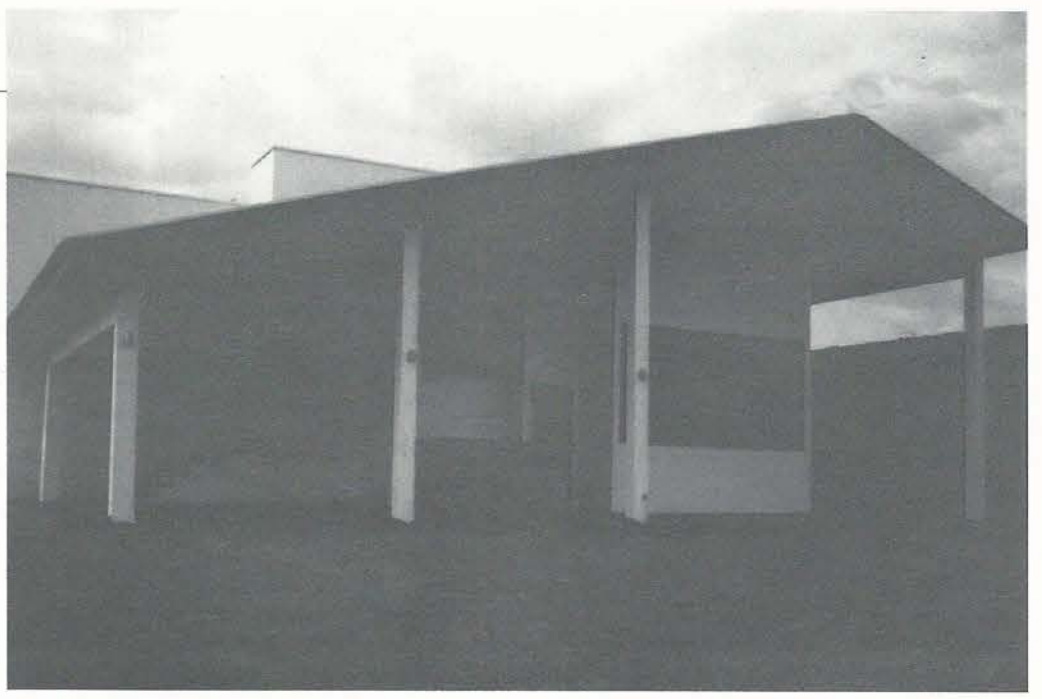
Cidade Miniatura – Madurodam (1996)
Den Haag, Holanda

Dois diques centrais formam um "portal-perspectiva" para o mundo em miniatura que se situa do outro lado. Essas estruturas cobertas de vegetação representam os princípios do programa. As ondas que quebram, lavando suas paredes, simbolizam o fluxo de visitantes que se iniciam no mundo em miniatura sob a ondulante cobertura do hall de acesso a Madurodam. As ondas que atravessam o dique do verão, mais baixo, são contidas pelo dique de inverno, mais alto. O farol atua como guia, conduzindo os visitantes em direção a Madurodam, e também é um importante ponto focal na organização interna do edifício.
Os diques, as ondas e o farol são os fundamentos do projeto e seus detalhamentos procuram eliminar o contraste entre a escala do edifício e da cidade em miniatura (1:25), transformando os prédios num pano de fundo esplêndido para a instalação.

Biasoli, Marco Antonio – Tambaú, SP – Arquitetura e Urbanismo Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade de Taubaté, SP, 1987
Colaboradora: Thaís Martinelli
Consultor: Avelino José Biasoli

Residência Bonadio (1999)
Tambaú, SP

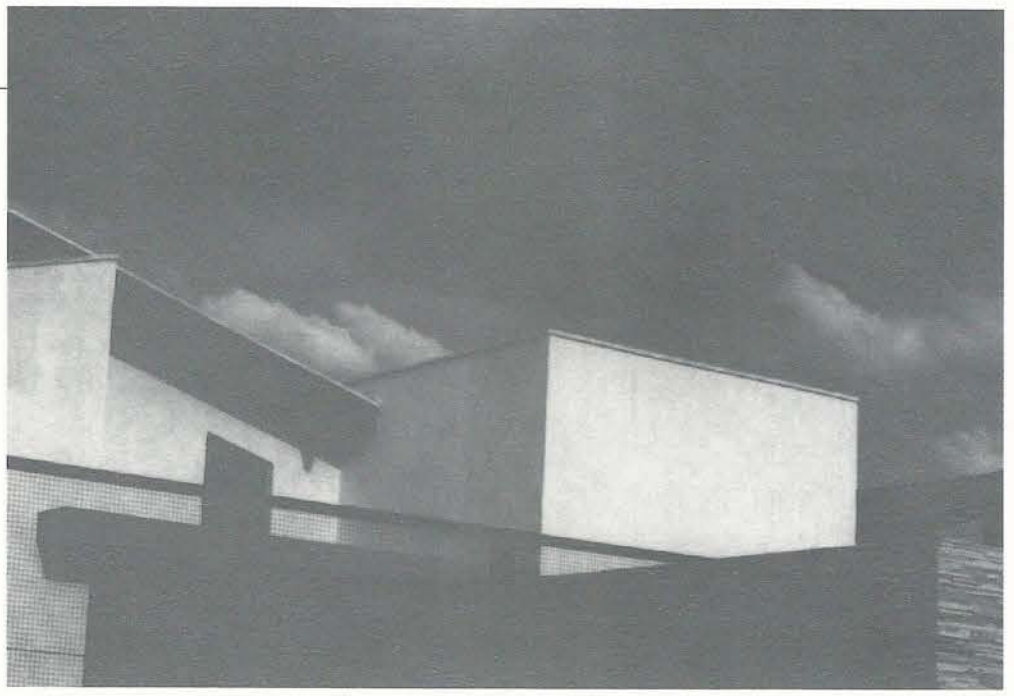
O lote de esquina, com declive acentuado, definiu a implantação dessa residência. A parte baixa do terreno foi destinada à área de lazer, e na parte alta implantou-se a residência. Com fechamento em grandes painéis de vidro, a casa integra-se com a área de lazer. A distribuição interna se dá ao redor de um jardim de seixos, e os painéis de vidro promovem a ligação visual entre o bloco dos dormitórios e o de serviços que são interligados pela área social. A volumetria definida pelos dois blocos marca a composição da residência.



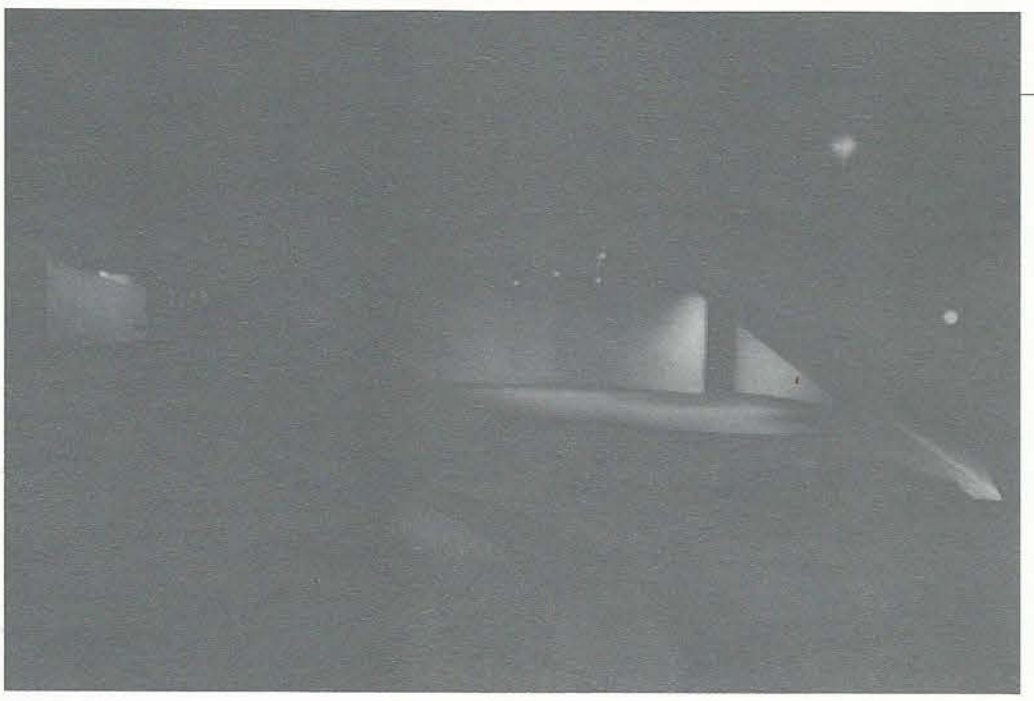
Biasoli, Marco Antonio – Tambaú, SP – Arquitetura e Urbanismo Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade de Taubaté, SP, 1987
Colaboradora: Thaís Martinelli
Consultor: Avelino José Biasoli

Residência Galhardo (1999)
Tambaú, SP

Essa residência é definida por dois blocos, um destinado às áreas íntima e social e outro para serviços. A ligação entre os blocos é feita por um mesmo plano de telhado com forro inclinado e estrutura em madeira.
O fechamento em painéis de vidro e madeira da cobertura da ligação se contrapõe à vedação em alvenaria dos blocos. A utilização do mesmo piso nas áreas interna e externa, separadas por painéis pivotantes de vidro e madeira, confere ao espaço das salas, varanda e garagem uma unidade, integrando exterior e interior.



Bigeschi, Valentim César – Tupã, SP – Faculdade de Arquitetura da Universidade de Marília, SP, 1992



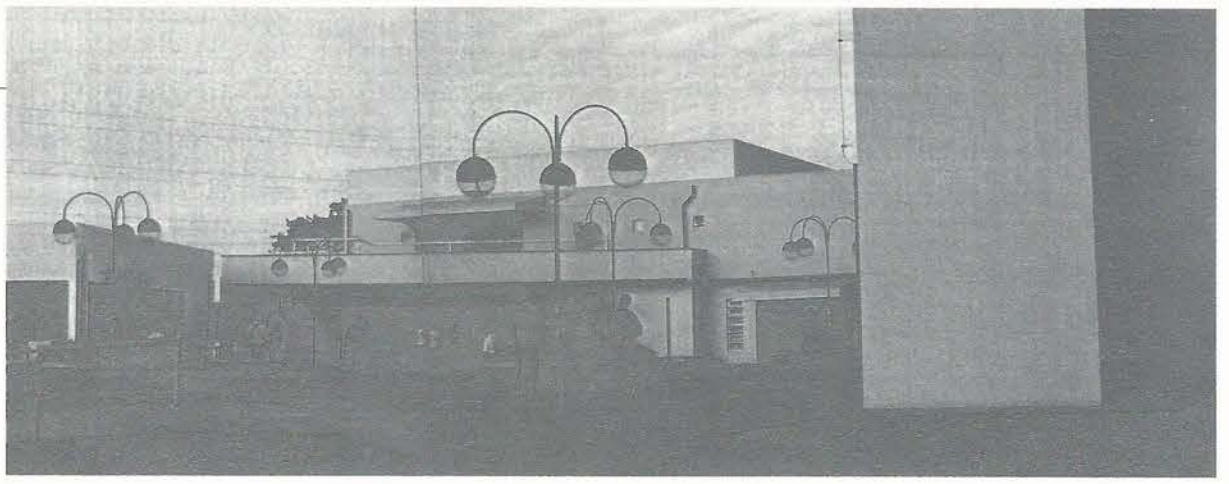
Espaço Cultural (1999)
Tupã, SP

Resultado do programa de concurso público que a viabilizou, a obra está implantada na Praça da Bandeira, na cidade de Tupã, onde se localizam também o Paço Municipal e a Igreja Matriz da cidade. Constitui-se de um bloco único onde está localizado o palco semicoberto delimitado por um espelho d'água, em cuja frente se localiza a arquibancada descoberta com capacidade para 500 pessoas; na parte posterior localizam-se os sanitários públicos, depósito, coxia e camarins. A edificação está coberta por uma laje de concreto, que nasce no início do palco, dentro do espelho d'água, desenvolvendo-se até a outra extremidade onde atinge a altura de 6,30 m. A forma sinuosa e a harmonia das curvas nasceram naturalmente do objetivo de permitir melhor acústica na área do palco/arquibancada e da intenção de não interferir diretamente no espaço em que a obra foi inserida.

Bloch, Luís Laurent – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, SP, 1979
Colaboradores: Heloísa Lima Herkenhoff, Marcos Garrubo
Consultores: Cia de Projetos, Ambiental, Pex Elétrica e Hidráulica

Pós-Graduação do Instituto de Economia da Unicamp – Universidade de Campinas (1999) – Campinas, SP

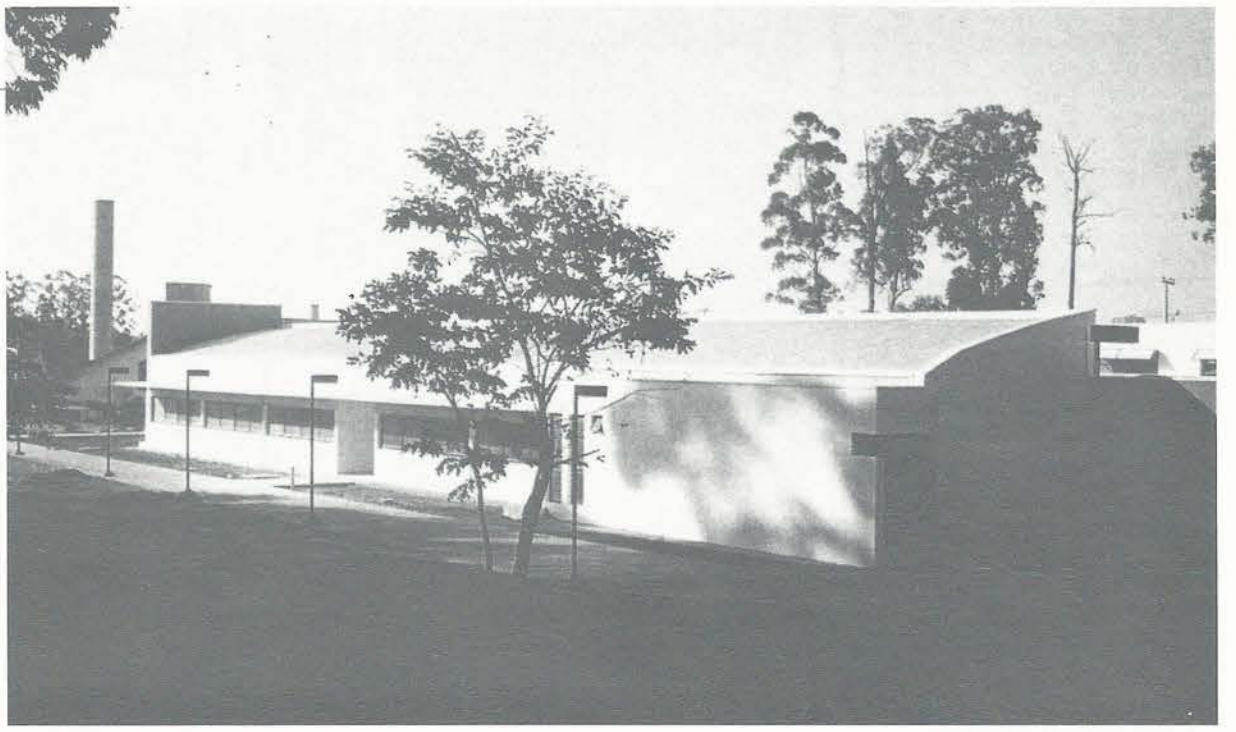
No programa, foram solicitadas onze salas de diferentes tamanhos e um pequeno auditório, bem como áreas de apoio para administração, manutenção e sanitários.
Optou-se por um prédio térreo, com pátio e circulações centrais, salas contíguas em dois blocos paralelos.
A estrutura metálica da cobertura das salas de aula é curva. As telhas, também metálicas com forro acústico distanciado, aliado aos pára-sóis de proteção solar, completam a necessidade de conforto termoacústico.
O edifício, com implantação longitudinal norte-sul, tem as fachadas protegidas por pára-sóis. Dois blocos de serviços e administração limitam as extremidades do pátio central que receberá tratamento paisagístico. Esse pátio, sangrado pelas circulações laterais, também possibilita futuras ampliações.



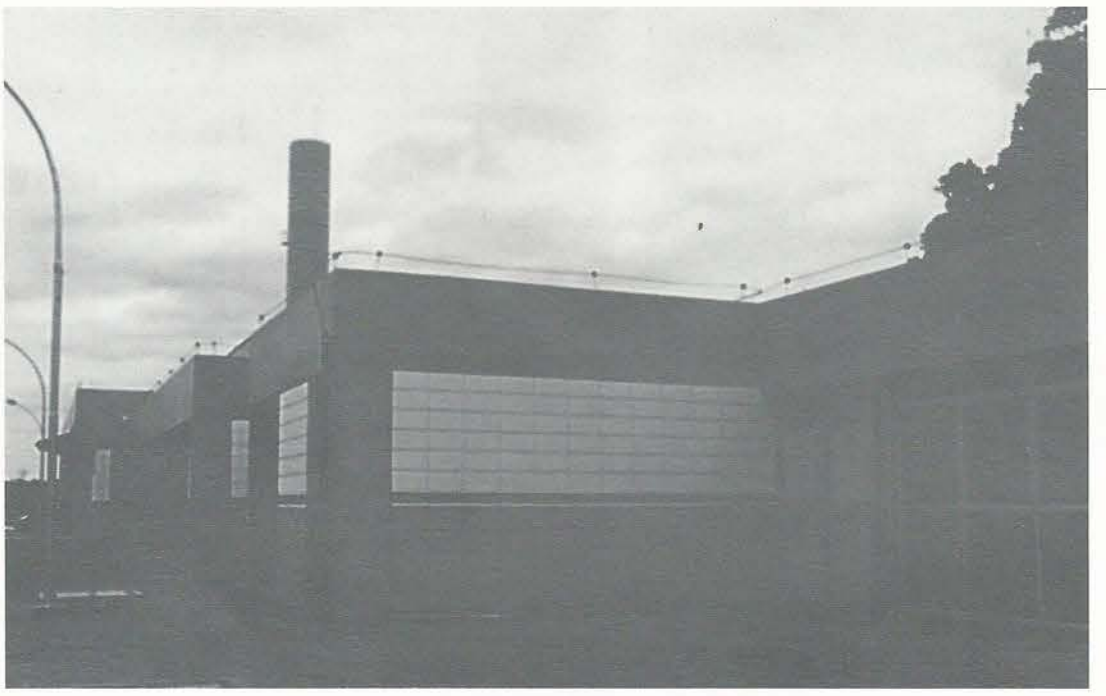
Bloch, Luís Laurent – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, SP, 1979
Colaboradores: Heloísa Lima Herkenhoff, Rosinei Cristina da Nóbrega Santos, Adriane Devan
Consultores: Ambiental, Veirano

Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp – Universidade de Campinas (1998) – Campinas, SP

O programa proposto para o novo prédio da Faculdade de Ciências Médicas incluía 10 salas de aula para 30 alunos cada, 2 auditórios para 60 pessoas e um grande auditório com 120 lugares. Além dos sanitários e demais áreas de apoio, o programa solicitava, próximo ao auditório maior, um vestíbulo para recepções e convívio. Foram criados 2 blocos, com 2 andares cada, ligados por corredores/passarelas, sendo um para abrigar as salas de aula e outro para os auditórios. O acesso principal é o corredor/passarela que contém recepção, sanitários e escada. Todas as salas têm caixilhos corridos e ventilação cruzada. A cobertura é de estrutura e telhas metálicas com forro de gesso. A iluminação natural se dá por meio de um lanternim. O auditório maior, em anfiteatro, tem projeto de acústica e iluminação, acesso independente, e pode funcionar como espaço autônomo para eventos.



Bomfim Junior, Léo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1960
Consultores: Luiz Perez de Moraes, Eurico Freitas Marques, José Marcos Pereira



Edifício de Teste da Bridgestone Firestone (1999) São Pedro, SP

Esse edifício é parte do campo de prova de uma conhecida empresa de pneus, a qual vem sendo implantada no município de São Pedro, Estado de São Paulo. O programa previa áreas operacionais com depósitos, oficinas, laboratórios de testes, almoxarifados e garagens; áreas administrativas com escritórios, sala para uso de clientes e sala para reunião e áreas de apoio com copa, sanitários, vestiários e ambulatório. O partido arquitetônico adotado, por meio de uma solução térrea, procura garantir a adaptação às condições climáticas da região, onde predominam altas temperaturas. Para tanto, nas áreas operacionais, garantiu-se uma boa ventilação cruzada, enquanto nas áreas administrativas foi instalado sistema de ar-condicionado. A volumetria horizontal predominante é marcada por uma estrutura de concreto aparente e pelas vedações em blocos de concreto pintados.

Borges Filho, Francisco – Limeira, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1975
Cheque Junior, Jayme – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1976
Consultor: Luiz Roberto S. de Agostini

Consultório Odontológico (1999) Limeira, SP

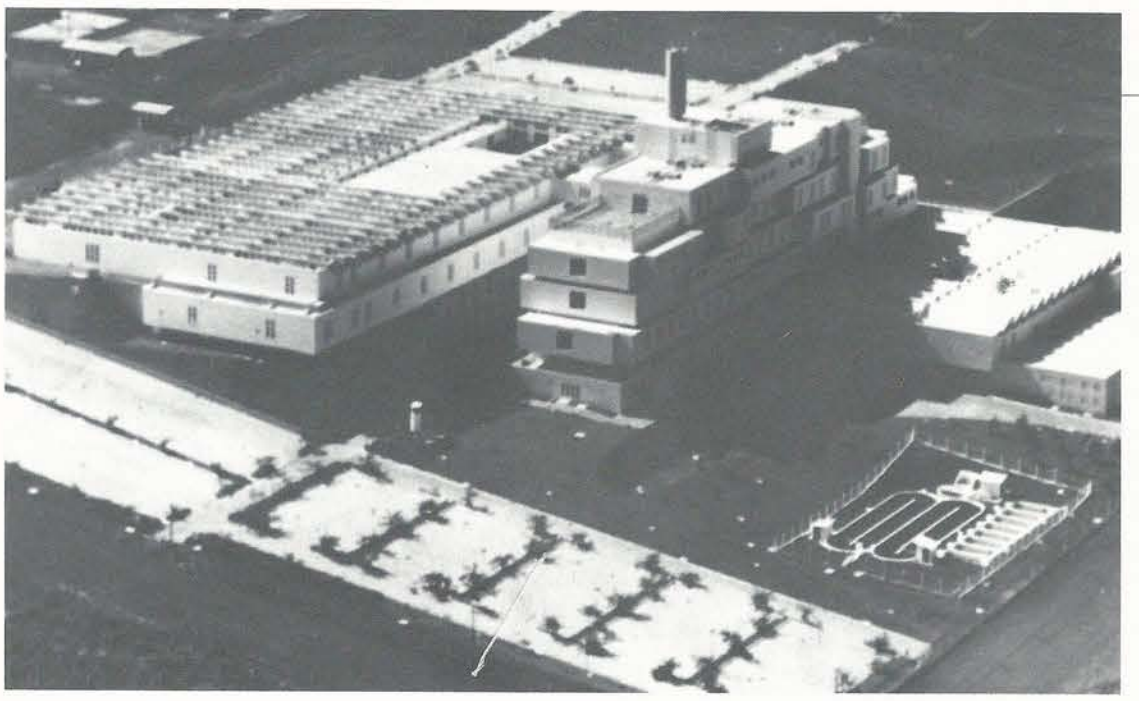
Implantado num terreno de esquina, o acesso ao consultório é indicado e protegido por uma cobertura curva. Um arranjo de lajes procura marcar a transição dos tratamentos das fachadas, que são diferentes em função da orientação solar. Na fachada lateral uma laje alonga sua forma, colaborando para as proporções formais do conjunto. Cerâmica 10 X 10 cm, vidro temperado e concreto tratado são os materiais utilizados.

Brasil, Ricardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1980
Colaborador: Roberto Marim
Consultores: José Hosken, Gerson Horschultz, Mário Hirahata

Condomínio Edifício Morada do Sol
Santo André, SP

O edifício conta com 2 subsolos, térreo e 13 pavimentos com 2 apartamentos de 150 m² cada um. As unidades simétricas formam uma seqüência de varandas periféricas, em faixas horizontais, que evidenciam múltiplos planos de fachadas e funcionam como elementos compositivos marcados por pilares de seção cilíndrica. Na implantação, buscou-se um contraponto entre a verticalidade do conjunto e as divisas do lote, adotando-se ângulos de 45° para cada "asa" do andar tipo para ampliar visualmente os afastamentos entre as construções vizinhas, favorecer a insolação e acentuar a volumetria final.

Breitman, Irineu – Porto Alegre, RS – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1953
Colaborador: Paulo Lindolfo Lambi



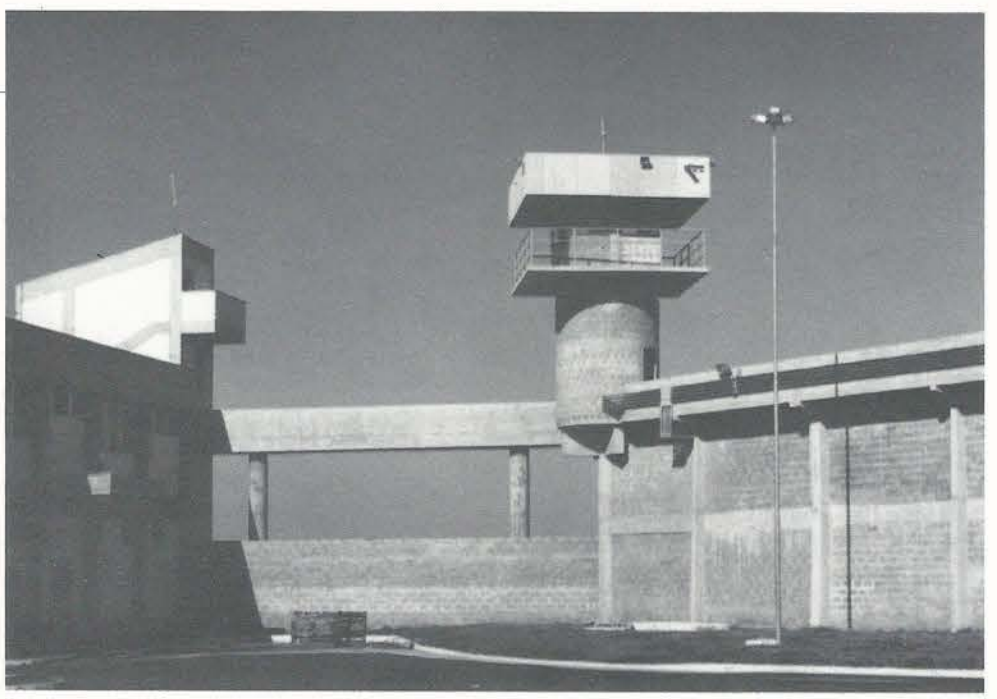
Hospital Regional de Chapecó (1995)
Chapecó, SC

Adotando um partido vertical escalonado, o Hospital Regional de Chapecó foi implantado sobre os níveis mais convenientes de um terreno inclinado, permitindo a configuração hipotética de cinco patamares e propiciando, ao mesmo tempo, diferentes acessos. Desenvolvido em torno do eixo dos elevadores, o conjunto é integrado por dois grandes blocos que se interligam no nível do quarto e do quinto pavimentos, sendo um marcadamente vertical e o outro com predominância de desenvolvimento horizontal. No primeiro bloco situam-se as centrais de utilidades, o serviço de nutrição e dietética, a lavanderia, o almoxarifado, a administração e as unidades de internação. No segundo bloco estão localizados unidades de ambulatório e emergência, serviços complementares de diagnóstico e tratamento, farmácia, banco de sangue, bar, centro cirúrgico, centro obstétrico, berçário, unidades de recuperação pós-anestésica, tratamento intensivo e o centro de material e esterilização.

Brito, Paulo Lúcio de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1965
Jorge, Wilson Edson – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1964

Penitenciária Regime Fechado, 1998
São Paulo, SP

O projeto insere-se no programa de desativação do Complexo Carandiru.
As soluções adotadas para o projeto partiram do pressuposto de que as edificações devem ser moduladas, de fácil execução e manutenção e obedecer aos requisitos de segurança preestabelecidos para cada tipo de presídio.
O projeto padrão, já construído em várias cidades, foi desenvolvido para capacidade máxima de 552 sentenciados distribuídos em 4 raios iguais, respectivos pátios coberto e descoberto, com capacidade para 138 presos, distribuídos em 43 celas coletivas, com 3 sentenciados em cada uma. Cada raio tem um galpão de trabalho e duas salas de aula. Os 4 raios estão interligados por uma passarela coberta, definindo um eixo de circulação.
Também estão ligados pela passarela o pavilhão de serviços, o de saúde e as celas disciplinares e de seguro. Perpendicularmente a esse eixo, foi criado um segundo eixo de circulação para funcionários e visitantes de fim de semana.

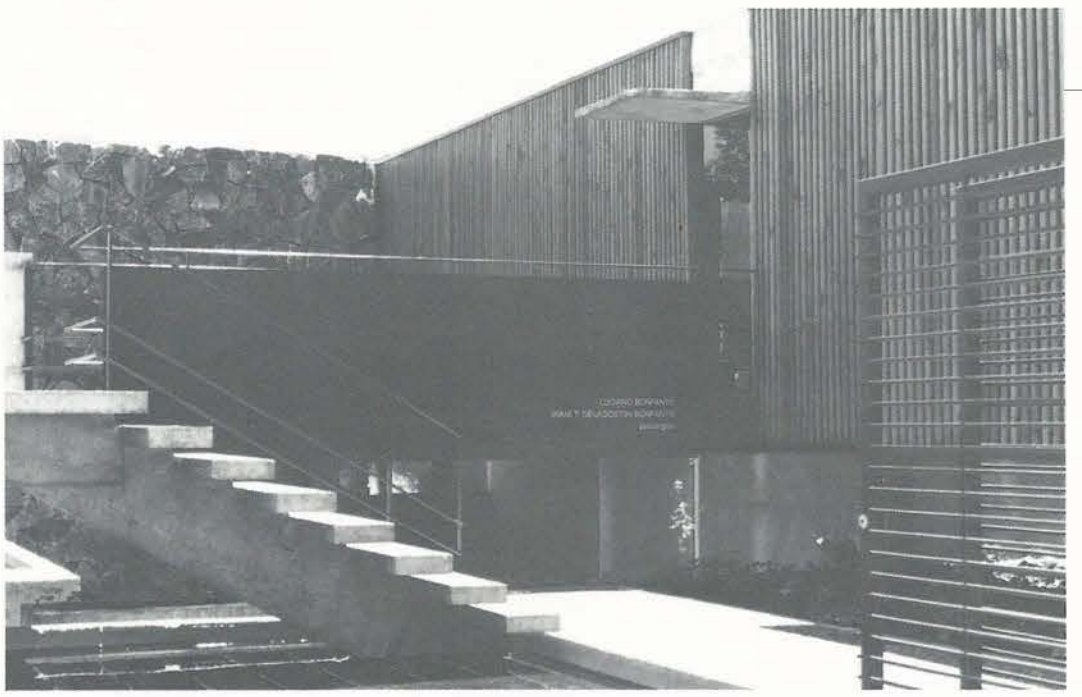


Bucci, Angelo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1987
Franco, Fernando de Mello – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Moreira, Marta – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1987
Braga, Milton – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Colaboradores: Álvaro Luiz Puntoni, Keila Costa, Judite Hardy, Carmem Moraes, Pablo Hereñu/Consultores: Ibsen Uvo, Marcos Miotto

Residência José Marlon Barroso (1998)
São Paulo, SP

A rua Monte Alegre, no trecho em que se encontra a casa, é o limite do patamar junto à encosta do vale onde se implantou a avenida Sumaré. A ocupação típica existente ali pode ser observada a partir da rua Monte Alegre, onde as casas formam uma barreira contínua que impede a percepção da encosta e da dimensão do vale; ou a partir da avenida Sumaré, onde elas recusam aquela geografia e se apresentam como fundos ou sobras de construção. Ao contrário disso, o desenho dessa casa procura estabelecer uma relação entre a construção e aquela geografia, uma ocupação da encosta que não a esconde nem recusa. A estrutura pré-fabricada de concreto permitiu liberar as obras iniciais das dificuldades de trabalho impostas por um terreno com 50% de declividade. As obras preparatórias ficaram restritas a seis tubulões. A partir daí, pilares, vigas e lajes foram montados em dois dias para serem abrigo e canteiro das obras sucessivas.

Bucci, Angelo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1987
Consultor: Fábio Oyamada



Clínica de Psicologia (1998)
Orlândia, SP

A clínica foi concebida considerando dois extremos: o espaço interno, como o gabinete do psicanalista, e o externo, a rua. São ambientes que amparam o recolhimento íntimo e o convívio público. O foco desse projeto é a relação entre interior e exterior ou a transição de um para o outro. Por isso o ingresso é indireto, ao longo da circulação em que se desenvolvem os espaços de acolhimento, num percurso contínuo e aberto: a escada externa, a ponte de acesso, a galeria de circulação ou varanda "interna", que é também passagem contínua ao nível inferior, acessível por meio de uma rampa que liga a um pátio rebaixado.

Bucci, Angelo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1987
Franco, Fernando de Mello – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Moreira, Marta – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1987
Braga, Milton – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Colaboradora: Keila Costa

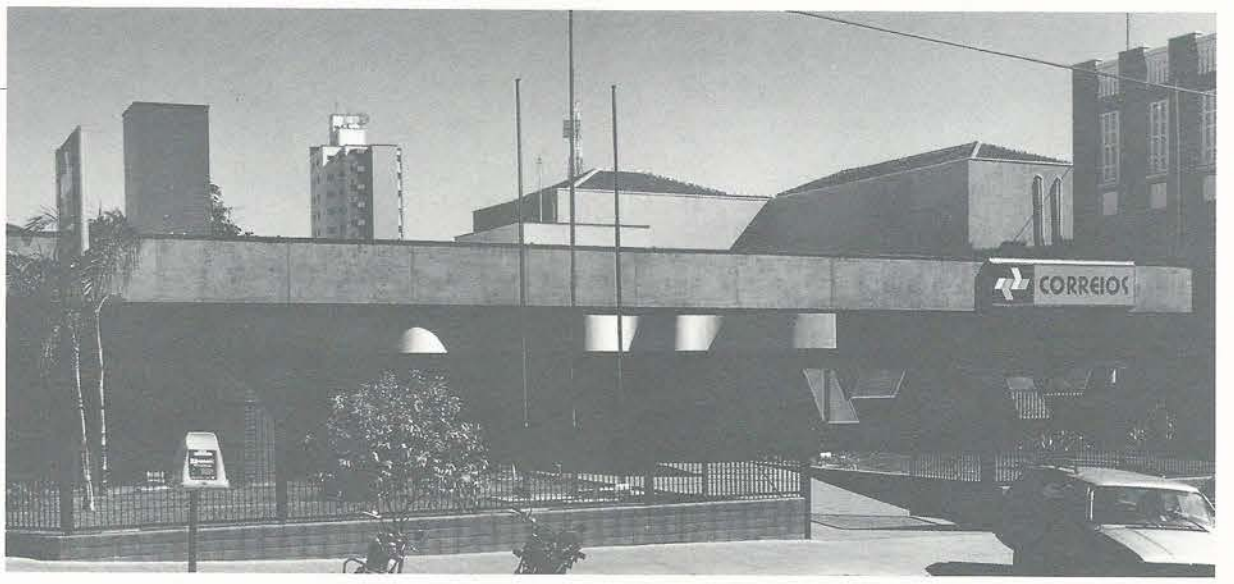
Estacionamento Trianon (1999)

O projeto da garagem subterrânea Trianon, na Praça Alexandre de Gusmão, teve como premissa a preservação da configuração prévia da praça.
O espaço livre disponível para a disposição da nova edificação era a pequena altura compreendida entre a superfície do terreno e os túneis da avenida 9 de Julho, situados logo abaixo, e a extensão horizontal correspondente ao passeio e gramado da praça, desprovidos da densa arborização presente.
Assim, a garagem foi definida por uma geometria encaixada nesses limites, capaz, entretanto, de conferir a desejada simplicidade e lógica evidente a seus espaços e conseqüentemente à sua operação. Foram acomodadas 500 vagas de estacionamento em um único circuito, horizontal e vertical, o qual está ligado em seu extremo superior à alameda Santos e em seu extremo inferior à alameda Jaú, em que a continuidade espacial firma-se como o principal valor, ao diminuir o sentido de confinamento e isolamento da construção enterrada.

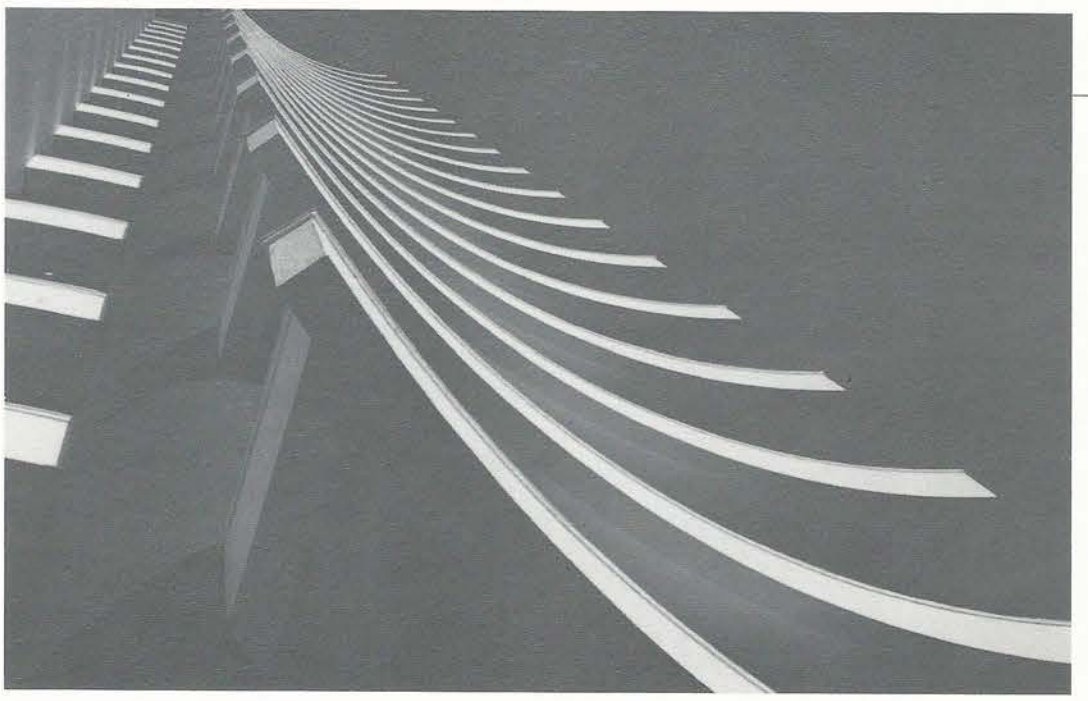
Bueno, José Carlos Lima – Catanduva, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, DF, 1969
Colaborador: Francisco Verroni
Consultores: Nicanor Batista Júnior, Ericsson Oliveira dos Santos, Geraldo Pansiera Júnior, Pedro Santos Pereira

Agência do Correio em Catanduva (1999)
Catanduva, SP

A reforma e ampliação da agência do correio visava a aumentar sua área em 1,5 vez seu tamanho original, ajustar o layout às novas orientações e equipá-la com o conforto de sanitários públicos e acessibilidade para deficientes.
A edificação original apresentava uma estrutura com vãos pequenos e, portanto, com pilares muito próximos, o que limitava o aproveitamento da área já existente. Como solução, optou-se pela utilização de divisórias na demarcação dos ambientes funcionais internos e pela localização lateral dos ambientes hidráulicos.
Aproveitou-se a parede que divide os ambientes funcionais do espaço público para constituição de um painel em curvas sinuosas que se repetem em uma das paredes da fachada principal e na marquise de entrada. Na fachada principal, como proteção aos vidros, foi usado um brise – painel em malha de aço, inspirado na marca da empresa.



Bueno, José Carlos Lima – São José do Rio Preto, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 1969
Colaboradores: Esio Glacy de Oliveira, Sergio Tieppo
Consultores: José Augusto D'Avila, Rosemiro Jesus de Rezende, Pedro Santos Pereira, Geraldo Pansiera Júnior



Edifício Oscar Dória (1998)
São José do Rio Preto, SP

Para esse edifício residencial de 21 pavimentos, o projeto considerou o clima muito quente da região, o que resultou numa implantação solta de todas as divisas e aberturas protegidas em todas as faces da edificação. Formalmente, o projeto pretendeu se afastar das soluções baseadas em linhas ortogonais, propondo uma combinação de formas circulares, reforçadas pelas varandas do living e dos dormitórios. As varandas permitem também que o morador desfrute das visuais amplas dos arredores da cidade.

Bueno, José Carlos Lima – Ilha Solteira, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, DF, 1969
Colaboradores: Rosa Maria Bottaro, Deucimar Teodósio Marques
Consultores: Nicanor Batista Júnior, Ericsson Oliveira dos Santos, Geraldo Pansiera Júnior

Ginásio de Esportes de Ilha Solteira (1998)
Ilha Solteira, SP

O Ginásio deve ter capacidade para 3.500 espectadores e ter a infra-estrutura administrativa e de alojamento correspondentes. Utilizou-se a tecnologia racional e de fácil domínio para as empresas de construção locais, que ao mesmo tempo propiciasse espaços claramente definidos e de fácil assimilação para o usuário. As laterais abertas foram projetadas para garantir conforto térmico. O isolamento acústico da cobertura impede que o ruído produzido pelas atividades esportivas e culturais no estádio atinja o exterior. Utilizou-se no edifício uma pesquisa cromática para destacá-lo na paisagem.

Busarello, Orlando – Curitiba, PR – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, 1970
Busarello, Dilva Cândida Slomp – Curitiba, PR
Colaborador: Daniela Slomp Busarello

Jardim dos Viajantes (1999)
Curitiba, PR

O jardim residencial, com vista para a Serra do Mar e para a região leste de Curitiba, é organizado em níveis tendo como fundamento os conceitos de transparência, luminosidade e insolação, para criação dos espaços internos e externos.
Na parte superior, a superfície "fechada" abriga as funções íntimas. No embasamento "transparente" as atividades sociais avançam no jardim. No espaço externo, as formas geométricas, a delimitação de pisos, a vegetação e a piscina são elementos organizadores da composição. O toldo realiza a transição do interior para o exterior.

Bustamente, Marcos Fortes Santos – Joinville, SC – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982
Ito, Armando Luís Yoshio – Joinville, SC – Universidade Federal do Paraná, 1992
Adam, Roberto Sabatela – Jonville, SC – Universidade Federal do Paraná, 1992
Colaboradores: Sibele Piedade Cestari, Rosália Wall, Vera Monsores Krummenauer, Silvana Maria Moretti, Jonas Eduardo Franz, Aparecida de Camargo Dalmarco
Consultores: Alexandre Gevaerd, Moacir Boeck, Roberto Righi

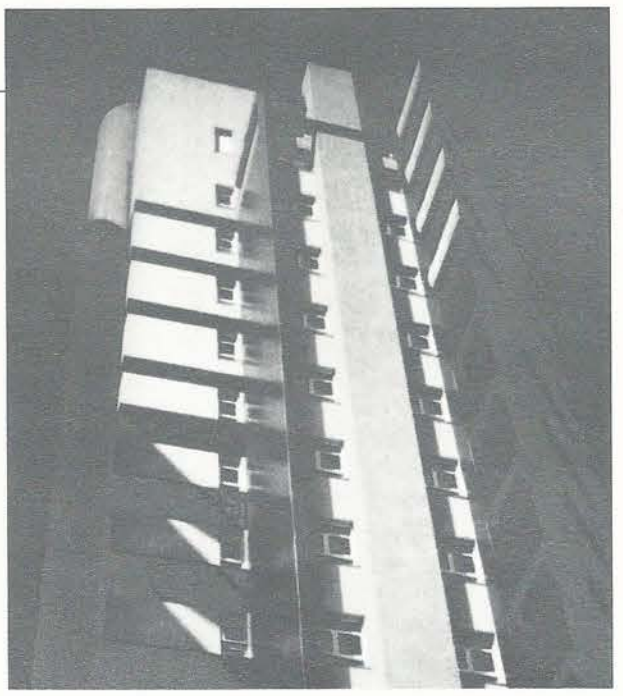
Requalificação Urbanística da Rua 15 de Novembro (1999)
Blumenau, SC

O projeto de Requalificação Urbanística da rua 15 de novembro teve como diretriz primordial a revitalização do conceito de espaço público, devolvendo-o aos cidadãos em condições otimizadas de uso, conforto ambiental e segurança. As diretrizes gerais norteadoras da formulação conceitual do projeto são: dar prioridade ao pedestre e à humanização da cidade; estimular as atividades econômica, cultural e comercial da rua 15 e zona central; estimular a preservação do patrimônio histórico e o turismo; inserir o projeto em uma requalificação mais ampla da área central da cidade. O projeto orientou o detalhamento do mobiliário urbano para a caracterização histórica do estilo art déco, presente de forma marcante na arquitetura da colonização germânica da cidade.

Cahali, Cláudia Vacilian Mendes – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Colaboradores: Eliane Rivera Saporito, César Forte, Ana Cláudia Boa Ventura
Consultores: Alexandre Horschutz, SPHE, Nelson José Cahali

Edifício Residencial (1999)
São Paulo, SP

O edifício está localizado num terreno de esquina, com área aproximada de 1500 m², e foi implantado de maneira a buscar-se não só visuais livres de obstáculos mas também a melhor insolação. O edifício conta com 11 unidades tipo e uma dúplex, com aproximadamente 250 m², atendendo a um programa de três suítes, um escritório, três salas, copa e cozinha separadas, área de serviço e dependências de empregados. Por se tratar de edifício de alto padrão, foi possível a elaboração de detalhes diferenciados, como guarda-corpos das varandas, executados em chapa de metal perfurada e levemente curvados. O mesmo recurso foi utilizado para o fechamento dos equipamentos de ar-condicionado, instalados nos dormitórios.

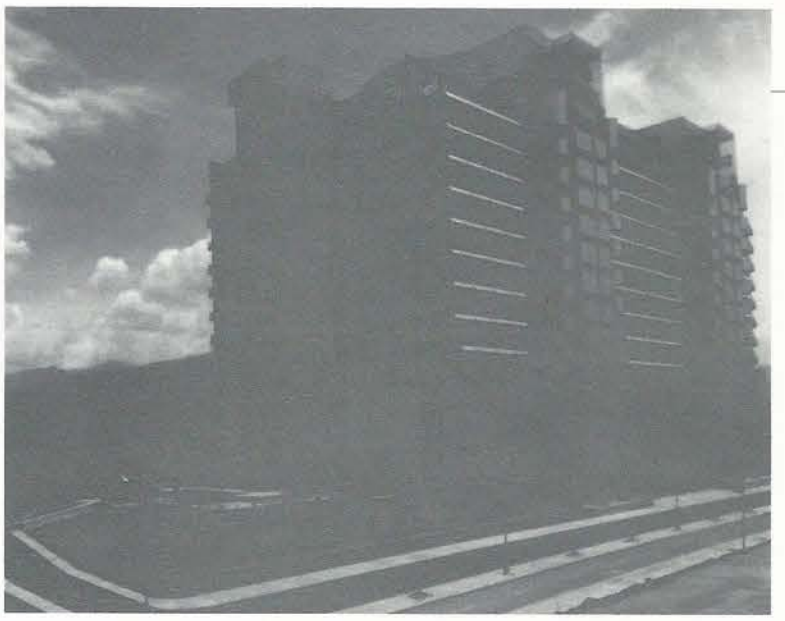


Calle, Carlos Julio – Medellín, Antioquia, Colômbia – Faculdade de Arquitetura – U.P.B, Medellín, Colômbia, 1955
Baquero, Marco Aurelio – Faculdade de Arquitetura – U.P.B, Medellín, Colômbia, 1982
Forero, Juan F.
Colaboradores: Juan C. Arango, Mauricio Patiño e Jaime A. Acevedo/Consultores: Jaime Muñoz Duque y Cia Ltda., Jose Tovar y Cia Ltda. e Estudios Electricos Ltda.

Biblioteca Central da Universidade EAFIT (1998)
Medellín, Colômbia

O novo edifício da biblioteca central, implantado em meio ao câmpus universitário, é o principal elemento ordenador do plano urbanístico preparado pela mesma equipe.O complexo bibliotecário formado por dois blocos: Prédio A, a Biblioteca em si, que também abriga as áreas administrativas e de pesquisas; Prédio B, onde se localizam as salas técnicas e outras seis salas para atividades relacionadas ao ensino. Ele também oferece acesso a estudantes portadores de deficiência por meio de pontes que ligam todos os andares.
O bloco principal é minimalista como idéia. Trata-se de uma espécie de zigurate com uma escada de degraus variados que penetram a estrutura da mesma maneira que esta penetra a praça. A estrutura de concreto é coberta com um tipo de "casca" de tijolo vermelho, diminuindo a cada andar e permitindo que a iluminação natural entre através de todo o perímetro para todos os andares.
Na entrada principal, uma escada separada liga-se a um espaço mais baixo, destinado a exposições de arte, independente das atividades localizadas no nível inferior.

Calle, Carlos Julio – Medellín, Antioquia, Colômbia – Faculdade de Arquitetura – U.P.B, Medellín, Colômbia, 1955
Baquero, Marco Aurelio – Faculdade de Arquitetura – U.P.B, Medellín, Colômbia, 1982
Calle, Carlos Eugenio – Faculdade de Arquitetura – U.P.B, Medellín, Colômbia, 1958
Colaboradores: Luis Felipe Hernandez, Fabio Alberto Aristizabal e Jaime A. Acevedo
Consultores: Jaime Muñoz Duque y Cia Ltda., Jose Tovar y Cia Ltda. e Sedic – Mejia Villegas



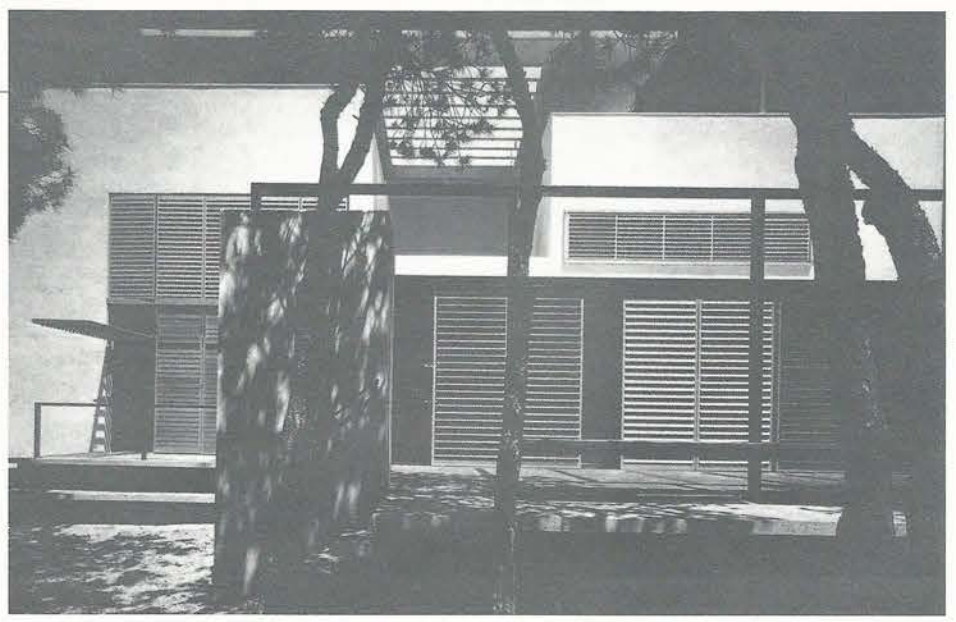
Edifício Empresas Públicas de Medellín (1996)
Medellín, Colômbia

A nova sede das Empresas Públicas de Medellín, com seus 124 mil m² de área total de piso, completa o Centro Administrativo de Medellín. Foi concebida como um prédio de presença urbana moderna, uma imagem corporativa clara, de alto nível de segurança e grande eficiência, que transcenderá seu próprio tempo adaptando-se a demandas futuras.
O emprego de concreto, alumínio, aço e vidro como materiais básicos define a linguagem do conjunto – tanto externa como internamente os elementos da infra-estrutura técnica são aparentes, facilitando reparos e contribuindo para o caráter do prédio. O prédio é controlado eletronicamente.
A "fachada técnica" controla a exposição solar, conduz a tubulação do ar-condicionado e propicia fácil manutenção do revestimento externo.
Como contraponto do prédio principal, o auditório de 450 lugares está fechado dentro de um cubo de alumínio localizado na beira externa do terreno.

Calle, Fernando Carrascal – Sevilha, Espanha – Escola Técnica Superior de Arquitetura, Sevilha, Espanha, 1977
Irigoyen, José Maria Fernadez de La Puente – Escola Técnica Superior de Arquitetura, Sevilha, Espanha, 1977
Oliveira, Silvana Rodrigues de
Colaboradores: Mabel Regidor, Rafael Riveira, Javier Valdivieso
Consultores: Javier Hernandez, Etinsa

Duas Vivendas em Punta Umbría (1998)
Huelva, Espanha

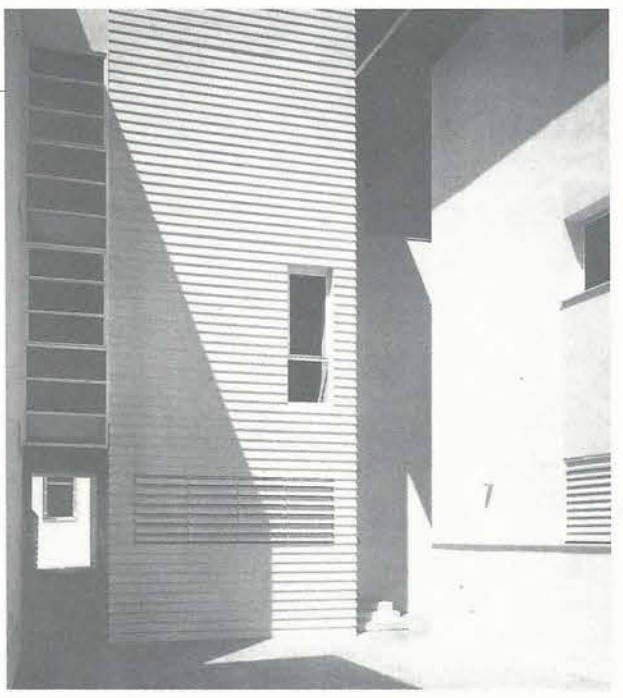
Numa localidade próxima ao mar, ocupando um lote com uma ampla frente, foram propostas duas casas formando um único bloco com acessos independentes e dispostos de tal forma a garantir privacidade exigida.
Uma laje horizontal de concreto na cobertura do nível superior, ligando as duas casas, reforça a imagem unitária e poderá, no futuro, abrigar uma sala com ótima vista para o mar.
A casa mais próxima da rua, com área construída maior e de programa mais complexo, tem seus acessos entre duas paredes paralelas, apropriando-se do conceito árabe de acessos em formato de cotovelo. Esse espaço termina com vista aberta para um bosque de pinheiros, também visto pelo cubo transparente da sala de estar, gerando assim um efeito-surpresa.
As fachadas exteriores, neutras e quase herméticas, incorporam painéis de venezianas móveis que podem ser reposicionadas durante as diversas horas do dia e tornarem-se transparentes ao cair da noite.



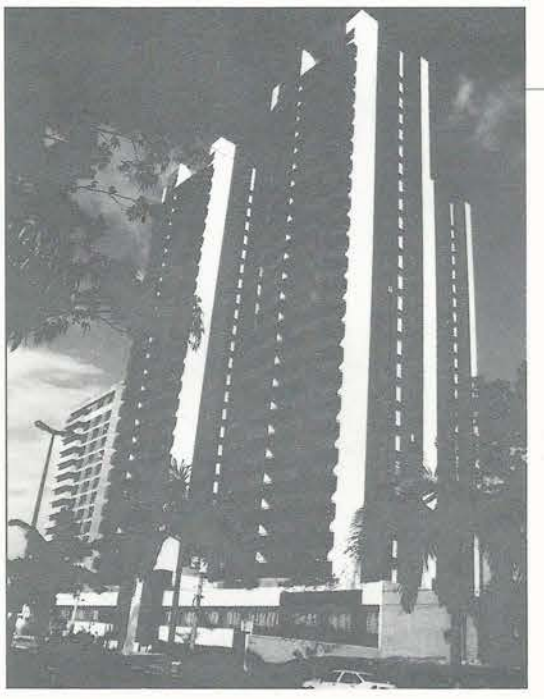
Calle, Fernando Carrascal – Sevilha, Espanha – Escola Técnica Superior de Arquitetura, Sevilha, Espanha, 1977
Irigoyen, José Maria Fernadez de La Puente – Escola Técnica Superior de Arquitetura, Sevilha, Espanha, 1977
Colaboradores: Mabel Regidor, Rafael Riveira, Javier Valdivieso/Consultores: Javier Hernandez, Etinsa

Habitação Coletiva de Interesse Social – "Antiguos Corrales Virgenes – Trompero" (1997) – Sevilha, Espanha

A proposição para 63 unidades residenciais, destinadas à população de baixa renda, está localizada na parte mais alta da cidade, caracterizada como bairro residencial histórico. Ocupa uma área aproximada de 2.700 m², no miolo de um quarteirão, com acessos realizados pelas vielas de pedestres e ruas sem saída. No início do projeto, as edificações estavam quase totalmente destruídas, com exceção de uma reduzida edificação.
Aos caminhos em forma de labirinto, foram acrescidas pontes que permitem agilizar os percursos e reduzir o número de escadas.
A tipologia oscila em função das diferentes construções que delimitam a área e dos programas destinados às habitações populares. Essa variação é unificada em seu conjunto pelas escolhas dos materiais e utilização das cores.



Cambiaghi Filho, Henrique – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1973
Colaboradores: Carlos Henrique Vieira, Roberto Kiyoshi Shimana
Consultores: Benedito Abbud Paisagismo S/C Ltda., Engenharia PROJETAR S/C Ltda., Santoro, Leão e Pasqua Engenharia de Estruturas



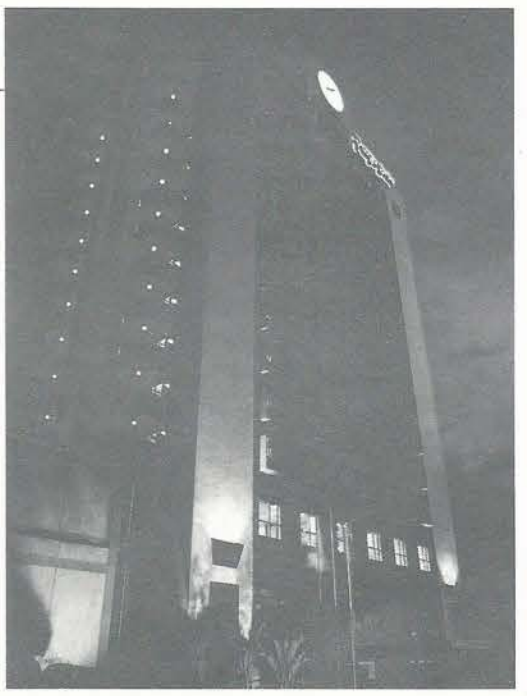
Condominium Alpha Club (1998) Barueri, SP

O projeto do empreendimento situado em Alphaville, Barueri, implanta-se num terreno de forma regular, em ligeiro aclive, voltado para um condomínio residencial horizontal. O partido adotado foi a implantação de 3 torres de 25 pavimentos (24 pavimentos tipo, 25° dúplex), com 2 apartamentos de 4 dormitórios por pavimento, com área privativa de 150 m². Todas as salas e suítes, com amplos terraços, estão voltadas para a face norte, com vista para o condomínio residencial; os demais dormitórios, para leste ou oeste, e os serviços voltados para a face sul e para a Rodovia Castelo Branco. As áreas comuns abrangem, no pavimento térreo, salões de festas, salões de jogos, sala de ginástica, sauna, vestiários, piscina com solário e viveiro de plantas. No subsolo há quadras de squash. As fachadas receberam um tratamento especial por meio de um jogo de volumes, principalmente pela variação dos terraços e pórticos que somados à combinação das cores azul, verde, cinza e branco dão destaque ao conjunto.

Cambiaghi Filho, Henrique – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1973
Colaboradores: Carlos Henrique Vieira, Sérgio Álvaro de Oliveira
Consultores: MG&A Consultores de Solos S/C Ltda., PROVIR Engenharia Ltda., TEKNIKA Projetos e Consultoria S/C Ltda.

Hotel Plaza Inn Master (1996) Uberlândia, MG

Num terreno de dimensões modestas, foi implantada uma torre de 17 andares, 14.000 m², com centro de convenções, 2 restaurantes, piscina, salão de ginástica e capacidade para 300 hóspedes. A torre integra-se a um shopping, criando um contraste cuja intenção é transformar o edifício em marco referencial na cidade. Para enfatizar esse aspecto, foi instalado em seu topo um relógio que pode ser visto de vários pontos da cidade. A fachada é revestida em cerâmica e granito. Os detalhes são executados em alumínio especial. Como a insolação na região é intensa, foram instalados brises nas janelas, como forma de controlar a luz e a temperatura. Para complementar o sistema de controle térmico, foram empregados sistemas de ar-condicionado.

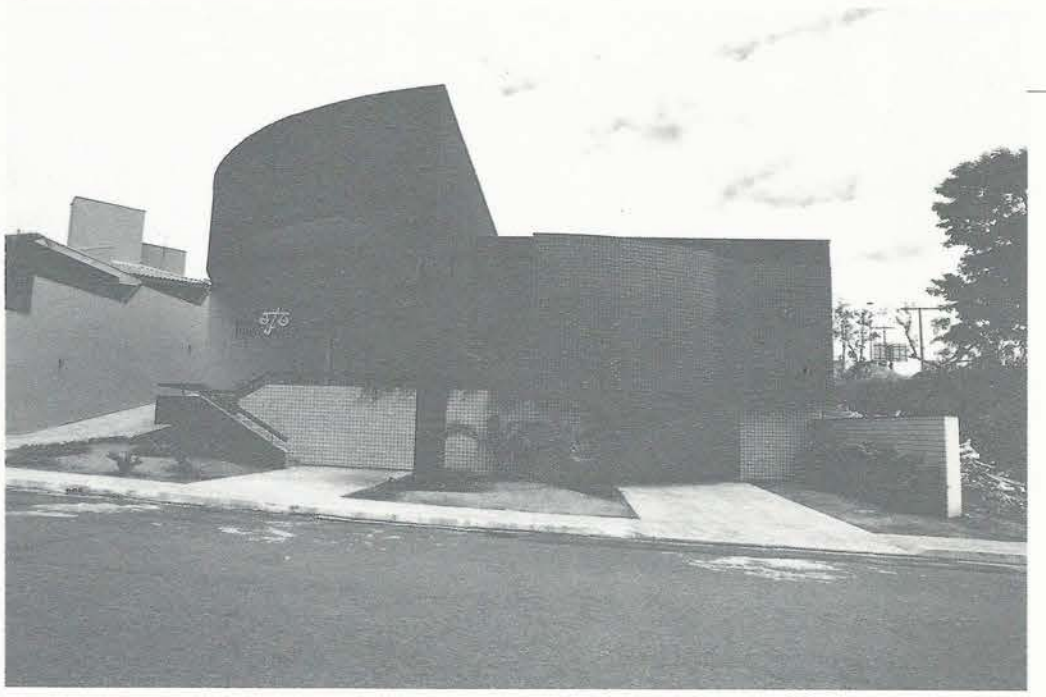


Camillo, Gil Carlos de – Campo Grande, MS – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1989
Consultores: Cláudio Leite Gomes, Rubens Boros

Pithan & Loubet Advocacia (1998)
Campo Grande, MS

Essa edificação foi projetada para um escritório de advogados. O aclive acentuado do terreno e a presença de rochas e piçarras induziram a solução da planta em vários níveis, organizada a partir de um amplo espaço central que articula todos os ambientes com jardins, iluminação e ventilação natural. O resultado formal é um volume bastante movimentado, com tratamento diferenciado dos planos formados pelas paredes, por meio de linhas ortogonais e curvas. A sobriedade presente nas texturas e cores dos revestimentos externos reflete a preocupação com a representação da imagem da empresa.

Camillo, Gil Carlos de – Campo Grande, MS – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1989
Consultores: José Roberto Braga, Rubens Boros



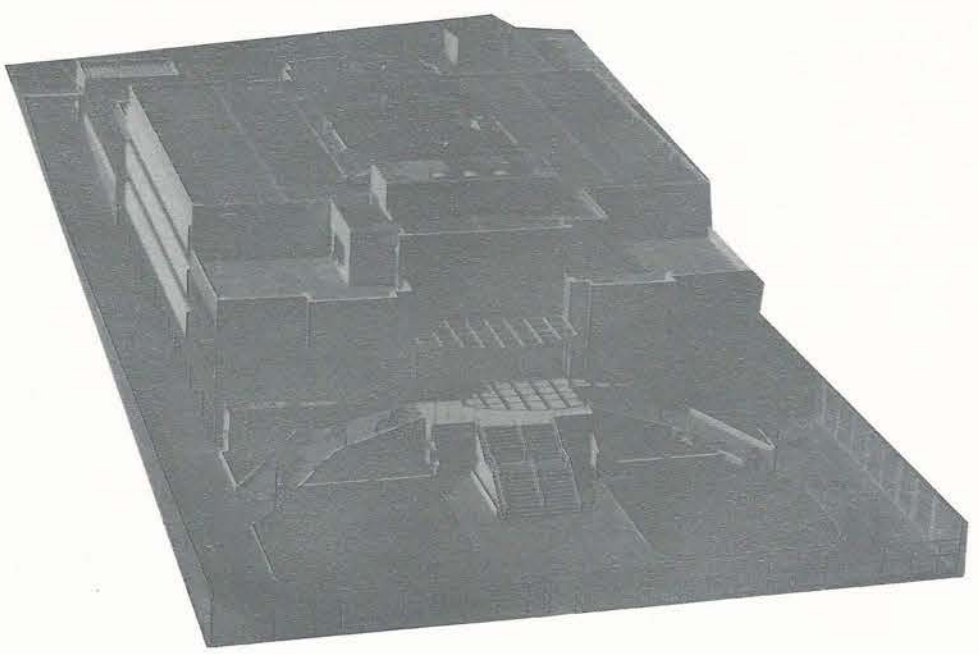
Galeria de Arte – Residência (1999)
Campo Grande, MS

Obra que abriga simultaneamente residência e galeria, ocupando 240 m² de um lote convencional. As distintas funções foram agrupadas em 2 alas: a residência foi posicionada para o Leste e se utiliza dos serviços em comum com a galeria posicionada na ala oposta.
Com um pé-direito duplo e um mezanino, resultante do aproveitamento da declividade da cobertura, a galeria propõe um espaço amplo e bem iluminado por luz natural, por meio de duas cortinas de vidro temperado incolor, dispostas a Norte e a Sul – frente e fundos da edificação.
A cobertura é sustentada por treliças metálicas em forma de arco, com 5 m de balanço em suas extremidades, o que lhe confere maior leveza. Na parte interna, sob as telhas de alumínio pré-pintadas, um forro funciona como isolante térmico.

Campoy, Denise Liberto – São José dos Campos, SP – Faculdade de Arquitetura Belas-Artes de São Paulo, 1987
Chaves, Márcia
Consultora: Maria A. Noronha

Escola de Segundo Grau (1999)
São José dos Campos, SP

A necessidade de edificar uma escola de 5.953 m² no prazo de um ano e de garantir, ao mesmo tempo, um espaço confortável e belo foi determinante para a elaboração do projeto. A escola foi construída com estrutura metálica pré-fabricada. Para evitar a semelhança do edifício com galpões industriais, as fachadas receberam um tratamento com cores, brises, panos de vidro e texturas diversas.
O edifício desenvolve-se em torno de um pátio interno que pode ser utilizado como área de recreação aberta ou como auditório coberto por uma estrutura metálica retrátil. Toda a circulação da escola é voltada para esse vazio.
O lobby principal tem pé-direito triplo. Nos pavimentos adjacentes, estão localizadas as partes administrativa e pedagógica da escola. A biblioteca, na área oposta ao lobby, tem pé-direito duplo e é um elemento de destaque no conjunto pela transparência dos vidros e espaços amplos.

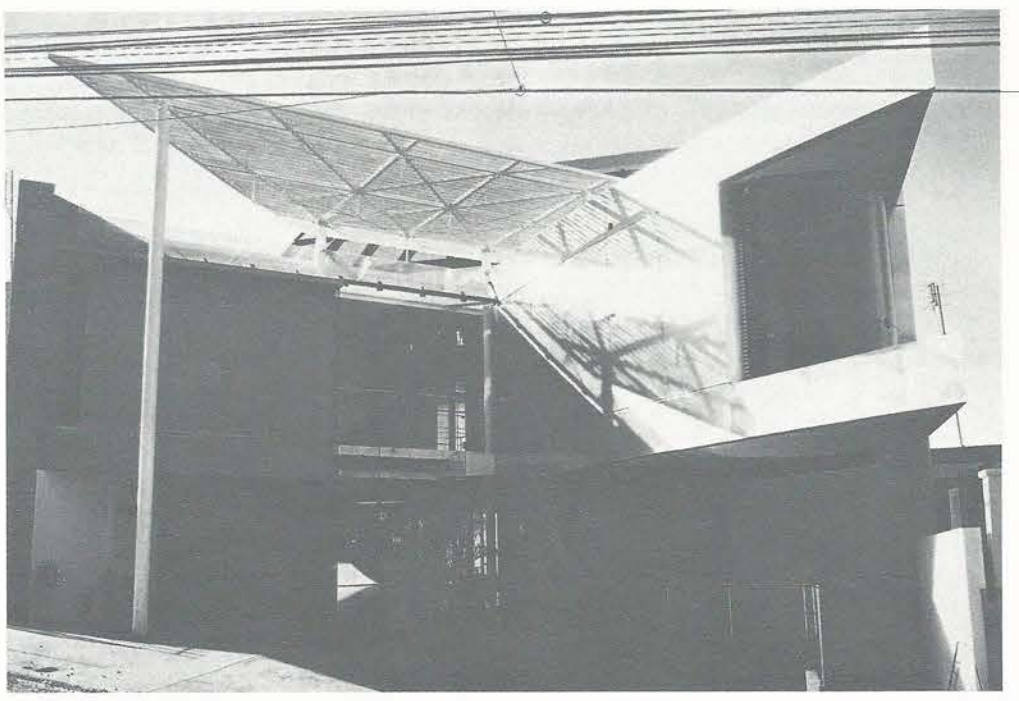


Cañas, Victor – San Pedro de Montes de Oca, San José, Costa Rica – Universidade Ibero-Americana do México, 1972
Consultores: William Bolaños, Nitasha Namora, Juan Carlos Ortiz, Roberto Vargas Dengo, High Light de Costa Rica

Casa Robinson (1999)
Guanacaste, Costa Rica

A casa foi projetada como duas áreas separadas (casa principal e estúdio), unidas por uma sala de TV que pode ser integrada a qualquer uma delas. A parte principal da casa foi construída sob um telhado duplo com uma série de planos horizontais que permitem ventilação natural e abriga as áreas sociais, o estúdio, a suíte principal e o jardim interno. O jardim, criado a partir da formação rochosa natural do local, atravessa a casa de uma extremidade à outra, como uma fenda que integra o interior e o exterior. As áreas da casa estão em diferentes níveis e são ligadas ou articuladas por pontes de madeira que atravessam a fenda-jardim. Toda a casa está aberta e dela se avista o Oceano Pacífico, a vila de pescadores de Playas del Coco e uma mata primária.

Cañas, Victor – San Pedro de Montes de Oca, San José, Costa Rica – Universidade Ibero-Americana do México, 1972
Consultores: William Bolaños, Nitasha Namora, Juan Carlos Ortiz, Roberto Vargas Dengo, High Light de Costa Rica



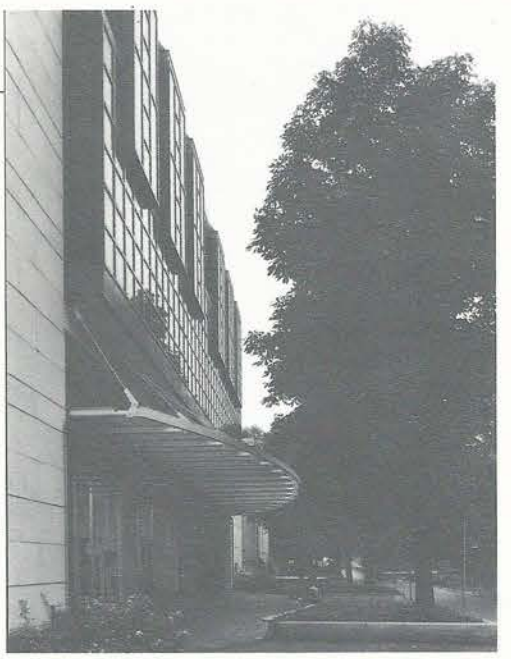
Instituto de Idiomas – ILISA (1999)
San José, Costa Rica

Situado no lado leste de San José, este Instituto de Idiomas localiza-se na parte mais alta de um terreno ocupado com construções prévias apropriadas a uma escola. O novo edifício foi projetado para ser a principal entrada para o complexo, e sua imagem tinha de ser facilmente reconhecível, especialmente para aqueles que chegam pela primeira vez. Para tanto, uma entrada côncava foi projetada num ângulo voltado em direção ao acesso principal. Acima desse espaço exterior, flutua uma pérgola de alumínio formando um pórtico de pé-direito duplo. Com o intuito de manter escala com a rua, a massa desse edifício de quatro andares ficou localizada ao fundo, de onde também se desfruta da melhor vista. O programa pedia espaços em que grupos reduzidos de alunos pudessem se reunir para aulas de conversação. Esses espaços receberam cuidados especiais para evitar a sensação de compartimentação. Foram usadas paredes diagonais, curvas, pés-direitos triplos e duplos e muita transparência.

Carabajal Gustavo – Veneza, Itália – Universidade Nacional de Rosário, Argentina, 1988
Bonagiunti, Laura – Veneza, Itália – Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, Itália, 1968
D'Agostino, Roberto – Veneza, Itália – Universidade de Veneza, Itália, 1968
Colaborador: Gianni Prerieri/Consultores: Giovanno Nuti, Lucina Mastroianni, Giovanni Stagni, Ivan Frascari

Reestruturação e Ampliação da Clínica de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital Santa Úrsula (1996) – Bolonha, Itália

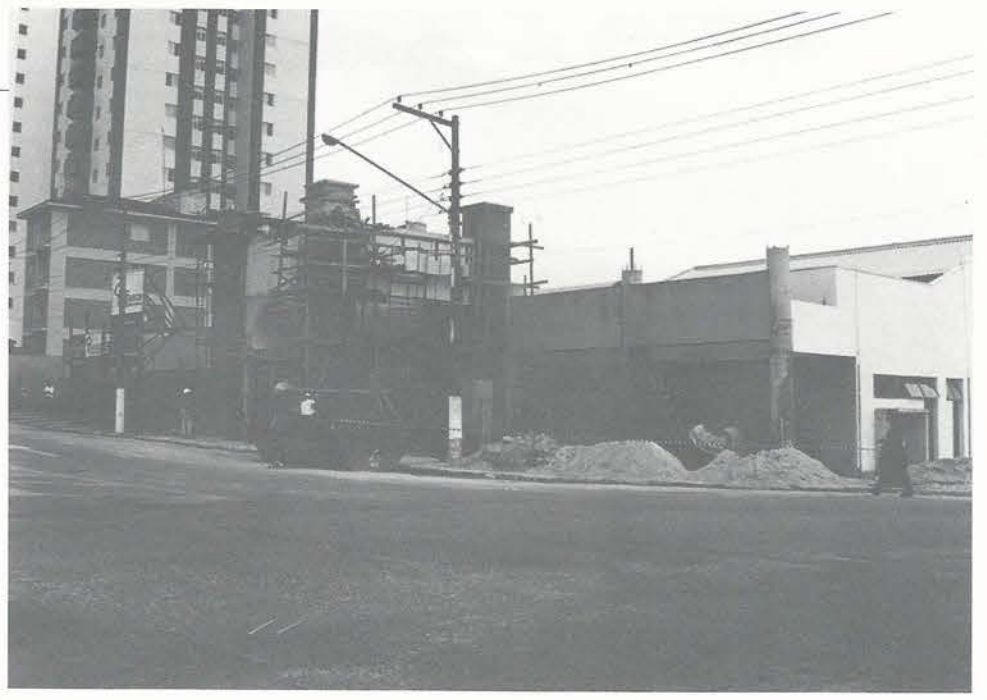
Trata-se de uma intervenção num edifício público, construído por volta de 1934, que tem alta qualidade arquitetônica e construtiva. O projeto arquitetônico preserva a construção anterior, amplia a área com um anexo integrado e propõe modificações sem que a estrutura original seja alterada.
A reforma no velho edifício transformou os quartos em apartamentos para 3 leitos e ampliou o subsolo para a instalação de serviços de apoio e laboratórios. Já a ampliação, integrada internamente com o edifício original, desempenha papel preponderante por abrigar todas as inovações técnicas e funcionais da clínica. No primeiro andar, encontra-se a entrada de emergência, a recepção e a entrada de pessoal. No novo átrio, foram colocados elevadores correspondentes aos dois setores do prédio. No piso intermediário, organizam-se os espaços para estudos universitários. Os quartos novos localizam-se no primeiro andar. A nova cobertura envolve os dois edifícios, liberando o último andar do prédio original.



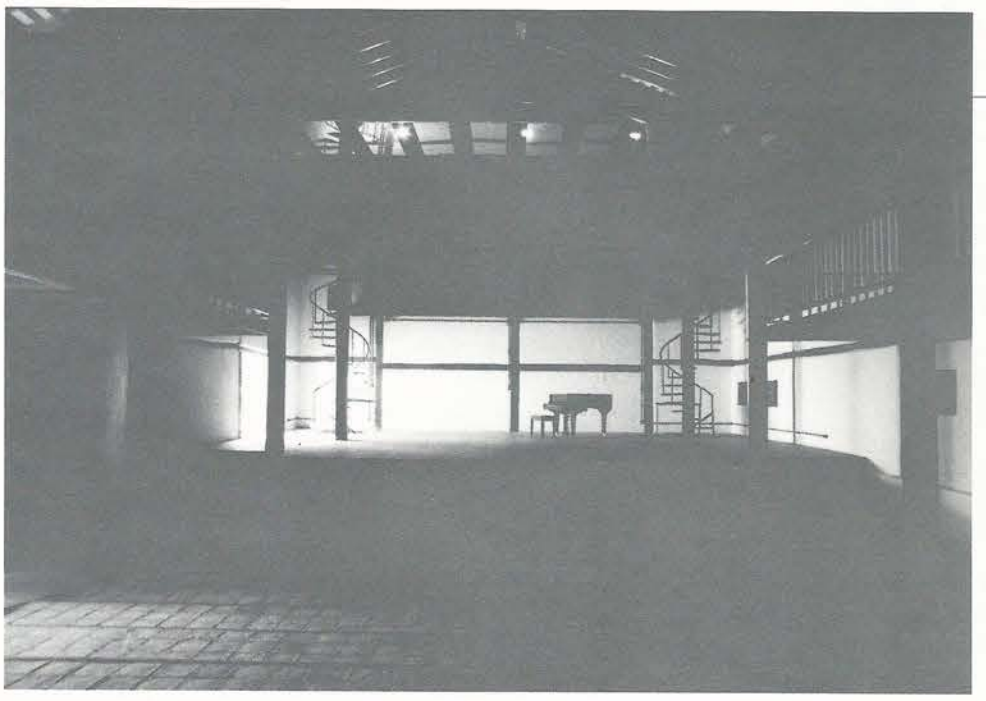
Castro Filho, Luís Domingues de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1974
Venturoli, Marcelo – São Paulo, SP

Velório Municipal de Osasco
Osasco, SP

O partido arquitetônico teve como diretriz manter o antigo edifício do velório em funcionamento, enquanto era construído o novo no mesmo local. Foram criados três blocos distintos: bloco do velório, da lanchonete e o bloco da funerária.
Esses blocos foram articulados por uma rua interna.
A composição da fachada principal cria uma linha divisória entre o exterior e o interior do edifício.
A fachada com ausência de vãos diretos não permite visuais de dentro para fora e vice-versa. A implantação do edifício em um terreno de esquina possibilita que as ruas internas sejam articuladas com as vias públicas.



Cavalcante, Silvio – Brasília, DF – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 1980
Chaves, Luis Otávio Santos/Antonio Fernando Batista dos
Colaboradores: Liu Dórea, Renato Bulcão, Paulo Sérgio Galeão, Neusa Cavalcante



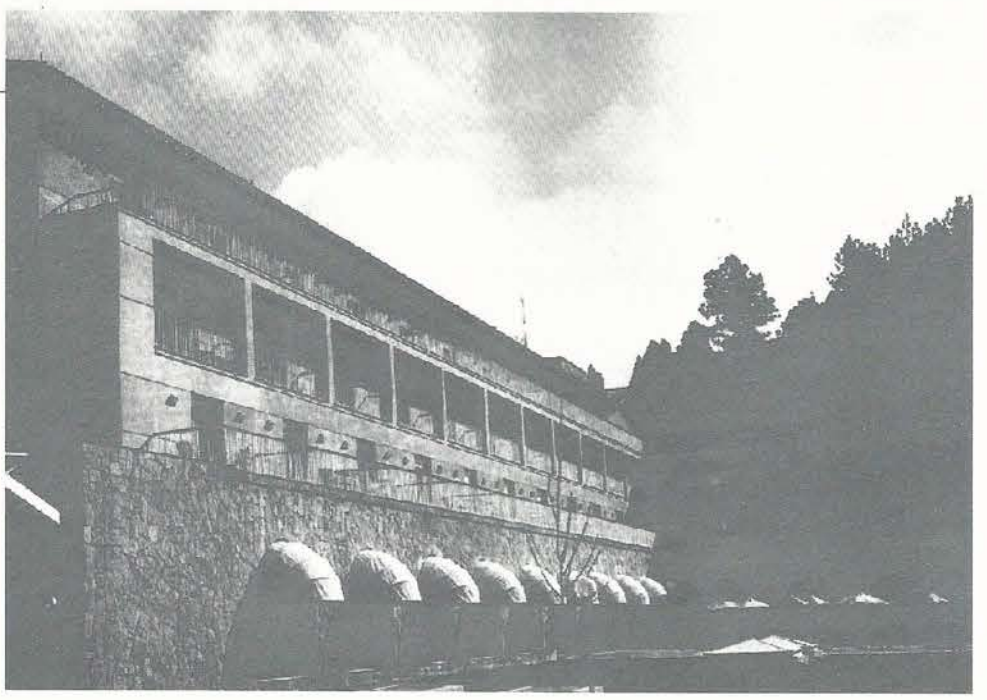
Largo da Matriz – Entroncamento Cultural (1999)
Pirenópolis, GO

"Largo da Matriz – Entroncamento Cultural" refere-se a quatro projetos de restauração distintos e complementares.
Restauração da Igreja da Matriz: A Igreja da Matriz de Nossa Senhora do Rosário é uma construção barroca, a primeira obra religiosa de Goiás, construída entre 1732 e 1736. A restauração iniciada em 1996 incluiu estrutura, coberturas, esquadrias, reboco e pinturas.
Theatro de Pirenópolis: construído em 1899, no largo da Matriz, o teatro já havia sido submetido a diversas reformas. O desenho da estrutura de madeira e a volumetria do edifício foram mantidos. O foyer foi ampliado com a concentração dos banheiros numa das empenas.
Cine Pirineus: Antigo teatro, o edifício sofreu uma reforma na década de 30. O edifício será de uso cultural múltiplo e poderá ser usado como teatro, cinema, área de exposições, feiras.
Largo da Matriz: preservado até 1980, o largo da Matriz, traçado urbanístico típico do barroco, foi descaracterizado por uma edificação que o dividiu em dois. A proposta é restaurar o largo.

Chahin, Ricardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1965

Grande Hotel de Campos do Jordão (1998)
Campos de Jordão, SP

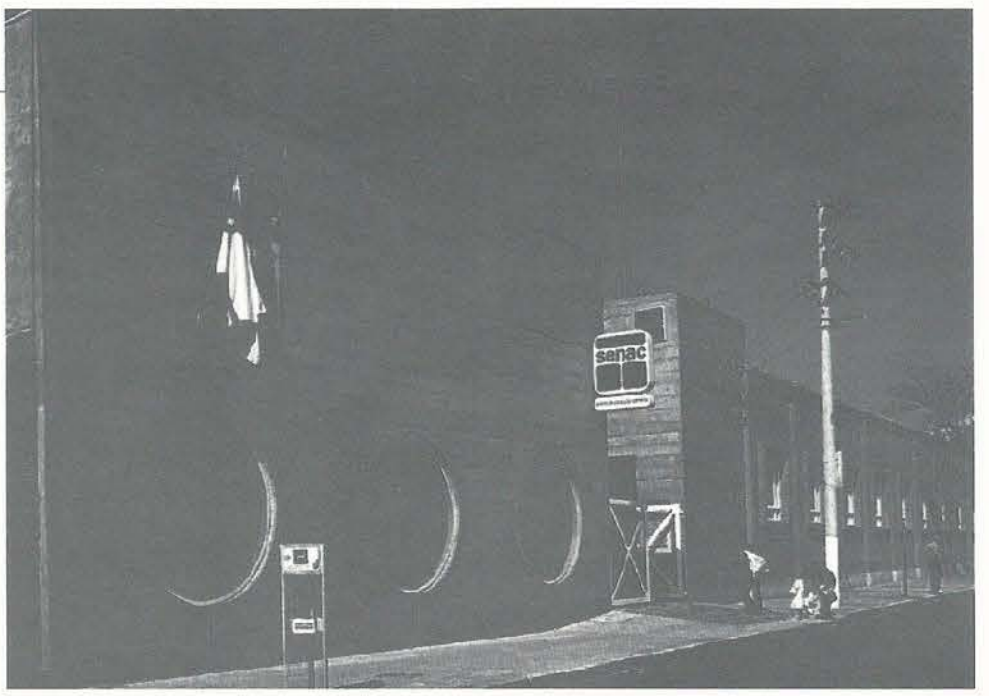
Projetado pelo arquiteto Oswaldo Bratke ainda em sua fase pré-modernista, o Grande Hotel de Campos do Jordão, inaugurado em 1944, foi reaberto após passar por uma grande reforma. A intervenção procurou compatibilizar as inovações do repertório contemporâneo com o prédio histórico, exemplo importante da arquitetura brasileira, cujas formas elegantes e quase monásticas – para os padrões atuais – destinavam-se a servir de pano de fundo para o cassino, maior atrativo ali instalado. O complexo foi doado ao Senac pelo governo estadual, em 1982, para a implantação de um hotel-escola.



Chahin, Ricardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1965
Colaboradores: Patrícia Arantes Cestari, Marcelo D. Ferreira, Cristine Cosentino

Centro de Educação em Moda – SENAC (1998)
São Paulo, SP

A proposta segue a tendência de dar novo uso a instalações fabris.
Erguida com alvenaria de tijolos de barro, a fábrica, da década de 30, abrigou uma tecelagem desativada há cerca de 10 anos. Depois de passar por abrangente reforma e ampliação, recebeu o Centro de Educação em Moda do Serviço Nacional do Comércio (Senac/SP).
Os espaços recuperáveis da antiga fábrica foram aproveitados e novos blocos de concreto foram inseridos. Num espaço com pé-direito de 5 metros, a estrutura, as aberturas da fachada, os sheds e as proporções das esquadrias foram mantidos. O resultado foi uma área destinada a estudos, eventos e exposições, com implantação ortogonal marcada pela horizontalidade.



Chalhub, Antonio – Vila Velha, ES – Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, 1988
Colaborador: Arnóbio Malavasi Filho
Consultor: Figueiredo Ferraz Engenharia de Projetos

Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Espírito Santo (1999) – Vitória, ES

A sede regional do Tribunal Eleitoral, instituição que opera relações essenciais na gestão do regime democrático, exige um edifício cuja imagem simbólica seja capaz de refletir tal importância. Daí se optar por uma arquitetura que, por formas geométricas puras, refletisse a necessidade de solidez e permanência da instituição.
A partir desses conceitos iniciais, buscou-se a organização dos espaços em 2 blocos simétricos, interligados por elementos circulares, em que a simetria pudesse invocar o equilíbrio da justiça. A interpretação das inter-relações das diversas funções do Tribunal e sua articulação com os sistemas de circulação orientaram a distribuição das áreas do programa, nos planos vertical e horizontal, de forma a garantir a privacidade e funcionalidade necessárias.
O volume formal externo, em suas linhas simples, oculta a complexidade do programa e a variação das formas internas, contidas no tratamento diferenciado do térreo, do pavimento do Tribunal Pleno e Salão Nobre, bem como do último pavimento destinado à presidência.

Chalhub, Antonio – Vila Velha, ES – Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, 1988
Colaborador: Arnóbio Malavasi Filho

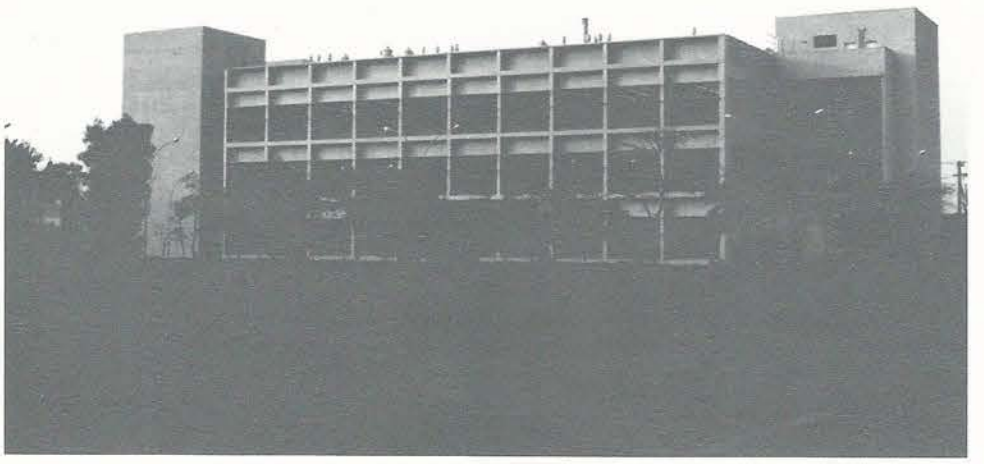
Edifício Residencial Lobster (1999)
Vila Velha, ES

Situado em terreno próximo à Praia de Itapuã, em Vila Velha, o edifício foi concebido para atender à necessidade de um condomínio residencial de alto padrão e tem por objetivo marcar a paisagem por meio de sua verticalidade.
O edifício foi implantado com um amplo recuo do alinhamento frontal da via da praia, o qual foi ocupado com área de lazer e duas piscinas que ladeiam o acesso de pedestre, organizado a partir de um eixo central que se dirige ao saguão principal.
A volumetria do prédio é caracterizada por um prisma triangular, com destaque para seus contornos curvos em vidro escuro, em dois de seus vértices. Esse volume abriga um pavimento térreo articulado com um mezanino, destinado a salão de festas; 10 pavimentos tipo, de um apartamento por andar; e o último pavimento formado por um apartamento diferenciado de cobertura.

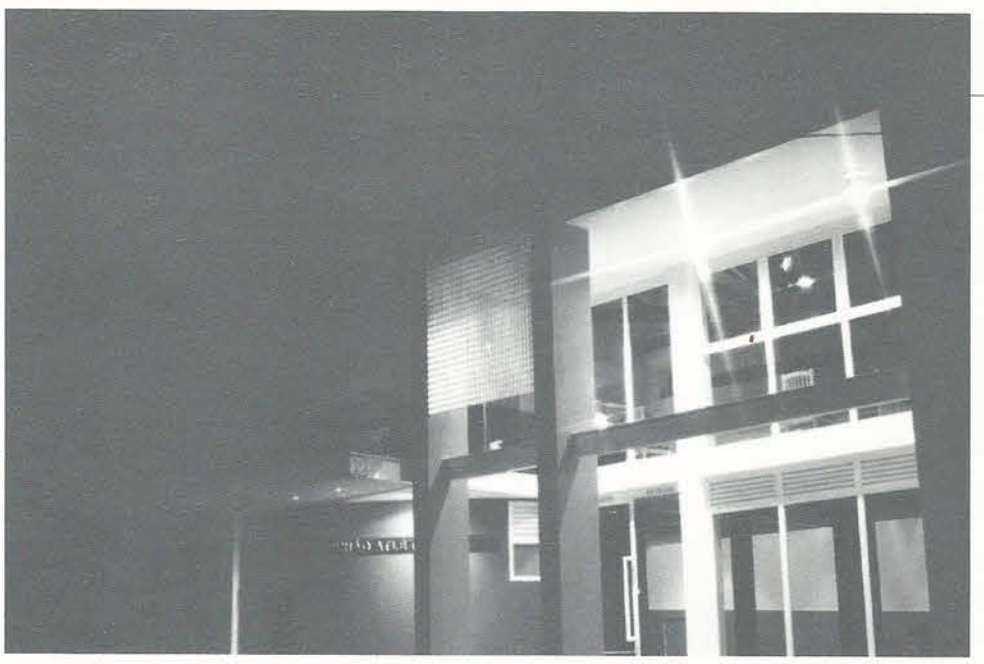
Chavedar, João Francisco – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1982
Carvalho, Gilberto Gomes de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1979
Caram, Luciana Maria – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1996
Colaborador: Maurício Ribeiro/Consultores: Jaako Poyry, Pontual Engenharia de Projetos, Vidy Instalações Especiais

Laboratórios de Aplicação Técnica para Clientes (1999)
São Paulo, SP

O programa do edifício trata de uma grande área central com planta livre para abrigar os diversos laboratórios químicos da empresa. Era primordial também que o edifício dialogasse com a sede administrativa da empresa, projetada por Giancarlo Gasperini nos anos 80, principalmente quanto à volumetria e aos materiais empregados, visando a uma uniformidade visual. O partido arquitetônico adotado caracteriza-se pela busca dessa unidade formal entre os edifícios. O novo espaço estrutura-se por meio de uma grande área central destinada à implantação dos laboratórios de aplicação técnica, modulados a cada 4 m e planta livre, privilegiando uma circulação central que liga as duas extremidades onde estão situados os sanitários, a circulação vertical e as áreas de apoio. O volume central do edifício é marcado por uma grelha estrutural, próximo às fachadas leste e oeste, protegidas por brises horizontais. As extremidades, onde estão instaladas as circulações horizontais, caracterizam-se por curvas e reentrâncias.



Chavedar, João Francisco – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1982
Carvalho, Gilberto Gomes de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1979
Caram, Luciana Maria – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1996
Colaborador: Maurício/Consultores: Otacílio Garcia Leme, Pontual Engenharia de Projetos



Sede Social do União Atlético Clube (1999)
Socorro, SP

A ampliação e reforma das instalações do clube, situado na Praça Matriz de uma cidade interiorana do Estado de São Paulo, objetivam modernizar o velho edifício sem, no entanto, agredir a harmonia predominante no entorno da Praça. O partido arquitetônico adotado caracteriza-se pela transparência dos espaços, obtida por grandes panos de vidro, o que cria uma ligação entre o interior e o exterior do edifício. Uma marquise, extensão do mezanino onde se localiza o bar do clube, avança sobre o passeio público e garante ainda mais a integração com a praça.

Chavedar, João Francisco – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1982
Carvalho, Gilberto Gomes de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1979
Caram, Luciana Maria – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1996
Colaborador: Maurício Ribeiro/Consultores: Otacílio Garcia Leme, Diâmetro Projetos SC Ltda.

Residência Unifamiliar (1999)
Mogi das Cruzes, SP

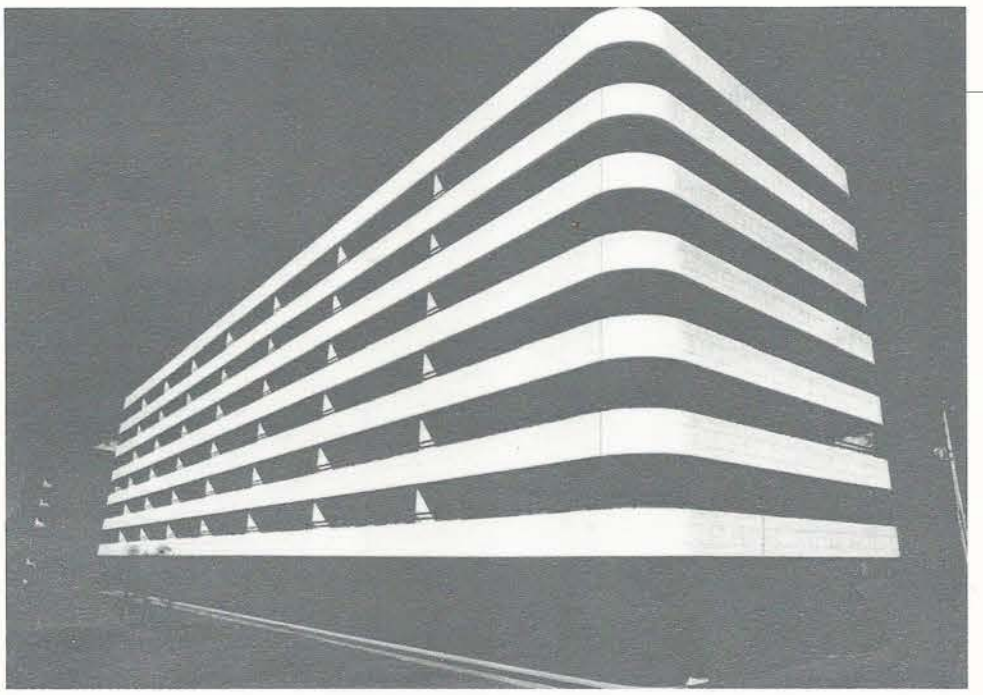
O partido arquitetônico da residência considerou sua proximidade com a mata natural preservada. Um módulo central, ocupado pelas áreas sociais, integra todas as demais dependências por meio de uma ponte. Um mezanino permite desfrutar a paisagem pelos caixilhos abertos para a face norte, com vista para uma pedreira desativada, e para a face sul, com vista para a mata. A circulação vertical e a ponte, elementos estruturadores, localizam-se em frente a uma cortina de vidro que faz a continuidade visual entre interior e exterior.

Childs, David M. – Nova York, Estados Unidos – Universidade de Cornell, Ithaca, Estados Unidos, 1982
Abadan, Mustafa
Colaboradores: John H. Winkler, Steve A. Apking/Consultores: Cosentini Associates, Thornton Tomasetti, Lee Weintraub

UBS/Warburg Dillon Reed Center – Fase I (1998)
Stamford, Estados Unidos

O novo complexo é constituído por um grupo de edificações do qual somente um edifício de escritórios e comércio foi concluído. O conjunto fica recuado no interior de um parque que será uma área de lazer a ser desfrutada pelos moradores. O edifício contém 13 andares, 1 pavilhão de exposição/negócios adjacente de 7 andares e 1 área de estacionamento. A área comercial acomoda 600 lojas numa arena abobadada. O vão livre é rodeado por escritórios envidraçados, abrindo o andar para as vistas exteriores, em todas as direções. Na parede oeste do 7° nível, acima do andar de exposições, localiza-se um mezanino que abriga salas de reuniões e áreas de observação. Tal como a área comercial, os andares de escritórios da torre exibem um espaço panorâmico. Os escritórios foram planejados de modo a serem adaptáveis a diferentes tipos de estações de trabalho, configurações de grupos e estrutura organizacional da companhia.

Cimatti, Valéria – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1992



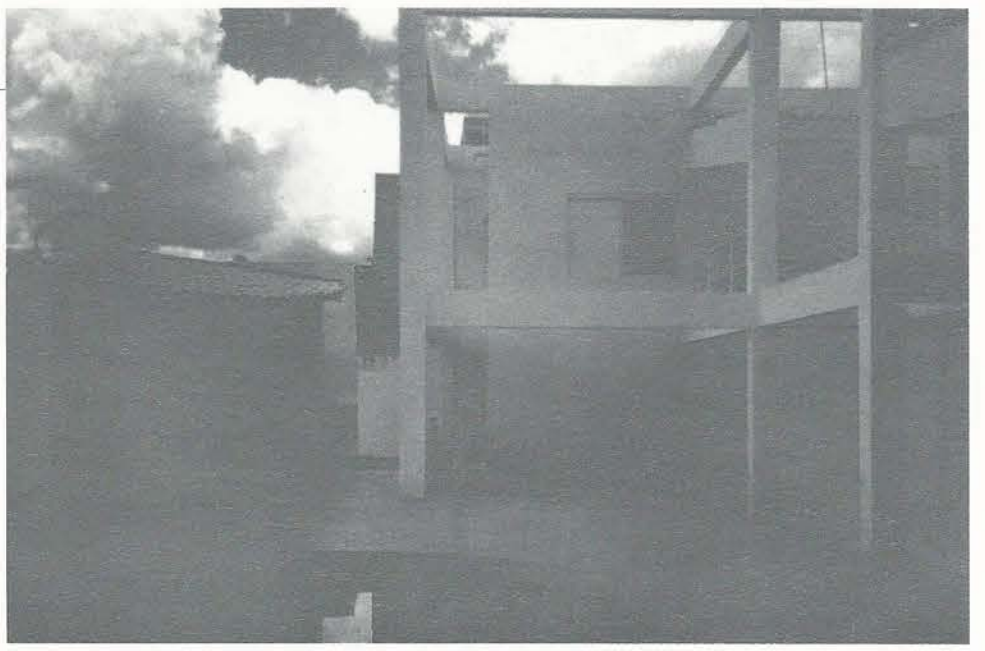
Residencial Palazzo Ducale (1997)
Brasília, DF

A proposta teve como ponto de partida a busca de solução para diferenciar plasticamente a construção dos demais edifícios de Brasília. São 48 unidades residenciais compostas por área social, 4 dormitórios, cozinha e serviço. Os pilotis, área pública segundo as normas, foram projetados de acordo com a idéia original de Brasília para as quadras residenciais: áreas públicas verdes ao redor da projeção com grandes espaços cobertos e livres sob os blocos. Os pilares em forma de "Y" funcionam estruturalmente como uma transição, diminuindo pela metade a quantidade de colunas. Na cobertura foi implantada uma área de lazer com todos os equipamentos necessários para utilização dos moradores. Nos apartamentos, foram construídas grandes varandas, criando-se um eficiente brise que ameniza os efeitos da insolação. Os terraços marcam as fachadas com traços horizontais, interrompidos pelas torres de circulação vertical.

Cimatti, Valéria – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1992

Casa no Lago Norte (1997)
Brasília, DF

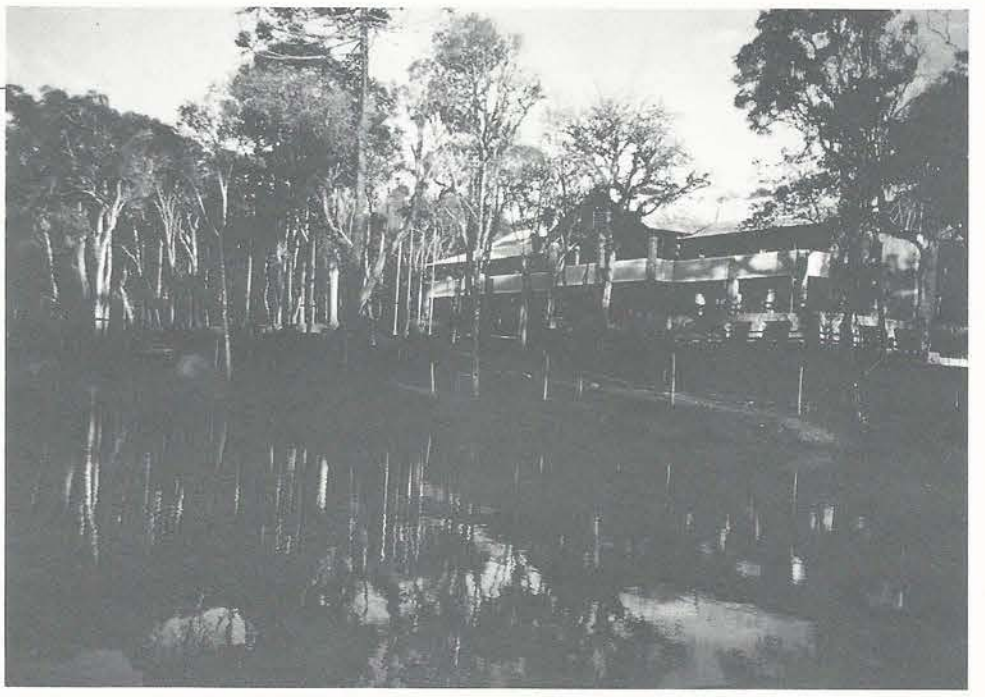
Essa residência, de posição privilegiada na paisagem, situa-se às margens do Lago Paranoá e limita-se também, nos fundos, com uma grande extensão de área verde que expande a área de lazer da casa. O hall social foi concebido com pé-direito duplo e vista para a piscina e jardins. Também com pé-direito duplo e grandes aberturas no forro de madeira clara, a sala de estar foi projetada para comportar quatro ambientes. A sala de jantar, com espaço para bar, separa-se da copa por um painel de vidro jateado.
Uma escada metálica, com degraus de madeira, liga os dois andares. No segundo piso, estão a sala íntima e os dormitórios, que têm vista para a área verde e o Palácio da Alvorada.
As vigas externas, soltas, são como uma moldura, marcando a volumetria com elementos horizontais e verticais cortados pelo telhado.



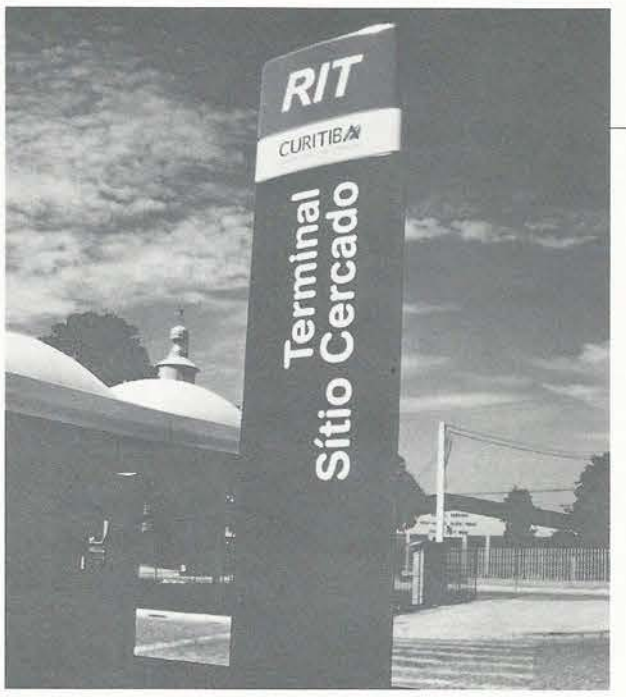
Coelho, Manoel – Curitiba, PR – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, PR, 1967
Abrão, Antonio – Colaboradores: Lucas Bertoldo, Patrícia Gasparelo, Rosiane Laproski, Eliza Sawada
Consultores: Rogério Carvalho, Mário Skraba

PUCPR Câmpus Fazenda Experimental Gralha Azul (1999) Fazenda de Rio Grande, PR

A PUCPR, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, conta atualmente com uma estrutura de três câmpus universitários em Curitiba e na região metropolitana. A Fazenda Experimental Gralha Azul, distante 30 km de Curitiba e com área de 850 hectares, destina-se às atividades experimentais teóricas e práticas dos cursos de agronomia, veterinária e zootecnia. Com um programa de necessidades pouco usual em arquitetura e escassas fontes de pesquisas, procurou-se desenvolver os projetos com cuidado especial quanto ao uso das edificações e à escolha de materiais que proporcionassem unidade ao conjunto e implantação harmoniosa com a natureza.



Coelho, Manoel – Curitiba, PR – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, PR, 1967
Abrão, Antonio – Colaboradores: Lucas Bertoldo, Patrícia Gasparelo, Rosiane Laproski, Eliza Sawada
Consultores: Pedro Paulo Coelho, Joaquim Carvalho Mafra



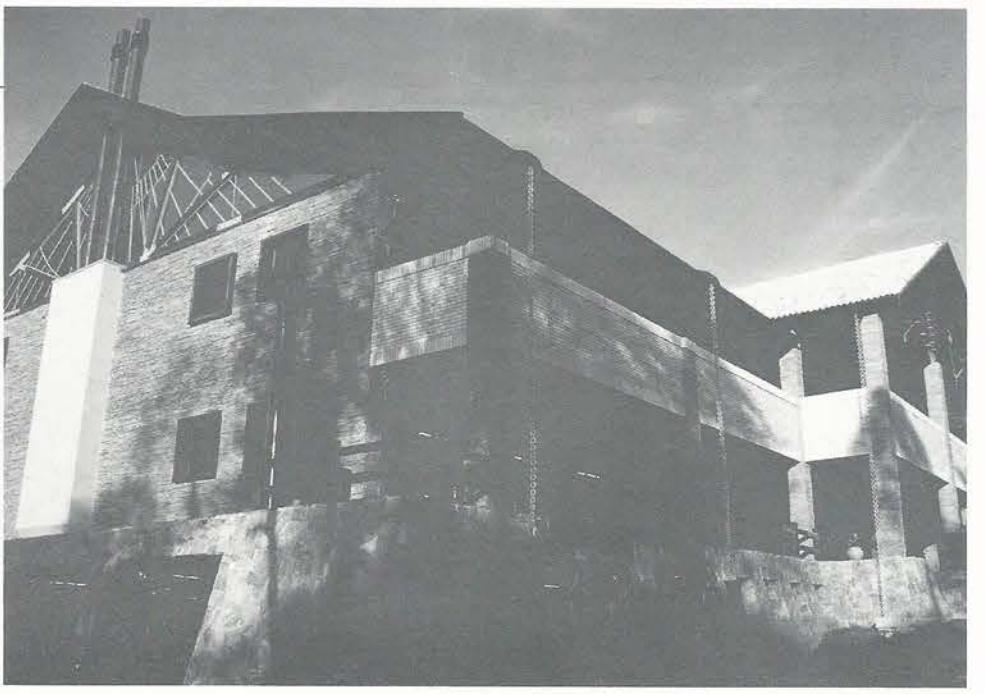
Sistema de Sinalização e Mobiliário para o Projeto de Revitalização dos Terminais de Transporte Urbano de Curitiba (1999) – Curitiba, PR

Curitiba é conhecida por seu excelente sistema de transporte urbano, composto por uma rede integrada que se estende à região metropolitana por meio de interligações com ônibus especial do tipo "ligeirinho". Partindo dessa proposta e visando à revitalização dos terminais existentes e à criação de outros, foi desenvolvido o Sistema de Sinalização e Mobiliário. O Sistema de Sinalização é composto por um conjunto de monolitos, placas diretivas de piso e aéreas, placas indicativas e painéis de orientação aplicados nos espaços dos terminais. O Sistema de Mobiliário consiste em bancos e lixeiras. O projeto teve como objetivo a produção de um conjunto que apresentasse vantagens na implantação, na conservação, no remanejamento e na confecção das peças

Coelho, Manoel – Curitiba, PR – Universidade Federal do Paraná, 1967
Abrão, Antonio – Curitiba PR/Colaboradores: Lucas Bertoldo, Patrícia Gasparelo
Consultores: Rosiane Lapkoski, Elisa Sawada, Pedro Paulo Coelho, Joaquim Mafra

PUCPR – Bloco Didático da Fazenda Experimental Gralha Azul – (1999) – Fazenda do Rio Grande, PR

O bloco didático da Fazenda Experimental Gralha Azul foi o primeiro edifício construído no câmpus da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, dedicado aos cursos da área de agronomia, veterinária e zootecnia. O bloco está equipado com salas para aulas práticas e teóricas além de espaços de estar, cantina, restaurante e auditório para múltiplo uso. As salas de aula prática, em forma de anfiteatro, encontram-se no pavimento térreo. Na construção foram utilizados materiais de características naturais como tijolos e telhas de barro com textura rústica e cor clara e pedras de arenito em pedaços irregulares. A estrutura da cobertura vence um vão de 20 m por meio de tesouras de madeira aparentes internamente. O entorno da construção e do lago foi tratado com paisagismo que complementa a vegetação natural existente.

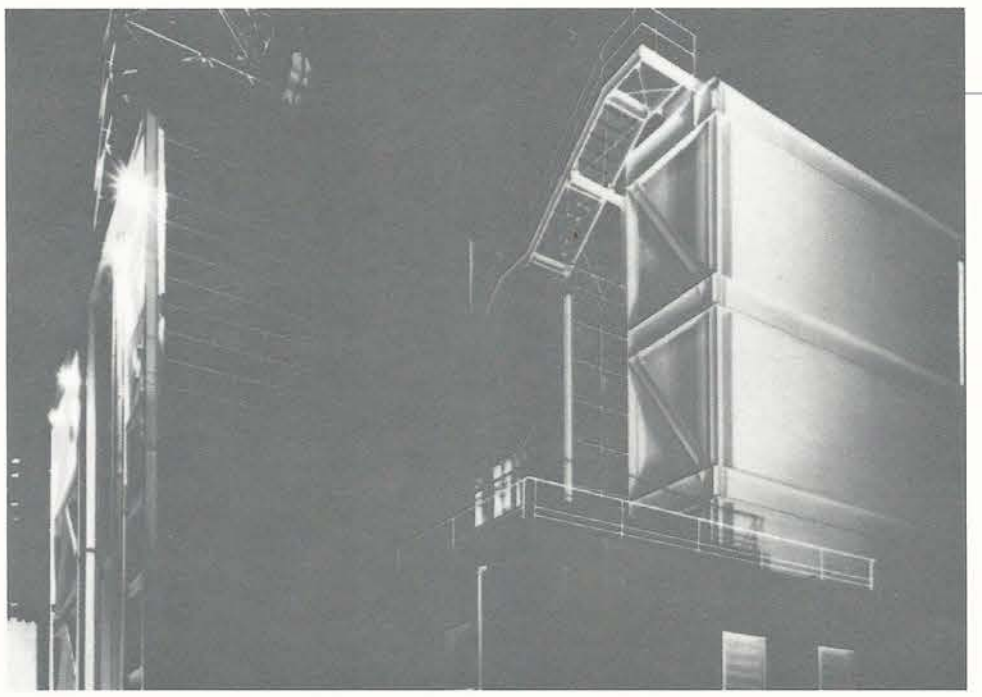


Conrads, Reinhard Matthias – Jaraguá do Sul, SC – Escola Técnica Superior, Düsseldorf, Alemanha, 1990

Agência de Propaganda "Corporate Identity" com História Resgatada (1999)
Jaraguá do Sul, SC

O projeto de uma nova sede para uma agência de propaganda incorporou uma construção preexistente no terreno. Justapondo a nova construção à antiga, foi possível cumprir o programa proposto e, ao mesmo tempo, integrar a residência com o mínimo de alterações em sua concepção original. A nova construção une-se, internamente, com a antiga por meio de acessos criados com a demolição de paredes, criação de novas aberturas e se diferencia, externamente, pela utilização de linguagem atual. Houve também a intenção de preservar a vegetação existente, evitando a derrubada de árvores por meio da criação de um pátio interno.

Corbucci, Jupira – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 1984
Barbosa, Marcelo Consiglio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP, 1984/Colaboradores: Denise Matsutazaki, Lucimara Correia, Francisco Angotti Salgueiro, Emerson Hungaro/Consultores: Ernesto Tarnolzy, Avila Engenharia de Estrutura, Planerac Engenharia



Rock-Yard Switch de Telefonia Celular BCP
São Paulo, SP

O edifício abriga equipamentos para transmissão de sinais de telefonia celular. É composto por três blocos independentes, definidos estruturalmente por pilares, vigas e contraventamentos metálicos aparentes em perfis soldados em aço comum com ligações parafusadas. Os blocos são ligados por uma circulação técnica em placas de chapa xadrez. A circulação técnica é a única transparência neste conjunto fechado. Os dutos, cabos e equipamentos são aparentes para possibilitar acesso fácil para manutenção. A estrutura metálica foi situada externamente ao edifício, criando uma espessura na fachada, liberando as lajes e vedações externas de interferências com o contraventamento e pilareş. O bloco principal está situado sobre pilotis, com pé-direito de 4,5 m em três níveis, abrigando a switch, as baterias e a chegada de sinais da torre, as circulações verticais e as casas de máquinas e ar-condicionado.

Cortez, Antonio Alberto – São José do Rio Preto, SP – Universidade Federal do Paraná, 1969
Consultores: Rui Giorgi, Caio Matarazzo

Clínica de Cirurgia Plástica e Oftalmologia (1995)
São José do Rio Preto, SP

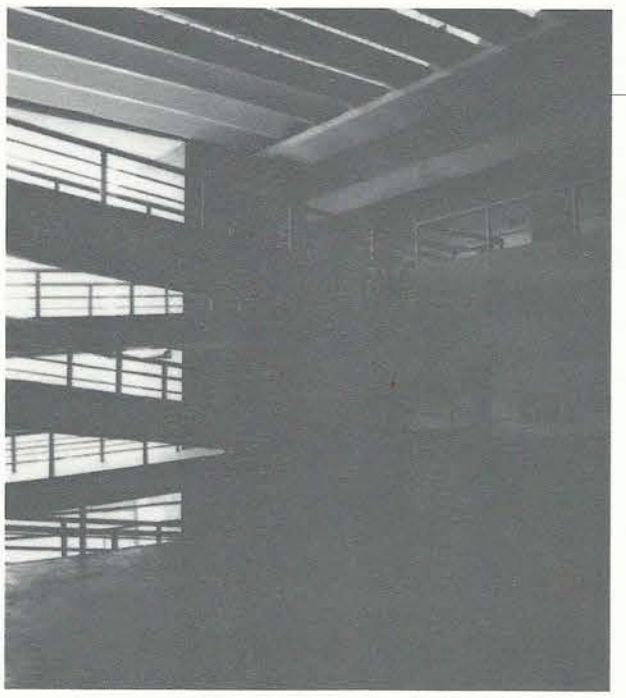
O projeto da clínica de cirurgia plástica e oftalmologia foi concebido de modo a ser executado em duas etapas, sendo que o pavimento térreo — onde funcionam os atendimentos clínicos — já foi concluído. Todos os espaços foram distribuídos em torno de um pátio interno, tratado como jardim, e articulados a partir de áreas avarandadas.

Corvalán, Javier – Assunção, Paraguai – Universidade Católica de Assunção, Paraguai, 1987
Moure, Paola – Universidade de Assunção, Paraguai, 1994
Colaboradores: Anibal Aguilar, Alejandra Antonelli/Consultor: Canuto Hanssen

Centro de Estudos Sociológicos do Paraguai (1998)
Assunção, Paraguai

O trabalho consistiu em achar um meio de integrar duas casas antigas, de tempos históricos diferentes, na cidade de Assunção – uma do começo do século e a outra dos anos 50, a primeira térrea e a segunda em três pavimentos –, visando à ampliação das instalações do Centro de Estudos Sociológicos do Paraguai.
Foi proposto um sistema de conexão entre as duas casas através do único espaço livre existente entre elas. A idéia foi materializada numa placa de concreto armado em rampa que parte da rua e vai até o fim do terreno, onde acaba numa escadaria alta de três níveis.
A proposta é deixar o interior da casa térrea parcialmente vazio, para o desenvolvimento de atividades culturais múltiplas.
Nas intervenções propostas, seja na forma, seja na utilização dos materiais, a intenção foi salientar a diferença entre o antigo e o novo.

Costa Filho, José Salles – Fortaleza, CE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1977
Barossi, Antonio Carlos/Feitosa, Lautia Cristina
Colaboradores: Robledo Valente Duarte, Esdilas Santos Fernandes/Consultores: João Medeiros, Adriano Gomes



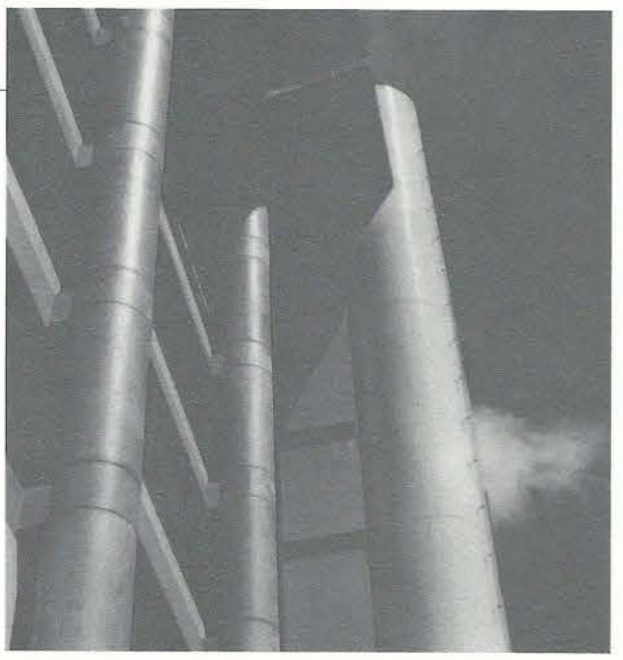
Nordeste Digital Line/CD+
Caucaia, CE

A proposta visou a uma solução compacta em vista das dimensões do terreno e, ao mesmo tempo, ao uso de alta tecnologia construtiva. Propôs-se um conjunto composto por dois blocos interligados por marquises e passarelas, criando um vazio interior transformado em pátio-jardim. No primeiro bloco, de maior dimensão, foram instalados os processos industriais da fábrica de CDs e DVDs, os laboratórios de controle de qualidade, os estoques de matéria-prima e as utilidades industriais. O processo industrial transcorre numa grande vitrina, com acesso visual pleno. No segundo bloco, localiza-se a administração no pavimento superior, e no térreo estão os serviços de apoio e um pequeno estúdio de recepção de informações digitais.
Uma grande marquise de acesso frontal conecta os blocos e se transforma no salão de recepção da indústria/administração.
No conceito estrutural foi utilizado concreto protendido para o bloco administrativo, aço em grandes vigas e tesouras de aço para a cobertura do átrio industrial.

Costa Filho, José Salles – Fortaleza, CE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1977
Lima, Marcondes Araujo/Medina, Antonio Carlos
Colaboradores: Robledo Valente Duarte, Ricardo Werther, Lautia Cristina Feitosa/Consultores: Marcelo Alcântara Silveira, Denise Jucá Silveira, Marcos Botto

Instituto José Frota – IJF (1997)
Fortaleza, CE

O Instituto José Frota é o Hospital-Geral de Emergência da cidade de Fortaleza, o mais importante equipamento de saúde do município. Recebe uma população diária de cerca de 5 mil pessoas. O projeto previa a reforma das instalações já existentes, substituição e construção de outras instalações. São vários blocos compostos, com situações já existentes, em que foi necessário se considerar a preservação e restauração da edificação histórica. O conceito estrutural apoiou-se em grandes vãos em concreto protendido, já que em alguns casos a demanda de pavimento alcança dois mil m².



Costa Filho, José Salles – Fortaleza, CE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1977
Duarte, Robledo Valente/Werther, Ricardo
Consultores: Marcelo Alcântara Silveira, Denise Jucá Silveira, Marcos Botto

Escola de Saúde Pública do Ceará (1997) Fortaleza, CE

Configurado para uma pequena quadra urbana, onde já existia um posto de saúde aproveitado como instalação piloto, o novo edifício resultou numa construção de 2.850 m², com um programa clássico de composição para estabelecimento escolar. Um grade pátio central aberto para a rua é acessado pela pequena rampa sobre um jardim e articula o conjunto de atividades da escola. No subsolo foram instalados o auditório e a área de apoio. No térreo, localiza-se o pátio coberto com telhas de aço coloridas, e nos pavimentos superiores a cada meio nível, estão o restaurante, a biblioteca, as salas de aula e os departamentos. A interligação entre os espaços é feita por uma rampa.

Costa, Júlio César Medeiros – Teresina, PI – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco, 1984
Costa, Lavínia Coelho Brandão – Faculdade de Arquitetura da Universidade Gama Filho, RJ, 1985
Consultores: Demócrito Barreto, Diva Figueiredo

Coração Cultural, Revitalização do Sítio Histórico da Praça Pedro II (1999) – Teresina, PI

Com a expansão do comércio e dos serviços nos bairros, o centro de Teresina sofreu, nesta década, um processo de esvaziamento. Para reverter este quadro, foi proposto o Plano de Revitalização do Centro visando a liberar áreas públicas invadidas por ambulantes; melhorar o tráfego e o transporte coletivo; implantar equipamentos essenciais; valorizar passeios e praças; facilitar o tráfego de deficientes e, principalmente, implantar alternativas de uso da área central. Nessa proposta, a reforma da Praça Pedro II foi decisiva no sentido da retomada das atividades culturais que marcaram o início da revitalização da área central. A criação deste Coração Cultural envolveu, além da reforma da Praça, a restauração e integração do Theatro 4 de Setembro e do Clube dos Diários, tombados pelo patrimônio histórico.

Costa, Norberto Silveira Oehlmeyer – Rio Claro, SP – Departamento de Arquitetura da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 1992

Unidos Bar/Área de Eventos do Projeto Nido (1995) Rio Claro, SP

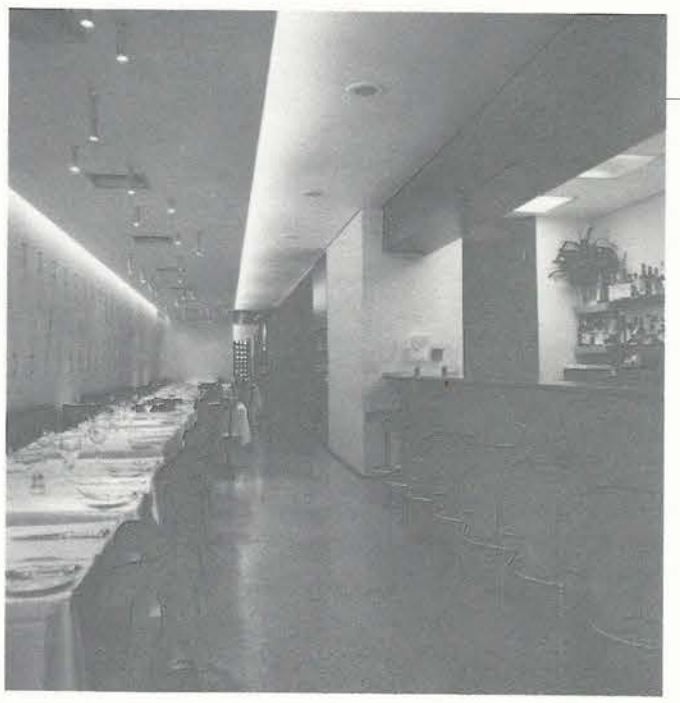
A área de eventos do projeto "NIDO – Núcleo Incubador para o Desenvolvimento de Organizações", incubadora de Empresas criada pela Fiesp-Ciesp em conjunto com a Prefeitura Municipal de São Carlos, foi dividida em quatro módulos: bar, biblioteca, auditório e área de exposições. O bar, único módulo concluído, interliga os outros módulos e valoriza o espaço. É o principal elemento de transição entre todos os ambientes. É constituído por espaços amplos, marcados por curvas sinuosas e por desníveis no piso e no forro. Foram usadas cores intensas que, aliadas aos desníveis do piso, demarcam a hierarquia dos espaços. Tanto o mobiliário quanto a iluminação foram propostos especialmente para esse espaço.

Crescenti, Felippe – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1978
Colaboradores: Fábio Scalisse, ANF Engenharia

Loja Frédéric Chopin (1998)
São Paulo, SP

A fachada principal envidraçada, por sua transparência, permite aos passantes a perspectiva do espaço interno da loja.
O interior é composto por mesas expositoras em madeira rádica noce clara, com tampo de vidro e vitrinas abertas. Há também prateleiras de vidro e fechadas, envoltas em caixas de madeira rádica noce clara, que se alternam até o fundo da loja, onde se encontra o balcão caixa, cujo pano de fundo é uma fachada em madeira que limita a área de serviço do pavimento térreo.
Na área central, uma escada helicoidal dá acesso ao piso superior que abriga o setor administrativo, depósito e área de exposição, recebendo o mesmo tratamento do térreo.
A vitrina frontal com pé-direito duplo permite a comunicação entre os dois pavimentos.

Crescenti, Felippe – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1978
Pecher, Gustavo
Colaboradora: Renata Buggeman



Restaurante Tambor (1996)
São Paulo, SP

Em função do lote urbano, estreito e profundo, adotou-se uma divisão longitudinal das áreas de salão de refeições e serviço. A área reservada às mesas contrapõe uma organização precisa de planos e assentos, em que predominam o preto e o branco. Na face oposta, uma longa parede se alterna em cheios e vazios, com rasgos verticais e horizontais, criando o bar, a saída e entrada de pratos. Esse movimento é realçado pelos maciços de alvenaria que guardam o serviço e recebem uma textura áspera de massa preparada na obra, sobre a qual, em cada segmento distinto, se aplicaram cores vibrantes e contrastantes.

Crescenti, Felippe – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1978
Pecher, Gustavo

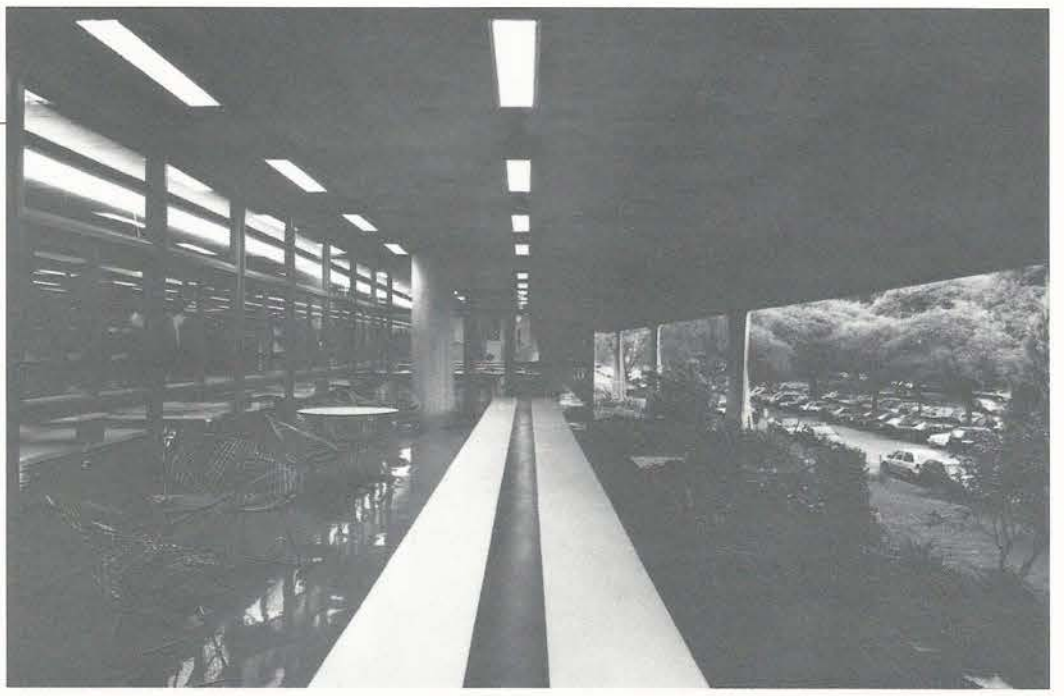
Loja Tok & Stok – Shopping D&D (1999)

Nesse projeto procurou-se diferenciar de forma marcante os espaços de exposição, ambientes e mobiliários daqueles de circulação. Para tanto, adotou-se um forro falso, branco e suspenso, que reforça o desenho desse percurso, contrapondo-se ao teto original do edifício: mais alto, com vigas e lajes em concreto aparente e instalações de ar-condicionado e iluminação. Para as áreas de circulação, o piso é branco, neutro, em oposição ao das áreas de exposição, tratadas de forma cenográfica: diversos pisos com texturas e cores apresentam os arranjos de mobiliários. A iluminação tem um papel determinante para distinguir as áreas de venda, circulação e exposição.

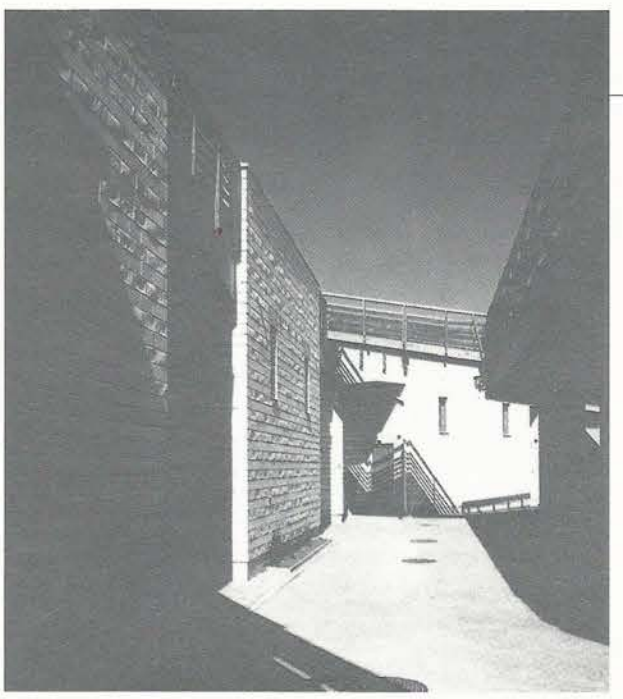
Cruz, José Armênio de Brito – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984
Colaboradores: Marcia Regina Bunemer, Silvia Scalzo Cardoso, Jefferson Keese/Consultores: Senzi & Godoy Consultoria Luminot SC Ltda., Tec Instal Inst. Técnicas Ltda., Kelvin Climatécnica, PAA3D Serviços de Informática, Aluízio Fontana Margarido

Remodelação da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1998)
São Paulo, SP

O projeto visou à atualização das instalações e à ampliação de área. Também objetivou a oportunidade de recuperar pontos relevantes do projeto original do arquiteto João Batista Vilanova Artigas: o terraço com seu longo banco sobre a entrada do prédio e a orientação das estantes. Os critérios dessa intervenção arquitetônica estiveram balizados pela continuidade de funcionamento das atividades e pela garantia da verba destinada. A nova ocupação dos espaços foi valorizada pelos materiais empregados, pela iluminação e pelo mobiliário. A iluminação natural transversa foi reconquistada; luminárias e mobiliário foram especialmente desenhados. Esse projeto viabilizou-se graças ao investimento da Fapesp na infra-estrutura das bibliotecas das universidades públicas.



Cságoly, Ferenc – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica de Budapeste, Hungria, 1972
Hönich, Richard
Consultores: József Keresszténvi, László Budai, Sándor Szalai



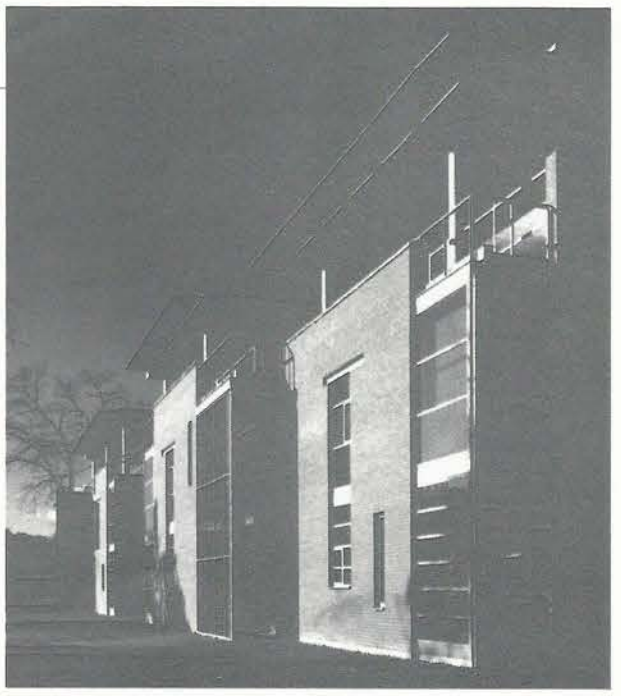
Prédio de Apartamentos – Rua Számadó (1996)
Budapeste, Hungria

O prédio foi erguido na colina mais conhecida de Budapeste, no lado oeste do monte Gellért. O monte Gellért é um pouco diferente das outras colinas que circundam as margens do Danúbio, distante e solitária, com sua vasta face rochosa voltada para o rio. Quatorze tipos diferentes de apartamento podem ser encontrados no prédio, com plantas diversas e áreas entre 80 e 200 m². Os apartamentos na ala em formato de serpentina são de dois andares: sala de estar no térreo em contato direto com o jardim, e o dormitório no primeiro andar. O edifício de apoio oferece vários serviços: escritórios, piscina, sauna, academia de ginástica e lavanderia para os moradores.

Cságoly, Ferenc – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica de Budapeste, Hungria, 1972
Keller, Ferenc
Colaboradores: Zoltán Fehér, Zsolt Félix, Bálint Marosi/Consultores: János Volkai, András Garancsi, Andor Oláh

Graphisoft Park – Sede da Graphisoft (1998)
Budapeste, Hungria

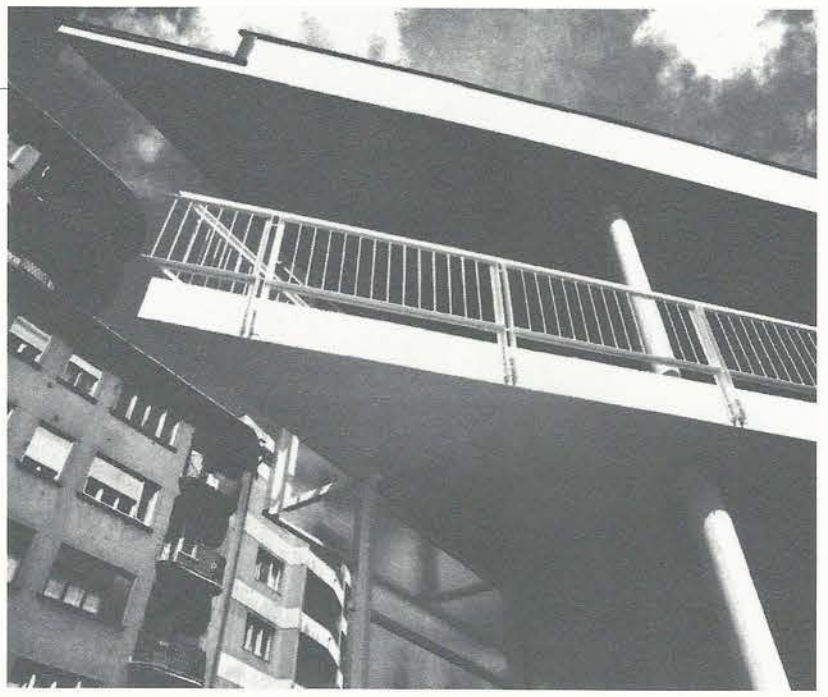
No lugar de uma antiga fábrica de gás, a Graphisoft – a maior empresa húngara de desenvolvimento de software – estabeleceu-se um parque de Informática e Computação. O terreno nas margens do Danúbio não se situa muito longe do centro da cidade; é um lugar calmo, sem o barulho das ruas. Em seu aspecto arquitetônico, a sede da Graphisoft mantém de maneira contemporânea as tradições do movimento europeu.



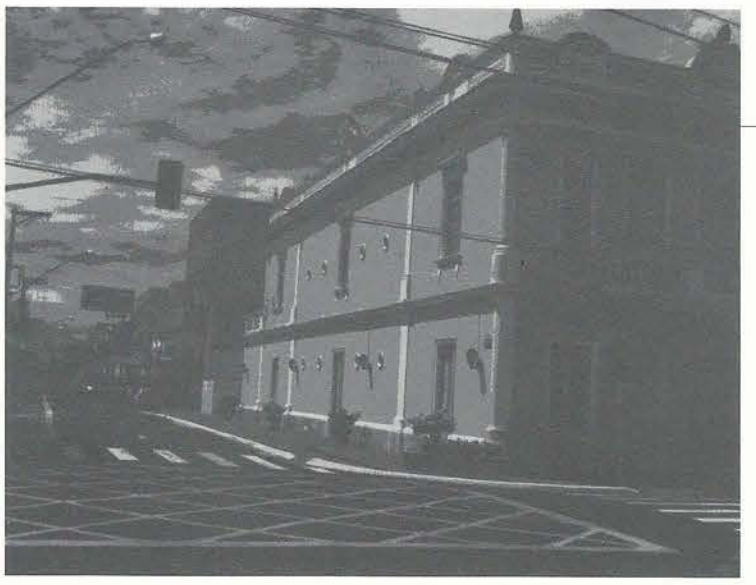
Cságoly, Ferenc – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica de Budapeste, Hungria, 1972
Hönich, Richard/Bozó, András
Colaborador: Zoltán Fehér/Consultores: János Volkai, András Garancsi, József Krén

Mercado e Shopping Center (1997)
Budapeste, Hungria

Substituindo um sobrecarregado e antigo mercado tradicional, foi erguido um prédio comercial multifuncional. Uma rua interna envidraçada passa entre as duas alas principais com lojas e serviços nos andares inferiores, e o mercado nos superiores. Essas duas alas são ligadas horizontalmente com passarelas; elevadores, rampas e escadas as ligam verticalmente.



Cunha, Gilberto Alves da – São José dos Campos, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1988
Silva, Eliana de Pinheiro – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1977 – Torquato, Maria Lígia Machado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas, SP, 1988
Costa, Paulo Eduardo Oliveira – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Guarulhos, SP, 1982
Colaboradores: Ruth Maria Bonilha Macedo Otta, Rossana Fátima Mazza Masieiro, Vítor Chuster, Marco Aurélio Castanho Angeli, Hélio Lemes de Oliveira, Paulo José de Oliveira, Adriana Henrique da Costa, Kátia Mihoko Kazurayama/Consultores: Maria Auxiliadora Costa Bastos, Raquel Avancini Manhães de Andrade e Sonia Maria Fonseca Bologna



Requalificação da Área Central de São José Dos Campos (1998)
São José dos Campos, SP

Para enfrentar a degradação ambiental do centro da cidade de São José dos Campos, a Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente iniciou, em 1997, um processo de intervenções a partir de um projeto piloto que envolve a rua Sebastião Humel, em parceria com os comerciantes. Uma segunda etapa, em andamento, inclui a Praça Padre João, o Terminal Urbano e seu entorno, e a Rua Siqueira Campos, onde são promovidas a reorganização do comércio ambulante e a recuperação dos espaços e monumentos públicos. A terceira etapa, em fase de projeto, compreende a Rua 15 de novembro, Praça Cônego Lima e Praça Afonso Pena.

Cunha, Marcus Cotrim – Ribeirão Preto, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Tecnologia de Arquitetura de Ribeirão Preto Moura Lacerda, 1986
Battaglia, Daniela – Ribeirão Preto, SP
Colaboradores: Ana Carolina Ribeiro, Alexandra Marinelli
Consultores: Patrícia Dourapo Navarro, Lauriceo Cotrim Castilho, Oswaldo Cagnin, Santiago José Urenhas

Residencial Porto Bananas (1998)
Ilhabela, SP

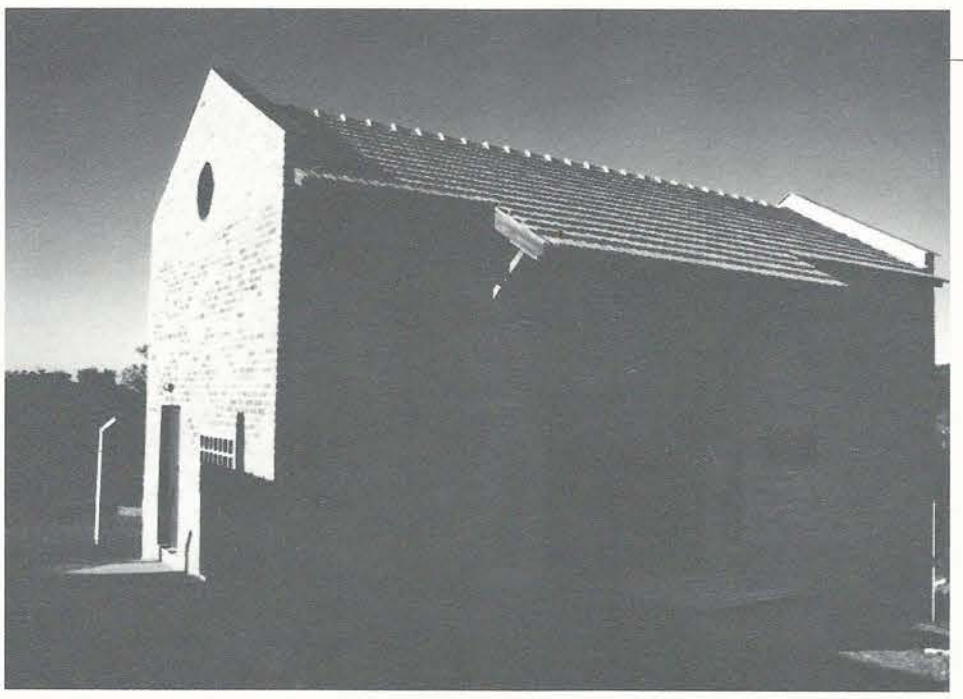
A área localiza-se no topo de uma das montanhas no coração da Ilha, com vista permanente para o mar na frente e para uma cachoeira ao fundo. O terreno em declive acentuado determinou a implantação de forma a valorizar a paisagem.
Foram construídas 18 unidades divididas em 4 blocos, implantados em diferentes níveis, formados por muros de contenção e taludes desenhados a partir do perfil do terreno.
Cada unidade foi concebida como um loft, aproveitando a versatilidade de divisórias e mezaninos. É o pavimento aberto, no entanto, que promove a ligação entre as varandas.

Cunha, Marcus Cotrim – Ribeirão Preto, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Tecnologia de Arquitetura de Ribeirão Preto Moura Lacerda, 1986
Battaglia, Daniela – Ribeirão Preto, SP
Colaboradores: Ana Carolina Ribeiro, Alexandra Marinelli, Mariane Battaglia, Simone Rodrigues

Montaflex (1998) Ribeirão Preto, SP

Trata-se da unidade modelo definida como padrão mundial para as montadoras das persianas Luxaflex. Na fachada, uma linha esguia e curva promove a ligação dos espaços, evidenciando os dois planos principais e retém a topografia.
A obra flui do sistema construtivo e estrutural, caracteriza-se pelo jogo volumétrico e cromático e pelas grandes aberturas.

Deneno, Murilo – Serra Negra, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1987



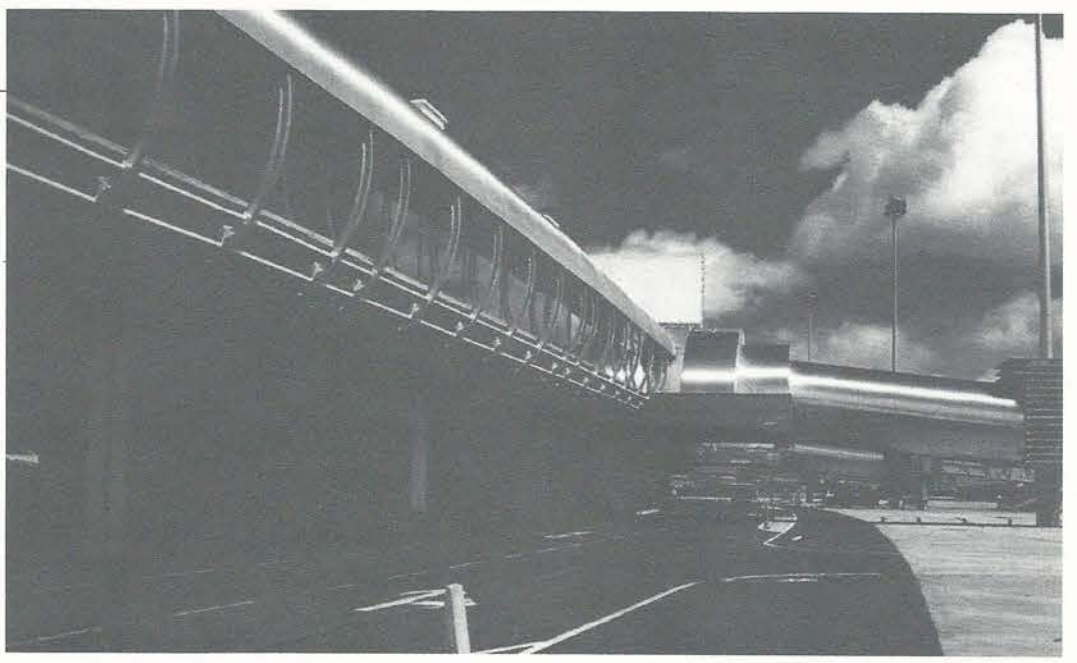
Residência em Serra Negra – Loft (1995)

A casa foi construída, basicamente, com material de demolição de hotéis da região, o que propiciou uma obra com custo muito baixo. Constitui-se num andar térreo com pé-direito duplo e um mezanino que abriga um dos quartos, uma passarela e um quarto de brinquedos. No térreo ficam o outro quarto, a sala, o banheiro e a cozinha. A lavanderia e a garagem estão fora do corpo principal da casa.

Deusdara, Francisco Luiz Muniz – Fortaleza, CE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1983
Deusdara, Francisco Expedito Muniz – Fortaleza, CE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1989
Alcântara, Maria Daniela Rosário de – Fortaleza, CE – Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Brasília, DF, 1991
Colaboradores: Mônica Trindade Schramm, Nadja Nogueira Almeida/Consultores: Luiz Chichierchio, Hugo Alcântara Mota, Paulo André Brasil Barroso

Terminal de Passageiros do Aeroporto Internacional Pinto Martins (1998) – Fortaleza, CE

O novo terminal de passageiros aumentou duas vezes e meia a capacidade de atendimento do Aeroporto Internacional Pinto Martins. Concebido nos modernos padrões de circulação e operação, o aeroporto exigiu obras de infra-estrutura de grande porte, como uma avenida de acesso de 4,8 quilômetros. Como partido, foi adotada a implantação em quatro pavimentos, organizados em três lâminas, denominadas terra, serviços e ar. A utilização do concreto protendido como solução estrutural permitiu vencer vãos de 25 m.
A cobertura dos saguões de embarque e desembarque e do segundo pavimento em estrutura metálica, aliada aos grandes panos de vidro, aos painéis de aço inox e policarbonato, conferem à obra grande plasticidade e contemporaneidade estética.

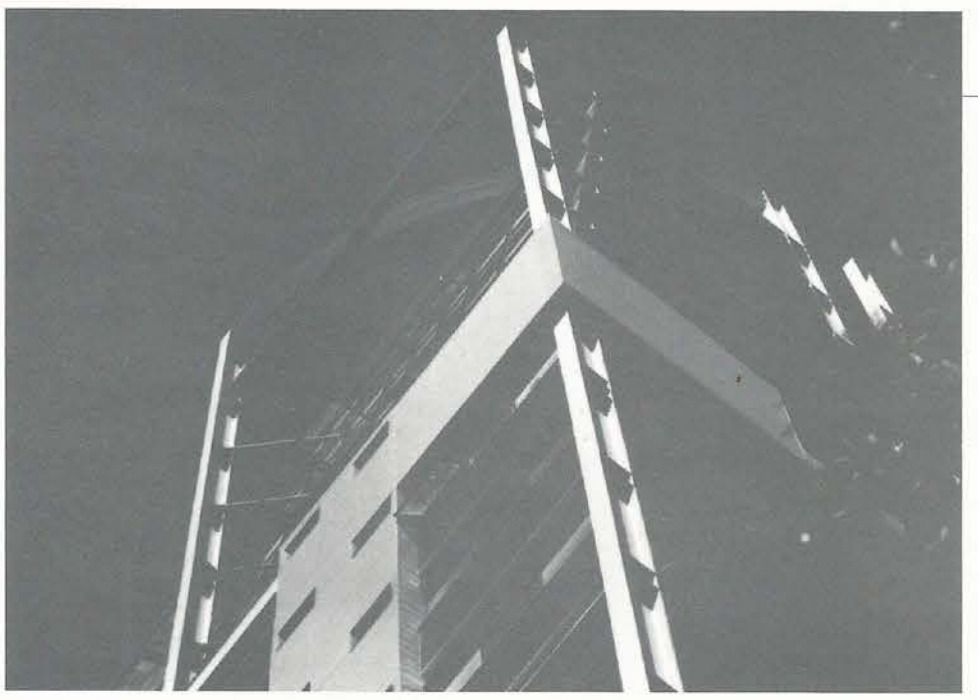


Diniz, João – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, 1980
Colaboradores: Flávia França, Daniela Fenelon, Eliane Dobsha
Consultor: Hélio Chumbinho

Residencial Gameleira (1999)
Belo Horizonte, MG

Esse conjunto de moradias de baixo custo foi implantado em lote bastante acidentado em área fronteiriça a uma favela e ao bairro da Gameleira, região limítrofe à área industrial de Belo Horizonte. O programa é de apartamentos de 2 quartos e demais dependências, com área média de 42 m², num total de 37 unidades na primeira fase e 144 na segunda. Optou-se pela tecnologia da alvenaria armada por seu baixo custo e por formar mão-de-obra no decorrer de sua execução. Na primeira etapa, já concluída, o acesso aos apartamentos se faz pela parte posterior, onde se constrói um grande pátio interno para o primeiro bloco com cinco torres. Entre os dois blocos da segunda etapa, em construção, é proposta uma rua central. A implantação dos edifícios lineares em níveis diferentes libera a visão do vale abaixo e das montanhas da Serra do Curral.

Diniz, João – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, 1980
Colaboradores: Adriana Aleixo, Daniela Fenelon, Fabiana Couto



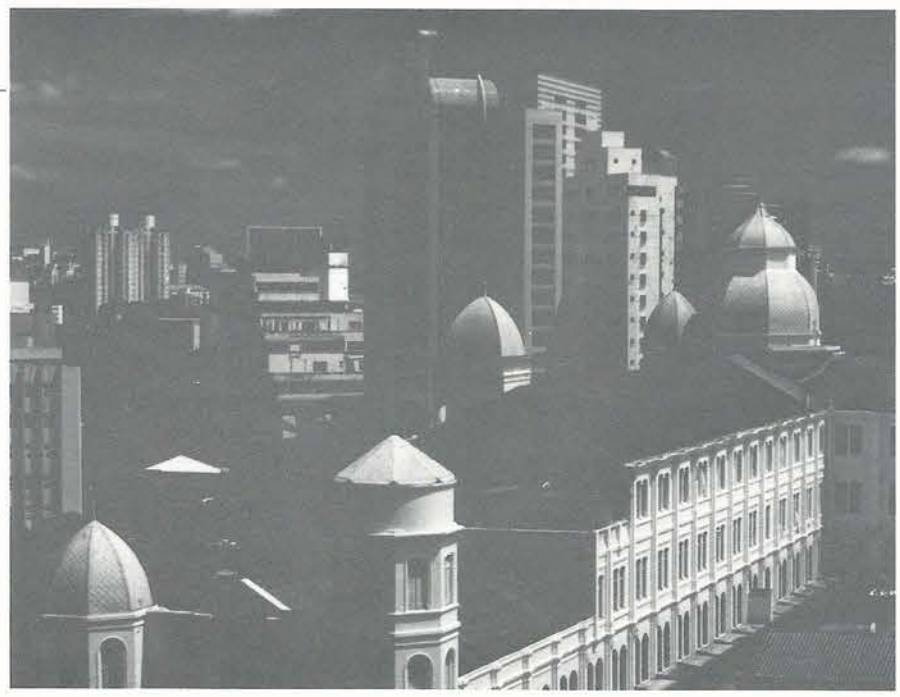
Scala Work Center (1998)
Belo Horizonte, MG

A proposta para o edifício de consultórios e clínicas médicas partiu da opção por estrutura metálica, que viabilizou a agilidade exigida para a construção. As lajes em concreto foram executadas sobre formas metálicas permanentes. O conjunto equilibra-se na torre de circulação vertical totalmente executada em concreto. Os elementos de vedação são neutros, como também as esquadrias de alumínio preto e os fechamentos em alvenaria, revestidos de pastilhas azul-escuras. As fachadas laterais a partir do 14° pavimento sofrem um chanfro oblíquo. Os fechamentos internos são em painéis de gesso, que substituíram a tradicional alvenaria para gerar economia, limpeza do canteiro e rapidez na construção similar à da estrutura metálica.

Diniz, João – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, 1980
Colaboradores: Eliane Roedel, Marcos Josa, Gisele Vasconcelos
Consultores: Túlio Antonini, Jorge dos Anjos

Omni Center (1994)
Belo Horizonte, MG

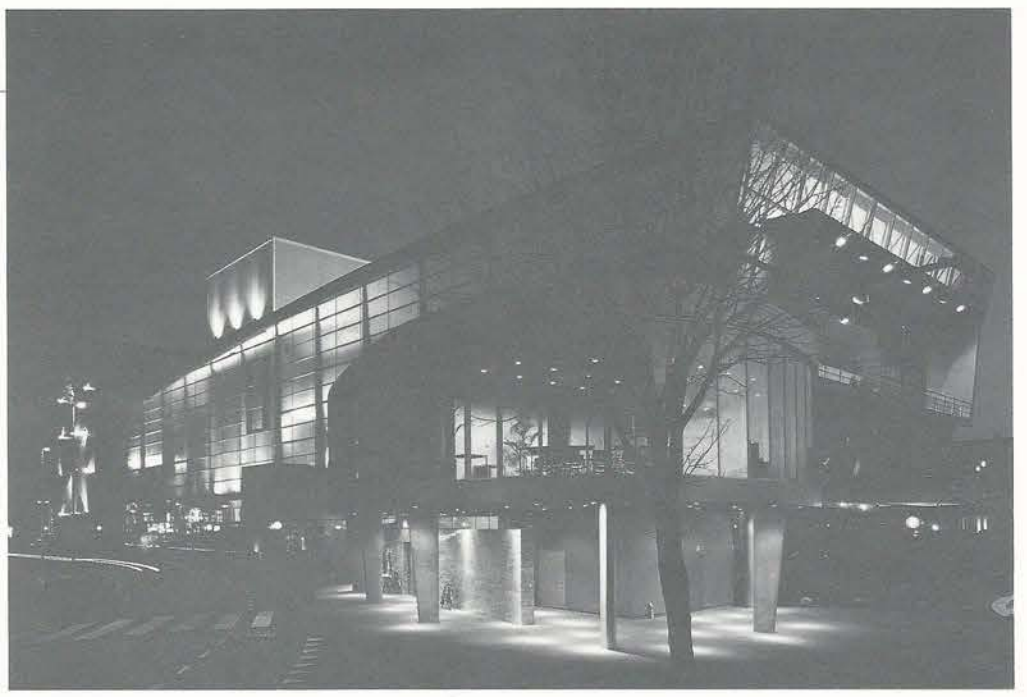
O programa desse edifício, destinado à prestação de serviços, é composto de hall de acesso e 15 lojas no térreo, 2 níveis de estacionamento, pilotis de uso comum e 13 pavimentos tipo com 10 salas cada. As orientações ideais indicaram a forma das aberturas que compõem a volumetria do edifício, criando diferentes fachadas que integram relações diversas com o entorno. No edifício, foram realizadas 30 intervenções artísticas do artista plástico Jorge dos Anjos.



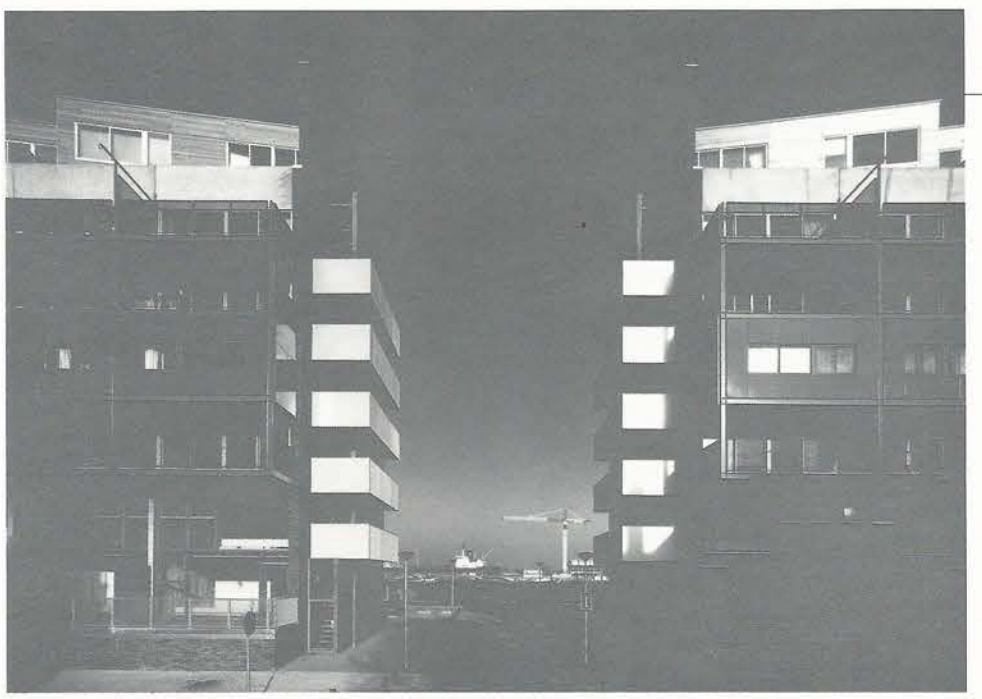
Dongen, Frits van – Amsterdã, Holanda – Universidade Técnica de Delft, Holanda, 1980
Dijkstra, Riens
Colaboradora: Edith Winkler

Teatro Municipal de Harmonie (1996)
Leeuwarden, Holanda

O novo teatro Municipal "de Harmonie" foi construído no mesmo local do antigo teatro neoclássico datado de 1881. O programa, inovador e multifuncional, é constituído por: uma grande sala de espetáculos para teatro, ópera e música sinfônica; uma sala de tamanho médio para música de câmara e música pop; um espaço chamado "caixa preta" para teatro experimental e eventos; uma sala de cinema e três anfiteatros para conferências.
Neste teatro não é a cidade que invade o edifício, mas o edifício que invade a cidade. O foyer tem o espaço definido por colunas douradas. As cores do teatro são preto, violeta e ouro. A fachada externa de entrada para o grande auditório é vermelha e as paredes do foyer são laranja. O grande auditório deixa transparecer, através dos vidros laterais, as sombras e luzes internas e uma "cascata" de degraus da escada, ao longo da fachada.



Dongen, Frits van – Amsterdã, Holanda – Universidade Técnica de Delft, Holanda, 1980
Mout, Adrian
Colaborador: Luis Pires



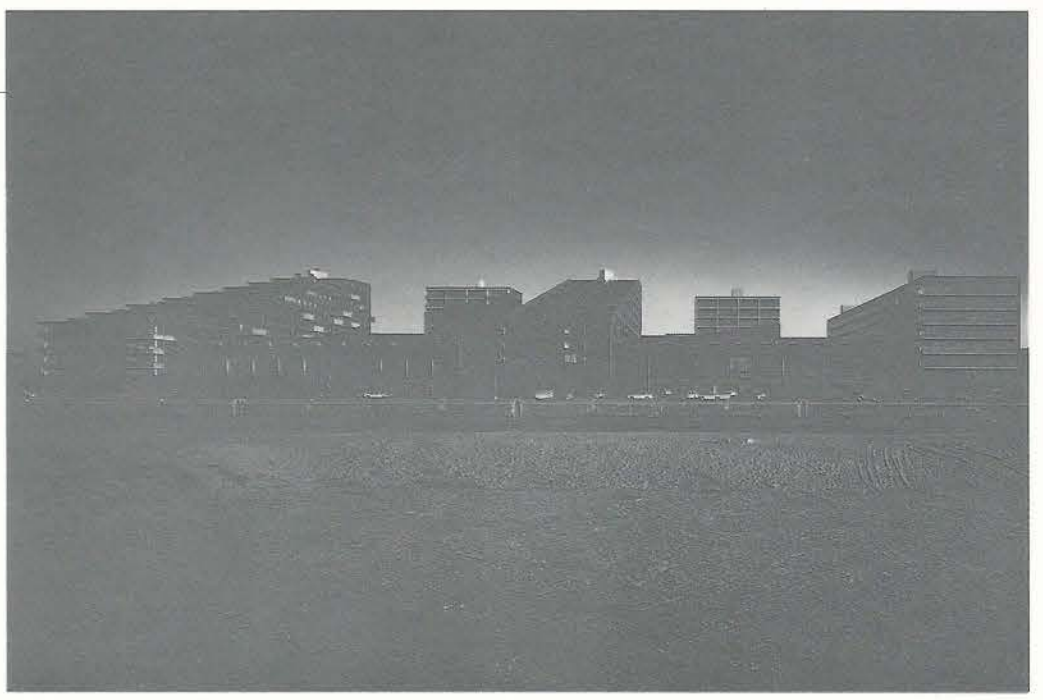
Conjunto Residencial "My Side" (1996)
Amsterdã, Holanda

O conjunto é constituído por dois blocos idênticos, implantados próximo à área portuária de Amsterdã, em processo de reurbanização. O projeto propõe um edifício tipo, com tratamentos diferenciados nas plantas dos pavimentos e das fachadas, criando um jogo volumétrico por meio dos terraços, completado pelo recuo recortado nos dois últimos pavimentos.
A combinação criteriosa de diversos materiais como o aço, a madeira e tijolos de barro, aproveitando-se dos contrastes entre texturas, garante a quebra da monotonia para um edifício que se pretende repetir a fim de configurar-se uma determinada paisagem urbana.

Dongen, Frits Van – Amsterdã, Holanda – Universidade Técnica de Delft, Holanda, 1980
Mout, Adriaan / Puljiz, Pero
Colaboradores: Marc Heesterbeek, Jeroen van Hettema, Fred Veerman

Conjunto Residencial Landtong (1998)
Roterdã, Holanda

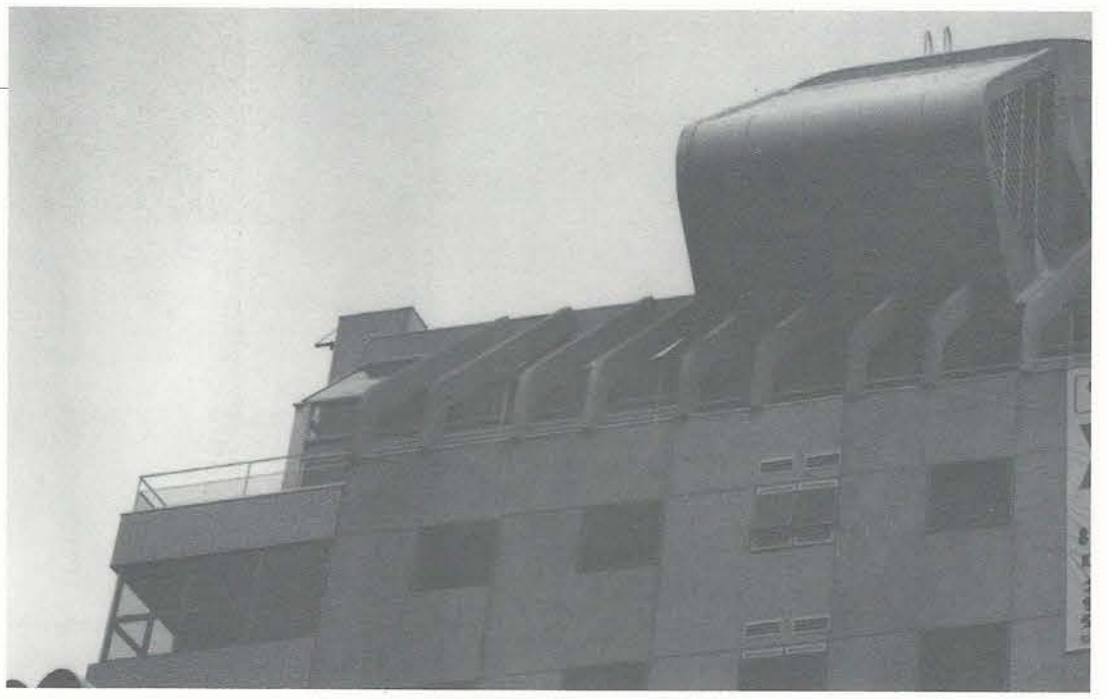
O Conjunto Residencial Landtong, localizado numa área central do dique de Kop van Zuid, ao sul de Roterdã, tem uma série de características interessantes, tais como a escala da operação, a complexidade de sua morfologia e a pesquisa tipológica. O empreendimento ocupa uma área de 100 x 400 m entre duas docas desativadas e contém 207 apartamentos para venda, 419 apartamentos para aluguel, 342 vagas de estacionamento, 1.000 m² de área comercial, creche e clube de esportes com 6 quadras de tênis. Sobressaem-se características como o uso expressivo dos materiais, a criteriosa composição das paredes de tijolo, a sobriedade estrutural dos apoios e sua adaptação às variações morfológicas e a intensidade formal resultante da escolha dos sistemas tipológicos.



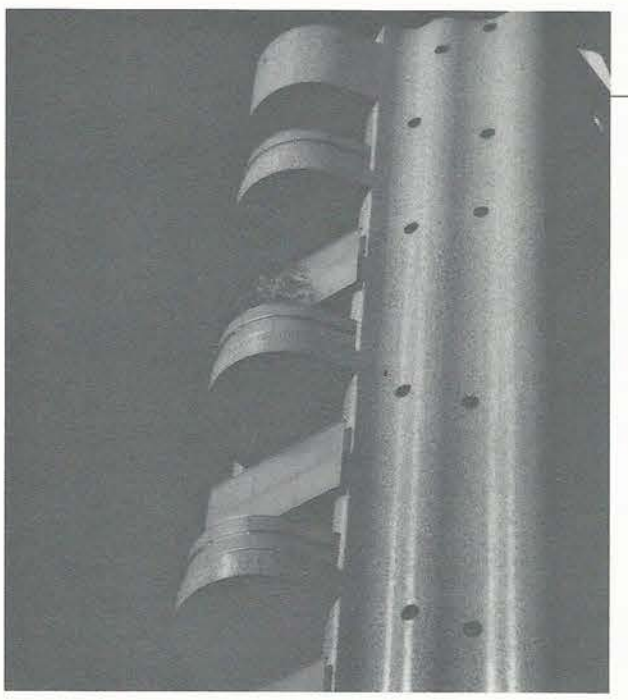
Donini, Marco – São Paulo, SP – Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1980
Colaborador: Francisco Zelesnikar
Consultores: Escritório Manfredo Rewald, Aluísio D'Avila

Edifício Comercial – L'Ufficio (1998)
São Paulo, SP

A proposta do projeto foi diferenciar o edifício das construções comerciais do entorno, grandes torres de vidro, aço e granito. A idéia foi construir um edifício agradável para abrigar escritórios comerciais de médio porte, com um jardim generoso, cores claras e linhas modernas. São 38 unidades sendo as duas últimas superiores diferenciadas pelo acesso à área externa e pelo pé-direito duplo e um mezanino de trabalho. A fachada utiliza materiais variados, caixilhos de alumínio e painéis de vidro. Alguns elementos na cor azul cobalto definem volumes em contraste com a cerâmica clara.



Donini, Marco – São Paulo, SP – Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1980
Colaborador: Francisco Zelesnikar
Consultores: Escritório Manfredo Rewald, Julio Timerman



Edifício Residencial Saint Thomas
São Paulo, SP

O edifício residencial de alto padrão foi implantado em terreno estreito. A solução foi sobrepor a área íntima dos apartamentos à área social, caracterizando seis unidades como dúplex e as duas últimas superiores como tríplex. Cada unidade conta com três suítes e uma sala no pavimento superior e hall de entrada, lavabo, salas terraço, cozinha e serviços no pavimento inferior. Nas unidades de tríplex, os pavimentos se invertem de forma a garantir melhor ligação das salas com a área externa de piscina e deques situados na última laje.

Donini, Marco – São Paulo, SP – Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, 1980
Colaborador: Francisco Zelesnikar
Consultores: Omega Proj. Técnico, Fewitosa e Cruz S.C. Ltda.

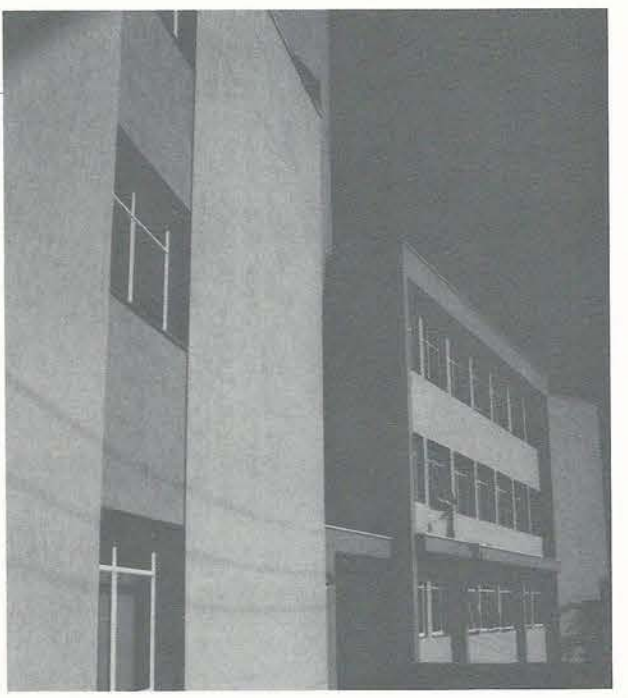
Academia de Ginástica Competition (1999)
São Paulo, SP

O corpo principal do edifício que abriga a academia de ginástica já existia, abrigando anteriormente uma escola. O projeto aproveitou a estrutura já existente (4 lajes protendidas) e refez todo o revestimento, as instalações, alvenarias, caixilhos e cobertura. Foram acrescentadas quatro caixas de escada, elevador e o piso intermediário, três níveis de estacionamento. No subsolo, que foi aprofundado, foram instalados vestiários e piscina. Todo o acabamento, mobiliário, iluminação foram criadas especialmente para o novo edifício.

Duarte, Daniel Aquino – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Guarulhos, 1991
Batista, Rita de Cássia
Colaboradores: Cláudia Xavier Alcoforado, Laíde Inês Sonda, Roberto Hauy/Consultor: Raul Garcia Belaúnde

Edifício para Moradia de Religiosas – Casa Padre Moye (1999) – São Paulo, SP

O edifício destina-se a abrigar parte da Comunidade, espalhada por várias casas da região em torno de sua sede, bem como religiosas idosas que, em alguns casos, necessitam de cuidados de saúde especiais. A proposta foi criar um espaço aprazível, com bastante luz, cuidadoso paisagismo e onde todas as funções de uma casa comum estivessem presentes, associadas àquelas que envolvem o cumprimento dos ritos religiosos.
Foi escolhido um terreno com topografia em aclive, no qual deveria acomodar-se um programa que compreendesse 25 quartos com banheiros individuais, dos quais 6 seriam dotados de infra-estrutura hospitalar, recepção, sala de visitas, apartamento para hóspedes, capela, sacristia, sala de comunidade, refeitório, copa, cozinha, despensa, lavanderia, área de serviços, escritório, banheiro social e de serviço, oratório, fisioterapia, hidrofisioterapia, posto de enfermagem, expurgo, sala de estar, solário.



Dunin, João Guilherme Ficinski – Curitiba, PR – Universidade Católica do Paraná, 1983
Colaborador: Rogério Gomes de Carvalho
Consultores: Conrado Silva de Marco, Gerson Gasparin Barão

Canal da Música (1998) Curitiba, PR

A proposta visava a adequar a antiga TV Paraná, projeto que o arquiteto Jaime Ficinski realizou na década de 60, para ocupá-la com um centro de música e uma área de exposições.
A atitude tomada em relação ao projeto original foi respeitá-lo e preservá-lo. Assim se procurou a melhor forma de reorganizar os espaços com o mínimo de intervenções, sem perder de vista a nova proposta.
A colunata de dourados e prateados no alinhamento predial, fundo do grande auditório, encontra-se onde antes havia uma parede de concreto protegendo um talude. O terraço, originalmente destinado para filmagens externas, abriga o Café das Esculturas, por se achar entre dois vazios da área de exposição. Uma pequena área de exposições e salas para recursos multimídia encontram-se opostas às salas de pequenas audições. O grande auditório, concebido para abrigar concertos sinfônicos, está dividido em três níveis: platéia, primeiro e segundo balcões. Aqui, como também nos pequenos auditórios, houve preocupação com o projeto acústico.

Dutra, Maria Luiza – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1978
Menezes, Walter Arruda de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1979
Colaboradora: Adriane T. de Freitas/Consultores: Isabel Duprat, Emídio Soraes, José Maria Alvariz

Obra de Restauro, Reforma e Adaptação do Instituto Moreira Salles (1998) – Rio de Janeiro, RJ

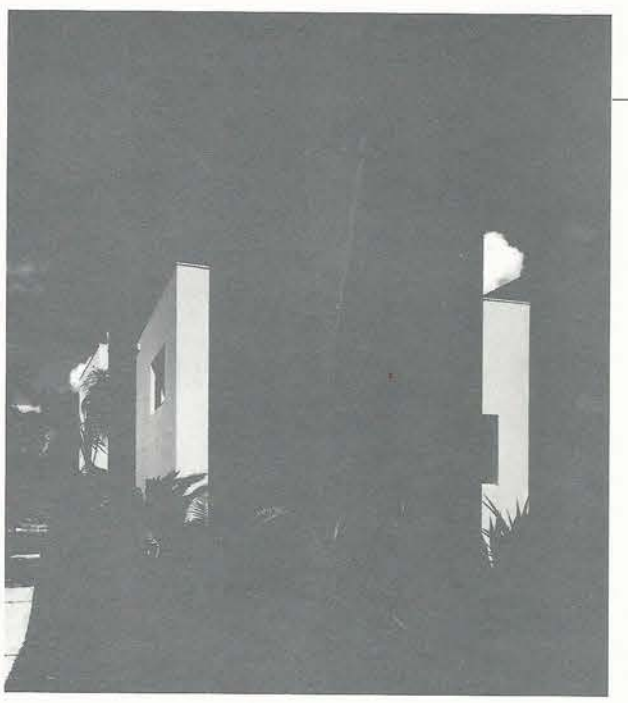
Antiga residência do embaixador Walther Moreira Salles, projetada em 1948 pelo arquiteto Olavo Redig de Campos, com jardins de Burle Marx. Implantado num imenso jardim, esse conjunto de dimensões generosas apresentava características que lhe conferiam vocação para funções mais amplas, motivo pelo qual o Instituto Moreira Salles decidiu preservá-lo como patrimônio cultural e paisagístico da cidade do Rio de Janeiro, restaurando-o e adaptando-o para nele instalar um centro cultural. Nesse sentido, o projeto previu não apenas a reabilitação física e estética do conjunto mas também as adaptações que se fizeram necessárias ao desempenho de seu novo programa de uso e ao atendimento das exigências contemporâneas.

Elias, Cesar Tadeu – Passos, MG – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Mogi das Cruzes, 1985
Consultores: Ricardo Alves Ferreira, Construtora Apoio

Igreja São Francisco (1998)
Passos, MG

A nova Igreja de São Francisco foi erguida sobre rocha calcária, no alto de um morro, para atender à necessidade de mais espaços para abrigar os fiéis da comunidade de São Francisco. A proposta foi de uma construção rápida e, por isso, a obra foi executada em estrutura metálica aparente. Pisos e paredes foram revestidos com granito, porcelanato e pastilhas brancos ou claros. Com capacidade para 800 fiéis em sua nave, a Igreja foi concebida com uma planta simétrica, em cruz, como as igrejas românicas. Instalaram-se obras de arte encomendadas a artistas contemporâneos da cidade.

Elliott, Chris – Sydney, Austrália – University of Sydney, Austrália, 1984
Colaborador: Fiona Dorman



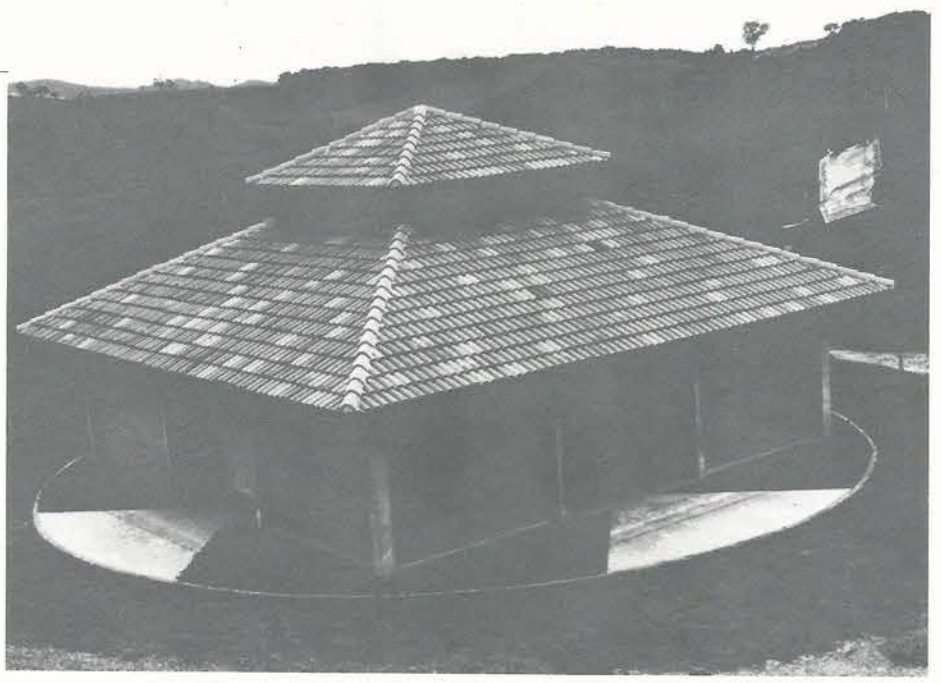
Casa Klompé (1999)
Sydney, Austrália

Os clientes queriam uma casa com uma galeria que acomodasse uma grande coleção de arte australiana contemporânea. A construção em dois níveis foi organizada em torno de um pátio interno. Volumes interseccionados com diferentes cores e unidos por uma espinha central foram projetados como alas para galeria. Interiormente o esquema de cor é alterado para permitir a exibição das obras de arte com um melhor efeito. Uma abertura com vidro desafia a noção de "janela".

Epstein, Gilberto – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1986
Consultor: Isaac Epstcim

Mandala (1999)
Itatiba, SP

O Projeto Mandala é um centro de meditação e saúde cuja base é um mandala: um arranjo harmonioso em torno de um ponto central, com quatro formas simbólicas distribuídas nos quatro pontos cardeais. A implantação do projeto segue a orientação desses pontos, configurando quatro portas, cada uma com um significado e uma cor diferentes. A partir de um desenho com os cinco elementos básicos do mandala, foram projetadas as elevações. Na cobertura, o mandala é mais uma vez usado, deixando-se a trama do madeiramento aparente, com quatro peças diagonais e a parte central representada pela lanterna.
Parte dos materiais utilizados, proveniente de uma reforma, formaram os parâmetros de medidas para a construção.

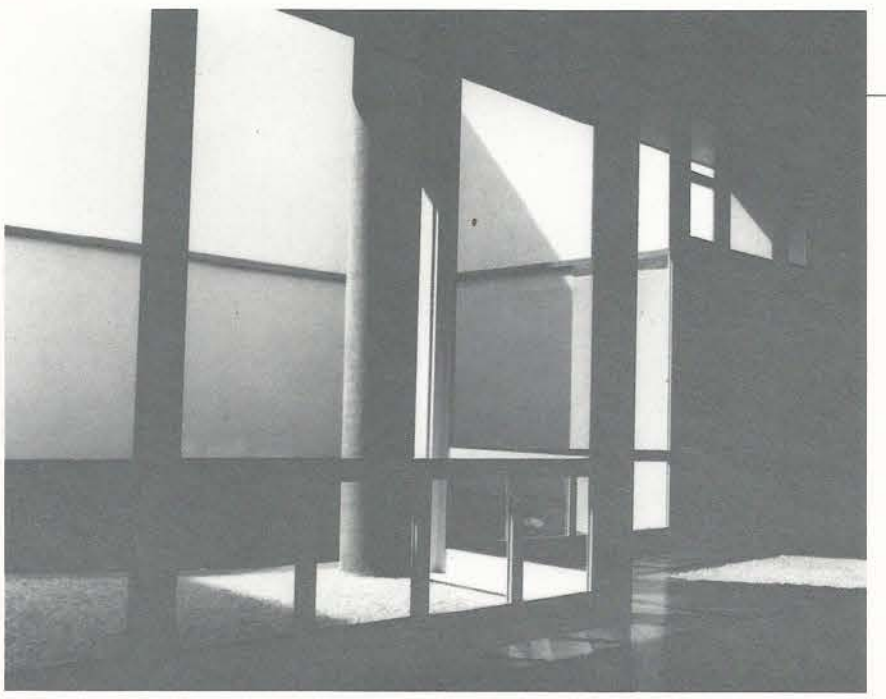


Erse, Walkiria – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1992
Colaborador: Mariene Kitano Sasaki
Consultores: Manoel dos Santos, Marcos Ricci

Escola de Natação para Bebês (1999)
São Paulo, SP

Especialmente projetada para bebês, essa escola de natação está implantada em pequeno terreno no Morumbi, encravada entre um colégio, muitas escolas e edifícios. A piscina foi instalada num grande espaço com pé-direito alto, bem iluminado e com cobertura transparente. Do mezanino, as mães podem acompanhar as aulas dos filhos pelo vidro ou por um telão.

Faccio Neto, Paulo – São Paulo, SP – Universidade de Brasília, 1978
Colaboradores: Orlando Marassi Junior, Maria Silvia Fleury Zani
Consultores: Orlando Martins Mauro, Sinésio Costa Sobrinho



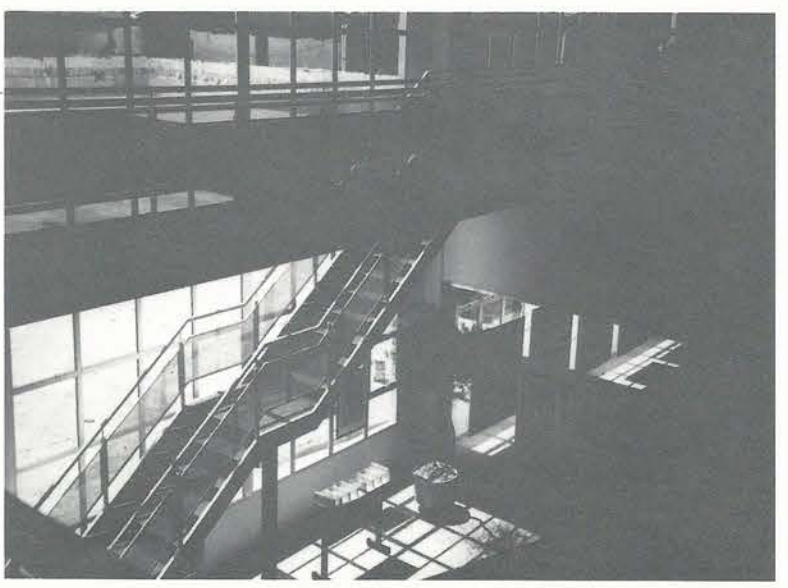
Residência Vila Nova Conceição (1997)
São Paulo, SP

Implantada em um lote pequeno de uma rua estreita, a residência foi construída em um único bloco resultante dos recuos obrigatórios, em três níveis. No nível semi-enterrado, estão a garagem e o serviço; no nível imediatamente acima da rua, encontra-se a área de vivência, e no superior, os dormitórios. A composição desenvolve-se a partir de dois eixos ortogonais: no eixo transversal, situam-se a entrada, a circulação vertical e a iluminação zenital. O eixo longitudinal é também o eixo estrutural e de composição da fachada frontal simétrica na parte superior. A estruturação do volume dá-se através de filetes e planos horizontais em concreto aparente que marcam o volume pintado. Alumínio pintado, chapas metálicas impressas, vidros transparentes ou laminado contrastam com os volumes maciços suspensos pelos balanços. No interior, a luz penetra por grandes aberturas e reflete-se nas paredes e metais brancos, na madeira clara e no mármore e granito brancos dos pisos.

Faccio Neto, Paulo – São Paulo, SP – Universidade de Brasília, 1978
Martins, Nádia Proserpio – São Paulo, SP
Morassi Júnior, Orlando – São Paulo, SP
Colaboradores: Cássia Regina Ciccone, Criatiana Isola, Maria Elizabete Backes Costa, Maria Violeta Uehara, Maria Silvia Fleury Zani, Andréa Paiva Calvo, Katia Sartorelli Veríssimo, Mário Sérgio Ramos, Paulo Gerson dos Santos, Sinara Soares Nascimento/Consultor: MHA Engenharia de Projetos, Júlio Henrique Pelosini, Alexandre Jorge, José Araújo Neto, Wilber Soares Oliveira

Reforma de Mais de 50 Agências Bancárias da Caixa (1999)
São Paulo, SP

Trata-se de projeto de reforma e adaptação para implantação de novo padrão visual e modelo operacional de agências bancárias. A partir do conceito de um projeto-padrão, elaborado com a finalidade de buscar a identificação do usuário com a imagem do banco, desenvolveram-se vários projetos adaptados e compatibilizados com as características e particularidades de cada imóvel, adequadas ao programa solicitado para cada agência. O projeto de arquitetura inclui o layout funcional da unidade dentro dos novos conceitos estabelecidos pela padronização e projetos de obras civis (alvenaria, circulações verticais, vãos e caixilhos, alterações para atendimento de deficientes físicos), com alteração completa dos acabamentos para adaptação ao novo padrão visual proposto.



Faccio Neto, Paulo – São Paulo, SP – Universidade de Brasília, 1978
Colaborador: Maria Silvia Fleury Zani
Consultor: Heitor Paulo Fozzati

Residência em Souzas
Campinas, SP

Localizada em condomínio fechado, a residência foi implantada em um único piso escalonado, em vista da declividade do terreno, e interligada a uma mata natural nos fundos do lote. O projeto desenvolve-se a partir de um eixo, central e simbólico, de acesso ligeiramente deslocado pelo volume do lavabo que cruza a circulação transversal e conduz, à direita, à ala íntima e, à esquerda, ao serviço. Na frente do espaço principal situa-se a sala de estar, em que o piso desce tornando o espaço cúbico, o qual termina no plano semicircular elevado e parcialmente coberto voltado para a mata. Dentro da pluralidade de caminhos que trilha a arquitetura contemporânea, seguiu-se em uma continuidade de conceitos e linguagem do movimento moderno, porém acrescidos de idéias e signos presentes na arquitetura clássica, ou seja, acrescido de história.

Faggin, Carlos – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1971
Colaboradores: Ricardo de Almeida, Daniela Pires, Fernanda Dalmiere
Consultores: Luís Guimarães Dias, Cláudio RWA, Paulo Manso

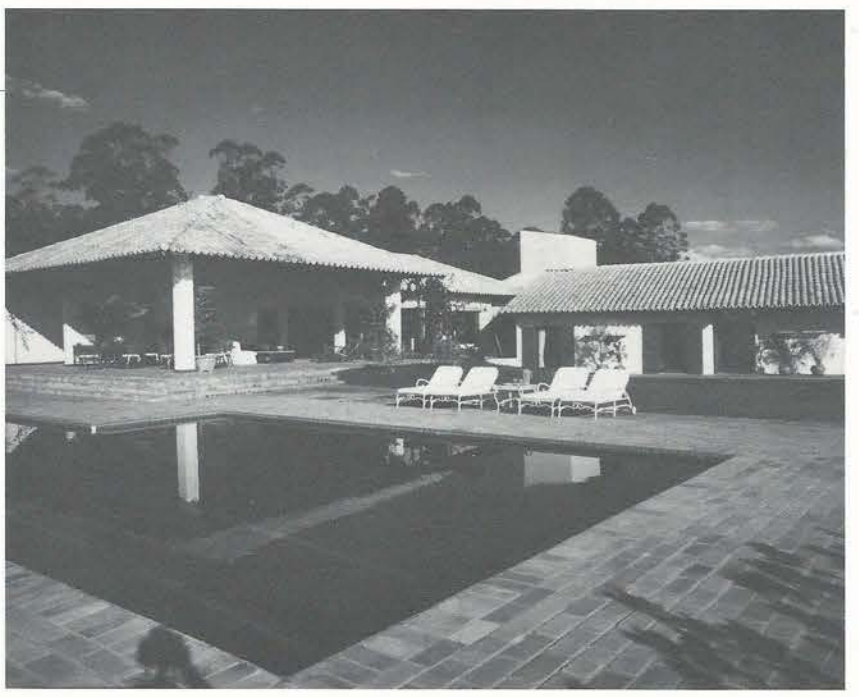
Shopping Light (1999)
São Paulo, SP

O projeto propõe a mudança de uso e preservação de imóvel tombado pelo Patrimônio Estadual e Municipal de São Paulo. Abrange, além da utilização do Edifício Alexandre Mackenzie, a construção de um prédio novo, anexo ao primeiro, que complementa o layout dos andares e abriga as instalações de infra-estrutura e de conforto ambiental para abrigar os espaços do shopping center.

Fernandes Filho, René – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1982
Colaboradores: Adriana Rossi, Mary de Azevedo

Residência Michel Rinzler (1994)
Itirapina, SP

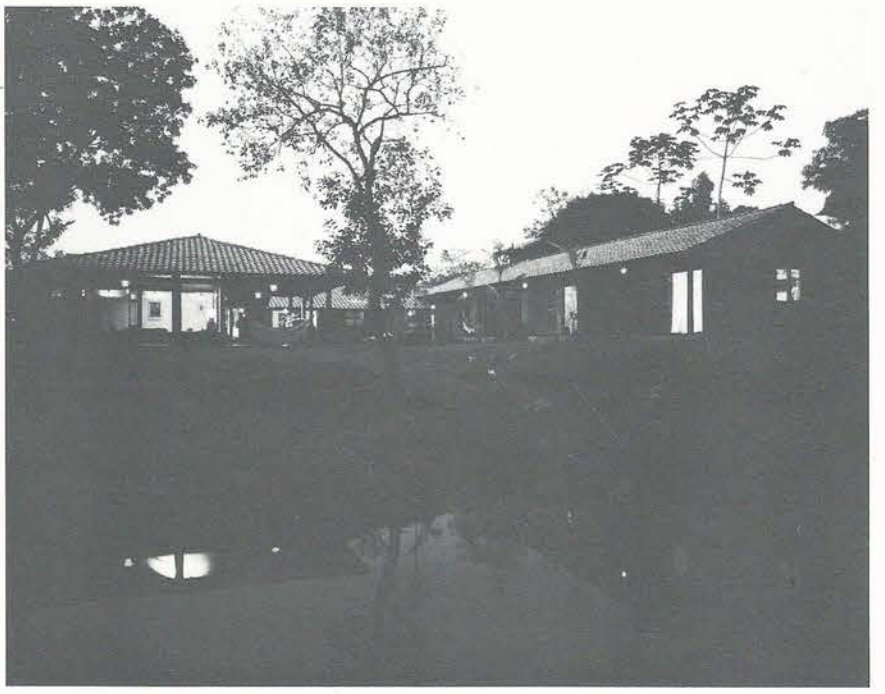
A residência, destinada a finais de semana, foi erguida sobre um terreno de 5 mil m², próximo à represa de São Carlos. Sua implantação foi concebida para garantir um bom aproveitamento da insolação e da vista para a represa. O resultado é uma edificação térrea de 700 m² com planta em formato de "L".
A ocupação horizontal permitiu a setorização da residência em alas – íntima, social e de serviços –, que estão organizadas a partir de um grande jardim central, cujo maior destaque é a piscina.
A cobertura, com sua estrutura em madeira e telhas de barro, recebeu um tratamento diferenciado na ala social, pelo uso de vigas metálicas que dispensam o emprego de tesouras, possibilitando um pé-direito mais alto com forro inclinado.



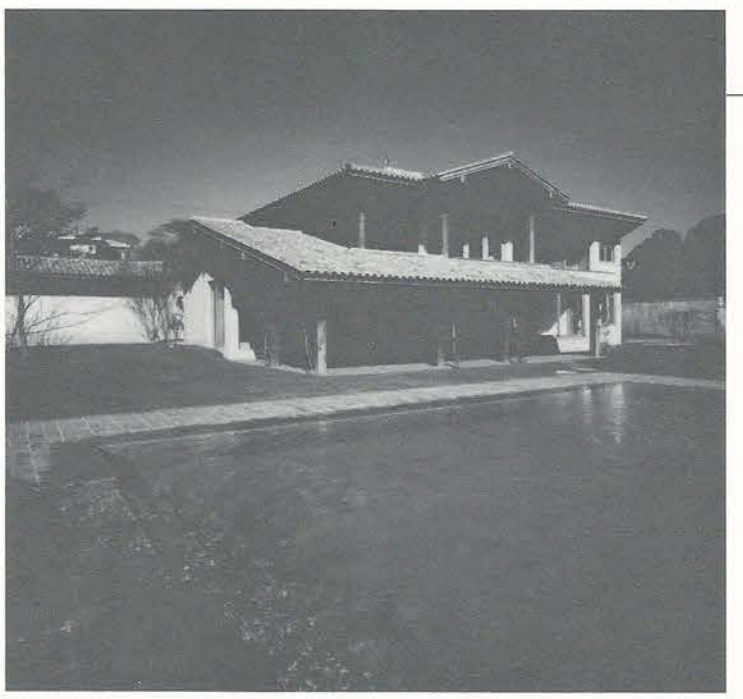
Fernandes Filho, René – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP (1982)
Colaboradora: Adriana Rossi
Consultora: Laura Andrade

Residência Inês Guerreiro (1995)
Barra do Una, São Sebastião, SP

A casa foi construída no terreno de uma antiga fazenda, próximo à encosta da Serra do Mar. Sua concepção partiu da apropriação de uma pequena construção ali existente, da qual foram aproveitados a alvenaria e o fogão a lenha, além da incorporação de seu sistema construtivo, ou seja, esqueleto estrutural de madeira com preenchimento em alvenaria de tijolos.
A utilização da mão-de-obra local e o emprego de materiais rústicos buscam resgatar as características básicas de uma casa simples da região do litoral paulista.
Toda a circulação da casa é feita por meio de varandas que interligam os três corpos: a área social, de serviços e os quartos. As varandas estão dispostas em torno de um pátio interno, tratado como jardim, com plantas e água corrente, o que garante maior privacidade entre as diversas áreas funcionais da casa.



Fernandes Filho, René – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1982
Colaboradores: Adriana Rossi, Mary de Azevedo



Residência Unifamiliar Morumbi, 1999
São Paulo, SP

O projeto tirou partido da posição do terreno, situado numa região elevada do bairro do Morumbi e com uma ampla vista da cidade de São Paulo. A área social no térreo e a suíte no pavimento superior estão voltados para o jardim, posicionado na direção dessa vista. Aproveitando-se do desnível do terreno, foi criado um subsolo, pensado como área de lazer. Os materiais utilizados buscam criar uma atmosfera simples e despojada.

Ferreira, Adyr Moura – Campinas, SP – Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, SP, 1954
Consultores: Marcelo Vinholes Ferreira, Juan Piazza

Loteamento Alphaville Campinas (1998)
Campinas, SP

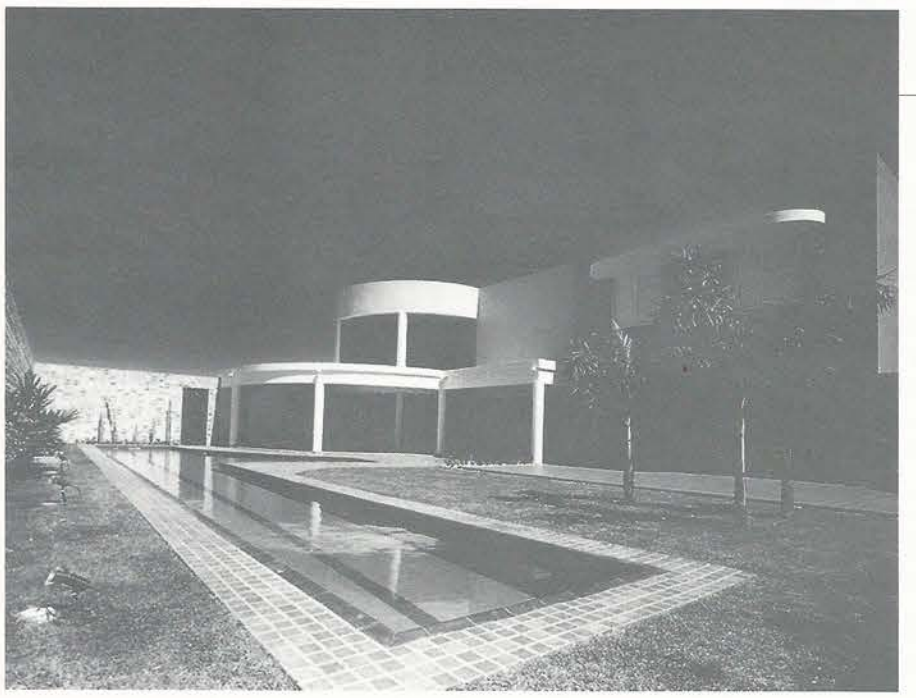
O Alphaville Campinas foi implantado na antiga Fazenda Santa Therezinha, que tem 1.400 m com testada para a Rodovia SP-340 e dista 13 km do centro da cidade. A existência de instalações rurais reaproveitáveis, de 3 lagos formados por 11 nascentes próprias e de expressiva área de mata, induziu a implantação do Alphaville Campinas Clube. Por outro lado, a presença de 83 mil m² de mata nativa exigiu a elaboração de estudos de preservação ambiental e possibilitou, na concepção do projeto, a incorporação de parte dessas áreas de forma integrada aos lotes, com restrições de uso, proporcionando um aspecto paisagístico diferenciado. As áreas excedentes receberam denso reflorestamento com o plantio de 50 mil espécies vegetais nativas.

Fialho, Valéria Cássia dos Santos – São Paulo, SP – Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1992
Fialho, Roberto Novelli

Residência Edvaldo Morata, 1999
São Paulo, SP

A edificação existente faz parte de um conjunto de doze casas de uma vila cujas características originais já se perderam. Originalmente com dois pavimentos, a casa sofrera o acréscimo de um terceiro, com pé-direito muito baixo e sob uma cobertura com infiltrações.
A iluminação natural em toda a casa era deficiente.
O projeto desenvolvido organiza-se pela circulação vertical. Localizada no coração da casa, a caixa de escada cria um poço de iluminação natural.
A necessidade de iluminação levou à opção por caixilhos amplos, quando necessário protegidos por brise de madeira, permitindo o controle da luz e privacidade.
A adoção de ambientes contínuos, com o mínimo de barreiras visuais, visa a amenizar a pouca largura do lote. As varandas originais foram reabilitadas e o quintal, antes obstruído com uma escada, foi liberado.
A construção da laje do último pavimento possibilita a criação de um grande terraço com agradável vista da cidade.

Finotti, Luiz Humberto de Almeida – Uberlândia, MG – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1982
Colaboradores: Raquel Rodrigues da Cunha, Ely Alves de Freitas



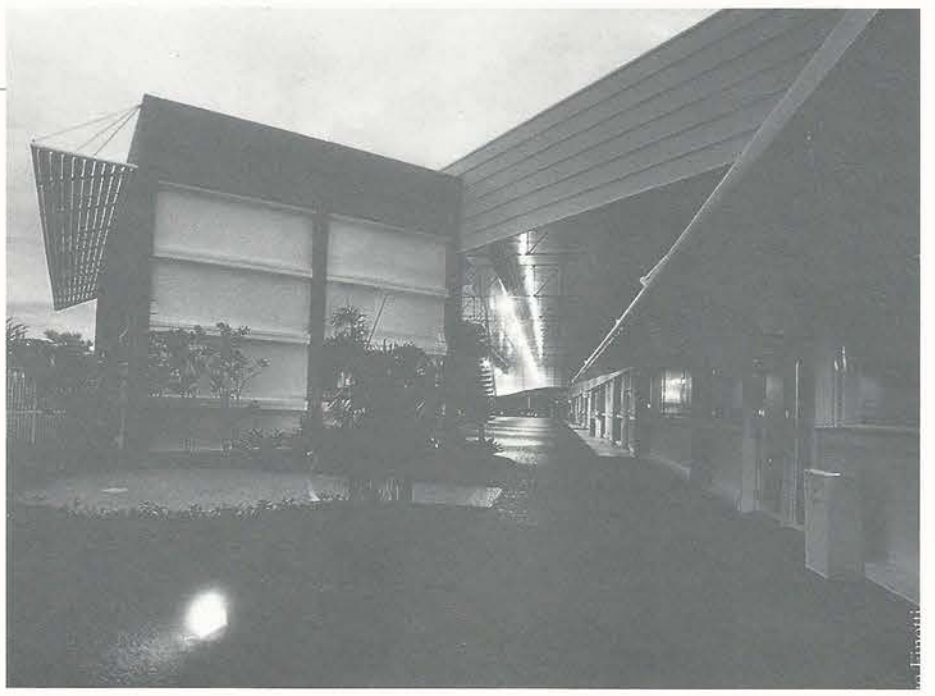
Residência ILJ (1999)
Uberlândia, MG

Implantada num terreno plano e em forma de "L", a casa apresenta linhas e volumes em que predominam as malhas ortogonais nas fachadas com blocos de vidro e combogós de cerâmica, quartos de círculo, como na varanda, sala de estar e piscina, e alguns cortes na diagonal, como no volume frontal que compõe a caixa d'água. Para contrapor a frieza geométrica, foram utilizadas várias texturas (massa desempenada, tijolos de demolição, seixos rolados) e cores mais quentes (terracota e amarelo queimado).

Finotti, Luiz Humberto de Almeida – Uberlândia, MG – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1982
Colaboradores: Raquel Rodrigues da Cunha, Ely Alves de Freitas, Lucélio Martins, Felismar Amaral

Call Center ACS (1999)
Uberlândia, MG

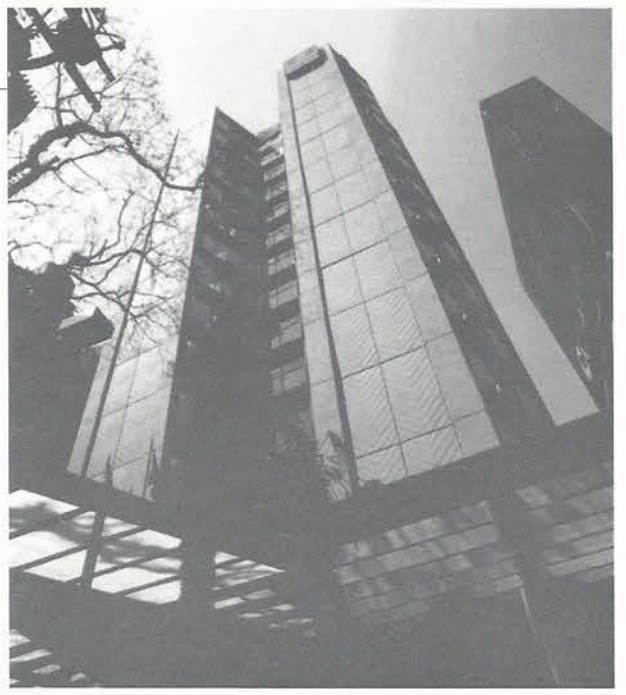
Trata-se de um centro de atendimento telefônico localizado numa área de Uberlândia destinada ao desenvolvimento de um parque de empresas de telecomunicações. O complexo programa de necessidades e o prazo exíguo para a obra exigiram que o projeto fosse concebido para uma construção racionalizada e industrializada, daí a adoção do sistema construtivo em estrutura pré-moldada em concreto e da cobertura em estrutura e telhas de aço. O programa resume-se num edifício principal destinado ao atendimento e outros dois menores destinados às áreas administrativas. Os quatro blocos são interligados por uma praça central coberta, iluminada zenitalmente e com ventilação natural, para onde convergem as circulações e as atividades de descanso e lazer.



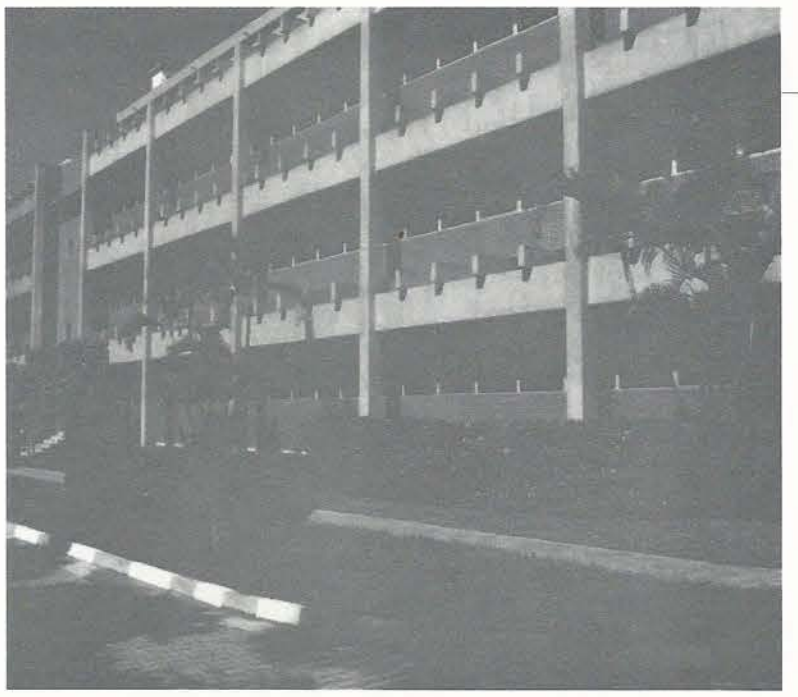
Fiocca, Luigi – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1965
Colaboradores: José Manau, Fábia Consolaro
Consultores: Tedeschi Engenharia e E. Kanji

Choice Comfort Hotel Trianon Park (1998)
São Paulo, SP

É constituído por 2 torres de 15 andares cada – uma recentemente concluída e outra totalmente reformada –, atualmente com 90 apartamentos de alto padrão. Situado na região nobre dos Jardins, o Trianon Park é hoje um hotel categoria quatro estrelas.



Fiocca, Luigi – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1965
Fiocca, Fabiano
Colaboradores: Clóvis Cunha, Hugo Perez Suarez
Consultores: Soeng, Thermoplan



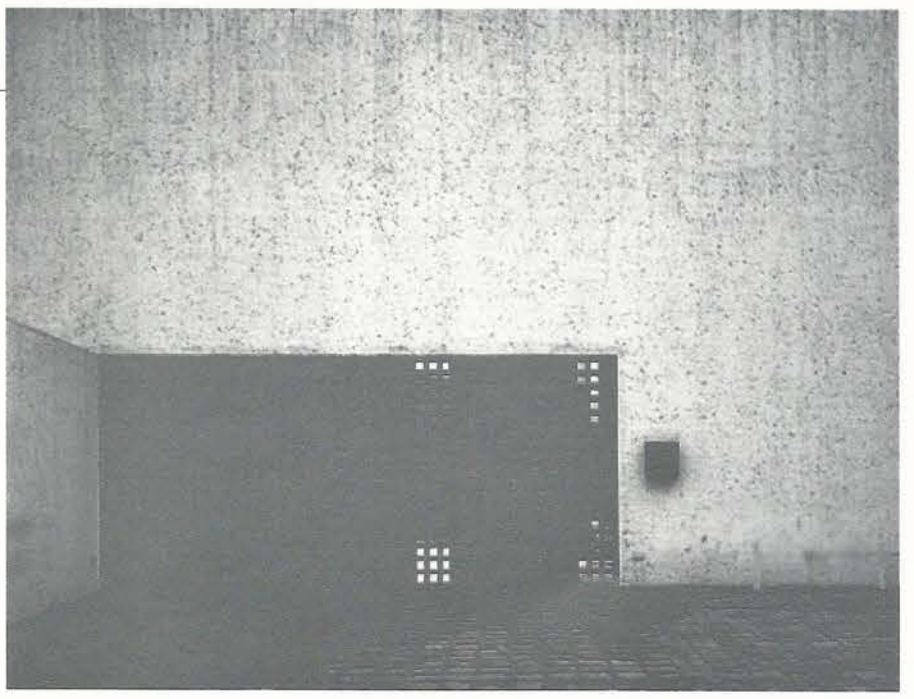
Givaudan-Roure do Brasil (1999)
São Paulo, SP

O desafio básico do projeto foi harmonizar num mesmo edifício dois tipos de ambiente que exigem tratamentos distintos: uma ala de laboratórios e perfumarias e outra administrativa. Por se tratar de uma empresa dedicada a pesquisas e fabricação de aromas e fragrâncias, criou-se um ambiente amplo, adequando cores, controle acústico e, sobretudo, do ar, fator primordial para o desenvolvimento dessas funções.

Flores, Aurélio Martinez – São Paulo, SP – Arquitetura pela Universidade Nacional do México, Cidade do México, México, 1954
Zambrana, Mirna – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1988
Azevedo, Renata Vicente de

Restaurante Gweilo (1998)
São Paulo, SP

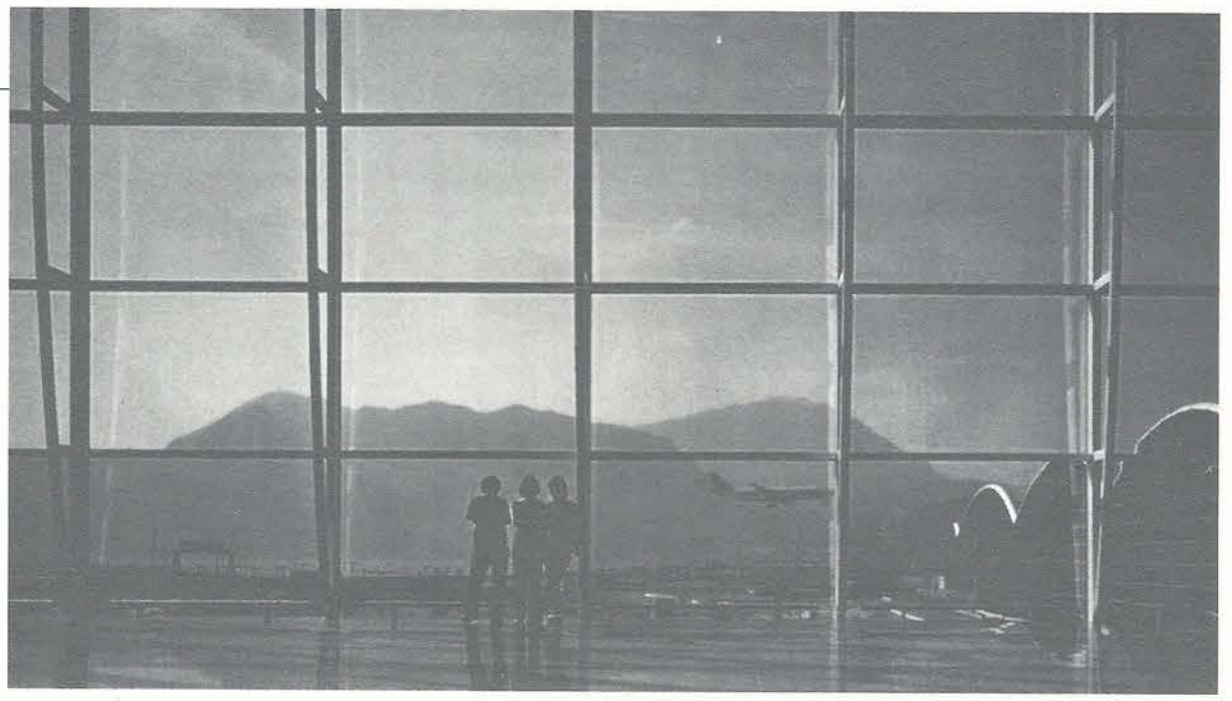
O projeto compreendeu a adaptação de um sobrado, com edícula nos fundos, que ocupa dois lotes numa rua estreita. Na parte da frente, o projeto propôs a instalação de um bar e dos sanitários no térreo e no andar superior, o escritório e as áreas de depósito. A edícula foi aproveitada para cozinha, e na antiga área destinada a estacionamento foi construído um galpão, interligado ao pavimento térreo do sobrado, a fim de se acomodarem 23 mesas, com 90 lugares. A fachada foi tratada com um grande muro, unindo a frente das duas edificações, sobrado e galpão. Deixou-se apenas uma grande abertura fechada por um painel treliçado, pintado de vermelho, que também funciona como porta de entrada.



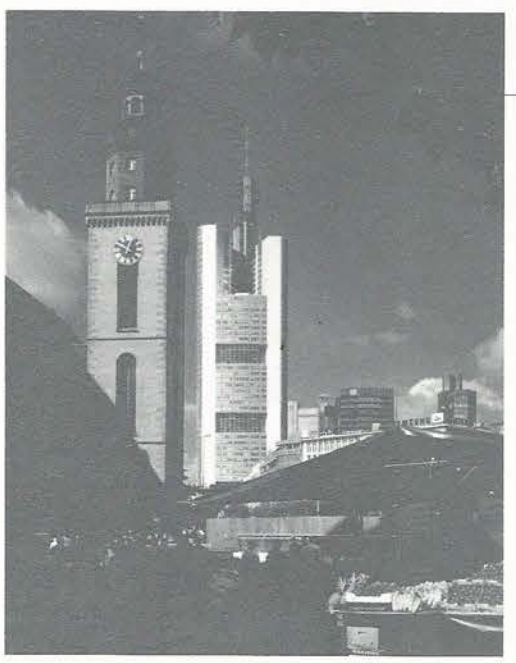
Foster, Norman – Londres, Inglaterra – Escola de Arquitetura da Universidade de Manchester, Inglaterra, 1961
Colaborador: Equipe de Foster and Partners
Consultores: Mott Cornell Ltda., BAA plc, Ove Arup and Partners, WT Partnership, Fischer Marantz Renfro Stone, o'Brien Kreitzberg, Wilbur Smith Associates

Aeroporto Internacional de Hong Kong (1998)
Hong Kong, China

A construção do terminal abrange 38 pistas de pouso, 27 plataformas de aeronaves e uma imensa sala de bagagens. Essa é somente a primeira fase da estrutura de três andares que atenderá a 35 milhões de passageiros internacionais por ano. Simples, seus espaços são lógicos, ordenados e protegidos por um muro ondulante de aço leve. Toda a maquinaria está oculta abaixo do piso, de modo que a cobertura é deixada livre para banhar o aeroporto em luz natural. As fundações, abaixo da cobertura, são o resultado de tecnologia comprovada e utilizada também na engenharia pesada. Para realizar o projeto, foi necessário o corte de morros de até 100 m de altura e uma operação de dragagem, para preparar as pistas de pouso do aeroporto que têm 6 X 3,5 km. Para executar uma obra de tais proporções foram utilizados 370 mil m^3 de concreto.



Foster, Norman – Londres, Inglaterra – Escola de Arquitetura da Universidade de Manchester, Inglaterra, 1961
Colaborador: Equipe de Foster and Partners
Consultor: Ove Arup and Partners & Krebs and Kiefer, J. Roger Preston, Schad and Hölzel, Jappsen and Stangier, Nervus GmbH, Davis Langdon and Everest, Quickborner Team, Igenieur Büro Schalm, Claude Engle, Sommerland and Partners, Per Arnoldi



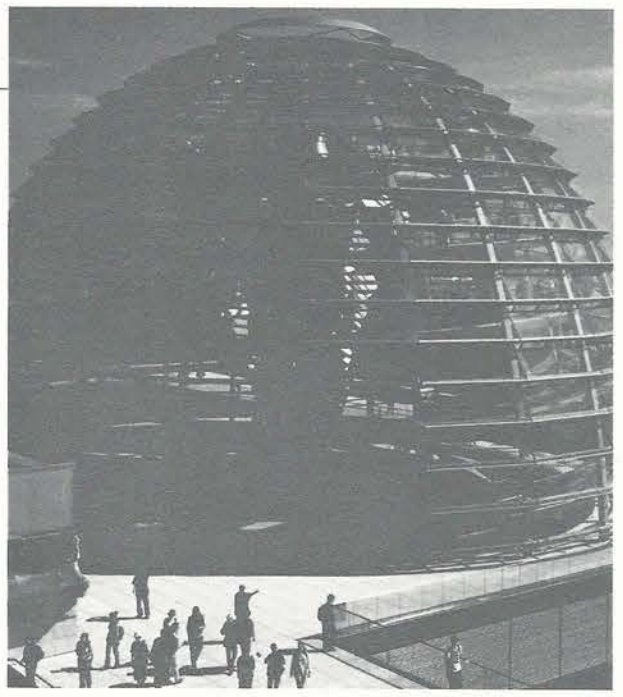
Sede do Comerzbank, Frankfurt

Primeira torre ecológica do mundo. A planta da Torre é triangular, formada por três "pétalas" e uma haste central. As pétalas são os andares de escritórios; a haste, um enorme átrio central que possibilita uma chaminé natural de ventilação para os escritórios de vista interna. Quatro andares de jardins espirais em volta do plano triangular permitem aos escritórios uma vista dos jardins. Mastros verticais apóiam 8 andares de vigas virandel, que por sua vez apóiam os vãos livres dos escritórios. Assim, não há colunas internas, e os jardins também são livres de estruturas.
O edifício de 53 andares, com mais de 300 m de altura, ergue-se do bloco central da cidade ao lado da construção da sede do Commerzbank já existente. A torre inaugura um novo local público com restaurantes, cafés e espaço para exposições de arte.

Foster, Norman – Londres, Inglaterra – Escola de Arquitetura da Universidade de Manchester, Inglaterra, 1961
Colaboradores: equipe de Foster and Partners: David Nelson, Mark Braun, Mark Stucliffe, Christian Hallmann, Ulrich Hamann, Dieter Muller, Ingo Pott
Consultores: BAL AG, Leonhardt Andrä & Partner, Kaiser BautechniK, Kuehn Bauer Partner, Fischer Energie, Haustechnik, Planusgsgruppe Karnasch, Hackstein, Claude Engle

Reichstag, O Novo Parlamento Alemão (1999)
Berlim, Alemanha

O Reichtag foi mutilado pela guerra e pela reconstrução dos anos 60. O que restou de seus interiores históricos foi encoberto com chapas de gesso e amianto tóxico que foram removidas. Quando o revestimento foi retirado, sob ele foram encontradas as marcas do passado. Essas cicatrizes foram preservadas para que o Reichtag fosse um museu vivo da história alemã.
O edifício reconstruído traz vestígios da clareza de planejamento do velho Reichstag. No sentido transversal, foram abertos vários andares à luz natural e às paisagens. No interior de seus muros maciços, a nova construção é transparente. Foi reaberta a grande trajetória de degraus, do lado oeste, para que o público e os políticos entrassem pelo mesmo caminho. Na cobertura há um restaurante público e uma cúpula. No interior da cúpula, concebida como uma "lanterna" e componente-chave da estratégia de economia de luz e energia, duas rampas levam a uma plataforma de observação que oferece vistas panorâmicas da cidade.

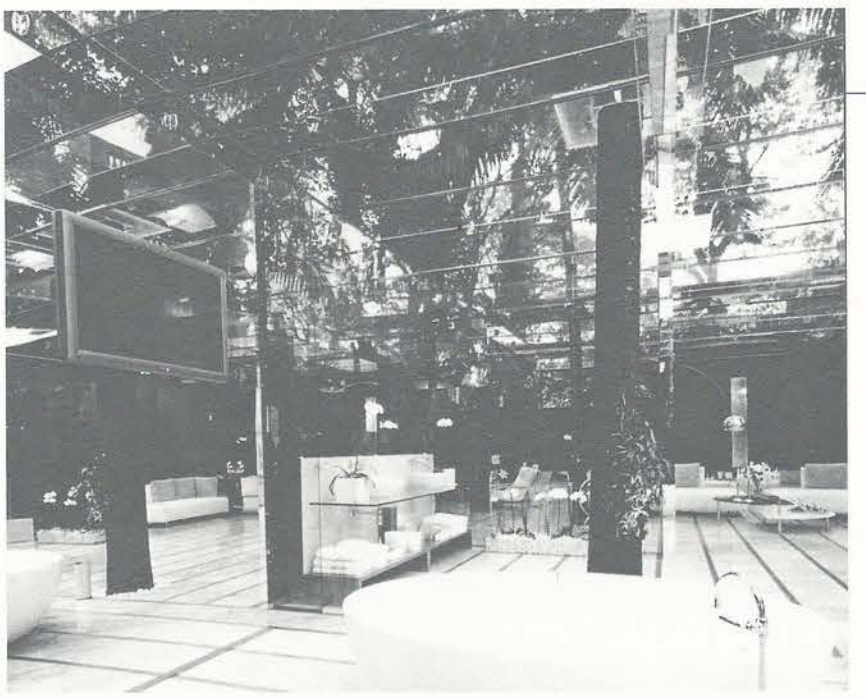


Fraccaroli, Brunete – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP, 1975
Colaboradores: Fernando Bergamasco Silva, Silvana Iara

Restaurante Giovedì (1998)
São Paulo, SP

O projeto propõe a integração do mobiliário com design contemporâneo ao espaço interno com iluminação zenital e bambus moussô. O bar recebeu pintura prata nas paredes e ilustrações feitas em computação gráfica. O piso é revestido em madeira marfim; uma passarela recebeu revestimento em vidrotil, formando um grande mosaico especialmente desenhado para o ambiente.

Fraccaroli, Brunete – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP, 1975
Colaborador: Márcia Nogueira



Showroom Deca (1999)
São Paulo, SP

O projeto foi baseado na utilização de três elementos. O primeiro é o vidro que permite que a luz e a paisagem externas atravessem as paredes e o teto do showroom. O segundo é o mármore de Carrara no piso, decorado com faixas de inox. Por último o aço utilizado nos pórticos(às vezes revestidos por espelhos e por elementos de vidro temperado) que fazem a ligação do piso em mármore com as paredes e o teto. Destacam-se, ainda, um chafariz revestido por espelhos e o mobiliário especialmente desenhado para o ambiente.

Freidel, Juan Manuel Peláez – Medellín, Antioquia, Colômbia – Universidade Nacional da Colômbia, Medellín, 1994

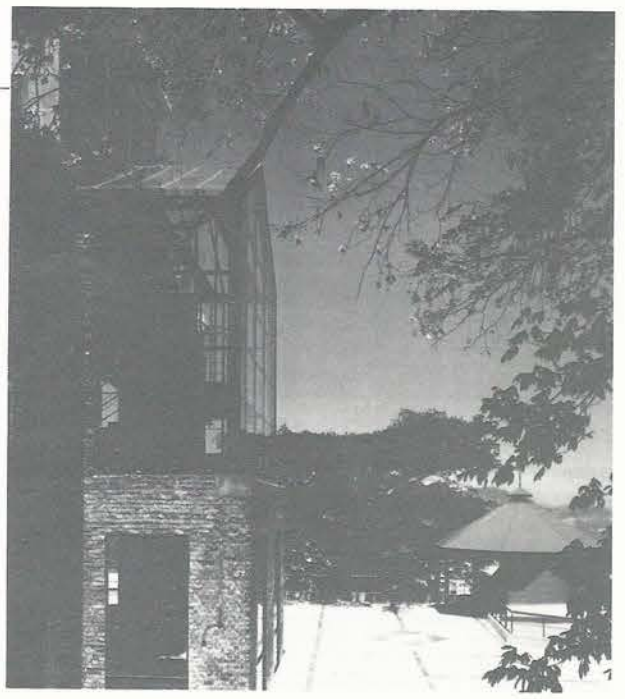
Casa Horas Claras (1998)
El Retiro, Antioquia, Colômbia

A transformação da paisagem com base no espírito do lugar tem o caráter essencial para o projeto arquitetônico. Sua origem vem da continuidade entre luz, topografia e geometria. A proposta é concebida a partir da tipologia da casa-pátio, onde elementos como o *zaguán* e a água criam uma circulação diferente.
As "horas claras" ocorrem a cada instante...
... Pátio, céu canalizado,
O pátio é o declive através do qual o céu se derrama para dentro da casa. Sereno, espera eternamente na junção das estrelas.
É agradável viver na amizade escura de um *zaguán*, de uma parra e de uma aljibe.
(Jorge Luis Borges – *Um pátio*)

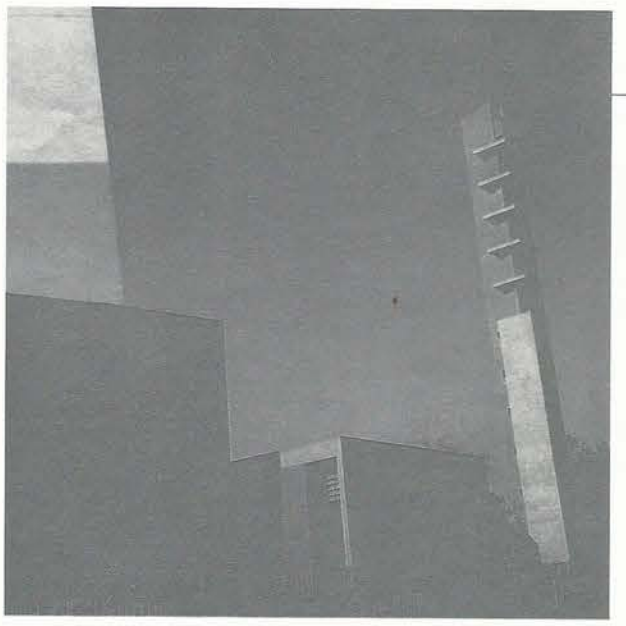
Freire, Ernani – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1971
Lopes, Sonia – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989
Colaborador: Glauco Noguchi/Consultores: José Luis Galvão, Roberto Rodrigues, Pedro Sutton

Parque das Ruínas – Anexo do Museu da Chácara do Céu (1997) – Rio de Janeiro, RJ

O trabalho visou transformar o conjunto Parque das Ruínas/Museu da Chácara do Céu num ponto de referência cultural e de lazer não só para o bairro – carente desse tipo de equipamento – como também para a cidade. Por esse motivo, o projeto foi concebido em duas escalas: a arquitetônica – implantando um programa que atendesse à necessidade de ampliação e complementação das atividades existentes no Museu – e a urbana – articulando as áreas do entorno das duas construções e incorporando ainda um terceiro terreno para espetáculos ao ar livre.
Considerando-se que a casa existente era de valor arquitetônico relativo e que a ruína era melhor do que a construção original, optou-se por explorar a ruína como tal. A arquitetura não foi restaurada, e a maior parte dos vãos da casa permanece aberta. A estabilidade da estrutura foi garantida pela construção de passarelas e escadas metálicas, criando caminhos e pontos de vista variados e transformando este espaço num grande foyer. O novo telhado foi projetado em ferro e vidro laminado para manter a volumetria original e permitir a passagem da luz natural, conservando, assim, a ambiência da ruína.



Freire, Luis Mauro – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1989
Vilariño, Maria do Carmo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
Gonçalves, Fábio Mariz – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
Lima, Zeuler R. M. A. – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
Consultores: Antonio Bugan, Moacir de Freitas



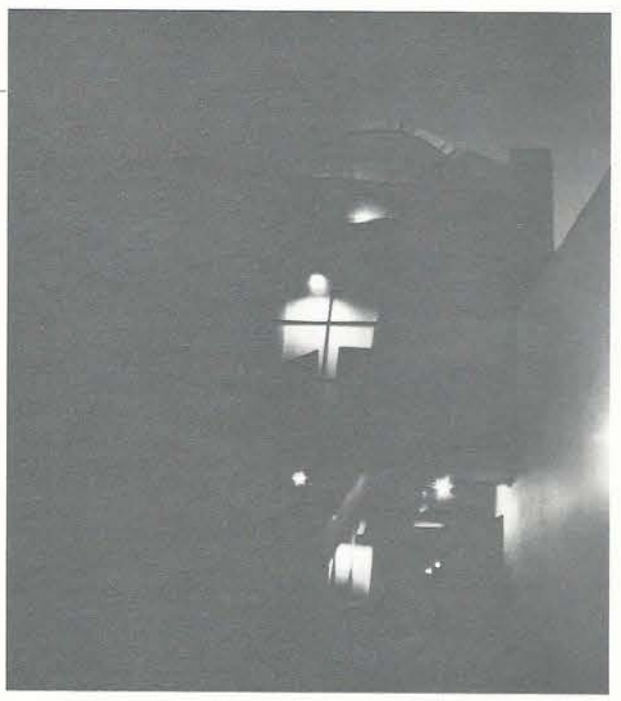
Catedral da Sagrada Família – Diocese de Campo Limpo (1999)

A Diocese de Campo Limpo é composta por vários bairros de São Paulo e seis municípios, cuja população estimada é de 2.500 mil habitantes.
O projeto procurou atender duas questões fundamentais: que a Catedral não tivesse um aspecto monolítico que chocasse com o contexto das pequenas casas pobres da região e que os volumes configurassem um adro de entrada, uma praça de acolhida para as cerimônias religiosas e para confraternização da comunidade. A nave principal foi concebida como um grande salão, com cerca de 1.200 m^2 e capacidade para 1.500 pessoas sentadas, dividido em 3 volumes articulados. Foram concebidas 2 grandes vigas, em concreto protendido, com vãos de 39 m que penduram duas vigas menores, mais baixas, deixando o interior da nave livre de pilares ou colunas. Nessas vigas, apoiam-se telhas pré-moldadas de concreto, vencendo vãos variáveis. Para o fechamento entre os pendurais, utilizaram-se painéis de mármore com espessura de 1,5 cm. No centro do altar, há um afresco pintado pelo artista plástico Cláudio Pastro.

Garcés, Jorge Eduardo V. – Toluca, México – Faculdade de Arquitetura e Arte de Toluca, México, 1983
Plata, Adriana Irais Lugo – Toluca, México – Escola de Arquitetura da Universidade Autônoma do Estado do México, 1986
Colaboradores: Sérgio Ricardo Villegas Garcés, Oscar Del Rio Espinosa/Consultores: Caleb Mario López Mota, Janvier Galván Figueroa, Concepción Jaimes

Edifício de Ideas de Inversión Toluca, México

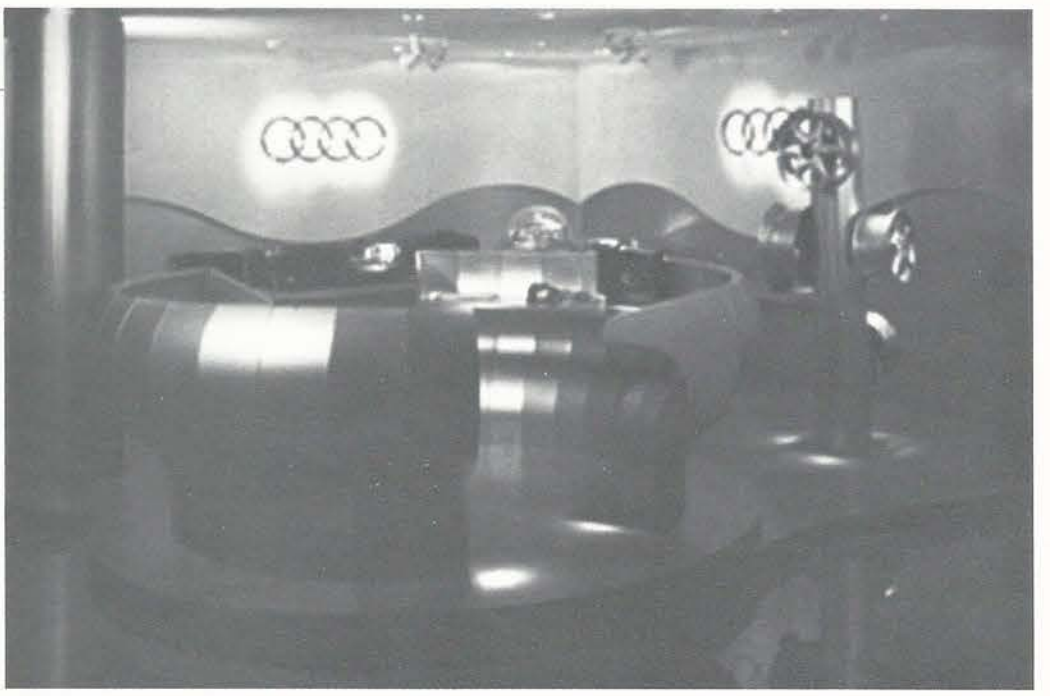
A empresa Ideas de Inversión Co. adquiriu um terreno estreito em formato de "L" na parte central da cidade de Toluca, onde existia uma antiga casa art déco quase em ruína. O projeto incorporou o que restava da construção original transformando-a num edifício de dois pisos e um subsolo. No primeiro andar, encontram-se a entrada, a área de recepção, os serviços sanitários e o escritório principal com uma pequena biblioteca. Acima do escritório localiza-se uma sala de reuniões, cuja janela de formato oblongo tem vista para a colina em frente da casa. No nível térreo, há uma área para trabalho. No subsolo, tem-se uma sala de uso múltiplo, iluminada por uma janela triangular que também ilumina o pátio da entrada. Um novo telhado ondulado foi adicionado, e a fachada original foi restaurada. O prédio inteiro foi revestido com uma nova e transparente fachada arqueada de vidro.



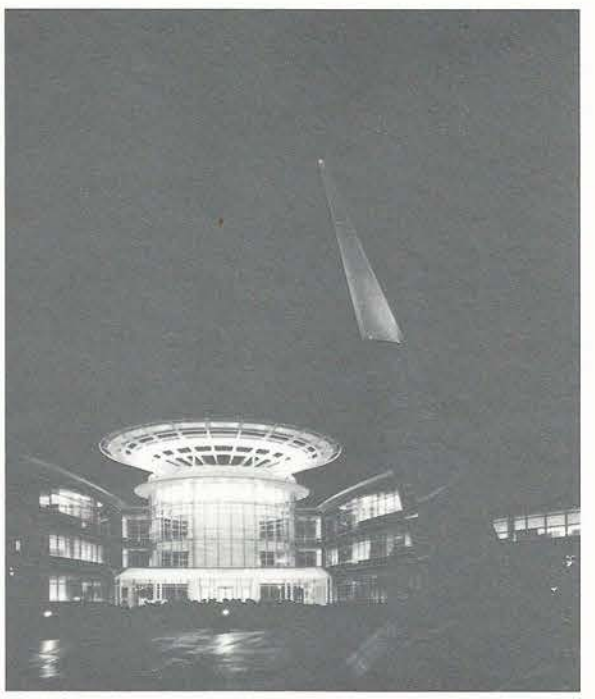
Gifford, Márcio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1983

Audi Store
São Paulo, SP

O material usado no projeto, um composto de duas chapas de alumínio unidas por uma camada de polietileno, permitiu a criação de formas bastante livres e um acabamento de alto padrão. A forma do projeto foi inspirada no fato de a marca/cliente ser vencedora de várias provas de automobilismo: os diferentes níveis da loja representam os diferentes lugares do pódio de premiação; o balcão foi posicionado no ponto mais alto desse "pódio". Para exposição das rodas, foi criado um poste motorizado em contínuo movimento, que permite a visualização das rodas a partir de qualquer ponto da loja.



Gilberti, Celso Renato – Cleveland, Ohio, EUA – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1968
Colaboradores: Peter Spittler, Denver Brooker, Jack Walsh, Joe Denk, Ralph Tyler Co., The Outside In.



Edifício da Applied Industrial Technologies (1997)
Cleveland, EUA

Os objetivos do edifício da Applied Industrial Technologies eram consolidar e reunir operações abrigadas em cinco locais diferentes, eliminando serviços redundantes e estabelecendo, por meio de um novo edifício, uma imagem progressista da corporação para o novo milênio. Localizada numa região em decadência, próximo ao centro de Cleveland, a construção exerce satisfatoriamente o papel de polarizadora de sua renovação urbanística.
Os dois elementos curvilíneos do complexo e seu núcleo central resolvem propósitos funcionais. As duas alas facilitam a iluminação natural dando vista para o entorno urbano e o lago Eirie. Pontes conectam as alas ao núcleo central de circulação vertical.
O tratamento paisagístico dado às áreas livres do terreno procuram oferecer espaços públicos de qualidade, enfatizando a intenção de transformar o complexo num marco da renovação urbana do entorno.

Gilberti, Celso Renato – Cleveland, Ohio, Estados Unidos – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1968
Colaboradores: Tim Huffman, Julie Griscione, Hannivan & Co., Jaffe Holden Scarbrough, Roger Morgan Studio, Shakki Gautham

Renovação do Allen Theatre (1998)
Cleveland, EUA

O edifício abrigou uma das primeiras salas de exibição de filmes nos Estados Unidos, erguida nos anos 20. Sua restauração e modernização completam a última fase da renovação de um complexo teatral que começou a adquirir importância nacional nos Estados Unidos no início dos anos 70, como conjunto arquitetônico de interesse e centro de entretenimento da região de Cleveland.
Um cuidadoso levantamento histórico buscou identificar as linhas originais, encobertas por conservações e manutenções inadequadas. A restauração procurou resgatar a clareza das imagens da década de 20, preservando as referências históricas com a recomposição de detalhes danificados.
A atualização do prédio foi de grande complexidade, envolvendo adequação dos atuais códigos de obras, sistemas de proteção contra incêndio, evacuação de emergência e instalação de equipamentos de apoio aos espetáculos. Todo o subsolo existente foi reestruturado para abrigar novas áreas de apoio aos bastidores.

Gilberti, Celso Renato – Cleveland, Ohio, Estados Unidos – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1968
Colaboradores: Peter Spittler, Denver Brooker, Jack Walsh, Shaki Gautham, MAI

Parque Gráfico – Jornal Dayton Daily News (1999)
Dayton, EUA

O projeto para o parque gráfico do Dayton Daily News associa conceitos de tecnologia avançada à indústria jornalística. Com uma intenção inovadora, buscou atender às necessidades de relocação e centralização das diversas atividades associadas à produção do jornal, antes dispostas em blocos independentes num centro urbano congestionado.
Os 24.260 m² desse parque gráfico, que abrange um centro de distribuição local, estão implantados em uma propriedade de 43 acres a sudeste do estado de Ohio, próximo a uma estrada interestadual. O edifício é modulado pelo arranjo de três rotativas lineares, de forma que possam ser supervisionadas clara e eficientemente. As instalações foram projetadas para possibilitar certo número de arranjos opcionais de produção e empacotamento de jornais, incluindo áreas para futura expansão.
As formas da cobertura inspiram-se na herança da cidade de Dayton como berço da aviação nos Estados Unidos. Na fachada lateral, foi estampada a silhueta curva descritiva do primeiro vôo dos irmãos Wright.

Giménez, Julio César Delgado – Assunção, Paraguai – Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional de Assunção, Paraguai, 1985
Colaborador: Lorena Radice

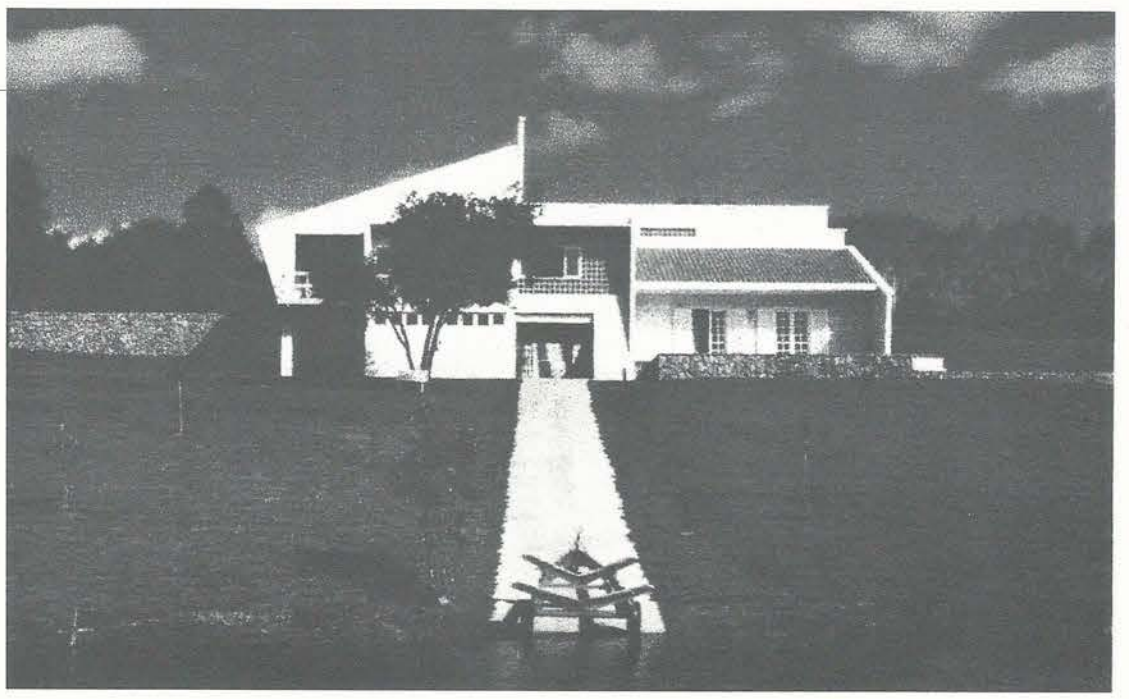
Minicondomínio Alameda (1998)

O conceito de condomínio em pequena escala responde a uma tipologia de residências onde se compartilham espaços como estacionamento, circulação de pedestres e recreação. As quatro casas do projeto, implantadas num mesmo lote de médias proporções, são geminadas duas a duas, no fundo do terreno e na frente para a rua, respectivamente. O resultado dessa implantação é uma planta livre e transparente, com jardins e áreas cobertas, pelos quais se dá o acesso às casas do fundo do terreno. A imagem do conjunto sugere uma arquitetura sintética. O tijolo comum completa-se com as superfícies lisas e coloridas dos volumes que se compõem embaixo ou no interior de uma estrutura de caráter rígido e severo.

Gimenez, Luis Espalhargas – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1977
Colaborador: Cibele Alvares Gardin

Residência Abramovitz (1996)
Ibiúna, SP

Para aproximar a casa da água e da vista da represa, sem que fosse necessário elevá-la – pois o desejo dos proprietários era de uma residência térrea que abrisse para todo o terreno –, o projeto foi estruturado a partir do abrigo de barcos e seu caminho. A linha de onde se deslocam os veículos e a garagem definiu, assim, a posição da casa, seus níveis e subprogramas. Sobre a garagem, estão as salas, a varanda e a cozinha, elevadas e abertas para onde era preciso. Do outro lado, sobre o terreno, estão os dormitórios, distantes da área social.

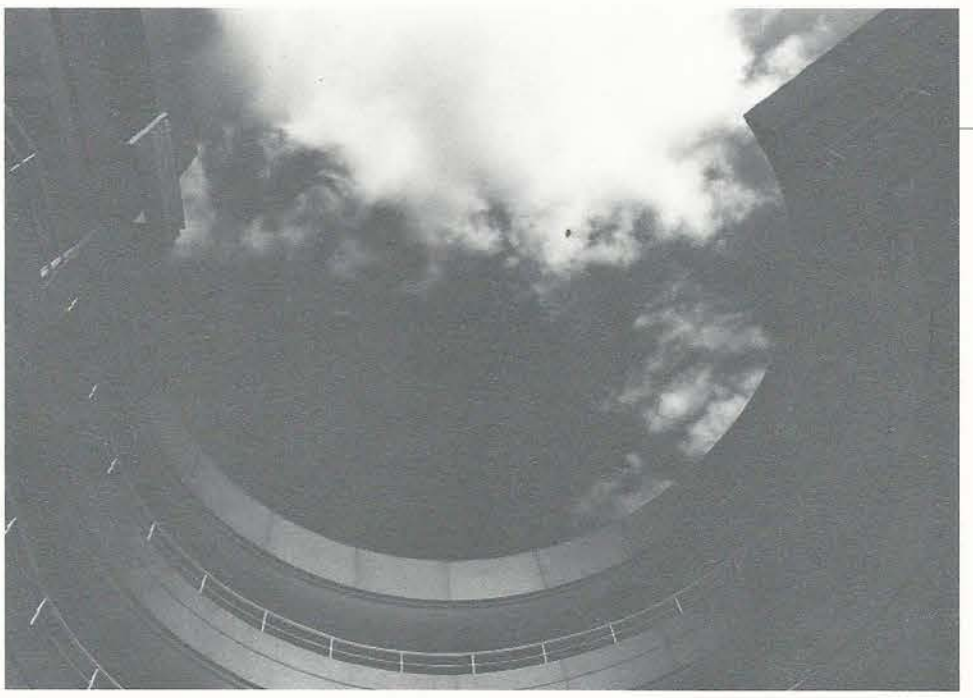


Gimenez, Luis Espalhargas – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1977
Cecco, Angelo – São Paulo, SP
Colaborador: Rene Chedid

Edifício Poliesportivo do Clube do Círculo Militar de São Paulo – São Paulo, SP

A necessidade de aumentar o número de instalações esportivas do clube impôs o problema com o qual se defronta a grande maioria dos edifícios localizados em áreas urbanas já consolidadas: indisponibilidade de áreas livres e o alto preço dos terrenos. A saída possível foi verticalizar as instalações por intermédio de edificações mais complexas que permitam concentrar e organizar em diferentes níveis as diversas atividades.
A posição do edifício, junto à divisa posterior e à linha de grandes árvores existentes, formava um limite preciso, dentro do qual o edifício deveria ser encaixado.
A existência de outras edificações sugeriu a posição da escada na fachada, de tal maneira que, no futuro, servisse para ampliações contíguas. O mezanino fica voltado para a rua e abriga outros usos, ao aproveitar o grande pé-direito que encerra a piscina coberta.
No subsolo foram instalados os equipamentos para tiro, arco e flecha. Na quadra de futebol society, a preocupação com o desenho de um fechamento metálico fez com que os elementos estruturais dos pórticos fossem prolongados para apoiar as vigas triangulares e metálicas em que se fixam as telas de proteção.

Giovannitti, Vincenzo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Guarulhos, SP, 1978
Serrano, Marcio/Gloder, Valter
Colaboradores: Fortunata Frangella, Luciana Barzi, Karen Bocchini, Ricardo Cocito

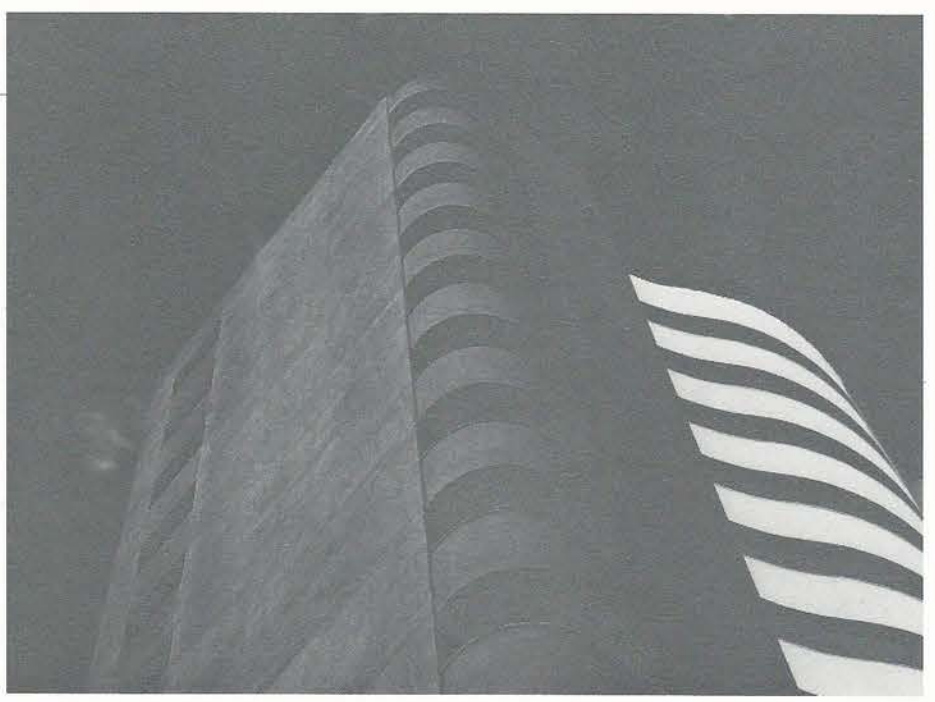


Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais da Sociedade Agostiniana de Educação e Assistência (1999) Guarulhos, SP

Da necessidade de espaços independentes para atividades específicas (estudos, pesquisas, assembléias), resultaram três blocos independentes. Os dois primeiros blocos foram destinados a 68 suítes distribuídas em 3 pavimentos. No pavimento térreo, encontra-se toda a estrutura de apoio. Uma passarela liga as unidades de hóspedes ao terceiro bloco, onde estão localizados o auditório, o restaurante, as salas de aula e outras atividades.
Aproveitando a paisagem local, foi projetada, em frente ao lago, uma capela com painéis autoportantes que apóiam uma cobertura em estrutura metálica. Nesse espaço, aberturas variáveis na forma e na dimensão possibilitam a manifestação de luz e sombras como elementos plásticos.
Na construção foram utilizados elementos pré-fabricados, com os fechamentos em painéis de concreto, fixados na estrutura de concreto moldado "in loco".
Afirmando o interesse social da Sociedade Agostiniana em relação à região, também foi construída uma creche beneficente para 360 crianças.

Goldfarb, Elizabeth – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1975
Marchi Junior, Wilson
Colaboradores: Álvaro de Mattos Tavares, José Tadeu dos Santos

Edifícios Nashville e Louisville, (1998) São Paulo,SP

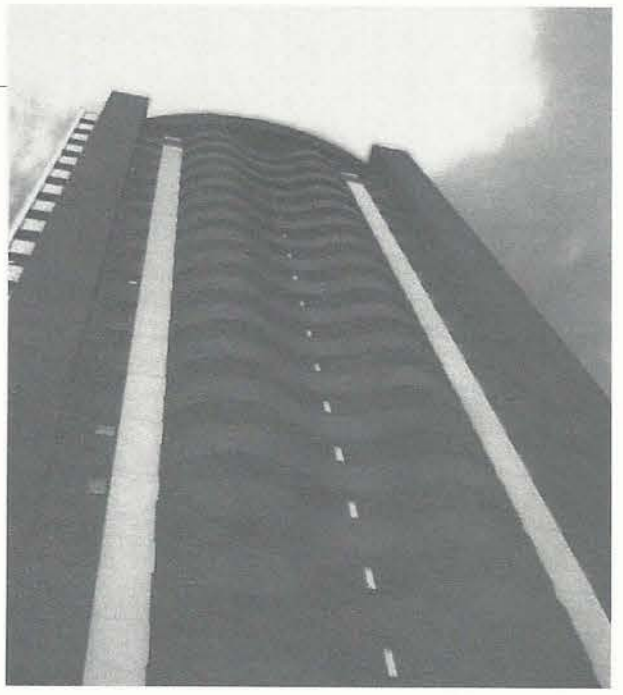


Os edifícios Louisville e Nashville estão implantados num terreno de 3.913 m², privilegiados por uma situação de esquina. Numa cota média de 7 m em relação às ruas, apresentam boa insolação e vista para o bairro inteiro.
Os dois edifícios, de dois e três dormitórios, têm plantas compactas e funcionais em que os ambientes de estar e jantar complementam suas dimensões com os amplos terraços curvos, que emprestam uma volumetria orgânica ao conjunto.
Separados por grandes praças no pavimento térreo, os edifícios interligam-se ao nível do 1° subsolo, onde o acesso principal de pedestres é feito por uma ampla galeria. A solução estrutural, de lajes planas e poucos pontos de apoio, permite flexibilidade interna aos apartamentos.

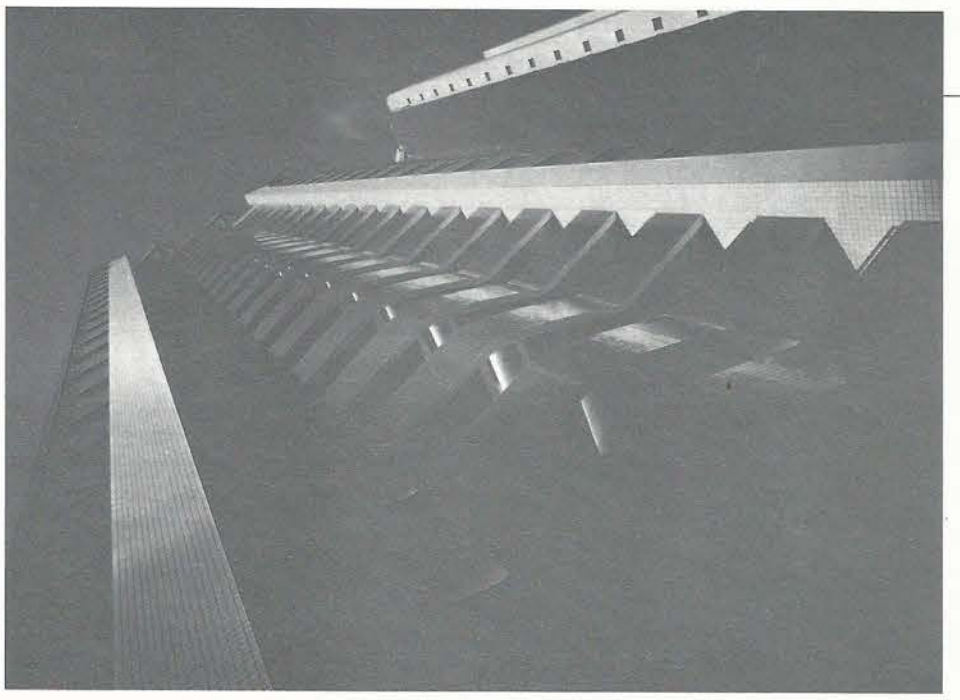
Goldfarb, Elizabeth – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1975
Colaboradores: Álvaro de Mattos Tavares, José Tadeu dos Santos

Edifício Sant'anna del Fiori (1999)
São Paulo, SP

O edifício Sant'anna del Fiori, no bairro de Santana, está implantado numa área de 1.500 m² numa esquina em aclive, de forma que o pavimento térreo é constituído sobre dois sobre-solos, buscando o nível alto de uma das testadas, garantindo maior segurança e privacidade para as áreas de lazer. As dimensões do terreno levaram a uma solução em que, num pavimento de 4 apartamentos de 3 dormitórios, as caixas de escada e elevador separam as áreas de estar dos apartamentos. Os terraços curvos unem-se no eixo do bloco, estendendo sua largura a 5 m. O revestimento em pintura faz a marcação dos volumes e do movimento dos terraços, permitindo uma clara identificação do edifício em seu entorno.



Goldfarb, Elizabeth – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1975
Colaboradores: Álvaro de Mattos Tavares, Shirley Maeda



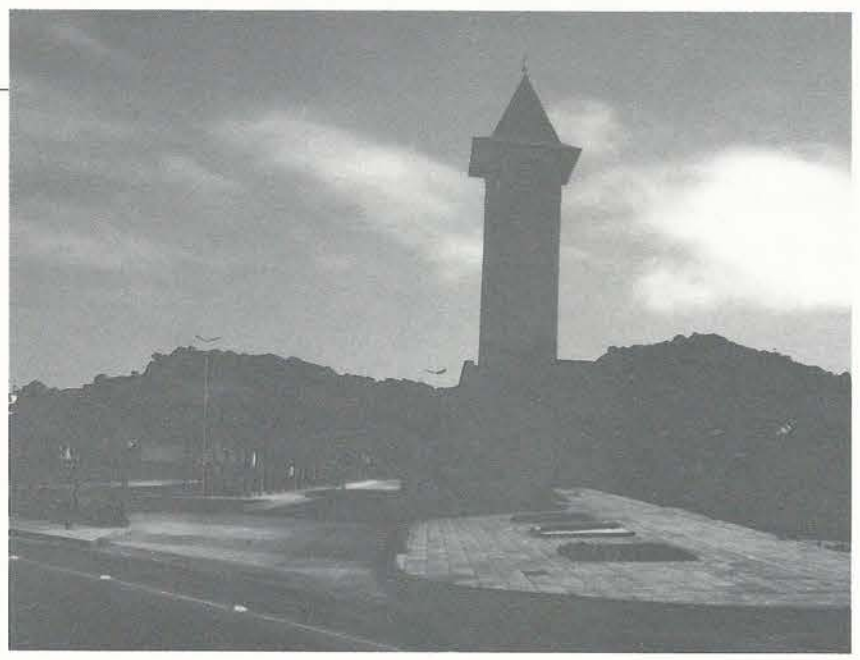
Edifícios Bordeaux e Biarritz, (1998)
São Paulo, SP

Trata-se de 2 edifícios irmãos, não-idênticos, de apartamentos de 3 dormitórios, localizados na Vila Madalena. O nível térreo, 7 m acima do nível de entrada, permitiu o desenvolvimento das áreas de convívio e lazer de forma independente das circulações e acessos de veículos e pedestres.
Em ambos os edifícios, as plantas dos apartamentos têm o mesmo programa de funções, permitindo o uso flexível dos ambientes. As soluções espaciais e dimensionais, no entanto, são diferentes em cada bloco.
A volumetria é marcada pelo uso diferenciado dos revestimentos cerâmicos nos tons vinho, cinza e branco.
A solução estrutural possibilitou balanços e pórticos, criando-se interessantes soluções espaciais.

Gonçalves, Luis Rogério Pupo – Joinville, SC – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de São Paulo/Bauru, 1991
Magnabosco, Mauro – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina
Constante, Vladimir Tavares – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 1994
Colaboradores: Ana Carolina Mazzaroto, Maurício Alexandre Maas

Estação da Cidadania Iririú (1999)
Joinville, SC

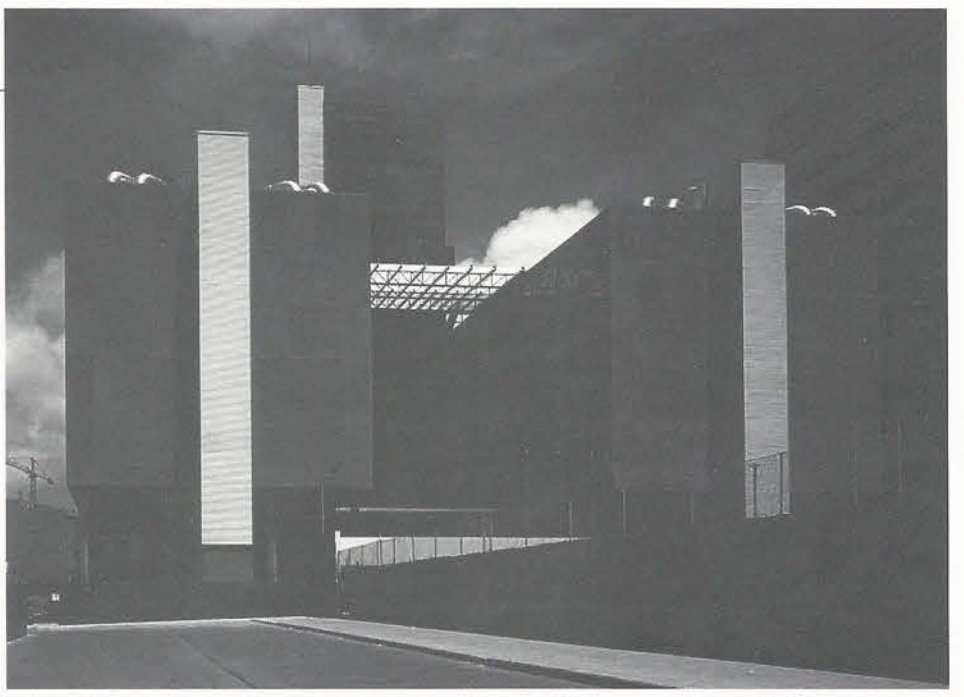
Trata-se de um terminal de integração de transportes coletivos da cidade de Joinville, que não se restringe ao edifício de serviços e às plataformas de embarque, pois é também um espaço de convivência da comunidade local. A linguagem plástica do edifício remete à arquitetura tradicional joinvilense, de formas simples, materiais e técnica construtiva convencionais. A torre do relógio, como referência à torre da Estação Ferroviária, aparece como um símbolo do sistema de transporte integrado da cidade.



González, Magui – Las Palmas de Gran Canária, Espanha – ETSA Las Palmas, Espanha, 1978
Colaboradores: Javier Perez-Alcaide Schwartz, Juan Carlos Reveriego, Paulino Cal, J.F. Viera, Gustavo Báez
Consultores: Carlos Peleteiro, J3&JG Engenharia

Edifício de Usos Múltiplos II do Governo de Canárias (1997)
Las Palmas de Gran Canaria, Espanha

A implantação de um volume edificado, considerado excessivo diante das possibilidades oferecidas pelo terreno, conduziu o projeto a um processo de decomposição volumétrica do conjunto em que o espaço urbano pode penetrar em seu interior. Dois prismas longitudinais, uma torre vertical interposta entre eles e um volume baixo e maciço são os elementos em que se decompõe o conjunto, permitindo sua incorporação à paisagem urbana preexistente.



Graziosi, João Carlos – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Farias Brito, Guarulhos, SP, 1981
Colaboradora: Cecília Tamico Yonezava

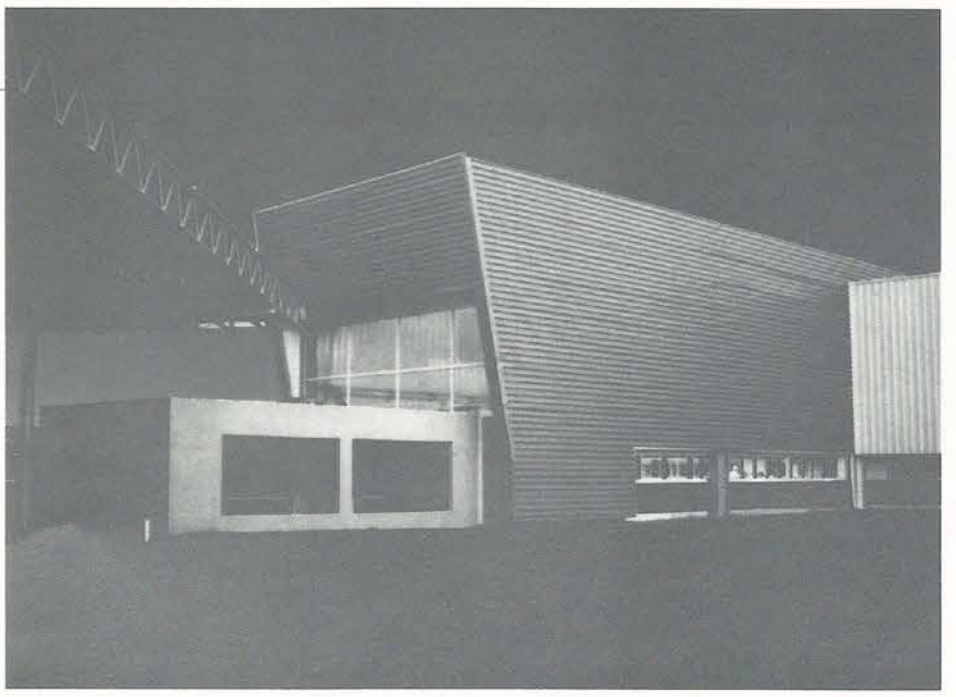
Concessionária de Veículos (1998)
Maringá, PR

O sistema construtivo adotado no projeto foi estrutura de concreto armado, vedos em alvenaria de blocos cerâmicos revestidos e cobertura de tesouras metálicas. Somente na área de recepção de veículos foi usada, por razões estéticas, estrutura espacial de tubos de aço com pintura eletrostática.
O parido arquitetônico baseou-se na justaposição dos três elementos principais do programa da concessionária: showroom com mezanino administrativo, recepção de veículos e oficina.
A proposta explorou a grande extensão da fachada utilizando texturas diversas, transparências e uma volumetria que acentua a horizontalidade da paisagem da região.

Gyarfas, Andreas – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Coelho, Sérgio
Colaboradores: Carlos de la Corte, Carlos Itacarambi, André Trancoso, Marcelo Caloi Neves/Consultora: Anésia Frota

Van Den Bergh Alimentos (1999)
Rio Verde

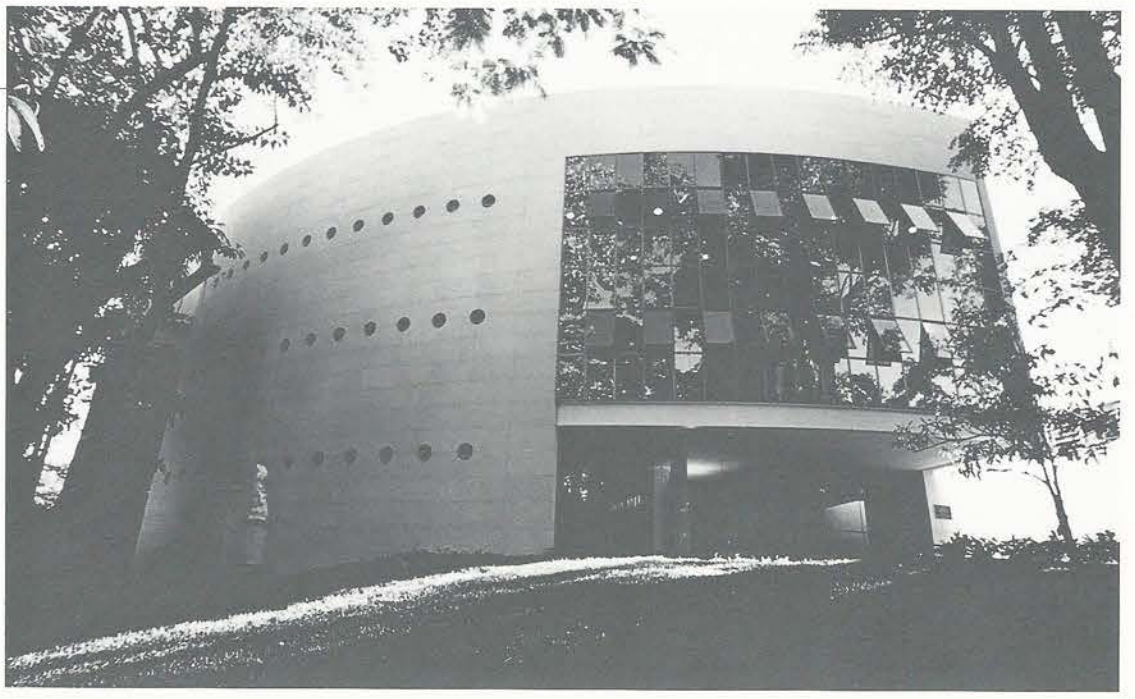
A nova fábrica da Cica, ou "Projeto Edge", como é denominada pela Gessy Lever, foi concebida para substituir a antiga fábrica em Jundiaí. O conceito básico de produção para o processamento de tomate foi desenvolvido por equipes da própria Van Den Bergh, com base em equipamentos da antiga fábrica e outros adquiridos para as novas linhas. O layout industrial resultante apresenta formato linear, dividido em duas partes: funcionamento parcial, que processa o tomate na época da safra; e funcionamento ininterrupto, que produz o molho de tomate. No encontro dessas partes, localizam-se os acessos externos, os escritórios, laboratórios e demais funções auxiliares. Além do galpão industrial, de aproximadamente 12.000 m², foram projetadas áreas de apoio, incluindo administração, refeitório/cozinha, vestiários, portaria, edifício de utilidades eletromecânicas e outros, num total de 20.000 m² para a primeira fase. As fases seguintes incorporarão novas linhas de produção e expansão das áreas de apoio, quando a fábrica superará os 75.000 m² de área construída.



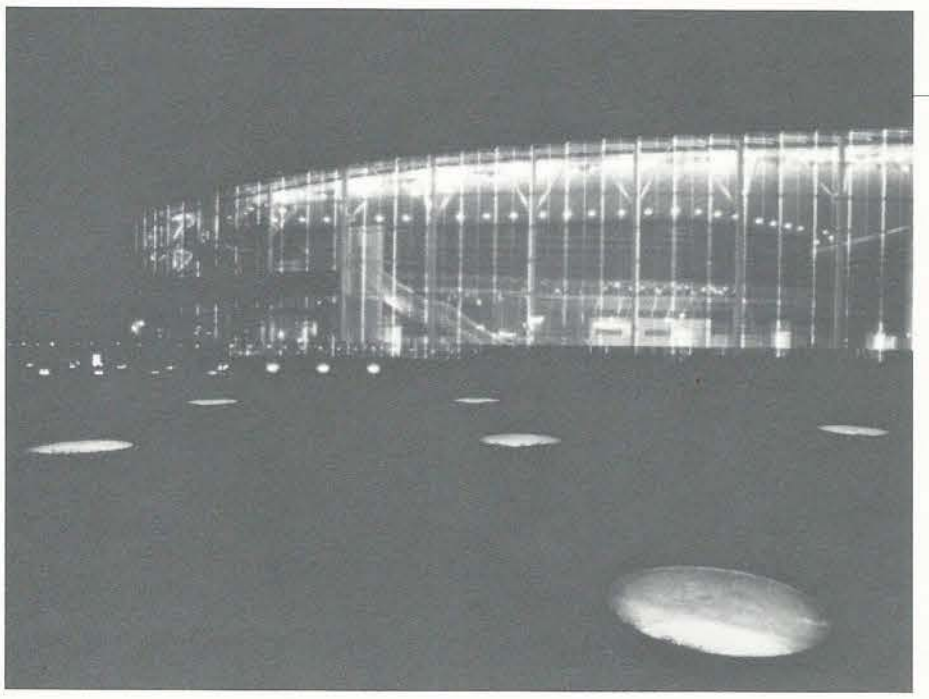
Hardy, Álvaro – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 1970
Coelho, Mariza Machado – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1975
Colaboradores: Willi Barros Gonçalves, Geise Martins/Consultores: Cassia Magaldi, Leila Regina Diégoli, Roberto Cruz

Anexo do Museu Histórico Abílio Barreto (1998)
Belo Horizonte, MG

O anexo do MHAB é o primeiro edifício de Belo Horizonte construído especialmente para abrigar um museu. O novo edifício fica ao lado de um casarão remanescente do Arraial do Curral del Rei, datado de 1883 e sede do Museu Histórico Abílio Barreto desde 1943. Para implantar as novas construções, ou seja, o anexo, o palco ao ar livre e o abrigo da locomotiva e do bonde, procurou-se elaborar um projeto que respeitasse a escala do Bairro Cidade Jardim, onde o Museu está inserido. Essas novas construções integram-se ao antigo casarão por meio de uma área livre com tratamento paisagístico. Quanto aos materiais empregados, destaca-se o aço como solução estrutural, integrando sistemas e processos construtivos de tecnologia moderna e, ao mesmo tempo, estabelecendo um diálogo respeitoso com a arquitetura do passado, feita de madeira e pau-a-pique.



Hasegawa, Itsuko – Bunkio-ku, Japão – Universidade Kanto Gakuin, Yokohama, Japão, 1964
Colaboradores: Masaki Shitaka, Takeniko Higa, Akihiro Tamura, Jun'ei Shida, Masami Tsueda, Tajii Fujimori
Consultores: Toshihiko Kimura, Takafumi Wada, EPK Corporation, Yamada Corporation



Centro de Artes Performáticas de Niigata (1998)
Niigata, Japão

Implantado próximo a um complexo urbano, o edifício oval cria espaços para espetáculos de diferentes artes performáticas. Como se fossem edifícios autônomos, compartilhando o mesmo espaço, cada área de performance tem sua própria característica, vocabulário arquitetônico e sistema estrutural de concreto armado. O acesso às salas é feito por meio de um corredor que divide o saguão do edifício ao meio. Ao sul, encontra-se a sala de concerto com 2.000 cadeiras. Já o teatro menor, com 900 lugares, é todo formado por limites rígidos. No quinto andar, há um teatro nô e um conjunto de salas para a tradicional cerimônia do chá, com vista para um jardim. Circundando o edifício, encontram-se 56 colunas de aço que, em conjunto com 74 colunas do interior, transferem o peso da treliça da cobertura do jardim para suportes 30 m abaixo. Escadarias e elevadores externos, numerosas passarelas e rampas conectam o nível inferior externo ao edifício e aos jardins suspensos.

Hauenschild, Carl von – Salvador, BA – Universidade Técnica de Stuttgart, Alemanha, 1976
Colaboradores: Adriano Ramos, Firmo Azevedo
Consultores: Maurício Bastos, Wagner Serafim e Hailton Costa

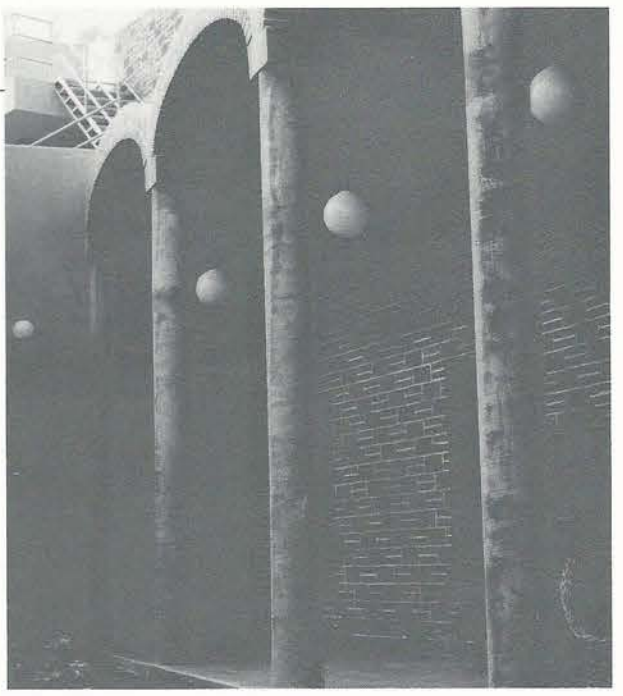
Residência Schaffner (1998)
Salvador, BA

O projeto foi elaborado a partir de cinco módulos quadrados separados por jardins. A cobertura é uma paraboloide hiperbólica, a forma curva mais fácil de executar sobre uma base quadrada e a mais econômica quando feita em laje pré-fabricada. Como contraponto às linhas retas dos módulos e em sintonia com as lajes curvas, foram adotadas paredes curvas na área interna. As paredes isoladas das colunas e das lajes promovem uma sensação de leveza estrutural, além de permitir a ventilação nos pontos mais altos.

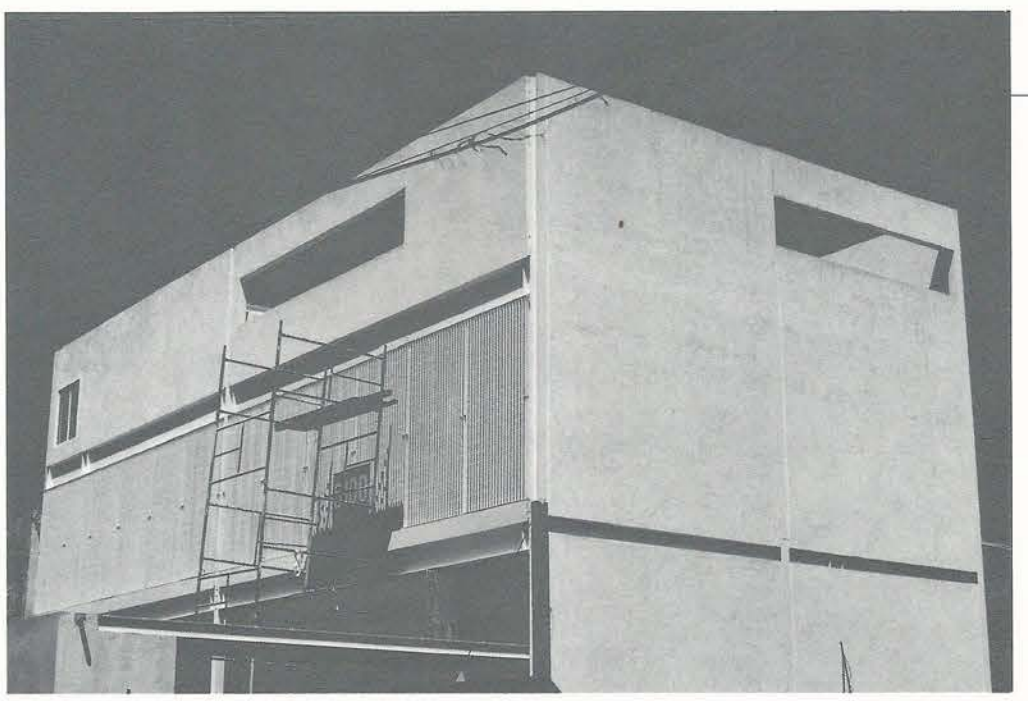
Hertz, John B. – San Juan de Porto Rico, Estados Unidos – Universidade da Califórnia – Berkeley, Estados Unidos, 1970

Casa Daugherty (1994)
San Miguel de Allende, México

A casa foi construída num terreno em "L" irregular e sem alinhamento paralelo das divisas. O projeto é dividido vertical e horizontalmente a fim de permitir diversas situações de ocupação. Os espaços de moradia e trabalho estão contidos num único nível, dividido por um pátio central. Para os hóspedes, os espaços superiores e o estúdio são também dormitórios. O elemento estruturador é o "muro", primordial na arquitetura pré-colombiana e colonial, feito com tijolos. Os aspectos públicos/privados são reforçados pela orientação: os espaços públicos têm orientação sentido norte – sul, e os espaços privados são alinhados no sentido noroeste – sudeste. Essa implantação cria um pátio que tem a forma característica das praças mexicanas na escala urbana e do pátio da hacienda na escala residencial. Como artefatos, informados por seu ambiente cultural, o material e a tecnologia de construção são claramente locais: alvenaria, moldura de concreto e tetos abobadados.



Hiroyama, Edison H. – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1996
Colaborador: Maria Julia Herklotz
Consultores: Contrato, Daruix



Edifício Comercial Y.O.K.O (1999)
São Paulo, SP

Edifício comercial situado na cota mais alta da bacia do Guarapiranga, que permite a visualização das referências de paisagem da cidade de São Paulo: Pico do Jaraguá, espigão da Avenida Paulista, Skyline do Grande ABC e Represa de Guarapiranga. Para valorizar essa vista, o edifício, com três andares, tem na cobertura um terraço mirante.
O trânsito intenso e constante do local do edifício determinou a adoção dos sistemas construtivos para confrontar a alta vibração e garantir conforto acústico. Foram utilizadas fundações pré-moldadas com profundidade de 12 m, estrutura metálica e vedações com blocos sílico-calcários para isolar os ambientes de permanência prolongada.

Hochheimer, George Frug – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, São Paulo, 1988
Imperatori, Luciano Martinelli – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, São Paulo, 1988
Colaboradores: Adriana Duran da Motta, Luiz Carlos Leuenroth, Silvio Garrucho

Colégio Montessori (1999)
São Paulo, SP

O projeto considerou as seguintes premissas: um programa complexo, um lote exíguo e tempo limitado para a construção. A solução adotada foi a verticalização, resultando num edifício de cinco pavimentos com uma quadra poliesportiva na última laje. A necessidade de uma obra rápida e a versatilidade exigida para os espaços da escola levaram à adoção de estruturas metálicas e lajes pré-moldadas protendidas. A qualidade ambiental, no interior das salas de aula, foi garantida com a abertura de grandes vãos de caixilhos para permitir a entrada de luz e ventilação. Como a maior parte das salas está voltada para a face norte, foi projetado um conjunto de brises que variam em altura, criando um movimento nas fachadas e inibindo a visualização direta para o exterior. A alvenaria foi revestida interna e externamente com cerâmica em cores diversas.

Hochheimer, George Frug – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP, 1988
Imperatori, Luciano Martinelli – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP, 1988
Pontes, João Paulo Schein – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP, 1996
Colaboradores: Luiz Carlos Leuenroth, Laura Terra Cunha, Luiz Cláudio Soubihe Pinho

Concessionária de Automóveis Mercedes-Benz (1999)
Rio de Janeiro, RJ

A versatilidade da estrutura metálica foi decisiva para a construção da agência de automóveis. O projeto é composto por uma série de blocos rotacionados em torno de um centro e se interseccionam de modo a produzir uma dinâmica. O primeiro bloco abriga o showroom e o mezanino e está disposto paralelamente à avenida para ampliar a visualização dos produtos. Nesse primeiro bloco, transparente, a fachada de vidro foi executada com sistema composto de garras metálicas, eliminando-se os caixilhos. O mezanino está atirantado nos pórticos metálicos, o que permite a exclusão de pilares dentro do showroom.
O outro bloco, um paralelepípedo sólido e regular, abriga a oficina, funilaria e estoque de peças. Como não é paralelo ao showroom, foi instalado um jardim entre os dois blocos.
Os terraços para exposição externa e a escada de acesso principal desenham no solo o movimento de rotação proposto no projeto.

Hochheimer, George Frug – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP, 1988
Imperatori, Luciano Martinelli – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP, 1988
Leuenroth Junior, Luiz Carlos – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP, 1999
Colaboradores: João Paulo Schein Pontes, Beatriz Almeida Pacheco, Erika de Souza Dernovsek

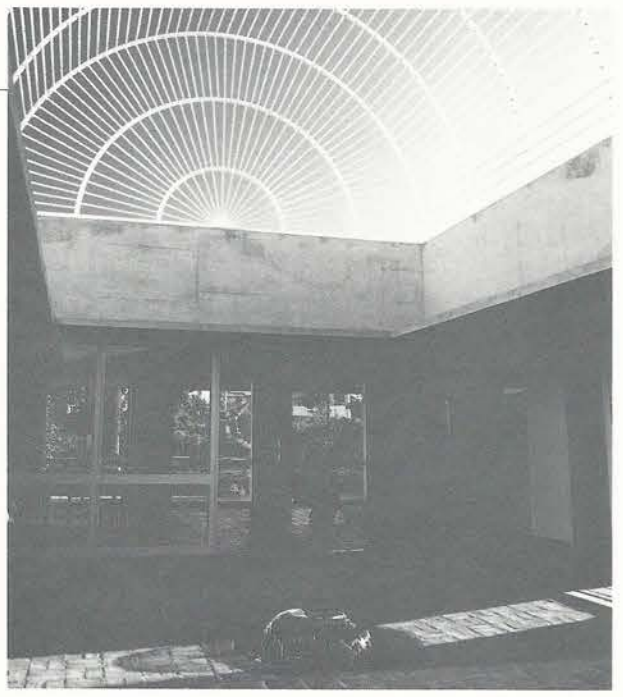
Implantação da Rede de Concessionárias Chrysler (1999)

A Concessionária-Padrão Chrysler, Dodge e Jeep é implantada com um conceito de linguagem arquitetônica externa baseada nos elementos principais dos símbolos Chrysler: o Pentastar e a Águia.
A implantação deve, portanto, considerar os seguintes princípios:
O acesso deve se dar pelo pórtico em forma de Pentastar e a identificação visual da fachada sugere a imagem corporativa da empresa, aplicada simetricamente em relação ao átrio. A área de exposição de veículos, de pé-direito duplo, e o mezanino, com as áreas administrativas e diretoria, devem propiciar visão total do setor de revenda. A partir do showroom é possível visualizar toda a área da oficina e do setor de autopeças, serviços que são vinculados às vendas da concessionária. O showroom é subdividido em setores ocupados pelas três marcas e cada um deles é concebido com as características e layout inspirados no design de cada marca.

Holanda, Frederico de – Brasília, DF – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, PE, 1966
Consultores: Massaro Tanizaki, Martins Serviços Técnicos Ltda.

Residência Unifamiliar (1999)
Sobradinho, DF

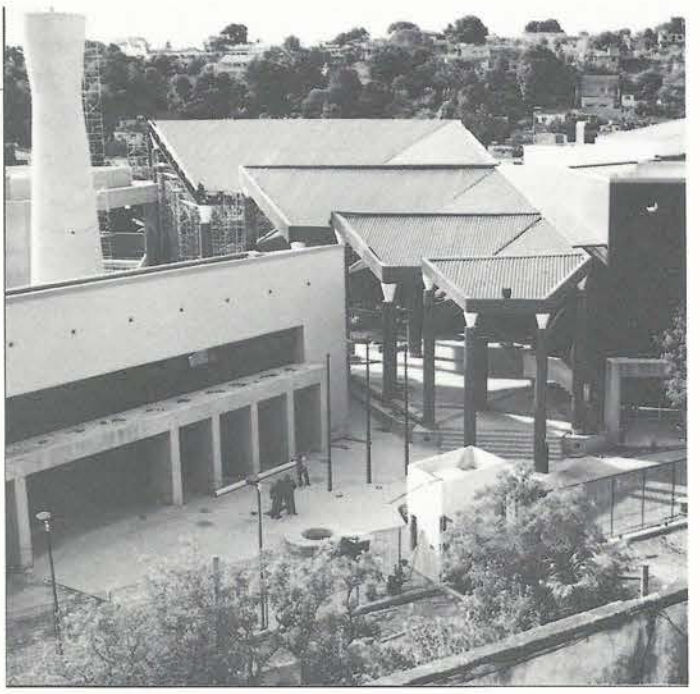
O milenar átrio é resgatado no espaço doméstico. Em torno dele, foram dispostos os vários elementos da casa: vestíbulo, sala, copa-cozinha e circulações que levam aos quartos e à área de serviço. O teto vazado – uma "arapuca" metálica a ser coberta por trepadeiras – desempenha uma função plástica e de segurança, o que permite a abertura, dia e noite, das esquadrias abaixo dos elementos de concreto que lhe dão suporte. De acordo com as condições climáticas – em geral excelentes em Brasília –, o átrio é mantido aberto, correndo-se a "pele de vidro" que o separa dos espaços contíguos.
Uma pequena fonte marca o eixo de entrada da casa através do vestíbulo e atenua a baixa umidade do período seco do Planalto Central.



Horta, Eduardo – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula, RJ, 1990
Izaga, Fabiana – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula, RJ, 1991
Colaboradores: Washington Fajardo, Severino Nascimento e Victor Andrade Carneiro / Consultores: Gilberto Valle, Júlio Niskier, Peter Gasper

SESC São Gonçalo (1998)
Rio de Janeiro, RJ

O Sesc São Gonçalo nasceu de um concurso nacional realizado em 1991. O projeto propõe a ordenação do território, destinado a um equipamento voltado para esporte, lazer e cultura, por meio da fragmentação em blocos autônomos. Esses blocos pretendem, cada um, contribuir com uma identidade particular, porém unidos por revestimentos que se repetem, pelo muro externo que os envolve e pela presença dos grandes telhados que cumprem função de abrigar do sol e conduzir as circulações entre os blocos. O espaço sob os telhados torna-se o local de encontros, aglomeração e eventos, e é caracterizado como transição interior/exterior, natural/construído.



Hue, Francisco Eduardo – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade Bennett, RJ, 1993
Hue, Jorge de Souza
Consultores: José Carlos Sardinha Filho, Elisa Ceppas Vianna

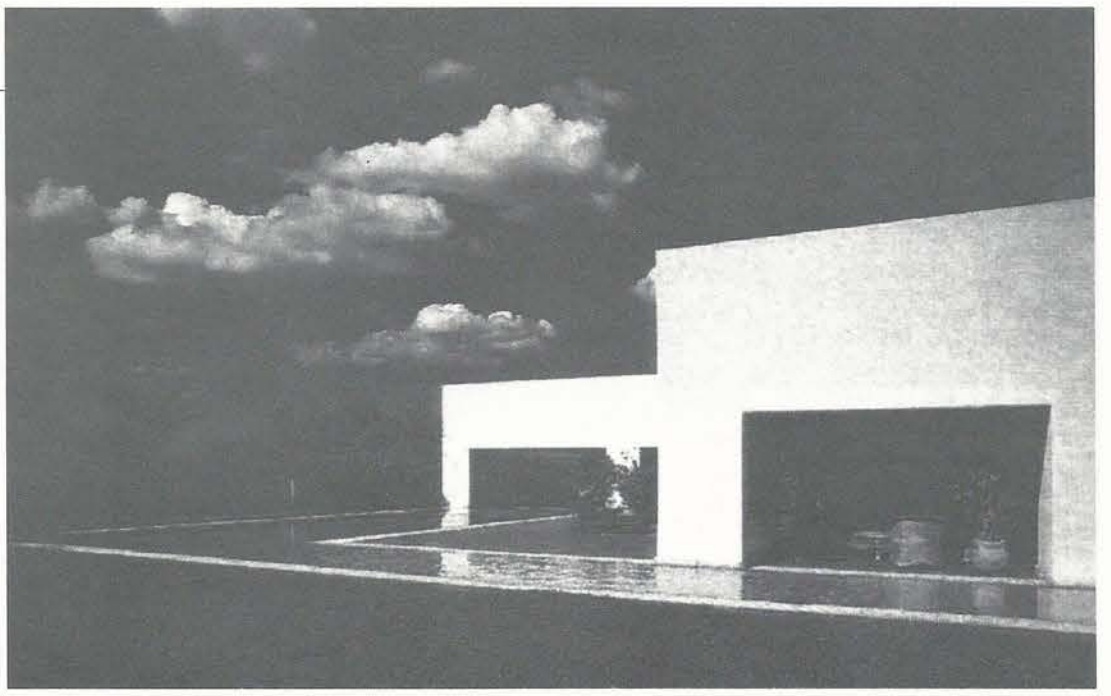
Residência Hartstein – Pio Borges (1999)
Petrópolis, RJ

Num terreno que faz limite com uma reserva florestal, a residência foi implantada sobre um eixo longitudinal determinado pelo relevo e regime de insolação local. O suave declive permitiu distribuir a casa em dois pavimentos principais, justapostos no centro da edificação que se articula ao pavimento inferior, conformando um eixo transversal e centralizando a circulação básica da residência. Um pátio interno favorece a insolação da casa, como também estabelece a transparência entre a reserva florestal e o talvegue próximo à pedra, em que a piscina foi construída. No pavimento superior a transparência e o acesso direto aos jardins também são mantidos. Sob os beirais de concreto, esquadrias com venezianas reguláveis controlam a intensidade da luz natural e garantem a ventilação em dias chuvosos.

Iglésias, Fernando – São Paulo, SP – Escola de Belas Artes de São Paulo, 1985

Residência FSE (1995)
Itu, SP

A implantação da residência foi executada de modo a orientar as principais aberturas para a vista e para a melhor insolação, a face norte. Os espaços abertos, decorrentes do escalonamento dos volumes, integram-se à arquitetura, formando pátios, varandas e jardins que dão continuidade aos espaços internos. Foi dada ênfase à iluminação e à ventilação naturais em todos os ambientes. O tratamento das superfícies e a escolha de cores procuram tirar partido da luz intensa da região.



Jatene, Iara Biscegli – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Upton, Patricia Baker – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Renault, Solange Villanueva – São Paulo SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Colaboradora: Elisa Mieko Nitta

Projeto de Sinalização do Terminal Rodoviário do Jabaquara (1994) – São Paulo, SP

Num local de grande fluxo de pessoas, o projeto pretendeu criar grandes pontos focais para facilitar a leitura e a percepção da sinalização. Utilizaram-se tipologia de leitura fácil e cores contrastantes, evidenciando as setas que mostram as direções e organizam os fluxos. Nas sinalizações de plataformas de embarque/desembarque, foram criados grafismos em forma de ondas que remetem à imagem de litoral, local de destino dos ônibus do terminal.

Jatene, Iara Biscegli – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Upton, Patricia Baker – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Renault, Solange Villanueva – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Colaborador: Rodney Seissum Sakihara

Showroom e Escritório da Empresa Cedro Cachoeira (1996) – São Paulo, SP

O projeto de arquitetura visou a transmitir uma imagem de seriedade e modernidade da empresa, integrando a área de recepção aos escritórios de venda, considerando todas as necessidades de uso e funcionalidade. A recepção é a área utilizada como showroom e eventos, por isso se usou pé-direito duplo. Os materiais transmitem ao mesmo tempo a tradição – madeira – e a modernidade – aço, alukobond e granito. As cores estão integradas com o design da logomarca.

Jáuregui, Jorge Mário – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional de Rosário, Argentina, 1971
Colaboradores: Alexandre Costa, Eduardo Trelles
Consultores: Eduardo De Carolis, Robson Saramago, Fábio Amaral

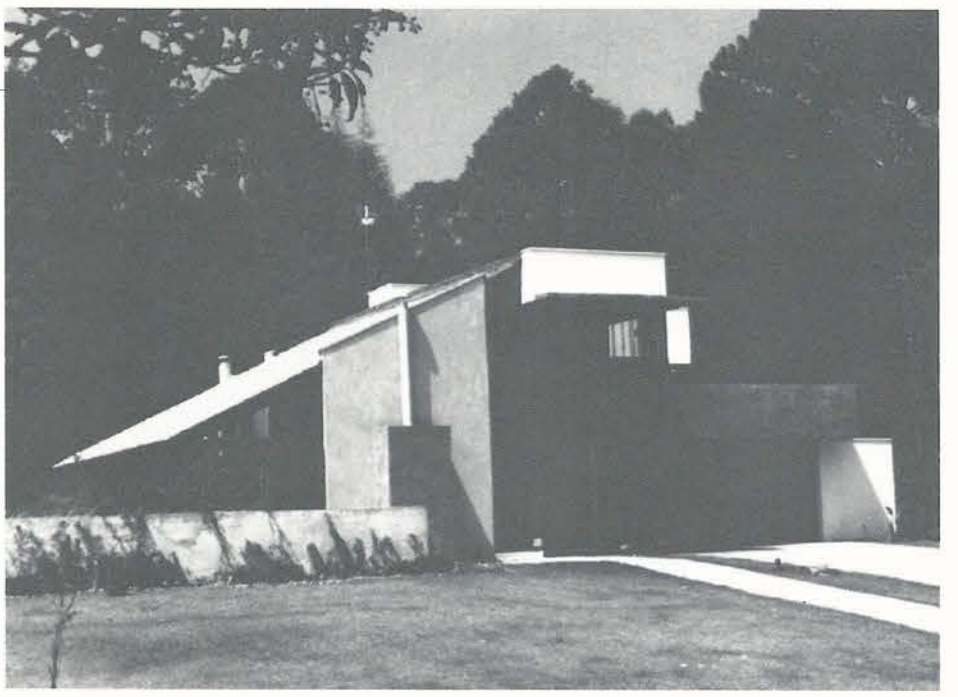
Urbanização de Favelas: Fernão Cardim, Vidigal, Salgueiro e Fubá-Campinho (1999) – Rio de Janeiro, RJ

Projeto de urbanização de quatro favelas cariocas se insereve como parte do processo de integração urbana da cidade do Rio de Janeiro, buscando recosturar a "cidade partida" por meio da requalificação do espaço público, mediante a articulação dos aspectos físicos, ambientais e infra-estruturais com os socioeconômicos e culturais. A partir da leitura da estrutura de cada lugar específico de atuação e da interpretação do potencial de transformação junto com as demandas da população, a formulação do Partido Urbanístico converte-se na peça-chave do processo projetual, estruturado em torno da identificação e potencialização das formas de centralidades.
Cada projeto apresenta características diferenciadas em relação à localização, ao número de habitantes, à relação com o entorno, à topografia, às carências, à situação fundiária e às características da vida associativa, o que determina soluções específicas para cada caso.

Jorge, Luis Antonio – Campinas, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1985
Zelenovsky, Flávia – Campinas, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1985
Consultores: Hauy & Bechara Engenheiros Associados SC Ltda.

Residência em Sorocaba (1997)
Sorocaba, SP

A casa é definida por três blocos construtivos independentes, cobertos por telha cerâmica em uma água. A sala e a varanda, em estrutura de madeira, sem lajes, são voltadas para o Norte. Os quartos são em alvenaria, forrados por lajes. O bloco de serviços foi disposto paralelamente ao bloco íntimo, de modo a definir uma área de serviço semi-enclausurada, preservando as quatro fachadas. Na articulação dos três blocos concentra-se a rede hidráulica e os reservatórios. Um mezanino de madeira cobre a passagem entre a sala e a garagem, criando um hall externo. Internamente, o mezanino projeta-se sobre a sala de estar e recebe a escada de madeira, atirantando-se por vergalhões de aço na viga de concreto que serve, também, de apoio à estrutura do telhado da sala e da varanda.



Jorge, Wilson Edson – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1964
Andrade, Nelson – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1963
Brito, Paulo Lúcio de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1965

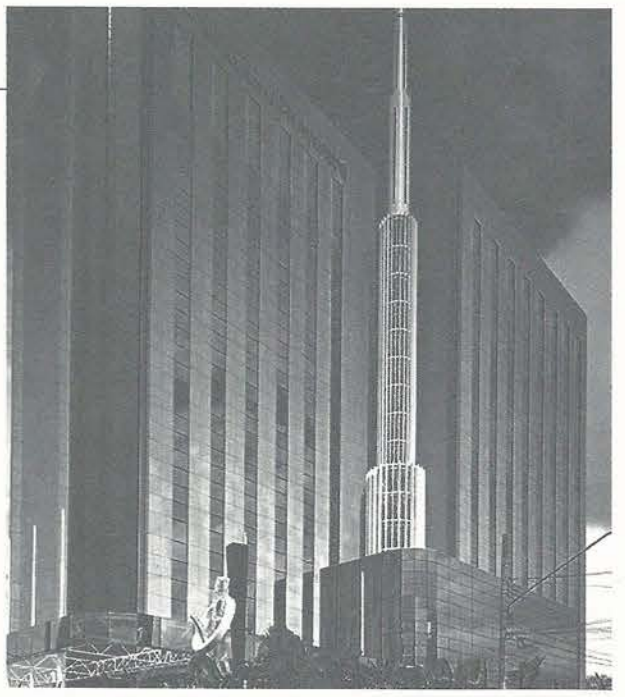
Casa de Detenção (1999)
Guarulhos, SP

A Casa de Detenção é um estabelecimento penal de regime fechado e de segurança máxima, destinado ao recolhimento de presos provisórios, já com inquérito concluído, mas com situação processual em andamento, à espera de julgamento.
O programa da Casa de Detenção contém 1.200 vagas, separadas em unidades com 600 cada. Essas unidades estão divididas em 2 pavilhões celulares, com 300 vagas cada, compostos por 50 celas coletivas com capacidade para 6 detentos.
A organização do complexo atendeu inicialmente às questões de segurança determinantes para o projeto: facilidade de os agentes penitenciários controlarem os detentos; localização interna à muralha apenas das edificações para atividades ligadas diretamente aos detentos, ficando as demais externas a ela; clareza na solução de circulação dos detentos e criação de acesso único e controlado à Casa de Detenção, para todas as funções.

Julião, Ricardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP, 1972
Colaboradores: Hélio Nakagawa, Renato Siqueira, Eduardo Asahara, Luiz Patrone, Beatriz Villela, Márcia Mourad, Augusto Portugal

Grande Hotel Mercure (1998)
São Paulo, SP

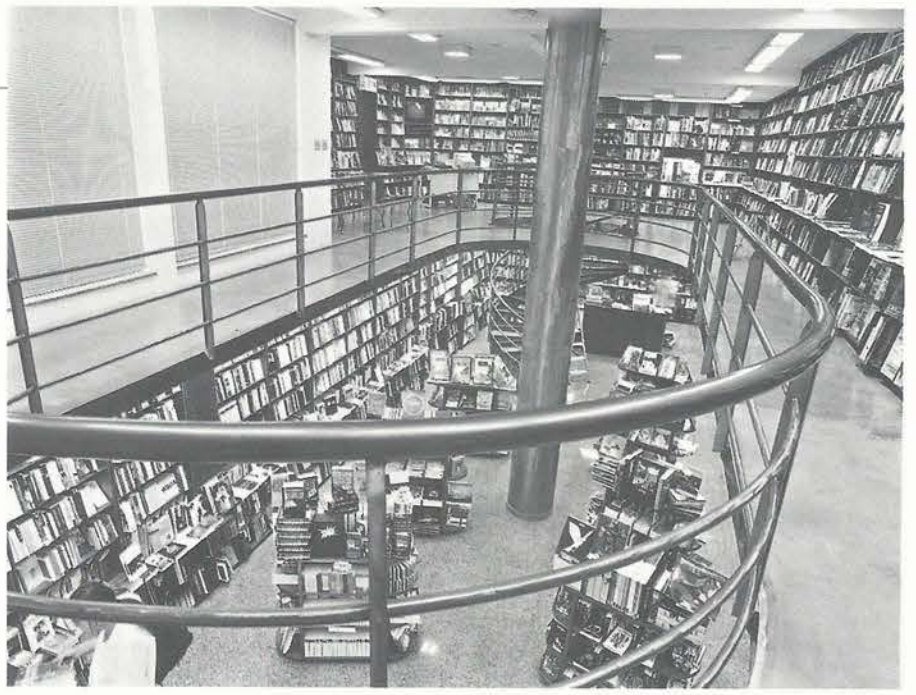
O hotel, situado em região de tráfego intenso, conta com 353 apartamentos distribuídos em 12 pavimentos. No térreo, situam-se lobby, recepção, bar, restaurante, café e dois pavimentos intermediários reservados às salas de trabalho e convenções. No primeiro piso estão localizados o restaurante e três apartamentos destinados a portadores de deficiência física, áreas de lazer e de condicionamento físico. Na cobertura, foram construídos dois pisos técnicos.
Os dois volumes retangulares, justapostos com um desnível entre eles, e os elevadores na parte central, permitem melhor aproveitamento da circulação. A volumetria atende a conceitos de funcionalidade e racionalidade, e a intenção plástica está na combinação de materiais – granito e vidro –, nas fachadas, na estrutura espacial e principalmente na torre.



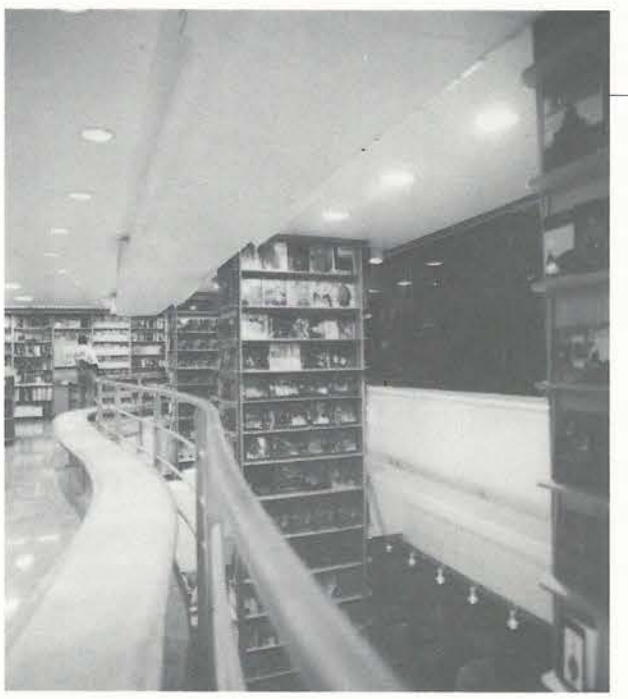
Kalili, Gabriel – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984
Freitas, Fernando – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984
Colaborador: Adriana Petti/Consultor: Luiz Antonio F. Cunha

Livraria Martins Fontes (1998)
São Paulo, SP

Inserida no térreo de um edifício residencial, as linhas equilibradas da fachada e o revestimento neutro conferem boa visibilidade interna a partir do exterior através de caixilhos em alumínio. Internamente, no térreo utilizou-se granito no piso, prateleiras volantes em mogno e chapas metálicas lixadas e envernizadas nas escadas e nas colunas. O mezanino, definido por uma laje maciça em concreto aparente, determina a concepção do espaço.



Kalili, Gabriel – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984
Freitas, Fernando – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984
Colaborador: Adriana Petti, Lea Kobashikawa/Consultores: Luiz Antonio F. Cunha, Ladislao Szabó



Livraria Martins Fontes/Santos (1998)
Santos, SP

A livraria ocupa dois níveis (térreo e mezanino) de uma loja num edifício comercial. O mezanino, executado com estrutura metálica e fechamento em gesso, foi projetado com uma curva sinuosa que delineia o pé-direito duplo reforçado pelas colunas originais do edifício, revestidas por prateleiras de livros. O desenho do mobiliário e os acabamentos remetem ao desenho das calçadas da cidade de Santos e os displays volantes conferem flexibilidade ao espaço.

Kalili, Gabriel – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984
Freitas, Fernando – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984
Colaborador: Adriana Petti/Consultores: Luiz Antonio F. Cunha, Ladislao Szabó

Onix Jeans (1997)
São Paulo, SP

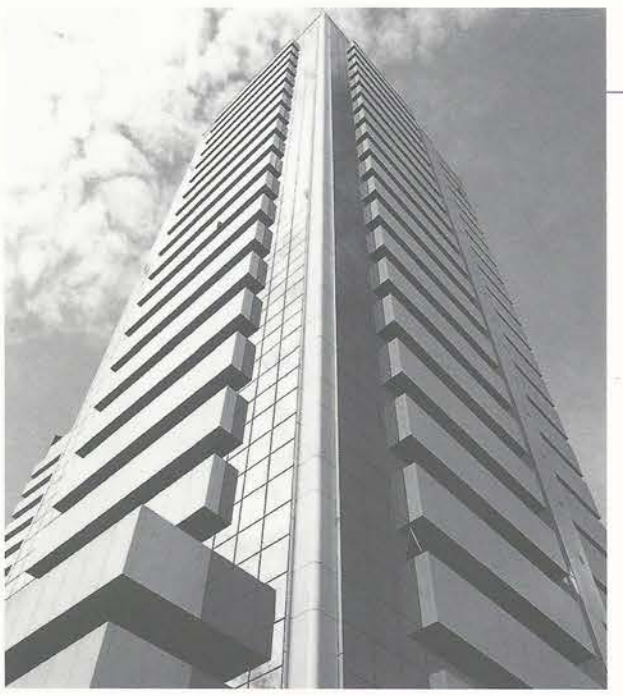
A loja, localizada num shopping de negócios, tem como programa básico áreas para showroom e escritório administrativo.
No térreo, o showroom constituiu-se em três setores delimitados por divisórias móveis, que recebem "araras" modulares, mesa, cadeira e móvel de apoio. Nesse pavimento, também se localizam uma área de estar, recepção e a vitrina com portas de correr que integram totalmente a loja ao mall.
O mezanino é sustentado por tirantes metálicos fixados em vigas treliças que se apóiam em pórticos metálicos localizados junto às paredes laterais. Nesse pavimento, definem-se as estações de trabalho, salas de reuniões e serviços com a circulação ao redor do vazio central onde chega a escada em parábola de aço inox escovado.

Klingelfus, Márcia Luíza de Carvalho – Curitiba, PR – Universidade Federal do Paraná, 1991
Valle, Aldeline do

Edifício Residencial Albert Einstein, (1999)
Joinville, SC

O edifício Albert Einstein localiza-se num terreno retangular de 2.100 m², totalizando uma área construída de 12.563,18 m². Visando às condições de insolação mais convenientes, o projeto baseia-se nas premissas de funcionalidade na configuração da planta dos apartamentos. O edifício tem 13 andares, dispõe de garagem no subsolo e estacionameto no pavimento térreo, área de lazer e acesso principal e de serviço com facilidades para portadores de deficiência física. Os apartamentos são distribuídos, quatro por andar, nos 10 pavimentos tipo e possuem duas formas de organização espacial diferentes. A volumetria do edifício define-se pelo uso de curvas, volumes soltos e linhas bem-definidas. As fachadas foram cuidadosamente estudadas em suas cores e compostas de forma que oferecessem uma perspectiva dinâmica ao transeunte.

Kluwe, Jorge – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1980
Colaborador: Jorge Luis La Madri Sanches



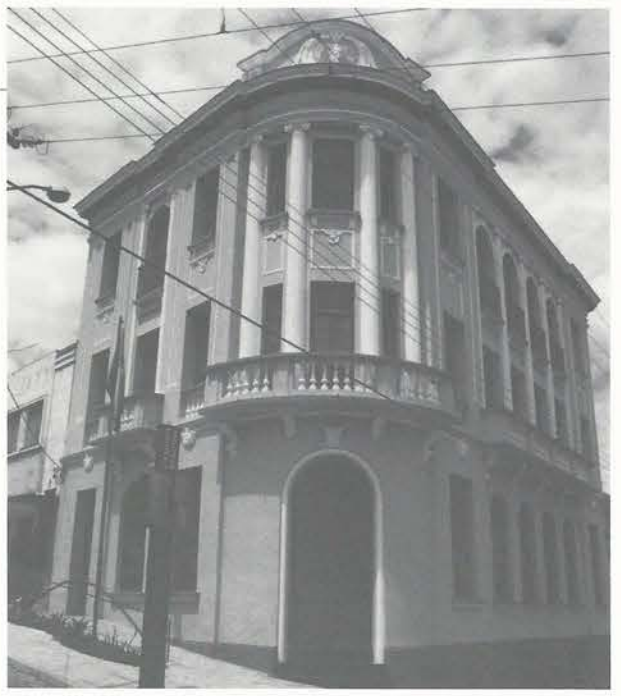
Edifício de Escritórios – Sede Sebrae SP (1998)
São Paulo, SP

O projeto do edifício foi elaborado para abrigar a sede de uma grande empresa, seguindo o conceito de edifício inteligente, com sala de supervisão predial no térreo, quatro elevadores de alta velocidade no total e um de segurança, e ar-condicionado insuflado pelo piso. Os volumes da fachada, que se projetam da cortina de vidro, conferem leveza ao edifício de 21 andares e são revestidos com chapas de alumínio composto para auxiliar, em conjunto com os vidros laminados, o controle dos raios solares.

Kneip, Wellington Rennó – Resende, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Taubaté, SP, 1987
Colaboradores: Bianca Cito, Ana Paula Correa
Consultores: Flávia de Almeida

Câmara Municipal de Resende (1998)
Resende, RJ

Trata-se da revitalização e reciclagem de um edifício construído em 1927, para abrigar a Câmara Municipal de Resende. Em vista das precárias condições do prédio, foi desenvolvido um projeto que priorizou dois aspectos fundamentais: a restauração de sua fachada original, característica do estilo eclético, e a adaptação de seu interior para o novo uso, proporcionando conforto e versatilidade.

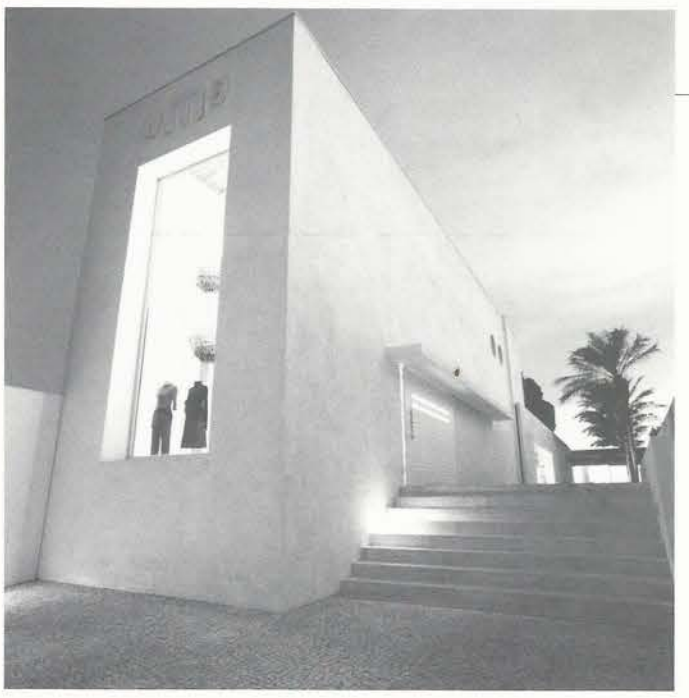


Kneip, Wellington Rennó – Resende, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Taubaté, SP, 1987
Colaboradores: Bianca Cito, Marcelino Xavier
Consultores: Luis Passos, Cristiano Machado, Flávia de Almeida

Residencial Porto Aquarius (1998)
Resende, RJ

O argumento principal do projeto está na característica revolucionária de sua linguagem arquitetônica para a região, que busca a integração humanizada dos aspectos estéticos, espaciais e funcionais, tanto externa quanto internamente. As duas torres com seis andares têm estrutura em concreto armado, fechamento com lajotas e revestimento em cerâmica esmaltada. A área de lazer foi executada com um sistema construtivo misto, ou seja, estrutura em concreto e cobertura com estrutura metálica e telha de fibra vegetal.

Kogan, Márcio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, São Paulo, 1976
Colaboradores: Diana Radomysler, Oswaldo Pessano, Gisela Zilberman
Consultores: Grama e Flor, Sérgio Menon, Ícaro Machado Hueza, Rômulo Fialdini



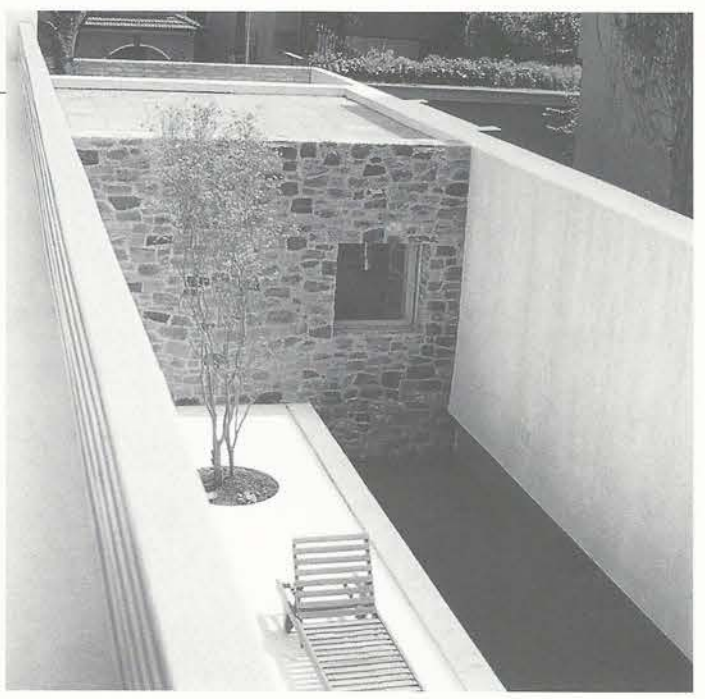
Loja e Refeitório UMA (1998)
São Paulo, SP

O projeto é de um espaço de múltiplo uso para abrigar uma loja de moda e um restaurante. Um grande pátio interno de mosaicos, com palmeiras simetricamente dispostas, foi a base conceitual do projeto que se utilizou de sua proporção para criar um espaço não convencional. Foram utilizados materiais econômicos como tijolo, caiado, bambu, granilite, na cor branca em todos os detalhes. Somente as cinco cadeiras de balanço RAR – Charles & Ray Eames – são os elementos coloridos (amarelos) dessa grande caixa branca retangular. Um puxador transparente, preenchido com pequenos sapatos de Barbie, faz o jogo lúdico nesse projeto.

Kogan, Márcio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1976
Colaboradores: Diana Radomysler, Oswaldo Pessano
Consultores: Wajchenberg Engenharia, Ícaro Machado Hueza, Botânica Paulista

Residência Strumpf (1999)
São Paulo, SP

O projeto procura, por meio de uma constante justaposição de texturas, uma linguagem arquitetônica contemporânea e clássica. O liso, o texturizado; o fosco e o brilhante; o transparente e o opaco são representados pelo branco e por materiais naturais como madeira, pedra e cristais. A casa foi concebida totalmente voltada para um pátio lateral com grandes vãos de iluminação. As esquadrias foram desenhadas especialmente para a residência.



Kogan, Márcio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1976
Weinfeld, Isay – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, S P, 1975
Colaboradores: Diana Radomysler, Oswaldo Pessano/Consultores: Naila Zucker, Wilma Araújo, Aluízio d'Avila Engenharia de Projetos, Coinstal

Edifício Comercial MRA-2 (1999)
São Paulo, SP

Nesse edifício comercial, procurou-se trabalhar com jogos de volumes e texturas, resultando em fachadas de vidro que refletem o entorno. Quatro terraços, situados nos andares mais altos, quebram a simplicidade do volume do edifício. Uma empena estrutural que sustenta a caixa de vidro abre-se em direção à última laje e, num movimento ascendente, permite que os andares fique com total liberdade de espaço, sem pilares interno.

Koury, Ana Paula – São Carlos, SP – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 1991
Anelli, Renato Luís Sobral – São Carlos, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1982
Consultores: José Roberto Leme de Andrade, Olavo Rodrigues de Almeida

EEPG Bairro Brabância (1997)
Avaré, SP

Trata-se de projeto de uma escola pública de primeiro grau, localizada em um terreno de dimensão alongada, com geomorfologia de baixa declividade, na periferia do município de Avaré, interior do Estado de São Paulo. O projeto procurou definir uma situação de integração entre os ambientes de convívio da escola e da comunidade, estabelecendo uma continuidade entre o galpão, a praça de recreio, a arquibancada e a quadra de esportes e eventos, conferindo ao conjunto uma condição de abertura para a paisagem. As salas de aula foram dispostas em duas seqüências lineares paralelas, definindo um pátio graças à posição de dois módulos de serviços. Os detalhes e as soluções construtivas assumidas foram as recomendadas pelos consultores da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE).

Kruchin, Samuel – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980
Consultor: Ernesto Tarneczy

Residência Samuel Kruchin (1998)
São Paulo, SP

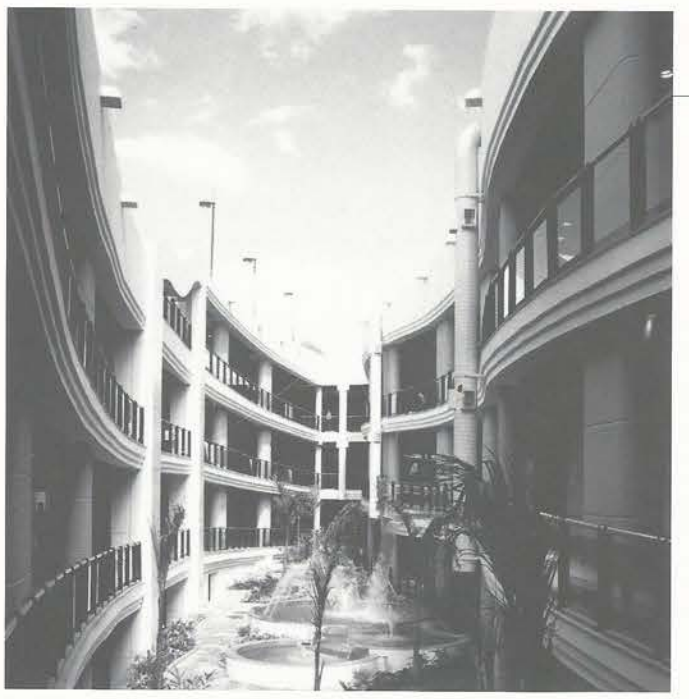
O espaço da residência organiza-se a partir de dois planos cravados na montanha que repousa sobre um plano horizontal inferior, o qual se define como base. Na articulação entre eles, emerge um volume cilíndrico que define a circulação vertical. Cada um dos planos horizontais corresponde a uma função: a base como espaço social; os planos intermediários como área íntima; a cobertura abriga o espaço de lazer. Os planos verticais afastam-se de uma das laterais abrindo espaço para um jardim que dá unidade ao conjunto.
A estrutura de aço, associada à laje protendida de pequena espessura, permitiu que todo o conjunto fosse rapidamente montado. O conjunto repousa sobre os pilares em concreto que emergem das fundações como esferas em que se assentam as peças metálicas.

Kruchin, Samuel – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980
Cunha, Carina da
Consultores: Ana Lúcia Lana, Proengil, Nível e Prumo, Luiz Magnante

Restauro da Bolsa de Café de Santos (1998)
Santos, SP

O edifício da Bolsa de Café de Santos, construído em 1922, é um exemplo primoroso de arquitetura eclética. Executado em concreto armado e alvenaria de tijolos, bastante ornamentado, é marco referencial na paisagem urbana.
O projeto previu o restauro de todos os componentes físicos, a preservação da lógica de funcionamento da edificação nas áreas onde será instalado o Museu do Café e a criação de novos espaços de expressão contemporânea. Todos os espaços de apoio foram redesenhados; pátios internos foram abertos para valorização das torres e cúpulas e para possibilitar integração. Os setores críticos para conservação, como os poços de iluminação, ganharam tratamento especial de coberturas, o que gera novos espaços de uso.

Kuenerz, Afonso Euriko – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Gama Filho, RJ, 1978
Colaboradores: Regina Coeli Zuma de Hoorn, Roberto Najman, Hans Bernardo Hansen, Homero Mastrogiovanni, José Aquino, Ricardo Barbosa



Quality Shopping (1999)
Rio de Janeiro, RJ

Seguindo as linhas curvas das encostas do Rio de Janeiro, o traçado do Quality Shopping busca a integração com a natureza por meio de um jardim central a céu aberto, em torno do qual se desenvolve o edifício. Nas alas laterais, dois prismas cobertos por cúpulas translúcidas também deixam penetrar a luz do dia. O shopping tem 250 lojas e 2 cinemas, distribuídos em 3 pavimentos, mais estacionamento em 5 pavimentos, numa área total construída de 24.895,06 m². O projeto arquitetônico respeitou as exigências do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que determina uma altura máxima de 9,70 m em relação ao meio-fio. A escavação do subsolo também foi limitada pela existência de rochas, o que levou a uma situação de pé-direito de 3,60 m, determinando soluções diferenciadas de ar-condicionado (por meio de dutos verticais), instalações (por meio de uma galeria técnica) e estruturas (com vigas em apenas um sentido).

Lalli, Joseph – Fort Lauderdale, Flórida, EUA – Universidade de Michigan, EUA, 1968
Larrea, Marco
Colaborador: Bill Renner

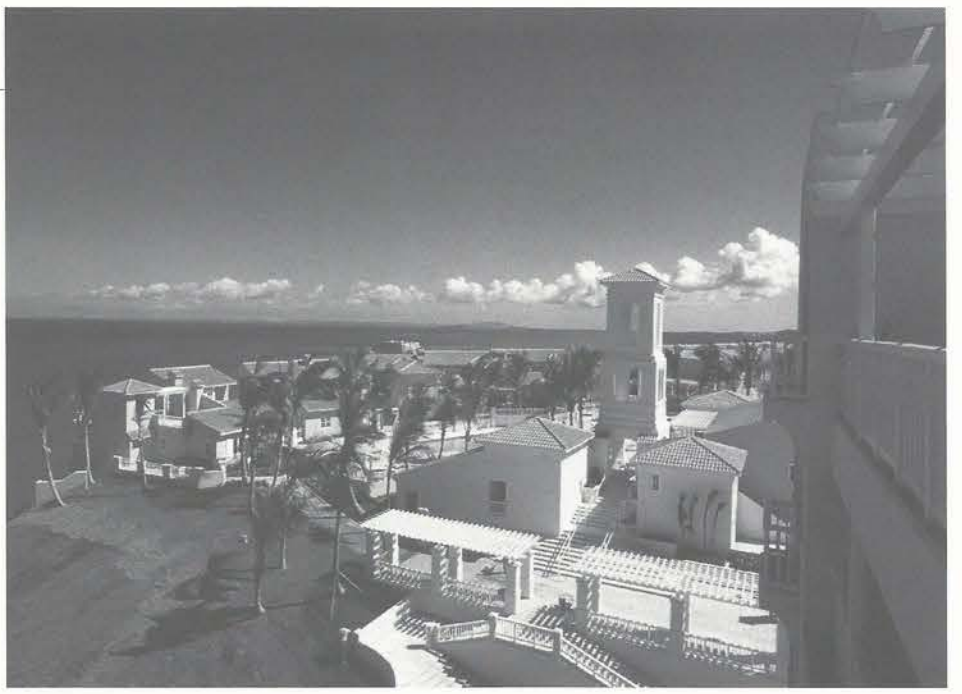
Hotel Transamérica de Comandatuba (1999)

O Hotel Transamérica é o maior complexo hoteleiro localizado na Ilha de Comandatuba, no litoral da Bahia.
O projeto inclui 300 quartos e chalés separados.
O hóspede pode usufruir de um conjunto composto por marinas, piscinas, lagos, quadras de esportes. O projeto desenvolveu o conceito do plano diretor, a implantação e o plano de desenvolvimento e supervisão dos serviços do hotel. A fase I do projeto foi concluída em 1989.
A fase II, que teve início em 1998, prevê a construção de novas pistas para o aeroporto, campos de golfe e sede para o clube.

Lalli, Joseph – Fort Lauderdale, Flórida, EUA – Universidade de Michigan, Estados Unidos, 1968
Morrow, Keith
Litty, David

El Conquistador – Resort e Country Club (1993)
Fajardo, Porto Rico

Localizado numa das ilhas de Porto Rico, o complexo apresenta um programa diversificado que inclui um centro de convenções, campos de treinamento de golfe e quadras de tênis. O projeto do plano diretor partiu da renovação de um antigo hotel-cassino incorporando uma série de áreas temáticas baseadas nas características pitorescas das várias vilas tradicionais do Caribe.
O plano também prevê centros de esportes aquáticos e praias exclusivas.
Para o resort foram realizados também a comunicação visual, o logotipo e o plano de marketing para as áreas temáticas.



Lambert, R. Donald – Roterdã, Holanda – Universidade de Delft, 1975

Reurbanização de Conjunto Redidencial – De Bijlmer (1999)
Amsterdã, Holanda

As evidentes qualidades do conjunto residencial Bijlmermeer, tais como vegetação dos parques e fácil transporte para o centro da cidade, são fatores importantes no plano de desenvolvimento da região em que se insere, denominada Ganzenhoef. Seus altos edifícios são dispostos numa estrutura do tipo favos de abelha, o que gera problemas de circulação e presença de espaços livres remanescentes sem função, fatores que acarretam uma apropriação do espaço das ruas pelos moradores. A proposta foi criar uma nova estrutura para superar esses aspectos desfavoráveis.
O projeto baseou-se em quatro elementos: avenidas, faixas verdes, pequenas áreas residenciais e estruturas existentes em favos de abelha com edifícios altos. Uma configuração de desenvolvimento urbano completamente nova foi conferida à área, com ênfase na clareza estrutural. Os edifícios do Bijlmermeer foram ocupados ao nível do térreo, onde faixas verdes e brancas organizam a estrutura urbana a partir de ângulos estratégicos do conjunto residencial.

Lambert, R.Donald – Roterdã, Holanda – Universidade de Delft, 1975
Lohof, S.

Comunidade Centro Sul
Den Haag, Holanda

O local da intervenção consiste numa importante conexão entre o centro consolidado da cidade e as áreas de desenvolvimento em seu entorno. O estado atual indica a necessidade de melhorias na qualidade ambiental. As relações com a cidade e conexões entre trem, bonde e ônibus estão longe de ser ideais.
O projeto prevê a incorporação de uma "grade" à estrutura existente, baseando-se num sistema hierárquico específico. O desenho de um alicerce de desenvolvimento urbano, baseado em etapas, garante a coerência da área em planejamento. Baseia-se mais em relações visuais do que em ligações físicas. Com esses aspectos em vista, serão introduzidas três vias principais, no topo da relação hierárquica, conectadas por vias secundárias. Na área de intervenção serão criados espaços livres de qualidade. Ao final, o que originalmente consistia em 9 quadras idênticas transforma-se em 4 "superquadras", criando uma rede legível de caminhos e quadras.

Laurino, Marcelo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1990
Pestana, Kátia Bonfim
Consultores: Eurico Freitas Marques, Celso Lemmi Leão da Silva

Casa de Praia Ricardo Van Steen (1999)
São Sebastião, SP

O terreno onde foi construída a casa possui uma parte não-edificável por estar em área de proteção ambiental. Isso determinou uma implantação que privilegia a relação do edifício com essa área livre. Pelo fato de o solo estar sujeito a alagamentos no período de chuvas, foi necessária uma solução construtiva em palafitas e deque elevado de circulação. A planta contempla uma grande área de varanda, que contorna toda a casa e permite, graças às grandes aberturas, a integração com a paisagem do entorno. No mezanino, uma suíte para hóspedes, com acesso privativo, cria um pé-direito duplo no centro da planta que une todos os espaços. A estrutura, em madeira nobre toda articulada por encaixes ortogonais, predomina sobre todo o conjunto.

Lázár, Antal – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica de Budapeste, Hungria, 1966
Szécsi, Zoltán – A&D Studio
Consultores: Kálmán Iványi, András Garancsy e György Póta

Biblioteca do Condado, Veszprém (1997)
Budapeste, Hungria

Veszprém é uma cidade medieval, a 110 km a sudoeste de Budapeste. Situados num jardim quadrático no coração da cidade, estão o prédio do teatro construído no inicio da secessão e o palácio episcopal no estilo neogótico eclético, os quais juntos constituem o centro cultural e espiritual da cidade.
O prédio da biblioteca, situado no palácio, funciona desde 1960, porém nos anos 90 sua condição física chegou a uma fase crítica.
Como resultado de um plano de reconstrução, quase um terço da área total foi adicionado à biblioteca renovada, uma parte com um pátio interno e a outra na área do sótão, na parte superior das alas renovadas do prédio.
O elemento-chave da proposta foi encontrar uma nova entrada principal. Hoje a entrada se faz pelo jardim, através de um profundo prelúdio teatral – lembrando alguma antiga reminiscência grega –, deixando os visitantes atravessar a "área de estar" da biblioteca até o novo sistema vertical de circulações, elevando-os ao espaço transparente no nível do novo sótão.

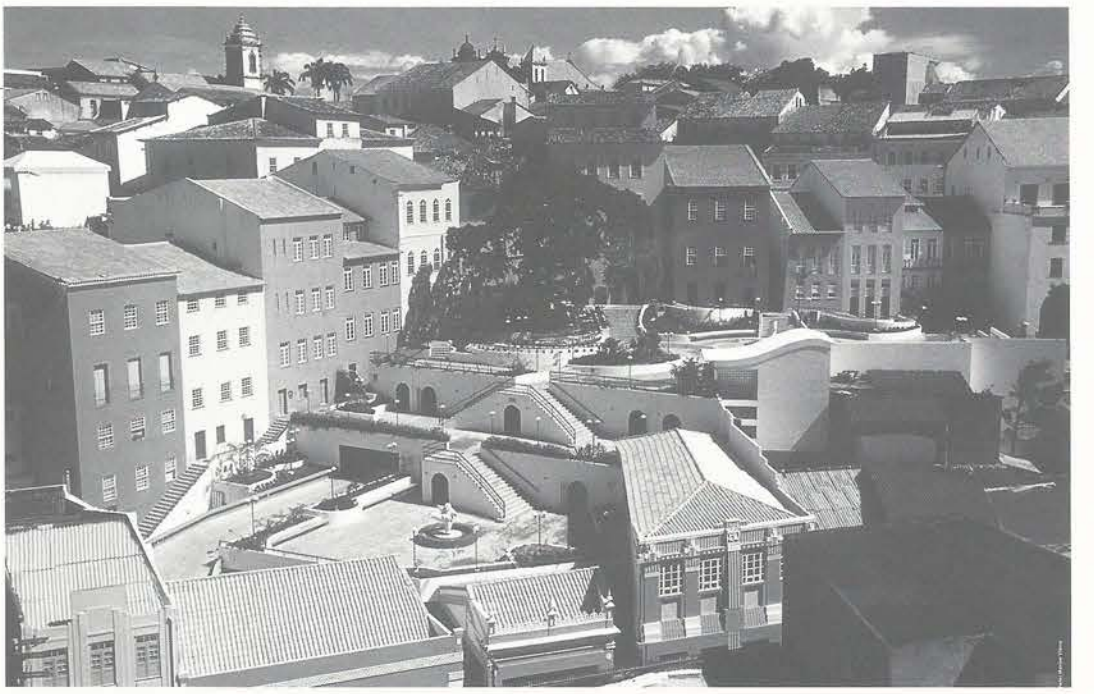
Lázár, Antal – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica de Budapeste, Hungria, 1966
Reimholz, Péter – A&D Studio
Colaboradores: György Stocker, Zoltán Sükösd, Erika Bánsági, Zoltán Kulcsár, Edit Szabó, Judit Ruppenthal
Consultores: Miklósné Bartok, András Garancsy e Gábor Kun

Prédio de Escritórios Siemens, Budapeste (1998)
Budapeste, Hungria

A companhia de telecomunicações Siemens é proprietária de todo o conjunto da antiga empresa de telecomunicações da Hungria, em Budapeste.
O novo prédio de escritórios é um dos primeiros estágios da renovação de imóveis já existentes e deverá ser sucedido por outras reconstruções importantes e novos investimentos. Sua principal atração é um espaço semicerrado, entre o volume do prédio e a estrutura de paredes envidraçadas transparentes, que segue o alinhamento de outros prédios vizinhos.
Outra característica notável do local é a vizinhança imediata de um prédio de escritórios dos anos 30, revestido de pedra calcária e projetado de acordo com os cânones do gênero. Achar uma conexão apropriada a esse monumento arquitetônico foi uma boa chance de homenagear a herança moderna do passado.

Lima e Costa, Vivian Lene de Correia – Salvador, BA – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 1970
Fernandes, Etelvina Rebouças
Colaboradores: Ivana Pondé Bendocchi Alves/Consultor: Joyce Beatriz Campos Reis Carvalho

Quarteirão Cultural do Pelourinho – Praça das Artes, Cultura e Memória e Estacionamento (1999) – Salvador, BA



O quarteirão cultural do Pelourinho reúne 18 casarões coloniais dos séculos XVIII e XIX, que terão uso cultural. Para possibilitar o acesso ao estacionamento e à Praça das Artes, Cultura e Memória, foi proposta uma edificação em concreto armado. A premissa básica da proposta foi procurar harmonizar a construção contemporânea ao contexto existente, um sítio histórico que é patrimônio da humanidade.
A solução encontrada foi realizar uma volumetria escalonada, construída em diversos patamares, e a releitura da tipologia existente, que foi reproduzida em alguns detalhes como nas arcadas e escadarias da nova construção, inspiradas nos jardins em estilo italiano do Asilo Santa Isabel.
O acesso dos carros ao estacionamento é feito por três casas situadas na cota 38. Essas casas tiveram as fachadas restauradas e o espaço interno, já descaracterizado, adaptou-se ao novo uso. Os planos formados pelo escalonamento da praça foram recobertos por jardins em diferentes níveis, onde foram instaladas obras de arte e fontes.
Na moldura da praça, formada pelas casas recuperadas, serão instalados equipamentos culturais diversos, como centros culturais, cinemas, teatros.

Lima, Onésimo Carvalho de – Ribeirão Preto, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Ribeirão Preto, SP, 1986
Lima, Rita de Cássia Fantini de
Consultora: Iraídes Baffa

Casa Vicente (1998) Ribeirão Preto, SP

O projeto da Casa Vicente foi realizado para os próprios arquitetos, visando à simplicidade, ao baixo custo e à flexibilidade dos espaços. O limite de área construída era de 130 m², em que se pretendia aproveitar o desnível natural do terreno, de pouca largura e boa profundidade. A organização espacial foi definida pela idéia de "continuidade", em oposição à idéia de "confinamento", resultando em espaços integrados e extensões para o exterior por meio do uso de transparências e aberturas generosas. O programa foi organizado num volume único de 4 m de largura por 15 m de comprimento, cortado perpendicularmente pela caixa de escada que define o acesso principal e distribui os espaços, além de caracterizar as áreas externas de formas diferentes. O resultado é um volume monocromático, legível, mas no qual surgem, num olhar mais atento, surpresas nas relações entre o material positivo – as massas e suas diferentes texturas – e o imaterial negativo – os vãos –, decompondo a idéia de caixa numa outra relação entre planos independentes e suspensos.

Lin, Sophia Fang Chun – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1992
Penna, Daniela Correa/Ferreira, Karina Saccomano
Colaboradores: Cristiane Terezinha Furlan, Renata Satiko Nakanishi

Clínica Polimagem (1998)

Após a fase inicial de aproximação com o cliente – um grupo de médicos –, por uma série de estudos de fachada e fluxogramas, teve início o projeto para a transformação de uma casa construída nos anos 50 em um centro de diagnóstico avançado. Para atender a todas as exigências do programa, em relação a espaço e equipamentos, foi necessária a ampliação do subsolo, por meio de escavações, pois na situação original ele ocupava uma área bem inferior à da projeção do térreo. A edícula junto à divisa de fundo do terreno cedeu lugar ao estacionamento. Outro aspecto importante foi o tratamento da fachada integrado ao projeto de comunicação visual, com destaque para um elemento volumétrico vertical e curvo, funcionando como suporte para informar a enorme gama de serviços da clínica.

Lobo Filho, Walter Pinto – Fortaleza, CE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1976
Barroso, Paulo Hermano Mota – Fortaleza, CE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1988
Duarte, Robledo Valente – Fortaleza, CE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1985
Colaboradores: Cláudio Pinho Pessoa, Cláudia Macedo Feijó

Edifício-Sede da Alfândega no Porto de Fortaleza (1998)
Fortaleza, CE

O edifício-sede da Alfândega no Porto de Fortaleza é formado por duas edificações distintas, o prédio administrativo e o depósito de mercadorias apreendidas, interligadas por um túnel de estrutura metálica revestida com chapas transparentes de policarbonato azul. Para a implantação do edifício administrativo, foi desenvolvido um estudo de insolação que determinou sua posição diagonal em relação à testada do terreno. A localização do terreno, contíguo às docas, ensejou a criação de um elemento auxiliar às tarefas de fiscalização alfandegária, representado por um posto de observação localizado no alto do edifício administrativo.

Lobo, Melânia Cartaxo Aderaldo – Fortaleza, CE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1976
Romero, Nélia Rodrigues – Fortaleza, CE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1977
Consultores: Helena Cecília Nogueira, José Sávio Cunha, José Weber Cunha

Fórum Clóvis Bevilaqua
Fortaleza, CE

O projeto foi desenvolvido em dois blocos semelhantes, dos quais se diferenciam, pela especificidade, os salões do júri. Os blocos interligam-se por passarelas e pelos auditórios. Implantado no sentido norte-sul, o edifício caracteriza-se pela sobriedade e é marcado pela horizontalidade e adequação à topografia do terreno.
As atividades e circulações são setorizadas, e as circulações de público e funcionários são diferenciadas. As circulações horizontais, para o público, são amplas, com áreas de espera em níveis alternados. A cobertura foi feita com sheds para melhor exaustão do ar. A estrutura, no setor público, também é diferenciada por pilares circulares no vazio central entre os níveis e por conjuntos de escadas e rampas que compõem os elementos de ligação.

Loureiro, Alexandre Santos – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1987
Colaboradores: Gerson Ferreira da Silva, Alberto Chierighini, Toshio Furuta, Procad

Maurikio's Moda (1998)
São Paulo, SP

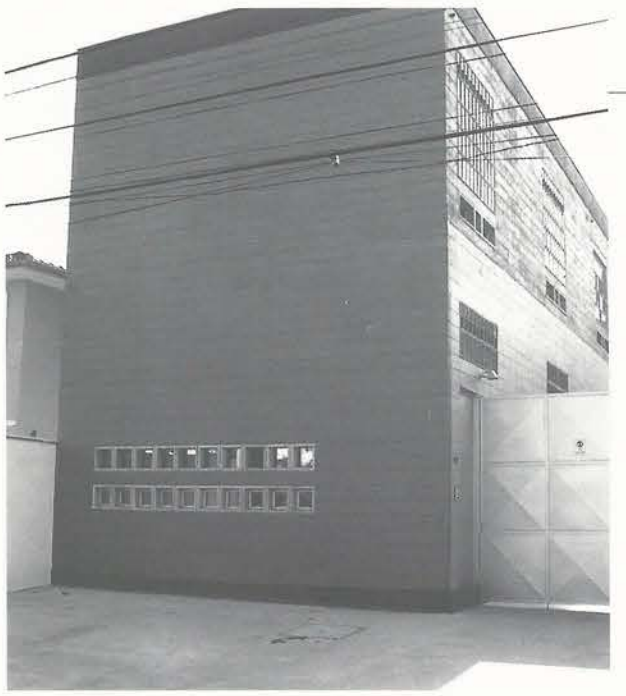
Esse edifício comercial foi reformado e ampliado sem interrupção do funcionamento da loja. O resultado final foram o aumento da área do térreo, destinado à exposição e à venda de produtos, a criação de um mezanino com escritório e sanitários e um pavimento superior destinado ao setor de estoque da loja. A área total final é de aproximadamente 250 m².
A obra faz parte de um conjunto de edificações que vem sendo desenvolvido para pequenos empreendimentos comerciais para locação, visando a um baixo custo de obra, por meio da escolha apropriada dos materiais, sistema construtivo e adequação do prazo de construção, aliados a um bom desenho.

Loureiro, Alexandre Santos – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo ,1987
Colaboradores: Gerson Ferreira da Silva, Alberto Chierighini, Procad

Edifício Comercial Osmar Teixeira (1998)
São Paulo, SP

O edifício foi projetado para atender à solicitação de um empreendedor, cujo objetivo era alugar o imóvel para fins comerciais. No térreo, localizam-se 2 salões com banheiro; no pavimento superior, 4 salas com respectivos banheiros, ocupando uma área total de 340 m².
Essa obra faz parte de um conjunto de edificações que vem sendo desenvolvido para pequenos empreendimentos comerciais para locação, visando a um baixo custo de obra em decorrência da escolha apropriada dos materiais, sistema construtivo e adequação do prazo de construção, aliados a um bom desenho.

Loureiro, Alexandre Santos – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1987
Levisky, Adriana Blay – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1992
Colaboradores: Gerson Ferreira da Silva, Alberto Chierighini, Procad



Edifício Filial (1999)
São Paulo, SP

Trata-se de um edifício destinado à depósito de materiais e treinamento de pessoal de uma empresa prestadora de serviços de marketing publicitário. É constituído por dois pavimentos: o térreo que abriga a recepção, carga e descarga, sanitários e depósito; e o primeiro pavimento com um salão destinado a múltiplas atividades.
Esta obra faz parte de um conjunto de projetos para pequenos empreendimentos comerciais e de serviços, objetivando a redução do custo de construção, através da combinação adequada na escolha dos materiais, sistema construtivo e prazos de execução, sempre associada a um bom desenho de arquitetura.

Macedo, Adilson Costa – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1964
Colaboradores: Sergio Valle Dias Junior, Cristiana Bernardi Isaac, Fabiana Tannuri, Baldomero Navarro
Consultores: Hipólito H. Gonçalez, Roberto Lúcio Carvalho, Sergio Karter, KML Engenharia de Projetos SC Ltda., Ifergon, Consultoria, Projetos e Gerenciamento SC Ltda.

Reforma e Ampliação do Edifício Sede da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Autuárias e Financeiras (1999)
São Paulo, SP

A FIPECAFI é uma Fundação da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo que se destina a realizar cursos de extensão universitária para instituições e empresas. A proximidade do câmpus foi o principal motivo para aquisição de uma área com duas edificações, na região, para instalar a nova sede. O projeto incluiu a reforma das construções existentes e a ampliação destinada às principais dependências e acesso ao conjunto. As edificações existentes foram reformadas com o emprego de estrutura metálica que abrigam salas de aula, administração e sanitários. A construção nova, destinada a criar um espaço central e articular as circulações, foi projetada de forma a permitir a legibilidade dos acessos e integrar-se com os jardins.

Macedo, Alisson – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1989
Francisco, Cristina – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1989
Colaboradores: Claudia Sayuri Shimahara, Adriano de Oliveira Francisco
Consultores: HVAC – Engenharia e Comércio Ltda., Estecal, HE – Hidráulica e Elétrica Ltda.

Prédio Comercial para Sede de Imobiliária (1999) São Paulo, SP

A escolha de um terreno bem-posicionado, em esquina de avenida caraterizada como corredor de serviços, seria um dado importante do programa de arquitetura que teria de refletir a expectativa do empreendedor quanto à boa visibilidade de sua empresa. Aliar a boa técnica construtiva ao emprego correto dos materiais e buscar uma linguagem sóbria e equilibrada foram o resultado da intenção de evitar qualquer associação com modismos passageiros. Pelo fato de o terreno fazer frente para três vias públicas, foi possível diferenciar três tipos de acesso: um para o estacionamento do subsolo e a loja no nível da avenida Sumaré, outro para acesso social e principal da empresa e o último para entrada de serviços.
O tratamento de volumes, texturas e cores dos materiais foi concebido com a intenção de valorizar a presença do edifício na esquina.

Machado, Fernando dos Santos Rocha – Caxias do Sul, RS – Fac. de Arquitetura e Urbanismo da Univ. Federal do Rio Grande do Sul, 1986
Colaboradores e Consultores: Bruno Nora, Luiz Carlos Almeron

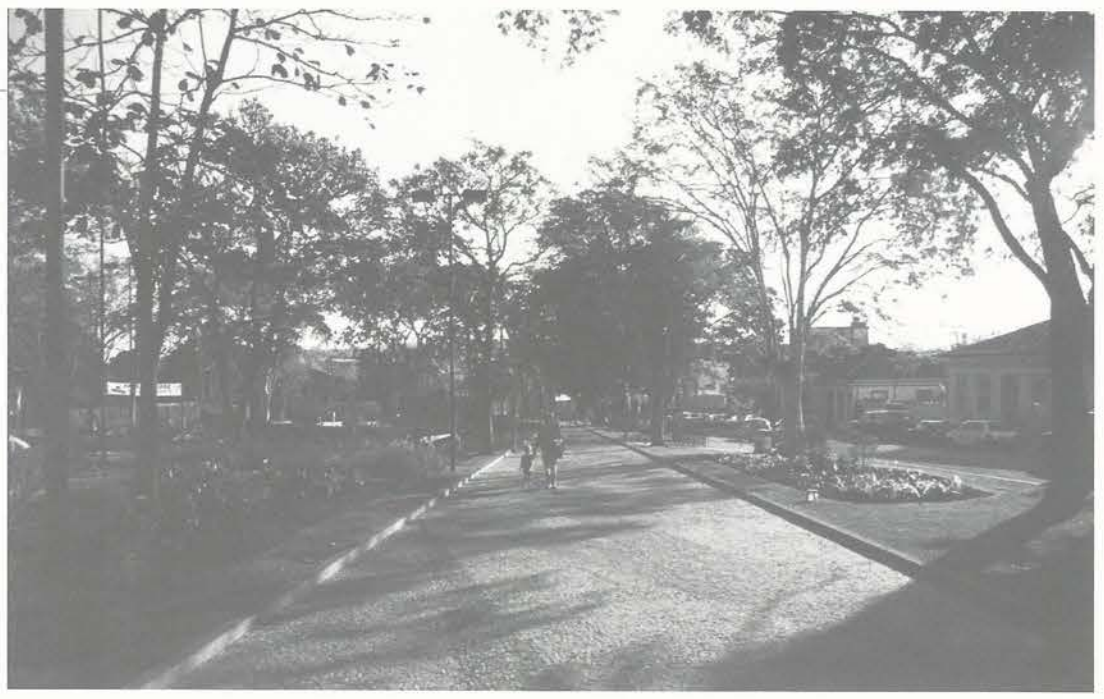
Edifício Platanus (1996) Caxias do Sul, RS

Com um programa simples a ser cumprido, apenas uma sala comercial por pavimento, a proposta concentrou-se na volumetria da fachada principal. Como se tratava de um terreno pequeno (12 x 25 m), optou-se por um partido que ocupasse toda a largura do lote.
O prédio tem 8 pavimentos e um subsolo. No térreo concentram-se saguão/recepção e estacionamento.
O núcleo de circulação vertical encontra-se na fachada frontal para que os usuários possam usufruir da vista do parque, pois o elevador é panorâmico. O átrio funciona como uma rótula dos três planos da fachada. O primeiro plano é paralelo ao alinhamento, o segundo, sofre um giro de 15° para permitir melhor visão do parque e o terceiro é sinuoso. Ao tratar o plano sinuoso como uma placa vazada, o projeto cria na fachada espaços que se transformam em jardins suspensos. A área envidraçada foi trabalhada com materiais de cores diferentes, contribuindo para reforçar a condição de edifício-fachada.

Maciel, Carlos Alberto – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997
Garcia, Alexandre Brasil – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997
Colaboradores: Guilherme M. Rodrigues/Consultor: Adriana Fereu

Praça São Vicente Ferrer (1999) – Formiga, MG

O conjunto urbano considerado no projeto é composto pela Praça São Vicente Férrer, um espaço de permanência com características marcantes de lugar, e pelo eixo das Praças Olegário Maciel e José Barbosa Júnior, com um acentuado sentido de percurso. Ambos se articulam em torno da Matriz de São Vicente Férrer.
A proposta busca potencializar as características existentes no conjunto, enfatizando as diferenças entre as duas partes e, ao mesmo tempo, possibilitando uma melhor articulação entre elas. Para tanto propõe-se um terceiro ponto focal, além da praça e da Matriz: um conjunto de quiosques sob uma pérgola, aproveitando as árvores existentes no final do eixo, no alargamento da Praça José Barbosa Júnior. A complementação do conjunto com este outro espaço de permanência reforça a importância do amplo passeio central criado e possibilita uma melhor articulação entre percursos e lugares.
O projeto propõe, ainda, a diminuição da largura das vias, possível pela pouca intensidade de tráfego. A ampliação das áreas de uso público permite uma conexão entre a frente e os fundos da Matriz. Na praça, além do caminho perimetral, criou-se um eixo que valoriza a perspectiva da Matriz.



Maciel, Carlos Alberto – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997
Carsalade, Flávio de Lemos – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997
Lopes, Paulo Henrique Lacerda – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997
Macedo, Danilo Matoso – Belo Horizonte, MG – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997
Consultores: Leonardo Prates Coelho, Raymundo César Bedê, Cláudio Magalhães Alves, Eduardo Chahud, José Carlos de Oliveira, Luis Otávio do Nascimento, Nilton Chaves, Sérgio Tropia, Paulo Alvarenga Junqueira, Ione Mendes Malta, Eduardo Ramos do Nascimento, Mauro Amaral Marques, Flávio Grillo, Ana Wagner, Mara Penna

Restauração da Fazenda São José do Manso (1998)
Ouro Preto, MG

A proposta arquitetônica para utilização da casa-sede da fazenda, como Centro de Referência do Parque Itacolomi, partiu do conceito de explicitar sua arquitetura, seu sistema construtivo, seus espaços funcionais.
Optou-se por evidenciar a alvenaria e o reboco existentes, as tesouras e o grande espaço formado pelo telhado e alvenarias de perímetro por meio do contraponto com materiais atuais como o vidro dos painéis, o aço dos mezaninos e dos pilares de sustentação das novas tesouras, a grande placa de mármore branco que atua como suporte de projeções e refletor da luz do lanternim.
Preservaram-se os aposentos originais, hoje utilizados com outros fins. O espaço dedicado às projeções e o mezanino se acomodam entre duas grandes tesouras. Divisórias metálicas treliçadas ajudam a conformar a recepção e a loja onde antes estavam o quarto de hóspedes e a capela.

Madeira, Fernando – Brasília, DF – Faculdade Nacional de Arquitetura, RJ, 1962
Válio, Walter Vilhena – Brasília, DF
Colaboradores: Juliana Sato, Joice Arantes Luciano, Carla Freitas Pereira

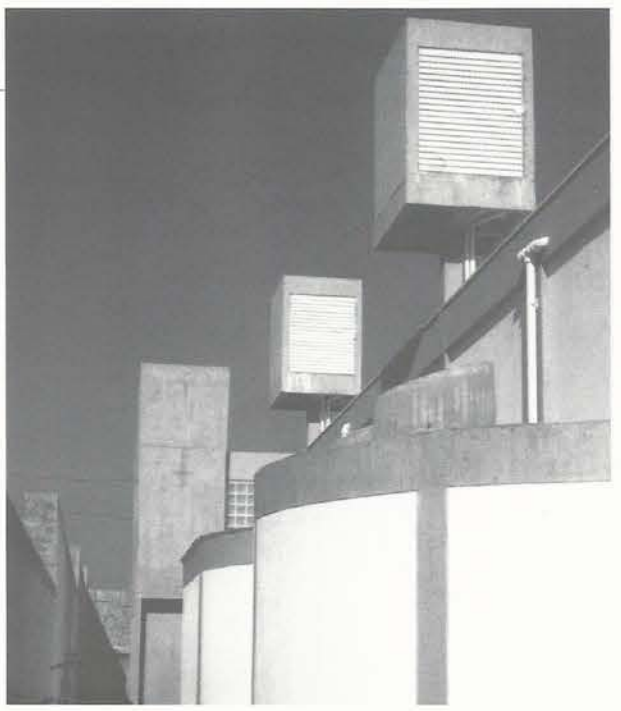
Catedral de Vila Boa de Goiás (1996)
Goiás Velho, GO

A matriz de Sant'Anna de Goiás Velho foi construída em 1762. Por volta de 1860, a igreja ruiu após um incêndio que a deixou sem telhado. Pouco a pouco as paredes de pedra foram se deteriorando. Em 1958, a Diocese de Goiás inicia a construção de uma nova Catedral, utilizando-se de um projeto do arquiteto Gastão Bahiana, datado de 1934. O projeto propunha um edifício monumental, em estilo eclético e fora da escala urbana da cidade. A construção, em tijolos maciços, aproveitou as fundações e algumas paredes da matriz original. A nova construção ficou inacabada e sem revestimento até a elaboração do projeto atual.
A proposta visou a recuperar a escala urbana da antiga matriz de Vila Boa e a explicitar, no mesmo edifício, suas origens e as principais intervenções pelas quais passou: a matriz do século XVIII com paredes de pedra, a Catedral de tijolos não concluída e a intervenção contemporânea.
Como o prédio eclético é muito alto, projetou-se, sobre ele, as fachadas da antiga Matriz, bem mais baixas. Essas fachadas foram revestidas e pintadas em cores claras, deixando aparecer as paredes de pedra, vestígios de 1762. Internamente, criou-se uma sala com a exposição permanente da memória do edifício deixando à mostra, nas paredes, as três fases da construção.

Magalhães Junior, José – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1963
Magalhães, José Francisco Xavier – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1988
Consultores: Marcos de Carvalho, Júlio César da Silva

Residência em Valinhos (1999)
Valinhos, SP

Num terreno de esquina e em declive, a implantação num único bloco retangular, próximo à divisa lateral do lote, procurou estabelecer o ordenamento funcional linear das diversas atividades domésticas, liberando ao máximo o terreno para áreas livres. A entrada principal situa-se no centro do bloco a meio nível dos pavimentos térreo e superior, que estão conectados por um vazio que permite a transparência e a continuidade entre os dois pavimentos. A estrutura é em concreto aparente e a cobertura em abóbada corrida, protegida com telhas de chapa de aço calandradas e pré-pintadas.

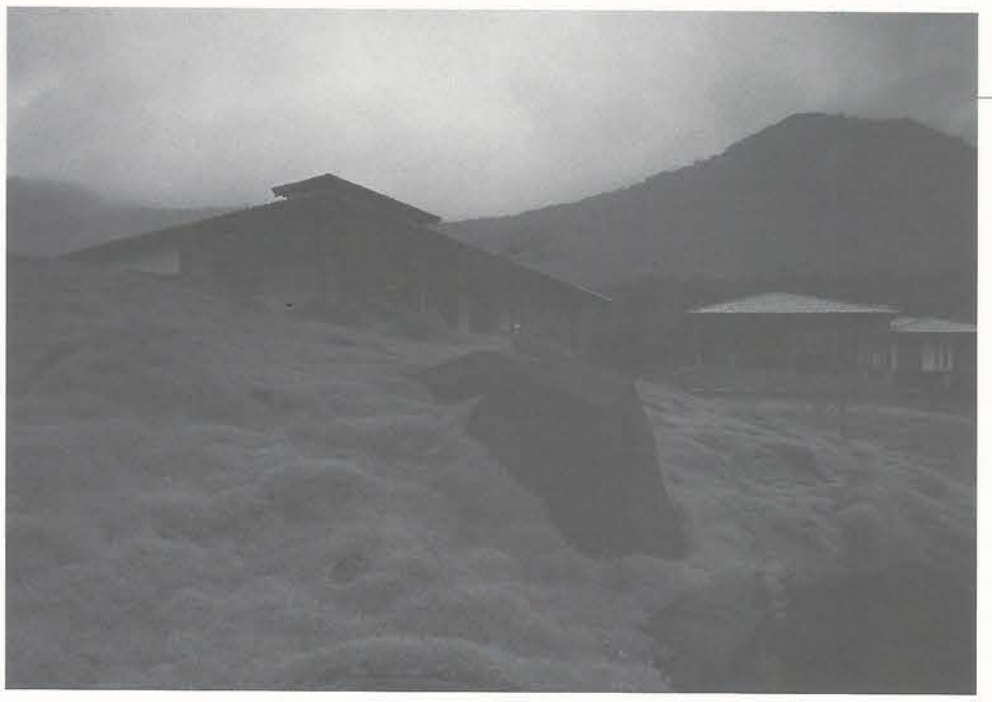


Manente, Fábio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1988
Consultor: Marlene Cezareto

Residência Heitor Vaz (1995)
Garaguatatuba, SP

Na implantação dessa casa buscou-se valorizar a privilegiada vista para o mar e a integração interior/exterior. Da execução de pés-direitos duplos em algumas áreas, resultou uma composição com telhados diversos. No balcão suspenso foram utilizados dormentes originais. A madeira foi também valorizada na varanda do piso superior, na escada e no madeiramento da cobertura, onde as telhas são apoiadas diretamente sobre os caibros.

Mantovani, Simone – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, 1981
Tabet, Maria Cândida – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, 1981



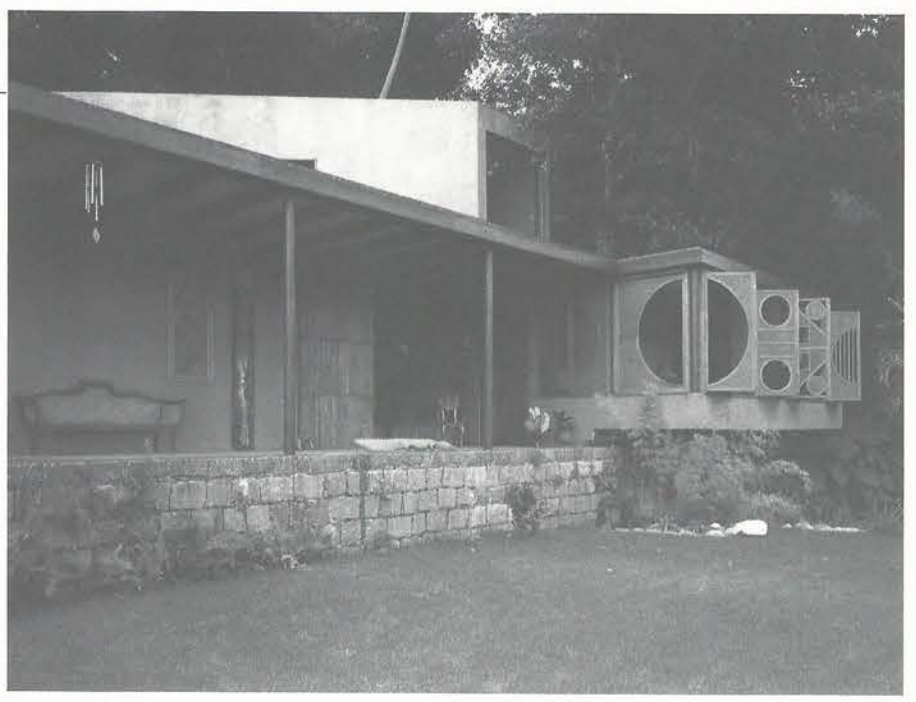
Residência em Ilhabela (1999)
Ilhabela, SP

A construção dessa casa de veraneio, suspensa sobre pilares de pedra para minimizar o declive acentuado do terreno, foi dividida em blocos funcionais em diversos planos, definindo coberturas independentes. Os deques das varandas das áreas social e dos dormitórios também são apoiados sobre os pilares de pedra e vigamentos de madeira e integrados entre si por meio de escadas em madeira ou em pedra. A partir da casa principal, foi definida a implantação da casa de hóspedes, da piscina, da estufa e da casa do caseiro – construções que seguem a mesma proposta da casa principal.
Os materiais utilizados foram a madeira, em todos os planos, paredes e pilares em pedra local, e grandes panos de vidro que garantem a vista para o mar.
Os acabamentos são simples, e a cor branca das paredes contrasta com o tom escuro das madeiras e pedras.

Mareines, Ivo Pedro – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Braz Cubas, Mogi das Cruzes, 1979
Consultor: Marita Adania

Residência Unifamiliar (1996)
Rio de Janeiro, RJ

Situada num terreno a 520 m do nível do mar, com 450 de declividade, a residência foi implantada em quatro grandes patamares, respeitando a topografia do terreno e a exuberante vegetação natural. As grandes rochas encontradas durante a execução da obra, trabalhadas em cantaria, transformaram-se em muros, escadas e acabamentos.
O volume principal é composto pela alvenaria e pelas altas empenas do pátio interno. As grandes paredes lisas têm sua rigidez quebrada por balcões, balanços e treliças da caixilharia. As passarelas que circundam o pátio articulam as áreas social e íntima da casa, e os terraços no living, no ateliê e no quarto de hóspedes possibilitam usufruir da natureza e do clima.
O paisagismo tira partido da abundante vegetação da mata nativa.



Marinho, Victor Noel Saldanha – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, 1952
Marinho Filho, Luiz Saldanha – Rio de Janeiro, RJ
Marinho, Patricia Saldanha – Rio de Janeiro, RJ
Colaboradores: Sonia Fajardo Costa Reis, Daniel Mendes Leão, Giovana Carneiro de Freitas

Unidade Móvel (1999)
Rio de Janeiro, RJ

O projeto visa à adaptação do espaço interno de uma carreta para transporte de cargas em Escola Móvel Profissionalizante. A carreta, com 14 m de comprimento e 2,50 m de largura, ofereceu um espaço longitudinal apto para uso pedagógico, permitindo a instalação de mobiliário, equipamento e materiais adequados às aulas práticas e teóricas, amparadas por recursos tecnológicos e audiovisuais.
Os projetos de arquitetura demonstraram que o espaço da carreta era polivalente e funcional, atendendo à variedade dos cursos e propostas, por meio da mudança de seu mobiliário, de design ergonométrico, desmontável e de fácil embalagem e transporte.

Martinho, Araken – Jundiaí, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1956
Felippi, Ricardo Ropelle – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC de Campinas, SP, 1991
Consultores: Renato Camargo de Andrade, José Roberto Pennaforte Martins, Luiz Carlos Chicherchio

Academia de Ginástica Via Brasil (1998)
Jundiaí, SP

Edifício situado na região central da cidade de Jundiaí, ocupa um pequeno terreno de esquina e sua forma é irregular. A vizinhança é caracterizada por pequenas construções e alguns edifícios residenciais verticais.
O diálogo com a legislação urbana municipal e as próprias exigências do programa induziram a uma solução compacta, em que as diversas atividades foram agrupadas verticalmente. Como conseqüência formal, obteve-se um volume único, de geometria simples, com uma só grande abertura no térreo, na qual foi posicionada a entrada principal. Na proximidade da esquina, em que o terreno é mais estreito, estão as salas de ginástica e bicicletas, do meio para o fundo, onde o terreno é mais largo, encontram-se as piscinas e as salas de musculação.
A cobertura foi resolvida parte em shed, trazendo-se a luz natural para as áreas de natação, e parte como solarium, para atividades ao ar livre ou relaxamento.

Martinho, Araken – Jundiaí, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 1956
Felippi, Ricardo Ropelle – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC de Campinas, SP, 1991
Consultores: Renato Camargo de Andrade, Márcio Borin Chagas, PH – Engenharia

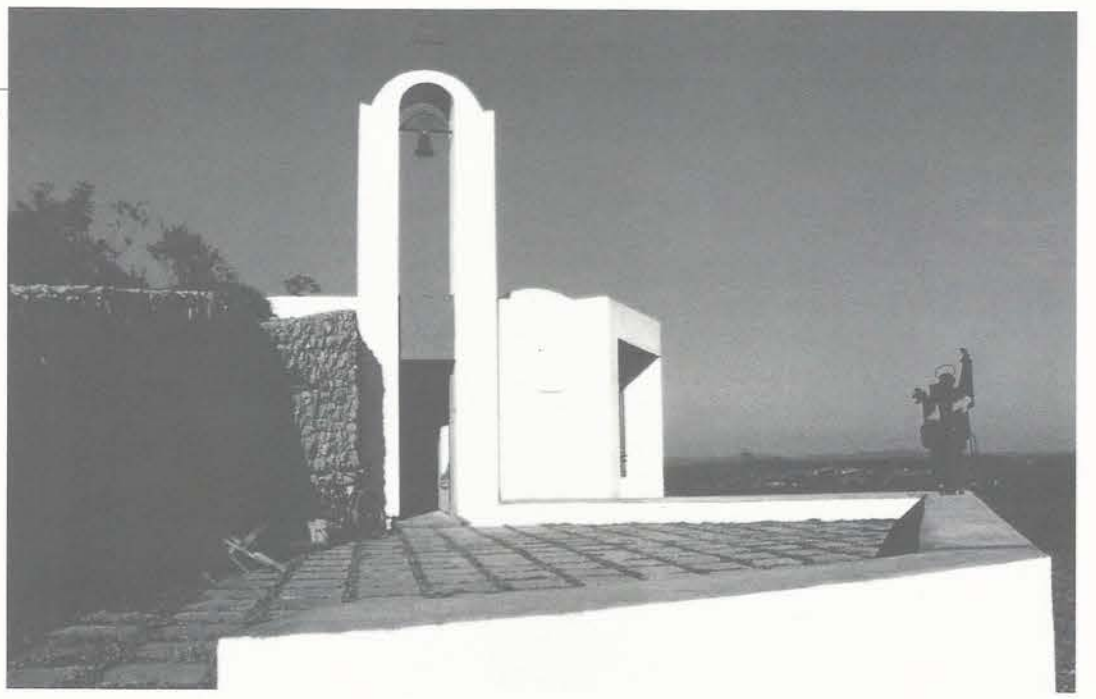
Sede do Departamento de Águas e Esgotos de Jundiaí (1999)
Jundiaí, SP

A localização próxima à recém-criada represa de abastecimento de água da cidade, ao lado do Paço Municipal, e bons acessos viários motivaram a escolha do terreno, que era parte do antigo Horto Florestal da Cia. Paulista de Estrada de Ferro. No local, já existia o esqueleto de uma estrutura em aço e nenhuma vegetação.
Visava-se a agrupar num mesmo local a nova sede, as oficinas, os pátios de viaturas e as demais atividades, permitindo a centralização operacional dos serviços.
A estrutura metálica existente foi utilizada para abrigar as áreas de atendimento ao público, vestiários, cozinha e refeitório, lavanderia, laboratório, oficinas e centro operacional. Para atender às atividades administrativas, foram propostos um edifício de sete pavimentos, que se contrapõe ao volume horizontal do bloco anterior, e um bloco anexo para salas de concorrências públicas, auditório de 200 lugares e área de recepção.
A baixa densidade de ocupação do terreno permitiu que se destinassem 30 mil m² para a criação de um bosque.

Martino, Arnaldo Antonio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1964

Ermida no Mirante (1998)
Ibiúna, SP

O projeto define dois espaços. O primeiro, o mirante no alto do outeiro, é conformado por uma pequena praça. A cúpula que aflora do piso lembra as outras pedras do local. A torre é um marco que identifica o lugar e lhe dá visualidade de longas distâncias. O segundo espaço é um ambiente para meditação e introspecção. Está sob a praça do mirante e tem o acesso por outra pequena esplanada, em nível inferior. Nessa esplanada, encontra-se a escultura de São Francisco, recortada em chapa de aço, cujo desenho joga, em vazados e figuras, silhuetas de pássaros e a do santo contra a luminosidade do céu. O acesso à ermida é feito por um corredor de forma irregular, prolongamento do muro de pedra da esplanada. No fim do corredor, chega-se ao interior da ermida, que tem sua abertura maior voltada para a escultura, na esplanada.



Martins, Luciana Flores – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1993
Consultores: Pedro Telecki, Mário Viviani

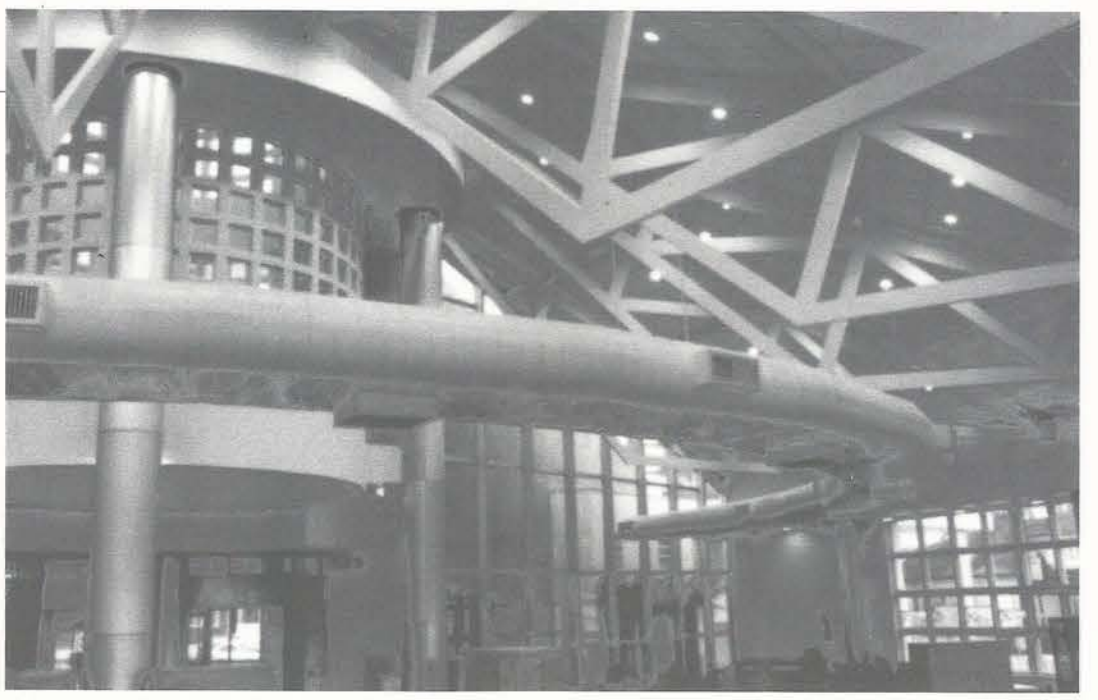
Sede da Fazenda (1997)
Campanha, MG

A edificação é a casa-sede de uma fazenda de plantio de café, poncã e criação de gado. São dois volumes idênticos em dimensões, mas com plantas e usos distintos, interligados por uma passagem coberta. O telhado é um plano inclinado contido entre duas paredes cegas de 7 x 5 m. O volume social tem as paredes perimetrais com grandes aberturas e vêem-se as plantações e uma reserva de Mata Atlântica. As tesouras, em madeira, atirantadas com uma haste metálica, mantêm sua modulação e passam sobre os ambientes, independentes da divisão interna dos espaços. Os muros, em tijolo aparente, configuram um pátio interno, espécie de praça seca com piso revestido com tiras que sobraram do corte de pedra são-tomé.

Martins, Ronaldo Matos – Florianópolis, SC – Arquitetura pela Universidade de Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1989
Colaboradores: Juçara Dutra Della Justina, Agnes Schwartz
Consultores: Moises Luiz Scmitz, Mauro Faccioni Filho, Rogers Gogério Farias, Carlos Henrique Barbato do Amaral

Agência Bancária – BESC (1998)
Joinville, SC

O projeto da agência bancária foi concebido a partir de um programa diferenciado, para atender a duas funções distintas. Uma caracterizada como agência vip, com auto-atendimento no próprio automóvel, auto-atendimento em equipamentos dentro da agência e atendimento pessoal em mesas de escritório, sem uso de guichês – resolvida no pavimento térreo. Outra como escritório administrativo da gerência regional – posicionado no pavimento superior. Houve, também, a preocupação de expressar as inovações a serem introduzidas na qualidade dos serviços prestados, por meio das formas e tecnologias empregadas. A maior área envidraçada foi orientada para a face sul, garantindo boa iluminação natural, reduzindo a necessidade de uso constante de iluminação artificial e evitando a sobrecarga do sistema de ar-condicionado. Os materiais utilizados foram: bloco de concreto rústico, tijolos de vidro, alvenaria comum e em alguns pontos revestida com chapas de alumínio, elementos vazados em concreto, funcionando como batentes das esquadrias, entre outros.

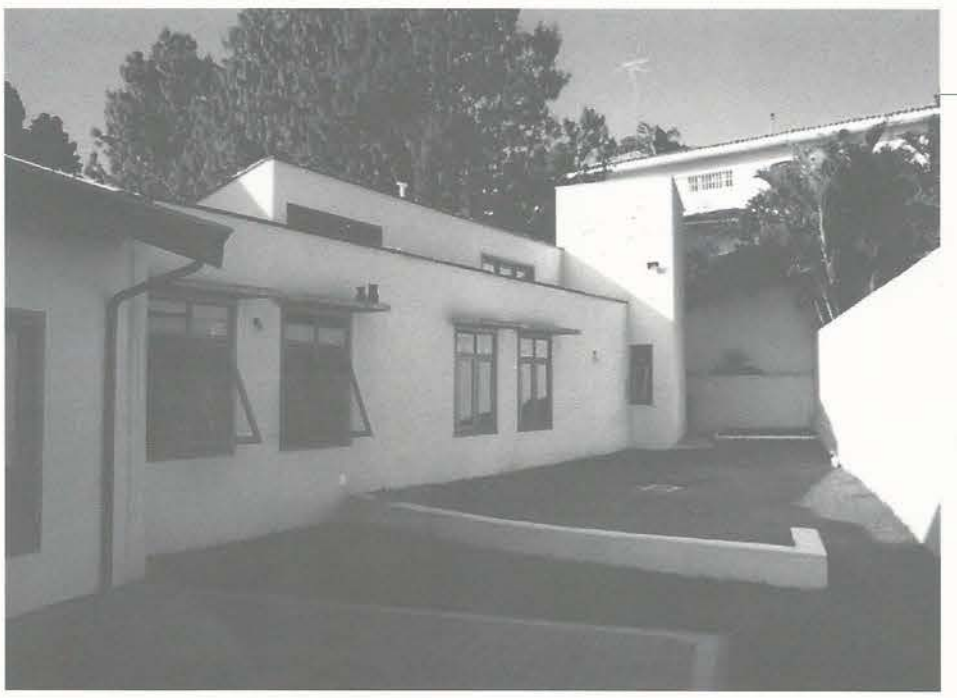


Matavelli, Ralf – Poços de Caldas, MG – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1993
Mussolin, Flávia – Poços de Caldas, MG – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1989
Colaboradores: Anderson Sampe, Laura Cardoso, Lívia Moraes Raquel Gazola

Residência Unifamiliar (1999)
Poços de Caldas, MG

A residência situa-se em terreno com bela vista da cidade e da serra para onde se norteia. O projeto é composto de três volumes que se integram. O volume central é determinante, pois nele está a vida da casa: no pavimento superior estão os dormitórios; no térreo, a cozinha se integra à sala de jantar, à copa e à lavanderia. O volume mais baixo, das garagens, distancia a casa do limite do terreno.

Matera, Sérgio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1991
Colaboradores: Jerivaldo Américo dos Santos, Luiz Eduardo Vasconcellos Junqueira, Arnaldo Corrêa Lima Jr., César Magnus Pusch Jr.



Residência Jan Peter Ilg (1998)
São Paulo, SP

Trata-se de projeto de residência para um grupo familiar de 4 pessoas e ocupa um lote situado em rua com tráfego acima do normal. Pela restrição de recuo de 3 m destinado à faixa sanitária, no lado sul do terreno, e pelo fato de o empreiteiro ser um antigo conhecido do proprietário, adotou-se um partido no qual as áreas de descanso e estar foram afastadas da rua. O bloco dos dormitórios, no fundo do lote, foi implantado de modo não-ortogonal, em relação às divisas, para permitir uma boa insolação. Ao mesmo tempo, esse bloco demarca os dois pátios: um menor, reservado aos dormitórios; e outro maior, voltado para a área social. As áreas de serviço estão situadas na parte frontal da casa, próximas à rua, dispostas em dois níveis.

Mattos Júnior, Guilherme José de – Mogi das Cruzes, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Mogi das Cruzes, 1978
Colaboradores: Maurício Cabral, Fabíola Almeida, Samantha Tomiyama, Mônica Carreiro, Ana Claudia Perassa
Consultores: Leal e Penteado Engenharia, Solo Sonda Arquitetura e Engenharia, Projetos de Engenharia SC Ltda., João Brasileiro

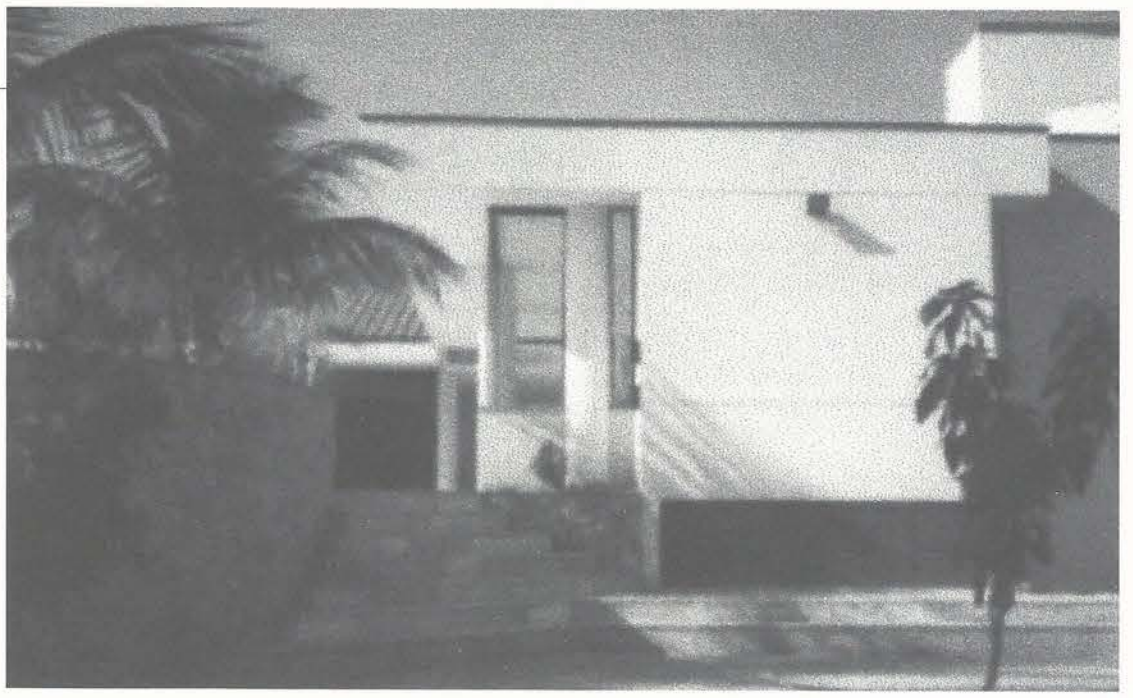
Colégio Santa Mônica (1999)
Mogi das Cruzes, SP

A unidade destinada à pré-escola foi implantada numa área do centro histórico da cidade, em terreno onde já havia um exemplar tombado pelo patrimônio histórico. A proposta foi revitalizar o edifício preexistente para uso do setor administrativo da escola e construir um novo edifício para o setor pedagógico e áreas de apoio. O partido adotado procura pôr em evidência os espaços coletivos, posicionando-os no centro da área de um grande pátio, para onde se voltam todas as atividades e de onde se pode ver o edifício histórico. Para as "portas", projetou-se uma grande vidraça que ao mesmo tempo protege a rampa de acesso à biblioteca e às salas de aula e permite visualizar o movimento dos alunos no interior do edifício.

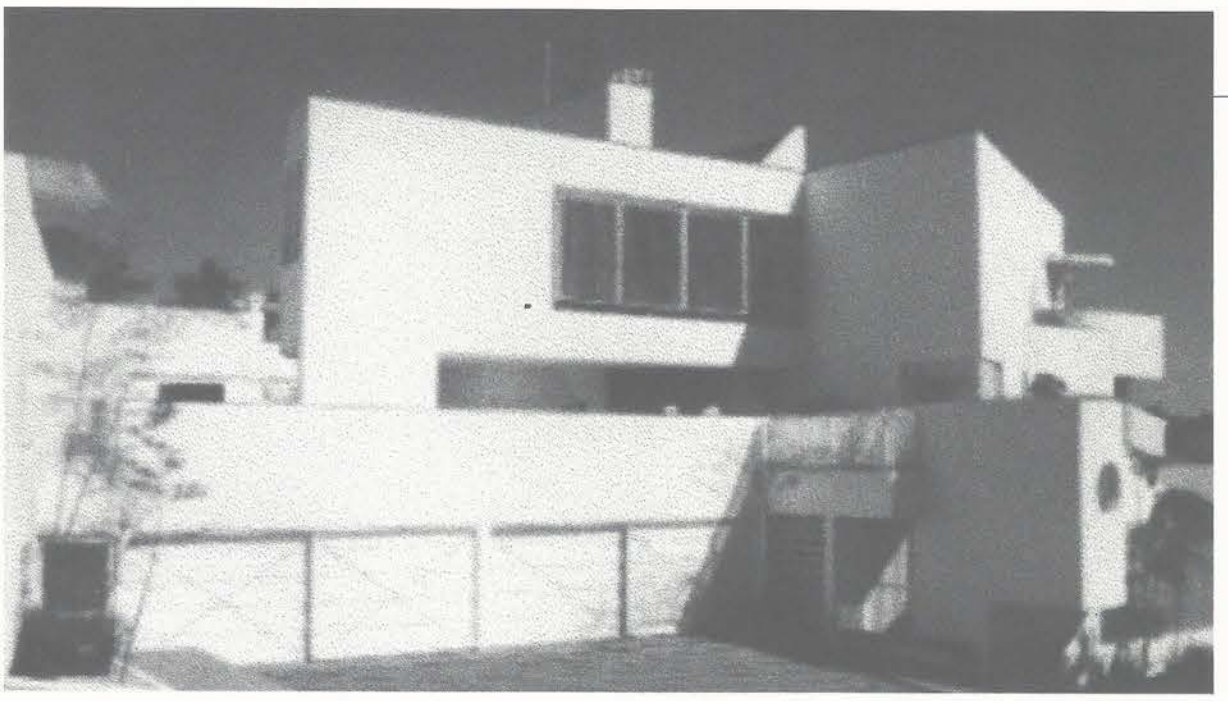
Mattos Júnior, Guilherme José de – Mogi das Cruzes, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Mogi das Cruzes, SP, 1978
Colaboradores: Maurício Cabral, Alan de Oliveira, Abel de Oliveira
Consultores: LH Engenharia e Construção, Fernando Yamasaki, Bonton, Jorge Umezaki, J&J, Pedro e Paulo

Residência Albiero (1999)
Mogi das Cruzes, SP

Casa com três pavimentos: localizam-se no piso inferior os serviços; no intermediário, a vivência e no superior, a área íntima. Ocupando dois lotes urbanos, a casa destaca-se das outras construções vizinhas, estabelece novas relações com a rua e a paisagem e usufrui, ao fundo, da vista da Serra do Itapety.



Mattos Júnior, Guilherme José de – Mogi das Cruzes, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Mogi das Cruzes, SP, 1978
Colaboradores: Maurício Cabral, José Carlos Pierucetti, Cristiane Jábali, Fabíola de Almeida, Mônica Carreiro, Samantha Tomiyama
Consultores: Auro Zanella



Residência Tannous (1998)
Ituverava, SP

Residência com consultório odontológico acoplado, cuja imagem, conforme desejo do cliente, deveria remeter a uma "galeria de viver". Três módulos definem os ambientes no pavimento térreo. Ao centro, uma grande sala de estar com pé-direito alto é resultado da cobertura inclinada, executada com telhas térmicas metálicas. Os módulos laterais, com cobertura plana, abrigam à esquerda os serviços e à direita a área privativa. A estrutura é em concreto armado com elementos aparentes no módulo central.

Mattos, Guilherme Penteado – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, SP, 1986
Oliveira, Camila
Lazzari, Renato
Colaboradores: Ramon Braga, Marciel Penha/Consultores: Tininha Loureiro, Walace Spencer

Bar e Restaurante Kintamani (1998)

Trata-se da transformação de uma casa num bar/restaurante. A arquitetura de linhas retas do edifício propiciou a adequação do espaço ao novo uso. Aproveitando-se do grande recuo sob a antiga garagem, foram criados dois bares, um para bebidas e outro como apoio do restaurante. Nos fundos, a cobertura foi retirada para dar lugar a um pátio descoberto. Um painel de madeira percorre toda a extensão do restaurante e pátio, conferindo uma perspectiva ao espaço.

Mattos, Guilherme Penteado – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, SP, 1986
Oliveira, Camila
Lazzari, Renato
Colaborador: Marciel Penha/Consultores: Tininha Loureiro, Maurício Farias

Restaurante Noyoi (1999)

A utilização da estrutura metálica visou a agilizar a construção do restaurante. A arquitetura é marcada por linhas retas e materiais simples, como os pisos de madeira na área interna e cimentado na externa, a massa grossa das paredes em preto e vermelho e os forros de madeira e sisal. Um espelho d'água percorre todo o espaço do restaurante.

Mello, Christina de Castro – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1972
Vaz, Rita de Cássia Alves – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1972
Colaboradores: Cláudio Diaféria, Takuji Nakashima

Escola Técnica SENAC Itaquera (1998)
São Paulo, SP

Face ao programa e à topografia acidentada do terreno, o partido arquitetônico foi definido por blocos retangulares com 3 pavimentos, formando ângulo de 25 graus entre si. Entre os blocos há um vazio central, com pé-direito de 11,50 m, coberto por uma lâmina transparente. No térreo, esse vazio forma o saguão de exposições, ponto de encontro dos alunos e acesso aos ambientes deste pavimento. A circulação vertical – uma escada situada neste vazio –, interliga as circulações horizontais dos 3 pavimentos.
Em virtude da poluição visual do entorno, os 3 blocos foram tratados como elementos prismáticos com cores frias. Os panos fechados foram revestidos com mosaicos de vidro branco e as aberturas da caixilharia receberam painéis com *brise soleil* verticais de alumínio na cor natural. Como contraponto ao branco e ao prata predominantes na edificação, numa das paredes do vazio central foi executado, pelo artista plástico Márcio Perigo, um mural em tons terra.

Melo, Mário Aloísio Barreto – Maceió, AL – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, 1973
Oliveira, Maria Eduarda P. de – Maceió, AL – Colaboradores: Sidcley Barros, Pedro Baêta
Consultores: Cláudio Mota, Marcio Gobbi, Marcos Toledo

Fórum de Maceió (1998)
Maceió, AL

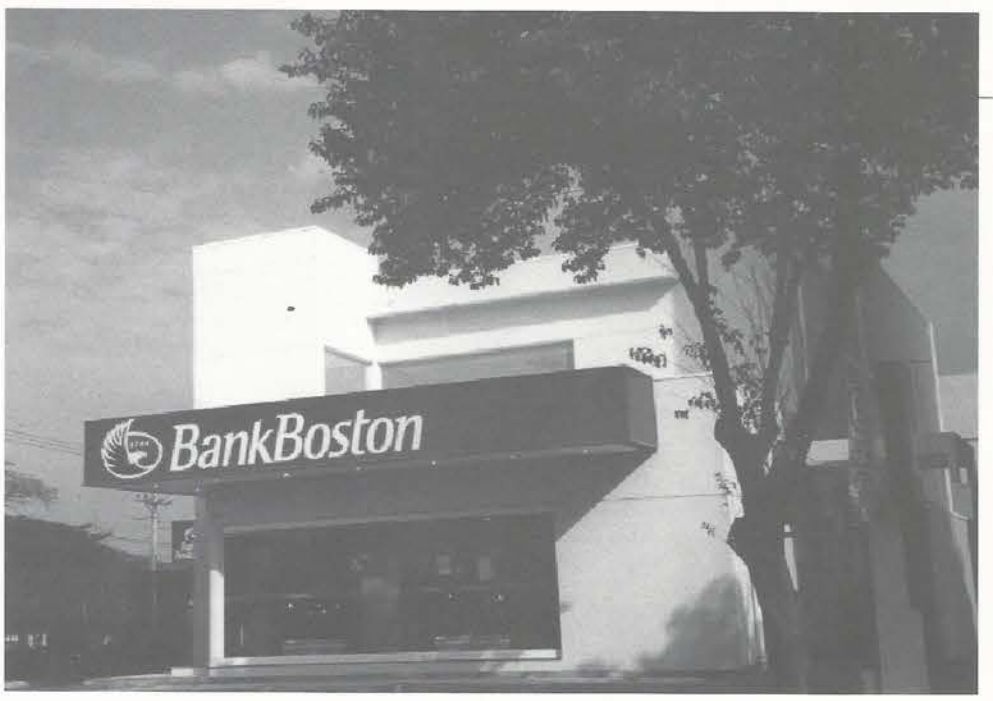
A edificação tem 4 pavimentos e abriga 50 varas cíveis e criminais, 3 salões de júri, biblioteca, recepção, administração, banco, correio e outros serviços.
O partido arquitetônico foi desenvolvido a partir de um átrio central que congrega todas as circulações públicas. Esse espaço vazio tem pé-direito triplo e é coberto por uma membrana articulada que promove iluminação e aeração naturais ao ambiente. Na face oposta ao acesso principal, uma rampa conduz aos auditórios do último pavimento. O acesso dos funcionários, juízes e jurados se faz por uma torre de circulação vertical na face oposta ao acesso principal. O sistema construtivo é em concreto tradicional, obedecendo a uma modulação definida pela distribuição das varas.

Menezes, Carlos Eduardo – Brasília, DF – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1980
Colaboradores: Helio Kahi, Mitsuko Matuda, Luis Otavio Alves Rodrigues, Leonardo Katori, Eustaquio Ribeiro, George Raulino

Instalação Central de Informática do Banco do Brasil (1998)
Brasília, DF

O edifício destinado à ICI foi concebido para abrigar equipamentos de informática de última geração e o banco de dados do Banco do Brasil, em área superior a 6.000 m², sob regime de segurança máxima e funcionamento ininterrupto.
Compõe-se de três blocos distintos: o principal destina-se à área de processamento e comunicações; os secundários, ao apoio eletromecânico, à geração alternativa de energia, torre de controle e supervisão predial. Os espaços foram pensados para oferecer grande flexibilidade e dotados de todas as facilidades inerentes à sua finalidade, visando às mudanças advindas da rápida evolução tecnológica.
No interior do bloco principal – centro nervoso do complexo –, afastado dos demais por um fosso em razão da segurança, não há trabalho humano. Seu funcionamento é monitorado por funcionários lotados na torre de controle. A interligação entre os blocos é feita por túneis que permitem também o acesso ao antigo edifício, localizado no lote adjacente.

Mesquita, Ignacio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Colaboradores: André Guidotti, José Augusto Conceição, Cristiana Rodrigues e Letícia Vasconcelos



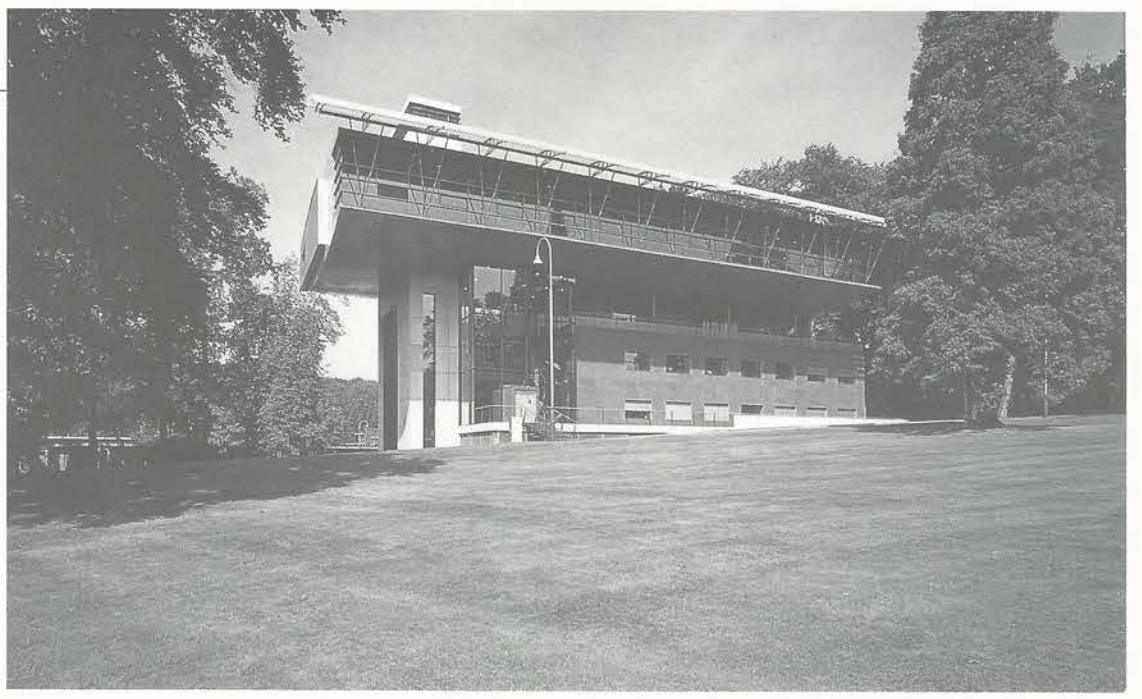
Bankboston – Agência Santana (1998)
São Paulo, SP

Situada em terreno de 1.000 m², em "L", ao lado de uma praça de esquina e entre uma grande avenida e uma rua secundária, a agência do BankBoston foi implantada com a entrada principal voltada para a rua secundária que, com menor movimento de veículos, possibilita um acesso mais fácil aos clientes. A praça, além de servir de jardim, protege a agência do movimento e do ruído da avenida principal.
Com dois pavimentos, o térreo para correntistas e o superior para empresas, criou-se uma grande caixa de escada que faz a ligação entre as duas áreas e serve, externamente, como marco institucional do Banco, voltando-se para a esquina e avenida principal.
O volume do auto-atendimento, projetando-se para fora em direção à rua, quebra o volume do bloco principal.
Grandes caixilhos voltados para a praça permitem iluminação adequada para as áreas internas.
Os materiais de acabamento bem como a linha do mobiliário interno seguem os padrões preestabelecidos para agências BankBoston.

Meyer, Roberto E. – Amsterdã, Holanda – Academia de Arquitetura, Amsterdam, Holanda, 1986
Schooten, Jeroen W. van – Academia de Arquitetura, Amsterdam, Holanda, 1986

Sede da Kema (1996)
Arnhem

A paisagem foi inspiração para o projeto da sede da KEMA e a ela se mistura. O prédio é parte de um Centro Empresarial, para o qual os arquitetos também desenvolveram o plano diretor. Situado logo após a entrada, o edifício administrativo pode ser visto facilmente da avenida, em meio às árvores. Sua arquitetura é feita de contrastes, característica que também predomina no plano-geral do Centro. Na sede, formas e materiais identificam as várias funções do edifício: uma base de concreto para parte dos estacionamentos no subsolo; basalto preto para os dois andares administrativos; vidro para a sala de conferências no segundo andar e vidro e alumínio prateado para o setor de gerência. A aparência high-tech e o avançado sistema de uso de energia procuram contribuir para a imagem de uma empresa consciente das questões de economia de energia.

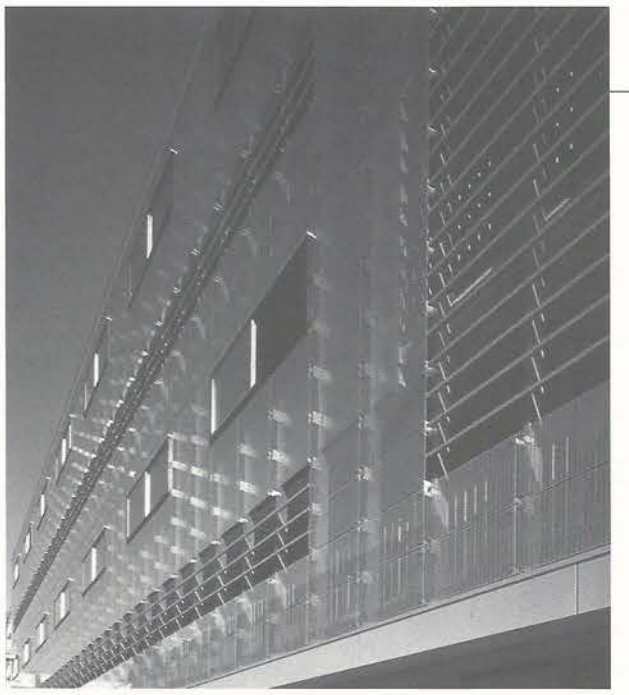


Meyer, Roberto E. – Amsterdã, Holanda – Academia de Arquitetura, Amsterdam, Holanda, 1986
Schooten, Jeroen W. van – Academia de Arquitetura, Amsterdam, Holanda, 1986

Consultórios Dentários (1992)
Almere, Holanda

Essa clínica dentária foi construída na periferia de Almere, uma nova cidade planejada e construída em décadas recentes. O caráter aberto e amplo do pôlder é típico da região em que a clínica foi construída. O lote em que se implanta é plano e úmido, limitado em um dos lados por um dique.
A fachada principal do edifício tem um caráter fechado, e a posterior revela-se pelas aberturas. O telhado de alumínio prateado exprime-se como o elemento principal quando visto da rua. Situado contra uma parede baixa e escura, cria um foco de atenção que enfatiza sua dinâmica em relação ao conjunto. A organização do edifício apresenta-se logo na entrada – ligeiramente acima do nível do solo, penetrando entre paredes laterais ascendentes, banhada pela pálida luz do dia. Os tetos receberam atenção especial, tendo-se em vista a posição em que os pacientes são tratados: sentados e reclinados, olhando para cima.

Meyer, Roberto E. – Amsterdã, Holanda – Academia de Arquitetura, Amsterdam, Holanda, 1986
Schooten, Jeroen W. van – Academia de Arquitetura, Amsterdam, Holanda, 1986



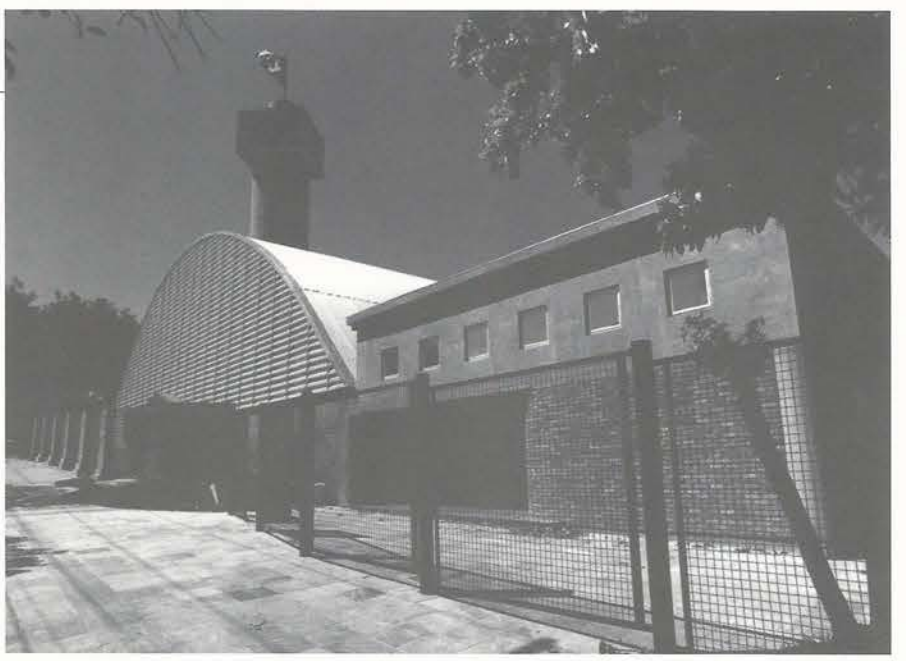
Habitação e Comércio – The Tagrijn (1996)
Amsterdã, Holanda

As ruas Bartholomeu Diaz e Vespuccius fazem parte do planejamento de Mercatorplein e arredores na região Oeste do plano de Berlage. O princípio básico para a renovação e o melhoramento dessa área foi respeitar o desenho urbano original e as características arquitetônicas dos blocos fechados, geralmente de quatro andares.
O projeto consiste em 3 blocos. Na rua Vespuccius, implantam-se 2 blocos virtualmente simétricos, contendo 58 moradias e 5 estabelecimentos comerciais. A fachada principal compõe-se de uma grade de alumínio numa moldura de tijolos. Os terraços ficam engastados na grade. O terceiro bloco, o Tagrijn, situa-se numa rua lateral, a Bartholomeu Diaz, e contém 21 moradias, incluindo *maisonettes* (dúplex) de 4 ambientes sobre um pavimento de apartamentos de 4 ambientes, todos com sala de estar com vista para a rua. O vidro semitransparente cria um interessante jogo de camadas, reflexões e cores.

Meyer, Ester – Porto Alegre, RS – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1981
Bohrer, Angela
Colaborador: Ricardo Sommer
Consultores: Martin Beyer, Paulo Carvalho, Pedro Armando Fischer

Ginásio de Esportes — Fábrica Albarus, (1995)
Porto Alegre, RS

O Ginásio de Esportes da Fábrica Albarus destina-se às atividades socioesportivas de funcionários e membros da comunidade, caracterizando-se como equipamento de integração entre a empresa e o bairro em que se insere. Com área construída de 1.700 m², compõe-se de 2 volumes principais: Ginásio e Apoio Técnico.
O Ginásio abriga uma quadra polivalente com piso antiderrapante. Sua cobertura em estrutura metálica sustenta-se por meio de pilares, vigas e arcos treliçados atirantados sobre os quais se assentam chapas onduladas de alumínio. Tem ventilação permanente, por meio de aberturas em venezianas, e iluminação natural, proporcionada por chapas plásticas verticais translúcidas.
O prédio de apoio técnico abriga espaços de recepção, administração, bar, área de exposições, consultório médico, salão de festas, churrasqueira, cozinha, vestiário, sanitários e depósito. É composto por uma estrutura independente de pilares, vigas e paredes de concreto armado com vedações em alvenaria de tijolo e pedra aparentes e vidros temperados.



Mezerani, Nadir Curi – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, SP, 1964
Colaboradores: Gilberto Floreta (coordenador), Marcel Shimmori, Regina Trigo Marcelo Barbagallo

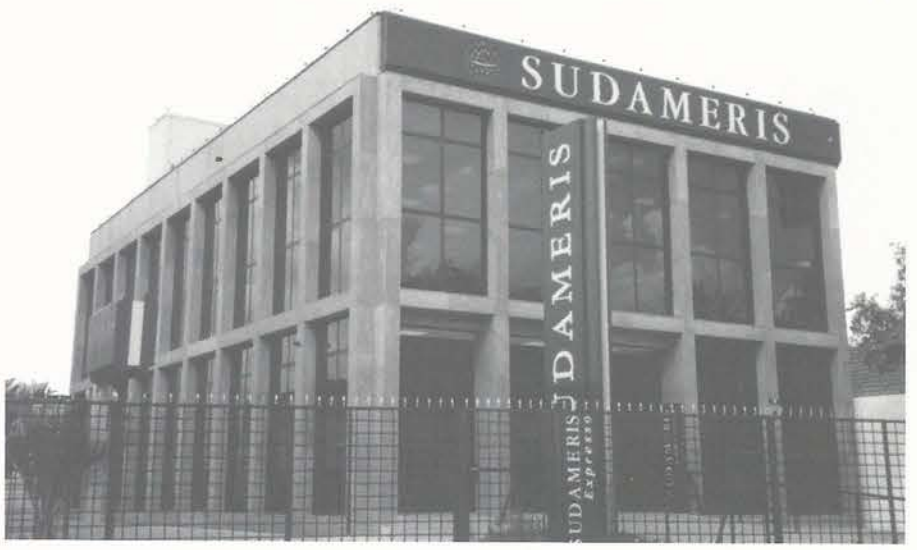
CPA-M3/5º Bpm – Centro de Patrulhamento de Área e Batalhão da Polícia Militar (1999)
São Paulo, SP

O conjunto teve sua concepção baseada na peculiaridade da sua localização na interconexão de uma rodovia com a via marginal do rio Tietê, na racionalização modular construtiva, no custo coerente ao investimento, na conservação do bem público, na funcionalidade e flexibilidade de suas instalações.
O bloco principal do conjunto foi implantado no sentido norte-sul com três pavimentos. Nele, os setores do CPA e do 5º Batalhão são independentes, com acesso central por meio de um grande átrio que valoriza a escadaria para o público e as circulações verticais internas isoladas para funcionários de cada área.
Nas fachadas, elementos pré-moldados de concreto e *brises* em fibra de vidro controlam a entrada de luz e procuram eliminar o grande ruído da Marginal do Tietê, além de dar qualidade plástica ao edifício.
A estrutura do refeitório, no segundo nível, sem colunas centrais e cobertura com estrutura leve, permite sua utilização também como auditório.

Mezerani, Nadir Curi – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, SP, 1964
Colaboradores: Gilberto Floreta (coordenador), Marcel Shimmori, Poliana Frangeto, Maria Cecília Yoshimatu

Agências Bancárias Padronizadas Sudameris (1998)
São Paulo, SP

A partir de diretrizes programadas pelo cliente, as novas agências devem atender a duas tipologias: agências de bairros e de centros de capitais. Suas dimensões deverão ter em torno de 400 e 800 m² respectivamente, distribuídos em dois níveis para separar os espaços de atendimento ao público, no térreo, das gerências no nível superior.
Foi proposto um volume retangular ou quadrado, leve em suas proporções, com faces de vidro ampliando o visual onde necessário e com retículo externo modular como protetor de insolação direta, em design correlacionado à linguagem da Sede Sudameris na Avenida Paulista.
Considerando as diretrizes do programa, para a adaptação em lotes em situações urbanas mais complexas, as obras podem ser elevadas sobre pilotis para criar um maior número de vagas de estacionamento, se necessário.
O projeto construtivo padronizado modularmente já possibilitou a implantação de dezenas de novas agências, comprovando a validade da proposta.



Mezerani, Nadir Curi – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, SP, 1964
Colaboradores: Gilberto Floreta (coordenador), Marcel Shimmori, Cristiane Paixão, André Kühl, Maria Cecília Yoshimatu

Reforma/Retrofit – Edifício Administrativo (1999)
São Paulo, SP

A excelente situação urbanística e paisagística de todo o conjunto da Roche Produtos Químicos e Farmacêuticos e o aproveitamento dos edifícios antigos preservados foram os fatores iniciais que nortearam o conceito desde projeto.
O grande desafio foi cumprir com o programa estabelecido, criando um projeto funcional, consistente e coerente com as necessidades atuais sem deixar de preservar a arquitetura original do edifício, do início do século XX.
Viabilizou-se a utilização do pavimento térreo para as funções de Gerência de Atendimento ao Cliente e seu showroom de treinamento. As demais áreas dessa gerência foram instaladas num pequeno mezanino e os outros setores (diretorias, serviços de apoio e outras gerências) foram distribuídos no primeiro e segundo andares. A cobertura, acessível por uma nova escada, e a laje do volume anexo frontal podem ser utilizadas para realização de eventos e descanso.
Construtivamente, a maior intervenção foi a demolição da antiga escada de concreto e a instalação de outra, de maiores proporções, em perfis de aço, como os mezaninos.

Millan, Marta Del Nero – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1980
Peres, Fernando Vianna – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1980
Colaborador: Anna Paula Cairrão/Consultores: Jorge Kamogawa, Mário Mouta

Residência Signorini Novaes (1996)
São Caetano do Sul, SP

O programa exigia a proposição de uma residência que atendesse às necessidades de um grupo familiar constituído por dois núcleos independentes. Optou-se por duas unidades: uma principal e outra secundária, independentes e articuladas entre si.
O bloco principal foi implantado de modo a liberar grande parte do térreo para funções múltiplas: acesso para a unidade secundária, espaço de lazer e garagem.
O bloco secundário foi organizado a partir de um pátio interno. Entre os dois blocos, foi proposto um jardim para ocupar a parte central do lote.

Mills, George – São Paulo, SP – Universidade Strathllyde/Glasgow, Escócia, 1974
Colaborador: Giane Eduardo
Consultores: Hélio Olga, Hisavo Nakamura, Machado & Canteras

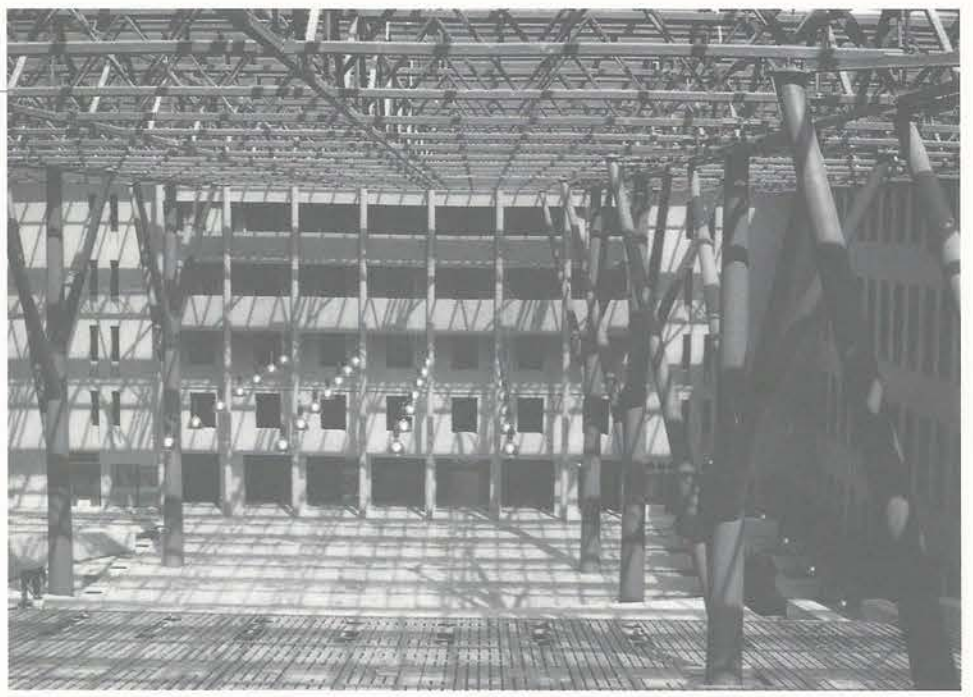
Residência Tamboré (1999)
Barueri, SP

A residência foi edificada em terreno de esquina com leve declínio no sentido da rua. Foram criados três planos: um pequeno no canto mais alto do lote, onde se localizam a sala íntima e o terraço; um plano que abriga a área social e o serviço; e um terceiro onde se construiu a piscina. A construção está encostada nos recuos mais distantes da esquina, criando uma grande área de jardim entre a casa e as ruas. Vigas e colunas de madeira apoiadas em peças metálicas formam uma retícula regular estrutural. A fachada principal da casa é a hipotenusa do triângulo e tem 36 m de comprimento. Nas duas pontas da cobertura triangular foram omitidos os apoios e foram criados balanços através de vigas duplas. O piso superior consiste em enchimento de concreto leve em formas de compensado. A cobertura, quase plana, foi executada numa única manta de membrana polimérica com fixação mecânica em chapas de compensado e isolamento termoacústico. Os caixilhos e as portas de correr são de aço inoxidável com vidros laminados.

Mónus, János – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica de Budapeste, Hungria, 1968
Balázs, Mihaly
Colaboradores: Gábor Durkó, Sándor Nagy, Aurél Bernárd, Zsuzsa Szöke, András Zobor, Johanna Maczák

Centro Administrativo Matáv, Krisztina Kürút (1999)
Budapeste, Hungria

O edifício, construído no início dos anos 50 para sede do escritório de planejamento da indústria metalúrgica, foi reciclado para atender às necessidades de um centro administrativo da área de telecomunicações. Responder às exigências de escritórios voltados para o gerenciamento dos atuais sistemas de telefonia e manter as características formais das fachadas originais do prédio foram os princípios básicos que nortearam o projeto iniciado em 1996.



Mónus, János – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica de Budapeste, Hungria, 1968
Szöke, Zsuzsa/Nagy, Sándor
Consultores: Kálmán Rétháti, István Buzási, Tét ltd.

Conjunto Residencial de Casas com Átrio – Római Part (1994)
Budapeste, Hungria

O projeto consiste em doze moradias organizadas em duas fileiras de casas geminadas duas a duas, em formato de átrio.
Na forma de estruturação desse conjunto, procurou-se oferecer uma seqüência de espaços comunitários, privados e semiprivados, dispostos ao longo de um caminho central longitudinal para pedestres e também para encontro dos moradores. Os automóveis são guardados numa garagem executada a partir de um muro de arrimo, caracterizada como subsolo semi-enterrado, ao longo da frente do terreno e coberta de gramado.
O acesso de cada casa é feito pelo átrio. O espaço focal é a sala de estar do andar térreo. No primeiro andar estão os dois dormitórios voltados para um terraço. As unidades são completamente idênticas com uma área útil de 140 m² cada.

Mónus, János – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica de Budapeste, Hungria, 1968
Szöke, Zsuzsa
Consultores: Kálmán Rétháti, István Buzási, Tét ltd.

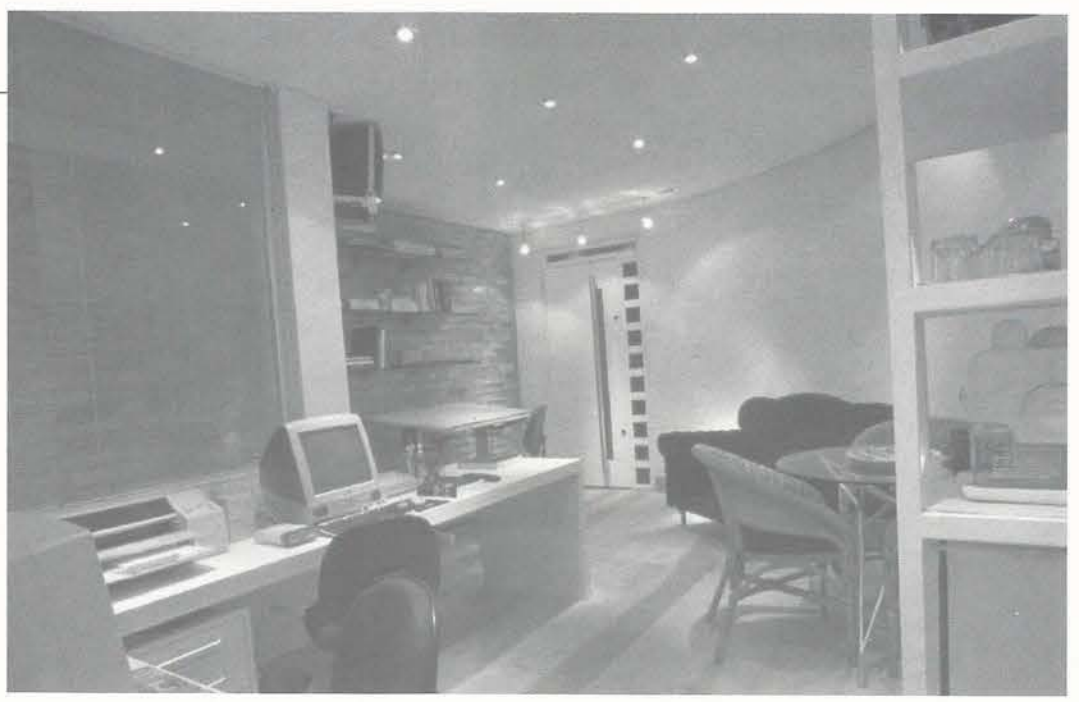
Residência Unifamiliar, Rózsa Domb (1994)
Budapeste, Hungria

Trata-se de uma residência erguida em meio a um bairro residencial, situado numa área elevada e com bastante vegetação. É composta por um bloco único de forma cúbica, em três pavimentos. Os espaços internos estão organizados a partir de uma escada central, em "L", com um vazio que atravessa todos os pavimentos e deixa passar uma luz zenital através de uma clarabóia na cobertura. Dois dos vértices são recortados e compostos com terraços, que se articulam com dormitório e estar, posicionados no terceiro pavimento, e permitem contato com a luz solar e vista para a paisagem circundante.

Moral, André – São Paulo, SP – Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1997

Escritório de Arquitetura (1999)
São Paulo, SP

Nos dias de hoje, a tendência ditada pela tecnologia da informática de se trabalhar em casa está provocando uma reviravolta na arquitetura e, conseqüentemente, no cotidiano das pessoas.
Resultado de uma pequena reforma em uma residência que eliminou o dormitório e o banheiro de empregada, esse escritório de arquitetura, compacto e informatizado (de apenas 27m²), foi criado para abrigar todos os setores de um grande escritório, com uma recepção/espera, local para reuniões, área de trabalho, copa, banheiro e um pequeno jardim.
A entrada de serviço passou a ser entrada do novo escritório, possibilitando entradas independentes e privacidade tanto para o espaço de moradia como para o de trabalho.



Moretti, Maria de Lourdes – São Paulo, SP – Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1995
Gorski, Michel Tode – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1976
Gorski, Maria Cecília Barbieri – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1976
Colaboradores: André Popovic, Alfonso Orlandi Neto
Consultores: Maria Christina Dias Monteiro, Gilberto Franco, Juan Carlos Valdes, Celso Leiva, Eduardo Teixeira Grecco

Arquitetura e Entretenimento – Pão de Açucar Kid's (1998)
São Paulo, SP

Trata-se de um minimercado destinado a crianças, localizado no andar superior do prédio de uma das lojas do supermercado Pão de Açúcar. Além de mobiliário feito sob medida, a loja possui brinquedos desenhados especialmente para o local. Ali são encontrados quase todos os produtos comercializados nas lojas comuns, e o espaço tem as mesmas divisões das lojas convencionais. O prédio destinado a abrigar o minimercado já existia, e foram necessárias algumas adaptações. Os pavimentos são interligados por escada e rampa que permitem a entrada pela parte externa do edifício, na área do estacionamento. Os caixilhos da parte frontal foram trocados; as coberturas da rampa e da passarela externas são em policarbonato translúcido. Houve uma preocupação com a utilização de cores vibrantes, tornando o ambiente bastante atraente para o público infantil.

Munhoz, Mauro Miguel – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1982
Soares, Francisco de Oliveira
Colaboradores: Jorge Pessoa de Carvalho, Bruno Castro, Silvia Scalzo, Simone Guimarães e Laís Magalhães

Morada das Flores (1999)
Parati, RJ

Trata-se de um empreendimento que visa à construção de 300 casas populares na zona de expansão urbana de Paraty, cidade tombada como patrimônio histórico nacional. No projeto procurou-se manter as tradições urbanas e arquitetônicas da cidade. Com plantas que variam de 30 a 50 m², as casas geminadas dispõem de um pátio interno típico da cidade. Os grupos de casas conformam uma área ajardinada interna à quadra onde se localizam e geram um desenho que mantém as características de Paraty, além de preservarem espaço suficiente para vegetação.

Munhoz, Mauro Miguel – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1982
Soares, Francisco de Oliveira/Haluli, Mauro/Yoshida, Rosana
Colaboradores: Maria Rosa de Almeida, Andréa Amyuni, Cristiane Miadaira
Consultores: Nelson Faria, Eliane Bajak e Cláudia Moreira Salles

Casa Schwarcz (1999)
São Bento do Sapucaí, MG

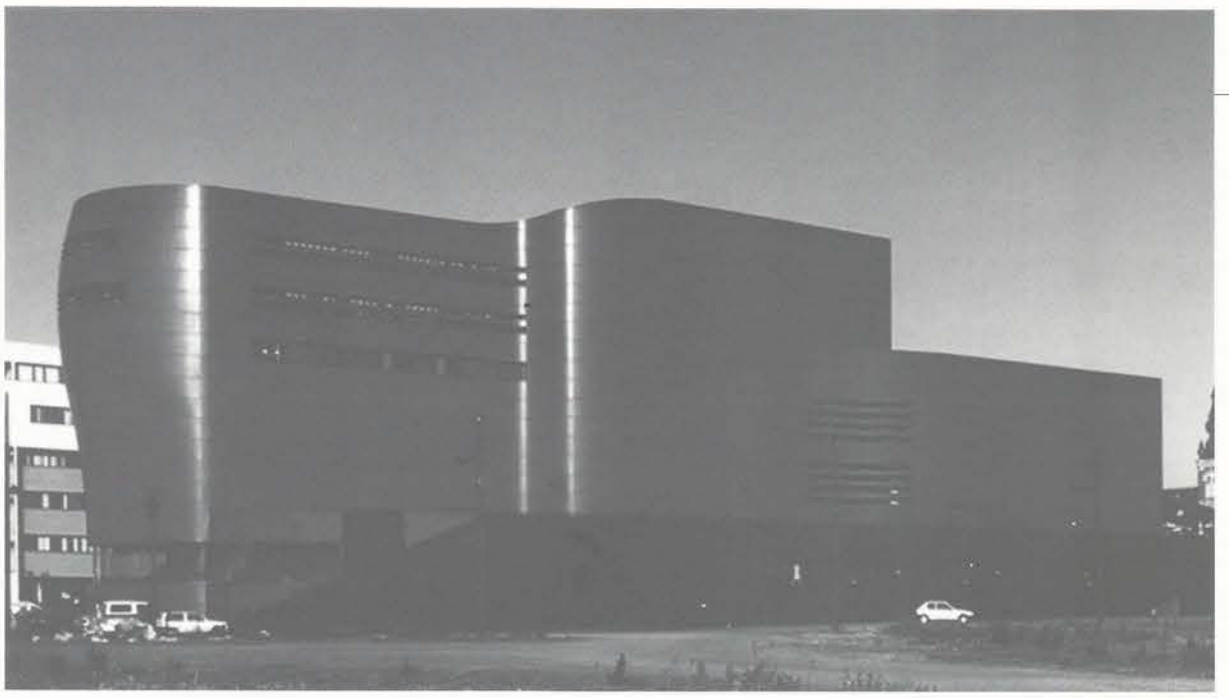
Localizada na área rural de São Bento do Sapucaí, a casa, com um programa relativamente extenso, foi resolvida em três construções separadas, valorizando-se os espaços externos e fazendo-se da topografia parte constitutiva e integrante da composição. Praticamente sem movimentos de terra, a construção em dois e três pavimentos articula e potencializa o uso das diversas cotas de nível do terreno. Em relação ao uso dos materiais, a dificuldade de acesso para caminhões impôs algumas limitações. Os materiais deveriam ser leves e facilmente transportáveis, como a estrutura de eucalipto tratado. A intenção de resgatar o repertório arquitetônico da Serra da Mantiqueira levou à escolha de um sistema construtivo que utilizasse pedras catadas em seco e fechamentos com taipa de sopapo (pau-a-pique).

Negrini, Paulo Roberto Negreiros – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, SP, 1996
D'Angelo, Renata Faconti – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, SP, 1996
Espíndola, Alexandre – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, SP, 1996

Stand De Troca de Óleo Elf/Carrefour (1998)
São Paulo, SP

A necessidade de se pensar um sistema construtivo rápido e simples para stands de troca de óleo de automóveis, que serão implantados nos estacionamentos dos supermercados, foi o ponto de partida desta proposta. A solução encontrada foi trabalhar com uma tensa estrutura sobre base rígida de concreto armado, ligada a pilares triangulares metálicos em suas arestas nos quais se apóiam vigas perimetrais, também metálicas, que serviram como displays das marcas das empresas. O tempo estimado para a montagem de stand é de duas semanas. O método construtivo possibilitou fácil execução, transporte e montagem das peças.

Neiva, Lucinei Cardoso – Salvador, BA – Universidade Federal da Bahia, BA, 1984
Blamont, Emmanuel – Salvador, BA – Escola de Belas Artes de Paris, França, 1984
Colaborador: François Lemoine, Didier Onde, Sophie Thomas/Consultores: Yaying Xu, Khephren Ingénierie, Alto Ingénierie, ADD



Le Phénix – Teatro de Valenciennes
Valenciennes, França

Construído num local havia muito abandonado, o teatro foi concebido a partir de curvas orgânicas de alumínio que envolvem as diversas funções e volumes como uma membrana vermelha. A partir do hall, prolongamento natural da esplanada exterior, protegido por uma pele de vidro curva, as paredes passam do preto ao vermelho, e a iluminação torna-se mais intensa.
No foyer, volume vazio que domina toda a altura do edifício, a escada de acesso aos camarotes é subdividida em seis escadas estreitas, recriando a tradicional escada de honra dos teatros à italiana.
A sala italiana é compacta, visando a aproximar o convívio entre espectadores e atores.

Neves, Luiz – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980
Joffily, Flávio – Rio de Janeiro, RJ
Colaboradores: Fabiano Espósito
Consultores: Augusto Ivan de Freitas, Bettina Collaro, Marcelo Nogueira da Costa, Di Som Produtos Eletrônicos, Dionísio Augusto Americano das Neves

Recuperação e Restauro da Igreja Nossa Senhora da Paz (1999) – Rio de Janeiro, RJ

A Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, foi projetada em estilo neo-românico pelo arquiteto Gastão Bahiana. Sua construção foi iniciada em 1918 e concluída no final da Primeira Guerra, em 1921.
O projeto de restauração e adequação procurou identificar e valorizar a memória da edificação, preservando o monumento e assegurando-lhe uma utilização mais adequada para os dias atuais. Procedeu-se à recuperação do telhado, e a fachada recebeu pintura e iluminação novas. O veleiro, localizado na fachada e contribuindo para sua deterioração, foi transferido para local de grande impacto religioso, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, que foi inteiramente reformada. Na parte interna, foi implantado novo sistema de iluminação e sonorização, com tubulação embutida. A sacristia foi reordenada e o altar principal ganhou novo formato. Com o restauro, foram descobertos os belíssimos afrescos, antes escondidos pela pintura branca.

Nogueira, Mauro Neves – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1975
Colaboradores: Marcos Moraes de Sá, Mauro Almada, Frederico Gama, Fátima Martins, Celso Rayol, Maria de Fátima de Souza, Márcia Mendonça, Marilena Bernardino, Daniela Barradas, Sandra Muylaert, Robert David Eisenstat/Consultores: Fernando Chacel, Sidney Linhares

Edifícios Residenciais "Sunset", "Sunshine" e "Ocean Drive" (1997) Rio de Janeiro, RJ

Os edifícios, de seis pavimentos, estão dispostos em direção ao mar e têm o formato longilíneo.
O posicionamento dos edifícios no terreno conforma e define o espaço da praça onde se situam, no interior do complexo residencial. As formas arquitetônicas tomam como matriz os edifícios projetados nos anos 30 e 40, na zona sul do Rio de Janeiro, especialmente em Copacabana, os quais possuem varandas nas salas, que servem de filtro climático e criam espaços de transição. Como os edifícios são longos, foram utilizadas cores diferentes para destacar cada uma de suas partes e enfatizar formalmente o sistema de distribuição vertical.
Internamente, dois apartamentos tipo repetem-se em todo o conjunto: o primeiro, um estúdio com uma sala e um quarto que podem integrar-se espacialmente, formando um grande ambiente. O outro é um flat duplo, com um átrio que confere privacidade a um dos quartos em relação aos outros ambientes.

Nogueira, Mauro Neves – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1975
Colaborador: Marion Helga Platz

Escola Média e Elementar de Aparecida de Goiânia (1999) Goiânia, GO

As formas arquitetônicas e o sistema funcional seguem o declive do terreno, desde a entrada, onde se localiza o castelo d'água que assinala a entrada do complexo escolar, até o campo de futebol. O pátio coberto é o *core* da escola, no qual todos os caminhos começam e terminam. Apresenta um espaço de pé-direito duplo, é fechado de um lado pelo setor administrativo e aberto do outro para a paisagem do vale, incorporando o pátio descoberto para recreação. Uma colunata é cenário entre os dois pátios.
O setor pedagógico percorre as curvas de nível do terreno e tem dois pavimentos que podem ser acessados pelo *core*, por meio de uma galeria. Do lado oposto estão os espaços coletivos; a biblioteca ocupa uma posição de destaque como peça importante da composição. Do outro lado do pátio encontram-se as áreas de esporte e agricultura.

Nogueira, Mauro Neves – Rio de Janeiro, RJ – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1975
Sá, Marcos Moraes de
Colaboradores: Adriana Weber, Claudia Ravares, Estela Marques, Diogo Teixeira Soares, Lucilene Carvalho, Mônica Grelle Antunes, Marisa Trinta, Maria de Fátima de Souza, Marilena Bernardino, Marion Platz, Francisco de Assis Reis, James Lawrence Vianna, João José Costa/Consultores: Igor Alvim, Lucia Maria Costa, Isabel Duprat

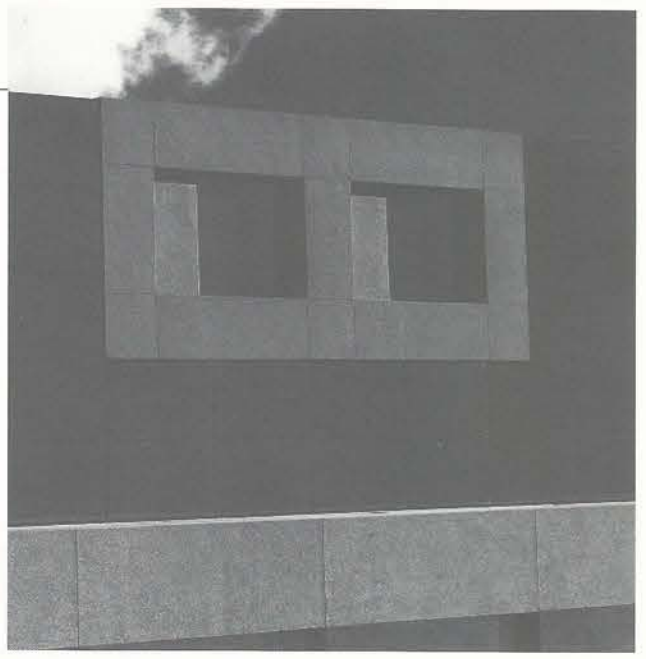
Centro de Comércio e Serviços "Downtown" (1998) Rio de Janeiro, RJ

"Downtown" é um complexo de escritórios com predominância de uso comercial no térreo. O esquema básico do projeto urbanístico constitui-se por pequenas "perturbações" geométricas introduzidas num sistema de eixos ortogonais. O ambiente principal é um mall linear, com 450 m de comprimento e 30 m de largura concebido para ser o *locus* dos acontecimentos. Há três tipos arquitetônicos básicos: o primeiro, utilizado na maior parte dos edifícios, é composto por lojas no pavimento térreo, escritórios no segundo pavimento e cobertura. A partir de plantas regulares, as fachadas foram subdivididas em módulos tipo que receberam tratamento variado produzindo a diversidade arquitetônica das cidades reais. O segundo tipo, utilizado nos três blocos em torno da praça oval, apresenta pórticos cobertos e pérgolas que formam zonas abrigadas e sombreadas. O terceiro tipo arquitetônico é formado por quatro edifícios em forma de "L" que conformam um grande pátio e definem o recinto do Centro Empresarial.

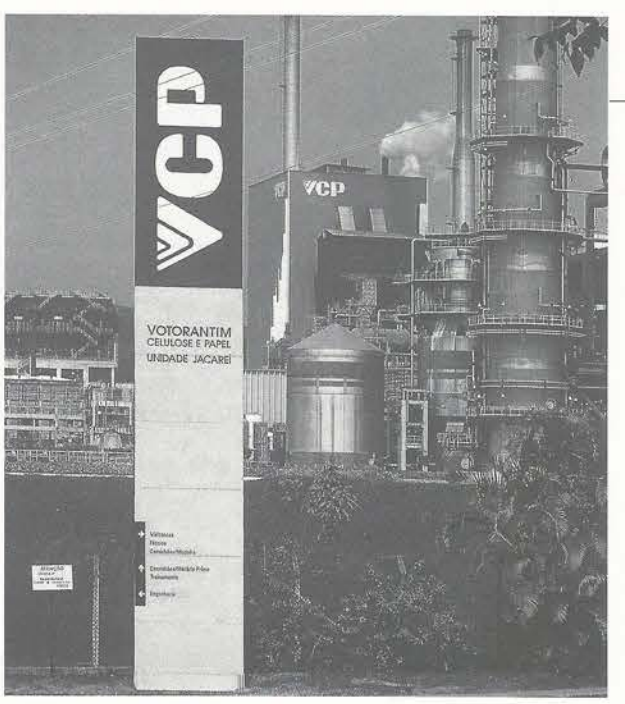
Nosralla Junior, Pedro – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1975
Junqueira, Antonio O.V. – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1975
Colaboradores: Marly Kiatake, Cristiane Branco Nosralla, Karina Prieto Fernandez, Patrícia Viceconti Nahas, Daniela de Faria Porto
Consultores: Leal e Penteado, Apoio e Engemon

Edifício Andirá (1998)
São Paulo, SP

Obra constituída por um edifício destinado a escritórios, que conta com 2 subsolos, térreo e 12 pavimentos. O 4° andar foi projetado de forma a permitir uma grande flexibilidade de uso, possibilitando diversos arranjos para subdivisões e agrupamentos de espaços. O átrio, com pé-direito duplo, marca a entrada do edifício e faz a transição entre o espaço urbano e o espaço interior. No tratamento externo dos volumes e fachadas, o edifício apresenta uma volumetria recortada e marcada pela utilização adequada de diversos materiais, utilizando-se de cores e texturas. O resultado é um edifício com uma imagem vigorosa e bem-definida.



Oga, Luci – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 1987



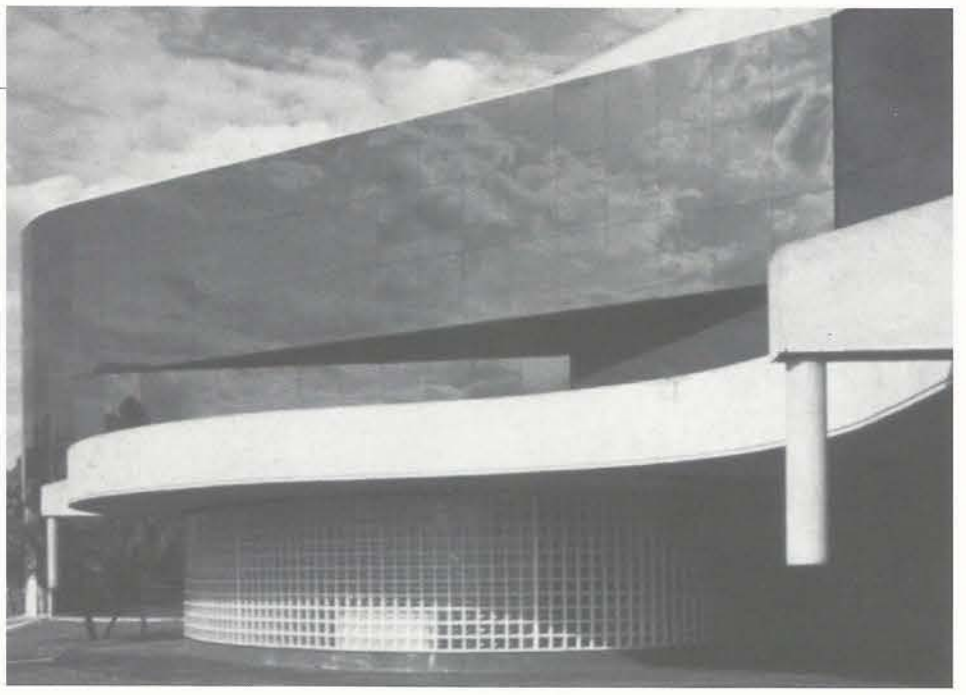
Sinalização Votorantim Celulose e Papel (1998)
São Paulo, SP

O projeto de Sinalização para Votorantim Celulose e Papel foi desenvolvido visando à orientação do fluxo de funcionários, visitantes e fornecedores dentro das dependências industriais e administrativas da empresa. Elaborou-se um manual com o sistema proposto, o que permitiu a normalização e orientação da aplicação do sistema nas várias unidades da empresa: Jacareí, Piracicaba, Luiz Antônio, Votocel e Sede Administrativa alameda Santos.

Ohtake, Ruy – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1960

Aché Laboratórios – Unidade 5 (1997)
Guarulhos, SP

Construída para abrigar os setores administrativos do complexo de laboratórios, a Unidade 5 é mais uma construção do Aché Laboratórios, iniciada em 1969. Todas as unidades foram projetadas pelo arquiteto. O edifício atual, de três pavimentos, articula-se em torno de um grande vazio, onde se encontra uma escultura em chapa metálica da artista plástica Tomie Ohtake. No térreo, estão locais para reuniões, restaurante, refeitório e lanchonete. No primeiro pavimento situam-se as áreas administrativas, e no segundo, as salas da diretoria.

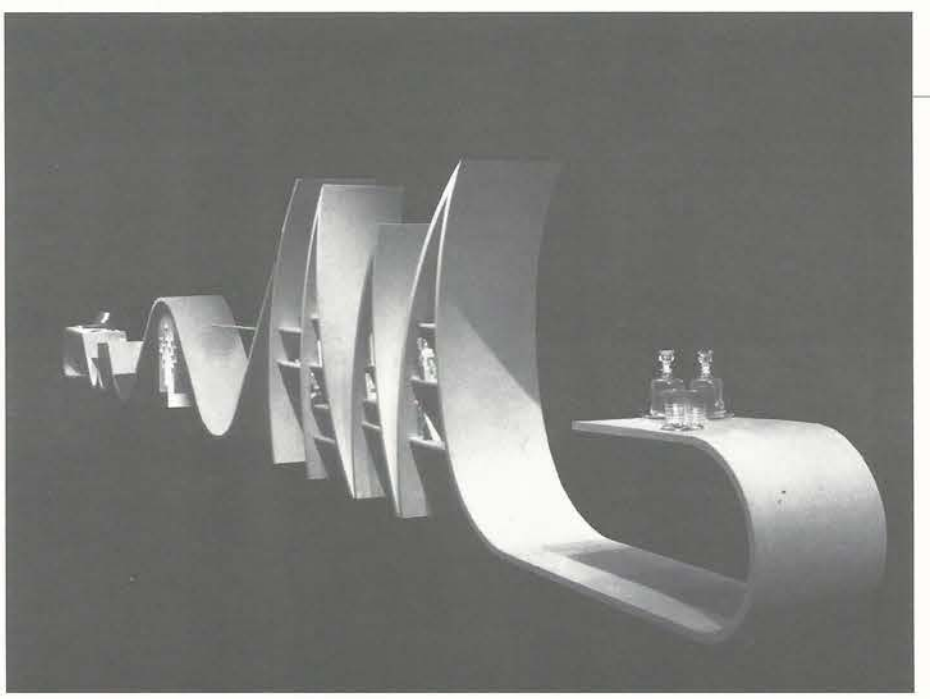


Ohtake, Ruy – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1960

Playarte Multiplex ABC (1997)
Santo André, SP

Localizado dentro de um shopping center, na região do ABC, esse conjunto inaugurou, no Brasil, o conceito Multiplex. São cinco salas de cinema desenhadas para oferecer maior conforto ao usuário, maior apuro no isolamento acústico entre as salas e melhor qualidade de transmissão de som e imagem. O controle de todas as salas é feito por uma única cabine de projeção. Cada uma das salas tem 208 lugares e foram executadas a partir de projetos únicos que as diferenciam. Para interligar as salas, há um foyer de 350 m² onde se localiza uma bonbonnière projetada pela Proctor Company, empresa norte-americana especializada em equipamentos de alimentação para cinemas.

Ohtake, Ruy – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1960



Móveis de Madeira MDF (1998)
São Paulo, SP

Com o design desse mobiliário, pretendeu-se explorar a madeira MDF, um aglomerado de média densidade, em todas as suas possibilidades plásticas. Essa pesquisa possibilitou uma diversidade formal de soluções bastante contemporâneas e inventivas.

Olaszek, Victor Edgardo – Guarujá, SP – Universidade Nacional de Buenos Aires, 1969
Colaboradores: Elena Olaszek, Eliana Gerônimo Ferreira

Edifício Verdes Mares (1999)
São Vicente, SP

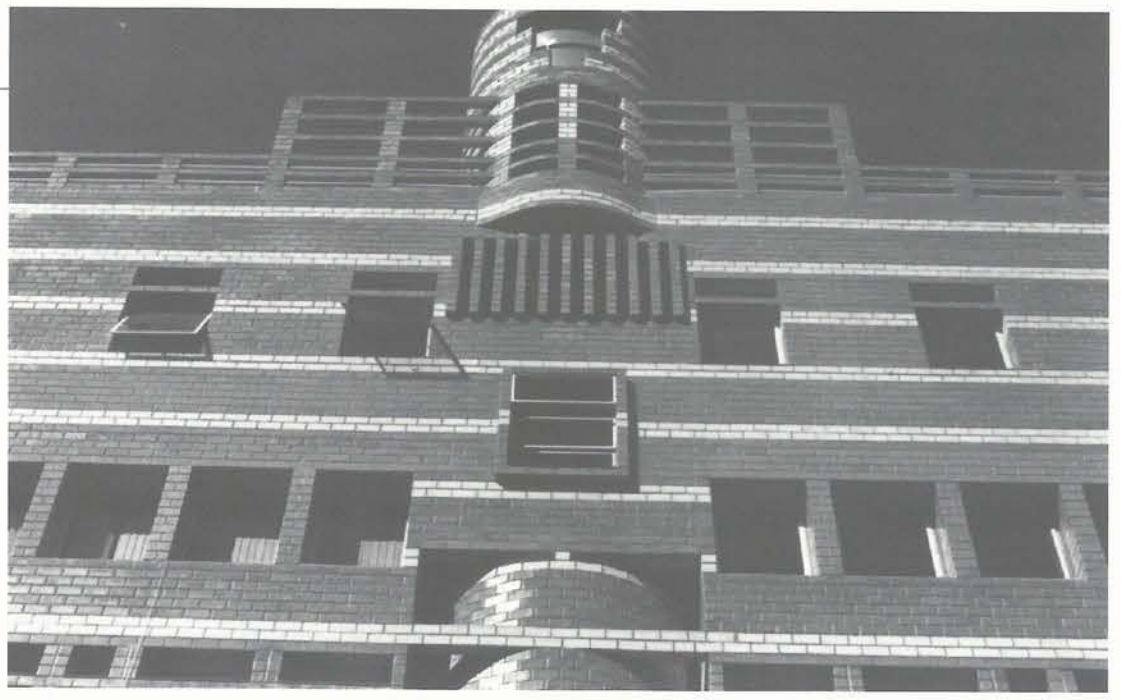
O projeto iniciou-se quando a estrutura e alvenaria já haviam sido construídas até o 6° andar. Decidiu-se pela demolição das paredes e pelo aproveitamento da estrutura. O terreno é típico da Baixada Santista, estreito e profundo. Isso resultava numa distribuição interna com longos corredores de acesso a um único conjunto de circulação vertical. Para amenizar o comprimento dos corredores, optou-se por criar grandes aberturas na frente dos elevadores e aberturas verticais menores que permitem a vista externa da paisagem. Os terraços da frente foram rodeados por uma grelha de pilaretes e vigotas para dar sensação de proteção e privacidade.

Foto: Eduardo Victor Olaszek

Olaszek, Victor Edgardo – Guarujá, SP – Universidade Nacional de Buenos Aires, 1969
Colaboradores: Elena Olaszek, Eliana Gerônimo Ferreira

Edifício Malena (1997)
Guarujá, SP

O gabarito máximo permitido na região onde foi construído o edifício é de seis pavimentos. Por essa razão, no projeto se propôs uma estrutura apoiada nas paredes externas perimetrais e no núcleo central de escada e elevador. Essas paredes foram construídas com blocos cerâmicos autoportantes. As lajes são pré-moldadas protendidas, apoiadas nas paredes de frente e de fundo. Essa solução técnica possibilitou plantas livres nos andares.
A escadaria é composta por degraus pré-moldados de granilite sem espelhos.



Oliveira Júnior, Francisco Fernandes de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Guarulhos, SP, 1983

Quiosques para Abril Cultural (1999)
São Paulo, SP

Os três quiosques para alimentação são unidades independentes e removíveis, se necessário. Foram executados em estrutura metálica galvanizada, com pilares parafusados no piso do pátio. A cobertura é em policarbonato na cor branca. Os fechamentos laterais são feitos com lonas transparentes com sistemas de enrolar. Nos balcões de alumínio, desenharam-se alguns detalhes em pastilhas de vidro. A pintura dos quiosques é em alumínio fosco.

Oliveira, Arnaldo Villares de – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1967
Schahin, Célia Duarte/Belmonte, Flávio
Colaboradoras: Thaís Reali Ferrari Naufel, Rosana Benetti da Costa/Consultores: JC Passerini, NG Engenharia Estrutural, Moisés Zimelman

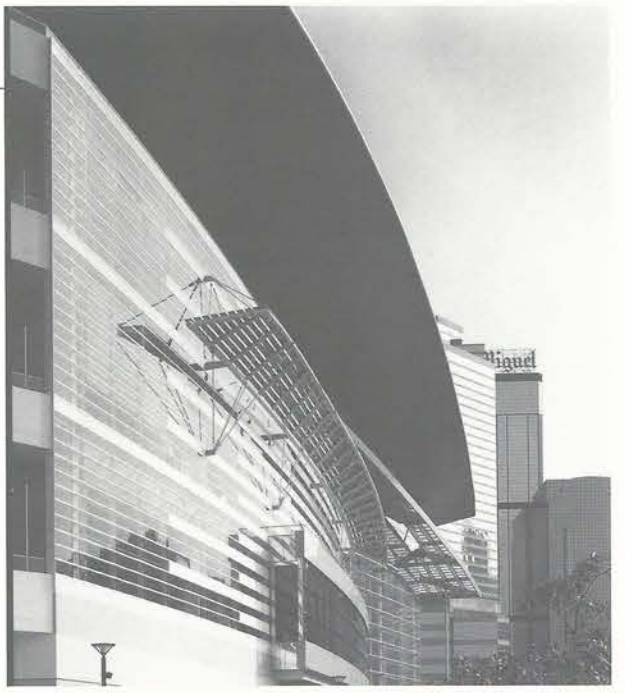
Hospital Santa Paula (1997)
São Paulo, SP

Fundado em 1959, o Hospital passou por reformulações, visando a novas técnicas de gestão hospitalar e à instalação de sistemas informatizados. Em 1992, foi planejada a Unidade Coronariana, destinada a pacientes de alta complexidade. Em 1994 foi feita uma ampliação que envolveu área para 40 leitos e implantação de um Day Hospital. Entre 1995 e 1997 foram reestruturadas as áreas de Recepção do Setor de Diagnóstico e a Radiologia. A área administrativa foi relocada para a implantação de um moderno banco de sangue e a ampliação do Pronto-Socorro, que, por conta da localização do hospital, tem grande procura. Em 1998 foi implantado um novo Centro de Diagnóstico por Imagem e, em conseqüência da Operação Urbana Faria Lima, uma nova área para ampliação foi obtida, permitindo obras que no ano 2000 envolverão espaço para 170 leitos e 3 Unidades de Tratamento Intensivo.

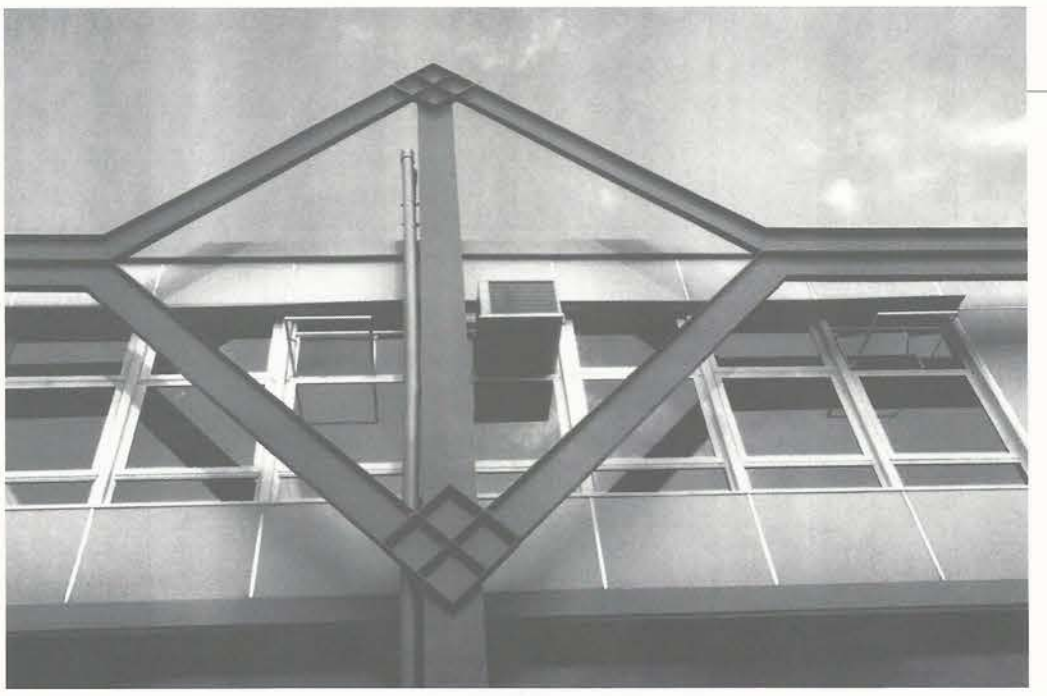
Oltmanns, Larry – Chicago, Estados Unidos – Universidade de Illinois, Estados Unidos, 1973
Wong & Ouyang (HK) Ltda.

Ampliação do Centro de Convenção e Exibição de Hong Kong (HKCEC) – (1997)

A ampliação do Centro de Convenção e Exibição de Hong Kong (HKCEC) marcou a transferência formal de soberania para o governo chinês, em 30 de junho de 1997. A cobertura é o aspecto predominante da ampliação. Sua forma, uma série de asas curvas que se entrelaçam, é definida pelas exigências da estrutura e pelo vão livre sobre os salões de convenção e de exibição superiores. A ampliação inclui um salão de convenções, três salões de exibição, áreas de espera, dependências de apoio e restaurantes. Um área de ligação transpõe um canal, futura via expressa, conectando o novo centro de convenções aos espaços de exibição já existentes. As áreas públicas e de circulação, em todos os níveis, envolvem os salões de convenção e exibição e estão localizadas ao longo da periferia do edifício. Restaurantes, lojas e saguões localizados no piso térreo criam atividade contínua que se estende à área externa ao Centro de Convenções.



Orsi, Eduardo Salata – Ribeirão Preto, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Franca, SP, 1989
Colaborador: Maite Orsi



Liceu Albert Sabin, (1995) Ribeirão Preto

A área que abriga o Liceu contém uma antiga casa de 900 m² edificada sobre um terreno de 2.500 m². O edifício teve de ser construído num prazo reduzido, 120 dias, com aproveitamento da edificação existente. A intenção era buscar relações instituição/público e produzir uma arquitetura que sugerisse aos alunos o interesse pela ciência. A utilização de elementos geométricos como arcos, cubos, triângulos, cilindros e esferas, todos coloridos, procura criar um ambiente que represente para a criança uma passagem do mundo de brincadeiras exterior para o mundo da educação e cultura interior. Como o uso da cor mereceu atenção especial nesse contexto, para a pintura das bolas alinhadas sob o pórtico de entrada foram utilizadas as cores lilás, verde e vermelho; para o pórtico, bege, salmão e ferrugem; e para o vidro laminado espelhado, azul. Para a execução das obras, utilizaram-se estruturas metálicas, lajes protendidas e painéis tipo "wall".

Orsi, Eduardo Salata – Ribeirão Preto, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Franca, SP, 1989
Colaborador: Maite Orsi

Concessionária de Veículos Atri Fiat (1996) Ribeirão Preto, SP

O edifício foi implantado num terreno em acentuado declive com área de 18.000 m². A solução arquitetônica baseou-se na criação de patamares interligados por rampas ou escadas, visando-se à circulação eficiente de veículos, pedestres e portadores de deficiências físicas. A disposição espacial procura permitir ao cliente uma rápida visualização dos diversos setores de atendimento, tais como setor de peças, áreas de oficina etc. Foram previstas comodidades como áreas de estar e café, de onde os serviços em execução podem ser acompanhados. Como a região é muito quente e não se pretendia empregar sistemas de ar-condicionado, um *brise soleil* foi projetado sob uma moldura em arco que se desenvolve em direção ao centro do prédio, onde se situa o pórtico de entrada do showroom, iluminado por uma clarabóia em vidro laminado. Usou-se revestimento cerâmico, o que criou um jogo de movimento e cores que dá flexibilidade à forma.

Paoliello, Guilherme – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1979
Vainer, André – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1979
Colaboradores: Carolina Nobre, Luciana Bittencourt, Juliana Fiorini/Consultores: Ibsen Puleo Uvo, Isawo Nakamura

Residência no Alto de Pinheiros (1999)
São Paulo, SP

Num lote de esquina, procurou-se criar espaços diferenciados na residência por meio de uma implantação não-convencional. Com duas entradas para as duas ruas, criaram-se dois blocos mais compactos nas extremidades, unidos somente no pavimento superior, gerando um vazio no miolo do lote. Uma raia para natação se encaixa entre os dois volumes sob a cobertura do pavimento superior e indica a entrada social pelo deque coberto. Os ambientes sociais internos e externos da casa fundem-se num grande espaço, limitados pelo muro externo.

Paoliello, Guilherme – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1979
Vainer, André – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1979
Colaboradores: Carolina Nobre, Lua Nitsche/Consultores: Ibsen Puleo Uvo, Isawo Nakamura, Hélio Olga

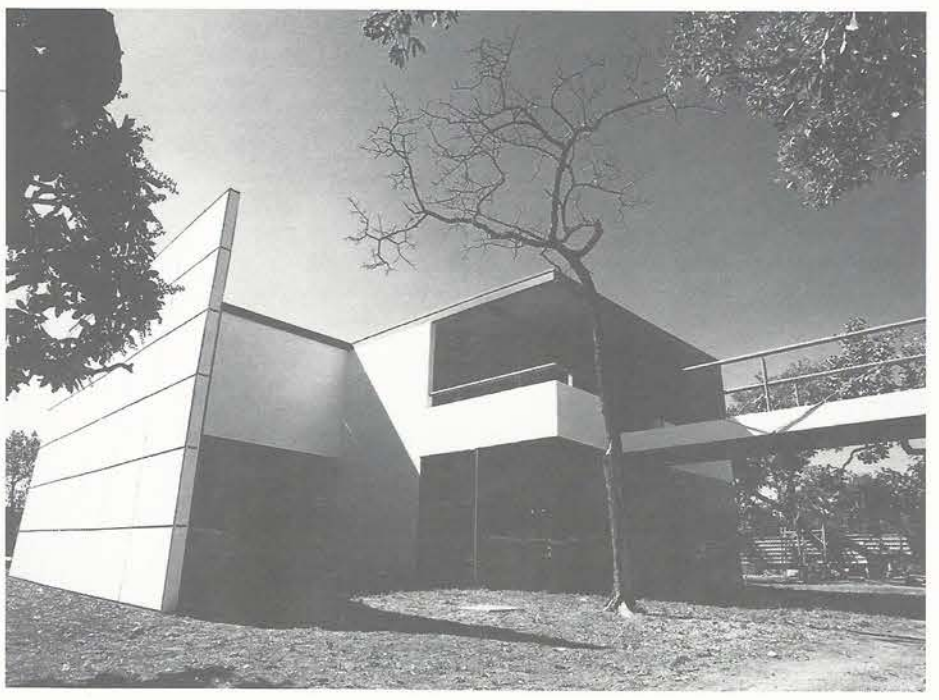
Residência em Carapicuíba (1999)
Carapicuíba, SP

A residência, construída na periferia da Grande São Paulo, é constituída por um pavilhão elevado do terreno, por meio de uma plataforma de concreto apoiada em quatro pilares. A partir daí, uma delgada estrutura de madeira sustenta a leve cobertura metálica. O acesso é feito por uma ponte que liga a rua de acesso ao nível do pavimento superior. O desnível do declive proporciona um outro pavimento nos pilotis para uma futura ocupação. O programa de moradores e o local permitiram uma instalação despojada do pavimento ocupado, gerando uma planta essencial com poucas paredes e muita transparência.

Paranhos, Gilson – Brasília, DF – Universidade Federal de Brasília, 1980
Colaboradora: Rosangela Alves

Residência Alves (1998)
Brasília, DF

A proposta foi implantar em um lote, praticamente plano, de 50 X 50 m, duas residências com área de lazer comum. São duas casas com dois pavimentos cada uma, ligadas entre si por uma passarela/solário horizontal contraposta por um reservatório elevado, vertical. Foi utilizado um sistema estrutural com pilares metálicos e vigas em chapa dobrada, desenhadas e dimensionadas obedecendo às restritas condições de dobragem dos fornecedores, e lajes executadas em argamassa armada, moldadas em formas metálicas. As fachadas internas foram tratadas de maneira a enriquecer os espaços de convívio e lazer, por meio de grandes esquadrias executadas artesanalmente com caixilhos em chapa dobrada e vidros lisos fumê, colados e vedados com silicone. Algumas proteções foram executadas por meio de brises horizontais em chapa lisa, que direcionam uma ventilação cruzada no sentido horizontal. O conforto térmico foi ainda garantido pela extração do ar quente pelos sheds na cobertura.



Pascotto, Paulo Oropallo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1987

Galpão Comercial (1999)
São Paulo, SP

Galpão comercial construído num lote típico do bairro Cerqueira César, onde anteriormente havia uma casa geminada dos anos 40. Utilizando-se estrutura metálica que permite grandes vãos, obteve-se como resultado dois volumes: o corpo principal – um amplo espaço sem qualquer divisória – e a edícula – com os banheiros, copa e depósitos. A cobertura é curva, lembrando um galpão industrial. Na edícula, elementos vazados garantem a ventilação. Com exceção do piso, a cor branca foi utilizada para unificar os vários materiais e dar a sensação de maior amplitude em relação ao espaço interno.

Paternostro, Roberto – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1977
Kanashiro, Mário/Ogino, Aparecida
Colaborador: Ary Biancardini Filho / Consultores: Manoel Coelho da Silva, Cláudio Misumi, Ricardo Santos, Roberto Giacometti

Externato São Judas Tadeu (1999)
São Paulo, SP

O extenso programa solicitado pelo cliente, as condições de desnível e orientação do terreno, assim como o acesso principal definido pela legislação, definiram o partido do projeto. A escola é formada por um conjunto de volumes identificados por diferentes formas e atividades, resultando em uma edificação múltipla e integrada ao entorno. O projeto foi pensado como um espaço interno aglutinador, que confere ao edifício uma presença marcante, como toda escola deve ser.

Patijn, Wytze – Roterdã, Holanda – Universidade de Delft, 1976
Colaboradores: Jaap van Kampen, Katrien Overmeire

Renovação de Conjunto de Habitações – Kiefhoek
Roterdã, Holanda

O projeto do Kiekhoef, de J.J.P. Oud, é um monumento internacionalmente conhecido, associado ao estilo "Neues Bauen". Esse conjunto residencial de subúrbio da década de 20 é considerado o exemplo mais acabado da aplicação dos princípios de repetição, ritmo, simetria e uso da cor pregados por Oud. A extrema deterioração que o conjunto alcançou, no entanto, resultou na decisão de demoli-lo completamente e reconstruí-lo. A ação foi radical, envolvendo adaptações às necessidades atuais, para tornar possível sua nova ocupação pelas famílias. Três novos tipos de residência foram projetados segundo os princípios de racionalização do espaço e layout presentes no original de Oud. Todos os elementos que mantiveram suas características funcionais foram incluídos, como a composição da entrada, o sanitário e a escada caracol. Para que se pudessem viver a experiência espacial e a atmosfera daquilo que Oud chamava de "casa normal", uma casa-museu foi construída, seguindo exatamente o projeto original, permanecendo aberta ao público.

Patijn, Wytze – Roterdã, Holanda – Universidade de Delft, 1976
Colaboradores: Michael Kolmas, Aagje Roelofs

Hall de Acesso ao Hospital Acadêmico de Groningen (1999)
Groningen, Holanda

O acesso original ao hospital de Groningen, feito por meio de várias entradas separadas, foi modificado com o projeto desse hall central, situado na porção sul do edifício. Dessa forma, obteve-se uma entrada única, facilmente identificável, que organiza de maneira lógica a circulação pelos dois principais corredores internos do edifício. Os corredores terminam em ambos os lados do hall, dando lugar a áreas destinadas ao uso público, demarcadas por meio de volumes semi-abertos que contêm lojas e lanchonete com terraço, junto ao qual se situam as escadas e os elevadores. Esbeltos pilares de aço sustentam a cobertura, que parece não tocar o edifício existente. Atenção especial foi dispensada aos aspectos da iluminação, utilizada no sentido de definir as áreas de espera no amplo espaço. A luz natural, refletida em painéis de madeira no teto, banha os principais pontos de orientação, tais como a recepção e os corredores internos.

Patijn, Wytze – Roterdã, Holanda – Universidade de Delft, Holanda, 1976
Kok, Koos

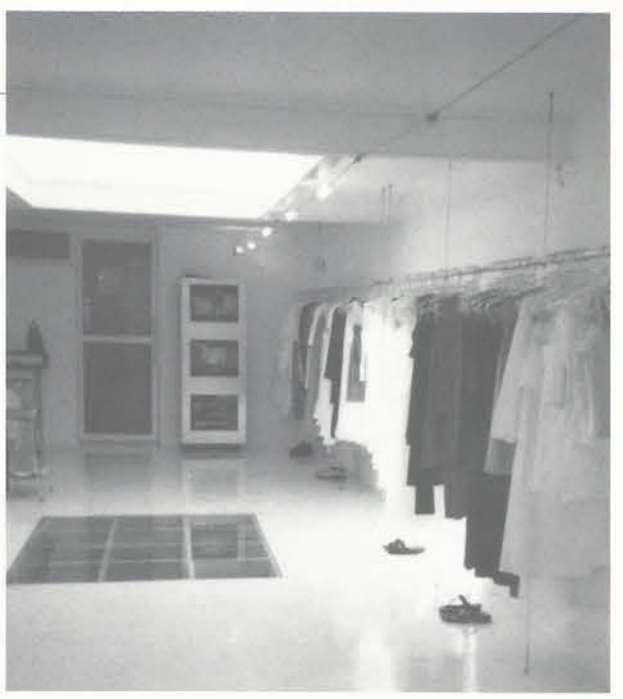
Renovação Urbana – Wipstrik (1997)
Zwolle, Holanda

O antigo bairro operário de "Zeehelden" continha pouca área verde e configurava-se por longas quadras residenciais e ruas pavimentadas num padrão retangular. Parte do plano para Wipstrik incorporou um amplo edifício existente, de baixo porte, composto por habitações operárias.
O projeto aproveita a amplitude das quadras para criar pátios públicos, em torno dos quais as unidades residenciais se agrupam. Foram previstos diferentes tipos de moradias, tendo em vista sua acessibilidade por grupos de baixa renda, sejam seus usuários estudantes, famílias, sejam idosos. A articulação das várias tipologias ocorre em função da configuração espacial, de maneira a formar um conjunto harmonioso.

Pedrazzi, Luiz – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1990

Showroom Bureax Paulista (1999)
São Paulo, SP

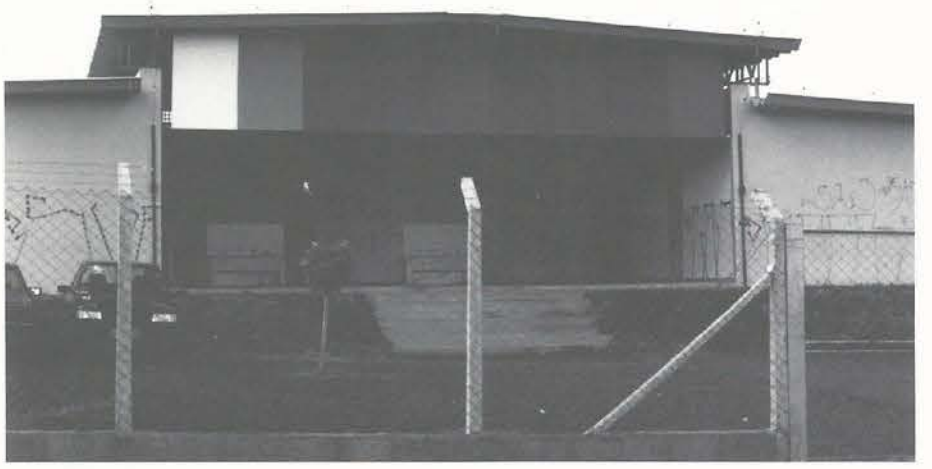
A proposta era transformar o andar superior de um sobrado em um showroom de uma confecção de roupas. O projeto partiu da intenção de se criar um espaço neutro que não interferisse nas cores e texturas das diversas coleções que seriam ali expostas, por isso a escolha de um espaço branco absoluto. O piso é em resina de poliuretano fosco e tem um quadrado de vidro com vista para um jardim de inverno. Um outro quadrado de vidro, no teto, dá continuidade de espaço no sentido vertical. As paredes e vigas metálicas substituíram as paredes demolidas que sustentavam a laje do sobrado. O mobiliário é composto por mesas de vidro, cadeiras de polipropileno transparente e "araras" em alumínio escovado sustentadas por finos cabos de aço.



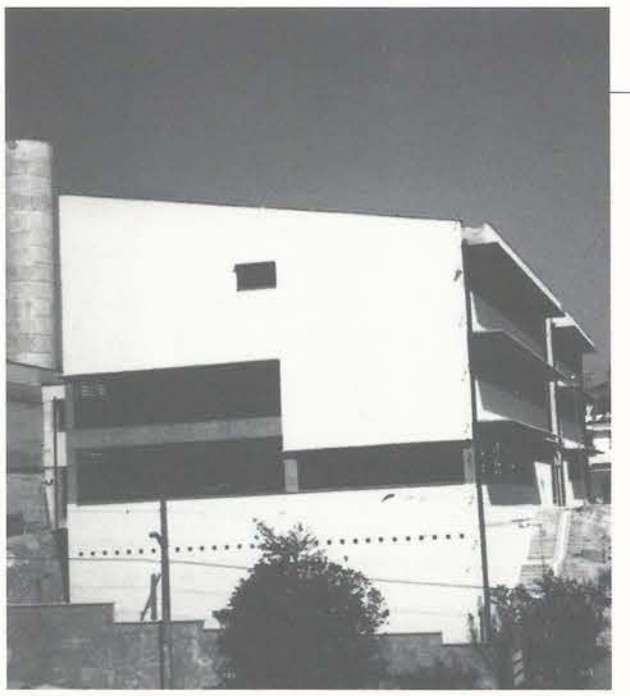
Pereira, Luiz Antonio – Franca, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 1984
Ferreira, Mauro – Franca, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, 1974
Silva, Antonio Fernando Pimenta da – Franca, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Silva e Souza, Rio de Janeiro, 1983
Colaboradores: Luis Garcia Garcia, Raquel Barbosa Torres Penedo
Consultores: Viviane Roberta Arantes, Luis Fernando Facioli Rosa, Marcelo Riul, Marco Antonio Franceschi

Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI (1998)
Franca, SP

Os estudos de demanda realizados pela Secretaria Municipal de Educação apontaram a necessidade de atender de 60 a 120 crianças por unidade de ensino. Os principais aspectos considerados na proposta foram o estabelecimento de identidade visual para as unidades, padrões construtivos tipológicos e de manutenção.
Os usos estão definidos na planta por meio de uma infra-estrutura de apoio fixo (cozinha, despensa, área de serviço, sanitários, almoxarifado, sala de professores) e permite a flexibilidade de construir duas ou quatro salas de aula com área livre coberta. O sistema construtivo definido foi o convencional (alvenaria de blocos, lajes pré-moldadas, telhas em fibrocimento) visando a aproveitar mão-de-obra local.



Pereira, Miguel Alves – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 1957
Belleza, Gilberto – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 1985
Colaboradora: Ana Paula Lemos Mata/Consultores: Waldir Pomponio, Eurico Freitas Marques



EEPG Parque Cocaia III (1999)
São Paulo, SP

Trata-se de uma escola de primeiro grau, com 20 salas de aula e 2.200 m² de área construída. A área disponível do sítio determinou a solução em dois blocos com alturas diferentes. Um bloco abriga o galpão, a administração e as salas de aula, e o outro, mais baixo, o auditório e salas de aula. A relação plástica e funcional entre esses blocos é feita por um espaço de traçado orgânico que também marca o acesso dos estudantes. A volumetria é tratada com tons de uma mesma cor. A tecnologia, seguindo as normas da FDE, é conhecidamente simples.

Peres, Fernando Vianna – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1980
Millan, Marta Del Nero – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1980
Consultores: Jorge Kamogawa, Terra Brasilis Paisagismo, Edil Pessoa

Residência Roncada (1997)
São Paulo, SP

A particularidade do sítio onde foi construída esta residência, no alto de uma encosta com vista panorâmica para a cidade de São Paulo, foi o ponto de partida para o estudo de uma implantação que valorizasse suas qualidades. A proposta também deveria possibilitar uma construção de baixo custo e considerar a grande declividade do terreno para os fundos do lote. Voltou-se a casa para um pátio posterior e escolheram-se materiais de uso corrente, como o reboco desempenado. A opção pelo mais simples, no entanto, não impediu que a casa tivesse espaços amplos e volumetria interessante e que se destacasse dentre outras residências vizinhas, típicas de condomínios de classe média.

Perrone, Rafael Antonio Cunha – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1973
Colaboradores: Lidia Miyuki Hosoya, Maria Cristina de Almeida Junqueira, Paulo Sérgio Pereira e Ana Paula Fernandes Cairrão

Projeto Edifício Bureau (1998)

O edifício, destinado à instalação dos escritórios de uma empresa de projetos e consultoria, foi inserido na paisagem pela utilização de volumetria adequada e exploração das possibilidades visuais e declividades existentes no terreno.
Dispensou-se especial atenção ao tratamento cromático do prédio, ressaltando sua volumetria e explorando as vinculações entre estrutura, painéis, telas, caixilhos e texturas.
Ao lado da escada, foi executado um painel de azulejos do artista Petrônio Cunha, que integra visualmente todos os pavimentos e cujas cores e motivos foram definidos em conjunto com a concepção da arquitetura.
A laje da cobertura foi concebida como um terraço-jardim, recuperando um dos princípios da arquitetura moderna.
A excessiva instalação de janelas foi reduzida por meio da colocação de painéis com telas de alumínio, que reduzem o efeito da irradiação e possibilitam certa privacidade na utilização do edifício.

Perrone, Rafael Antonio Cunha – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1973
Colaboradora: Maria Cristina de Almeida Junqueira
Consultores: Jorge Kamogawa, Paulo Eduardo Fonseca Rodrigues

Creche EMEI Santa Elizabeth (1996)
São Paulo, SP

O projeto configura, numa organização linear, um programa arquitetônico que reúne atividades de ensino pré-primário, educação infantil e creche.
Dada as características do terreno, o conjunto dos edifícios desenvolveu-se em torno de um eixo de circulação que alinhava num percurso todos os volumes edificados.
Na área central desse percurso estão localizados o recreio coberto e o pátio de recreação descoberto, indicando a importância desses espaços de convívio coletivo.
A construção é singela, em alvenaria de blocos, com estrutura de concreto armado, exceto as tesouras metálicas da cobertura do recreio interno.
As salas do maternal estão voltadas para jardins internos proporcionando pequenas áreas de recreação ligadas às salas de atividades.
Os pilares e as vigas da periferia são utilizados como proteções laterais e beirais para os caixilhos. O tratamento cromático define o edifício como local para as atividades infantis: alegre e estimulante, bem como visa também a valorizar o edifício público na descaracterizada paisagem circundante.

Perrone, Rafael Antonio Cunha – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1973
Colaboradora: Maria Cristina de Almeida Junqueira
Consultores: Jorge Kamogawa, Paulo Eduardo Fonseca Rodrigues

Creche EMEI Vila Alice (1996)
São Paulo, SP

Esse projeto configura, numa organização linear, um programa arquitetônico que reúne atividades de ensino pré-primário, educação infantil e creche.
O partido arquitetônico caracteriza-se pela proposição de um conjunto de volumes inter-relacionados.
O conjunto desenvolve-se em torno de um pátio descoberto que, justaposto a um recreio coberto, estabelece um saudável relacionamento entre as áreas pedagógicas, administrativas e de serviços.
A estrutura é de concreto armado, com exceção das tesouras metálicas da cobertura do recreio interno.
Os pilares e as vigas de periferia, sempre que necessário, são utilizados como proteções laterais e beirais para os caixilhos.
O tratamento cromático destaca o edifício na paisagem circundante visualmente descaracterizada e define-o como local para as atividades infantis: alegre e estimulante.

Piccinini, Daniela – Garibaldi, RS – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul, RS, 1992
Colaboradores: Denise Piccini, Gijs Wolfs
Consultores: Fernando Piffer, Fernando L. Carvalho da Silva

Edifício Domus (1998)
Garibaldi, RS

O edifício de pequeno porte, com oito salas comerciais, caracteriza-se pela delicadeza do desenho dos pormenores e pela atenção à iluminação natural. Implantado num terreno estreito, com duas frentes e uma diferença de cota entre elas, apresenta dois volumes e um pátio interno como elemento de integração de todas as funções. A loja em dois níveis é aberta para o pátio. As salas possuem grande luminosidade graças à dupla orientação (norte – sul). A comunicação entre os dois blocos é feita por passarelas sinuosas que dão continuidade ao desenho de acesso. Na fachada principal, o vidro jateado revela sutilmente a pequena escada de ligação entre a loja e a calçada. Uma parede pintada de azul, que se prolonga do acesso ao pátio, além de marcar a circulação, confere uma continuidade espacial entre o interior e o exterior do edifício.

Pietraróia, Valério Marcos Nogueira – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984
Nucci, Cláudia – São Paulo, SP
Camargo, Sergio Ricardo
Colaboradores: Geane Natsumeda/Consultores: Koiti Mori, Klara Kaiser, Cláudio Duga, José Ávila

Matilan S.A. Indústria e Comércio (1998)
Marília, SP

O projeto é o elemento principal do plano diretor para implantação e melhoria das instalações existentes da Indústria de Biscoitos Matilan S.A.
O edifício da fábrica abriga novas linhas de produção com alto nível de automação e de controle de qualidade. O programa criado por essas novas necessidades estabeleceu objetivos bastante precisos em relação ao comportamento físico da obra. O trabalho é caracterizado pela utilização de sistemas construtivos industrializados abertos, dimensionados e desenhados para atender à complexidade do programa. O térreo, onde estão instaladas as linhas de produção, recebeu fechamento metálico e sistemas de tomadas de ar em venezianas basculantes de alumínio, resultando em farta ventilação natural e dissipação de calor excessivo pelos sheds da cobertura metálica. Os equipamentos de preparo encontram-se no nível superior, atravessado por uma via de acesso à fábrica existente. O laboratório de controle contrasta com os outros ambientes e volumes, fechados, com a transparência propiciada pela vedação em vidro.

Pietraróia, Valério Marcos Nogueira – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984
Nucci, Cláudia – São Paulo, SP
Camargo, Sergio Ricardo

Young & Rubicam Comunicações (1998)
São Paulo, SP

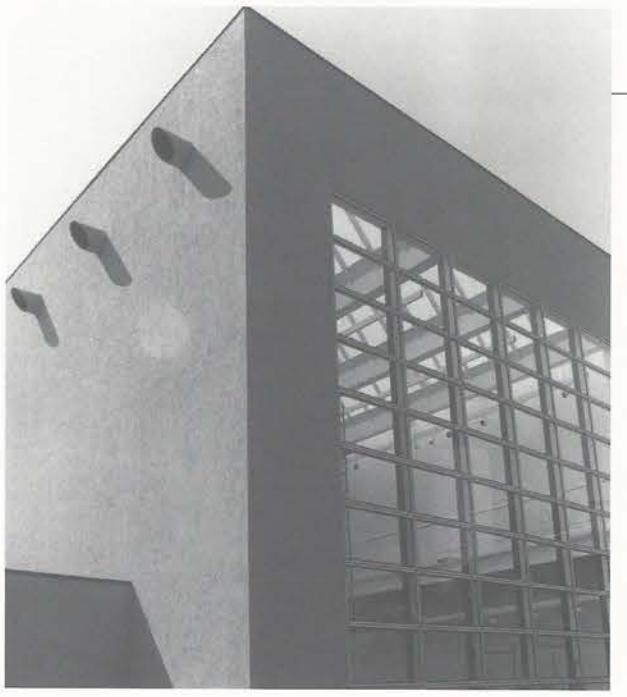
Tratou-se o espaço de trabalho dessa agência de publicidade por meio da concentração das áreas fechadas em torno do acesso principal, liberando grandes áreas funcionais.
A recepção é um volume translúcido que permite visualizar a vida da agência. As áreas de produção ocupam grandes espaços abertos, desfrutando de belos visuais para o rio Pinheiros e o espigão da Avenida Paulista. Pequenas salas de apoio foram dispostas estrategicamente na periferia das áreas de trabalho para momentos de privacidade e concentração. O piso técnico recebeu atenção especial e é elemento fundamental para definição dos espaços. Desenvolveu-se a aplicação industrial de pintura epoxi sobre a chapa metálica, o que possibilitou a execução da obra sobre o piso acabado. Optou-se por mobiliário neutro em relação a aspectos decorativos. Há o predomínio do branco e do cinza, eventualmente quebrado por detalhes vermelhos nas cadeiras.

Pignataro, Patricia Motta Paes – Brasília, DF – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pernambuco, 1983
Cruz, Klely Schwartz – Brasília, DF – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, DF, 1997
Colaborador: Mário José Souza Santos

Free Corner (1999) Brasília, DF

Localizada numa esquina de grande movimento do shopping de maior circulação da cidade, essa "Free Corner" cria impacto visual a distância, capturando o olhar do cliente para seu interior por meio do desenho da sanca vermelha de iluminação fluorescente e do piso de chapa de alumínio antiderrapante. Trata-se de uma loja multimarcas voltada para jovens, que logo se identificam com a mensagem clara de dinamismo e descontração presente nas vitrines, que, bem iluminadas, se destacam no corredor movimentado.
O contato do cliente com o produto é estimulado pelo livre acesso, sem obstáculos, que transforma a loja numa grande vitrine interativa. O mobiliário, executado na mesma linguagem vibrante e movimentada da loja, reforça sua identidade visual.

Pileggi, Sergio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1962
Oliveira, Euclides – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1969
Patrinicola, Mauricio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1987



Ateliê de Escultura (1999)
São Paulo, SP

Trata-se de um ateliê de escultura composto por estúdio e seus anexos. Implantados num terreno em aclive, os volumes da composição procuram revelar a função do edifício por meio de sua forma plástica. Como centro da composição, sobressai o estúdio, um cubo de 10x10x10 m com farta iluminação natural, circundado por uma passarela suspensa que permite observar os trabalhos em execução. As salas de aula e o local para exposições dos trabalhos estão dispostos num nível inferior ao do estúdio e com acesso direto para a via pública principal. O depósito, o forno para cerâmica e o apartamento do zelador estão localizados em outro anexo no fundo do lote, no mesmo nível do piso do estúdio.

Pina, Silvio Tadeu – Santo André, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias de Brito, São Paulo, 1982
Presente, Veridiana Marino
Colaboradores: Kátia Maria Crocco, Cristiane Bauab Bochixio, Claudia Regina Bassaneze
Consultores: André Previtti, Carlos Dias da Silva, Ricardo Scagliuse, José Ramon Vilumbrares Arbelaiz, JABC Construtora e Montagem Ltda.

Sede Social do Clube Atlético Aramaçan (1999)
Santo André, SP

O projeto propôs a reforma de um prédio de seis andares que estava inacabado – em que somente o pavimento térreo estava em uso – e a construção de um balneário composto por novas saunas, vestiário e piscina olímpica. Executou-se uma readequação do pavimento tipo, mudando-se os elevadores da parte central para uma torre externa, liberando, assim, um espaço antes utilizado para circulação vertical. No segundo andar, foram instaladas pistas de boliche, salão de judô, bem como vestiários feminino, masculino e bar. Para a piscina olímpica aquecida foi construída uma cobertura em estrutura metálica com fechamento em policarbonato, que também faz a ligação entre o balneário e o prédio existente.

Pinto, Luiz Felipe Teixeira – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1988
Abreu, Ivanir Reis Neves – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1989
Consultor: Nilton Alleoni

Residência Dennis Bradfield (1997)
São Paulo, SP

A casa, implantada em "L" no lote, é térrea no bloco da frente onde se localizam o acesso principal, a garagem e as dependências de empregados. O bloco central tem dois pavimentos: abriga as áreas social e de serviços no térreo, e a área íntima no segundo pavimento. O bloco dos fundos abriga a sala de estar e o prolongamento da inclinação da cobertura cria um grande terraço, para onde se voltam as salas de estar, jantar e a cozinha. Internamente, a contraposição entre os volumes marca a entrada da residência, na qual, por um pé-direito duplo, se cruzam todos os eixos de circulação da casa.

Pires, Alessandra – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1996
Barranco, Carla – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1996

Duas Residências para População de Baixa Renda (1998)
Cotia, SP

A construção, situada num bairro periférico do município de Cotia, foi resultado do firme propósito de construir com baixo custo e rapidez, sem abrir mão da qualidade estética e funcional.
Trata-se de duas residências geminadas, com áreas iguais de 60 m², implantadas num terreno cuja irregularidade induziu a duas plantas diferentes e permitiu dispor de um pé-direito alto nas salas, com a economia de uma laje contínua.
Em função da vista privilegiada, as casas foram concebidas com condições estruturais de agregar um outro pavimento para ampliação da construção ou criação de uma área de lazer e serviço.

Pirondi, Ciro – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1981
Colaboradores: Ana Carolina Tonetti, Luciana de Castro, Simone Espinar de Camargo, Edimilson Villarazo

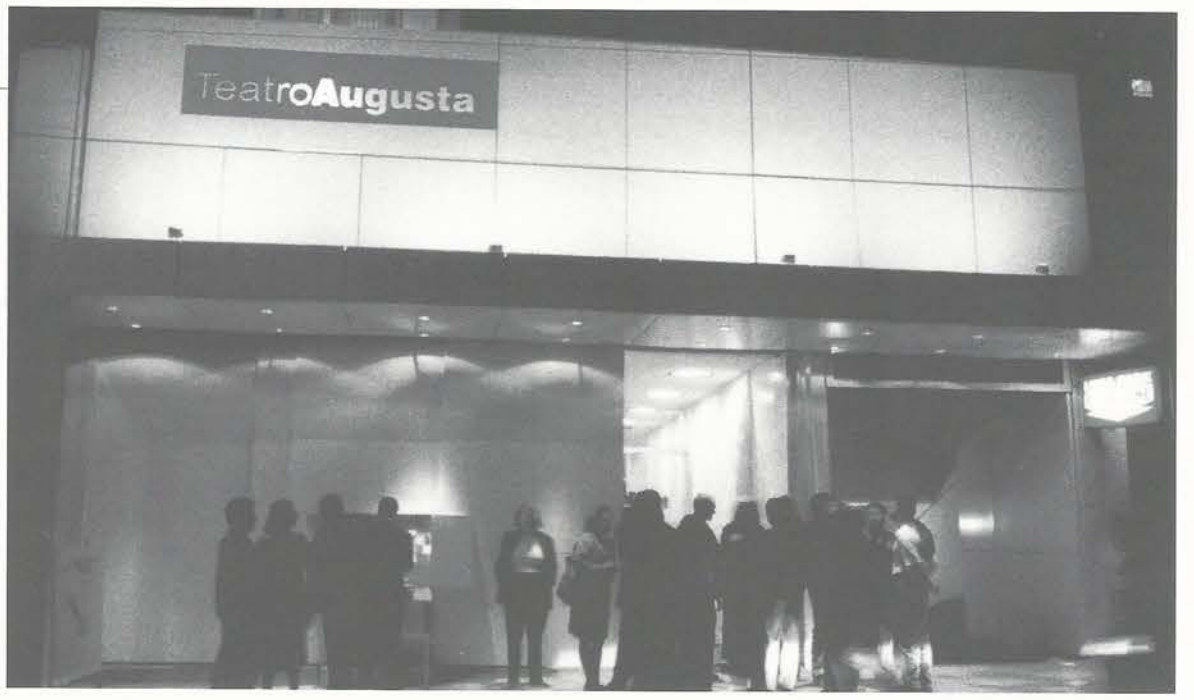
Pavilhão de Convenções (1999)
Guarujá, SP

Com 240 m², o Pavilhão foi implantado no jardim de uma residência transformada em espaço para convenções. Num terreno com lençol freático alto, foi construído a 60 cm do solo, como uma casa caiçara, em estrutura de aço, vidro e madeira. Abriga seis salas de reunião, com uma entrada ampla para recepção e café. Os novos espaços foram integrados ao jardim existente.

Pirondi, Ciro – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1981
Puntoni, Álvaro – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1987
Colaboradores: Cleri Grandi Laurindo e Tatiana Badra Karpavicius

Teatro Augusta (1999)
São Paulo, SP

Fundado em 1973 e fechado em 1995, o Teatro Augusta transformou-se num espaço abandonado e em ruínas até que, em 1997, a Associação Amigos do Teatro decidiu reativá-lo.
O novo projeto, desenvolvido linearmente entre a rua e o palco, foi dividido em dois blocos distintos, separados por uma passagem ao ar livre. No primeiro, diretamente ligado à rua, estão localizados o café, o restaurante e a livraria. No segundo, o teatro propriamente dito dispõe de uma platéia de 320 lugares, novos camarins e sala de ensaio. A caixa cênica, com 17 m de altura, tem urdimento e passarelas técnicas em estrutura metálica. Na boca cênica, com 5,50 m de largura e profundidade de 8,60 m, uma grande abertura, que permite a entrada de cenários e equipamentos, pode ser também usada como recurso cênico.



Porto, Sidonio Márcio Alves – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, 1964
Colaboradores: Márcio Porto, Márcio Faria
Consultora: Lúcia Porto

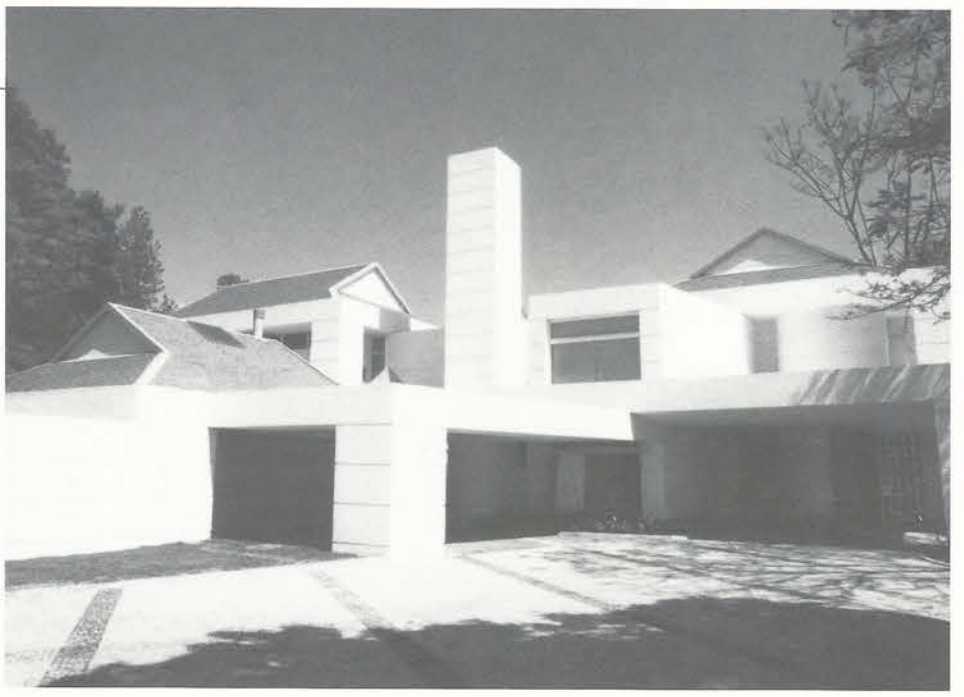
Indústria Lever (1998)
Igaraçu, PE

No edifício, implantado numa gleba desmembrada de uma fazenda de coco, utilizou-se principalmente mão-de-obra local. Um dos pontos centrais da composição foi a utilização de elementos vazados de concreto, com desenho especialmente desenvolvido para a obra, que têm aberturas que se assemelham a venezianas, permitindo, assim, a ventilação natural. O partido é composto basicamente por dois blocos retangulares de dimensões diferentes, mas com alturas iguais. Dispostos lado a lado, os blocos são intercalados pela torre de processo. Tanto os materiais de vedação quanto as estruturas pré-moldadas de concreto empregadas nos galpões foram fabricados no canteiro de obras.

Porto, Sidonio Márcio Alves – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, 1964
Colaboradores: Márcio Porto, Maria Alejandra Dao, Gabriela Pietrobom

Residência Antonio Drummond (1999)
Brasília, DF

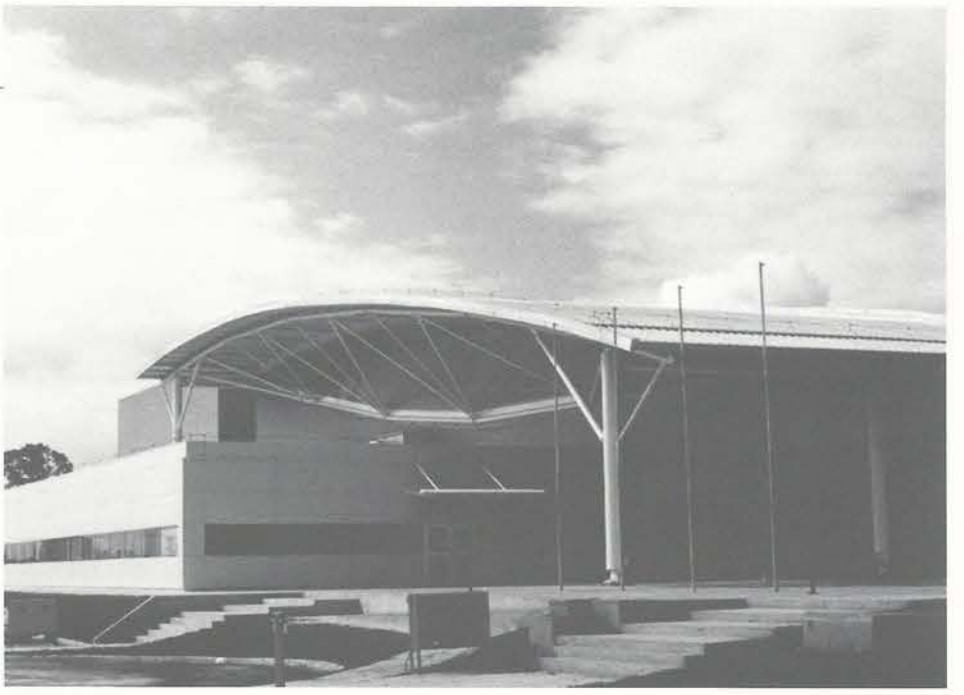
O sistema construtivo adotado na residência possibilitou a construção de grandes espaços na área social. As aberturas com grandes panos de vidro dão acesso visual ao lago e aos jardins da casa. A volumetria, destacada pelo monocromatismo, é marcada pela cobertura em prisma que permite pés-direitos altos. Uma solução de ventilação cruzada entre o telhado e o forro promove o isolamento térmico necessário às altas temperaturas do planalto central.



Porto, Sidonio Márcio Alves – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, 1964
Colaboradores: Márcio Porto, Luciano Junqueira, Gabriela Pietrobom
Consultores: AÇOTEC, ENPLATEC

Fábrica Valeo (1999)
Campinas, SP

Dois edifícios gêmeos, implantados à margem da Rodovia Campinas – Indaiatuba, no interior de São Paulo, abrigam essa fábrica de autopeças. Os dois edifícios são térreos e contam com amplos vãos livres, viáveis pela utilização de vigas treliçadas, triangulares no corte e elípticas no sentido longitudinal. Todas as tubulações circulam presas a essa estrutura em faixas, o que permite alterar o posicionamento das máquinas sempre que necessário. Garantindo a máxima comunicação entre os departamentos, a área administrativa e a área de produção são separadas apenas por uma parede de vidro. O mesmo conceito de comunicabilidade se estabelece com a área externa dos edifícios por meio de grandes aberturas envidraçadas.



Puntoni, Álvaro – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1987

Casa em São Francisco Xavier (1998)
São José dos Campos, SP

A dificuldade de acesso ao lote impôs uma solução simples para esta casa localizada a 1.700 m de altitude, na Serra da Mantiqueira. O estreito local destinado para implantação da casa, definido pela topografia acidentada, foi ocupado no sentido longitudinal, abrindo os dormitórios para um bosque e privilegiando a sala com a vista para o vale. A sala liga-se diretamente à varanda de madeira, solta do terreno, com a qual se integra pelos caixilhos de madeira e vidro, totalmente retráteis. A cozinha, integrada à sala, é resolvida em um plano de trabalho linear com aberturas para ventilação. Os dormitórios constituem um espaço mais fechado e preservado da área social, mas abrem-se para a varanda. A casa foi construída por mão-de-obra local, utilizando-se técnicas vernaculares.

Rappoport, Jorge Roberto – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires, Argentina, 1974
Consultores: Rosa Grena Kliass, Portella E. Alarcon, Luiz H. Giongo e ETIP Projetos de Eng. SCL

Residência Unifamiliar, 1998

O projeto propõe uma forma de diálogo do empreendimento humano com a natureza, ou seja, da acomodação recíproca em que o edifício se molda à topografia e se orienta em relação à paisagem, modificando e mediando a percepção daquela para seu habitante. Em vez de buscar uma implantação no vale, a construção se acomoda entre as rochas escondidas numa depressão pontual do terreno, formulando sua identidade a partir dessa intimidade com a topografia. A casa é organizada em três níveis descendentes a partir do nível superior, ao qual se chega por uma passarela lançada sobre um pátio circular, cuja paisagem artificial é recriada por um paisagismo cuidadoso e delicado.
O traço tecnológico surge no tratamento de um conjunto de elementos que dialogam com os volumes – pilares redondos, caixilhos, guarda-corpos e passarelas metálicas – que, pintados de branco, ganham destaque e colaboram ativamente no recorte da volumetria. A radicalidade do contraste entre arquitetura e meio natural é atenuada pelo emprego do tom palha nas vedações de alvenaria revestida, que amortece os efeitos de claro-escuro proporcionados por uma luminosidade intensa.

Reichert, Miriam – Vargem Grande Paulista, SP – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Vale dos Sinos, RS, 1985
Colaboradora: Francisca Norma C. Queiroga
Consultores: Maria de Fátima Souza, José R. S. Cartaxo e Andreas Hosch

Igreja de Jesus Eucaristia (1998)
Vargem Grande Paulista, SP

Construída em Mariápolis Araceli, bairro de Vargem Grande Paulista, a Igreja foi implantada num local central e em posição elevada, respeitando a topografia do terreno. Formalmente, apresenta a imagem de um cone central alto, que termina numa cruz visível a distância e de cuja base saem tetos como de um círculo. Internamente, o espaço é unificado em torno do altar e do tabernáculo. Os pilares e as vigas convergem para o ponto principal: o tripé da torre.

Reinach, Henrique – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1980
Mendonça, Maurício – São Paulo, SP
Colaboradores: Beatriz de Almeida Pacheco, Cristina Boggi, Flávia Cancian, Felipe Rodrigues de Almeida, Gustavo Viana, Patrícia Cardoso, Ricardo Bellio

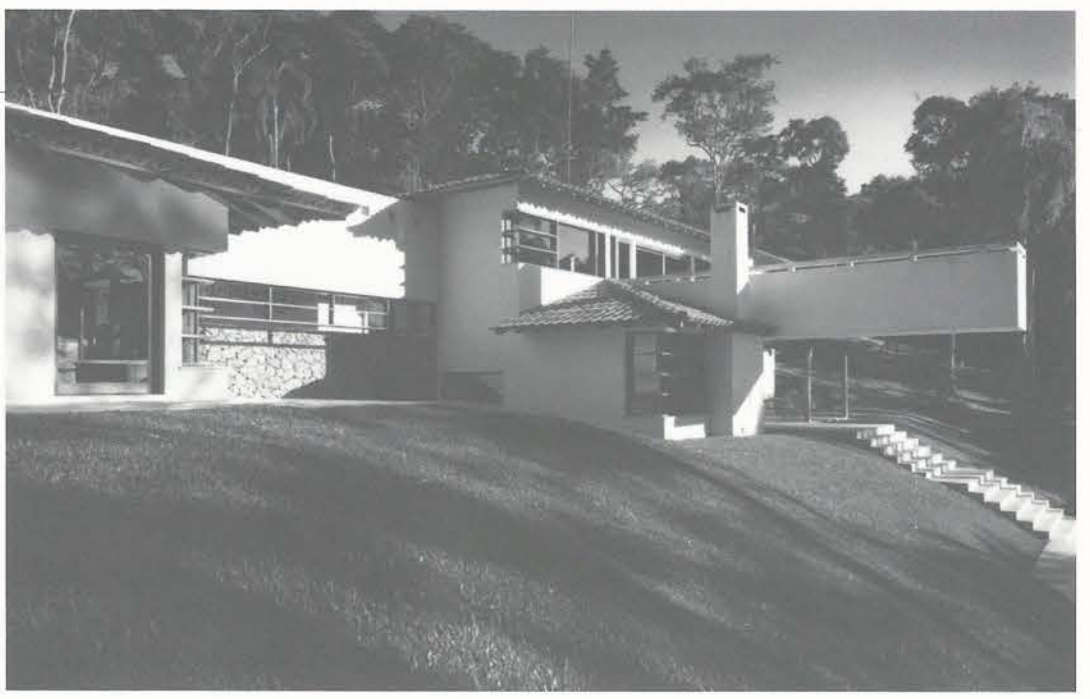
Residência Ruy Souza e Silva (1997)

A premissa do projeto foi garantir uma implantação que respeitasse a topografia íngreme do terreno e os 11.500 m² de mata no entorno. O acesso à casa é feito pela face sul, definida por elevações simples, com paredes cegas, onde se destaca a marquise do acesso principal. No térreo, localizam-se a área social e serviços. Num primeiro pavimento intermediário, estão a ala independente para os filhos adolescentes; num segundo pavimento também intermediário, encontra-se o acesso social.
Os quatro níveis são ligados por rampas para assentar os diversos corpos da casa no terreno e criar uma circulação agradável, ora voltada para fora, ora para os vazios interiores. A cobertura dos blocos é feita por telhados e a das rampas por lajes impermeabilizadas, definindo os ambientes.

Reinach, Henrique – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1980
Mendonça, Maurício
Colaboradores: Cristina Boggi, Flávia Cancian, Felipe Rodrigues de Almeida, Gustavo Viana, Patrícia Cardoso, Ricardo Bellio

Residência Paulo Freitas (1999)
São Paulo, SP

A residência está implantada em lote urbano de esquina com acentuado declive, com uma bela vista para um vale. O partido arquitetônico adotado foi o de voltar as áreas sociais para a vista e para o norte. A solução foi uma implantação longitudinal ao lote, encostando a área construída na face sul.
A entrada social, marcada por um grande painel de vidro, dá acesso a um patamar intermediário da residência. À direita deste, há um "vazio" sobre a sala de estar e à esquerda, um pequeno escritório. Meio nível acima da entrada distribuem-se os três dormitórios e meio nível abaixo estão as áreas de estar, serviços e lazer.
A entrada social marca um eixo, transversal ao lote, que divide um jardim de lazer à direita e um jardim de entrada à esquerda. Um segundo eixo longitudinal é marcado por uma passarela que liga o dormitório do casal à garagem.



Risi Júnior, Affonso – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, São Paulo, 1972
Colaboradores: Riccardo Testi
Consultor: Hélio Olga

Residência Ibner (1998)
São Roque, SP

Essa residência, com cerca de 250 m² de área construída e estrutura em madeira, teve seu programa distribuído em 2 pavimentos. No térreo, situam-se os espaços de convívio e serviço, e no andar superior estão os 4 dormitórios e banheiros. A edificação é modulada em 0,60 m, com planta marcada pela simetria dos elementos do sistema estrutural e espaços servidores e pela busca de integração com a paisagem.

Risi Júnior, Affonso – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, São Paulo, 1972
Colaboradores: Angelo Cecco Júnior, Marcia Arnoni Terzi
Consultores: SVS, ETIP

UNIABC – Câmpus de Santo André (1999)
Santo André, SP

As instalações universitárias, objeto desse projeto, ocupam uma área de 33 mil m². A proposta, com forte conotação urbana, organiza-se a partir de três blocos, dois horizontais e um vertical, interligados por espaços de convívio, ao lado dos quais serão edificados a biblioteca central e o auditório. A área total construída é de 70 mil m².

Roca, Miguel Angel – Córdoba, Argentina – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Córdoba, Argentina, 1963
Consultores: Perico Huerta, Carlos Prato

Nova Faculdade de Direito (1995)
Córdoba, Argentina

O novo edifício foi concebido no contexto da revalorização da área central como lugar de convivência, simultaneidade e projeção da universidade na sociedade.
O prédio foi organizado a partir de uma espécie de praça central, rodeada de colunatas que recordam o hall do Palácio de Justiça de Córdoba. Uma grande escadaria surge nesse espaço com dupla finalidade: escada e arquibancada para estudantes em assembléias ou reuniões culturais, ou seja, como uma praça anfiteatro. A planta térrea do edifício aloja o centro de estudantes, biblioteca circulante e bar. No subsolo localizam-se 2 anfiteatros de 200 e 250 lugares cada um. Dezoito salas de aula ocupam 3 pavimentos superiores.

Roca, Miguel Angel – Córdoba, Argentina – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Córdoba, Argentina, 1963
Consultor: Ricardo de Sumbila

Centro Comunitário Monsenhor Pablo Cabrera (1999)
Córdoba, Argentina

Próximo à mais movimentada via de acesso ao Aeroporto de Córdoba, este centro também funciona como um portal simbólico de entrada da cidade. De longe, o edifício é identificado como uma grande massa cilíndrica chanfrada em diagonal, com paredes de concreto aparente, contendo recortes de abertura. Na realidade, esse volume exterior contém outros volumes de geometria simples, configurando os diversos corpos que, articulados entre si, constituem o edifício propriamente dito.
No centro dessa composição, encontra-se o volume trapezoidal, organizado em forma de galeria escalonada em três pavimentos, com ruas internas e escadarias posicionadas em seu eixo central, onde estão distribuídos escritórios e outros serviços municipais. O primeiro volume se articula com um volume cilíndrico que contém um auditório. Dois volumes menores completam o conjunto: um cúbico, destinado ao gabinete principal, e outro cônico, para alojar um espaço de reuniões.

Roca, Miguel Angel – Córdoba, Argentina – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Córdoba, Argentina, 1963

Centro Comunitário Rota 20 (1999)
Córdoba, Argentina

O centro é dividido em duas partes: um bloco cilíndrico abriga as instalações administrativas e municipais, e um volume em formato de lente contém os espaços culturais e sociais. Os dois prédios estão envolvidos por uma praça pública.
O cilindro administrativo é baseado num grupo simples de espaços celulares organizados ao redor de um corredor concêntrico. O gabinete do prefeito é colocado num composto de cubo e cilindro, e a sala de reuniões local é um cone. Esses volumes são afastados do cilindro principal para enquadrar a entrada. A luz é filtrada por meio de um protetor solar na cobertura.
O centro cultural é um organismo mais complexo.
O saguão torna-se uma rua interna, com um espaço abobadado de uso múltiplo e um pequeno auditório em cada extremidade; no meio se encontram a biblioteca e o café, com salas de aula na parte superior. Uma cobertura em ondas unifica toda a composição.

Rocco, Luiz Fernando – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1980
Brandileone, Eduardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1980
Lopes, Vasco Miguel Andrade – São Paulo, SP
Colaboradores: Rodrigo Leopoldi, Cristina Shimomoto, Adelson Firmino de Souza

Residência na Rua Cesário Coimbra (1997)
São Paulo, SP

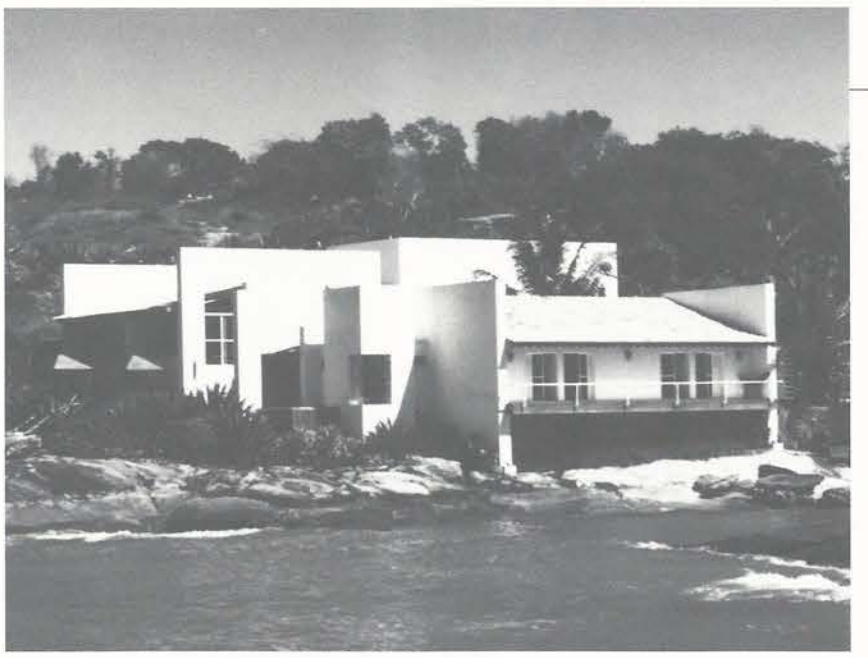
A intervenção proposta para a reforma e ampliação de uma residência preexistente foi total, inclusive com a incorporação de lote anexo. Os dormitórios, originalmente no térreo, foram instalados no segundo andar. O lote incorporado recebeu a quadra de esportes e a piscina. A volumetria cúbica original foi suavizada com a criação de um jardim que recorta a casa, formando pátios internos, um microclima no cenário urbano da avenida Faria Lima.

Rocco, Luiz Fernando – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1980
Brandileone, Eduardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1980
Lopes, Vasco Miguel Andrade – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1983
Colaboradores: Rodrigo Leopoldi, Cristina Shimoto e Adelson Firmino de Souza

Edifício Residencial Mada Loft (1999)
São Paulo, SP

O terreno, situado num bairro paulistano em processo de verticalização, apresenta um desnível natural que possibilitou dois níveis de garagem elevados em relação à rua e o acesso social por um átrio de pé-direito duplo com iluminação zenital. O acesso aos apartamentos é feito por pontes. Os apartamentos localizados no térreo têm acesso direto ao jardim privativo elevado a 6 m da rua. O sistema construtivo de estrutura convencional em concreto é complementado pela estrutura metálica que auxilia a projeção dos terraços, em balanço.

Rocco, Luiz Fernando – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1980
Brandileone, Eduardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1980
Lopes, Vasco Miguel Andrade – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1983
Colaboradores: Karem Osso, Adelson Firmino de Souza



Residência em Guarapari
Vitória, ES

A integração com o terreno natural, uma costeira, é a prerrogativa principal do projeto. A edificação é composta por três blocos em volta de um pátio interno: um bloco de serviço, um para área social e outro para as quatro suítes. A sauna, localizada entre os blocos íntimo e social, foi vedada com um grande pano de vidro, pelo qual se pode ver o mar. Apoiada na pedra natural, a casa foi executada com materiais simples: telha de barro no telhado de uma água e paredes revestidas com massa grossa, dialogando com a natureza.

Rocha, Edo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1973
Freitas, Fernando / Ficher, Sérgio
Colaboradores: Vilma Café, Augusto Ferreira, Valéria Vecchi, César Peraro, Marina Julião, Helena Machado, Adriana Toledo, Helena Figueiredo, Sandra Carreiro
Consultores: Cesar Pereira Lopes, MHA, Isabel Duprat, Fundacta, Tecfire, Peter Gasper, Carlos Hime, Honório Lucato, Olympic, Racional, Cocremat

Rede Globo – Sede São Paulo (1998)
São Paulo, SP

Instalada em 42 mil m² de terreno, com 55 mil m² de área construída, a sede da Rede Globo – São Paulo é composta por 4 blocos que abrigam 3 estúdios com apoios operacional e técnico no primeiro bloco; no segundo, as áreas de engenharia e jornalismo; o terceiro bloco está reservado para abrigar um edifício de 16 pavimentos que será ocupado pela exibidora, pela área comercial, um comitê executivo e a torre de antenas de microondas; no quarto bloco será construído mais um estúdio e o Museu da Televisão. A primeira fase da obra, já concluída, abrange os blocos de Estúdios e de Jornalismo que se interligam por passarelas que cruzam uma praça interna. Externamente, foi criada uma série de empenas curvas que remete à idéia de fundos infinitos, tendo como cenário as edificações.

Rocha, Pedro Mendes da – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Lamparelli, José Condé – São Paulo, SP

Exposição Circo Nerino (1996)
São Paulo, SP

A exposição, montada em espaço do Sesc Fábrica da Pompéia, teve como ponto central a construção de um circo cenográfico, que também era palco e picadeiro para apresentações de grupos, realização de debates e mesas-redondas. Em torno do "circo", foi recriada sua vizinhança imediata: acampamento circense, bilheteria, quintal, camarins e traillers. E, ainda, paralelamente, uma mostra de fotografias de Pierre Verger sobre as temporadas do circo e os processos construtivos dos espaços circenses. Essas fotos espalhavam-se tanto no salão de convivência, em tamanho de museu, quanto na rua externa do Sesc Pompéia em dimensões de *affiches* urbanos.

Rocha, Pedro Mendes da – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Lamparelli, José Condé – São Paulo, SP

Exposição "Herb Ritts for Tag Hever" (1997)
São Paulo, SP

A exposição de Herb Ritts, realizada no Ática Shopping Cultural, reuniu fotografias de esportistas que emprestavam o rosto para o lançamento de uma série de relógios. O partido adotado para a exposição procurou criar uma sala de formato regular para garantir o rendimento de paredes longas. Para as paredes, optou-se por um sistema construtivo que enquadrasse a linha média de visão (1,55 m) e recuos idênticos nas alturas superior e inferior. Para isso, foi desenhado um apoio de "dobradura de papel", distinguindo-se das paredes que passaram a ter a imagem perfeitamente enquadrada. Igual tratamento foi dado ao monitor de vídeo, incrustado na parede como uma foto em movimento. A cor, cuidadosamente escolhida, contrasta com fotos em preto-e-branco e também sugere um ambiente de "caixa de jóias".

Rocha, Pedro Mendes da – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986

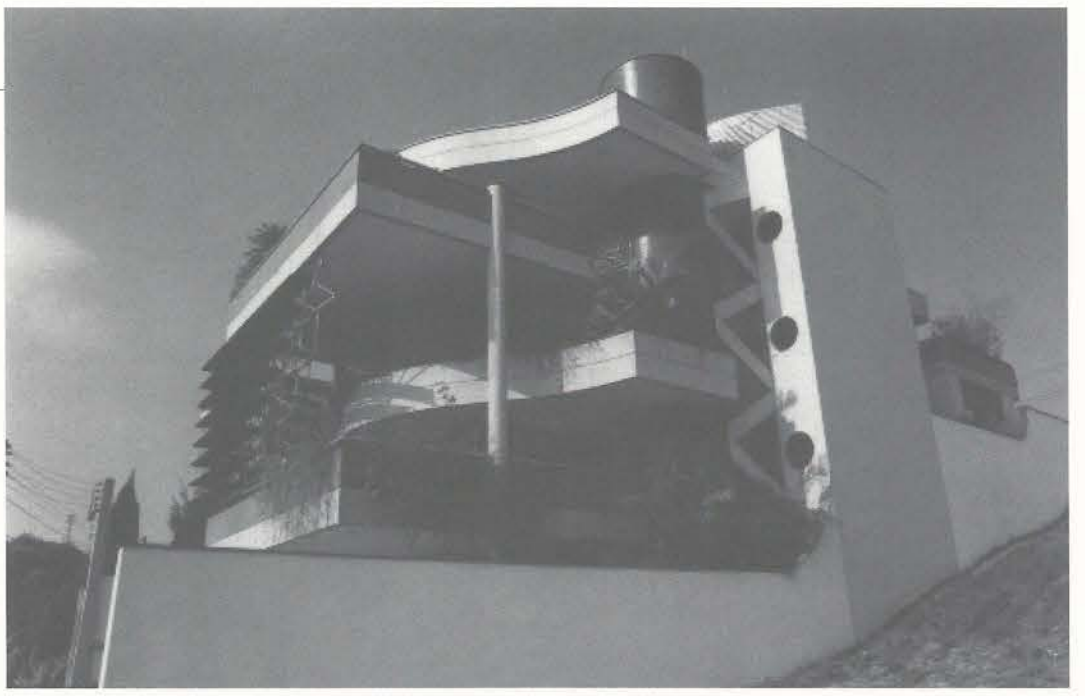
Retrospectiva DM9 – Exposição (1996)
São Paulo, SP

O partido adotado para essa exposição, realizada no Museu Brasileiro da Escultura – MuBE –, foi o de reservar o plano mais elevado de acesso do espaço do museu como um grande foyer apresentando, em três faces, a imagem da agência, sua equipe e um texto memorial de Nizan Guanaes. Nessas faces, as imagens e os textos foram colados diretamente sobre as paredes, tratando o próprio edifício como pano de fundo. Na descida da rampa, foi instalado um videowall envolvido numa caixa branca. Para as imagens das campanhas, montadas em *spumapack* foram desenhadas estruturas de vergalhões de obras soldados, penduradas no teto por meio de barras rígidas de ferro. No centro do salão, sob a clarabóia escurecida por uma máscara, instalou-se uma central para quatro monitores. Para delimitar a área da exposição, uma parede em arco de curva encaixava-se no fundo da sala.

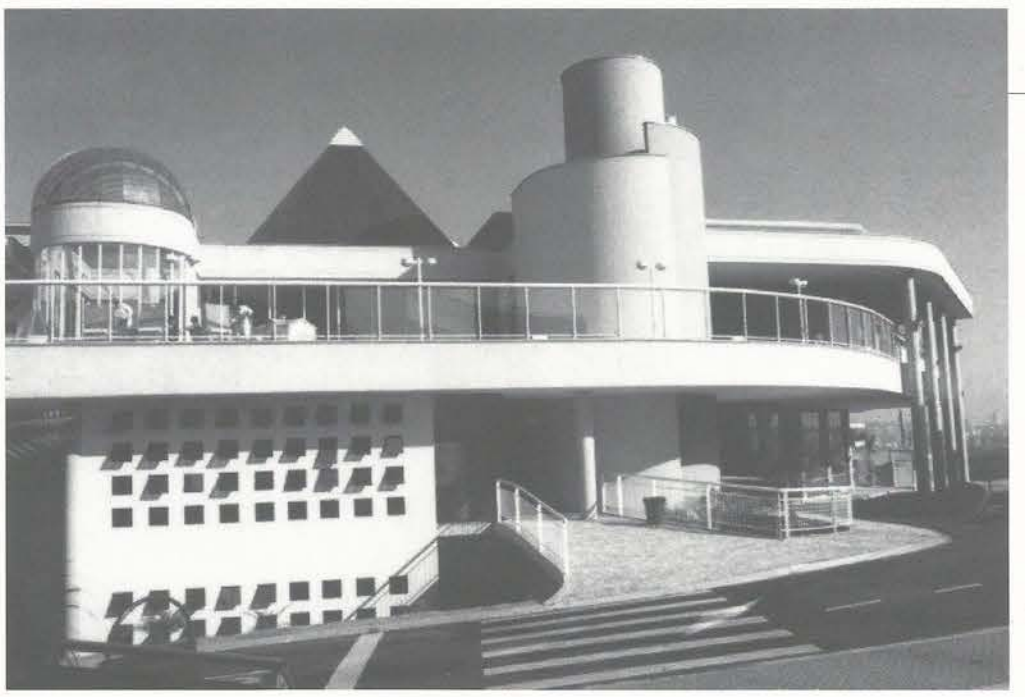
Rodrigues, Ricardo Bandeira de Vasconcelos – Sorocaba, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Univ. Fed. do Rio de Janeiro, 1971
Cunha, Márcia Valéria Leitão da
Consultores: José dos Reis, Cunha Jr., Seigi Siguemoto, Pedro Carlos Batistuzo

Sede da Empresa de Importação Dario Haddad, 1997
Sorocaba, SP

O prédio comercial, concebido para as instalações de empresa do ramo de importações de componentes eletrônicos para telefonia celular, situa-se em área nobre da cidade de Sorocaba. A intenção do projeto foi de transmitir a imagem de uma empresa moderna e arrojada. Isso gerou uma solução que cria um contraste entre linhas retas e curvas, explorando a plasticidade do concreto complementado por acessórios metálicos que compõem as fachadas transparentes. Os brises que a protegem são sustentados pela estrutura espacial vertical.



Rodrigues, Ricardo Bandeira de Vasconcelos – Sorocaba, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Univ. Fed. do Rio de Janeiro, 1971
Cunha, Márcia Valéria Leitão da
Consultores: José dos Reis, Cunha Jr., Seigi Siguemoto, Pedro Carlos Batistuzo



Colégio Objetivo Sorocaba (1998)
Sorocaba, SP

O partido arquitetônico adotado, cuja característica principal é a de um "minicâmpus", possibilitou a realização da obra em etapas, o que permitiu o funcionamento do colégio sem prejuízo do cumprimento de etapas posteriores. As obras duraram 10 anos, de 1988 a 1998. A primeira etapa constituiu-se na construção de 3 blocos num prazo de 11 meses. Após esse período, o projeto pôde evoluir de acordo com a experiência adquirida na obra e o funcionamento da escola. O último bloco – destinado à administração e ocupando a posição frontal no terreno – teve um berçário incorporado ao seu projeto original, atingindo área de 3.000 m², contra a expectativa inicial de 700 m².
É possível notar uma evolução na linguagem arquitetônica durante esses anos, iniciando com formas mais rígidas, adquirindo desenvoltura no decorrer dos trabalhos e finalizando de forma mais solta e arrojada, afinada com a tecnologia construtiva empregada e refletindo a própria orientação pedagógica da escola.

Rodrigues, Ricardo Bandeira de Vasconcelos – Sorocaba, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Univ. Fed. do Rio de Janeiro, 1971
Mestre, Marco Antônio Bengla/Milito, José Antônio de
Consultores: Rodrigues Lima Construções Pré-Fabricadas, SPL Construtora Pavimentadora Ltda., Construtora Sorocaba Ltda.

Cidade Universitária de Sorocaba – Uniso (1999)
Sorocaba, SP

Elaborou-se um plano diretor de forma que o projeto pudesse ser executado em etapas, reservando áreas para futuras expansões e preservação ambiental e definindo áreas de aproveitamento comercial, próximas à rodovia, visando a futuras parcerias com a iniciativa privada que pudessem resultar na criação de edifícios como Centro de Compras, Centro Empresarial, Centro Hoteleiro, Zona de Galerias com Centro de Convenções, Galeria de Serviços e Galeria Gourmet. Foram previstos ainda um Centro Administrativo com Edifício de Prefeitura, Igreja, Reitoria etc.
O partido arquitetônico procurou privilegiar aspectos como a circulação de alunos e organização de blocos segundo suas funções. Os diferentes cursos não foram separados por blocos, uma vez que o mesmo prédio pode abrigar, de forma flexível, cursos diferentes.
Os blocos destinados às aulas têm as salas voltadas para uma fachada e as instalações de apoio para outra, buscando-se assim a melhor orientação solar para cada tipo de função.

Sabbagh, Zied Youssef – Uberlândia, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 1985
Souza, Tânia – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 1985

Residência Douglas Márcio (1999)
Uberlândia, MG

O projeto prevê possível ampliação da residência no futuro, daí o espaço oco interno que liga visualmente as salas do térreo com a sala e varanda do pavimento superior. A casa é uma caixa que se apóia nas divisas, separando o fundo, com sua função de lazer, da frente e futura ampliação. Cabe destacar que a proprietária, formada em decoração, detalhou os acabamentos internos respeitando e colaborando com a concepção original do projeto. A pouca largura do terreno influenciou o partido arquitetônico de forma a suprimir os corredores usuais. A estrutura metálica da cobertura da garagem será eliminada na futura ampliação.

Salama, Ana Lúcia – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1988

Área de Lazer: Piscina e Estar de Apoio (1997)
Guarujá, SP

O projeto visava a atender à necessidade de criação de duas piscinas – uma para adultos e outra para crianças, vestiário, sauna, churrasqueira e estar de apoio, bem como destacar a área de serviços do corpo da residência principal.
A área edificada foi organizada a partir de um conjunto de coberturas em quatro águas, com níveis diferenciados, sustentadas por uma estrutura independente de madeira maciça de cabreúva.
Os vedos são em alvenaria de tijolos à vista, e a caixilharia em madeira, especialmente projetada.
As piscinas foram concebidas em formas curvas, uma circular e outra trapezoidal com bordas arredondadas, e interligadas por uma cortina de água, de onde saem três colunas que compõem um pórtico de sustentação de duas cascatas posicionadas em suas extremidades.

Sales, Marta Maria La Greca de – São Paulo, SP – Universidade Federal de Pernambuco, 1984
Coordenadora do Projeto Guarapiranga: Elisabete França/Gerenciadora do Programa de Saneamento Ambiental da Bacia do Guarapiranga: JNS-HagaPlan
Colaboradores: Marcos Boldarini, Stetson Lareu, Alonso Lopez, Francisco Henrique Alves da Silva, Herman Charles Christ
Consultores: Angelo Filardo, Claus Bantel, Sílvio Malkomes

Praças e Áreas de Lazer do Programa de Saneamento Ambiental da Bacia do Guarapiranga – Jardim Vista Alegre (1999)
São Paulo, SP

A praça do Jardim Vista Alegre está localizada numa área pública municipal, espaço livre do loteamento contíguo. A área sofreu durante décadas aterros de ponta, o que ocasionou a configuração de taludes inadequados sobre o talvegue, assim como processos erosivos e contínuo assoreamento da represa.
A praça recuperou a geomorfologia do terreno e urbanizou o local, antes mal utilizado e abandonado. Buscou-se, além da instalação de equipamentos de esportes e lazer, tirar partido da localização privilegiada do local, belvedere da represa.

Sales, Marta Maria La Greca de – São Paulo, SP – Universidade Federal de Pernambuco, 1984
Coordenadora do Projeto Guarapiranga: Elisabete França/Gerenciadora do Programa de Saneamento Ambiental da Bacia do Guarapiranga : JNS-HagaPlan
Colaboradores: Marcos Boldarini, Stetson Lareu, Alonso Lopez, Francisco Henrique Alves da Silva, Herman Charles Christ
Consultores: Angelo Filardo, Claus Bantel, Sílvio Malkomes

Praças e Áreas de Lazer do Programa de Saneamento Ambiental da Bacia do Guarapiranga – Parque Amélia (1999) São Paulo, SP

O terreno onde está implantada a praça do Parque Amélia está localizado num ponto baixo, porém geometricamente central em relação à favela. A área de aproximadamente 2.000 m² estava ocupada por 35 barracos insalubres, localizados sobre a área de convergência da contribuição de drenagem natural e de esgoto tanto da favela quanto do loteamento a montante. A impossibilidade de esgotamento sanitário dessas casas levou à decisão de remoção das famílias para um conjunto habitacional produzido pelo Programa Guarapiranga. No espaço livre resultante, foram implantados equipamentos de lazer e esportes, o que criou um lugar de convergência e referência urbanística – nós de articulação entre a comunidade local e loteamentos lindeiros.

Sales, Marta Maria La Greca de – São Paulo, SP – Universidade Federal de Pernambuco, 1984
Coordenadora do Projeto Guarapiranga: Elisabete França/Gerenciadora do Programa de Saneamento Ambiental da Bacia do Guarapiranga : JNS-HagaPlan
Colaboradores: Marcos Boldarini, Stetson Lareu, Alonso Lopez, Francisco Henrique Alves da Silva, Herman Charles Christ
Consultores: Angelo Filardo, Claus Bantel, Sílvio Malkomes

Praças e Áreas de Lazer do Programa de Saneamento Ambiental da Bacia do Guarapiranga – Parque Boulogne (1999) São Paulo, SP

A praça do loteamento Parque Boulogne localiza-se na margem esquerda do reservatório do Guarapiranga. A área onde foi implantada a praça consistia num terreno baldio, configurando um talude íngreme com processos erosivos e depósitos de lixo em sua base. Buscando-se a recuperação e melhor destinação para esse terreno público, localizado entre dois loteamentos a jusante e a montante, foram implantados, juntamente com os equipamentos necessários ao direcionamento da drenagem dessa sub-bacia, espaços públicos e equipamentos de lazer. A execução dessa praça, além da articulação entre os loteamentos vizinhos, constitui referência urbanística e lugar de convergência, ponto de encontro da comunidade local.

Salza, Pablo Ruggero – Assunção, Paraguai – Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional de Assunção, Paraguai, 1973
Zarza, Sergio Ruggero – Assunção, Paraguai – Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Católica Nossa Senhora de Assunção, Paraguai, 1993
Zarza, Tona – Assunção, Paraguai – Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional de Assunção, Paraguai, 1968
Colaboradora: Cinthia Solis

Residência Jourdan-Bittar (1999) Assunção, Paraguai

O tema do projeto é a tradicional casa com pátio, em torno do qual é organizada formal e espacialmente. Considerando-se o pátio como fonte de luz, procurou-se obter o máximo aproveitamento de um terreno de pequenas dimensões, privilegiando a relação interior e exterior pelo movimento das luzes e das sombras e de seus efeitos plásticos. Atenção especial foi dada à matéria-prima utilizada, o tijolo aparente produzido artesanalmente.

Schmitt, André Francisco Câmara – Florianópolis, SC – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969
Monti, Ricardo José/Secco, Valdir Humberto
Rubio, Daniel Ceres/Laurentino, Maria Inês
Colaboradora: Maria Augusta de Oliveira/Consultores: Dilnei Bittencourt, Xerfis Grando Gali

Escritório e Showroom da Cerâmica Portobello (1995) Tijucas, SC

A necessidade de implantação de um novo edifício administrativo e do showroom dos produtos da empresa, junto a seu complexo industrial, que ocupa um amplo terreno plano no município de Tijucas – mais do que uma reestruturação funcional –, representou a oportunidade de valorização de sua imagem, por meio de uma estratégia de marketing empresarial. O projeto propôs um conjunto modulado de 5 blocos retangulares para as atividades administrativas, sendo um deles levemente diferenciado para a presidência. Esse conjunto é completado por um sexto bloco de volume circular que recebeu o showroom, o qual se articula com os outros por meio de percursos horizontais e apresenta um contraponto às linhas ortogonais dos demais, buscando representar o fator-surpresa para o visitante. A escolha dos materiais de acabamento procura fazer um diálogo com a evolução tecnológica da cerâmica, explorando as texturas e cores dos tijolos maciços e dos revestimentos tipo grés.

Schmitt, André Francisco Câmara – Florianópolis, SC – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969
Secco, Valdir Humberto/Rubio, Daniel Ceres/Laurentino, Maria Inês
Colaboradores: Gabriel Fermiano, Aurélio Joaquim Machado/Consultores: Rita Frizzo, Gerson Beli, Marcos Fares

Complexo Turístico Costão do Santinho: Vila 10 (1998)/Centro Internacional de Eventos – CIE (1999) – Florianópolis, SC

Localizado na costa norte da Ilha de Santa Catarina, o Complexo Turístico Costão do Santinho é um empreendimento com programas urbanístico, arquitetônico e ambiental os quais buscam nos aspectos culturais e arquitetônicos locais a expressão de sua linguagem.
A estrutura geradora do projeto – constituído basicamente por um hotel de padrão internacional e um conjunto de vilas – baseia-se na definição do sistema viário de pedestres e veículos e no inter-relacionamento de três centros de animação polarizadores: Centro de Lazer, Centro Ecológico e Centro Comercial, Esportivo e de Eventos.
As unidades habitacionais/hoteleiras estão organizadas em 14 vilas autônomas, individualizadas pela tipologia da edificação, porém integradas pela forma de ocupação espacial e utilização de serviços comuns.
O Centro Internacional de Eventos do Costão do Santinho amplia de forma significativa a proporção de áreas sociais e coletivas do empreendimento, permitindo a realização de eventos com até 1.200 participantes em espaços cobertos e fechados.

Schmitt, André Francisco Câmara – Florianópolis, SC – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969
Secco, Valdir Humberto/Rubio, Daniel Ceres/Laurentino, Maria Inês
Consultor: Ricardo Arcari

Projeto Integrado de Ocupação Espacial da Ilha João Cunha (1996) – Porto Belo, SC

Trata-se da implantação da etapa pioneira de um projeto turístico integrado, que visa a desencadear o processo de utilização do potencial dos recursos naturais da Ilha João Cunha, no município de Porto Belo – SC, utilizando-se de tecnologias apropriadas, pautadas pelo desenvolvimento sustentado. Os equipamentos e serviços inicialmente implantados deverão se constituir em referências especiais que, por suas características – tecnologias brandas, de baixo impacto –, orientarão o visitante para uma cultura preservacionista. A arquitetura proposta para as instalações iniciais – trapiche, mirante, "Casa Guapos", bar e restaurante, escola de vela etc. – utiliza-se basicamente de estruturas de madeira roliça e materiais não-industrializados. Sua implantação procura se harmonizar com os elementos naturais: água, pedra, vegetação.

Serapião, Fernando Castelo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1996
Colaboradores: Ronaldo Shinohara, Daniela Martini, Adriana Weichsler

Residência Flor (1997)
Itu, SP

O projeto foi inspirado nas propostas de Le Cobursier, no tocante à apropriação de materiais regionais e ao estudo do entorno.
Num terreno em aclive, a casa foi implantada em três cotas de ocupação acomodadas no perfil topográfico existente. Sobre a fundação composta por muros de granitos da região foram assentadas as paredes de tijolos. O programa foi distribuído em dois volumes distintos. No primeiro e maior volume, uma parede "diafragma" no sentido longitudinal divide e define os espaços de circulação e estar, além de travar a estrutura, conter as tubulações hidráulicas e separar o telhado em duas águas. O outro volume, coberto por um telhado de quatro águas, abriga a sala de estar. Duas passagens, com um pátio interno, fazem a ligação desses volumes. A primeira é o hall de entrada e a segunda, a varanda que, aberta, liga as duas áreas de estar.

Serapião, Fernando Castelo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1996
Shinohara, Ronaldo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1996
Ramos, Caco – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1998
Colaboradores: Daniela Martini, Victor Magro, Adriana Weichsler

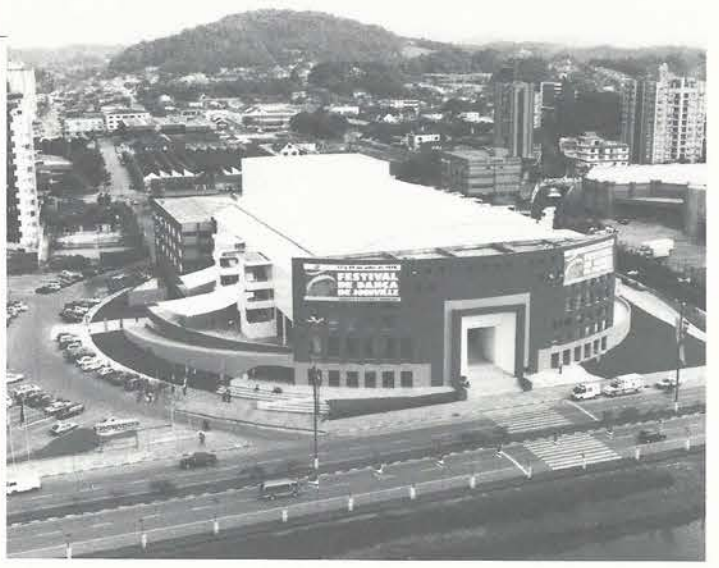
Residência Ramos (1997)
Itu, SP

Elementos recorrentes da arquitetura brasileira, tradicional e modernista qualificam a concepção dessa residência, onde foi empregado o sistema construtivo convencional. Dois pavilhões e um volume de transição recuperam a planta binuclear das residências de Oswaldo Bratke. Seguindo essa concepção, foram definidas duas zonas de funções e características distintas: a de estar e de serviços, e a outra que abriga a área íntima. Entre elas se situam o vestíbulo e o jardim. Os dois núcleos conformam-se em blocos paralelos, adaptados ao pequeno desnível transversal do terreno e cobertos por telhados de uma água. Os eixos longitudinais, marcados pelas paredes caiadas, configuram o primeiro bloco, criando uma transição entre a rua e a área aberta na região posterior do lote. O segundo bloco, situado numa cota inferior, é delimitado por duas empenas de tijolo aparente, que restringem e subordinam o espaço. Enquanto o primeiro bloco se caracteriza pela continuidade espacial, o segundo é compartimentado e vinculado a um terraço externo.

Sganzerla, Norberto – Joinville, SC – Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, PR, 1986
Magnabosco, Mauro – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-PR **/ Reinert, Reginaldo** – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-PR
Canalli, Fernando – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-PR **/ Vieira, Marcel Virmond** – Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, PR **/Kuntze, Vanio Lester** – Arquitetura e Urbanismo pelo Centro de Estudos Superiores do Estado do Pará, PA
Colaboradores: Walter Rogério Ziemath, Marco Aurélio Chianello, Stela Gervine Pereira, Ana Carolina Kolb Mazzarotto, Eleuza Ribeiro, Frederico Schieper, Maurício Alexandre Mass/Consultores: Mozart Schulz, Wilson Moura, Álvaro Ferreira, Celso Dobner, Valdir Ribeiro, Pedro Toledo, Antônio Narloch, Clóvis Dobner, Momento Engenharia

Centreventos Cau Hansen (1998)
Joinville, SC

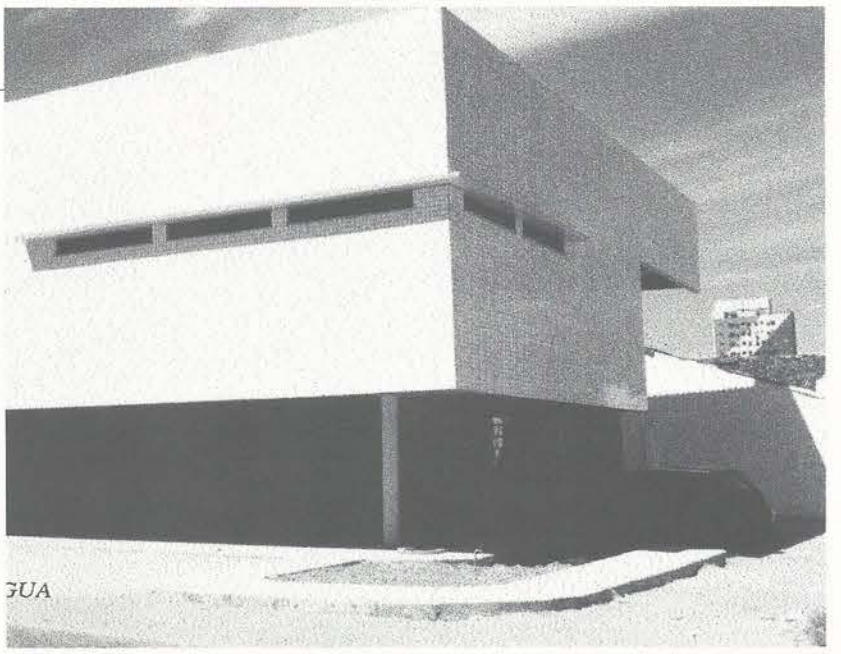
Edifício concebido a partir da revisão do projeto do teatro municipal, cujas obras haviam sido iniciadas em 1989 e, após execução das fundações, foram interrompidas por 7 anos. A cidade necessitava de um ginásio de esportes de grandes dimensões, de um espaço para um centro de convenções e negócios e um outro espaço apropriado para apresentações artísticas diversas.
A implantação do edifício se articula com um conjunto de empreendimentos de grande porte, localizados próximos à área central da cidade: Centro Social do Sesc, Fórum, Justiça Federal, Sede da Prefeitura Municipal, Arquivo Histórico, Casa da Cultura e Museu de Sambaqui, e contribui decisivamente para consolidar a avenida Beira Rio como eixo de animação cultural, administrativo, cívico e comercial da cidade. Sua arquitetura explora criativamente recursos construtivos convencionais – agregando cores e texturas a uma volumetria pura, definidora de espaços livres – e despojados para múltiplos usos.



Silva Neto, Napoleão Ferreira da – Fortaleza, CE – Universidade Federal do Ceará, 1983
Consultores: Joaquim Evandi Araújo, Francisco Morais e Silva Filho

Sede do Sindiágua (1999)
Fortaleza, CE

Localizada no centro antigo de Fortaleza, a sede sindical situa-se em terreno de esquina, de ruas estreitas, em um contexto urbano cuja volumetria é composta por edificações de até dois pavimentos. A implantação do prédio procurou integrá-lo à escala do lugar, respeitando a situação de esquina ao propor a continuidade das fachadas voltadas para as duas perpendiculares. Como a fachada principal – oeste – sofre insolação excessiva, foram projetados marquises e brises horizontais superpostos às esquadrias. O edifício contém dois pavimentos volumetricamente distintos. No térreo, mais recuado, a fachada curva delimita a trajetória de contorno da esquina. Já a caixa prismática do pavimento superior projeta-se para as margens das vias.



Silva, Ubiratan J.A. – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1981
Colaborador: Rosemberg Marcelino Duarte

Oratório Santo Américo (1998)
São Paulo, SP

Implantado numa pequena praça interna do Colégio Santo Américo, o Oratório constitui-se num único ambiente com bancos de alvenaria, próximos às paredes laterais, e piso de PVC para que os alunos possam se sentar no chão. A obra integrou-se ao conjunto pelo uso de materiais das outras construções existentes, como a litocerâmica que reveste a fachada. A cobertura em forma de abóbada é em concreto aparente; as paredes são em massa grossa desempenada com pequenas aberturas laterais e uma grande janela que se abre para o jardim.

Silveira, Eduardo Pio da – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1990

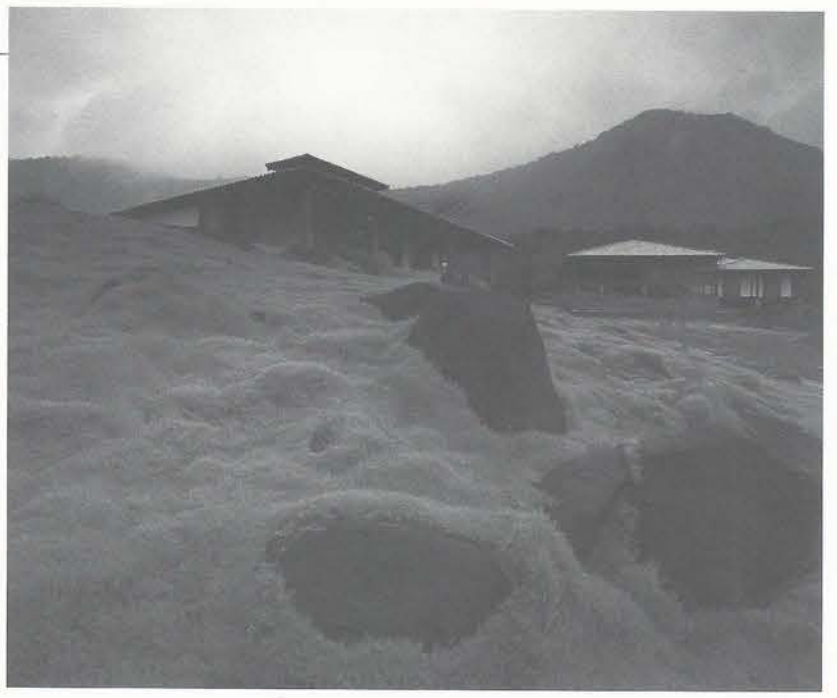
Escritório de Advocacia (1998)
São Paulo, SP

O escritório foi implantado num edifício comercial de planta aberta dotado de ar-condicionado e boas condições de telefonia. Para distribuição das salas foram utilizados dois sistemas de divisórias: um com painéis encaixáveis em estrutura de alumínio com revestimento em tecido ou em melamina, e outro em placas de gesso com tratamento acústico. A linha de mobiliário adotada utiiza acabamento claro e prático em post-forming para áreas de secretaria e estagiários. As salas dos advogados têm mobiliário mais sóbrio em madeira, resgatado do antigo escritório. Para a área de recepção, sala de reuniões e sala de espera foram desenhados e executados novos móveis em freijó. As paredes foram pintadas de branco que, em harmonia com o azul-claro dos tecidos e com o azul-escuro do carpete, formaram um conjunto sóbrio.

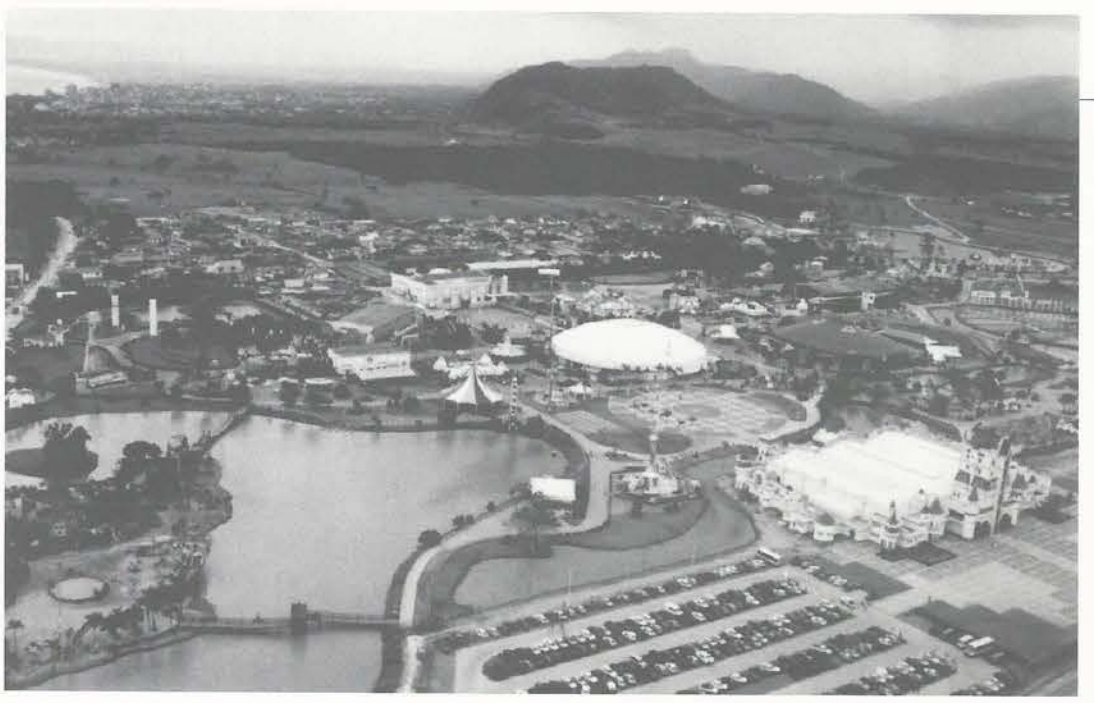
Simon, Fernando Garcia – Vera Cruz, SP – Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Santos, SP, 1986

Habitação Unifamiliar (1998)

O centro da casa é o ponto de convergência e de distribuição dos vários setores, tanto horizontal como verticalmente. Aí se localiza um jardim do qual "brota" a escada em estrutura metálica, iluminada pela luz que incide na cobertura de policarbonato. No exterior, a casa é marcada por dois volumes que rompem a horizontalidade do muro. Com revestimentos diferenciados, esses volumes se destacam como estruturas independentes que se interpenetram. As pérgolas horizontais, que se transformam em brises, funcionam como elementos de ligação com o plano horizontal. Nessa composição volumétrica foram criadas jardineiras embutidas nas lajes, na cobertura da garagem, no terraço e no mezanino.



Siqueira Filho, Felício Antonio – São José do Rio Preto, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1978
Kfuri, Renato Feres – São José do Rio Preto, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 1978
Colaboradores: Mário Luiz Vitório, Marcelo Beero/Consultores: Carlos Gropp, Roberto Krieger, Lierte Laurentino



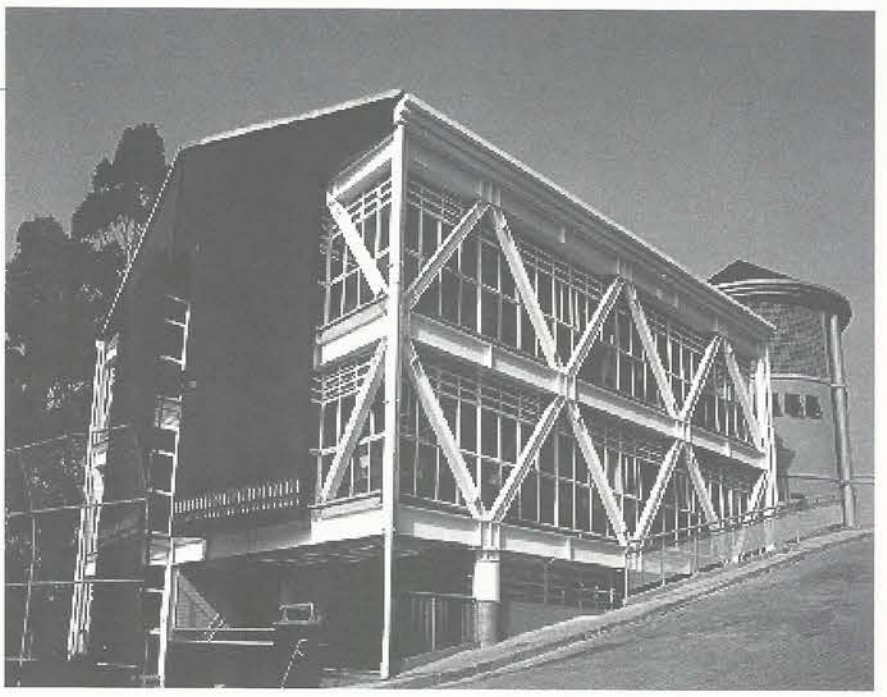
Beto Carrero World (1999)
Penha, SC

Para implantação deste parque temático, foi escolhida uma área de 14 milhões de metros quadrados, com enorme potencial turístico.
No projeto inicial, estabeleceu-se um plano diretor para utilização da área, segundo o programa sugerido pelos empreendedores.
Aberto ao público em 1991, o funcionamento do parque foi permanentemente monitorado para subsidiar a implantação do plano diretor inicial.
Atualmente o parque ocupa uma área total de 1.700.000 m², com área construída de 40 mil m².
Contém 8 setores interligados e infra-estrutura e capacidade para atender 22 mil visitantes/dia.
A equipe de projetos trabalha atualmente numa revisão do plano diretor que prevê o desenvolvimento planejado da rede hoteleira e diversos outros empreendimentos, de modo a fazer da região um dos principais destinos turísticos do mundo.

Sophia, Paulo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura de Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Colaboradores: Cláudia Yumi, Fábio Goldfarb, Liliane Novo, Regina Kikkawa, Daniela Vian Matavelli
Consultores: Waldecyr Pereira, Luís Eduardo Camarini, Eduardo Bafini

Edifício Educacional Universitário – Bloco 16 (1998)
Santana do Parnaíba, SP

O complexo educacional Objetivo de Alphaville tem sido ampliado gradualmente para atender à demanda crescente, desde a pré-escola até a universidade.
Para o Bloco 16, último a ser edificado, a meta inicial era vencer as dificuldades topográficas de um lote com 50% de declividade e, ao mesmo tempo, garantir a qualidade do espaço criado. Adotou-se, como partido, a verticalização para atender um maior número de usuários e responder aos condicionantes topográficos, e a flexibilidade dos espaços por meio de plantas livres que possibilitam futuras intervenções no layout.
O corpo das salas de aula apresenta pilares e vigamentos em perfis metálicos "I" que, articulados, resultam numa peça única; as lajes pré-moldadas são apoiadas na estrutura metálica. A torre anexa, estruturada em concreto armado moldado "in loco", abriga os sanitários e serviços de apoio e dá acesso às salas de aula por uma passarela que liga às escadas e ao terraço de circulação.

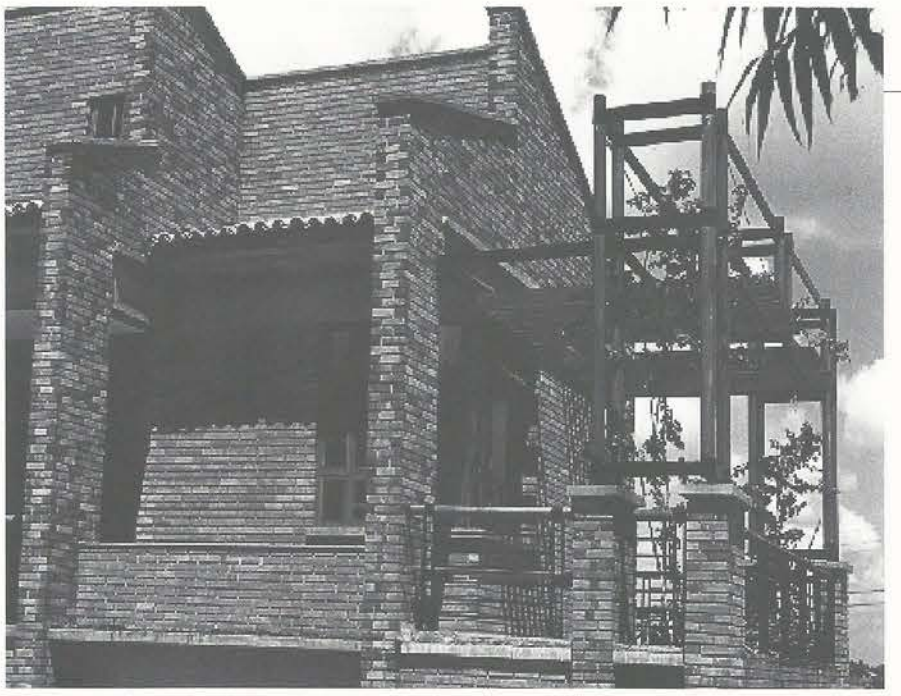


Sophia, Paulo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura de Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Colaboradores: Cláudia Yumi, Fábio Goldfarb, Liliane Novo
Consultores: Waldecyr Pereira, Cláudio Puga, Paulo Rewald

Escola Móbile – Edifício de Ensino Médio (1999)
São Paulo, SP

O edifício, concebido para abrigar uma escola de ensino secundário, foi projetado utilizando-se estrutura mista: duas torres de concreto pré-moldadas "in loco" que abrigam as circulações verticais – escadas e elevadores – e os sanitários, ligados pelo corpo principal em estruturas metálicas. As salas de aula, laboratórios de química, física, biologia e informática, quadra coberta e setor administrativo são algumas das funções que se distribuem pelos corredores do edifício. No movimento de planos e níveis, a estrutura assume o papel de referência dos espaços, com a articulação do mezanino curvo e atirantado ao lado da colunata com pé-direito duplo. A cor também é preponderante no projeto, destacando cada parte da estrutura e as vedações.

Sophia, Paulo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura de Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Colaboradores: Cláudia Yumi, Fábio Goldfarb, Liliane Novo, Regina Kikkawa, Daniela Vian Matavelli, Patrícia Costa
Consultores: Luís Eduardo Camarini, Eduardo Bafini



Residência Unifamiliar no Tamboré (1998)
Santana do Parnaíba, SP

Como o terreno se situa num ponto alto do condomínio, optou-se por realizar uma implantação linear para que todos os ambientes da casa pudessem usufruir de vistas privilegiadas dos dois lados. O projeto privilegia a transparência dos ambientes com grandes caixilhos de madeira e varandas em quase toda a sua extensão.
O programa distribui-se em três pavimentos: no superior, ala íntima; no inferior, área social e serviços; no subsolo, garagem, salas de ginástica e sauna.
O projeto dobra-se para sua área de lazer e abre-se para o exterior por um ângulo formado pelos dois corpos do prédio.

Souza, Carlos Leite de – São Paulo, SP – Escola de Belas Artes de São Paulo, 1991
Colaborador: Ellen Nalesso Santos
Consultor: Figueiredo Ferraz Engenharia

Casa Als (1998)
Campos de Jordão, SP

Implantada num terreno com topografia acidentada, a casa foi construída sobre três platôs. O nível mais alto destina-se à parte íntima; o intermediário foi reservado para a parte social e de serviços e no nível mais baixo foi criada uma varanda. A circulação vertical principal percorre os três níveis, cortando a planta no sentido longitudinal. A proposta é racionalista no sistema construtivo de alvenaria armada que, assim como os planos de telhados, tira partido da topografia. É também racionalista na postura estética.

Stefan, Musse – Sorocaba, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Mogi das Cruzes, SP, 1978
Colaboradora: Débora Cristina Ferraz

Residência Marcia e Jorge (1999)
Ibiúna, SP

Residência destinada ao lazer do fim de semana, em condomínio fechado, situado em torno da represa de Itupararanga, no município de Ibiúna. O local oferece atrativos tanto para as temporadas de verão – esportes aquáticos – quanto de inverno – região montanhosa com inverno rigoroso. O terreno, com 1.840 m², tem grande declive ao fundo e localiza-se próximo da margem da represa.
Para melhor vista da represa, optou-se pela implantação da residência em ângulo de 45° em relação aos limites do terreno. A adaptação ao terreno possibilitou a organização dos espaços por meio de três pequenos desníveis, assegurando uma separação clara entre as áreas sociais e íntimas.

Suchodolski, Jaques – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 1980
Colaborador: Bruno Souza Dias

Conjunto Habitacional (1996)
São Paulo, SP

Trata-se de um conjunto habitacional popular, projetado para uma cooperativa, que vem sendo implantado por etapas desde 1994. Os blocos foram projetados para serem implantados de acordo com a forma longitudinal do terreno e adaptado a sua topografia.
Os apartamentos estão agrupados em blocos de 2 tamanhos, contendo 16 e 24 unidades cada, distribuídos em 4 pavimentos elevados e 1 térreo livre para acesso e garagens. Foi adotado um sistema estrutural em aço, que garante uma maior rapidez na montagem de cada bloco.

Suchodolski, Jaques – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 1980
Colaborador: Bruno Souza Dias

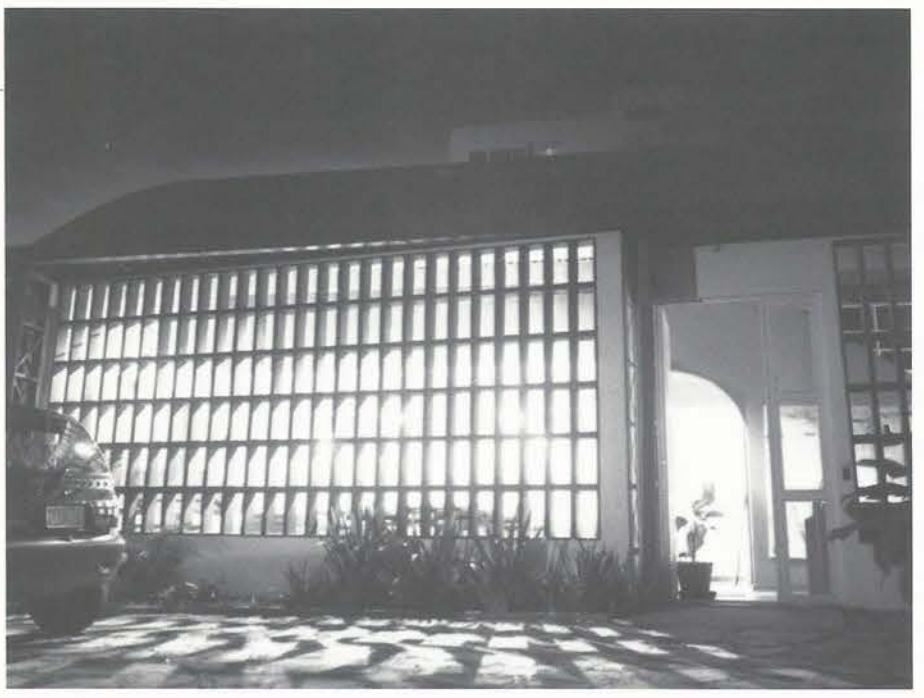
Escritório de Advocacia (1996)

O escritório situa-se nos três últimos andares de um complexo comercial, administrativo e residencial. O desafio foi transformar os três pavimentos anteriormente utilizados como apartamentos residenciais para atender a um programa de escritório de advocacia altamente informatizado. Para atender ao novo programa, foram realizados o remanejamento e a substituição de paredes de alvenaria por divisórias, para criar espaços de várias dimensões. Também foi necessário desenhar as estações de trabalho e alguns móveis especiais, como o balcão de recepção. A caixilharia das janelas foi substituída por nova em alumínio, seguindo as diretrizes do condomínio.

Suchodolski, Jaques – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 1980
Colaborador: Bruno Souza Dias
Consultor: Luis Chicherchio

Escritório de Arquitetura (1996)
São Paulo, SP

A obra, com 160 m², situa-se nos fundos de um terreno no bairro de Pinheiros, São Paulo. Como espaço destinado a escritório de arquitetura, deveria contribuir com boas condições de iluminação natural, conforto ambiental e, ao mesmo tempo, favorecer o intercâmbio intelectual durante o período diurno e o social no noturno. A cobertura em arco é sustentada por uma estrutura metálica treliçada, que é envolvida por duas camadas de telhas zincadas onduladas, uma como cobertura e outra como forro, ambas jateadas na face inferior com produto termoacústico, mantendo-se entre elas um colchão de ar renovável.



Susuki, Marcelo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1980
Costa, Maria Elisa
Colaboradores: Ana Maria Nunes, Maristela Maida Faccioli, Fernando Henrique Gasperini, Roberto Rochelitz, Maurício Ribeiro, Ana Lúcia Longato, Mariana Gonçalves Brunelli, Fabiana Berenzi Stuchi, Luciana Machado, Marcos Boldarini

Projeto Cariri (1999)
Crato, CE

Trata-se de um conjunto de intervenções arquitetônicas em diversas instalações da Universidade Regional do Cariri – URCA, na cidade de Crato. As intervenções se processam em vários níveis – desde intervenções em "tom menor", como as que ocorreram no câmpus da Universidade, até propostas inovadoras, como uma grande tenda de cordas coberta de palha com vão livre de 400 m², passando por projetos simples de novas edificações e design de equipamentos de mobiliário.
O fato interessante nessas intervenções está no modo como elas se somam e na transformação que propiciaram no ambiente universitário.
O Projeto Cariri, ainda em andamento, pode ser dividido em três módulos:
Santana 1: Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri/Santana do Cariri;
Crato: Intervenções realizadas no câmpus da Universidade/Crato e Juazeiro do Norte; Santana 2: "Pterolândia" – Parque Temático em área pertencente ao Museu de Paleontologia/Santana do Cariri.

Tabet, Candida – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1981
Mantovani, Simone – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1981

Mesa para Escritório "Camilla" (1997)

O conjunto "Camilla" foi proposto para uma redação, onde 2 semicírculos acomodam 18 estações de trabalho, com possibilidade de ampliação para mais 4, ocupando uma área de 90 m² sem corredores.
Executado em chapa metálica e laminado, o conjunto é composto por um plano superior reduzido para os monitores, um plano intermediário alargado para teclado e campo de apoio, e por último para CPUs e eventuais objetos.
As ligações para os equipamentos de informática e para a telefonia são possíveis por um sistema interno de passagem de fiação que interliga todas as unidades.
Há ainda a possibilidade de instalações de um núcleo central para adorno ou lazer, com objetivo de interligar e humanizar o ambiente de trabalho.

Tabet, Candida – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1981
Mantovani, Simone – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1981

Cadeira Perfil (1995)

Cadeira para mesa de refeições concebida com duas superfícies contínuas, do assento e do encosto, com curvaturas adequadas para proporcionar extremo conforto, em laminado moldado e folheado com madeira imbuia. A base foi estruturada em vergalhões de ferro cromado na versão I e em ferro chato cromado ou natural na versão II.

Tabet, Candida – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1981
Mantovani, Simone – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1981

Cadeira Zeta (1996)

Cadeira concebida de forma a proporcionar conforto e durabilidade. Pode ser exposta ao sol e à chuva e, por isso, é indicada para a utilização em terraços. Sua base de ferro chato, com pintura epóxi preto fosco, em formato "Z", proporciona um suave balanço. O assento curvo e anatômico, em réguas de madeira ipê maciço, cavilhadas em estrutura de madeira e ferro, tem acabamento natural com banho de óleo especial para uma boa conservação.

Tanimoto, Ronald – Campinas, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 1987
Consultor: Marco Antonio Bueno de Camargo

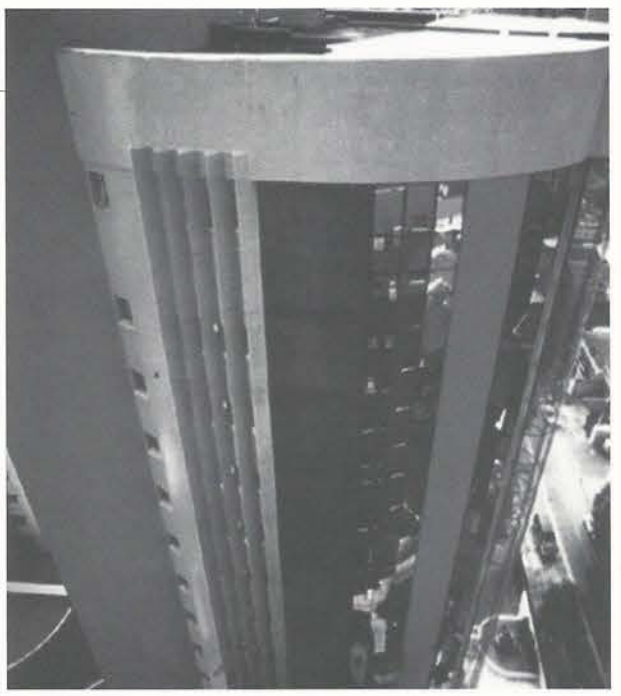
Galeria de Artes – Clube Semanal de Cultura Artística (1995) Campinas, SP

O Clube Semanal de Cultura Artística, fundado em 1857 pelo abolicionista e republicano Bento Quirino, é o clube associativo mais tradicional de Campinas. A sede do clube ocupava o primeiro andar de um edifício de dois pavimentos, com galeria e várias lojas no pavimento térreo. O projeto foi proposto para a construção de um espaço adequado às exposições de arte e à realização de apresentações de música ou palestras. O projeto resgatou a antiga galeria, expondo os pilares e as curvas das paredes antes escondidas pelas lojas. No interior da nova galeria foi criada uma faixa de exposições com 46 m de extensão, com projeto de iluminação adequado a mostras de arte.

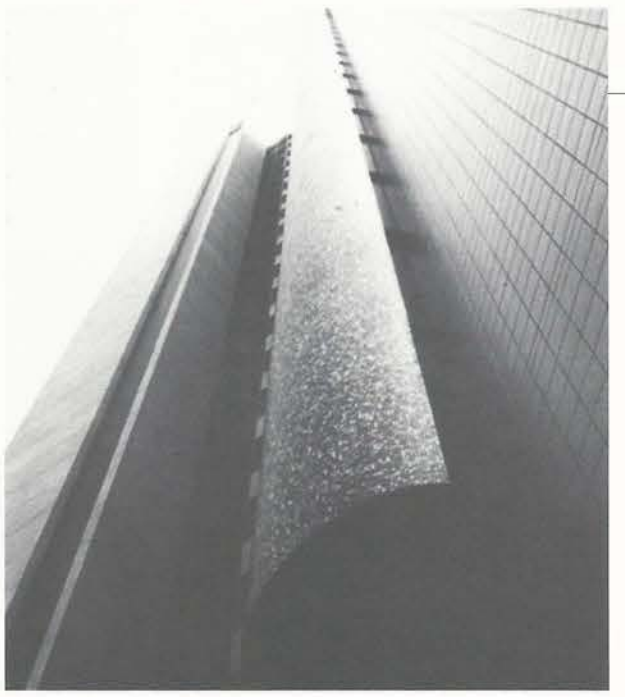
Tibiriçá, José Eduardo de Castro – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1967
Tibiriçá, Myrian de Araújo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1967
Consultores: Carlos Macchi, Clésio Pfeifer, João Perin, Satiko Kitauchi

Edifício Residencial Victória Park (1998)
São Paulo, SP

O desafio eram um terreno urbano comum e uma volumetria diferenciada que fugisse do óbvio de construir a partir das sobras dos recuos. As cores reforçam a intenção volumétrica e buscam um diálogo com o futuro morador.



Tibiriçá, José Eduardo de Castro – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1967
Tibiriçá, Myrian de Araújo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1967
Consultores: Levon/José Costi, César Pereira Lopes



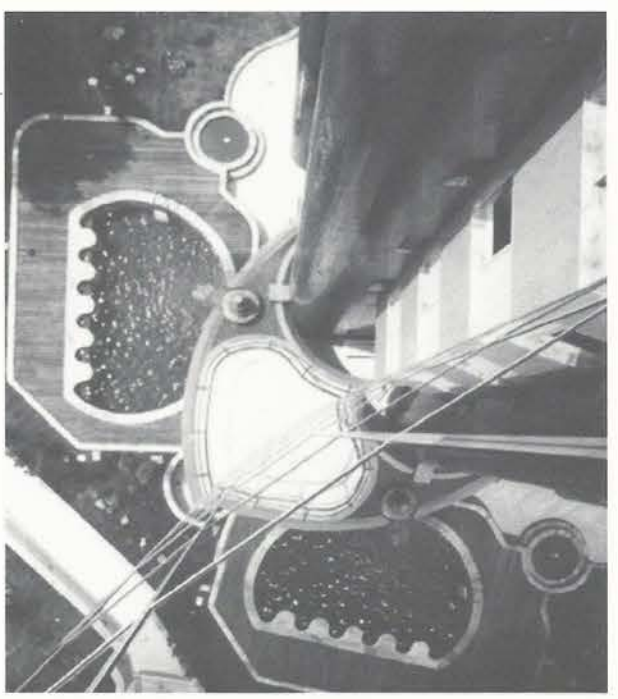
Edifício Residencial Terrazza di Padova (1999)
São Paulo, SP

A questão posta para o projeto foi de conciliar o ruído urbano, de um lado, e a tranqüilidade do Parque do Ibirapuera, de outro. Uma grande placa lançada diagonalmente ao terreno isola completamente os ruídos das avenidas próximas, liberando os espaços de viver para a fruição tranqüila do parque. Os tons azuis mesclam o edifício com o céu.

Tibiriçá, José Eduardo de Castro – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1967
Tibiriçá, Myrian de Araújo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1967
Consultores: Carlos Macchi, Clésio Pfeifer, João Perin, Satiko Kitauchi

Edifício Residencial Cambuí Plaza (1997)
São Paulo, SP

As três funções – repouso, estar e serviço – articulam-se em formas e volumes próprios. O estar, em vidro, permite ao morador "flutuar" sobre as árvores do entorno. Uma "bandeja" amarela destaca o pavimento de lazer, espaço protegido das circulações, propício à introspeção e a reuniões.



Toscano, João Walter – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1956
Toscano, Odiléa Helena Setti – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1958
Colaboradores: Massayohi Kamimura, Guilherme Filipe Toscano/Consultor: Promom Engenharia

Estação Pêssego (1999)
São Paulo, SP

A estação de metrô, localizada na zona leste da cidade de São Paulo, está implantada no ponto de transposição de um vale, configurado por um córrego canalizado a céu aberto, em cujas margens se encontram as duas pistas expressas da avenida Jacu-Pêssego.
O partido arquitetônico levou em conta as possibilidades de intervenção no desenho do elevado, respeitando as condições técnicas adotadas pelo metrô. Optou-se por envolver o elevado, no segmento em que se localiza a gare, chegada e saída dos trens, com uma estrutura leve, formada por uma seqüência de arcos metálicos, cobertos em quase toda a sua extensão por telhas térmicas duplas de alumínio, arqueadas, formando um semicilindro. No trecho que corresponde ao hall de chegada, as telhas se interrompem para dar lugar a vidros laminados curvos, permitindo iluminação zenital e vista da paisagem do vale.

Tozzi, Décio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1960.
Consultora: Marta Gavião

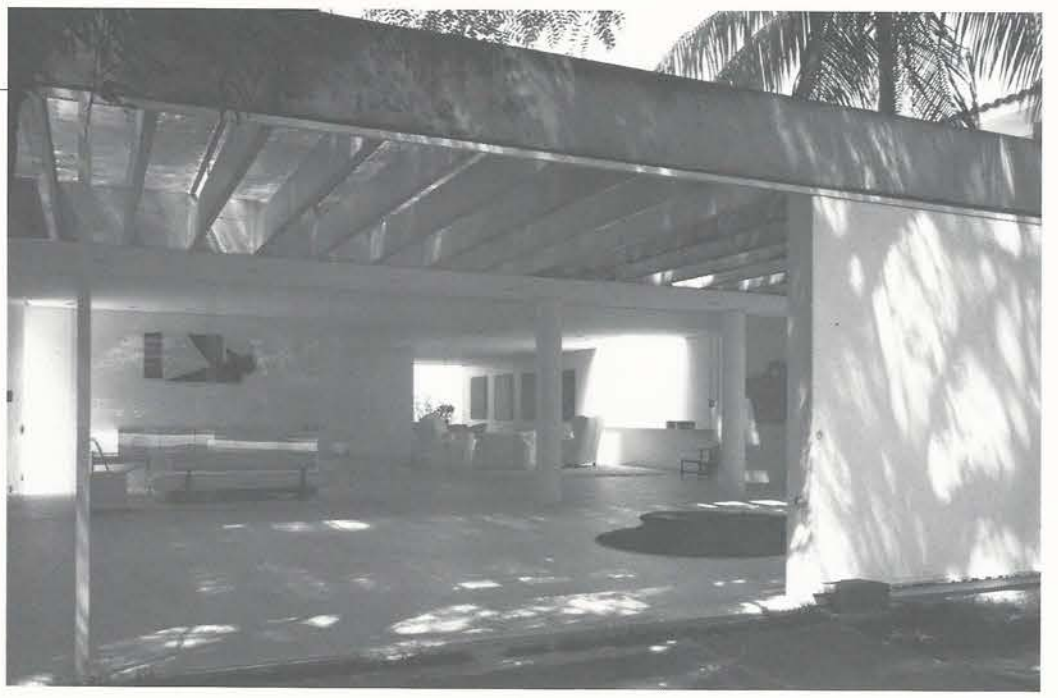
Edifício Residencial Spazio 2222 (1999)
São Paulo, SP

A intenção do projeto foi resgatar o caráter humano de que tanto se afastou a habitação vertical nas cidades brasileiras. Por isso propõe, no pavimento térreo, um espaço generoso de acesso, abrigado e equipado, que propiciará o desejado convívio cordial, como nas antigas ruas e vilas de São Paulo.
Os apartamentos, distribuídos em 8 andares, foram desenhados com o caráter de uma casa, dotados de um jardim panorâmico, espaço de transição entre o pátio interno e a moradia.

Tozzi, Décio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, 1960
Consultores: Isai Weinfeld, Luciano Fiaschi, Ugo Tedeschi

Residência Claudio Tozzi (1994)
São Paulo, SP

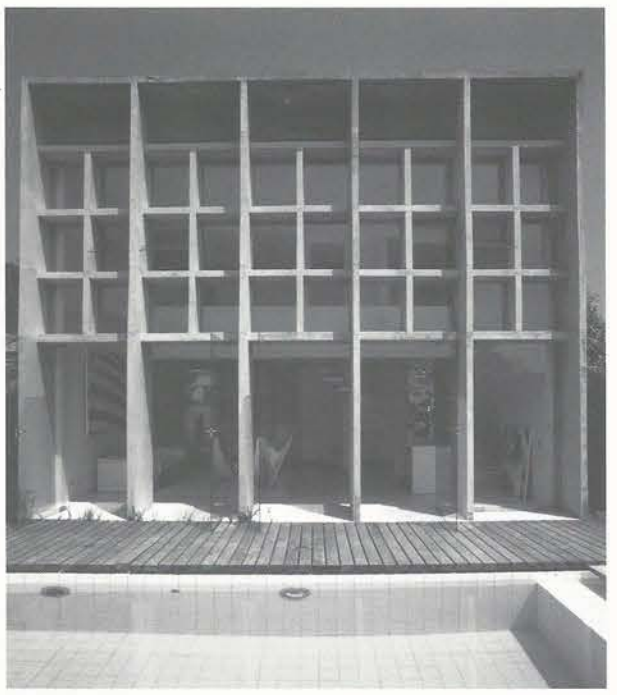
O projeto para a casa, no bairro do Sumaré, constitui uma reciclagem de construção da década de 50, característica da ocupação desse bairro.
O programa que o projeto atende é o de uma casa/ateliê onde o pintor recebe e exibe seus trabalhos.
O desnível do terreno e o acesso em duas ruas, favoreceram a proposta em níveis diferentes da moradia e do trabalho, garantindo total independência entre as atividades, bem como amplas visuais do vale.
O desenho da casa, feito de superfícies brancas e sensíveis captações de luz – ora a luz zenital controlada, ora a luz refletida de pátios pergolados por meio de grandes panos de vidro – propõe um caráter de fluidez ambiental em que a luz é protagonista das obras de arte.



Tozzi, Décio – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, 1960
Consultores: Isai Weinfeld, Luciano Fiaschi, Ugo Tedeschi

Residência Claudio Tozzi (1996)
Guarujá, SP

Esta pequena casa de praia, construída no loteamento da Praia de Pernambuco, constitui um loft com dimensões de 7 m x 7 m x 7 m com mezzanino - o volume de um cubo trabalhado plasticamente em função da captação da luz própria para o trabalho artístico. A piscina que atravessa o terreno tem função de espelho d'água no singelo paisagismo proposto.



Upton, Patricia Baker – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Renault, Solange Villanueva – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Jatene, Iara Biscegli – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981

Projeto de Comunicação Visual Carrefour Eldorado (1998)
Campinas, SP

A loja do Carrefour, em Campinas, é um galpão despojado com instalações aparentes. Para essa loja, o projeto de sinalização seguiu uma linha futurista, com painéis fotográficos nos frontões, tela Night & Day com texturas plotadas e recursos luminotécnicos. Outros elementos – padrão cromático variado, cores fortes e divisão das áreas do supermercado por cores – remetem à sinalização já usada pelo Carrefour para que o cliente perceba que está numa loja da rede.

Upton, Patricia Baker – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Renault, Solange Villanueva – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Jatene, Iara Biscegli – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981

Projeto de Identidade Visual Planet Ice Cream (1995)
São Paulo, SP

O projeto foi elaborado para o bufê de sorvete da Kibon, no Playcenter, em São Paulo. Desenvolveu-se o conceito global – logomarca, sinalização e arquitetura – para a imagem do "Mundo Maravilhoso do Sorvete", dirigida a um público-alvo composto principalmente por jovens e crianças.
O losango, referência à antiga marca da Kibon, foi reproduzido em vários tamanhos na fachada, no balcão de sorvetes e no piso.

Vainer, André – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1980
Paoliello, Guilherme
Colaboradores: Humberto Pio Guimarães, Mayumi Kobayashi Okuyama, Joana Maia Rosa, Gláucia Amaral, Maria Cecília Cerroti, Marcia Benevento

Exposição Flávio Império (1997)
São Paulo, SP

Trata-se de um projeto de instalações para a exposição multimídia interativa *Flávio Império em Cena*, promovida pelo Sesc de São Paulo e exibida em 1987. A exposição ocupou toda a área do pavilhão das Atividades Gerais e do Teatro Sesc Pompéia e mostrou todas as áreas de atuação de Flávio (artes plásticas, arquitetura, cenografia, filmes, ensino etc.), bem como objetos que faziam parte de seu acervo pessoal. Continha um setor interativo com oficinas para workshops, mesas para consultas a um CD-ROM criado especialmente para o evento, filmes experimentais e apresentação de espetáculos em que o arquiteto fez os cenários e figurinos. O projeto da exposição, além da montagem dos suportes de exposição, procurou reproduzir a ambientação cenográfica dos trabalhos realizados ou idealizados por Flávio Império.

Valladares, Pablo Quintero – México, DF, México – Universidade Autônoma Metropolitana, México, DF, México, 1988
Colaboradores: Eduardo Basurto Salazar, Brigida Recamier, Arturo Torres
Consultores: Everardo Carballo, Carmen Hernandez Ogarrio, Juan Briseño

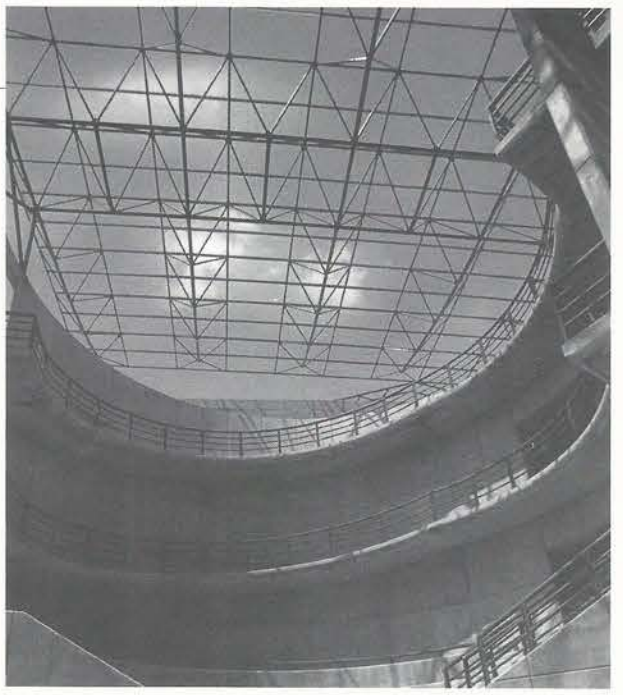
Residência Jitotol (1998)
México, DF, México

A residência localiza-se ao sul do Vale do México num bairro popular, na ladeira Ajusco, a aproximadamente 2.700 m de altitude. O terreno, de 245 m2, está a 5 m abaixo do nível da rua e com caimento em direção ao norte.
Na implantação da casa, feita de modo escalonado, trabalhou-se em cinco níveis, contribuindo-se para a contenção da encosta do terreno com a utilização de contrafortes e arcobotantes. Foi usada a técnica tradicional de abóbadas de tijolos sem cimbre.
O acesso de pedestres e a garagem para automóveis estão situados pouco acima do nível da rua, no mesmo nível da cobertura. Assim, o ingresso na casa se faz descendo uma escada localizada num ponto central. Parte da cobertura foi resolvida com abóbadas em estrutura metálica e material translúcido para permitir a entrada da luz em abundância.

Valladares, Pablo Quintero – México, DF, México – Universidade Autônoma Metropolitana, México, DF, México, 1988
Salazar, Eduardo Basurto
Colaboradores: Arturo Torres, Tomas Hernandez R., Frederico Yoldi-z/Consultores: Carmen Hernandez Ogarrio, Mauricio Bomez, Heberto Castillo

Edifício 34 – Universidade Autônoma Metropolitana (1999)
Xochimilco, México

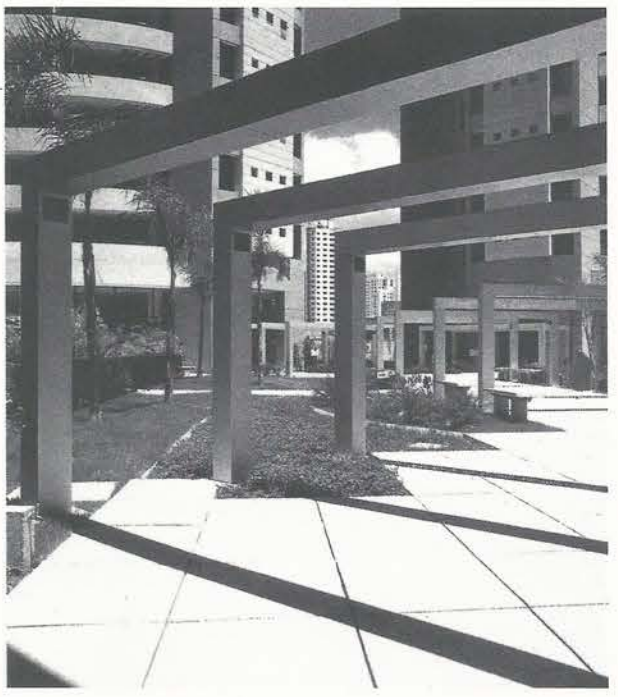
O Edifício 34 é destinado à investigação e à docência em ciências biológicas. Sua volumetria está subdividida em três corpos: os extremos contêm laboratórios e salas de aula, o central é constituído por espaços complementares e se articula tanto com o próprio edifício quanto com os espaços abertos adjacentes.
As funções básicas do edifício precisam de luz, mas não de sol. Assim, temos a leste e oeste paredes cegas, enquanto ao norte e ao sul encontram-se grandes vãos. Um deslocamento da volumetria do edifício na direção sul gera sombra sobre a fachada e resolve com luz zenital a iluminação dos corredores internos.
Na escolha e no emprego dos materiais houve a preocupação em garantir um baixo custo para a manutenção do edifício.



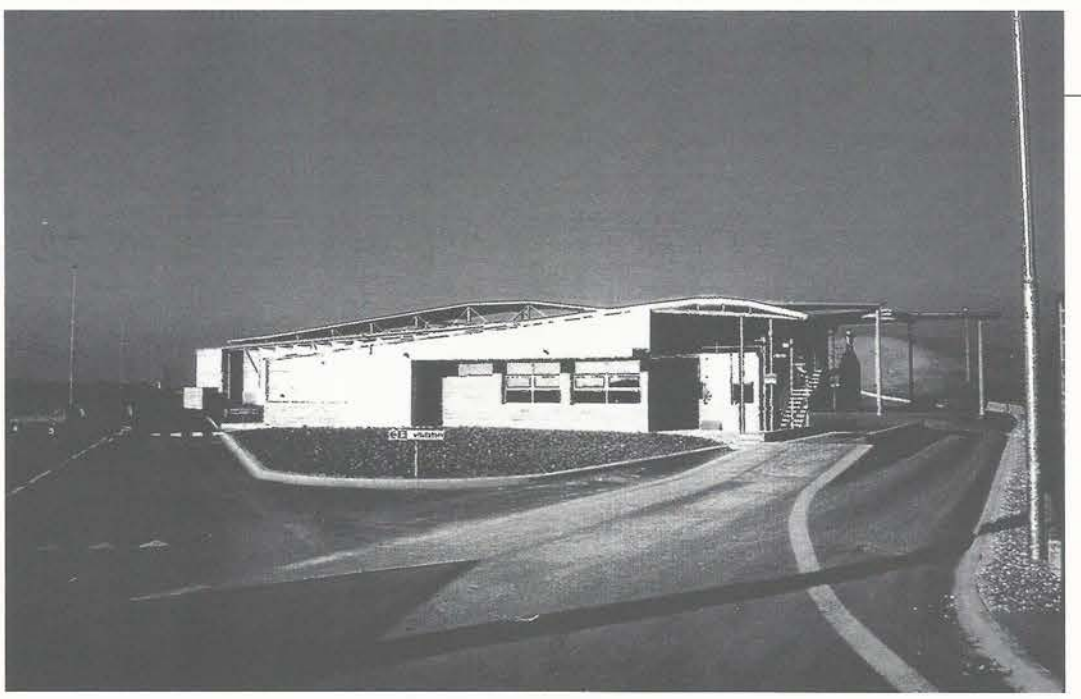
Vannucchi, Gianfranco – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1975
Königsberger, Jorge – São Paulo, SP
Colaboradores: Sandra Cristina Dellarole, Liliane Caparelli

Condominium Club Ibirapuera (1996) São Paulo, SP

Projeto de condomínio residencial com 4 torres de 8 pavimentos, com 4 unidades por pavimento, totalizando 272 unidades. O terreno de 8.352 m² abriga, também, um clube condominial completo com 6.900 m², 2 piscinas, salões de festas e jogos, academia de ginástica, quadras e jardins. O projeto, cujo enfoque partiu de diretrizes mercadológicas, foi completamente informatizado e utilizou tecnologia de ponta.



Vasino, Paolo – Milão, Itália – Instituto Politécnico de Milão, Itália, 1987
Agostino, Rina/Bertazzoni, Luigi
Consultores: Lorenzo Nettuno, Andrea Bavestrelli



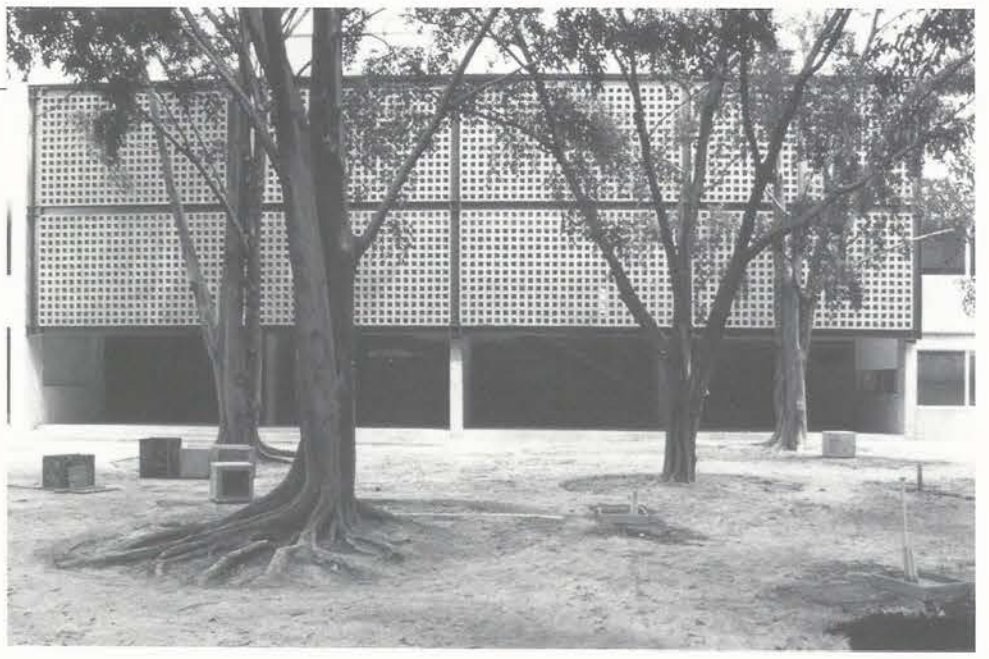
Edifício de Escritórios e Depósito de Detritos Tóxicos (1999) Montichiari, Brescia

O complexo é constituído por dois edifícios: um para escritórios e outro para armazenagem de detritos tóxicos, que permanecem ali durante um período antes de serem eliminados. O projeto configurou-se a partir dos procedimentos que envolvem tráfego, análise, armazenamento e eliminação dos detritos. Logo à entrada, onde são executadas as operações de gestão e controle, situa-se o edifício de escritórios, cuja fachada transparente permite identificar os volumes técnicos – de coleta e análise de amostras de lixo – e aqueles que contêm funções que necessitam de ambientes protegidos, escritórios, vestiários etc. O galpão de estoque compõe-se de dois corpos dentro dos quais se desenvolve uma seqüência de garagens fechadas que estocam provisoriamente o lixo. Uma galeria central atravessa todo o edifício principal. Coberta de forma independente do restante do edifício, proporciona ventilação e iluminação naturais ao interior. Os materiais predominantes são tipicamente industriais, como concreto aparente e ferro zincado, procurando-se valorizar as técnicas construtivas empregadas.

Vasquez, Luis Guillermo Hernandez – Medellín, Colômbia – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Pontifícia Bolivariana de Medellín, Colômbia, 1993/**Acero, Javier Hernando Castañeda** – Medellín, Colômbia/**Osorio, Carlos Mario Rodriguez** – Medellín, Colômbia
Correa, Maurício Alberto Valencia – Medellín, Colômbia/Colaboradores: Gabriel Jaime Arango Delgado, Sergio Alejandro Restrepo Diosa, Juan David Franco Echeverri/Consultores: Gabriel Ignacio Gutierrez, Luis Guillermo Restrepo, Jorge Jaramillo, Oscar Meza Rodriguez, Raul Dario Franco

Escola de Arquitetura e Desenho da Universidade Pontifícia Bolivariana (1998) – Medellín, Colômbia

O conceito da Escola de Arquitetura e Desenho é um lugar para encontro, discussão, trabalho. O projeto, conectado com as estruturas de circulação existentes, implanta-se como um cenário acadêmico que se confunde com suas circulações horizontais e verticais. Elas se tensionam em seus dois extremos pelos componentes singulares do programa (auditório e sala de exposições) e estão sempre conectadas com o pátio que, anteriormente, só podia ser visto através dos vidros. O pátio é, portanto, o ponto fundamental para entender a concepção do espaço arquitetônico dessa escola.

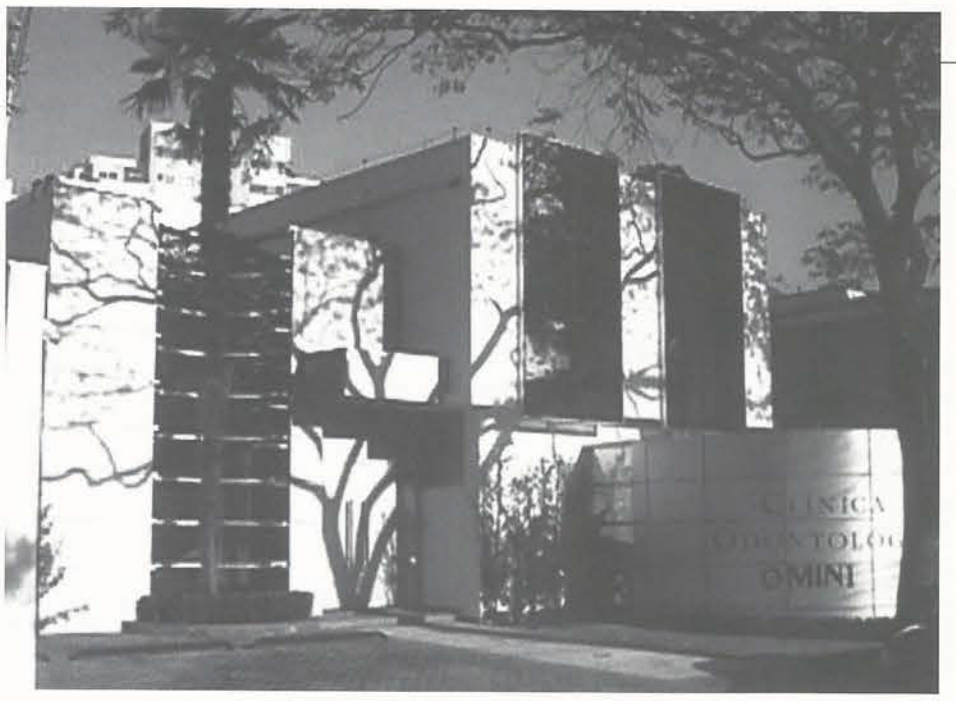


Vaz, Rita de Cássia Alves – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1972
Mello, Christina de Castro – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1972
Colaborador: Margarette Vechiez Ruiz Alves

Passarela Metálica em Mauá (1996)
Mauá, SP

A passarela de pedestres sobre a linha férrea faz parte do Projeto de Urbanização da Área Central de Mauá a ser implantado junto à estação principal da ferrovia que corta a cidade. Três acessos com jogos de rampas e escadas rolantes atendem a 9 mil passageiros no horário de pico e otimizam a integração entre os terminais de ônibus existentes dos dois lados da ferrovia.

Velletri, Rosana Bocci – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1976
Rossi, Gabriela Vaz – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 1996
Consultores: Marcos de Mello Velletri, Marco Antonio Neves, EPIC Eng. e Consultoria



Clínica Odontológica (1998)

Trata-se da transformação de uma arquitetura moderna residencial da década de 60 num edifício comercial contemporâneo. O projeto teve como objetivo a remodelação dos espaços, por meio de linhas arrojadas e simples, que potencializasse a infra-estrutura existente. O edifício atualmente é composto por volumes que, integrados por uma linguagem única, marcam pela forma suas diferentes funções. A luminosidade do edifício é garantida pela transparência das cortinas de vidro, pela cor branca e pelo prateado do alumínio usado nos acabamentos. A parede curva, no recuo frontal, que abriga a cabina primária, serve de base para a identificação da clínica. Revestida em placas de alumínio composto, utiliza-se da mesma linguagem de outro elemento em realce na fachada: o bloco da recepção. Esse bloco, rasgado verticalmente por uma cortina semicircular que permite iluminar seu interior, foi uma das poucas ampliações do conjunto original.
A vegetação que emoldura a edificação suaviza suas linhas retas, acrescentando o verde ao branco e ao prata.

Verri Junior, Aníbal – Maringá·,PR – Universidade Estadual de Londrina, PR, 1993
Galvão, Tânia – Universidade Estadual de Londrina, PR, 1994

Residência em Maringá (1997)
Maringá, PR

Na procura da valorização das áreas de convívio e lazer, optou-se em resolver o acesso por meio de transposições sucessivas dos espaços e conseqüente ordenação dos percursos, enriquecendo-os rumo à descoberta e ao desdobramento dos espaços mais importantes ou aglutinadores, no caso a área de convívio composta de cozinha-copa, sala de TV, varanda e churrasqueira. Um agenciamento que privilegia os setores mais informais, sem se descuidar dos mais formais, como estar, escritório e íntimo no seus justos dimensionamentos.
As volumetrias foram pautadas essencialmente pelo sistema construtivo adotado para as coberturas: laje de concreto, inclinadas ou planas, associadas às telhas de barro sobre elas ou sobre vigas de madeira.

Vianna, Kennedy P.C.R. – Vitória, ES – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Vitória, 1990
Colaboradoras: Myrion Syprah Facheti, Daniela Vasconcellos

Academia de Ginástica Renata Pacheco, 1999
Vitória, ES

O prédio tem quatro pavimentos, sendo um subsolo, um térreo e dois pavimentos superiores. Além da academia de ginástica, o edifício contém lojas e salões com áreas que variam de 100 a 150 m². O subsolo abriga garagem e depósitos. O acesso ao edifício ocorre por meio do pavimento térreo, onde estão a recepção, um pátio, uma sala e jardim. O primeiro pavimento abriga sanitários, duas salas de ginástica e administração; o segundo, uma área de descanso e refeitório para funcionários.

Vilela, José Oswaldo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981
Colaboradores: Lais Tescari, Stela Abinader e Zaven Kurkdjian

Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima (1998)
São Paulo, SP

Num pequeno terreno, antigo remanescente de desapropriação para construção da avenida Henrique Schaumann, foi implantada a Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima.
Na elaboração do programa, foi considerada a possibilidade de se agregarem aos tradicionais espaços de leitura e acervo outras atividades, como artes plásticas, música, teatro e cinema. O partido arquitetônico e a estrutura do edifício definem e organizam os espaços internos para tais atividades. No térreo, estão o saguão, a galeria, o bar e o auditório organizados em espaços abertos. No primeiro pavimento, localizam-se as áreas para diretoria e exposições. A pesquisa, leitura e acervo, situados no segundo pavimento e no mezanino, constituem o volume autônomo e elevado do chão que se percebe da rua. Este volume é estruturado por duas grandes vigas de concreto que resguardam o espaço interno e suportam o reservatório superior na face norte de maior incidência solar. As vigas metálicas da cobertura permitem extensa iluminação natural por sheds orientados para o sul.

Vinograd, Roberto – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina, 1972
Colaboradora: Sandra Marçal
Consultor: Carlos Eugênio Berkhout

Residência Unifamiliar Sítio São Pedro, 1994
Guarujá, SP

A residência de lazer segue o estilo polinésio, embora com volumes de cobertura mais complexos e maior sofisticação tecnológica.
A composição da planta é simples, configurando um "L" que delimita a quadra de tênis. Sob as coberturas fortemente inclinadas, com beirais que quase tocam o chão, localizam-se os dormitórios. Os materiais foram trazidos de várias partes do Brasil: a madeira de piquiá, do Pará; a cobertura de babaçu e os artesãos que a executaram, do Amazonas; os pavimentos de pedra-rosa, de Goiás; e as barras ornamentais de bambu, do Ceará. O mobiliário e o jardim que se estendem até a praia também foram concebidos dentro desse conceito de arquitetura tropical.

Vinograd, Roberto – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina, 1972
Colaborador: Benedito A. de Brito
Consultor: Carlos Eugênio Berkhout

Residência Unifamiliar em Ilhabela (1994) Ilhabela, SP

Para essa residência de lazer, o projeto conservou as características do terreno. O conjunto arquitetônico desenvolve-se numa sucessão de cabanas, constituindo um "vilarejo" na encosta do morro em cujo topo foi construído um mirante, acessado por uma trilha no meio da vegetação original. As cabanas, assentadas em lajes de concreto armado, formam vãos que foram fechados lateralmente com paredes de pedras encontradas no local. As telhas foram esmaltadas de branco e algumas aberturas foram criadas para garantir um clima agradável, a circulação da brisa do mar e a convivência com a natureza tropical.

Viola, Assunta – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1991
Diaz, Luís Eduardo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1991
Diaz, Mirian Ogasawara – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1987
Colaboradores: Roberto Eiti Hukai, Daniela Lopez Sanioto, Luis Cláudio Bueno
Consultores: Gastão Farah, MWW Eng. de Estruturas S/C Ltda. e MBM Serviços de Engenharia S/C Ltda.

Residência Marcondes César & Giggo (1998) São Paulo, SP

A família possuía três lotes, de 300 m cada, assim divididos: o primeiro com uma edícula e a piscina, o segundo com a casa utilizada nas férias, e o terceiro, adquirido depois, de esquina. A edícula e a piscina foram mantidas, a casa foi demolida e os três lotes anexados.
Considerando o espaço da churrasqueira e da piscina como o coração da casa, volumes brancos, correspondentes à área de lazer e convívio social e às áreas privativas da família, foram dispostos a partir desse eixo. A estrutura de concreto marcou os pilares como apoio dos volumes, enquanto a estrutura em aço compôs a escada, dando-lhe transparência. O aço pintado de branco também foi utilizado na cobertura do terraço e na estrutura da garagem.

Virág, Csaba – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica, Budapeste, Hungria, 1956
Marillai, Árpád
Colaborador: Zoltán Fehér/Consultores: Péter Nagy, Gyula Beczási, László Takács

Fundação Lauder Javne Escola Elementar e Secundária (1996) – Budapeste, Hungria

Esse complexo educacional, que também abrange um instituto para ginástica, foi construído numa ladeira arborizada num dos pontos mais bonitos de Budapeste. O colégio abriga quase 600 alunos, com áreas destinadas ao estudo e à convivência. O coração do complexo é a cúpula, cobrindo uma "sinagoga" que é abraçada pelos dois blocos educacionais, cada um com 12 salas de estudo.
Aproveitando-se do declive do terreno, foi proposto um anfiteatro ligado à sala de ginástica para vários usos, como apresentações teatrais. Entre a "sinagoga" e o anfiteatro há o espaço comunitário da instituição, a "Plaza", com nível mais alto que o da entrada.

Virág, Csaba – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica, Budapeste, Hungria, 1956
Colaborador: Ilona Karácsony
Consultores: Tamás Szubi, István Németh, Maja Fahoda

Nova Sede da Agência Húngara de Notícias – MTI (1995)
Budapeste, Hungria

O novo Centro de Notícias da MTI – Agência Húngara de Notícias – localiza-se num lote triangular no alto do monte Naphegy, ao lado do prédio antigo da Agência, construído nos anos 50.
A planta circular do prédio foi inspirada parcialmente pelo formato do lote e pela análise cuidadosa das diversas funções a serem distribuídas. Optou-se por uma linguagem high-tech para representar simbolicamente as funções desse complexo ligado às telecomunicações.
As áreas de cada pavimento são diferentes, e a forma cilíndrica é interrompida em três faces. Os pilares estruturais e os blocos de sanitários foram colocados por fora do bloco central, permitindo maior flexibilidade na ocupação de cada andar. Os poços de ventilação e tubulações de esgoto e águas pluviais foram concentrados próximos a torres estruturais.
Acima da cobertura plana do edifício sobressai a torre da antena, que funciona como um marco visual e simbólico – nessa parte elevada da cidade.

Virág, Csaba – Budapeste, Hungria – Universidade Técnica, Budapeste, Hungria, 1956
Marillai, Árpád
Consultores: Tamás Szubi, K. Neuberg

"Buda Center" Prédio de Escritórios (1996)
Budapeste, Hungria

O prédio de escritórios e negócios localiza-se numa parte elevada de Budapeste. O andar térreo é ocupado pelo showroom de automóveis BMW, por um bar e um banco pequeno. O subsolo, de dois pavimentos, contém o estacionamento subterrâneo e salas para as instalações mecânicas.
Na volumetria do edifício, com suas formas sóbrias e escalonadas, destacam-se elementos high-tech que representam a confiança na tecnologia e no futuro.
As fachadas coloridas, as plantas livres, a maquinaria e as estruturas leves protendidas são aspectos que também simbolizam esse otimismo com as novas possibilidades tecnológicas.

Warchavchik, Carlos Eduardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Calbucci, Ana Paula – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1985
Consultores: Gilmar Giglioti, H. Nakamura, Renata Tilli

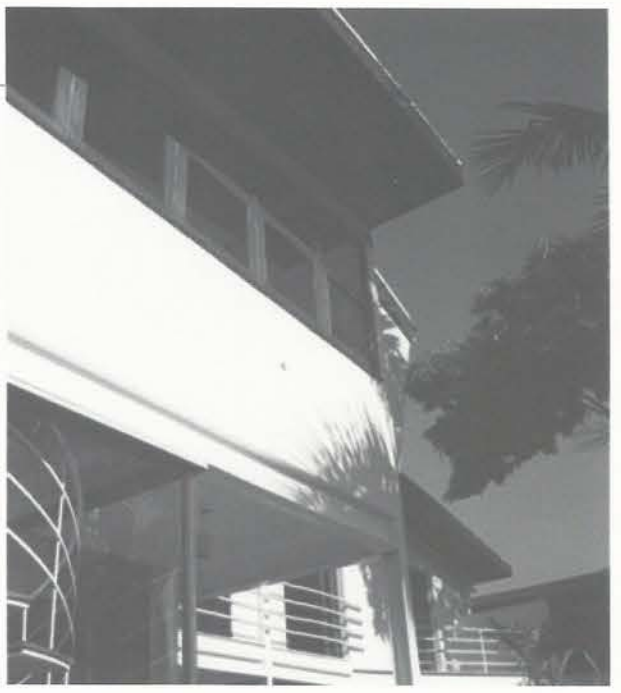
Residência Renaux (1997)
São Paulo, SP

O projeto da residência construída num lote de 800 m², com vegetação relevante, suscitou desde o início a questão fundamental de sua implantação. Situada no centro do lote, à construção dividiu o jardim em duas grandes áreas que, entretanto, se unem visualmente graças às grandes superfícies transparentes da casa, as quais integram interior e exterior. O partido estrutural decorre da rigidez própria da estrutura metálica adotada. A cobertura em arcos de leve curvatura funcionam como elemento ordenador da solução adotada.

Warchavchik, Carlos Eduardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Calbucci, Ana Paula – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1985
Consultores: Hélio Olga de Souza Jr., H. Nakamura, Do Val & Silveira, Luciano Fiaschi

Residência na Rua Araporé (1999)
São Paulo, SP

O partido da residência origina-se em sua implantação perpendicular à rua, voltando a casa para duas faces do lote: os fundos, de onde se avista a cidade, e a frente, uma rua tranqüila do bairro. Da declividade elevada do lote em seu início, surgiram níveis em dois planos que se repetem no superior. Sobre a garagem coberta, foi criado um grande terraço para a rua que se comunica com um alpendre próximo à entrada principal. A garagem da casa, localizada no nível da rua, tem estrutura em concreto aparente. Toda a estrutura da garagem serve como uma plataforma, onde se apóia a estrutura dos níveis térreo e superior da casa. Para se conseguir a curvatura desejada dos arcos de madeira da cobertura, foi feito um molde para curvar a frio três tábuas de 6 cm formando uma viga de 18 m de altura.



Warchavchik, Carlos Eduardo – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1986
Consultor: Oswaldo Motta Jr.

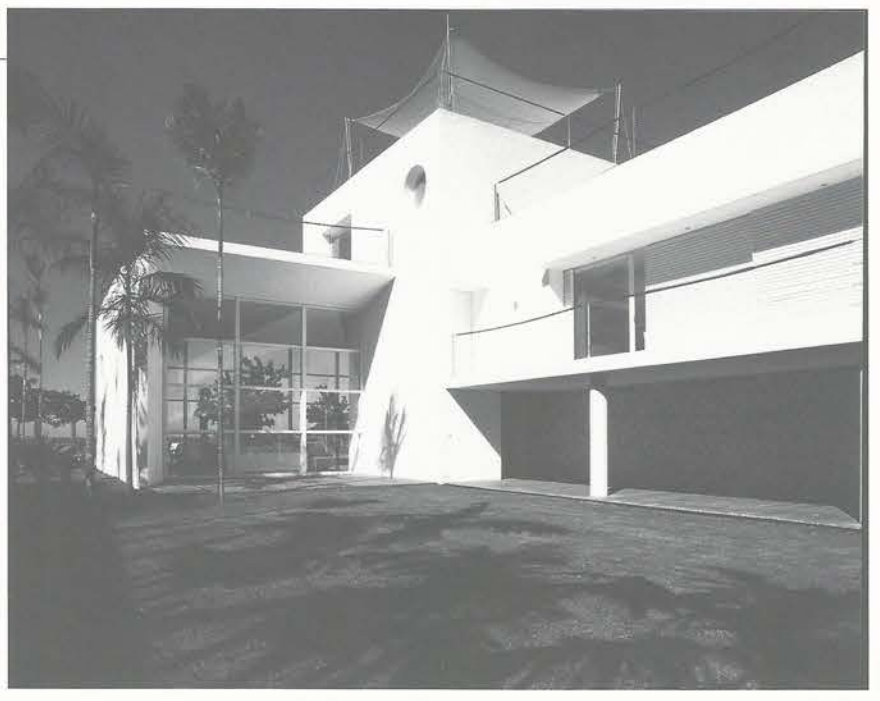
Pavilhão de Jogos na Mantiqueira (1999)
São Paulo, SP

O projeto do pavilhão atendeu a três condicionantes básicas: a implantação em terreno com grande declividade (100%) e solo fofo; o tempo exíguo para execução; o gabarito de altura total que não impossibilitasse a visão de quem está no terreno imediatamente superior ao bloco construído. Dessas três premissas surgiu o pavilhão, cuja arquitetura é tradução de sua concepção estrutural e construtiva. Buscou-se a utilização de elementos pré-industrializados que foram montados e ajustados *in loco*. Doze pilares de concreto aparente cumprem a função de elevar o bloco de construção do solo. A estrutura – pilares e vigas – é de madeira jatobá e apóiam o barroteamento do assoalho e dos forros. A inclinação do telhado visa a aumentar a iluminação do espaço interno e diminuir a superfície visível do telhado para o observador de um ponto superior. A quebra da planta deu-se pela adequação do bloco à curvatura natural do terreno.

Weinfeld, Isay – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1975
Colaboradores: Domingos Pascali, Mônica Cappa Santoni, Flávia Oide
Consultores: Ricardo Trentini, Grau Engenharia de Instalações

Casa Tijucopava (1998)

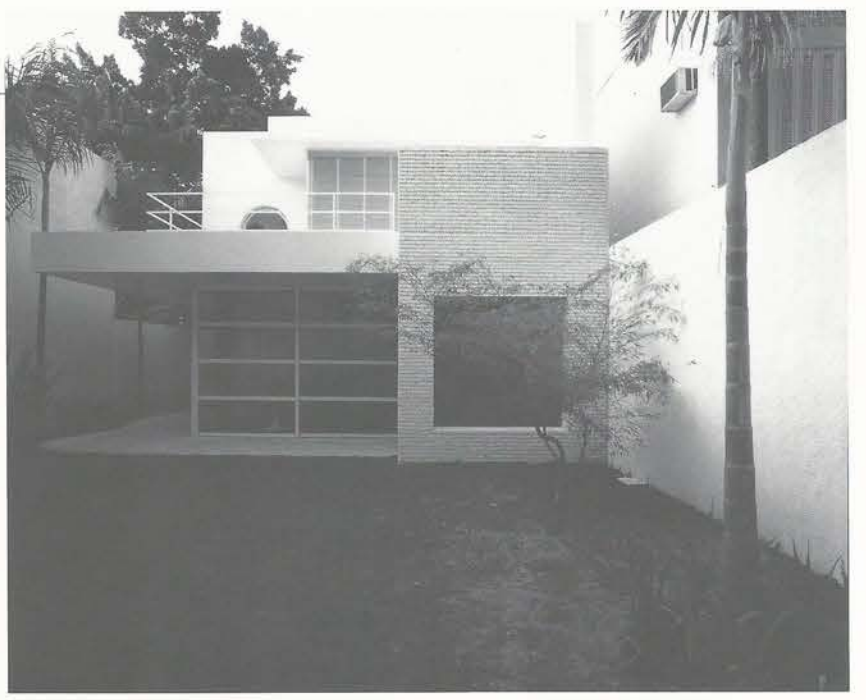
Trata-se de uma casa à beira-mar composta pela intercessão de volumes e planos horizontais e verticais, onde o inusitado está sempre presente. Um paredão cortando a garagem não deixa vislumbrar o que acontece atrás dele. Uma vez ultrapassado, um corredor sombreado abre-se para um amplo jardim, e só então surge a porta de entrada da casa. A sala de estar com pé-direito duplo é dotada de enormes caixilhos pivotantes que se abrem para o deque da piscina, integrando-o totalmente. Não há telhado, e todas as lajes da cobertura, forradas por deques de madeira, são usadas para a vista do mar.



Weinfeld, Isay – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, SP, 1975
Colaboradores: Domingos Pascali, Mônica Cappa Santoni, Fábio Rudnik
Consultores: C.A. Fontes Engenharia Estrutural, Grau Engenharia de Instalações

Casa Suécia (1997)
São Paulo, SP

Com a fachada da rua totalmente cega, a casa está voltada para os jardins no fundo do terreno. Como a construção é geminada, buscou-se tornar o espaço o mais agradável possível, injetando luz natural por domos circulares de vários diâmetros. Para o revestimento, foram utilizados elementos com texturas diversas, como pedras brancas, massas filetadas e rústicas. Numa das paredes externas foram assentados seixos rolados entre os tijolos. Os caixilhos são de alumínio com pintura eletrostática branca.



Yamato, Newton Massafumi – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 1977
Cecchi, Marcelo Fernandes de Orlando – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas, SP, 1979
Parma, Tânia Regina – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 1977
Consultores: Koiti & Klara Kaiser Arquitetos Associados, Daltrini e Granado Arquitetura e Conforto Ambiental Ltda., Yopanan Conrado Rebelo, Cepollina – Engenheiros Consultores S/C Ltda., CTPF Projetos e Consultoria, MBS Engenharia e Comércio S/C Ltda., Norte-Sul Impermeabilização, Paxis Informática Ltda., TAEC – Topografia Engenharia, Consultoria S/C Ltda. e MML Sistemas.

Almenat Extensão Corporativa (1999)
Embu, SP

Localizado no município de Embu, a sudoeste da região metropolitana de São Paulo, num terreno de topografia acidentada e circundado por densa mata, foi implantado o complexo hoteleiro, destinado a abrigar convenções e eventos de empresas. A atividade propriamente de projeto foi antecedida por um longo trabalho que envolveu desde a escolha do terreno à elaboração detalhada do programa, o qual propõe a organização setorizada dos espaços em três grupos de atividades: administração, eventos de um dia e eventos de maior duração. Próximo à portaria, encontra-se o edifício administrativo, com refeitório, vestiários e sete apartamentos para os funcionários residentes. Mais adentro, organizado como um pequeno clube, localiza-se a área dos eventos de um dia, onde se destaca um edifício formado por dois galpões unidos e envolvidos por uma cobertura plana. Finalmente, há um setor para os eventos de maior permanência, constituído por três edifícios articulados entre si: Hospedagem, Convivência e Convenções.

Zanetti, Valdir Zonta – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 1976
Colaboradora: Carla Pujol
Consultor: José Luiz Cavalheiro

Residência Paulo Ernane Tria (1997)
Cotia, SP

Situada em condomínio residencial de classe média, em Cotia, a 27 km do centro de São Paulo, essa residência foi implantada em lote com frente de 12 m e caimento para a rua. Optou-se por localizar os dormitórios voltados para o norte, garantindo uma boa insolação e o aproveitamento da vista para uma grande extensão de área verde existente naquela direção. A cobertura é constituída por laje pré-fabricada, recoberta com um telhado simples, em telhas de barro. A inclinação da laje de cobertura permitiu que os dormitórios tivessem pés-direitos variáveis, criando um volume interno agradável. Na parte posterior foi possível um sótão que abriga um espaço para estúdio e outro espaço como compartimento técnico dos reservatórios de água fria e quente, facilitando o acesso e a manutenção dos equipamentos.

Zanettini, Siegbert – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1958
Colaboradores: Erika Di Giaimo Bataglia, Linda Cristina Astolfo, Vanessa de Oliveira Soares Ludescher
Consultores: Ary Perez, Denise Milan

Reforma/Novo Átrio – Edifício Manoel Tabakow Hidal (1999) São Paulo, SP

O espaço e o layout originais do Hospital Albert Einstein já não atendiam às atuais demandas, o que tornou necessária a reforma do edifício Manoel Tabakow Hidal.
O novo átrio pretende atender às necessidades de ampliação da recepção, criação de área coberta para desembarque de passageiros, de uma sala de imprensa, uma loja e uma farmácia.
O átrio é uma marquise que se projeta além da fachada original, ampliando a área da recepção e integrada à área externa que recebeu novo tratamento paisagístico.
Optou-se pela estrutura metálica em vista da necessidade de uma obra rápida e limpa. Os pilares são constituídos por perfis "I" com seção 30X30 cm, distanciados de 7,20 m entre si. Nas vigas principais e nas peças de contravento, usaram-se perfis tubulares com diâmetro de 273 mm e 168/355 mm, respectivamente. Toda a estrutura foi soldada e a vedação foi feita com peças de vidro laminado.

Zanettini, Siegbert – São Paulo, SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1958
Colaboradores: Erika Di Giaimo Bataglia, Vanessa de Oliveira Soares Ludescher
Consultores: Oswaldo Mellone, Jorge Zayen Kurkdjian, Marcílio Haman, Antônio Hipólito

Escola Panamericana de Arte – Unidade Angélica (1998) São Paulo, SP

O projeto propõe um edifício totalmente transparente.
O recuo em relação aos limites do lote forma um fosso que favorece a iluminação e ventilação naturais até o terceiro subsolo. O acesso se faz por 2 túneis-ponte.
O único elemento opaco do edifício, a caixa de circulação vertical, foi construído em blocos de concreto celular e revestido com placas de alumínio. Ele marca a esquina e, com a escada externa e o bloco de sanitários, forma um brise.
O contravento externo garante estabilidade, define as fachadas do volume transparente e viabilizou uma estrutura mais esbelta, com pilares de seção 300 X 300 mm e vigas de 200 X 400 mm. O espaço interno é amplo e flexível. Nas escadas e nos túneis de acesso, usaram-se chapas metálicas de 6,3 e 12,5 mm. A estrutura foi inteiramente executada com aço usi-fire, mais resistente ao fogo. A obra foi concluída em 11 meses.

Zimbres, Paulo de Melo – Brasília, DF – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1960
Zimbres, Marcos Sant'Anna – Brasília, DF – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 1987
Silva, Joara Conemberg Ribeiro – Brasília, DF – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 1990
Colaboradores: Brasil José Vargas Jr., Andrea Bueno, Camile Andrade/Consultores: Lucílio Vitorino, Serviços Técnicos de Engenharia, Jorge Raulino, J.C. Serroni, Esther Stiller, Conrado Silva de Marco, Rubens Mano

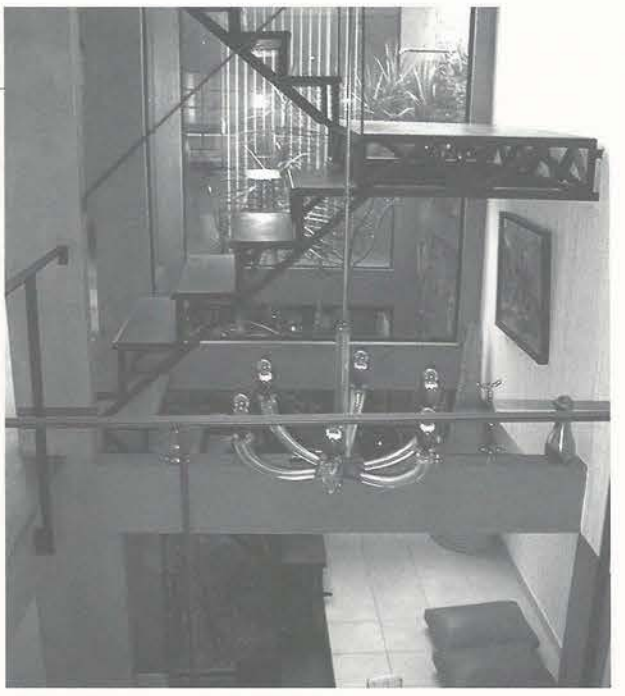
Teatro Unimep (1998)

Ao ser elaborado o Plano Diretor Físico do Câmpus de Taquaral da Universidade Metodista de Piracicaba, a Praça Central do Plano previa, além da reitoria e da biblioteca central, dois novos edifícios: a capela e o auditório.
Logo se identificou a possibilidade de o edifício do auditório ser utilizado como um teatro com capacidade para espetáculos teatrais e orquestras para apresentações de maior porte.
O teatro conta com uma sala para 800 espectadores e um auditório para 180 pessoas. Uma grande varanda cumpre o papel de saguão.
O edifício, um grande cilindro, obriga que as pessoas o rodeiem, em direção à praça. A partir de uma "fatia" desse cilindro de alvenaria, criaram-se o espaço da sala menor e o acesso ao palco. A face voltada para a praça é aberta do piso ao teto e recebeu uma cortina de vidro seccionada pela marquise que define a varanda. Brises horizontais de alumínio protegem o foyer, sem no entanto impedir a vista para a praça.

Zolko, Gregório – São Paulo, SP – Universidade de Illinois, 1955
Schoedon, Wolfgang
Consultores: Ricardo Viana, Stecil e Celtim

Reforma Radical de Residência em Vila Operária (1997) São Paulo, SP

A rua estreita, entrincheirada entre os edifícios da rua da Consolação e da avenida Angélica, abriga, ainda hoje, uma pequena vila operária com casas geminadas construídas no início da década de 20. As dificuldades da reforma de uma dessas casas, cujas paredes laterais não podiam ser demolidas, não impediram que o proprietário formulasse um programa ambicioso para o terreno de 112 m²: construir uma casa de três andares onde todas as outras são térreas. A solução veio na forma de um jardim interno, em torno do qual novos pisos foram criados e intercalados a espaços intermediários para ventilação e iluminação. A reforma, embora não tenha aproveitado nada da antiga construção, demonstrou a possibilidade de se fazer de um terreno mínimo uma casa espaçosa, com duas suítes, três salas, jardim, lareira e até um lavabo sob o patamar da escada. Enfim, tudo o que uma residência moderna e urbana requer.



Índice Onomástico da Exposição Geral de Arquitetos

Abadan, Mustafa K. 106, 107
Abrão, Antonio 56
Abreu, Ivanir Reis Neves 28, 125
Acero, Javier Hernando Castañeda 151
Adam, Roberto Sabatela 47
Adrião, João Mário de Arruda 28
Aflalo, Marcelo 28
Aflalo, Marta Rodés 28
Agostino , Rina 151
Aguiar, Cláudio 29
Alcântara, Maria Daniela Rosário de 63
Almeida, Clarisse de 29
Almeida, Gustavo 30
Almeida, Marília Sant'Anna de 30, 31
Almeida, Eduardo L.P.R. de 29
Andrade, Antonio Gil da Silva 31
Andrade, Roberto 32
Andrade, Nelson 31, 87
Anelli, Renato Luís Sobral 32, 91
Antoncich, Rodrigo Pérez de Arce 32
Araújo, Berenice Agne 33
Axle, Augusto Quijano 33
Ayala, Luis 39
Azevedo, Renata Vicente de 73
Balázs, Mihaly 109
Baljon, Lodewijk 34
Baquero, Marco A. 48
Baraya, Hernando 34
Barbosa, Marcelo Consiglio 34, 57
Barbosa, Paulo Eduardo 35
Barda, Marisa 35
Barossi, Antonio Carlos 35, 58
Barra, Eduardo 36
Barranco, Carla 125
Barroso, Paulo Hermano Mota 96
Bastos, Paulo de Mello 36
Battagliesi, Rogério 37
Batista, Rita de Cássia 67
Battaglia, Daniela 62, 63
Becato, Davison 38
Bedout, Juan Felipe Uribe De 38
Belleza, Gilberto 38, 39, 121
Belmonte, Flávio 116
Benítez, Solano 39
Bertazzoni, Luigi 151
Bertoldi Junior, Marcos 39
Besen, Eduardo 40
Bhalotra Ashok 40, 41
Bianchi, Sebastian 32
Biasoli, Marco Antonio 41, 42
Bigeschi, Valentim César 42
Blamont, Emmanuel 112
Bloch, Luís Laurent 42, 43
Bohrer, Angela 107
Bolsius, Wouter 41
Bomfim Junior, Léo 43
Bonagiunti, Laura 51
Borda, Luiz Eduardo dos Santos 130
Borges Filho, Francisco 43
Bozó, András 62
Braga, Milton 45
Brandileone, Eduardo 132, 133
Brasil, Ricardo 44
Breitman, Irineu 44
Brito, Paulo Lúcio de 31, 44, 87
Bucci, Ângelo 45
Bueno, José Carlos Lima 46
Busarello, Dilva C. Slomp 47
Busarello, Orlando 47
Bustamente, Marcos Fortes Santos 47
Cahali, Cláudia Vacilian Mendes 47
Calbucci, Ana Paula 155, 156
Calle, Carlos Eugênio 48
Calle, Carlos Júlio 48
Calle, Fernando Carrascal 48, 49
Camargo, Sergio Ricardo 123
Cambiaghi Filho, Henrique 49
Camillo, Gil Carlos de 50
Campoy, Denise Liberto 50
Canalli, Fernando 140
Cañas, Victor 51
Carabajal, Gustavo 51
Caram, Luciana Maria 54
Carsalade, Flávio de Lemos 99
Carvalho, Gilberto Gomes de 54
Castro Filho, Luiz Domingues 52
Cavalcante, Silvio 52
Cecchi, Marcelo F. de Orlando 157
Cecco, Angelo 79
Chahin, Ricardo 52, 53
Chalhub, Antonio 53
Chavedar, João Francisco 54
Chaves, Luis Otávio 52
Chaves, Márcia 50
Cheque Junior, Jayme 43
Childs, David M. 55
Cimatti, Valétia 55
Coelho, Manoel 56
Coelho, Mariza Machado 82
Coelho, Sérgio 81
Conrads, Reinhard Matthias 57
Constante, Vladimir Tavares 80
Corbucci, Jupiro 34, 57
Correa, Mauricio Alberto Valencia 151
Cortez, Antonio Alberto 57
Corvalán, Javier 58
Costa, Júlio César Medeiros 59
Costa, Lavínia Coelho Brandão 59
Costa, Maria Elisa 145
Costa, Norberto Silveira Oehlmeyer 59
Costa, Paulo Eduardo Oliveira 62
Costa Filho, José Salles 58, 59
Crescenti, Felippe 60
Cruz, José Armênio de Brito 61
Cruz, Klely Schwartz 124
Cságoly, Ferenc 61, 62
Cunha, Gilberto Alves da 62
Cunha, Marcus Cotrim 62, 63
Cunha, Carina da 92
Cunha, Márcia Valéria Leitão da 135
D'Agostino, Roberto 51
D'Ângelo, Renata Faconti 112
Deimann, Percival 31
Deneno, Murilo 63
Deusdara, Francisco E. Muniz 63
Deusdara, Francisco Luiz Muniz 63
Diaz, Luís Eduardo 154
Diaz, Mirian Folgasa Wuara 154
Dijkstra, Riens 65
Diniz, João 64
Dongen, Frits van 65
Donini, Marco 66
Dorileo, Ruth Helena Faro 33
Duarte, Robledo Valente 59, 96
Duarte, Daniel Aquino 67
Dunin, João Guilherme Ficinski 67
Dutra, Maria Luiza 67
Elias, Cesar Tadeu 68
Elliott, Chris 68
Epstein, Gilberto 68
Espindola, Alexandre 112
Erse, Walkiria 69
Faccio Neto, Paulo 69, 70
Faggin, Carlos 70
Feitosa, Lautia Cristina 58
Felippi, Ricardo Ropelle 101
Fernandes, Etelvina Rebouças 95
Fernandes Filho, Rene 70, 71
Ferreira, Karina Saccomano 95
Ferreira, Adyr Moura 71
Ferreira, Mauro 121
Fialho, Roberto Novelli 72
Fialho, Valéria Cássia dos Santos 72
Ficher, Sérgio 133
Finotti, Luiz Humberto de Almeida 72
Fiocca, Fabiano 73
Fiocca, Luigi 73
Flores, Aurélio Martinez 73
Fonseca, Maria de Lourdes 130
Forero, Juan F. 48
Foster, Norman 74
Fraccaroli, Brunete 75
Francisco, Cristina 98
Franco, Fernando de Mello 45
Freidel, Juan Manuel Pelaez 75
Freire, Ernani 76
Freire, Luis Mauro 76
Freitas, Fernando 88, 133
Galvão, Tânia Nunes 152
Garcês, Jorge Eduardo V. 76
Garcia, Alexandre Brasil 98
Gifford, Márcio 77
Gilberti, Celso Renato 77, 78
Gimenez, Luis Espalhargas 78, 79
Giménez, Júlio Cesar Delgado 78
Giovannitti, Vincenzo 79
Gloder, Valter 79
Goldfarb, Elizabeth 79, 80
Gonçalves, Luis Rogério Pupo 80
Gonçalves, Fábio Mariz 76
González, Magui 81
Gorski, Maria Cecília Barbieri 111
Gorski, Michel Todel 111
Grazíosi, João Carlos 81
Grégoire, Anton 40, 41
Guerra, Maria Eliza 32
Gyarfas, Andreas 81
Haluli, Mauro 111
Hardy, Álvaro 82
Hasegawa, Itsuko 82
Hauenschild, Carl von 82
Hertz, John B. 73
Hiroyama, Edison H. 83
Hochheimer, George Frug 83, 84
Holanda, Frederico de 84
Honda, Suzi Sayuri 40
Hönich, Richard 61, 62
Horta, Eduardo 85
Hue, Francisco Eduardo 85
Hue, Jorge de Souza 85
Iglésias, Fernando 85
Imperatori, Luciano Martinelli 83, 84
Irigoyen, José Maria F. de La Puente 48, 49
Ito, Armando Luís Yoshio 47
Izaga, Fabiana 85
Jatene, Iara Biscegli 86, 129, 149
Jáuregui, Jorge Mário 86
Joffily, Flávio 112
Jorge, Wilson Edson 31, 44, 87
Jorge, Luis Antonio 87
Julião, Ricardo 88
Junqueira, Antonio O.V. 114
Kalili, Gabriel 88
Kanashiro, Mário 119
Katakura, Paula 40
Kellér, Ferenc 61
Kfuri, Renato Feres 142
Klimgelfus, Márcia Luiza C. 89
Kluwe, Jorge 89
Kneip, Wellington Rennó 89, 90
Kogan , Márcio 90, 91
Königsberger, Jorge 151
Koury, Ana Paula 91
Kruchin, Samuel 91, 92
Kuenerz, Afonso Euriko 92
Kuntze, Vanio Lester 140
Lago, Maria Clara Batalha Correa do 38, 39
Laiber, Carlos 130
Lalli, Joseph 92, 93
Lambert, R. Donald 93
Lamparelli, José Conde 134
Larrea, Marco 92
Laurentino, Maria Inês 139
Laurino, Marcelo 94
Lázár, Antal 94
Lazzari, Renato 104, 105
Leuenroth Junior, Luiz Carlos 84
Levisky, Adriana Blay 97
Lima, Onésimo Carvalho de 95
Lima, Rita de Cássia Fantini de 95
Lima, Marcondes Araújo 58
Lima, Zeuler R. M. A. 76
Lima e Costa, Vivian L. de Correia 95
Lin, Sophia Fang Chun 95
Litty, David 93
Lobo, Melânia Cartaxo Aderaldo 96
Lobo Filho, Walter Pinto 96
Lohof, S. 93
Lopes, Paulo Henrique Lacerda 99
Lopes, Sonia 76
Lopes, Vasco Miguel Andrade 132, 133
Loureiro, Alexandre Santos 96, 97
Macedo, Adilson Costa 97
Macedo, Alisson 98
Macedo, Danilo Matoso 99
Machado, Fernando dos S. Rocha 98
Maciel, Carlos Alberto 98, 99
Madeira, Fernando 99
Magalhães, José Francisco Xavier 99
Magalhães Junior, José 99
Magnabosco, Mauro 80, 140
Malicia, Antonio 37
Manente, Fábio 100
Mantovani, Simone 100, 145, 146
Marchi Junior, Wilson Klingelfus 79
Mareines, Ivo Pedro 100
Marillai, Árpád 154, 155
Marinho, Victor Noel Saldanha 101
Marinho, Patricia Saldanha 101
Marinho Filho, Luiz Saldanha 101
Marinoni, Alberto 39
Martinho, Araken 101
Martino, Arnaldo Antonio 102
Martins, Luciana Flores 102
Martins, Nádia Proserpio 69
Martins, Ronaldo Matos 102
Matavelli, Ralf 103
Matera, Sérgio 103
Mattos, Guilherme Penteado 104, 105
Mattos Júnior, Guilherme José de 103, 104
Medina, Antonio Carlos 58
Mello, Christina de Castro 105, 152
Melo, Mário Aloísio Barreto 105
Mendonça, Maurício 128
Menezes, Walter Arruda de 67
Menezes, Carlos Eduardo 106
Mesquita, Ignácio 106
Mestre, Marco Antônio Bengla 135
Meyer, Roberto E. 106, 107
Meyer, Ester 107
Mezerani, Nadir Curi 108
Milito, José Antônio de 135
Millan, Marta Del Nero 109, 121
Mills, George 109
Monti, Ricardo José 139
Mónus, János 109, 110
Moral, André 110
Morassi Júnior, Orlando 69
Moreira, Marta 45
Moretti, Maria de Lourdes 111
Morrow, Keith 93
Moure, Paola 58
Mout, Adriaan 65
Munhoz, Mauro Miguel 111
Mussolin, Flávia 103
Nagy, Sándor 110
Nakamura, Milton Sussumu 35
Negrini, Paulo Roberto Negreiros 112
Neiva, Lucinei Cardoso 112
Neves, Luiz 112
Niesen, Huub 41
Nogueira, Mauro Neves 113
Nosralla Junior, Pedro 114
Novelo, Jorge Carlos Zoreda 33
Nucci, Cláudia 123
Oga, Luci 114
Ogino, Aparecida 119
Ohtake, Ruy 114, 115
Olaszek, Edgar Victor 115, 116
Oliveira, Arnaldo Villares de 116
Oliveira, Camila 104, 105
Oliveira, Maria Eduarda P. de 105
Oliveira, Silvana Rodrigues de 48
Oliveira, Euclides 124
Oliveira Júnior, Francisco F. de 116
Oltmanns, Larry 117
Orsi, Eduardo Salata 117
Osorio, Carlos Mario Rodriguez 151
Paoliello, Guilherme 118, 150
Paranhos, Gilson 118
Parma, Tânia Regina 157
Pascotto, Paulo Oropallo 119
Paternostro, Roberto 119
Patijn, Wytze 119, 120
Patrinicola, Mauricio 124
Pecher, Gustavo 60
Pedrazzi, Luiz 120
Penna, Daniela Correa 95
Pereira, Luiz Antonio 121
Pereira, Miguel Alves 121
Pereira, Ricardo Ribeiro 130
Peres, Fernando Vianna 121
Perrone, Rafael Antonio Cunha 122
Pestana, Kátia Bonfim 94
Piccinini, Daniela 123
Pietraróia, Valério Marcos Nogueira 123
Pignataro, Patricia Motta Paes 124
Pileggi, Sérgio 124
Pina, Silvio Tadeu 124
Pinto, Luiz Felipe Teixeira 28, 125
Pires, Alessandra 125
Pirondi, Ciro 125, 126
Plata, Adriana Irais Lugo 76
Pontes, João Paulo Schein 84
Poppi, Ademar 28, 33
Porto, Sidonio Márcio Alves 126, 127
Presente, Veridiana Marino 124
Puljiz, Pero 65
Puntoni, Álvaro 126, 127
Ramos, Caco 140
Rappoport, Jorge Roberto 127
Reichert, Miriam 128
Reimholz, Péter 94
Reinach, Henrique 128
Reinert, Reginaldo 140
Reiss, Nicole 129
Renault, Solange Villanueva 86, 129, 149
Rende, Alessandro 130
Repsold, Olímpia 130
Repsold, Gregório 130
Restrepo, Mauricio Gaviria 138
Ribeiro, Patrícia Pimenta Azevedo 130
Riestra, Roberto Ancona 33
Risi Júnior, Affonso 131
Roca, Miguel Angel 131, 132
Rocco, Luiz Fernando 132, 133
Rocha, Edo 133
Rocha, Pedro Mendes da 134
Rodrigues, Ricardo B. Vasconcelos 135
Rodrigues, Sidney Meleiros 136
Romero, Nélia Rodrigues 96
Rosas, Alvaro Salas 32
Rossi, Gabriela Vaz 152
Rossi, Márcia de S. P. Alvarenga 35
Rubio, Daniel Ceres 139
Sá, Marcos Moraes de 113
Sabbagh, Zied Youssef 136, 137
Sabbagh, Tânia Souza 136, 137
Salama, Ana Lúcia 137
Salazar, Eduardo Basurto 150
Sales, Marta Maria La Greca de 137, 138
Salza, Pablo Ruggero 138
Santos, Antonio Fernando B. dos 52
Santos, Elza Cristina 130
Schaim, Célia Duarte 116
Schmitt, André Francisco Câmara 139
Schoedon, Wolfgang 159
Schooten, Jeroen W. van 106, 107
Secco, Valdir Humberto 139
Serapião, Fernando Castelo 140
Serrano, Marcio 79
Sganzerla, Norberto 140
Shinohara, Ronaldo 140
Silva, Eliana de Pinheiro 62
Silva, Joara Conemberg Ribeiro 158
Silva, Ubiratan J.A. 141
Silva, Antonio Fernando Pimenta da 121
Silva Neto, Napoleão Ferreira da 141
Silveira, Eduardo Pio da 30, 141
Simon, Fernando Garcia 142
Siqueira Filho, Felício Antonio 142
Soares, Francisco de Oliveira 111
Sophia, Paulo 142, 143
Souza, Carlos Leite de 143
Stefan, Musse 144
Suchodolski, Jaques 144, 145
Susuki, Marcelo 145
Szécsi, Zoltán 94
Szöke, Zsuzsa 110
Tabet, Cândida 100, 145, 146
Tanimoto, Ronald 146
Tibiriçá, José Eduardo de Castro 147
Tibiriçá, Myrian de Araújo 147
Toscano, João Walter 148
Toscano, Odiléa Helena Setti 148
Tozzi, Décio 148, 149
Upton, Patricia Baker 86, 129, 149
Vainer, André 118, 150
Valadares, Pablo Quintero 150
Válio, Walter Vilhena 99
Valle, Aldeline do 89
Vannucchi, Gianfranco 151
Varas, Leonor Caamaño 32
Vasino, Paolo 151
Vasquez, Luis Guillermo Hernandez 151
Vaz, Rita de Cássia Alves 105, 152
Vélez, Héctor Mejías 38
Velletri, Rosana Bocci 152
Venturoli, Marcelo 52
Verri Junior, Aníbal 152
Vianna, Kennedy P.C.R. 153
Vieira, Marcel Virmond 140
Vilariño, Maria do Carmo 76
Vilela, José Oswaldo 153
Vinograd, Roberto 153, 154
Viola, Assunta 154
Virág, Csaba 154, 155
Warchavchik, Carlos Eduardo 155, 156
Weinfeld, Isay 91, 156, 157
Werther, Ricardo 59
Yamato, Newton Massafumi 157
Yoshida, Rosana 111
Zambrana, Mirna 73
Zanetti, Valdir Zonta 157
Zanettini, Siegbert 158
Zarza, Tona 138
Zarza, Cesar Ruggero 138
Zelenovsky, Flávia 87
Zimbres, Marcos Sant'Anna 158
Zimbres, Paulo de Melo 158
Zolko, Gregório 159

Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura

ESCOLAS PREMIADAS

1° Prêmio

Department of Architecture,
Tampere University of Technology
Tampere, Finland

Professor:
Juhani Katainen

Equipe:
Jouni Kulmala

2° Prêmio

Facoltá di Architettura, Universitá di Palermo
Palermo, Italia

Professor:
Marcello Panzarella
Michele Sbacchi
Sabina Branciamore
Filippo Amara

Équipe:
Regina Bandiera
Dabide Branciamore
Manlio di Giorgio
Vincenzo di Michele
Monica Gentile
Rosa Lo Cascio
Manfredi Mencuso
Laura Rapisarda
Barbara Ricco

3° Prêmio

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Mackenzie
São Paulo, SP

Professor:
Guilherme Lemke Motta

Equipe:
Fernando Alonso Moysés
Marcio Novaes Coelho
Marcos Paulo Ribeiro
Mauro Dochi
Riccardo Buso
Silvio Sguizzardi

4° Prêmio

Curso de Arquitetura e Urbanismo da
Escola de Engenharia São Carlos - USP
São Carlos, SP

Professores:
Givaldo Medeiros
Sarah Feldman
Maria Angela Bortolucci
Fábio Lopes

Equipe:
Bráulio Romeiro
Elisânia Magalhães Alves
Juliana Maria de Souza Freitas
Reginaldo Lucas Pereira
Ronaldo Shigueru Noguchi
Tatiana Silva Bottari

5° Prêmio

Facultad de Arquitectura y Urbanismo,
Universidad Nacional de La Plata
La Plata, Argentina

Professor:
Pablo E. M. Szelagowski

Equipe:
Juliana Deschamps
Lautaro Aguerre
Fabio Estremera
Elisa Gomez
Julieta Moncalvillo
Fabricio Manfredi
Juan Saddemi
Elisa Deschamps

Menções Honrosas

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade
Anhembi-Morumbi (Campus Vila Olímpia)
São Paulo, SP

Professores:
Álvaro Puntoni
José Oswaldo Villela

Equipe:
Alessandra Guarino
César Sabato
Oriode Rossi
Paulo Noguer
Renato Costa
Ronaldo Mangabeira
Sandra Harada
José Carlos Francisco

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo
São Paulo, SP

Professor:
Edgar Gonçalves Dente

Equipe:
Apoena Amaral e Almeida
Beatriz Bezerra Tone
Cristiane Lea Cortilio
Eduardo Rocha Ferroni
Guilherme Moreira Petrela
Moracy Amaral e Almeida
Pablo Hereñú

Curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade do Grande ABC
São Caetano do Sul, SP

Professores:
Julio Cezar Bernardes Pinto
Silvia Helena Passarelli
Enio Moro Junior

Equipe:
Cintia Lacerda
Flavio Bissolotti
Juliana Grave
Juliana Lumini
Katia Plenas
Leonard Grava
Leandro Garcia

Escola de Arquitetura da Universidade
Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG

Professor:
Juliana Torres de Miranda

Equipe:
Anderson Torres
Fernando Andres
Guilherme Canabrava
Juliana Marques
Rafael Pinho
Ricardo Cordeiro

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Paulista - Alphaville
Santana de Parnaíba, SP

Professores:
Jorge Bassani
Lizete Maria Rubano

Equipe:
Alessandra Custódio
Anderson Rodrigues dos Santos
Andre Luis dos Santos
Andressa Donádio
Aroldo Rodrigues da Silva
Flávia Roberta Ventura
Marco Loschiavo Lucchesi
Oliver James Gorham
Ricardo Vargas Aranha Pereira
Rodrigo Antonio Soriano

Júri de Premiação

Alberto Varas (Argentina)
Francis Strauven (Bélgica)
Frank Svensson (Brasil)
Herman Hertzberger (Holanda)
José Magalhães Jr. (Brasil)
Tito Lívio Frascino (Brasil)

Escolas de Arquitetura do Exterior

Architecture Program, Temple University
Filadélfia, EUA

Professor:
J. Brooke Harrington

Equipe:
Adrienne Ayers
Scott Butikis
Tim Capalbo
Isabel Cho
John Descano
Yonatan Elazar
Terry Kennedy
Sonomi Kikuchi
Shaun Miller
Robynne Orr
Toamsz Pietka
Massimiliano Scarchilli
Steven Smith
Heather Williams

Department of Architecture, Cranbrook Academy of Art
Bloomfield Hills, EUA

Professor:
Peter Lynch
Lorella DiCintio
Jonsara Ruth

Equipe:
Intanton Chantip
Amy Deines
Jonathan Disbrow
Christine Dunn
Todd Grant
Hsiao-Tsuei Huang
Karen Lemmert
Sheng-Feng Lin
Shelley McAneeley
Scott Ritchie
Vincent Sansalone
Byong Hoon So
Gregory Vendena

Department of Architecture, Tampere University of Technology
Tampere, Finlândia

Professor:
Juhani Katainen

Equipe:
Jouni Kulmala

Department of Architecture, University of Port Elizabeth
Port Elizabeth, África do Sul

Prof.
J. D. Theron
Stephen Lear

Equipe:
Anre Bothma
François du Toit
Anja Carstens
Petronel Moolman

Dipartimento di Storia Dell'Architettura, Istituto Universitario di Architettura di Venezia
Veneza, Itália

Professor:
Eugenio Vassallo
Chiara Dematté
Laura Moro
Sergio Pratali Maffei
Marco Pretelli

Equipe:
Giovanni Auditore
Elena Azzolin
Antonio Bellio
Gianni Bellotto
Roberto Cesarin
Silvia Degan

División de Ciencias y Artes para el Diseño, Universidad Autonoma Metropolitana
Cidade do México, México

Professor:
José María Larios Pérez

Equipe:
Alfredo Gómez Hernández

Facoltá di Architettura, Universitá di Palermo
Palermo, Itália

Professor:
Marcello Panzarella
Michele Sbacchi
Sabina Branciamore
Filippo Amara

Equipe:
Regina Bandiera
Dabide Branciamore
Manlio di Giorgio
Vincenzo di Michele
Monica Gentile
Rosa Lo Cascio
Manfredi Mencuso
Laura Rapisarda
Barbara Ricco

Facultad de Arquitectura Urbanismo y Diseño, Universidad Nacional de Córdoba
Córdoba, Argentina

Professor:
Monica Bertolino

Equipe:
Carlos Yenerich

Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad Nacional de La Plata
La Plata, Argentina

Professor:
Pablo E.M. Szelagowski

Equipe:
Juliana Deschamps
Lautaro Aguerre
Fabio Estremera
Elisa Gomez
Julieta Moncalvillo
Fabricio Manfredi
Juan Saddemi
Elisa Deschamps

Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad Privada Santa Cruz de la Sierra – UPSA
Santa Cruz de La Sierra, Bolívia

Professor:
Roberto Montenegro
Virgilio Suarez Salas

Equipe:
Cesar Fernando Moron Encinas
Omar Menacho Nicolau

School of Architecture Interior and Industrial Design, Queensland University of Technology
Brisbane, Austrália

Professor:
Pedro Guedes
Paula Whitman

Equipe:
Andrea Carotti
Matthew Norbury

Escolas de Arquitetura do Brasil

Curso de Arquitetura da Universidade Bandeirante de São Paulo
São Bernardo do Campo, SP

Professores:
Ana Paula de Oliveira Lepori
Alvaro Guillermo
Nei Martins Oliveira

Equipe:
Cassia Calastri Nobre
Karina Castaldi Aguera
Margareth de Fátima Gimenez Biagi
Mario Cesar Paludetti
Nathalia Larsen
Shirlei Dias Alves

Curso de Arquitetura da Universidade Bandeirante de São Paulo
São Paulo, SP

Professores:
Antonio Gil Andrade
Paula Katakura
Cassia Mariano
Francisco Rosa

Equipe:
Carlos Guilherme Franco Augusto
Andrea de Lima

Curso de Arquitetura e Urbanismo Centro Universitário Moura Lacerda
Ribeirão Preto, SP

Professores:
Denise Xavier de Mendonça
Varlete Benevente

Equipe:
Roberta Barban Franceschi
Sabrina Silveira de Castro
Fabíola Gonçalves dos Reis
Marina Kfouri Hakak
Marcelo Tamassia
Max Paulo Giacheto Manhas
Cristiana Maria Petersen Grobe
Fabrício Freire Belentane

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia São Carlos - USP
São Carlos, SP

Professores:
Givaldo Medeiros
Sarah Feldman
Maria Angela Bortolucci
Fábio Lopes

Equipe:
Bráulio Romeiro
Elisânia Magalhães Alves
Juliana Maria de Souza Freitas
Reginaldo Lucas Pereira
Ronaldo Shigueru Noguchi
Tatiana Silva Bottari

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Anhembi-Morumbi (Câmpus Vila Olímpia)
São Paulo, SP

Professores:
Álvaro Puntoni
José Oswaldo Villela

Equipe:
Alessandra Guarino
César Sabato
Oriode Rossi
Paulo Noguer
Renato Costa
Ronaldo Mangabeira
Sandra Harada
José Carlos Francisco

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Belas Artes de São Paulo
São Paulo, SP

Professores:
Alberto Xavier
Celso Lomonte Minozzi

Equipe:
Gianpaolo Santoro Granato
Marcela Costa Amorim
Martin Ignacio Izarra
Nivaldo Godoy Jr.

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da FUMEC
Belo Horizonte, MG

Professores:
João Diniz
Vanessa Borges Brasileiro
Rocio Rouvver Rossi Peres
Luiz Helbert Pacheco de Lima
Maria Carmen Gomes Lopes

Equipe:
Christiane Assíria Namorato
Fernanda Queiróz Cardoso
Flávio Fabrino Negrão Azevedo
Frederico Bruno Soares
Gabriela Martins Ferreira
Mônica White Bersan
Raymundo Fraga Junior
Clara Gomes Lopes
Maria Tereza Clemente Teixeira
Elaine Leão Macedo
Maria Fernanda Silva de Oliveira
Luciano Xavier de Souza
Ricardo D'Agostini Carvalho

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Fundação Armando Álvares Penteado
São Paulo, SP

Professores:
Maria Mércia Barboza
Antônio Amilton Cáprio

Equipe:
Ana Luiza Audi de Almeida Prado
André Tavares Alface
Andrezza Medeiros Vieira da Silva
Flavia Delgado de Carvalho Magalhães Marques
Ivan Massaki Nishihata
Marcus Ricco La Motta
Paula Aulicino Andrade
Roberta Bertini Viégas

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba, PR

Professor:
José Marcos Novak

Equipe:
Daniel Luís Gonçalves
Giovanna Luise Barthel Ronconi
Günther Kaltmaier Junior
Ivana Moro
Maurício Magalhães Bampi

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Franca
Franca, SP

Professores:
Ana Paula Farah
Miriam Fernanda Lopes Barros
Francisco Ferraz Jr.

Equipe:
Adriana Cação
Fernando L. Vilarinho
Gustavo H.F.G. de Andrade
Henrique G. Ribeiro e Torres
Luciano Sanchez Vicente
Luís Alfredo de Paula Marques

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Mogi das Cruzes
Mogi das Cruzes, SP

Professores:
Roberto Dias Marin
Vanderlei Rossi

Equipe:
Matheus Sartori
Angelo Dutra
Luís Carlos Arellano
Rodrigo Belamino Souza
Gustavo Matinata Beber
Cesar Augusto Coelho de Oliveira

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Grande ABC
São Caetano do Sul, SP

Professores:
Julio Cezar Bernardes Pinto
Silvia Helena Passarelli
Enio Moro Junior

Equipe:
Cintia Lacerda
Flavio Bissolotti
Juliana Grave
Juliana Lumini
Katia Plenas
Leonard Grava
Leandro Garcia

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão
São Luiz, MA

Professores:
Bárbara Wasinski Prado
Sanadja de Medeiros Souza

Equipe:
Lucélia Pinto Pereira
Márcio Roberto Jansen
Edrissis Almeida Moreno
Edna Frazão Gomes

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará
Belém, PA

Professor:
Fábio Mello

Equipe:
Ernesto P. Serra Freire
Luciana Guimarães Teixeira
Milton M. Fujyoshi

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Ibirapuera
São Paulo, SP

Professores:
Lilian de Almeida dal Pian
Lizete Maria Rubano

Equipe:
Gustavo de Carvalho Garcia
Ionesmar José Arcanjo
Josefa Gonçalves dos Santos
Robson Costa Galo
Ubirajara Nonato

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paulista - Alphaville
Santana de Parnaíba, SP

Professores:
Jorge Bassani
Lizete Maria Rubano

Equipe:
Alessandra Custódio
Anderson Rodrigues dos Santos
Andre Luis dos Santos
Andressa Donádio
Aroldo Rodrigues da Silva
Flávia Roberta Ventura
Marco Loschiavo Lucchesi
Oliver James Gorham
Ricardo Vargas Aranha Pereira
Rodrigo Antonio Soriano

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paulista - Ribeirão Preto
Ribeirão Preto, SP

Professores:
Ozorio Calil Junior
Vera Lucia Blat Migliorini
Fátima Regina de Souza
Adriano de Alencar Sales
Carlos Stechhahn
Guillermo Alvaro Raul Lopez Silva

Equipe:
Marçal Farnoch

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paulista - Ribeirão Preto
Ribeirão Preto, SP

Professores:
Ozorio Calil Junior
Vera Lucia Blat Migliorini
Fátima Regina de Souza
Adriano de Alencar Sales
Carlos Stechhahn
Guillermo Alvaro Raul Lopez Silva

Equipe:
Marçal Farnoch

Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Estudos de Jaraguá do Sul
Jaraguá do Sul, SC

Professor:
Marcio da Costa Pereira

Equipe:
Altemar Sander de Souza
Fausto Leandro Göetten
Jean Carlos Cardozo
Marco Aurélio Benner
Rafael Adilson Murara

Curso de Arquitetura e Urbanismo UNINOVE - Centro Universitário Nove de Julho
São Paulo, SP

Professores:
Sérgio Torres Moraes
Eliana Jorge Quartim Barbosa
Lídia Spaziani
Sylvia Adriana Dobry

Equipe:
Andrea Souza
Edmilson Rudinei Martins Spinelli
Iuri Gomes Ortiz
Lucimeire Araújo de Souza

Curso de Arquitetura e Urbanismo Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Balneário Camboriú, SC

Professor:
Canísio José Beeck

Equipe:
Dimitry Igor Stedile
Lucas Ramos Socas
Marcelo Luchi Salum
André Gustavo do Carmo
Erlany S.S. Pimentel
Fabricio G.P. Vieira
Luiz Gustavo Maestri Reis
Mayckon Roberto Cunha
Rolf M. e Silva
Ricardo Rebelo
Rubens de Oliveira
Sandra V. Gominho
Sheila Sabrina Skonetzky
Tiago Matos

Curso de Arquitetura e Urbanismo Universidade Gama Filho
Rio de Janeiro, RJ

Professor:
Cristina Malafaia Stramandinoli

Equipe:
Tanya Argentina Cano Collado
Márcio Menezes Lopes
Paulo Jorge Sammartino
Marcelo José Ferreira Gonçalves
Lenine Lincol Duavy
Fabio Justo Sant'anna
Paulo Ernani Vargas de Araujo
Giselle Neves T. Gonçalves
Josane Alves dos Santos
Bruna Corty dos Santos
Joice Barbosa Araújo
Cinthia Brandão Lisboa
Neyla de Medeiros Segovia
Dayse da Cunha Werneck
Helimário Massaroni de Aquino
Claudia Aline Rodriguez
Vieira Mesquita
Tiago César
Isabel Milagros Ochoa Delgado
Felippe de Castro Muniz
Fernanda Helena Nunes Cardoso
Marcos Henrique Fernandes
Idelfonso Duarte Pinto
Gerardo Manuel Aguilera Ponce

Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG

Professores
Ana Cristina Reis Faria
Antônio Carlos Dutra Grillo
Cláudio Listher Marques Bahia
Denise Morato Nascimento
Fernando Hermany Peixoto Costa
Manoel Teixeira Azevedo Júnior
Roberto Eustáquio dos Santos
Vanessa Borges Brasileiro

Equipe:
Alessandro Giraldi Costa Medeiros
Alexandre Lorentz de Souza
Arthur Nasciutti Prudente
Carolina Sirimarco Moreira Guedes
Emiliano Rodrigues Novais
Fernanda Reginaldo Jacques Gonçalves
Flávio de Lima Souza
Isabela Nogueira Soares da Cunha
Leandro Farnetano Rocha
Paola Moura Corteletti
Ramilson Noronha Santiago
Tatiana Gruberger
Thaís Marques de Oliveira
Victoria Seidler K. Gontijo Teixeira

Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, SC

Professores:
Enrique Hugo Brena
Miguel Angel Pousadela

Equipe:
Cássia Ricardo
Cristina Schroeder Coelho
Hermes Rodrigo da Silva
Jeferson Eduardo Suckow
Maria Isabel Patrício da Silva
Marino Pelegrini Neto
Murilo Marcos do Valle Ribeiro

Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas
Maceió, AL

Professores:
Geraldo Majela Gaudêncio Faria
Rubem Montenegro Loureiro
Nadine Coelho Loureiro
Josemary O. Passos Ferrare
Flávio Miranda de Souza
Veronica Robalinho Cavalcanti

Equipe:
Adriano de Oliveira Peixoto
Antoval Avelino Santos
Douglas Fernando dos Santos
Fabiano David de Oliveira Jota
Sandro Gama de Araújo

Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG

Professor:
Juliana Torres de Miranda

Equipe:
Anderson Torres
Fernando Andres
Guilherme Canabrava
Juliana Marques
Rafael Pinho
Ricardo Cordeiro

Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense
Niterói, RJ

Professores:
Rui Velloso
Maurício Monteiro Campbell

Equipe:
Affonso Savignon
Carlos Eduardo Vasconcellos
Fabrício Pinheiro
Raphael Cabral

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista
Bauru, SP

Professor:
Paulo Roberto Masseran

Equipe:
Alessandra Ennes do Valle Cantieri
André dos Santos Ribeiro
Fabrício Mesquita Aro
Hidalgo Romero Lopes
Júlio Ricardo Miquelin de Souza
Luísa Gomes Pinto de Sousa
Marcela Dias de Camargo
Rubens Tadamiti Saito

Faculdade de Arquitetura da Universidade Paulista - Campinas
Campinas, SP

Professores:
Leandro Medrano
Alexandre Luiz Rocha
Ana Maria R. de Góes Monteiro
Janir Simiema
Marcelo Antoniazzi
Selma dos Santos Sevá

Equipe:
Alipio Carlos de Oliveira Junior
Elias Campos Alves da Silva
Fernando Nogueira Cunha
Igor Ernits Kalju
Patricia Ceroni Scarabelli

Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia
Salvador, BA

Professores:
Esterzilda Berenstein de Azevedo
Firmo Azevedo

Equipe:
Ana Veronica Cook Pernades
Diana Fialho de Queiroz
Flávia Foguel
Mila Azevedo
Rosana Cunha de Sena

Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS

Professor:
Rufino Becker

Equipe:
Sonia Ogawa
Rodrigo Bandeira Rosinha
Fernanda Jung Drebes
Emerson da Silva Teixeira
Cícero Alvarez

Faculdade de Arquitetura da Universidade Santa Cecília
Santos, SP

Professores:
Otaviano Tonato Leite
Luiz Antonio de Paula Nunes
Fabio Desiati

Equipe:
Ivan Takeshi Mori
Paulo Roberto dos Santos Barbosa
Yuka Kussano Silva Araujo
Katia Mieko Kamogawa
Luciane Maria Linhares

Faculdade de Arquitetura da Universidade São Marcos
São Paulo, SP

Professores:
Paula Katakuza
Oreste Bortolli
Miriam Escobar

Equipe:
Cássia Antunes Silva
Daniela Nogueira Secondo
Fabio de Souza Silva
Fernanda Agostinho
Juliana Grilli

Faculdade de Arquitetura do Centro de Estudos Superiores
Londrina, PR

Professores:
Roberto Ramos Vilela
Artur Renato Ortega
Eduardo Hideo Suzuki
Kátia Cristina Lopes de Paula Ortega
Nelson Schietti de Giácomo
Roberto Ramos Vilela
Temístocles Paraná Spartalis
Wagner Donadio de Souza

Equipe:
Agnaldo Venício Cavalini
Alessandro Souza Cavalcanti
Ana Paula Alonso
Ricardo Luna Makhoul
Virgínia Namie Ochiai

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, SP

Professores:
Luís Fernando
Campanella Rocha
Luís Espallargas Gimenez

Equipe:
Cauê Bueno

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie
São Paulo, SP

Professor:
Guilherme Lemke Motta

Equipe:
Fernando Alonso Moysés
Marcio Novaes Coelho
Marcos Paulo Ribeiro
Mauro Dochi
Riccardo Buso
Silvio Sguizzardi

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Poços de Caldas, MG

Professores:
Adriane de Almeida Matthes
Rosana Soares Bertocco Parisi
César Augusto Elias
Elaine Ignácio
Esthér Aparecida Cervini
Maria do Céu Diel

Equipe:
Giovanni Archanjo
João Marcelo Danza Gandini
Reinaldo de Paula Gomide
Eduardo Maniassi S. Mattos

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas
Mogi das Cruzes, SP

Professores:
João Francisco Chavedar
Décio Amadio
Mauricio Ribeiro

Equipe:
Gisela Pedroso
Marcelo Luiz Blanco
Rafael Magalhães Nunes
Renê Pereira Dantas
Tiago Silva e Santos

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos
Santos, SP

Professor:
Gino Caldatto Barbosa

Equipe:
Adriel Fernandes Passos Neto
Luciana Muniz
Paula Rodrigues de Andrade
Raphael Antunes Vaz
Renata Feitoza Nascimento
Sonia Fernandes Borges dos Santos
Thiago Antonio Silva

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília
Brasília, DF

Professor:
Nonato Veloso

Equipe:
Camile Andrade de Oliveira
Dieter Hans Matuschke
Livol Jun Tegoshi

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
São Paulo, SP

Professor:
Edgar Gonçalves Dente

Equipe:
Apoena Amaral e Almeida
Beatriz Bezerra Tone
Cristiane Lea Cortilio
Eduardo Rocha Ferroni
Guilherme Moreira Petrela
Moracy Amaral e Almeida
Pablo Hereñú

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná
Curitiba, PR

Professores:
Humberto Mezzadri
Marcelo Renaux Willer
Moacyr Aristeu Molinari Neto

Equipe:
Athely Pinto Guedes
Camila Muzzillo
Caroline Stockler
Cláudio Soares
Fábio Schmith Velloso
Fábio Allon Santos
Helder Koiti Makishi
Jorge Elmor Neto
Yossif Tayjen

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ

Professor:
Luiz Carlos de Andrade Flórido

Equipe:
André Luiz Oliveira Pinto
Carla Vasconcellos de Mattos
Cristiane Moutinho Coelho
Luciana Mattos dos Anjos
Patrícia Nabuco Fernandes
Patrick Wiemer
Elise Drummond

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Metodista de Piracicaba
Santa Bárbara d'Oeste, SP

Professores:
Octávio Lacombe
Mário Braga
Natanael Jardim
Carlos Verna
Maxim Bucaretchi

Equipe:
Cristina Chan
Francine Belo Ishizu
Kelita Miara Padovese
Luiz Henrique Whitehead
Vanda Maria Quecini

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Ritter dos Reis
Porto Alegre, RS

Professores:
Flávio Kiefer
Felipe Helfer
Helena Karpouzas
Julio Celso Vargas
Tiago Holzmann da Silva

Equipe:
Alexandre Bento
Denis Hickel
Karina Tonet
Leonardo Hortêncio
Luciana Fonseca
Luciano Ribeiro
Maurício Rosa
Rafaela Ritter dos Santos

Faculdade de Engenharia Arquitetura e Urbanismo Universidade do Vale do Paraíba
São José dos Campos, SP

Professores:
Maria de Lourdes Neves Kurkdjian
Carla M. Furuno
Victor Pio Natal Pini

Equipe:
Ernesto Paulo C. Valent
Jacqueline E. Rames
José Alexandre dos Santos

Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade de Marília
Marília, SP

Professor:
Renato Leão Rego

Equipe:
Antonio Rogério Guimarães Grespan
Mathieu Décaillet
Rosinei Henrique Bolonhezi

Premiações e Concursos da Sociedade Central de Arquitetos

Argentina

Concursos organizados pela Sociedade Central dos Arquitetos Argentina 1998 -1999

Concurso Nacional de Anteprojetos - 1999
Conexão de Pedestres da Área Cultural Recoleta

Cliente: Governo da Cidade de Buenos Aires

Assessores: Rolando Schere e Jorge Iribarne

Jurados: Enrique Garcia Espil, José Antonio Viñuales, Odilia E. Suárez, Roberto Frangella, Mario Linder e Luis Cossalter

1° Prêmio:
Pablo Rozenwasser, Daniel Silberfaden e Gerardo Cabarello

2° Prêmio:
Sara R. Gramática, Juan Carlos Guerrero, Jorge L. Morini, Jorge G. Pisani, Eduardo Urtubey, Ian Dutari e Sergio Manes

3° Prêmio:
Fernando Aftalión, Alejandro Vázquez Mansilla

1ª Menção:
Patricia M. Angel, Eduardo Feijóo, Maria Gabriela Franzetti, Viviana Miglioli, Oscar Padrevecchi e Liliana Tramasso

2ª Menção:
Flora Manteola, Javier Sánchez Gomez, Josefa Santos, Justo J. Solsona e Carlos A. Sallabery, Arq. Associados, Julian Berdichevsky e Joaquin Sanchez Gomez.

Concurso Nacional de Anteprojetos - 1999
Centro Cívico Beiró

Cliente:
Governo da Cidade de Buenos Aires

Assessores:
Francisco Prati e Mederico J. Faivre

Jurados:
Andrés Borthagaray, Roberto Frangella, Jorge Iribarne, Julio Keselman, Mario Linder e José Orol

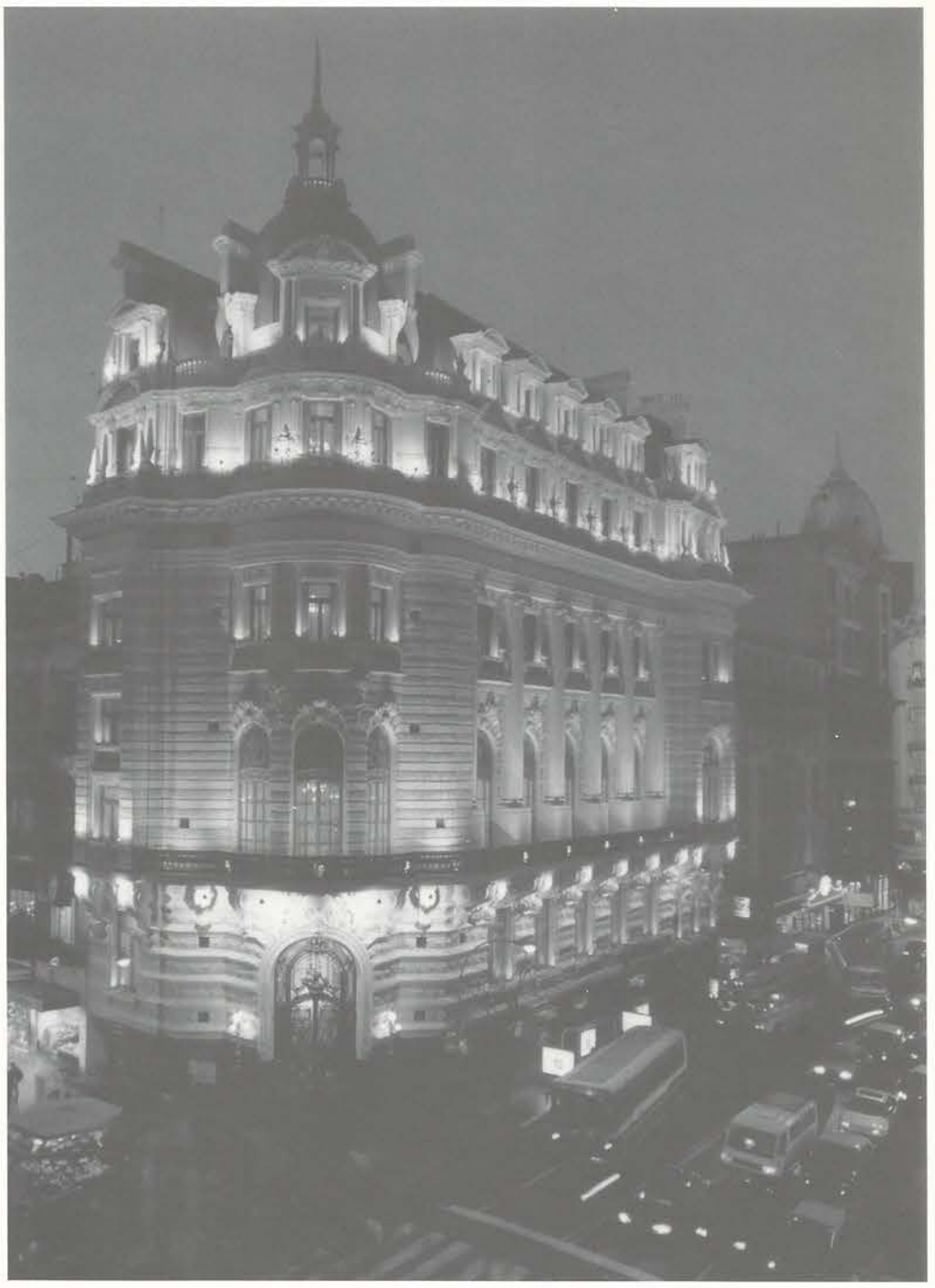
1° Prêmio:
Pablo Damián Alvarez, Maria Celeste Fisch, Débora Marcela Kiss e Hernán Arredondo

2° Prêmio:
Maite Irigaray, Martín Forcinito e Mario Migliori

3° Prêmio:
Guillermo Lesch, Fabián Maci, Patricio Cuello e Juan Pablo Porta

1ª Menção:
Jorge Vahedzian

2ª Menção:
Bernardo Roselló



Concurso Prêmio Bienal de Arquitetura CPAU – SCA
1° Prêmio Restauração A2 – Centro Naval / Sede Central: Day/ Scagliotti/ Demarchi

Concurso Prêmio Bienal de Arquitetura CPAU – SCA
1° Prêmio Reciclagem B2: Banco de Boston: Hampton/ Rivoira

Concurso Internacional de Anteprojetos - 1999
Praça Embaixada do Estado de Israel

Cliente: Proyeto Hatikva

Assessores:
Juan Carlos Fervenza e Aída Daitch

Jurados:
Jaime Kopec, Marcelo Sielecki e Sergio Miller e
Arqs. Julio Keselman, Alberto Varas, Carmen Córdova
e Armando Torio

1° Prêmio:
Gonzalo Navarro

2° Prêmio:
Pablo Rozenwasser, Daniel Siberfaden e Gerardo
Cabarello

3° Prêmio:
Ernesto Lacalle

1ª Menção:
Fernando Francisco Mera

2ª Menção:
Juan Ingacio Munuce, Daniel Soria e Soledad Loyola

Menção Honrosa:
Alejandro Stöbert, Manuel Martí e Fernando Molina

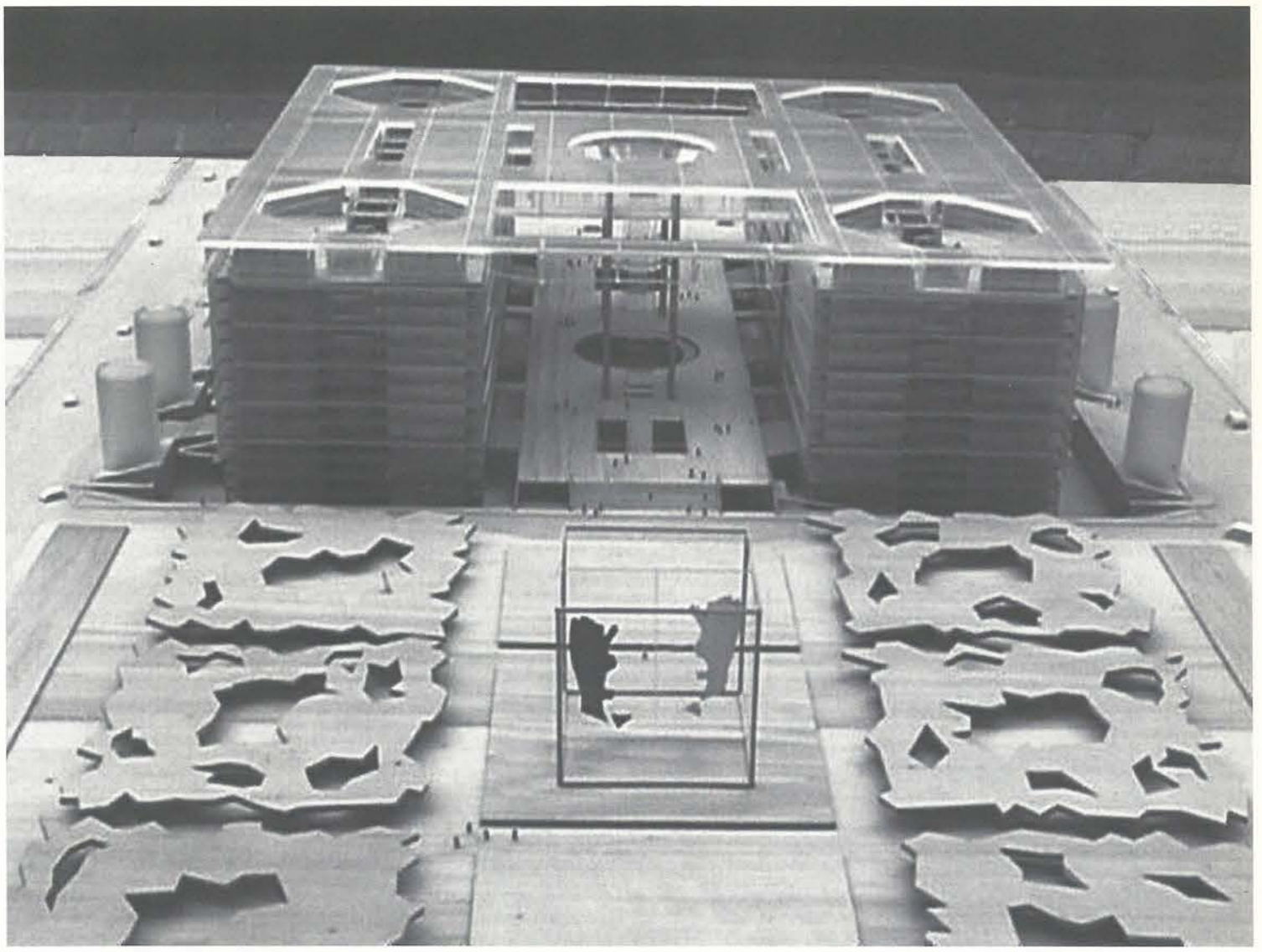
Prêmio Nacional da Melhor Intervenção em Obras
que envolvem o Patrimônio Edificado - 1998

Sociedade Central de Arquitetos e Centro
Internacional para a Conservação do Patrimônio,
Argentina

Jurados:
María N. Arias Incollá, Jorge Bozzano, Roberto
Frangella, Julio Keselman, Rolando Shere e Gaciela
Vinuales

Prêmio Bienal:
Benadon / Berdichevsky / Cherny

Menções:
Vila/Sebastian/Vila
Armendares/ Ferreiro/ Rey
Aslan Ezcurra & Assoc.
Estudio Hampton-Rivoira/ Arq. D. Cabeza



Concurso Nacional de Anteprojetos Cidade Judicial
1° Prêmio: Guillermo Dergarabedian, Roberto Frangella, Valeria del Puerto, Guillermo Parodi, Horacio Sardin, Andrés Ferrari e Roque Frangella

Concurso Prêmio Bienal de Arquitetura CPAU – SCA
1° Prêmio Reciclagem B1: Martucci/ Oneto

Concurso Nacional de Anteprojetos Cidade Judicial - 1998

Cliente:
Ministério da Justiça da Nação

Assessores:
Maria Berener Arenaza Quiroga e Juan Manuel Llauró

Jurados:
Drs. Raúl Madueño, Bindo Benito Caviglione Fraga e Gustavo Adolfo Naveira e Arqs. Carlos Berdichevsky, Manuel Baudizzone e Rodolfo Luis Sardi

1° Prêmio:
Guillermo Dergarabedian, Roberto Frangella, Valeria del Puerto, Guillermo Parodi, Horacio Sardin, Andrés Ferrari e Roque Frangella

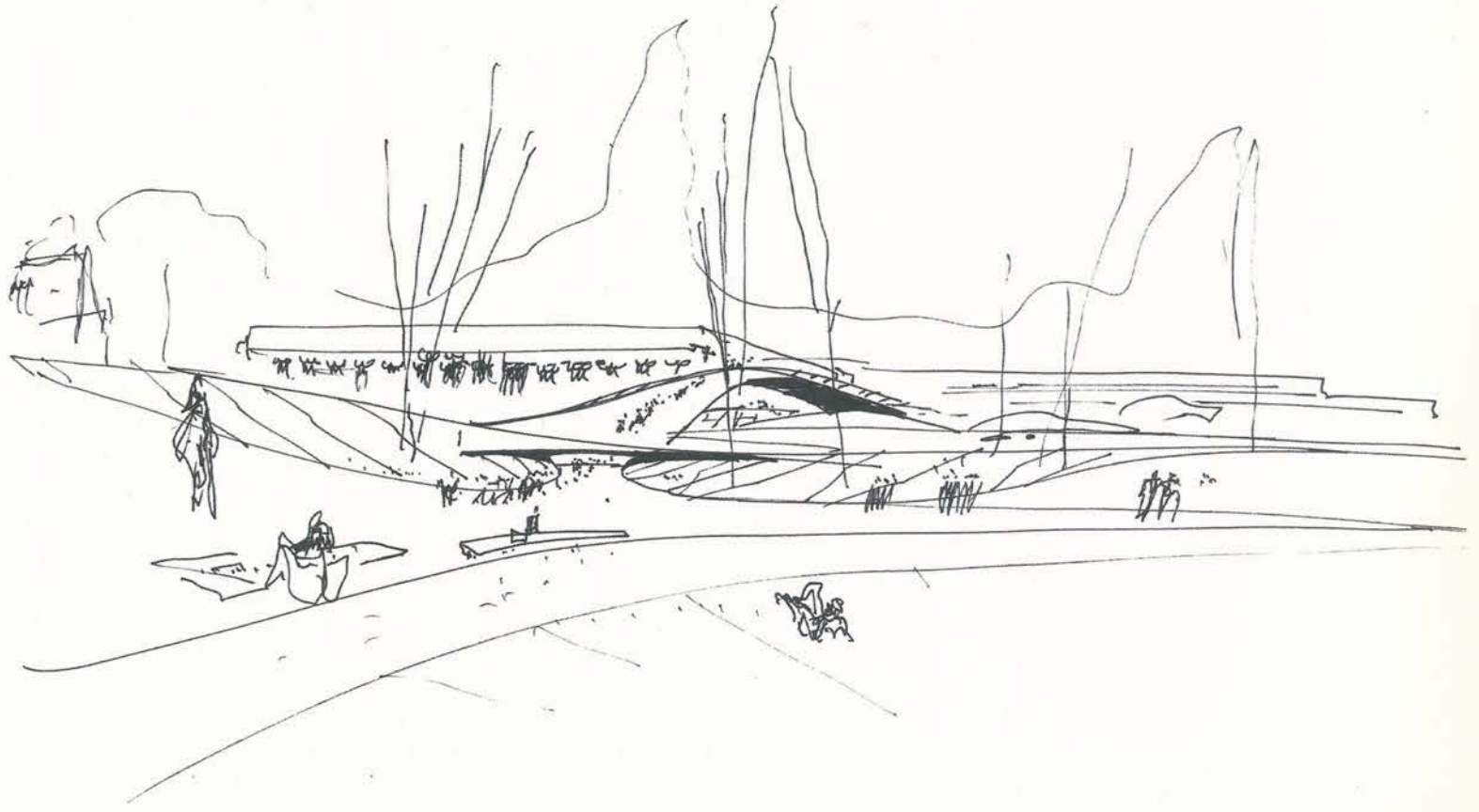
2° Prêmio:
Patricia M. Angel, Eduardo Feijóo, Maria Gabriela Franzetti, Viviana Miglioli, Oscar Padrevecchi e Liliana Tramasso

3° Prêmio:
Alfredo Garay, Patrício Lutteral, Jorge Moscato e Rolando Schere

Menção:
Gabriel Aldabe, Ezequiel Alvarez, Gustavo Banchero, Ricardo Grosso, Ellen Hendi e Daniel Miranda

Centro Cívico Beiró
1° Prêmio: Pablo Damián Alvarez, Maria Celeste Fisch, Débora Marcela Kiss e Hernán Arredondo

Conexão de Pedestres da Área Cultural Recoleta
1° Prêmio: Pablo Rozenwasser, Daniel Silberfaden e Gerardo Cabarello



Concurso Prêmio Bienal de Arquitetura CPAU – SCA – 1998

Sociedade Central de Arquitetos e o Conselho Profissional de Arquitetura e Urbanismo

Assessor:
Adolfo Zani

Jurados:
José Ignacio Miguens, Julio Keselman, Gregorio de Laferrère, Juan Carlos Fervenza, Javier Sánchez, Antonio Antonini, José Antonio Urgell e Juan Molina e Vedia

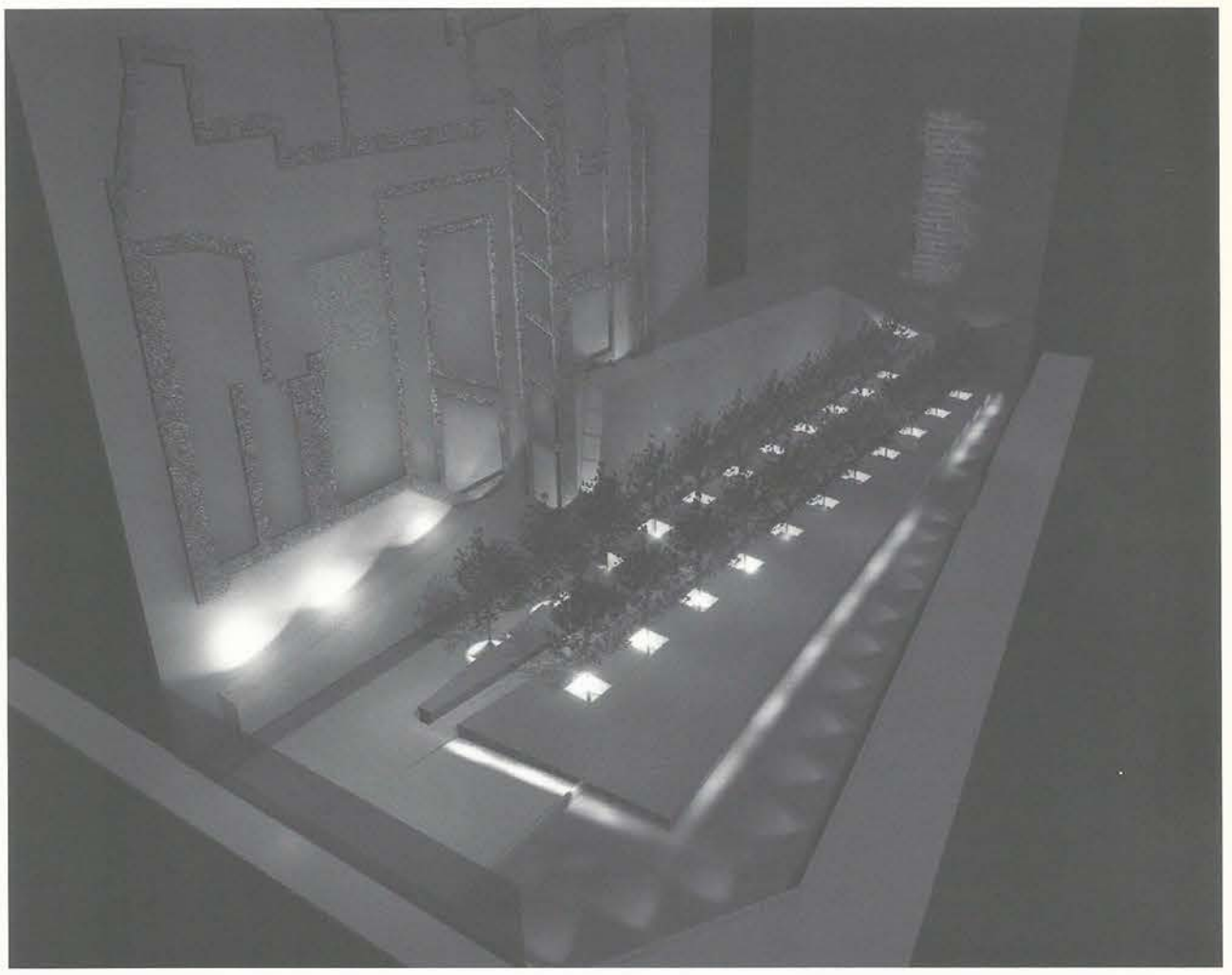
Prêmio Restauração A2:
Day/ Scagliotti/ Demarchi

Prêmio Reciclagem B1:
Martucci/ Oneto

Menção Reciclagem B1:
Saggese/ Liberotti

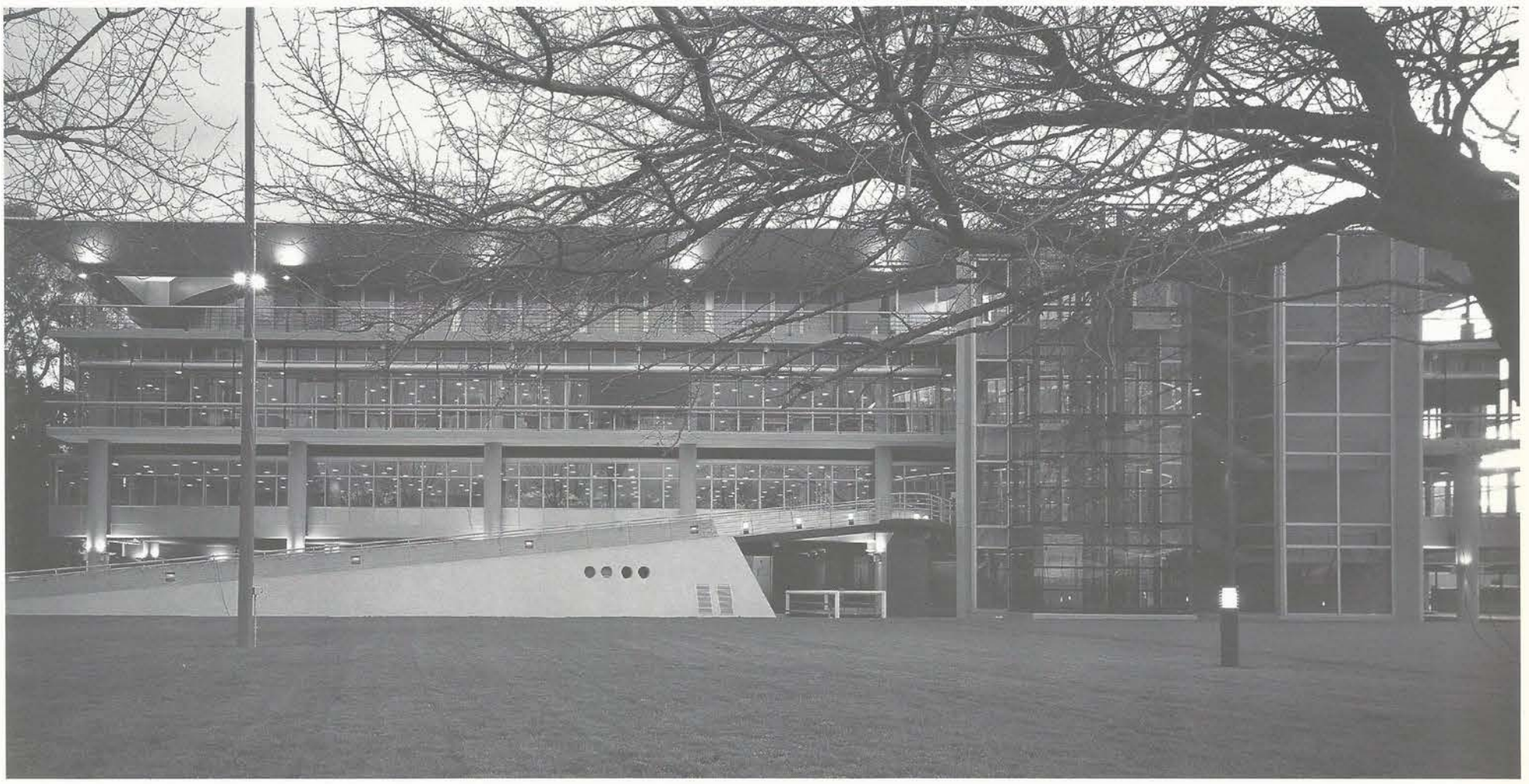
Prêmio Reciclagem B2:
Hampton/ Rivoira

Menções Reciclagem B2:
López/ Leyt/ López/ Yablon/ Rezzoagli
Christin/ Landi
Y. Pedrini/ J. Sabato



Praça Embaixada do Estado de Israel
1° Prêmio: Gonzalo Navarro

Melhor Intervenção em Obras que envolvem o Patrimônio Edificado
Prêmio Bienal: Benadon / Berdichevsky / Cherny



Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil

Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/BA

Premiação Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/BA - 1997

• Categoria Edificações - Projeto

Prêmio:
Faculdade ODEBRECHT - Fundação Emílio Odebrecht
Arq. Fernando Frank

Menção Honrosa:
Instituto Internacional da Montanha Kathmande - Nepal
Arq. Lucinei Caroso Neiva e Arq. Emmanuel Blamont Jader Tavares

• Categoria: Edificações - Obra

Prêmio:
Caesar Tower
Arq. Ricardo D'Albuquerque Arquitetos Associados
Diogenes Rebouças

• Categoria Edificações - Projeto e Obra

Menção Honrosa:
Hotel Catharina Paraguaçu
Arq. Arilda Cardoso Sousa

• Categoria Arquitetura de Interiores - Obras

Prêmio:
Hotel Catharina Paraguaçu - Salão Café
Arq. Arilda Cardoso Sousa

• Categoria Urbanismo - Projeto de Implantação

Prêmio:
Condomínio Mata Maroto
Arq. Arilda Cardoso Sousa

• Categoria Paisagismo

Prêmio:
Hotel Catharina Paraguaçu
Arq. Arilda Cardoso Sousa

• Categoria Trabalhos Multidisciplinares

Menção Honrosa:
Filme Multimídia
Arq. Márcio Neves

Premiação Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/BA - 1998

• Categoria Edificações Residenciais

Prêmio:
Residência de Veraneio
Arq. Carl Von Hausenschild

Menção Honrosa:
Residência
Arq. Miguel Wanderley

• Categoria Arquitetura de Interiores

Menção Honrosa:
Apartamento de Cobertura
Arq. Marta Valença

• Categoria Edificações Comerciais

Prêmio:
Postos na Paralela
Arq. Miguel Wanderley

• Categoria Edificações Institucionais

Prêmio:
Casa da Cultura
Arq. Paulo Ormindo de Azevedo

• Categoria Urbanização

Prêmio:
Praça Bahia Sol
Arq. Daniel Colina

Menção Honrosa:
Comunidade
Equipe URBIS

Concurso Urbanização de Favelas - SRHSH (COHAB - URBIS) - 1997

Área: Ulisses Guimarães
Tânia Maria Scofield Almeida Guimarães

Área: Baixa do Saboeiro
Arq. Floriano Freaza Amoedo

Área: Baixa do Soronha
Arq. Carlos Aurélio Miranda

Área: Alto da Bela Vista
Arq. José Guedes Falcão

Área: Baixa do Caranguejo
Arq. Nargirley Kessin Sales

Concurso de Arquitetura do Subúrbio Ferroviário de Salvador - 1999

Área 1 - Plataforma
1° lugar:
Arq. André Luiz Ferreira Lissonger

Área 3 - Orla Praia Grande / Periperi
Menção Honrosa:
Arq. Joaquim Gonçalves

Área 4 - Vale do Paraguari
1° lugar:
Arq. Eduardo Eugênio M. Coutinho

Área 5 - Núcleo de Paripe
2° lugar
Arq. Renilde Quadros Tonhá

Macroárea 1: Paripe / São Tomé de Paripe / Tubarão
1° lugar
Arq. Salvador Lucas Mello Rego

Macroárea 2: Periperi / Vale do Paraguari / Praia Grande / Nova Constituinte
1° lugar:
Arq. Tania M. Scofield Souza Almeida Guimarães
2° lugar:
Arq. Floriano Freaza Amoedo

Macroárea 4: Valéria / Pirajá
1° lugar:
Arq. Maurício Ribeiro de Almeida

Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/CE

Concurso Público de Anteprojeto de Arquitetura e Urbanismo da 1° Etapa do Projeto Fortaleza Atlântica 2000 (1999)

Vencedor:
Nasser Hissa Associados Ltda.
José Nasser Hissa (Arquitetura)
Francisco Nasser Hissa (Arquitetura)
Marcia Cavalcante Hissa (Arquitetura)
Antonio Carlos Campelo Costa (Arquitetura)
Romeu Duarte Júnior (Arquitetura)
Francisco Airton Correia Barbosa (Arquitetura)
Sérgio Sandler (Arquitetura)

Consultores:
Marcelo Correia Alcântara Silveira (Engenheiro Civil/Estrutural)
João Carlos Coelho Vitoriano (Instalações e Lighting Design)
Tadeu Dote Sá (Geologia / Meio Ambiente)
Maria Elizabeth Pinheiro Moreira (Engenharia de Transportes)
Assuero Ferreira (Estatística / Economia)
Sérgio Eiger (Engenharia Costeira)
Valdenir Veroneze Furtado (Geologia Marinha)
Jenner Cabral Borges (Maquete Eletrônica)
Angela Barros Leal (Textos de Apresentação)

Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/DF

Concurso Público de Estudos Preliminares de Arquitetura para a Terceira Ponte do Lago Sul, em Brasília - 1998

1° Prêmio:
Eng. Mario Jaime R. Vila Verde
Arq. Alexandre Chan
Eng. Piotr Porto Carrero Slawinski
Eng. Filemon Botto de Barros

2° Prêmio:
Arq. Francisco Luiz Muniz Deusdará
Eng. Hugo Alcântara Mota
Eng. Joaquim Eduardo Mota
Arq. Francisco Expedito M. Deusdará
Arq. Maria Daniela R. de Alcântara
Arq. Eliane Elizabeth Sivinski Petry
Arq. Nadja Nogueira de Almeida
Arq. João Luiz de Lima Neto

3° Prêmio
Arq. RR Roberto
Eng. Francisco Oliveira Filho
Arq. Pedro Roberto da Silva Neto
Arq. Laila Mackenzie

Concurso Público de Anteprojeto de Arquitetura para um Edifício Patrimonial do CONFEA, em Brasília - 1999

1° Lugar:
Autores: José Eduardo Gomes Guimarães e Manoel Balbino Carvalho Neto
Arq. Rafaela de Castro Alves

2° Lugar:
Arq. Pedro Paulo de Melo Saraiva
Arq. Fernando de Magalhães Mendonça
Arq. Ricardo Kinai
Arq. Noemi Yassue Kayo
Arq. Claudio Thomas Reüss
Arq. Paisagista: Vera Ilce Monteiro da Silva Cruz
Estudante: Gustavo Martins Cedroni

3° Lugar
Arq.Vital Maria Tavares Pessoa de Melo
Arq. Flavia Myriam Pessoa de Melo
Arq. Ricardo Jorge Pessoa de Melo

4° Lugar
Arq. Cesar Dorfman
Arq. Andreoni Prudencio
Arq. Carlos André Fraga
Arq. Rodrigo Barbieri
Arq. Antonio Cesar Silveira da Silva
Arq. Rômulo Plentz Girault
Estudante Hilton Fagundes
Estudante Beatriz Machado
Estudante Carla Mendes

5° Lugar
Arq. Helio Cavalcanti da Costa Lima
Eng. José Guilherme de Almeida

6° Lugar
Arq. Rogério Batagliesi
Arq. Antonio João Malicia Filho
Arq. Cleuza Borges Cardoso da Silva
Arq. Marco Fabio Bruno Morbin
Arq. Michael Klug
Arq. Mônica Leonor Rehder Andrade
Eng. Paulo Bacchin
Projetista Francisco Pedro Guerreiro

Premiados na II Bienal de Arquitetura de Brasília - 1998

Edificações acima de 750 m² - Projeto
Autotrac - Campus UnB - Brasília - DF
Claudio José Pinheiro Villar de Queiroz
Marcilio Mendes Ferreira
Paulo Castilho

Edificações até 750 m² - Obra Construída
Residência Alves - Brasília - DF
Gilson José Paranhos de Paula e Silva

Edificações até 750 m² - Projeto
Residência J. Bisol - Brasília - DF
Paulo Henrique Paranhos

Edificações acima de 750 m² - Projeto
Plano de Massa do Aeroporto de Congonhas, São Paulo/SP
Sergio Roberto Parada

Edificações acima de 750 m² - Obra Construída
Edifício Seguridade - Sistel - Brasília
Sérgio Teperman

Prêmio João Filgueiras Lima (Lelé) de Tecnologia Aplicada à Arquitetura
Terminal de Passageiros do Aeroporto Internacional de Brasília
Centro de Negócios e Cultura do Aeroporto Internacional de Brasília
Plano de Massa do Aeroporto de Congonhas, São Paulo/SP
Terminal de Passageiros do Aeroporto Internacional de Belém
Aeroporto Internacional Salgado Filho, Porto Alegre/RS
Arquiteto: Sérgio Roberto Parada

Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/PA

Concurso Nacional Ver-O-Peso (1998)

Vencedor:
Projeto Ver-O-Peso
Coordenação: Flávio Ferreira

Arquitetura e Urbanismo:
Flávio Ferreira
Pedro Rivera
Rodrigo Azevedo
Washington Fajardo

Restauração:
Cândido Campos
Jorge Astorga

Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/PE

Sede CREMEPE - 1997

1° Lugar:
Arquiteto Luiz Rangel

Tribunal de Justiça -1997

1° Lugar:
Arquiteto Paulo Raposo

Praça da Independência - 1998

1° Lugar:
Arquitetos Vera Pires, Roberto Ghione

Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/RJ

Projeto Rio Orla (1990)
Arquiteto Alberto Rozenwajn Sussman; Arquiteto Rogério Souza Gomes; Arquiteto Miguel Ciavarella; Engenheiro Sergio Moreira Dias
Colaboradores: Sergio Augusto Peixoto e Claudia Mª De Val; Cristiana Dias Pereira; Rosilene Silva Derusi; Luzimar Goes Telles Filho
Consultores: Alberto da S. Telles; Engenheiro Mario Vilaverde, Engenheiro Filonon Botto de Barros, Engenheiro Piotr Slawinski; Programação Visual Lúcia Lopes Menghini; Desenho Industrial D2 Design & Projetos e Rogério Souza Gomes; Leandro Costa, Ana Paula Porto de Melo e Renato Gama Costa; Orçamentista Jorge Figueiredo e Marcelo Rocha
Ilustrações José Luis Benicio, Guta Artefina Ltda. & Walter Zollinger; Fotografias Paulo Romeu Bissoli

Projeto Rio Cidade 2 - Bonsucesso (1993)
Queiroz Rego Arquitetura & Urbanismo
Andrea Queiroz Rego - M.Sc. Arquiteta Urbanista Responsável
Virgínia Vasconcellos - M.Sc. Urbanista Paisagista
Mauro Senna - M.Sc. Arquiteto
Christina Barcellos - Designer
Edson Dalto - Engenheiro de Tráfego
Ana Elisa Steuer - Engenheira de Meio Ambiente
Milcir Santos - Biólogo
Execução:
OAS Engenharia

Projeto Rio Cidade 2 - Área Praça Seca (1997)
Arquiteto Responsável: Adir Ben Kauss
Urbanista: Sydnei Dias Menezes
Arquitetura: Luiz Alberto da Cunha Cruz Silva
Desenho Industrial: Rafael Rodrigues
Consultores: Engenharia de Tráfego Willian Alberto de Aquino Pereira; Paisagismo Wladimir Bartalani; Área Social Sonia Maria Gomes de Carvalho; Engenharia Infra-Estrutura Eduardo Lemos Bastos

Projeto Rio Cidade 2 - Área Santa Cruz (1997)
Arquiteto Responsável Fernanda Sallea Amar;
Arquiteto Carlos José Ferreira Lima; Arquiteto José Antonio Xavier Andrade; Arquiteta Leila Moreira Voloch; Arquiteta Vera Lúcia Matos Mendes Alves; Engenheiro Guilherme de Gusmão de Mello; Engenheiro de Trafego Cimar dos Santos Garcia; Arquiteto e Urbanista Sylvio Proença Nunes; Assistente Social Enilda Oliveira do Amaral; Paisagismo Landscape Ltda., Designer Gabriel Fumanal Martinez; Engenheiro Arnaldo Amar

Projeto Vilas Cariocas - Terreno 1 (1998)
Arquiteto Responsável Rogério Goldfeld Cardeman; Arquiteta Adriana Mattos de Caúla; Arquiteto Marcos Zanetti London; Arquiteto Pedro Rodrigo Barbier Rolim

Projeto Vilas Cariocas - Terreno 3 (1998)
Arquiteto Responsável Fernanda Salles Amar; Arquiteto Carlos José Ferreira Lima; Arquiteta Leila Moreira Voloch; Arquiteto José Antonio Xavier Andrade; Arquiteta Vera Lúcia Matos Mendes Alves; Arquiteto Bruno Quintela Lobão
Consultores: Engenheiro Civil Luciano Chalita Braz; Engenheiro Civil Arnaldo Amar

Projeto Vilas Cariocas - Terreno 4 (1998)
Arquiteto Responsável James Shoitti Miyamoto
Arquiteta Maria Lúcia Vianna Pecly; Arquiteto Luiz Henrique B. Santoro Nunes
Colaboradores: Ana Amélia Aquino B. Fernandes; Fernanda Bessone; Raul Moras

Premiação Anual 1995
Residência João de Mattos (1° prêmio - Categoria Residência Unifamiliar)
Alder Catunga

Premiação Anual 1998
Prêmio Arquiteto Hélio Uchôa (Categoria Espaço da Moradia)
Casa Lemann
Coordenador: Flávio Ferreira
Colaboradores: Christina Gouveia, Luiz Carlos Boeckel e Zulema Paixão

Projeto São Gonçalo 2000 (menção honrosa)
Arquitetos Fabiana Generoso Izaga, Eduardo Horta e Pedro Lobão

Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/RS

Concurso Público de Arquitetura para a Sede da Fundação Integrada de Cultura em Caxias do Sul - FIC (1997)

1° Lugar:
Cesar Dorfman Arquitetos Associados

Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/SC

Concurso Público de Idéias - Parque Metropolitano Dias Velho - Aterro da Baía Sul, Florianópolis/SC (1996/1997)

Vencedor:
André Francisco Câmara Schmitt
Angelita Peiter
Daniel Ceres Rubio
Lisete Terezinha Assen de Oliveira
Maria Elizabeth Pereira Rego
Maria Inês Laurentino
Nelson Saraiva da Silva
Raul Pargendler
Ricardo Monti
Valdir Humberto Secco

Premiações e Concursos do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/SP

Premiação do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB/SP - 1999

• Categoria Edificações: Projeto Executado, Edificações, Projeto e Arquitetura de Interiores

Prêmio Rino Levi:
Projeto para o Sesc Vila Mariana, São Paulo/SP:
Jeronimo Bonilha Esteves

Prêmio Carlos Barjas Milan:
Centro Cultural, Mauá/SP:
Rafael A. Cunha Perrone

Prêmio IAB para Edificações - Projeto Executado/Habitação Unifamiliar:
Residência em Carapicuíba/SP:
Ana Paula Gonçalves Pontes, Catherine Otondo, Cristiane Muniz, Fábio Lago Valentim, Fernanda Barbara e Fernando Felippe Viegas

Menção Honrosa IAB para Edificações - Projeto Executado/Habitação Unifamiliar;
Casa 3 - Sertão do Camburi, São Sebastião/SP:
Alcir Carlos Calux, Rogério Funo, Trigo E. Marques e André Fortes

Prêmio IAB para Edificações - Projeto Executado/Edifício para Fins Culturais e Esportivos:
Sesc Vila Mariana, São Paulo/SP:
Jeronimo Bonilha Esteves, Luciana A.S. Esteves, Wilson Hidieko Ikegami, Elizabeth Emínina e Ivan Rigoberto

Menção Honrosa IAB para Edificações - Projeto Executado/Edifício para Fins Culturais e Esportivos:
Conjunto Poliesportivo Marista Arquidiocesano,
São Paulo/SP:
Davison Becato, Cristiane Gallinaro
Equipe:
Elaine Attilio, Mauro Luis Bragaglia Filho, Denise Attili Raggio Nóbrega, Geórgia Manuela Gomes da Costa

Prêmio IAB para Edificações - Projeto Executado/Edifício para Fins Industriais:
Marilan Indústria e Comércio - Marília/SP:
Claudia Nucci, Valério Pietraroia e Sérgio Camargo

Prêmio IAB para Edificações - Projeto Executado/Edifício para Fins Educacionais:
Escola em Poá/SP:
Renato Viegas, Ana Paula Gonçalves Pontes, Catherine Otondo, Cristiane Muniz, Fábio Rago Valentim, Fernanda Barbara e Fernando Felippe Viegas

Prêmio IAB para Edificações - Projeto Executado/Edifício para Fins de Transporte:
Estação de Metrô Arcoverde, Rio de Janeiro/RJ:
João Batista Martinez Corrêa
Equipe:
Théa Maria Vieira, Konstamze Bevilacqua, Marion Platz, Claudia Miranda da Costa Pinto, Ernesto Zamboni, Mariano Casânas, Amelia Toledo, Moacir Toledo, Ana Lucia Neves Guimarães, Bitiz Aflalo

Prêmio IAB para Edificações - Projeto Executado/Edifício para Fins Comerciais:
Loja "Uma", São Paulo/SP:
Marcio Kogan, Diana Radomysler, Oswaldo Pessano, Cristina Santocchi, Gisela Zilberman, Ícaro Machado Hueza, Sérgio Menon e Rómulo Fialdini

Prêmio IAB para Edificações - Projeto Executado/Edifício para Fins de Serviço:
Edifício Sede de Escritório de Advocacia, Curitiba/PR:
Mário Biselli e Arthur Katchborian

Menção Honrosa para Edificações - Projeto Executado/Edifício para Fins de Serviço:
Fundação Universitária Fuvest, São Paulo/SP:
Eduardo de Jesus Rodrigues e Lúcio Gomes Machado

Menção Honrosa para Edificações - Projeto Executado/Edifício para Fins de Serviço:
L'anonima, Argentina:
Edo Rocha

Prêmio IAB para Edificações - Projeto/Edifício para Fins Culturais:
Centro Cultural, Mauá/SP:
Rafael A. Cunha Perrone

Prêmio IAB para Edificações - Projeto/Edifício para Fins de Habitação Coletiva:
Complexo Habitacional na Luz, São Paulo/SP:
Geni Sugai, Erika Buoso Coelho, Arnaldo Martino, Alexandre Delijaicov, Carlos José Dantas Dias e Euler Sanderville Júnior

Prêmio IAB para Edificações - Projeto/Edifício para Fins de Transportes:
Terminal Rodoferroviário de Santo André/SP:
Francisco S. Fanucci e Marcelo Carvalho Ferraz

Menção Honrosa IAB para Edificação - Projeto/Edifício para Fins Industriais:
Indústria de Cosméticos, Brasília/DF:
Paulo Henrique Paranhos e Cláudio Sá

Prêmio IAB para Arquitetura de Interiores - Projeto Executado/Edifício para Fins de Serviço:
F/Nasca S&S, São Paulo/SP:
Isay Weinfeld
Equipe:
Domingos Pascali, Adriana Aun, Flávia Oide, Isis Chaulon, Ana Luisa Cunha Pinheiro, Elena Scarabotolo

Menção IAB para Arquitetura de Interiores - Projeto Executado/Edifício Fins de Serviço:
Nagayama Café:
Ricardo Natsuo Miura e Carla Yasuda

• Categoria Comunicação Visual

Prêmio IAB - Comunicação Visual/Projeto Implantado:
Projeto de Identidade Visual CPTM:
Eduardo de Jesus Rodrigues e Lúcio Gomes Machado

Prêmio IAB - Comunicação Visual/Projeto:
Sistema de Sinalização Viário-Turística de Salvador:
João Carlos Cauduro, Ludovico Martino, Marco Antônio A. Resende, Luís Eduardo Nani e Carmen Sílvia P. Cabral

Prêmio IAB - Comunicação Visual/Objeto:
Memória em Multimídia do Senac de São Paulo:
Marklen Siag Landa, Fernando José Arouca e Silvia Landa

Menção Honrosa IAB - Comunicação Visual/Projeto Implantado:
Nagayama Café:
Ricardo Natsuo Miura e Carla Yasuda

4° Prêmio Jovens Arquitetos - 1999

• Categoria Arquitetura - Obras Executadas

Prêmio "Ex-Aequo"
Residencial Barcelona, Sete Lagoas/MG
Carlos Alberto Maciel

Casa Bibi, Lavras/MG
Marcelo Alvarenga

Menção Honrosa:
Exposição Maurício Azeredo - 25 Anos de Design, Masp, São Paulo/SP
Pedro Mendes da Rocha
Equipe: Maria Eduarda Arruk e Renato Salgado

Menção Honrosa:
Residência Martins Barbosa, Campinas, SP
Patrícia Martins e Alcides Barbosa
Equipe: Igor Ernits Kalju e Alípio Carlos de Oliveira Jr.

• Categoria Arquitetura - Projeto

Prêmio:
Projeto de Residência, Santo Amaro/SP
Valéria Santos e Roberto Fialho

Menção Honrosa:
Casa Tedesco, Jundiaí/SP
Eduardo Dalcanale Martini

Destaques:
Casa I, Araraquara/SP
David Moreno Sperling

Residência em São Paulo/SP
Sérgio Kipnis e Marina Grinover
Equipe: Fernanda Carvalho, Joana Elito, Anderson Habe e Luis Taíra

• Categoria Urbanismo - Projeto

Menção Honrosa:
Vila Residencial no Bairro de Jabaquara, São Paulo/SP
Júlio Cezar Bernardes Pinto
Equipe: Jaime Vega, Adriana Marques, Eng. Denis Nakano e Priscila Fornazier (estagiária)

Destaque:
In-House
Affonso Celso Orciuolo
Equipe: Guillermo Grasso, Lara Rettondini e Oscar Brito

Destaque:
Casa para Terreno de 250 m², Araraquara/SP
David Moreno Sperling

• Categoria Urbanismo - Obras Implantadas

Prêmio:
Parque Municipal do Mindu, Manaus
Roberto Moita
Equipe: Heliandro Maia, Ayrton Urizzis, Graciélio Queiróz, Rogério Perales Rabelo, Francisco Lobo,
Jorge Sotto Mayor, Artur Linhares, Marco Antônio Lima, Ana Paula Neves e Andreas Valentin

Menção Honrosa:
Condomínio Residencial na Praia de Guaratuba, Bertioga/SP
Marcos Ferreira Gavião
Equipe: Martha Gavião

Concurso Nacional de Idéias para a Estruturação Urbana e Paisagística das Marginais dos Rios Pinheiros e Tietê

1° Prêmio:
Bruno Roberto Padovano
Colaboração Urbanismo e Arquitetura:
Arqs. Jaques Suchodolski e Percival Brosig
Coordenação Paisagismo:
Arq°. Suely Suchodolski
Coordenação Sistema Viário e Transporte:
Eng. Newton Karassawa
Coordenação Comunicação Visual e Mobiliário Urbano:
Arq. Issao Minami, Arq. José Arnaldo Degasperi da Cunha e Sr. Júlio Albieri Neto
Colaboradores:
Urbanismo e Arquitetura:
Arq. Geraldo Gomes Serra, Arq°. Maria Beatriz Ferreira de Souza e Oliveira, Arq. Claudio Eduardo Saunorins Bueno, Arq°. Regina Helena Vieira Santos, Arq°. Claudia Alonso Martins, Arq°. Verônica Di Benedetti, Arq°. Ana Cândida Arruda Becker, Estudante Guilherme M.S. Toledo e Estudante Marisa Mary Saito
Paisagismo:
Arq°. Caterina Poli, Arq°. Cristiana Bernardi Isaac, Arq°. Erica Nagashima, Arq°. Rita de Cássia D. da Cunha
Meio Ambiente:
Eng. João Baptista Galvão Filho e Sílvio de Oliveira
Equipe de Apoio/Estudantes:
Adriana Carla Ramos, Ana Paula Barbetto, Annie Goldberg Eppinghaus, Camila do Amaral Pinto, Cassiane Rodrigues do Nascimento, Eleonora Coelho Zioni, Humberto Zanola, Leandro Shettert, Jones Matos da Silva, Luis Oliveira Ramos, Marcelo de Souza Rodrigues e Rebeca Rodrigues Murad
Apoio Técnico e Logístico:
Grupo Plamarc
Metaurbana
Nutau

2° Prêmio:
Francisco Spadoni e Carlos Leite de Souza
Equipe:
Selma Bosque, Helen Nalesso, Jaime Vega, Daniel França e Daisy de Moraes
Consultores:
Urbanismo
Arq. Raymundo de Paschoal
Projeto Floresta:
Dept° Ciências Florestais - Universidade Federal de Lauras
Eng. Florestal: Marco Aurelio L. Fontes, Eng. Florestal: José Aldo A. Pereira, Eng. Florestal: Alexandre Spadoni, Eng. Florestal: Renato L. Grisi Macedo
Infra-Estrutura Urbana:
Eng. Roberto Zuccolo
Desenvolvimento Urbano:
Luis A. Pompéia - (EMBRAESP)

3° Prêmio:
Coordenação:
Maria Elena Merege Vieira, Perola Felipette Brocaneli e Maria Silvia Merege Vieira.
Urbanismo:
Ivana Ap. Bedendo
Consultores:
Eng°. Maria Lucia Paiva Castro, Eng°. Olympia Merege e Arq°. Lia A. Lopes de Faria.
Fotorrealismo:
Luis Augusto de Barros Penteado e Cirso Aparecido Nicolau
Fotos:
Graziella Widman
Colaboradores:
Arq°. Daniela Mazieri, Arq. Andre Luiz P. dos Santos, Arq. Wagner Bordin Magni, Camila Giusti,
Paulo Olivato, Beatriz Meyer, Sabrina B. Matar, Sidnei Rubin, Heloisa Vilela e Rita D'Andrea Machado

Menção Honrosa:
Coordenador:
Arq. José de Souza Moraes
Equipe:
Arq°. Cristina Shahini, Arq°. Carla Tischer, Arq. Joaquim Melo
Paisagista:
Koiti Mori
Transportes:
Heloisa Martins
Estagiários: Ho Lim Song e Adriana Dafferner Loesh
Apoio:
William Kernbichler e Neco Stickel e Frederico Azevedo Marques
Consultor:
Luiz Antonio Pompéia

Menção Honrosa:
Coordenador:
Marcos José Carrilho
Equipe:
Arq. Sun Alex, Eng. Luis Fernando Wolff de Carvalho, Eng. João Villar Garcia, Geóg. Reinaldo Paul Pérez Machado, Arq°. Maria Cristina Wolff de Carvalho
Colaborador:
Marcos Boldarini
Desenho:
Claudio Manuel Ruano e Laerte Rodrigues de Souza

Menção Honrosa:
Coordenador:
José Paulo de Bem
Planejador Urbano:
Roberto Righi
Paisagismo:
Vera Cristina Osse
Desenho Urbano:
Ércio Barbugian
Desenvolvimento do Projeto:
Andre Hopf Fernandes, Daniel Hopf Fernandes, Francesco Pietro Maria Rivetti
Perspectiva:
Hilmar Diniz de Paiva Filho
Estagiários:
Diogo Figueiredo de Freitas, Patricia Bertacchini
Consultores:
Norberto Chamma (Proj. Visual), Luis Claudio F. de Carvalho (Iluminação) e Antonio Eduardo Giansante (Saneamento)

Concurso Nacional de Plano Diretor: Reurbanização da Área do Carandiru – 1999

1° Prêmio:
Roberto Aflalo Filho

Equipe:
Gian Carlos Gasperini, Luiz Felipe Aflalo Herman, Marcelo Aflalo, Rosa Grena Kliass, Maria Cecilia Aflalo, Raquel Altman, Adriana Friedmann, Clara Nori Sato e Fernando Bernardo Prandi
Consultores:
Senac: Luiz Francisco Salgado - Diretor Regional e Maria Pilar Farré
Senai: Fabio Aidar - Diretor Regional e Mario Eugenio Onofre, Erivelto Busto Garcia e Luiz Wilson Pina

2° Prêmio:
Arq. Paulo de Mello Bastos, Arq. Paisagista Sidney S. Linhares, Ex-Vereador Mauricio Faria, Arq. Horacio C. Galvanese, Arq. Heliana Comin Vargas, Eng. Ailton Brasiliense Pires, Eng. Cristiano Ribeiro da Luz, Eng. Caio Bastos, Arq. Nelson E. Xavier da Silva, Eng. Florestal Darcy Brega Filho, Arq. Riccardo Testi, Arq. Carlos M. Morinaga, Fotógrafa Marinez M. Gomes

3° Prêmio:
Mario Biselli
Equipe:
Cristiana Gonçalves Pereira Rodrigues e Leandro Alegria Pereira
Estagiários:
Luciano Cersósimo e Andresa Gomes
Consultor:
Candi Hirano

Menção Honrosa:
Bruno Roberto Padovano
Co-autores:
José Paulo de Bem, José Ricardo Mekitarian, Maria Beatriz Ferreira de Souza Oliveira, Roberto Righi e Sidney Meleiros Rodrigues.
Colaboradores:
arq. Eduardo Glicério
Estagiários:
Emílio Kaoru Yasunaga, Guilherme Sebastiany Martins de Toledo, Hilmar Diniz Paiva Filho e Rebeca Rodrigues Murad
Consultor em Sistema Viário: Eng. Leonardo Lorenzo

Menção Honrosa:
Carlos M. Teixeira e Oscar Viana Vaz
Consultora:
Fernanda Borges de Moraes

Menção Honrosa:
Ana Lucia Jardim Castro
Colaboradores:
Anne Save de Beaurecueli e Franklin Lee

Menção Honrosa:
Edison da Silva Guimarães Filho, Geórgia Rozo Oura, Marcelo Morais de Paulo, Marco Antonio Cauduro, Rui Oliveira dos Santos Jr. e Marcello Montemor
Comunicação Visual:
Ricardo Chirumpolo e Ricardo Faller

Menção Honrosa:
Lilian de Almeida Dal Pian e Renato Dal Pian
Colaboradores:
Stephan Steyer, Fernanda Silva Ferreira e Fabio de Francesco

Menção Honrosa:
Roberto Rolnik Cardoso
Colaboradores:
Sociólogo Bruno Konder Comparato e arq. Ulisses Santiago
Agradecimentos:
Nagaaki Yasumoto e arq. Ribamar Bonvenuti
Desenhos:
Orlando Sá de Souza

Menção Honrosa:
Ubyrajara Gonçalves Gillioli
Co-autores:
Antonio Carlos Barossi, José Fabio Calazans, Milton Susumu Nakamura e Renato de Silos
Estagiários: Ana Cristina de Souza, Caio Mattei Faggin e Eduardo Crafig

Menção Honrosa:
Leandro Medrano
Colaboradora:
Debora Stabile

Menção Honrosa:
Marcos de Azevedo Acayaba
Equipe:
Sakae Ishii, Mariana Kazumi Nakiri, Geni Sugai e José Eduardo Baravelli

Concurso Público de Idéias para a Implantação de uma Marina e Revitalização Urbana do Centro Histórico da Cidade de São Sebastião - 1998

1° Colocado:
José Magalhães Júnior
Equipe:
José Francisco Xavier Magalhães
Cláudio Thomas Reuss
Consultores:
Arq. Adilson Costa Macedo - Desenho Urbano
Arq. José Ignacio Sequeira de Almeida - Transportes
Arq. Marcia Lucia Guilherme - Meio Ambiente
Sr. Luiz Renato Ignarra - Turismo

2° Colocado:
Aldo Pereira de Carvalho
Paulo Roberto Sgarbi
Walter Luiz Fragoni
Colaboradores:
Arq°. Tereza Cristina Rodrigues Epitacio Pereira
Arq. Marco Antonio Lança

3° Colocado:
Davison Becato
Equipe:
Arq. Cristiane Gallinaro
Arq. Denise A.R. Nobrega
Arq. Georgia M. Gomes da Costa

Concurso da Faculdade de Medicina - 1998

1° Colocado:
Marcelo H. Morettin
Vinicius Andrade
Lua Nitsche
José Eduardo N.S. Alves

2° Colocado:
Lilian de Almeida Dal Pian
Renato Dal Pian
Consultores:
Lucinda Ferreira Prestes - (Patrimônio Histórico)
Marcia Alucci - (Conforto Ambiental)
Wolfgang Steschenko - (Paisagismo)
Statura Engenharia - (Estrutura)
Colaboradores:
Stephan Steyer
Fernanda Silva Ferreira

3° Colocado:
Francisco Spadoni
Lauresto Couto Esher
Selma Bosquê de Faria
Bianca Castelli Fernandez
Denise Seick
Consultor: Celio Pimenta

4° Colocado:
Claudia Nucci
Valério M.N. Pietraróia
Sérgio Ricardo Nunes Camargo
Koiti Mori

Menção Honrosa:
Angelo Bucci
Carmem Morais
Fernando de Mello Franco
Keila Costa
Maria Isabel Imbronito
Marta Moreira
Milton Braga
Omar Dalank
Sandra Llovet Vilá

Menção Honrosa:
Eduardo Argenton Colonelli
Weliton Rigoy Torres
Adriana Custódio Dias
Luana de Alencar Rabesco
Rogerio Bueno de Souza
Silvio Oksman
Fabio Kassai
Maria Cristina Machado
Colaborador: Antonio Carlos Barosi

Créditos

Curadoria

Lucio Gomes Machado
Luiz Fisberg

Paulo Yassuhide Fujioca
Assistente da Curadoria

Liliane Fratto Calazans Salim
Secretária da Curadoria

Vilma Rossi
Assistente

Coordenação Operacional

Carlos Wendel de Magalhães
Marcos Weinstock

Projeto da Exposição

André Vainer & Guilherme Paoliello Arquitetos
Autores do Projeto

Cesar Shundi Iwamizu
Eduardo Chalabi
Colaboradores

Produção

Pieter Th. Tjabbes
Coordenação-Geral

Ana Elisa de Carvalho
Liliane Fratto Calazans Salim
Melina Cardoso Valente
Mônica Shiroma de Carvalho
Tânia Mills
Vânia Mamede
Yara Kerstin Richter
Assistentes

Monitoria

Yara Kerstin Richer
Coordenação

Lilian Amarae
Projeto Ação Educativa

Glauce Sciência
Assistente Monitoria

Robson Calazans
Simone Farias
Coordenação Aeroportuária

Montagem

Mariah Villas Boas
Coordenação-Geral

Marize de Almeida Nóbrega Martins
Assistente

Ernesto Tuneu
Supervisão Geral

Marcelo Morato
Assistente

Guimar Morelo
Hildimar Gonçalves Francisco

José Geraldo Faria
Chefe da equipe

Benedito Donato
Eduardo Waspe
Emerson Horst
Manoel Geraldo Costa
Responsáveis pela montagem

Comunicação Visual

Claudio Ottoni
Luana de Alencar Radesco
Renata Domingos
Autores

Fatima Pinheiro
Colaboração

Assessoria para Relações Institucionais

Luiz Carlos Frigério

Assessoria de Imprensa

Maria Amélia Rocha Lopes Gaspar
Coordenação

Mônica V. Lourenci
Célia Perrone
Assistentes
Claudia Senna Frederico
Redação do Site

Secretaria

Maria Rita Marinho
Lucia Aparecida Rizzardi
Givonete Alves dos Santos
Anderson de Andrade

Arquivo Histórico

Silvia Castelo Branco Bezerra
Coordenação

Andrea Gomes Leite
Renata Basseto de Oliveira
Assistentes

Equipe de Apoio Administrativa e Operacional

Maurício Marques Netto
Gerente Financeiro

Katia Silveira Marante
Mario Rodrigues da Silva
Luiz Carlos Estevanin
Marcelo de Souza Crispim
Amarildo Firmino Gomes
Equipe Administrativa

Adriana Cristina de Lima Pereira
Lisania Praxedes dos Santos
Recepcionistas

Laercio Ribeiro Silva
Roberto Alvarenga
Nicacio Jeane Pereira de Souza
Vinicius Robson da Silva Araujo
Auxiliares das Gerências

Dorgival Cordeiro Costa
José Antonio dos Santos
José Leite da Silva
José Pereira da Costa
Lindomar Raimundo de Freitas
Antonio Milton de Araujo
Elias Lima da Silva
Evilazio Pereira Sampaio
Gilberto Pereira da Silva
Isaias de Jesus Siqueira
Nivaldo Francisco da Costa
Tabajara de Souza Macieira
Cilailde Bispo de Souza
Enoque Alves dos Santos
Idelvina Rosa de Jesus
Josefa Gomes Lopes da Silva
Josenita Vitor dos Santos Souza
Maria da Glória Araujo
Severina Ferreira da Mota
Apoio de montagem e manutenção

Agradecimentos

Adauto Martins de Jesus
Heloisa Maringoni
Ícaro Machado Hueza

Comissão de seleção da Exposição Geral de Arquitetos

Edson Jorge Elito
Jorge Wilhem
José Geraldo Martins de Oliveira
Lúcio Gomes Machado
Marcelo Carvalho Ferraz
Mário Figueroa
Oswaldo Correa Gonçalves
Paulo Júlio Valentino Bruna
Pedro Cury
Regina Maria Prosperi Meyer
Renato Dal Pian
Renato Nunes
Rubens Cunha Lima
Telesforo Cristofani
Tito Lívio Frascino

Catálogo
Glória Bayeux
Coordenação-Geral e Produção

Paschoal Fabra Neto
André Rivetti Perri
Projeto Gráfico, Criação e Concepção

Rosa Artigas
Valdir Zanetti
Textos e Produção da Exposição Geral dos Arquitetos

Ana Gabriela Godinho Lima
Cláudio Frederico da Silva Ramos
Diana Cohen
Katica Szábo
Rosane Kurc
Tradução

Sheila Fabre
Tereza Gouveia
Padronização e Revisão

Edit 5 - Editoração Eletrônica S/C Ltda.
Diagramação e Editoração

Luis Carlos Vigeta
Produção

Colaboradores da Takano Editora Gráfica Ltda
Antonio Takano
Roberto Barbeiro
Robison Borges
Edson Massayuki
Kyioso Yokoshi
Sandra Regina Bonani
Antonio Sérgio Faé
Eduardo Pessan
Marcílio Gomes Pimentel
Ailton Pedrosa Lima
Rogério Veiga
Marcio Mamoru Tamura
Eduardo de Almeida Santos
Giucirley Alves Ferreira
Wladir krilovicius
Ricardo Tomio Ahiyama
Coordenação da Reprodução e Escaneamento das Imagens

Copyright © 1999 by
Fundação Bienal de São Paulo

Edição
Fundação Bienal de São Paulo
Parque do Ibirapuera Portão 3
CEP 04098-900 São Paulo Brasil
Tel.: 0XX 5511 - 574 5922
Fax: 0XX 55 11 - 549 0203
E-mail: bienalsp@uol.com.br

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida ou utilizada em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem expressa autorização da editora.

4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

20 de novembro de 1999 a 25 de janeiro de 2000

Catálogo Geral

DA ARQUITETURA

Aqui, neste espaço, o objetivo e o subjetivo se encontram,
se defrontam e se combinam.
Tantas e quantas peças, montadas umas
sobre as outras, ou lado a lado, ou mesmo, formando cantos, curvas....
procuram a beleza. Seja por meio
de seus próprios atributos, seja mostrando-se umas para
as outras.
O tijolo fala. O concreto, também. A madeira, o aço, o
vidro...
Luz e sombra. Cores e texturas.
Criam uma expressão que, muito além das dimensões e do correto uso
pelo homem, constituem na composição uma ARTE.
A arte da arquitetura.
Uma arte especial.
Uma arte utilitária.
Assim, a metafísica da arquitetura vai muito além da pura física. A
física das construções não se sustenta em si mesma.

O desejo de ser/O desejo de se expressar é a grande motivação da vida.

Expandimos nossas personalidades ---------- criando.

Aprender é uma aspiração fundamental do ser humano.
Aprende-se com o que os outros dizem, ou fazem ou já fizeram. Fazem
dizendo, ou dizem que fazem.
Segue-se o bom exemplo e critica-se o considerado mau.
Escolhe-se aquilo que impressiona e disseca-se seu conteúdo, seu
conceito.

Para os arquitetos, dos vivos e dos mortos, restam as lições materializadas ou não.
Para os não-arquitetos, uma iniciação, um encontro, um reencontro. Afinal, arquitetura é cultura.

Um projeto tem começo, meio e fim.
O processo é mais ou menos
assim:
A partir de uma necessidade/programa inicia-se uma fase analítica em
que um ponto ramifica-se
em dezenas, centenas, milhares de alternativas.
Um emaranhado de novos problemas vai encontrando uma solução
específica.
Aí, começa a produção da síntese, quando se vai optando por aquelas
que parecem ser as melhores,
as mais atraentes, as mais simpáticas escolhas.
O funil da síntese conduz à solução final.
Muitas e muitas matérias entram no processo, o que faz
da arquitetura um grande universo de conhecimentos.

QUEM SABE, NÃO SEJA POR ISSO, ELA NOS ATRAIA TANTO.

Uma verdadeira obra de arquitetura é aquela que tem PRESENÇA.

Tem o som do silêncio. Fala através do desenho que a luz produz.

SILÊNCIO E LUZ

Sombras criam volumes, profundidades, perspectivas música imaginária.

Uns dizem que o homem tenta imitar a natureza e nela procura inspiração.
Outros pensam o contrário, que o homem a agride como num contra-ataque, defendendo-se das suas agruras.

E é muito bom que todos não pensem da mesma forma!

NÃO TERÍAMOS, AQUI, TANTAS IDÉIAS DIFERENTES A PREENCHER UMA IMENSA ÁREA DE QUASE TRINTA E CINCO MIL METROS QUADRADOS.

DO URBANISMO

PARIS "a Cidade-Luz" é considerada por quase todos que a conhecem a cidade mais linda do mundo. Um modelo, um exemplo.
Paris não tem um CENTRO determinado, como Nova York, ou quase uma centena como Los Angeles.
(Lá, também, não são caiadas as guias das calçadas.)
Há vários tipos de cidade, segundo sua conformação, função, vocação, morfologia, tipologia...
Há, inclusive, muitos sistemas administrativos, mas certamente todos correm atrás de uma ótima qualidade de vida.
Do conforto, do bem-estar, do bem querer.

Estaremos tratando aqui, também, das questões URBANAS.

Carlos Bratke
Presidente da Fundação Bienal de São Paulo

Sumário

Salas Especiais

028 Além do Modernismo – Três momentos da arquitetura do pós-Guerra na Holanda

038 Raunplam versus Plan Libre – Adolf Loos e Le Corbusier, 1919-1930

042 Horta e após. 25 Mestres da Moderna Arquitetura Belga

054 A Cidade Branca e as Tendências Atuais da Arquitetura Israelense

058 Arquitetura para Cultura

068 The Danish Wave

072 Dez Mestres da Arquitetura da América Latina

080 Ética e Estética para o Século XXI: 40 Estudos Argentinos na Bienal de São Paulo

084 Os Novos Museus da França : Dez anos de Arquitetura nos Museus 1990-2000

086 Arquitetura da Modernidade

088 Arquitetura Virtual

090 Construir a Escola – Construir a Cidade. A Experiência do Convênio Escolar em São Paulo, 1948-1954

094 Habitação Social Contemporânea

096 IPHAN e a Arquitetura do Patrimônio

098 Conjunto Arquitetônico Histórico de Manguinhos

102 Projeto Brasil 500 Anos de Arquitetura

106 Abrahão Sanovicz

112 Affonso E. Reidy – A Ênfase no Espaço Público na Arquitetura Moderna Brasileira

116 Alvar Aalto e o Tijolo Vermelho

120 Antonio Bonet Castellana

122 Artificial e Natural

124 Charles Sampson Bosworth

128 Clorindo Testa, o Artistarquiteto

130 Croce, Aflalo e Gasperini

134 Fábio Penteado

136 45 anos da Obra de Fernando M. Chacel

140 Mobiliário de Frank Gehry

142 Jorge Machado Moreira (1904-1992)

146 João Filgueiras Lima (Lelé)

150 João WalterToscano

156 José Forjaz – Entre o Adobe e o Aço

160 O Urbanismo do Engenheiro Jorge de Macedo Vieira

164 Hélio Duarte – Moderno, Peregrino, Educador

168 Cidadela da Liberdade – A Experiência de Lina Bo Bardi no SESC Fábrica da Pompéia

172 Mario Botta – Centro de Tradições Judaicas e Sinagoga Cymbalista, Tel Aviv, Israel

174 Mies van der Rohe

178 Paulo Mendes da Rocha

182 Villanueva. Momentos do Moderno

186 Zanine Caldas

192 China Antiga e Nova: Pequim-Xangai, Projeto do Trem 2000

194 A experiência Imaginária da Paisagem e o Gesto Projetual em Ouro Preto

196 Em Obras: História do Vazio em Belo Horizonte

198 Laboratório de Projeto Integrado e Participativo para Requalificação de Cortiço

202 Projeto Tamanduatehy

206 Puerto Madero – Um Novo Modelo de Gestão Urbana

210 Quapá – Quadro do Paisagismo no Brasil

216 São Paulo MEGACIDADE 200

220 Brazil Builds

224 Robert C. Smith – 1912-1975: A Investigação na História da Arte

228 Homenagem a Pietro Maria Bardi

230 Arquitetos Brasileiros

232 Niemeyer – Do Abstrato ao Concreto

236 Paisagem e Memória

238 Construir com Terra na América Latina

240 Banco de Imagens Digitais – Projeto Piloto "Rino Levi"

244 Arquivo Histórico Wanda Sveco da Fundação Bienal de São Paulo

248 Arquitetura no Espaço

Salas Institucionais

252 A Estrada Real

254 Centro Cultural Banco do Brasil

256 INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

260 Poupa Tempo

264 Projeto para o Rio de Janeiro

266 Sala São Paulo – Estação Cultura

268 Santo André Cidade Agradável

272 Arquitetura da Violência

Salas Especiais

Além do Modernismo

Curador:
Max Risselada

Três momentos da arquitetura do pós-guerra na Holanda

A participação holandesa na 4ª Bienal Internacional de Arquitetura é o resultado de uma cooperação entre o Instituto Holandês de Arquitetura (NAi), em Roterdã, e a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Tecnologia de Delft. O conteúdo das mostras será elaborado por vários escritórios de arquitetura, junto com o curador-geral das mostras, Prof. Ir. Max Risselada. A coordenação está sendo feita por Ir. Paul Meurs (The Urban Fabric, Utrecht), que também cuida dos contatos com o Brasil. A área total das mostras será de aproximadamente 900 m².

Os três momentos são:
– a obra de Aldo e Hannie van Eyck 1945-1999
– a obra de Herman Hertzberger 1960-1999
– a obra de Mecanoo 1980-1999

Além de motivos conceituais, a escolha desses arquitetos também tem um lado prático: todos foram convidados separadamente pela Curadoria da Bienal de São Paulo. Van Eyck e Mecanoo por uma carta pessoal, e Hertzberger por um convite para o NAi em Roterdã. Mesmo assim, o objetivo da participação holandesa é mostrar os três momentos num conjunto conceitual.

O que une esses arquitetos é o fato de todos terem criado um lugar próprio dentro do quadro da arquitetura moderna, como ela se desenvolveu na Holanda e no exterior. Os três escritórios procuraram, cada um em um determinado tempo e de maneira própria, uma ligação entre os conceitos universais dos modernos e o específico da experiência contemporânea.

As três gerações estão unidas também pelo ensino. Hertzberger não foi aluno de Van Eyck, mas depois de sua formatura na Universidade de Delft trabalhou com ele na redação da revista *Fórum* (1959-1963), onde conheceu as idéias e os conceitos de Van Eyck de maneira pessoal e profunda.
Os arquitetos de Mecanoo estudaram em Delft nos anos 70 e 80, quando a herança dos modernos, principalmente de Van Eyck e seus discípulos, foi amplamente estudada. Nessa situação de mestre e aluno, sempre existem momentos de crítica e apropriação; uma situação que também ocorreu na geração de Van Eyck (Team X), com relação às gerações de arquitetos modernos da pré-guerra.
O objetivo da apresentação na Bienal de São Paulo é projetar as mostras de tal maneira que cada um dos escritórios mantenha sua identidade própria, mas também com momentos de ligação. Uma parede (de 15 m de comprimento), com uma cronologia do desenvolvimento da arquitetura na Holanda entre 1901 e 1999, será um elemento importante para enfatizar o contexto e a unidade das apresentações.

A apresentação holandesa será acompanhada por uma seleção da mostra *Raumplan versus Plan Libre*. Essa mostra, que também foi solicitada à parte pela Bienal, foi produzida na Universidade de Delft em 1988 por Max Risselada, um "aluno/colaborador" de Aldo Van Eyck (1966-1969) e "mestre" dos arquitetos de Mecanoo (1983-1986). Essa mostra, sobre residências de Adolf Loos e Le Corbusier das décadas de 20 e 30, questiona várias tendências no desenvolvimento da arquitetura moderna. Essas questões valem ainda hoje: as relações entre Espaço e Objeto, entre Espaço e Liberdade e entre Espaço e Lugar.

Exposição "The Ball I Threw", homenagem a Aldo e Hannie van Eyck em seu 80° aniversário

Exposição "The Ball I Threw", homenagem a Aldo e Hannie van Eyck em seu 80° aniversário

Algumas mostras já foram exibidas anteriormente. A mostra dos Van Eyck será baseada na participação deles na Documenta de Kassel (1996) e em uma homenagem no NAi (1998). O NAi produziu a mostra sobre Hertzberger, que já foi exibida em vários lugares (Bienal de Buenos Aires, entre outros). A mostra *Raumplan versus Plan Libre* (Deelproject 5) foi produzida em 1987, mas – após ter viajado pela Europa e pelos Estados Unidos entre 1988 e 1993 – necessita de revisão e ajustes. A mostra de Mecanoo e a cronologia da arquitetura holandesa de 1901 até 1999 serão produzidas especificamente para a Bienal de São Paulo.

a) tema do projeto

"Além do Modernismo" – tema das apresentações sobre arquitetura holandesa, é a continuidade da tradição moderna, que poderia ser observada na obra dos arquitetos representados, apesar das diferenças no "estilo".

b) objetivo e resultado do projeto

Uma "coleção" de mostras com identidades (e visuais) próprias, que será apresentada de tal maneira que o confronto entre elas provoca questões. O conceito do confronto já foi utilizado em mostras anteriores, como *Raumplan versus Plan Libre* e *Functionalismo – Scharoun versus Opbouw*. Uma cronologia (visualizada) da arquitetura holandesa, numa parede de cerca de 15 m de comprimento, serve como contexto para interligar os elementos da "coleção".

c) Motivação conceitual

A apresentação faz parte dos projetos de internacionalização cultural do governo holandês.

Desde os meados da década de 80, a arquitetura moderna brasileira chamou a atenção de uma geração holandesa de arquitetos que redescobriram a herança dos modernos. Trata-se especificamente de um interesse em arquitetos e artistas modernos como Niemeyer, Costa, Reidy, Burle Marx e outros que desenvolveram uma arquitetura brasileira, baseada em conceitos europeus (principalmente de Le Corbusier). Desde então foi organizada uma série de viagens para o Brasil, parcialmente patrocinada pelos fundos de arquitetura existentes na Holanda. Por meio de discursos e obras realizados por arquitetos como Rem Koolhaas, Jan Voorberg (†), Frits van Dongen e Arne van Herk ficou claro que essas viagens influenciaram a arquitetura holandesa.

Num segundo momento também surgiu um interesse nos "outros" modernos, como Lina Bo Bardi e o arquiteto/engenheiro Lelé – graças às iniciativas do "outro" moderno Aldo van Eyck para receber a mostra sobre Lina Bo Bardi na Holanda. Essa mostra foi apresentada na Faculdade de Arquitetura em Delft em 1996.

Em seguida foi produzido, por iniciativa de Paulo Meurs, um documentário da TV holandesa sobre a obra da Lina Bo Bardi, com uma participação no Brasil de Aldo van Eyck, que introduziu e mostrou a arquitetura dela para o público. Foi o início de um contato intenso entre o Instituto Lina Bo e P.M. Bardi e a Faculdade de Arquitetura de Delft. No próximo ano, a faculdade receberá várias pequenas mostras sobre arquitetos brasileiros produzidas pelo Instituto.

Outra iniciativa foi tomada em 1995 por Paul Meurs, junto com o Instituto Holandês de Planejamento e Habitação (NIROV) de Haia, para organizar a primeira viagem de estudos à cidade de Curitiba, a cidade ecológica.

Foi nessa viagem e em viagens seguintes que grupos de arquitetos, urbanistas, paisagistas, técnicos e políticos holandeses conheceram, além dos modernos já bastante divulgados, os mais variados aspectos do desenvolvimento do Brasil contemporâneo, desde a autoconstrução e cooperativas nas favelas até tendências nas metrópoles modernas com todos os seus aspectos. Esses contatos resultaram por exemplo em:

– muitos artigos nas revistas holandesas de arquitetura (como *Archis* e *De Architect*) nos últimos anos;

– vários artigos nas revistas brasileiras sobre arquitetura holandesa (*AU, Projeto, Óculum, Caramelo*);

– a publicação do livro *Brazilië, Laboratorium van Architectuur en Stedebouw* [Brasil, laboratório de arquitetura e urbanismo], ed. Paul Meurs e Esther Agricola, Roterdã, NAi, 1998;

– um workshop na cidade de Haia com a participação de três arquitetos de Curitiba na manifestação "Globe 750" em Den Haag; eles projetaram, junto com colegas holandeses, uma proposta para o sudoeste da cidade durante três workshops de uma semana em 1998;

– viagem de estudantes de Delft 1997, sob orientação de Paul Meurs e Max Risselada.

Ao mesmo tempo surgiu um interesse maior do Brasil na arquitetura holandesa, graças parcialmente aos contatos mais intensos entre os dois países. Os brasileiros mostram interesse na paisagem artificial da Holanda, a rica tradição moderna e tendências atuais na arquitetura e no urbanismo. Outros itens são:

– a postura social dos arquitetos;

– o papel do governo na manutenção e criação de qualidade espacial;

– a qualidade de projetos;

– o design dos detalhes, seja na arquitetura, seja no urbanismo (tratamento e acabamento do espaço público).

A apresentação holandesa na Bienal de Arquitetura em São Paulo – com três gerações de arquitetos internacionalmente conhecidos – pode dar uma contribuição importante nos contatos e intercâmbios entre a Holanda e o Brasil. Uma das opções para projetos futuros é a idéia do NAi em dedicar o ano 2002 ao Brasil.

Max Risselada

Aldo van Eyck e seu estilo

Curador:
Hannie van Eyck

No entender de Aldo van Eyck, toda arquitetura é construção de significado. Com fundamento nisso e inspirado pela arte moderna e pelas culturas não-ocidentais, ele conseguiu se afastar da polarização entre tradicional e moderno como fenômenos introspectivos. Na visão de Van Eyck, a tradição mantinha seu valor como expressão da identidade humana que – embora manifestada de formas diferentes em outras eras e culturas – permaneceu essencialmente constante.

Seu Otterlo circles representa a busca de uma experiência intemporal de arquitetura. Esse manifesto (apresentado no CIAM [Congresso Internacional de Arquitetura Moderna] de 1959, em Otterlo) abraçava sua visão da arquitetura contemporânea, sem reverter ao ecletismo.

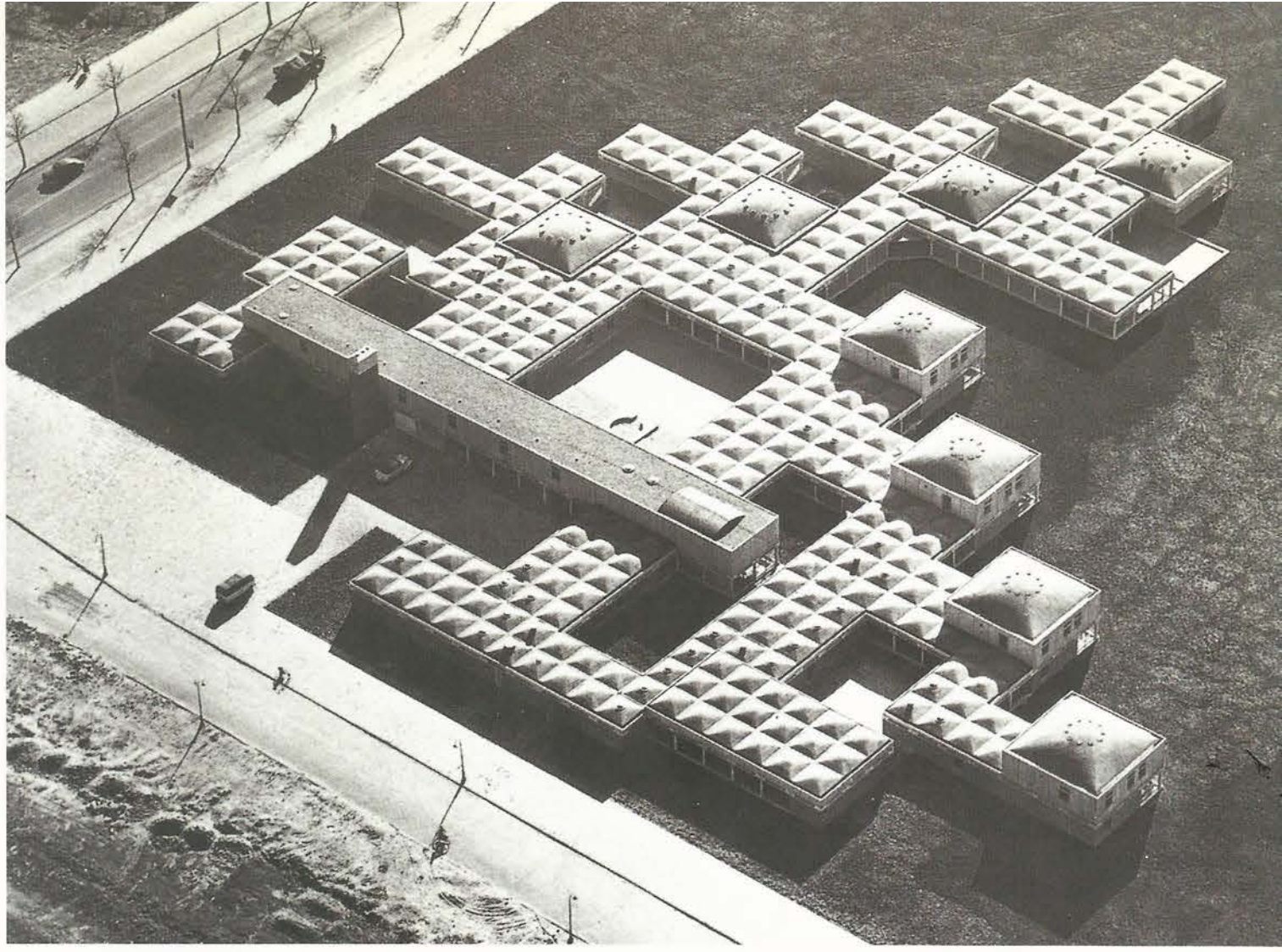
Como sucedâneo a pensar em termos de alternativas mutuamente exclusivas, Van Eyck empregou a dialética da reciprocidade que abrange a igualdade fundamental das diferenças. O fenômeno duplo que torna os opostos qualitativamente registráveis e mensuráveis sem que um neutralize o outro é uma extensão dela. Seus escritos, que pretendiam tratar da sensibilidade do indivíduo à forma sem propor teorias amplamente abrangentes, exerceram grande influência. Em sua *História de um outro ideal*, falou-nos dos novos deveres e da esfera de atuação – o papel de intermediário – do arquiteto. As categorias de Van Eyck, apesar de profundamente engastadas na história da arquitetura, rompem com aquelas do funcionalismo estéril.

Ao atacar a alienação e a abstração em arquitetura, criticou seus contemporâneos, a quem culpava por se desviarem daquilo que a vanguarda simbolizava. Além disso, acusava seus colegas do CIAM de não darem atenção à autonomia da arquitetura e de ignorarem o passado, embora mais tarde acusasse do contrário os pós-modernistas.

Seus heróis eram artistas e cientistas da primeira metade deste século que juntos abriam a mente a um mundo mais relativo, onde se vê que todas as coisas existem lado a lado. Admirava os artefatos dos chamados povos "primitivos", mestres da repetição e variação de elementos e temas, e da atribuição de igual valor à forma e à contraforma. A isso se associava o apreço pelos artistas configurativos pioneiros, como Mondrian, Sophie Täuber e Richard Paul Lohse, cujas obras estavam voltadas para uma estética matemática.

Ter feito dessa perspectiva da estética do número o ponto de partida de seus projetos é característico de Van Eyck. Ela chegou a plena desenvoltura em seu Orfanato (Amsterdã) e o levou a declarações como: "Fazer de cada casa uma pequena cidade e de cada cidade uma casa ampla". Esse passo rumo a uma arquitetura como complemento estrutural da cidade deu-se no projeto da sede da Prefeitura de Deventer e prosseguiu, na escala do planejamento urbano, com o plano de reestruturação da área do Nieuwmarkt de Amsterdã. Os muitos projetos habitacionais que se seguiram, em que o método configurativo foi abandonado por força de considerações realistas, exerceram grande influência na arquitetura de renovação urbana.

Depois desse período e da associação com sua mulher Hannie, orientou-se uma vez mais para os modernos. Enquanto trabalhava na Hubertushouse, o tom de seu estilo mudou e tornou-se mais transparente, no sentido figurado e no literal. Seu método configurativo reapareceu como que renascido, a atividade da cor tornou-se um elemento de definição na qualidade espacial.



Orfanato, Amsterdã, 1960

Foi abandonado o ideal modernista dos esqueletos puros – e o revestimento começou a desempenhar um papel visual enérgico, especialmente em relação aos arredores. Isso se pode ver no complexo *ESTEC* (nas dunas próximas a Noordwijk), assim como no cintilante Tribunal de Contas, no centro velho de Haia.

Há uma diferença formal importante entre o Orfanato (1955-1960) e o Tribunal de Contas (1992-1997). Intrinsecamente, porém, acham-se na mesma linha. Em cada projeto, Van Eyck buscava uma ordem arquitetônica coerente, relacionada ao uso e ao contexto. Dessa forma, o processo configurativo permanecia aberto e sua arquitetura, livre de qualquer linguagem formal *a priori*.

Vincent Ligtelijn, Haia, 19/9/1999

Tribunal de Contas, 1997

Herman Hertzberger Articulations

Conceito:
Herman van Bergeijk

A exposição *Articulations* explora o conceito e a articulação do espaço no trabalho de Herman Hertzberger. Quatro "pavilhões" seqüenciais retratam o uso do espaço em projetos de escalas diferentes. Segundo Hertzberger, não existe a oposição entre espaço público e privado. Os conceitos de "público" e "privado" podem ser vistos como uma série de qualidades espaciais, diferindo em gradações de acessibilidade, funções e formas de supervisão. Hertzberger define essas gradações no espaço pelo uso de materiais, forma, luz e cor. Mas essa definição é no final determinada pela "performance" e "competência". O papel do espaço – tanto em escolas, teatros, escritórios e moradias quanto em nível urbano – é sempre claro na arquitetura de Hertzberger. No entanto, ele sempre confere ao usuário a liberdade de organizar e utilizar o espaço de maneira variada.

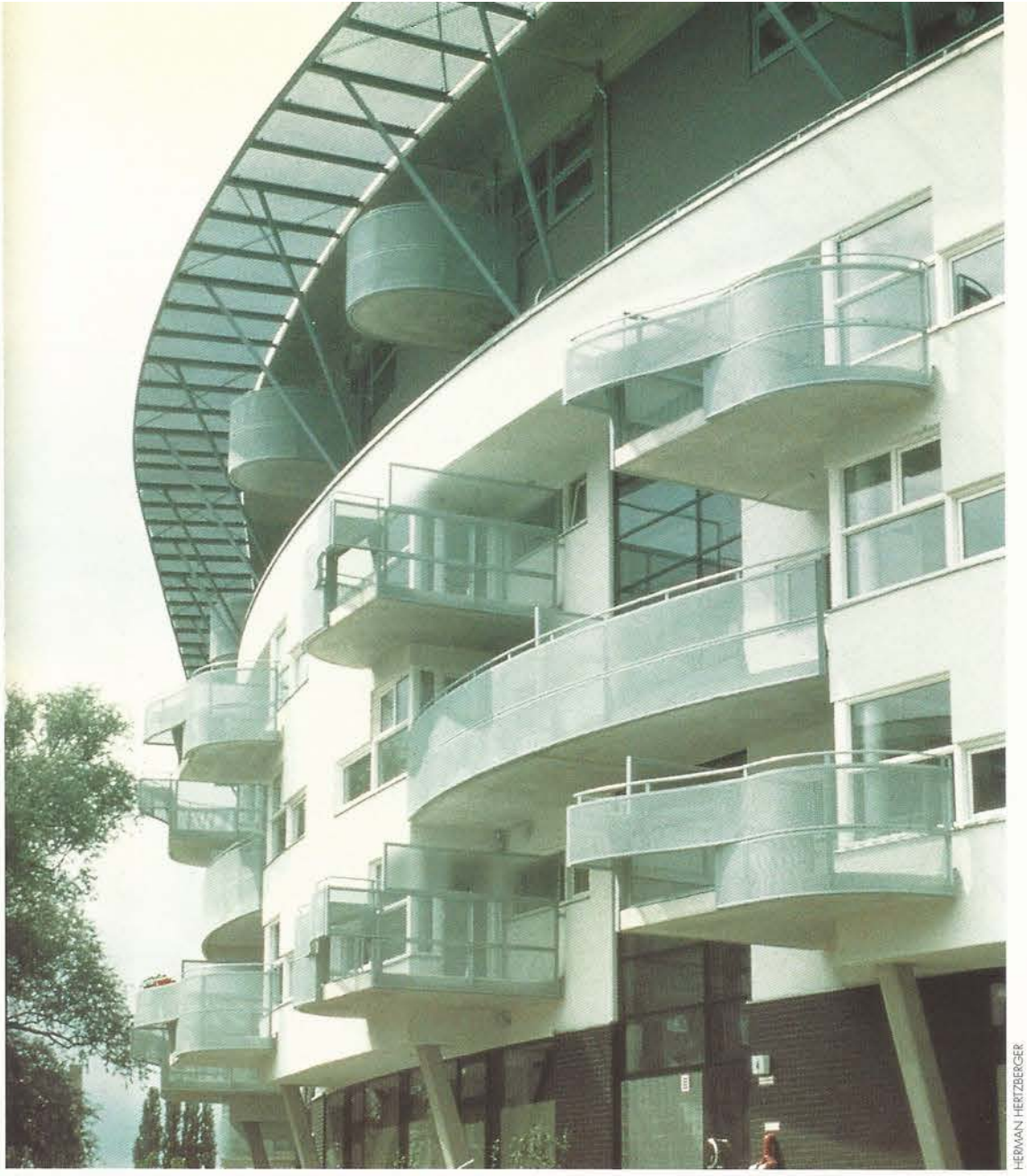
Além de expor antigos trabalhos, *Articulations* apresenta os projetos mais importantes e recentes de Hertzberger. Não apenas as construções em si, mas especialmente o processo de concepção é tema central dessa exposição. Esboços (alguns provenientes do famoso caderno de Hertzberger), desenhos, maquetes e fotografias são os meios pelos quais a exposição tenta dar uma idéia de como Hertzberger pensa e projeta. Podemos ter, então, uma noção mais ampla dos problemas que ele enfrenta e a maneira como tenta solucioná-los. A exposição ainda contará com três apresentações em vídeo.

A exposição consiste em quatro pavilhões autônomos que podem ser facilmente transportados num contêiner de aproximadamente 6 m. Kristin Feireiss, diretora do NAi, incumbiu Hertzberger de projetar os pavilhões. Cada unidade consiste em duas partes de tamanhos diferentes. Dentro do contêiner as duas se encaixam, formando uma espécie de maleta que protege os materiais da exibição acomodados nesse interior. Para a exposição, as partes devem ser combinadas de duas em duas para formar quatro pavilhões diferentes em tamanho e forma. O exterior do pavilhão é recoberto com borracha preta. Já o interior consiste em madeira compensada e superfícies pintadas. O exterior dos elementos desmontáveis é de alumínio.

Todos os desenhos e maquetes, assim como o equipamento de vídeo e a iluminação, são embutidos nos pavilhões. Após a montagem de cada pavilhão, podem-se encaixar os elementos desmontáveis e fazer a conexão elétrica.

Notations, uma publicação da editora Nai (Nederlands Architectuurinstituut), destaca os cadernos de Hertzberger, em que o arquiteto anotou idéias e opiniões durante vários anos, formando um verdadeiro diário arquitetônico.

Lily Hermans e Sander van Wees



HERMANN HERTZBERGER

Complexo Residencial, Stralauer Halbinsel, Berlim, 1993-1997

YKK Dormitory/Guesthouse, Kurobe, Japão, 1991-1998

HERMANN HERTZBERGER

Escondendo-se em plena vista

Conceito:
Francine Houben e Henk Döll

O fato de todos os titulares do Mecanoo terem menos de 45 anos é talvez o único ponto em comum verdadeiro que os relaciona com outros grupos de jovens e inovadores arquitetos sediados em Los Angeles, Londres e outros lugares. Mecanoo não é um conglomerado multinacional que constrói nos seis continentes, nem um pequeno estúdio que se mantém à margem e contenta-se com projetos modestos ou publicações de tratados teoréticos. Assim como em várias outras esferas da vida na Holanda, o tamanho do Mecanoo é uma constatação deliberada de uma escala que permite uma variedade de relações de trabalho e formas de engajamento.

Mecanoo, administrado por Henk Döll (1956) e Francine Houben (1955), emprega atualmente 50 pessoas e, em 15 anos de existência, realizou 200 projetos. Desses, 80 foram executados e 35 estão em fase de elaboração ou em construção. Não existem muitos arquitetos de renome internacional hoje em dia que podem reivindicar realizações semelhantes e são muito menos os que podem exibir gama similar de obras: um restaurante, um hotel, bibliotecas, laboratórios, complexos universitários, habitação social, escritórios, sedes de governos municipais, parques paisagísticos e cidades inteiras. Os Países Baixos promovem sua arquitetura como um componente vital da identidade cultural da nação, mantendo um sistema eficiente de concursos para construções e um rígido controle do uso do território. Essa política, invejada por arquitetos no mundo todo, proporciona um importante contexto para as atividades do escritório. Mas a grande variedade de clientes torna impossível ligar a prática do Mecanoo a apenas um patrocinador.

Observe bem suas construções e tente discernir um estilo próprio, uma assinatura, o sine qua non exigido pelo cliente ou por um júri preocupado em se certificar de que o prédio será reconhecido como produto de um talento arquitetônico especial. Mas os prédios do Mecanoo apresentam o que Ludwig Wittgenstein chamou de "aparência familiar". Eles não permitem que características comuns sejam aproximadas para a caracterização de uma identidade. A cada nova incumbência, o escritório reinventa soluções programáticas e de design, oferecendo uma noção de arquitetura muito mais ousada que a repetição de projeto a projeto de uma assinatura afetada.

Quais são, então, os credos desse alegre grupo de não-conformistas, cujo nome foi escolhido para rimar com "zôo" e cujo logotipo sugere uma queda no precipício do desconhecido? A teoria e prática da arquitetura do Mecanoo poderia ser vista como uma manifestação de um compromisso de seus titulares com a engenharia inventiva e a tecnologia ambiental, da sensibilidade que demonstram diante de um contexto existente, da fé que eles têm no valor do urbanismo e do espaço público, e da política social-democrata de atuação que exercem. Enquanto nenhum desses atributos consegue definir por si só o Mecanoo, a combinação de todos no trabalho de um único escritório é bastante rara e revela muito sobre a postura do escritório em relação ao edifício.

O Mecanoo projeta com, e não apenas para, seus clientes. Segundo o Mecanoo, o papel do arquiteto é de ser um juiz para interesses contrários e uma força para encorajar grupos rivais para abrir mão de parte do próprio poder a fim de chegar a um objetivo comum. Essa visão se equipara à descrição da democracia social holandesa em ação.

Biblioteca de Almelo

O modo de trabalhar do escritório abrange viajar com os clientes em visitas a prédios importantes e reuniões freqüentes para refinar o projeto. Isso exige tempo e, no caso da Biblioteca de Delft, foram cinco longos anos de discussões antes de se chegar a um projeto final. Às vezes se esquece rápido demais que uma arquitetura confiável requer muita paciência.

Edward Dimendberg
O artigo completo foi publicado em *Mecanoo*, de Annette W. LeCuijer (ed.). Michigan Architecture Papers, Ann Arbor, Michigan, 1999.

Biblioteca da Universidade de Delft

Raumplan versus Plan Libre

Conceito e design:
Max Risselada

Adolf Loos e Le Corbusier, 1919-1930

Na exposição *Raumplan versus Plan Libre*, confrontam-se dois conceitos de espaço conforme respectivamente concretizados nos projetos de casas de Adolf Loos (1870/1933) e Le Corbusier (1887/1965) durante os anos 20.

A primeira montagem dessa exposição realizou-se em 1987, na Faculdade de Arquitetura da Escola Politécnica de Delft, na Holanda, por ocasião do Centenário de Le Corbusier, e tem nos últimos anos viajado pela Europa e pelos Estados Unidos.

Não é fortuito o fato de essa exposição haver sido elaborada no seio de uma instituição educacional.

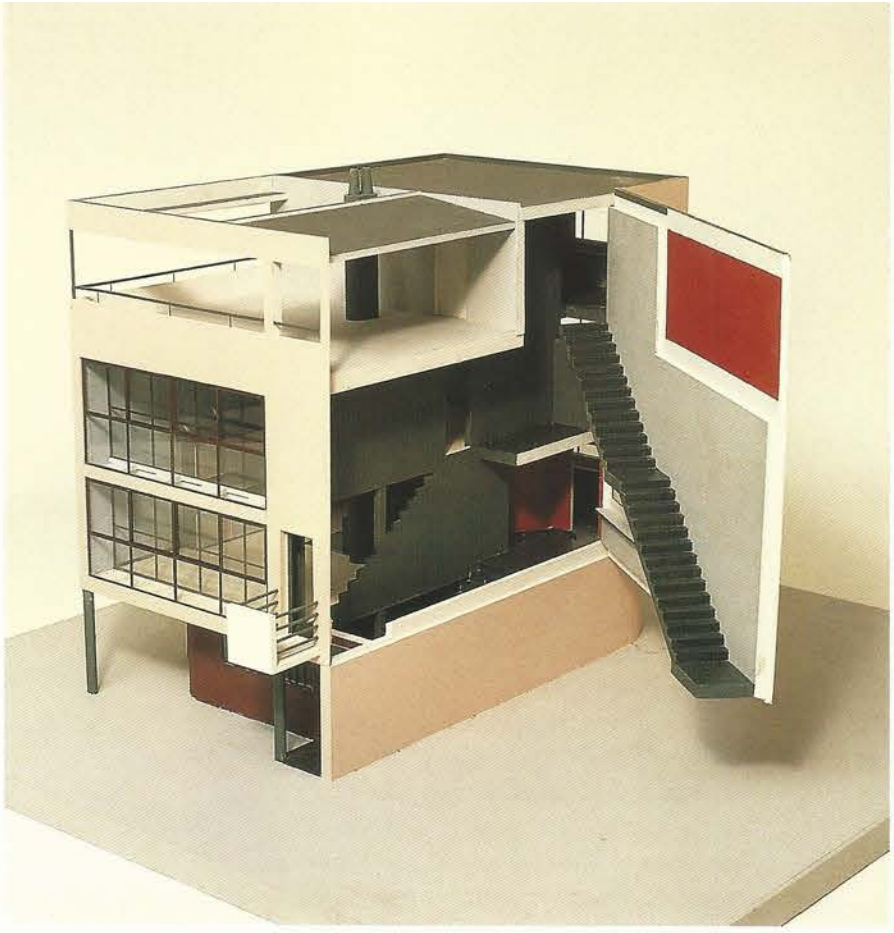
"A comparação é um dos meios pelos quais se pode discutir o 'projeto'. Isso é de vital importância numa situação em que já não se pode construir um programa educacional em torno de uma única teoria arquitetônica, todo-abrangente", por não existir tal teoria dentro da própria disciplina.
Conseqüentemente, o estudante de arquitetura acaba deparando com múltiplos modos de ver, tanto dentro quanto fora do contexto educacional.

O arquiteto emprega seu conhecimento e habilidades específicas na preparação do projeto.
É no projeto que os aspectos do processo se confrontam: de um lado o plano, o lugar e o orçamento; de outro, o material, a construção e a apresentação. Entre esses pólos há interação contínua. Logo, os limites do projeto são seguidamente redefinidos em conseqüência das concepções desenvolvidas pelos arquitetos com respeito ao papel deles próprios como intermediários; concepções quanto ao aspecto do processo de construção para o qual preferirão voltar-se.
Por exemplo, o arquiteto que concebe o projeto como um trabalho autônomo poderá ser considerado em oposição ao arquiteto que "se entrega" intencionalmente ao processo de edificação.

A comparação entre Loos e Le Corbusier é fascinante porque na obra de ambos os arquitetos existe uma tensão criativa entre essas duas posturas. De um lado, a obra de ambos se preocupa com a autonomia da arquitetura; de outro, ambos têm seu modo de colocar a obra em um contexto social, o que seus escritos tornam particularmente claro.

Está ainda conosco o argumento de Loos no ensaio "Princípios de revestimento" (1898):
"A imaginação [dos arquitetos] não forma espaços, porém massa. Tudo o que a massa de paredes deixa de lado são os espaços".

Retirado do contexto, esse fragmento faz uma distinção fundamental. De um lado, a noção de que a arquitetura consiste primordialmente no projeto de aposentos, que por sua vez evocam estados de espírito para os quais os materiais e suas várias formas de tratamento podem contribuir. De outro lado, uma arquitetura que projeta entidades estruturais que demarcam o espaço.



ACERVO DA TU DELFT UNIVERSITY

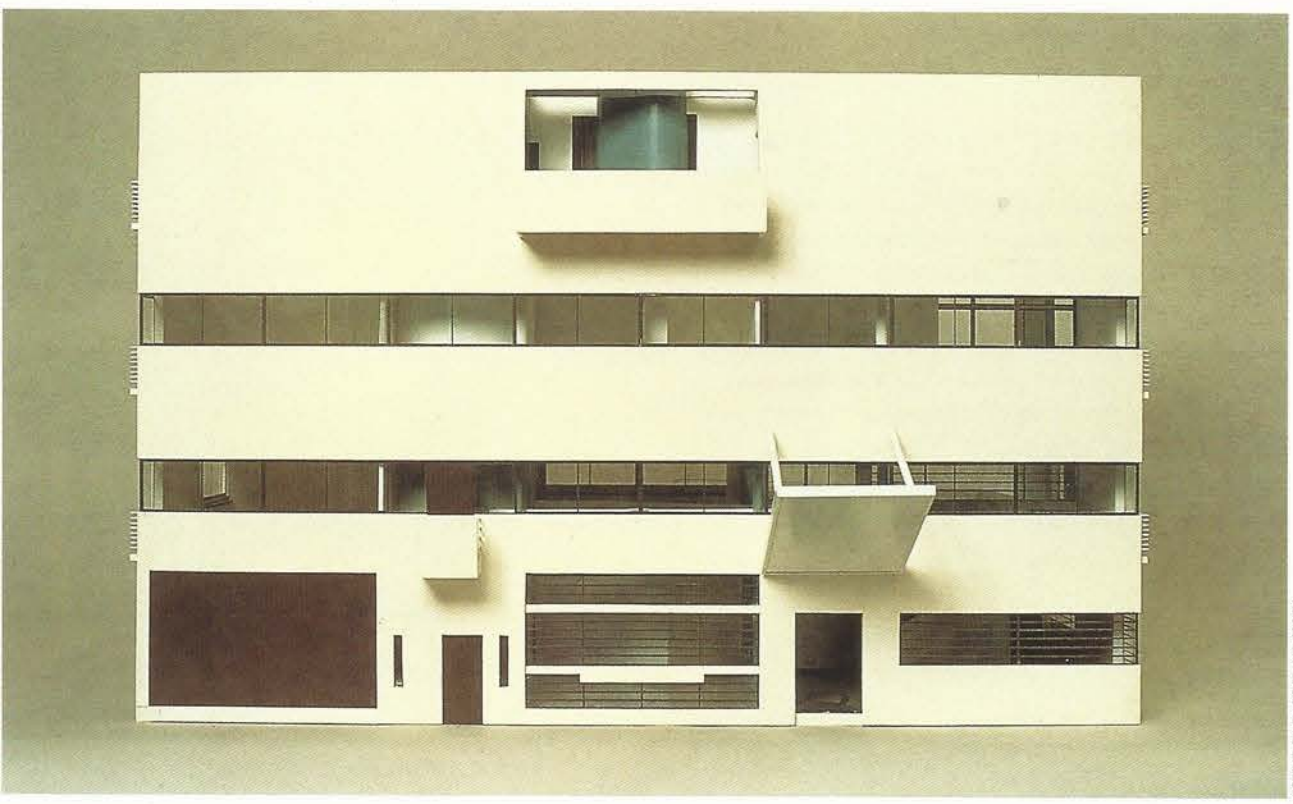
Le Corbusier: Maison Citrohan, Stuttgart, 1927

Essa distinção se relaciona intimamente com a experiência do espaço. De um lado, espaços que o corpo inteiro pode habitar – a envolverem todos os sentidos; de outro, espaços onde talvez só haja lugar para o olhar errante. Espaços para usar – em oposição a espaços para olhar.

Desde então, ficou claro que, nos experimentos que conduziu nos anos 20, Le Corbusier se distanciou do antropocentrismo observável na obra de Loos. Espaço e massa já não se acham em relação hierárquica, mas numa determinação recíproca em que o desaparecimento de uma idéia panorâmica de espaço faz com que o homem também desapareça do centro, pedindo assim novo tratamento dos objetos e do espaço.

Na obra de Le Corbusier o espaço é libertado – para ser reconquistado pelo usuário espectador. A via arquitetônica é importante elemento de estímulo a essa experiência. Desaparece a casa como refúgio propiciador de uma sensação de segurança, bem como desaparece a diferença entre mundo exterior e mundo interior – a casa é como uma cidade, uma paisagem. Para resumir: nas casas de Loos, a pessoa é consumida; nas casas de Le Corbusier, o morador torna-se consumidor.

Le Corbusier: Villa Stein de Monzie, Garches, 1928



ACERVO DA TU DELFT UNIVERSITY

Uma questão decorrente do que foi anteriormente exposto é a maneira pela qual a experiência da arquitetura é concebível ou transmissível por meio de desenhos e fotografias. Como se sabe, Loos rejeitou, até pouco antes da morte, a publicação de seus projetos, convencido de que a essência do *Raumplan* não era transmissível por desenhos e fotografias.

Desde o começo da carreira, Le Corbusier tinha consciência da função potencialmente útil da publicação das obras em que, além da palavra escrita, também as imagens fotográficas desempenhavam importante papel. Assim, a receptividade dessas obras fica determinada em grande parte pelo material selecionado e revisto por ele para as edições de sua *Œuvre Complète*.

O fato de havermos optado por apresentar essas duas concepções espaciais na forma tridimensional própria de uma exposição tem muito a ver com as questões mencionadas acima.

Ao contrário das publicações em geral, as exposições de arquitetura relacionam-se mais intimamente com os objetos retratados, em virtude da natureza do arranjo espacial deles, pelo qual se pode experienciar maior número de relações no tempo e no espaço simultaneamente. O arranjo espacial, entretanto, não deve tentar imitar as qualidades espaciais específicas da obra apresentada, mas, acima de tudo, tentar elucidar as várias dimensões dela.

A fim de revelar o caráter complexo e múltiplo da arquitetura, nossa exposição apresenta em mais de um contexto os projetos pertinentes:

1. Em ordem cronológia, as ilustrações das casas, as edições e as atividades de Loos e de Le Corbusier.
2. Em ordem cronológica, documentação que apresenta as casas por meio de fotografias, planos e seções reduzidos à mesma escala; e de maquetes.
3. Em três temas:
   - Plano *versus* tipo: a posição do conceito de tipo na obra de ambos os arquitetos. Ilustram a comparação a *Casa dos Dados* de Loos (1928/1929) e a *Maison Citrohan* de Le Corbusier (1919/1929).
   - Construção *versus* revestimento: a elaboração do material, da textura e da cor nos interiores produzidos por ambos os arquitetos.
   - Projeto *versus* execução: o relacionamento desses dois processos-funções, ilustrado pela comparação da *Hause Moller* (1928), de Loos, com a *Villa Stein de Monzie* (1928), de Le Corbusier.

As maquetes ocupam importante lugar na exposição. Proporcionam o único meio de contornar, a bidimensionalidade dos desenhos e fotografias.

Foram elaboradas de tal modo que as características de cada projeto sejam experienciadas. Isso se obtém com o uso de diferentes escalas: as maquetes pequenas, abstratas, proporcionam o discernimento da articulação da massa e da organização de planos e seções; as maquetes grandes, com interiores executados em cores, tornam visível a coesão espacial dos componentes.

ACERVO DA TU DELFT UNIVERSITY

Le Corbusier: Apartamento-modelo, Salão de Outono, Paris, 1929

Essas maquetes são as verdadeiras obras de arte da exposição.

1. Le Corbusier: *Maison Citrohan*, Stuttgart, 1927
   Escala da maquete: 1:20; por Jaques Keet
2. Adolf Loos: *Casa dos Dados*, 1927
   Maquete feita por Heinrich Kulka, aluno de Adolf Loos
3. Le Corbusier: *Villa Stein de Monzie*, Garches [perto de Paris], 1928
   Escala da maquete: 1:20; feita por Bjorne Mastenbroek e Leen Kooman
4. Adolf Loos: *Hause Moller*, Viena, 1928
   Escala da maquete: 1:20; feita por Dick van Gameren e Max Risselada
5. Le Corbusier: Apartamento apresentado no Salão de Outono, Paris, 1929
   Escala da maquete: 1:10; feita por Helena Jiskrova
6. Adolf Loos: *Apartamento Leo Brummel*, Pilsen, 1929
   Escala da maquete: 1:10; feita por Frank van Duyn e Gerard de Jonge
7. Le Corbusier: *Villa Cook*
   Escala da maquete: 1:10
8. Le Corbusier: *Villa Baizeau*
   Escala da maquete: 1:100

Max Risselada

Adolf Loos: Apartamento Leo Brummel, Pilsen, 1929

ACERVO DA TU DELFT UNIVERSITY

Horta e após. 25 mestres da moderna arquitetura belga

Curador:
Mil De Kooning

Há várias décadas, a arquitetura belga do século XX não era muito considerada. Pensava-se que a Bélgica não realizara grandes coisas após Victor Horta e Henry van de Velde.

À primeira vista, essa crítica não está inteiramente mal-colocada: durante este século, a Bélgica não produziu edifícios "genéricos", nenhuma arquitetura cuja influência fosse sentida muito além de suas fronteiras.

Talvez não seja coincidência o fato de os únicos arquitetos que poderiam ser facilmente integrados em um contexto internacional deverem sua importância principalmente a projetos de escala super-urbana que não foram implantados: Julien Schillemans, o utopista executado pelo regime nazista cuja Cidade-Mundo para 35 milhões de habitantes é mais ou menos da mesma época que as cidades lineares de Milyutin; Luc Deleu, o "orbanista", cujas propostas combinam a translucidez de Buckminster Fuller com as noções de síntese de Le Corbusier; e, finalmente, Willem-Jan Neutelings, o flamengo cujo panfleto *Ring Culture* assinalou a ruptura de que a Bélgica precisava com urgência, uma Bélgica enclausurada em si mesma nos anos 70 e 80.

As outras personalidades da exposição *Horta e após* nunca se deixaram levar por ambições de escala muito elevada; sua obra enraíza-se muito mais num contexto estritamente belga, mesmo que, como no caso de Bob van Reeth ou Charles Vandenhove, atualmente sejam bastante procuradas por clientes estrangeiros. A visão e o pensamento dessas personalidades é internacional, mas o quadro de referência de sua arquitetura é "local" e preocupado com a "inteireza do trabalho". Independentemente de exceções como Victor Bourgeois, entre os belgas o "moderno" é raramente afetado pelas questões da vanguarda e da modernidade. Mas é precisamente nisso que encontramos o significado e a força do trabalho e da personalidade deles. Um crítico escreveu em 1937 que a moderna arquitetura belga é muito mais sensual que a de outros países europeus, já que busca contrastes vívidos entre forma e material. Seu alvo não é a rarefação ou a leveza, mas a opulência; é rotunda e substancial e sua intenção é, acima de tudo, possibilitar uma vida generosa e confortável. Isso se aplica até a um dos modernistas belgas mais rigorosos, Louis-Herman De Koninck, projetista de vilas meticulosamente detalhadas, a quem nada mais aprazia que se sentar numa espreguiçadeira fora de moda em meio à mobília de vanguarda que ele mesmo desenhara, com um prato de *petit fours* – um belga alegre, genuíno, que se sente bem em sua casa.

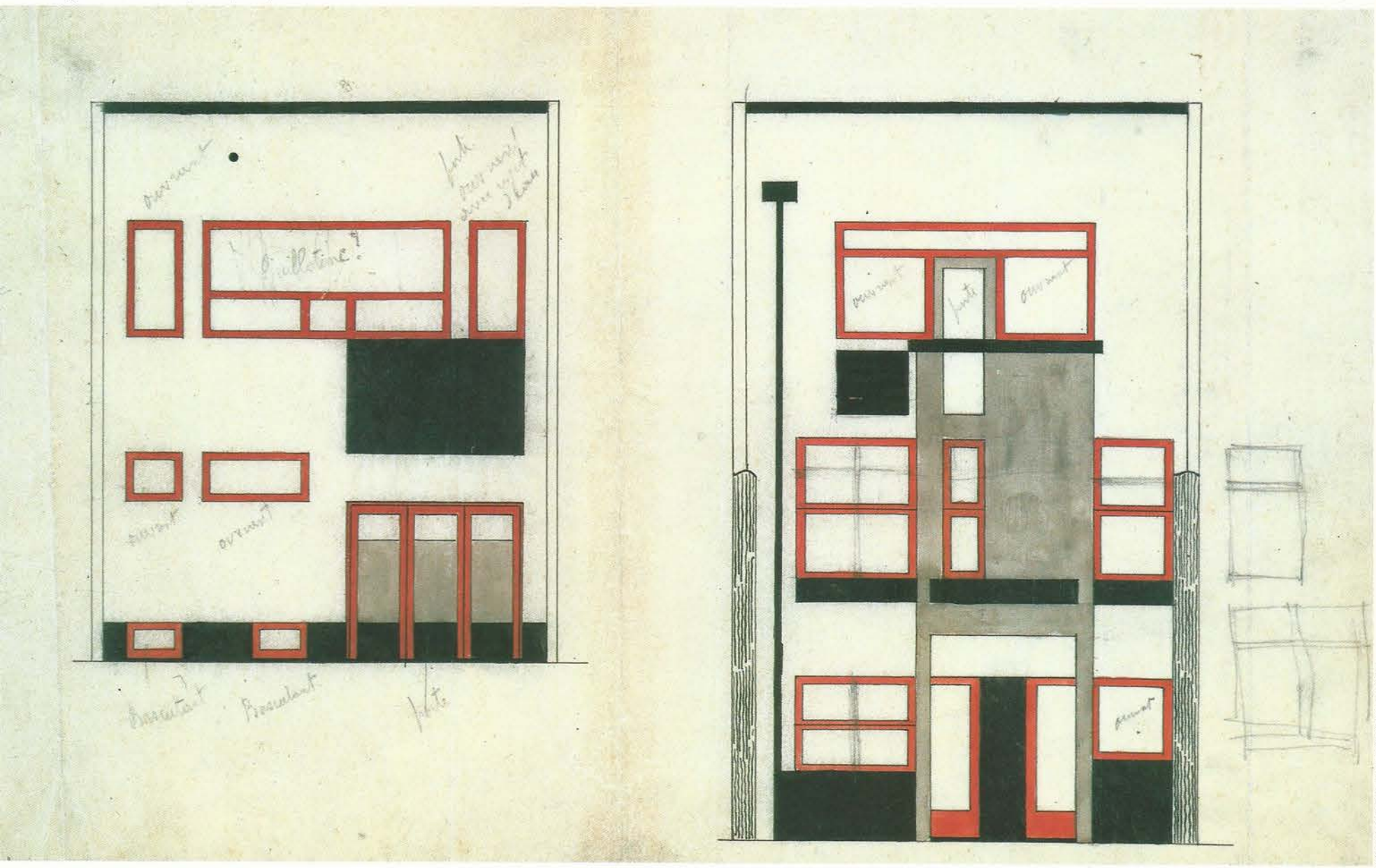
Mesmo nos anos 50, quando por período muito breve a arquitetura parecia adquirir uma leveza quase "não-belga", esse "bem-viver" permanecia como finalidade última, despido de tensões internas, embaraços e contradições.

Apenas nos últimos anos é que isso mudou, com a obra efervescente de Beel, De Geyter e Neutelings – arquitetos inspirados pelos enquadramentos conceituais e pelas idéias de Rem Koolhaas. A arquitetura deles já não é puramente introspectiva, mas se alimenta da realidade complexa da sociedade contemporânea e dos contrastes quase absurdos que aí estão aos montes numa Bélgica caoticamente entupida de edifícios. Exatamente um século após o revolucionário advento de Victor Horta, a arquitetura da Bélgica parece haver reconquistado um espaço para respirar e um momento de liberdade.

Mil De Kooning

Louis Herman De Koninck: Casa Dr. Ley (1934)

Victor Bourgeois: Casa do arquiteto (1925)



ARQUIVO DE ARQUITETURA MODERNA, BRUXELAS

WIN VAN NUETEN

Henry van de Velde: Casa Wolfers (1930)

Por ocasião da participação belga na 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, foi editado um catálogo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Gand. O livro reúne o melhor da obra de 25 arquitetos belgas: Victor Horta, Henry van de Velde, Victor Bourgeois, Louis-Herman De Koninck, Huib Hoste, Marcel Leborgne, Gaston Eysselinck, Fernand, Maxime e Gaston Brunfaut, Julien Schillemans, Renaat Braem, Léon Stynen, Jacques Dupuis, o Grupo EGAU, Willy Van Der Meeren, Lucien Engels, Peter Callebout, Charles Vandenhove, Paul Neefs, Marc Dessauvage, Bob van Reeth, Luc Deleu, Paul Robbrecht & Hilde Daem, Stéphane Beel, Xaveer De Geyter, Willem-Jan Neutelings & Michiel Riedijk.

Henry van de Velde: La Nouvelle Maison (1927-1928)

WIN VAN NUETEN

Marcel Leborgne: Casa Dirickx (1929-1934)

Maxime Brunfaut: Sanatório "Joseph Lemaire" (1933-1937)

ARQUIVO DE ARQUITETURA MODERNA, BRUXELAS

Renaat Brem: Conjunto Habitacional "Het Kiel" (1951-1958)

Leon Stynen: Edifício de apartamentos Elsdonck (1932-1934)

COLEÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E PLANEJAMENTO URBANO DA UNIVERSIDADE DE GHENT

Groupe EGAU: Casa Mozin (1958)

Willy Van Der Meeren: Casa Roelants (1962)

WIM VAN NIJETEN

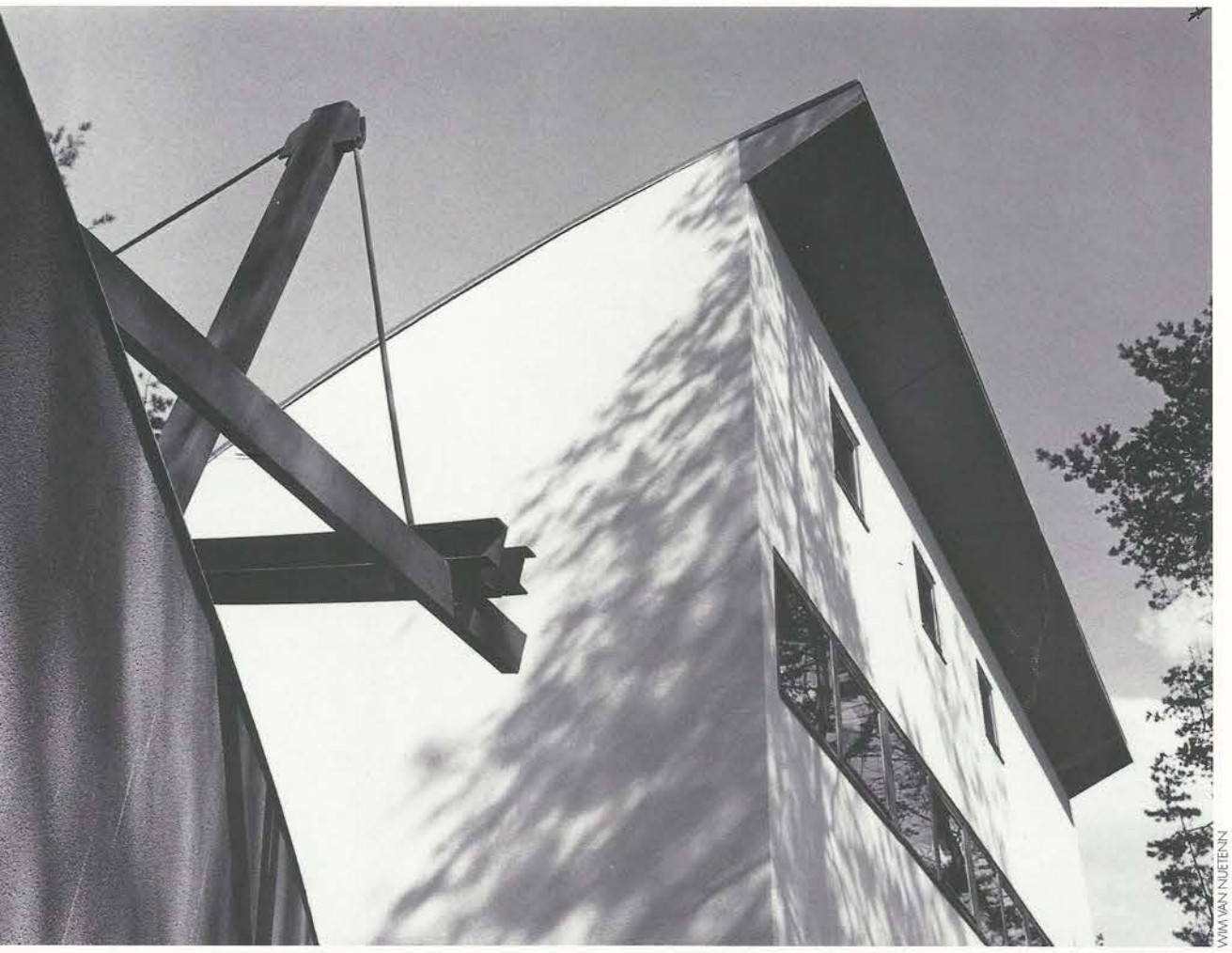
COLEÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E PLANEJAMENTO URBANO DA UNIVERSIDADE DE GHENT

Lucien Engels: Casa Lambiotte (1954)

Lucien Engels: Casa Lambiotte (1954)

Lucien Engels: Casa Emile Vandervelde II (1954-1957)

COLEÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E PLANEJAMENTO URBANO DA UNIVERSIDADE DE GHENT



WIM VAN NUETENIN

Stéphane Beel: Casa Van Pelt (1985)

Stéphane Beel: Casa em Rotselaar (1994)

LIEVE BLANCQUAERT

O pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Bruxelas, 1958

Curador:
Mil De Kooning

Arquiteto Sérgio Bernardes

Bélgica – sede da Exposição Universal de 1958. Bruxelas ganhou nessa ocasião seu cartão-postal, o Átomo. O evento teve a participação de mais de 40 países e várias organizações internacionais, recepcionando mais de 40 milhões de visitantes. Na arquitetura das edificações reinaram a inventividade arquitetônica e a simbologia. Le Corbusier projetou um pavilhão com um 'poema eletrônico' para a Philips; o Vaticano encomendou uma igreja (projetada por Paul Rome e Roger Bastin). Países como França (Guillaume Gillet, René Sarger e Jean Prouvré), Japão (Kunio Maekawa) e Iugoslávia (Vjenceslav Richterz) apresentaram estruturas complexas e designs sofisticados. Depois da Expo, todas essas janelas para o futuro foram demolidas impunemente; alguns pavilhões foram reconstruídos na Bélgica ou nos países de origem. Em Bruxelas, somente o Átomo permaneceu firmemente em pé; do restante só ficaram as memórias, os livros de fotografias e os jornais e revistas amarelados. Em algumas fotos vislumbra-se, escondido atrás de um celeiro com telhado de palha, um toldo de concreto, esticado entre torres de aço, embaixo de um balão: o pavilhão brasileiro.

Brasil – encontrava-se em 1958 numa fase fervilhante de sua história, a 'Era JK', sob a presidência de Juscelino Kubitschek. JK prometera 50 anos de desenvolvimento em apenas 5. O país entrou em ritmo de trabalho acelerado: desbravaram-se acessos ao interior, criou-se um moderno parque industrial da noite para o dia e reforçou-se a auto-estima. A indústria automobilística estabeleceu-se em São Paulo e os primeiros fuscas saíram da linha de montagem. O Rio de Janeiro foi o palco de uma excitante renovação cultural, liderada por cineastas (Cinema Novo), músicos (Bossa Nova) e arquitetos. A seleção brasileira, com um Pelé ainda garoto, tornou-se campeã mundial pela primeira vez na Suécia. E, no Planalto Central, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa riscaram os esboços da nova capital, Brasília, símbolo de um futuro glorioso que o país tinha pela frente. Esse Brasil grande e ambicioso se apresentou em Bruxelas num pavilhão de aço e concreto, projetado por Sérgio Bernardes.

A arquitetura do pavilhão

Na arquitetura brasileira os pavilhões das mostras universais de Nova York (1939) e Osaka (1970) têm destaque especial. Nos Estados Unidos, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer surpreenderam o mundo com formas livres, nas quais as qualidades plásticas do concreto foram aproveitadas ao máximo. O pavilhão no Japão, de Paulo Mendes da Rocha, uma caixa 'bruta' sobre a paisagem, mostrou com vãos de até 30 m e balanços de 20 m as qualidades construtivas do concreto. Esses pavilhões foram feitos como manifestações dos conceitos "da corrente carioca" e da "corrente paulista". O pavilhão de Bruxelas ficou, visto no tempo, no meio dos dois e não representou nenhuma corrente em especial. Era, sim, um exemplo típico da maneira de Bernardes pensar a arquitetura: sem preconceitos sobre material, construção ou forma, ele procura soluções criativas e simples, que, em sua visão, são conseqüência direta das características do lugar e dos requisitos do programa.

ARQUIVO MAEREMANS

érgio Bernardes: Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Bruxelas
1958)

O elemento central na proposta de Bernardes foi a rampa, que começava logo na entrada, no ponto mais alto, e descia num passeio de uma volta e meia ao redor do jardim interno. Para se fazer sentir o pavilhão como um espaço só, a cobertura não tinha nenhum suporte no interior e a rampa foi disposta sobre pilares de aço muito delgados. Os painéis e as vitrines das mostras foram espalhados na descida pela rampa, perpendicularmente ao chão, nunca bloqueando o contato visual com o jardim. Fotos da maquete experimental mostram que Bernardes estendeu a cobertura, de 40 m X 60 m, sobre o prédio como se fosse um lençol, apoiada somente nos cantos por torres triangulares compostas de tubos de aço. O projeto combinou um imenso vão livre com uma estrutura muito leve. Bernardes não elevou as paredes do pavilhão até a altura do prédio, mas colocou faixas de vidro na parte superior para enfatizar a transparência do prédio. A imensa cobertura parecia flutuar no céu, contida apenas por torres delgadas e um balão que ficava balançando no ar.

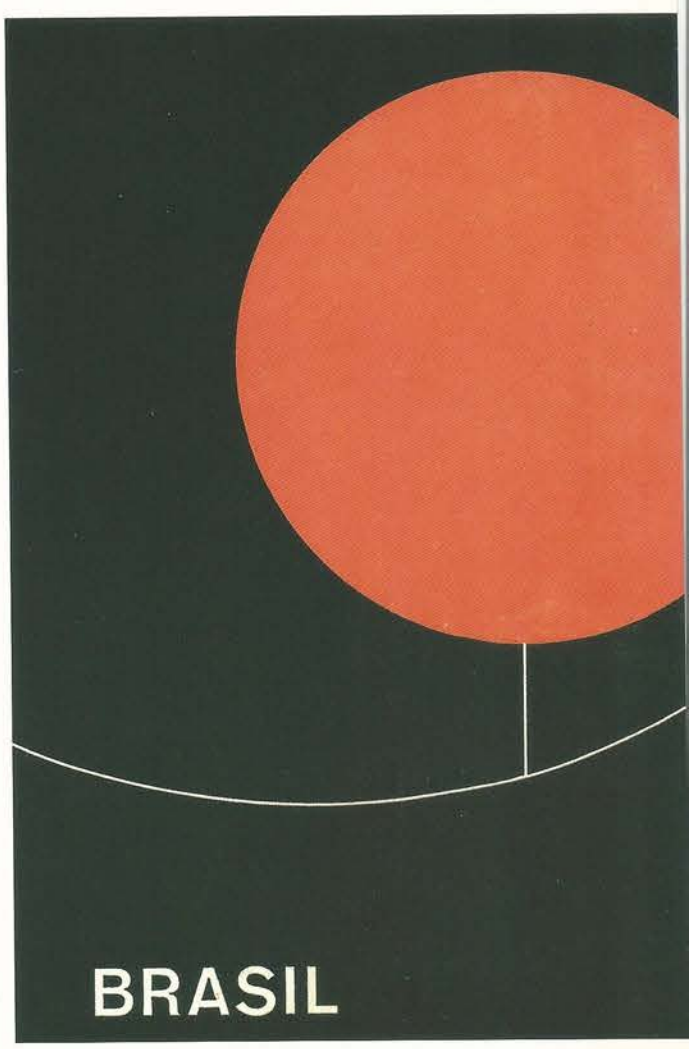
Bernardes – nasceu em 1919, cresceu no Rio de Janeiro e era, em 1958, conhecido principalmente como arquiteto de residências. Hugo Gouthier, então embaixador brasileiro na Bélgica, convidou-o para projetar o pavilhão brasileiro e ofereceu-lhe hospedagem na embaixada em Bruxelas durante o período de construção.

O projeto da Expo em Bruxelas faz parte de uma série de quatro pavilhões com coberturas suspensas, que Bernardes começou a partir de um projeto encomendado pela Companhia Siderúrgica Nacional, para uma mostra temporária no Parque Ibirapuera por ocasião do IV Centenário de São Paulo (1954). É da mesma época o projeto para a Feira Internacional de Indústria e Comércio de São Cristóvão, no Rio de Janeiro (1958-1960), um espaço elíptico de 250 m X 150 m, livre de colunas. O quarto pavilhão é o único que permanece inteiro e com uso original: o Centro de Convenções em Brasília (1972).

Os pavilhões são testemunhos dos experimentos de Bernardes com estruturas de aço, além de fazerem parte dos prédios públicos mais importantes que construiu. No entanto, sua obra é bem mais abrangente. Durante mais de meio século, Bernardes desenvolveu-se como projetista e inventor visionário. Seus projetos vão desde pequenos objetos até a organização de continentes inteiros.

Bernardes construiu sua primeira casa aos 15 anos para um amigo de seu pai. Nos anos seguintes, formou-se e começou a desenvolver sua própria obra. Enquanto Niemeyer destaca-se como o arquiteto da forma livre, Bernardes tornou-se, segundo Backheuser, o grande inovador de tecnologia e materiais na arquitetura brasileira. Ao contrário de muitos contemporâneos, Bernardes não se restringiu às estruturas de concreto; também projetou em madeira e aço; experimentou pedras, plásticos, vidro e cerâmica; incorporou até mesmo neblinas, cortinas d'água, reflexos, sons e odores em seus projetos. Seu vocabulário arquitetônico é muito rico e sempre usado de modo controlado.

Catálogo do Pavilhão Brasileiro
na Feira Mundial de Bruxelas (1958)



A partir dos anos 60 resolveu não esperar por encomendas para desenvolver idéias criativas. Bernardes reinventou a bicicleta ('Biocleta'), o carro ('Bernadete'), o transporte público ('Rotor') e o avião ('Gaivota', 1960). Em 1979 fundou o Laboratório de Investigações Conceituais (LIC), onde elaborou – por conta própria – soluções criativas para as questões sociais mais importantes do Brasil, como habitação, poluição, congestionamentos, secas e desemprego.

Os estudos conceituais de Bernardes parecem um pouco as utopias de Constant ou Yona Friedman das décadas de 50 e 60. Uma diferença importante é que os projetos de Bernardes saíram de um escritório de arquitetura bem-sucedido. Até certo nível, são mais viáveis e realistas, mesmo parecendo inconcebíveis. O projeto de 20 anos atrás das ferrovias no Rio antecipou os estudos atuais no noroeste da Europa sobre o "uso múltiplo" do solo e continua sendo o mais avançado. A distância do imaginário de Bernardes para a realidade concreta às vezes é pequena. O projeto de uma colônia de férias pendurada em cabos de aço sobre a Mata Atlântica em Parati (FORYOU) tem algo em comum com os projetos arquitetônicos para um hotel não-executado em Manaus (1963) e com o hotel construído em João Pessoa (1966): o impacto das construções na natureza existente é sempre mínimo e todos os projetos parecem viáveis e realistas. Bernardes produz sonhos realistas, que às vezes fazem a realidade parecer irreal. Essa postura de inventar o futuro caracterizou o Brasil da Era JK: a vontade de criar uma civilização moderna nos trópicos, a determinação em construir a nova capital Brasília em mil dias e a magia para suspender com um balão inflável um prédio inteiro. Uma mentalidade que no Brasil já desapareceu do horizonte há muito tempo.

Paul Meurs

Sérgio Bernardes: Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Bruxelas (1958)

Cartão-Postal do Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Bruxelas (1958)

A Cidade Branca e as Tendências Atuais da Arquitetura Israelense

Curador:
Asa Shaish

Se nos referirmos à arquitetura como a um espelho que reflita a cultura de uma sociedade – como deveríamos, aliás –, então Israel presta amplo testemunho da solidez desse ponto de vista.

Foi durante os anos 30 que a primeira idade da nova sociedade israelense, com seus vários componentes culturais, ganhou impulso e encontrou expressão. O período foi caracterizado pela imigração de jovem geração de arquitetos para Israel. Plenos de ideais e ansiosos por produzir e construir, foram influenciados pelas idéias utópicas então vitoriosas na Europa, que pregavam democracia, igualdade e uma sociedade humanista. Em tais circunstâncias, a arquitetura participa do dever e da responsabilidade de alterar velhas convenções e valores, para assim construir o presente e, com ele, a sociedade nova.

O jovem país – Israel – veio a ser terreno fecundo para essas idéias arquitetônico-sociais.

Durante esse período, a nação estava engajada numa busca de identidade. A mensagem transmitida pela arquitetura nova foi recebida de braços abertos e levou a realizações qualitativa e quantitativamente impressionantes, expressas em edifícios novos construídos no "estilo internacional" em Israel.

Esta exposição se divide em duas seções. Uma parte é histórico-documentária, passando em revista e documentando o estilo internacional, conhecido em Israel como *Bauhaus*. A primeira mostra dessa seção foi exibida no Museu de Arte de Tel-Aviv, em 1984, com o dr. Michael Levin a cargo da curadoria.

Aqui se apresentam obras escolhidas dos arquitetos que estavam em atividade nos anos 30 e 40, antes da criação do Estado de Israel, das quais ainda hoje se acha visível o impacto na paisagem arquitetônica do país.

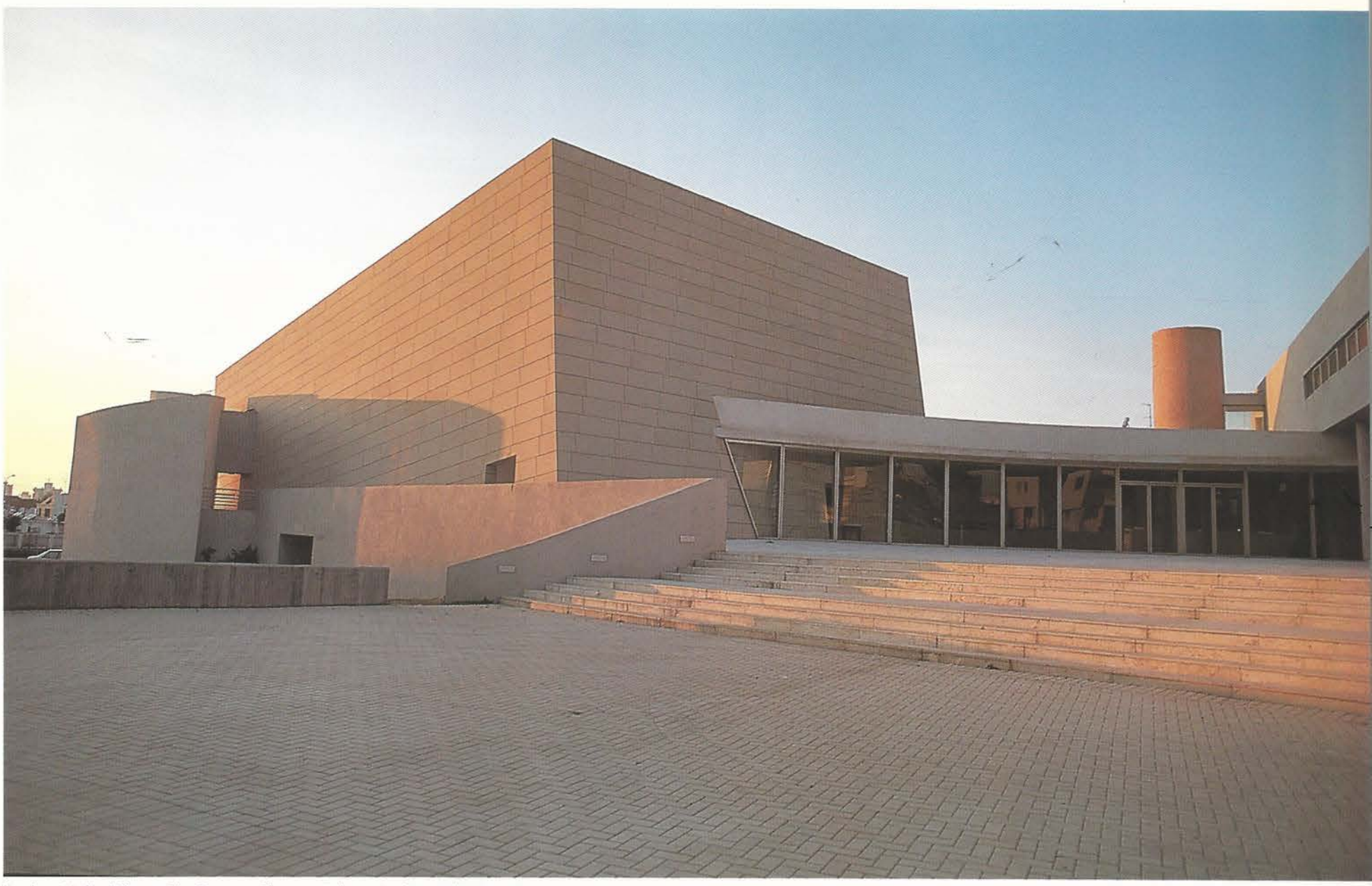
Fotografias da profissional nova-iorquina Judith Turner acrescentam-se a essa seção da exposição.

A outra parte intitula-se *Tendências Atuais da Arquitetura Israelense*. Os sete projetos aí expostos diferem um do outro quanto a conceitos de planejamento e a soluções arquitetônicas. Ainda assim, todos mostram a intenção de pertencer ao cenário cultural local e sua afinidade com ele, cuja fonte principal de inspiração foi o estilo *Bauhaus*.

As fotos do Supremo Tribunal de Israel tiradas pela fotógrafa Marli Shamir, de Jerusalém, juntam-se a essa parte da exposição.

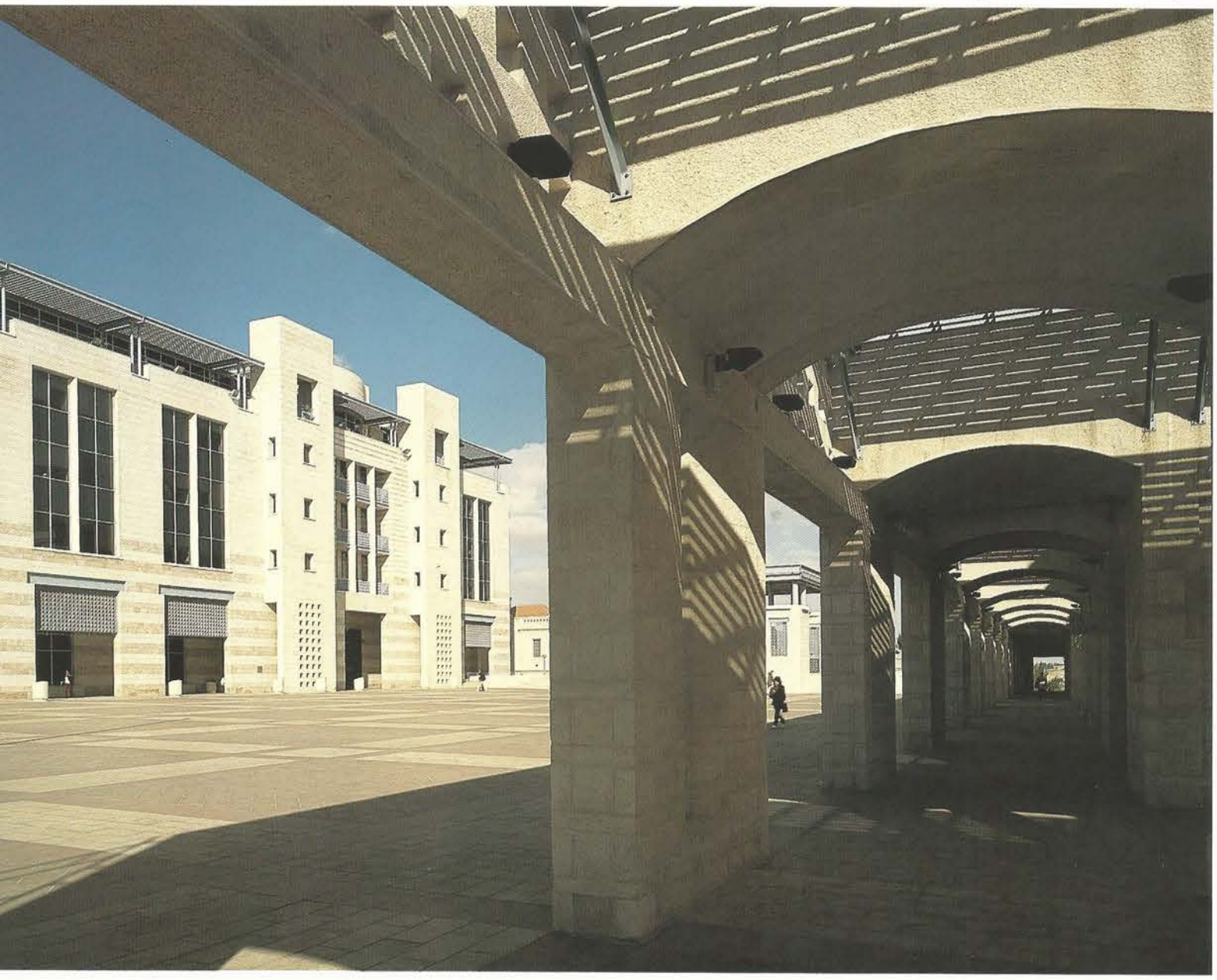
O sétimo projeto, que mostra acréscimos e anexos a edifícios dos anos 30, é uma espécie de resenha. Oferece cinco respostas essencialmente diferentes a um desafio arquitetônico de primeira ordem: como estarmos à altura da herança cultural que chegou até nós e nos inspira tanto orgulho; e como nos relacionarmos com ela. Cada um a seu modo, os trabalhos apresentados tentam oferecer uma estratégia de planejamento e uma solução arquitetônica que nos enriqueçam e reforcem o passado – tanto para nós mesmos quanto para as gerações futuras.

Asa Shaish



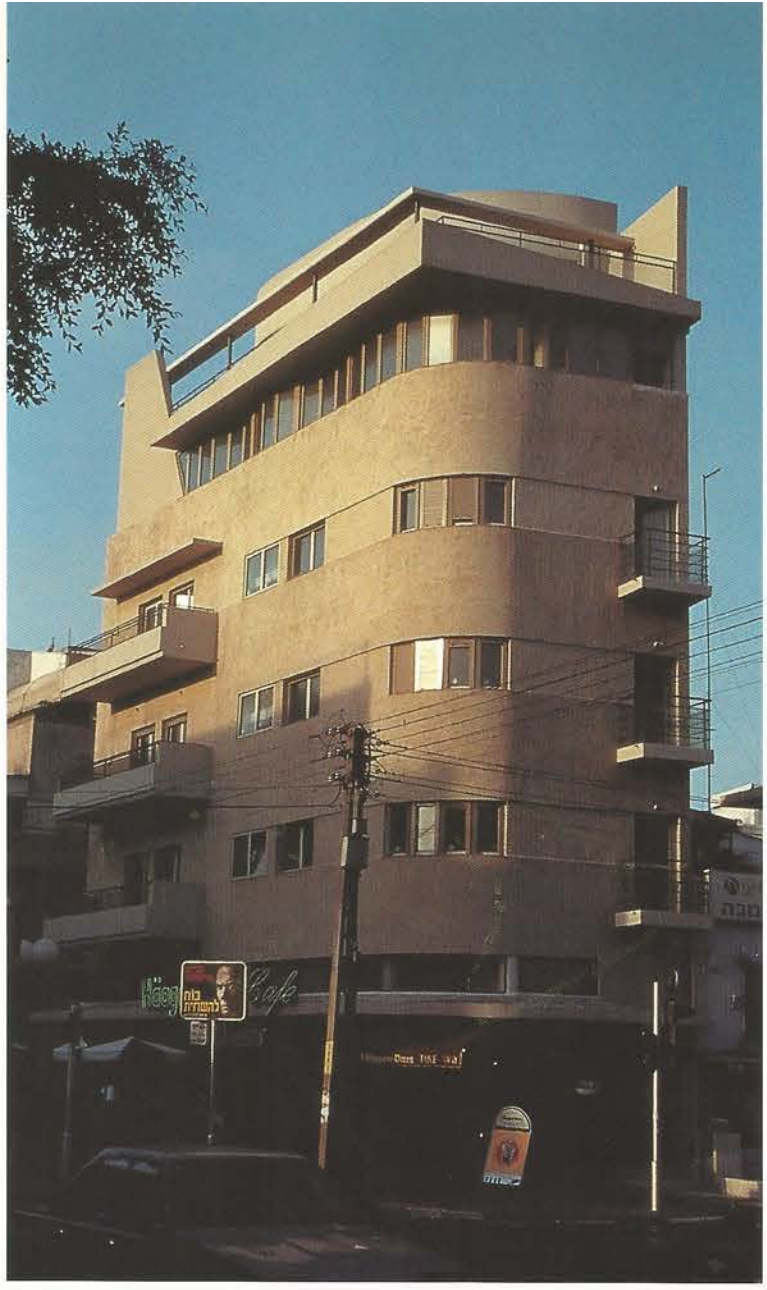
Bracha e Michael Chyutin: The Givatayim Theater e Esslingen Youth Hostel

A.J. Diamond, Donald Schmitt and Company, Kolker Kolker Epstein Architects, Bugod Figueiredo Krendel Architects e Meltzer Igra Architects: Jerusalem City Hall



Mordechai Rosengarten: 20 Melchett Street, 1932 – Studio Gad Halperin: Ampliação, 1997

Joseph Neufeld: Assuta Hospital, Tel-Aviv, 1934



Mühlbauer e Mittelman: 166 Dizengoff Street, 1936.
Arcod: Ampliação, 1996.

Shlomo Plato: 19 Dizengoff Street, 1936.
Arcod: Ampliação, 1996.

Arquitetura para Cultura

Organização:
Curadoria da 4ª BIA.

Segundo alguns observadores, o perfil da civilização urbana, no próximo século, não será apenas definido pelas grandes concentrações empresariais, mas também pela produção cultural, pelos museus, centros culturais, teatros e bibliotecas. O equipamento cultural definirá em grande parte a vida de um bairro, de uma cidade, de uma sociedade. Como já afirmou o *Financial Times*, o museu é a catedral do nosso século e sabe-se intensa busca de prestígio entre empresários e políticos por meio de ações na área de Cultura.

A proliferação de museus e centros culturais nos últimos vinte anos atesta o incremento do interesse do público, nas mais diversas manifestações artísticas, como também confirma a importância social dessas instituições.

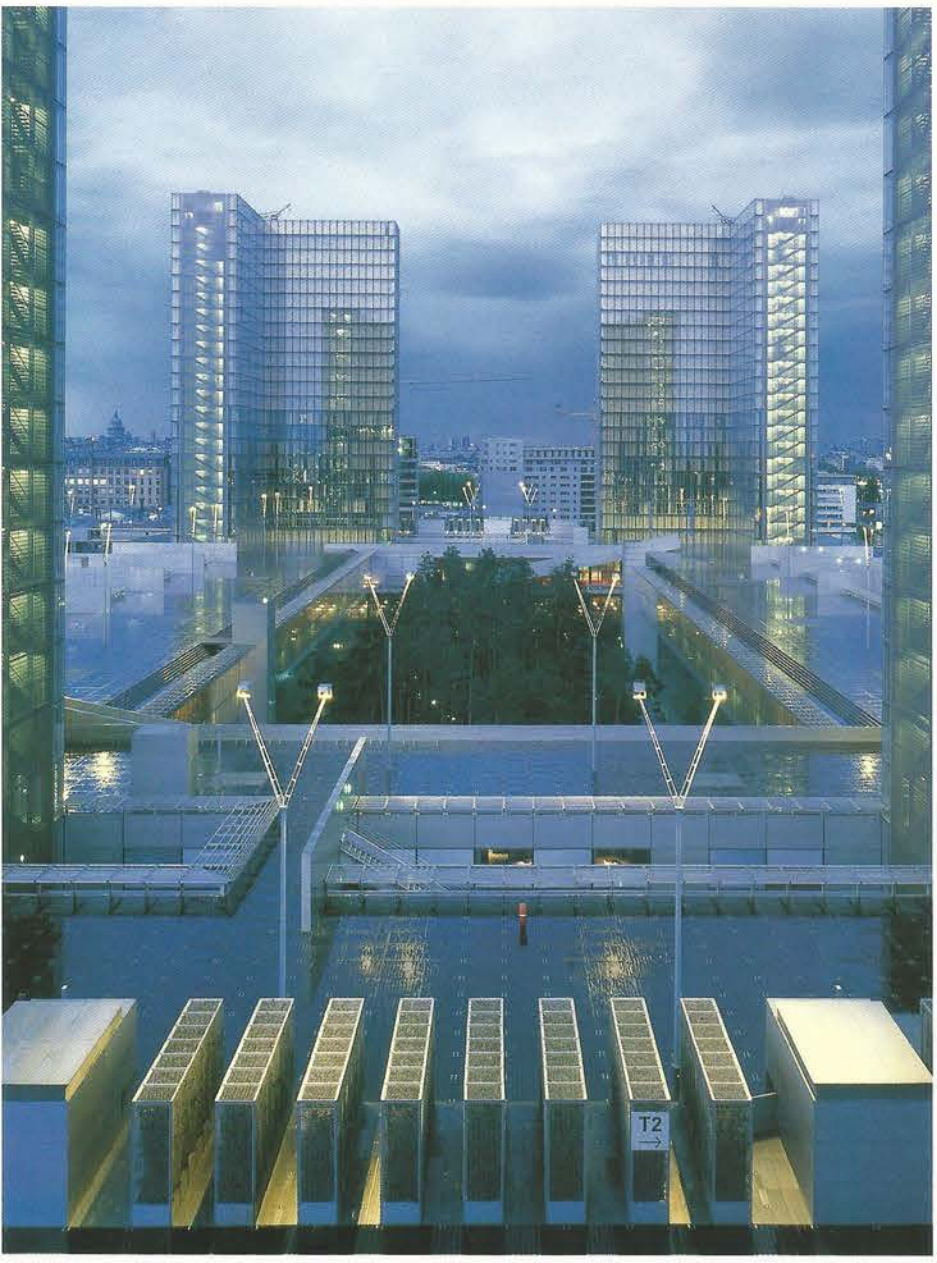
Com o objetivo de realçar esses aspectos e visualizar um importante segmento da produção arquitetônica, a Curadoria da 4ª BIA concebeu esta exposição. De fato, os mais destacados arquitetos da atualidade realizaram projetos voltados para a Cultura, e a partir deles é possível construir um quadro da arquitetura contemporânea.

As últimas duas décadas do século XX foram caracterizadas pelo enorme número de construções projetadas para fins culturais, não somente na Europa, América do Norte e Japão mas também no Oriente Médio, Sudeste Asiático, América Latina e África.

Desde 1960, o Japão construiu mais de 200 novos museus. A antiga Alemanha Ocidental, em dez anos, construiu cerca de 300, e o número aumentou ainda mais depois da unificação. No Reino Unido, dezenas de museus foram construídos no pós-guerra.

Nos Estados Unidos, além do grande número de museus, centros culturais e teatros construídos em Nova York, Boston, Los Angeles, Chicago, etc., grupos de pesquisa acadêmica e empresas de consultoria urbanística recomendam a ONGs comunitárias e associações de bairros o incentivo à instalação de equipamentos culturais como forma de reverter a deterioração e revalorizar bairros decadentes. Uma comunidade cultural dinâmica está se tornando um fator decisivo na escolha de uma cidade para abrigar uma fábrica ou uma sede corporativa. Arte, música, teatro e balé são garantia de qualidade de vida e atraem investimentos, empregos, incentivam o comércio e o turismo, criam uma demanda para novas microempresas e atraem moradores de alto padrão econômico, revitalizando a economia local.

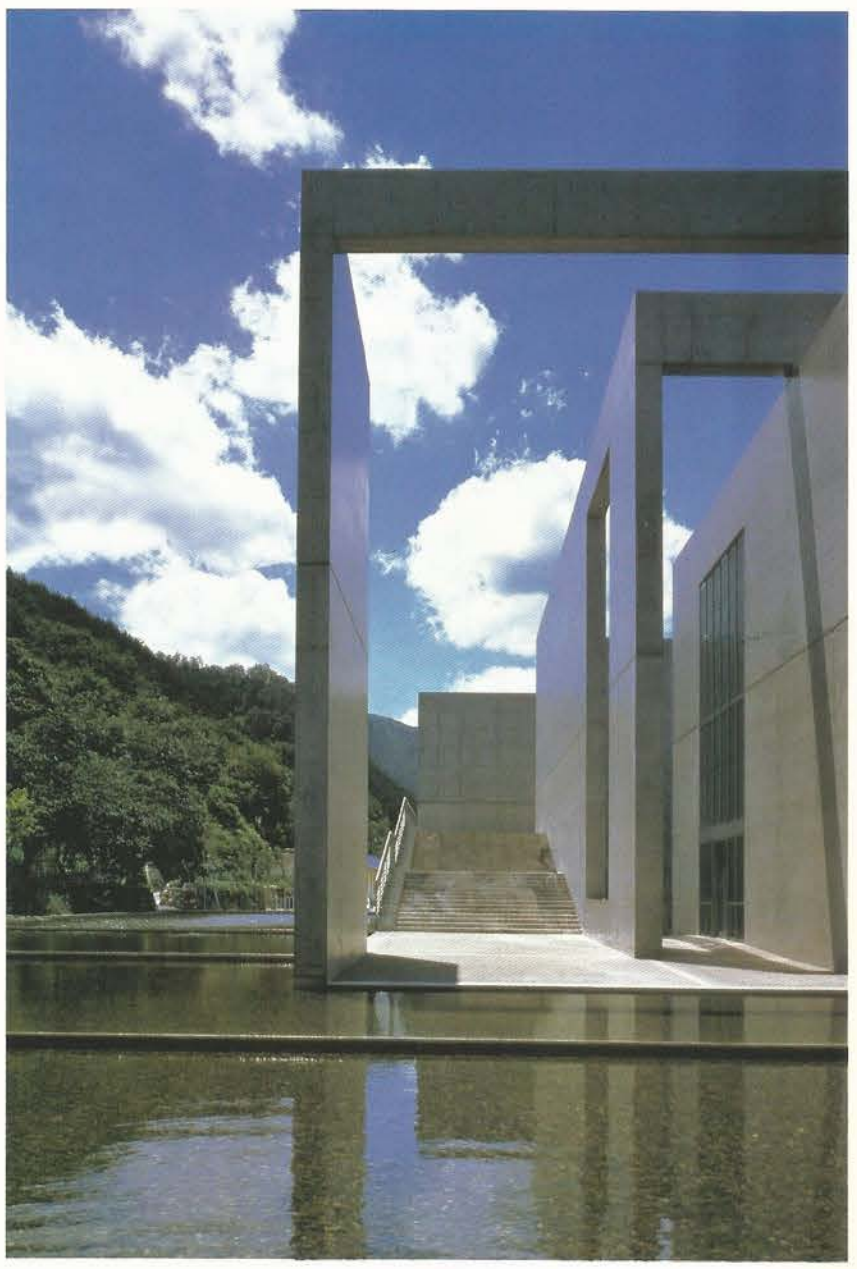
O monumento mais visitado do mundo é o Centro Georges Pompidou, com 8.000.000 de visitantes todos os anos e certamente foi um marco da política francesa de investimento em cultura, como forma de educação permanente e construção de uma rede de pólos de atração turística. Atividade tão significativa no âmbito da política governamental que foi assumida com freqüência pelo próprio Presidente da República Francesa. Importante lembrar a exposição "Os Novos Museus da França: Dez Anos de Arquitetura nos Museus 1990-2000", também presente nesta 4ª BIA e contribuindo para a compreensão do tema.



La Bibliothèque Nationale, Dominique Perrault

The Finish Forestry Museum, Kaira – Lahdelma – Mahalamaki

Municipal Museum of Nariwa, Okayama, Tadao Ando

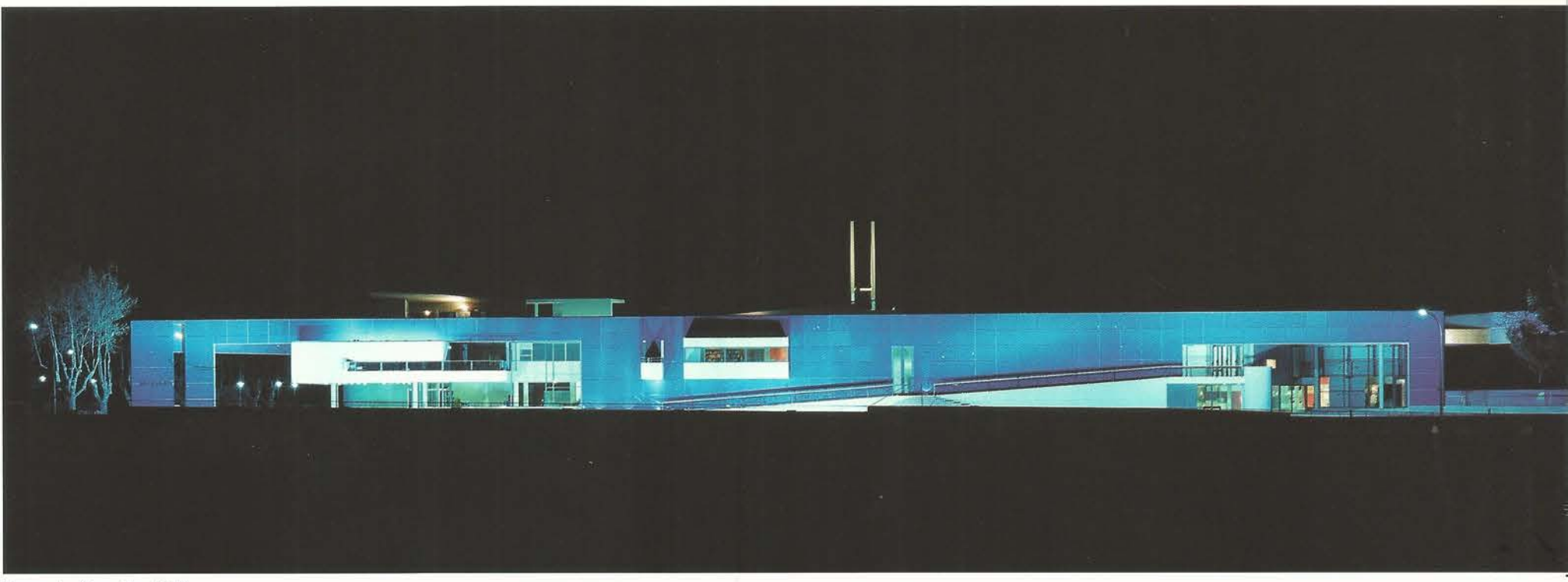


Certamente, a repercussão pública e a extensa cobertura de imprensa da inauguração do Guggenheim Museum em Bilbao, de Frank O. Gehry e do Paul Getty Art Museum Center, de Richard Meier, e do concurso para a ampliação do MoMA – The Museum of Modern Art New York (vencido por Yoshiro Taniguchi), são uma confirmação desta nova realidade, como o êxito do projeto de James Ingo Freed para o Holocaust Museum em Washington, DC, reforça a importância renovada do museu neste final de século como um espaço para o ritual da memória – o resgate do passado e a perpetuação da memória.

Para a realização deste segmento, a partir de um levantamento das obras voltadas para a cultura, recentemente construídas ou que serão construídas nos próximos anos, publicadas nas principais revistas de arquitetura, foram convidados os autores dos projetos mais significativos, tendo atendido ao convite uma expressiva maioria. Os autores enviaram as imagens e textos, já diagramados em meio eletrônico, para impressão e montagem no Brasil.

Este panorama em escala mundial será uma oportunidade de avaliar e discutir os atuais conceitos e tendências da arquitetura ultrapassando a eventual restrição de tema. Num sentido mais amplo, a mostra visa provocar um amplo debate sobre a produção cultural no início do novo milênio, no domínio do espaço arquitetônico. Portanto, é possível também definir o conceito do segmento *Arquitetura para a Cultura* também como sendo um retrato da "arquitetura e cultura no espírito de nosso tempo".

A importância deste segmento adquire relevância para a produção cultural brasileira neste momento em que, graças aos mecanismos de incentivo cultural que estão se tornando disponíveis nas esferas federal, estadual e municipal, abre-se a oportunidade para o atendimento a demandas reprimidas na área cultural (e alguns projetos com estas características estão entre as obras expostas).



Museu de Arles, Henri Ciriane

Casa da Cultura, Poços de Caldas, Aurélio Flores

Arquitetos Participantes da Mostra:

Abalos & Herreros:
Sala Municipal de Colmenarejo, Espanha
Ayutamiento y Centro Cultural I Cobeña, Madri, Espanha

Abraham Zabludovsky:
Multipurpose Auditorium and Convention Centre, México
Centro Cultural Sor Juana Inés de La Cruz, México

AIC Arquitetura e Gerenciamento:
Teatro Alpha de Cultura, São Paulo, Brasil

Alessandro Rende e Rodrigo Meniconi:
Palácio dos Leões, Uberlândia, Brasil

Allies and Morrison Architects:
Bristol Centre for the Performing Arts, Grã-Bretanha

Arata Isozaki:
Nagi Museum of Contemporary Art, Japão
Domus Interative Museum about Humans, Espanha

Atsushi Kitagawara:
Shiranuhi Museum & Library
Big Palette Fukushima
Netherlands Dance Theather

Aurélio Flores:
Casa da Cultura, Poços de Caldas, Brasil

Barton Myers:
Art Gallery, Ontário, Canadá

Behnisch, Behnisch & Partners:
Lothar-Günther-Buchheim Museum
Harbourside Centre for the Performing Arts in Bristol, Grã-Bretanha

Brasil Arquitetura:
Centro de Capitação de Professores, Registro, Brasil
Teatro Polytheama, Jundiaí, Brasil

Cesar Pelli and Associates:
Frances Lehman Loeb Art Center, Vassar College, NY, Estados Unidos
Aronoff Center for the Arts, Estados Unidos
National Museum of Contemporary Art, Japão

Charles Correa:
Jawahar Kala Kendra, Jaipur, Índia
National Crafts Museum, Délhi, Índia
British Council, Délhi, Índia

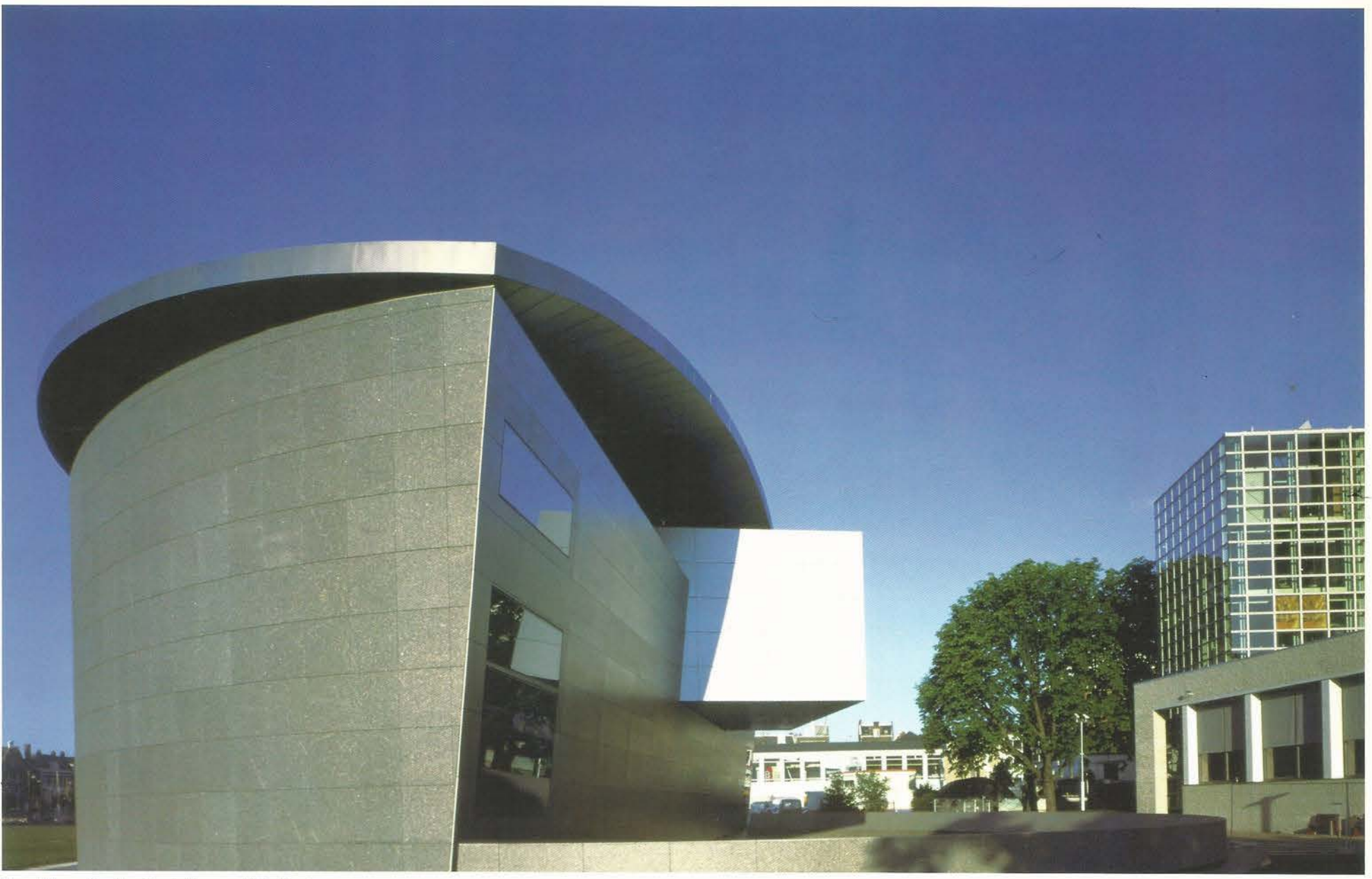
Décio Tozzi:
Auditório ao Ar Livre e Escola de Música, Parque Villa-Lobos, São Paulo, Brasil

Domingos Bongestabs:
Ópera do Arame e Palco Paulo Leminsky, Curitiba, Brasil

Dominique Perrault:
La Bibliothèque Nationale, França

Edson Elito :
Teatro Oficina, São Paulo, Brasil

Ernani Freire e Sonia Lopes:
Parque das Ruínas , Sta. Tereza, Brasil



New Wing of the Van Gogh Museum, Kisho Kurokawa

Biblioteca Alexandrina, Snohetta

Fernández, Puga e Radic:
Biblioteca e Centro di Documentazione García Moreno, Chile

Foster & Partners:
British Museum Redevelopment, Londres, Grã-Bretanha

Francisco Spadoni:
Centro de Documentação e Informações Liceu Pasteur, São Paulo, Brasil

Future Systems:
The Ark at the Earth Centre, Doncaster, Grã-Bretanha
Gallery for the Twenty-first Century, Grã-Bretanha

Gregotti Associati:
Centro Cultural, Belém, Portugal

Hans Hollein:
Vulcania, França
Capital of Lower Austrian Museum and Exibition Hall, Áustria

Hening Larsen:
Ny Carlsberg Glyptotek, Dinamarca

Henri Ciriane:
Museu de Arles, França

Hou & Partners:
Roskilde Museum Harbor and Island, Dinamarca

Jeronimo Bonilha Esteves:
SESC Vila Mariana, São Paulo, Brasil

Kazuyo Sejima+Ryue Nishizawa/SANAA:
Art Museum in Nakahechi, Japão

Kengo Kuma:
Stone Museum, Japão
Museum of Ando Hiroshige, Japão

Kisho Kurokawa:
Shiga Kogen Roman Art Museum, Japão
New Wing of the Van Gogh Museum, Holanda

Kiyonori Kikutake:
Lakeside Art Museum

Lahdelma-Mahlamaki:
The Finish Forestry Museum, Finlândia

Laiho-Pulkkinen-Raunio:
Turku School of Fine Arts, Finlândia

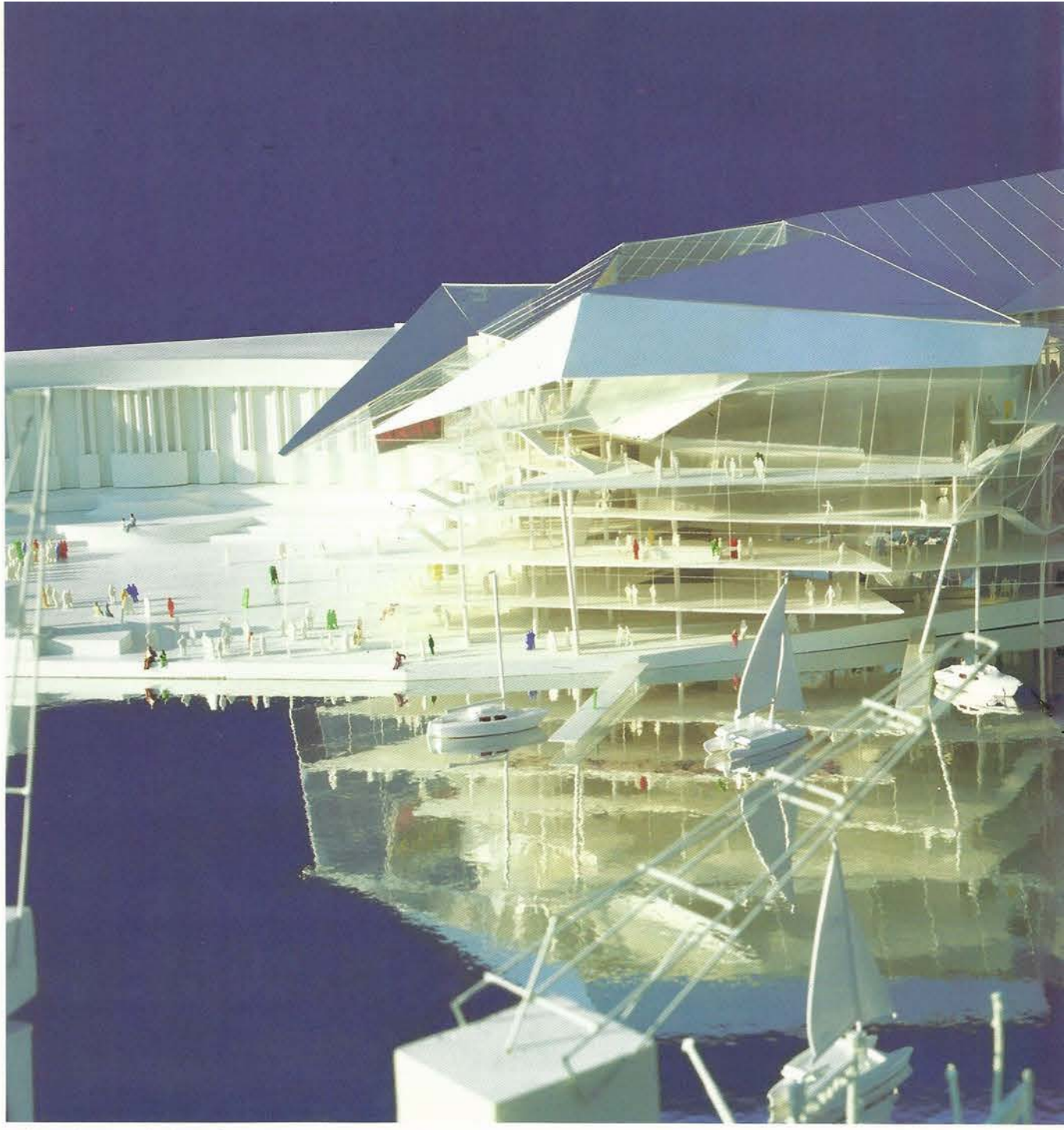
Legorreta Arquitectos:
The Main Library of San Antonio, Estados Unidos
The College of Santa Fé Visual Art Center, Novo México, Estados Unidos

MacCormac Jamieson Prichard:
Wellcome Wing at the Science Museum, Grã-Bretanha

Maki & Associates:
Toyama International Conference Hall, Japão
Yerba Buena Center for the Arts, São Francisco, Estados Unidos

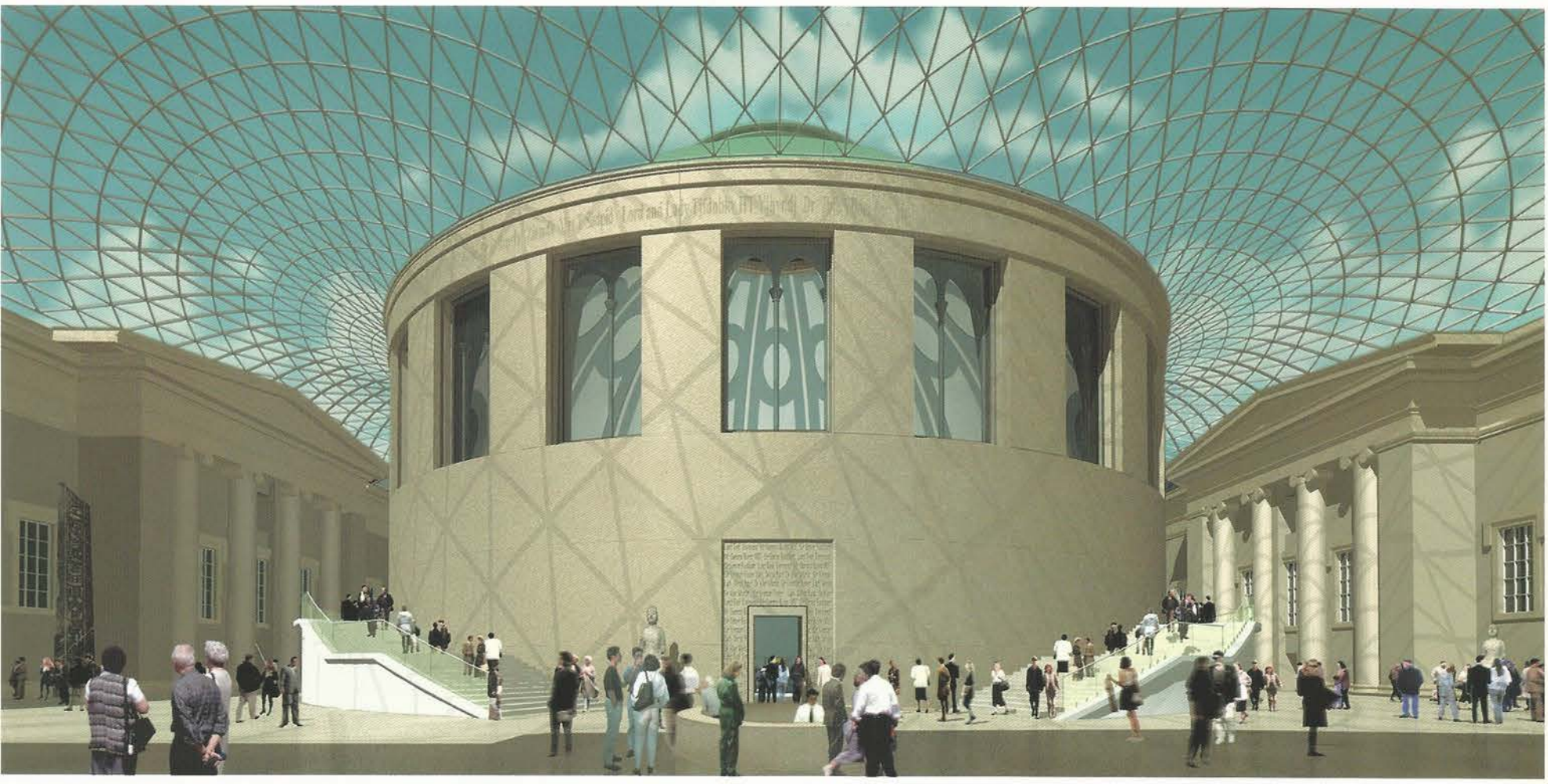
Manuel Coelho:
Biblioteca Central da PUC, Paraná, Brasil

Moshe Safdie:
Yad Vashem Museum Project



Harbourside Centre for the Performing Arts in Bristol, Behnisch, Behnisch & Partner

British Museum Redevelopment in London, Foster & Partners



Khalsa Heritage Memorial Complex, Índia
Exploration Place, Wichita, Estados Unidos

Nelson Dupré:
Estação Júlio Prestes e Sala São Paulo, São Paulo, Brasil

Nicholas Grimshaw and Partners:
National Space Science Centre, Leicester, Grã-Bretanha
Caixa Galicia Art Foundation, La Corunã, Espanha

Nielsen, Nielsen & Nielsen:
Glass Museum in Ebeltoft, Dinamarca
Science and Experience Center in Goteborg, Suécia
Ocenarium, Dinamarca

Pei Cobb Freed & Partners:
United States Holocaust Museum, Washington, Estados Unidos

Richard Rogers:
The Millenium Experience, Grã-Bretanha

Rodrigo Meniconi e Maria Edwiges S. Leal:
Museu do Colégio do Caraça, Minas Gerais, Brasil

Schmidt, Hammer, Lassen:
Extension of the Royal Library In Copenhagen, Dinamarca
Katuaaq, Nordic Centre for Culture in Nuuk, Groenlândia
Aarthus Museum of Art

Schweger & Partner:
Centre for the Art and Media Technology, Alemanha
The Art Museum Wolfsburg, Alemanha

Shin Takamatsu:
Ashdod Cultural Hall, Israel
Ela Tower, Tel-Aviv, Israel

Snøhetta:
Biblioteca Alexandrina, Egito

Soren Robert Lund:
Arken Museum of Modern Art, Copenhague, Dinamarca

Steven Holl:
Kiasma, Finlândia
Knut Hamsun Museum, Noruega

Tadao Ando:
Modern Art Museum of Fort Worth, Texas, Estados Unidos
Municipal Museum of Nariwa, Okayama, Japão

TEN Arquitectos:
The Centro Cultural in Lindavista, México DF
Escuela Nacional de Teatro, México

UNA Arquitetos:
Agência Central do Correios, Brasil

Yad Vashem Museum Project, Moshe Safdie

Roskilde Museum Harbor and Island, Hou & Partners

The Danish Wave

Concepção e Coordenação:
Eric Messerschmidt

Enquanto a arte é reflexo da sociedade, a arquitetura é a expressão do desenvolvimento e da organização social. Não apenas como o quadro concreto, tangível e perceptível de nossa vida cotidiana, mas igualmente como lugar (espaço) para a memória coletiva e idéias comuns.

Naquilo que a política cultural dinamarquesa procura municiar o povo dinamarquês com um alicerce cultural, não somente em relação à sua percepção da história mas também em relação aos desafios da vida moderna, a contribuição dinamarquesa para o século XX é inseparável do desenvolvimento do estado de bem-estar social.

Em termos de arquitetura e desenho urbano, é evidente que uma das mais importantes contribuições reside no programa social global. Durante os últimos 70 anos, a política dinamarquesa procurou oferecer à população em geral instalações e instituições públicas e habitação decentes a um custo razoável.

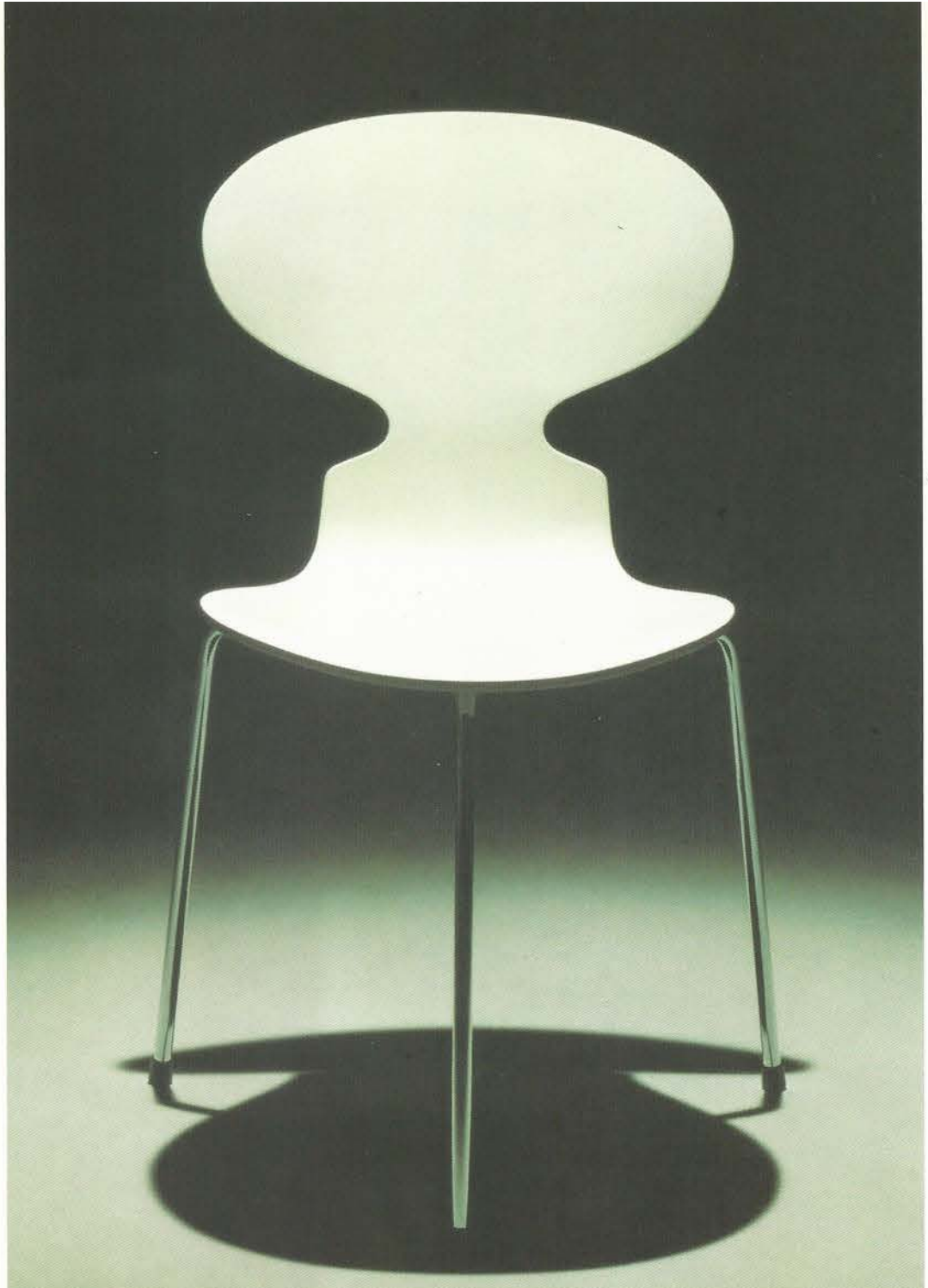
Esse desenvolvimento tem suas raízes nas circunstâncias culturais particulares criadas na Dinamarca. Aqui devemos mencionar o esclarecimento do público e a tradição democrática em seu sentido mais amplo. Essas duas condições permeiam nossa vida cultural e constituem o terreno mais importante para a qualidade e expressão homogêneas que caracterizam a cultura dinamarquesa e, em comparação com outras nações, são verdadeiros marcos.

No campo da arquitetura e do design, a Dinamarca vem se distinguindo de tal forma que parece ser razoável falar em nação líder. Não apenas em termos de habitação, cujos exemplos são legionários, mas considerando que o estado de bem-estar social da Dinamarca é literalmente um estado construído de habitações e instituições públicas.

Outro aspecto desse desenvolvimento, não menos interessante a partir de uma perspectiva estrangeira, é a atenção e o cuidado dispensados ao nosso ambiente comum na Dinamarca, do mobiliário e acessórios, dos utensílios e artigos produzidos em massa para o uso diário ao artesanato. Muitos objetos, que fazem naturalmente parte de um lar médio dinamarquês, podem ser encontrados à mostra em museus de renome internacional, tais como o Museu de Arte Moderna em Nova York ou o Vitória & Albert em Londres.

Vale notar que muitos desenhos de mobiliário, hoje clássicos, foram executados originalmente para uma grande rede de supermercados cuja meta era, em parte, cultivar a sensibilidade do cidadão médio dinamarquês e assegurar que utensílios do cotidiano práticos e de qualidade estivessem disponíveis a um preço acessível para o público em geral. No passado, como agora, nem condição social nem condição econômica devem ser fatores decisivos.

Eric Massererschmidt
Arquiteto e Diretor de Comunicação
The Danish Centre for Architecture



Anne Jackobsen: Cadeira empilhável, 1952

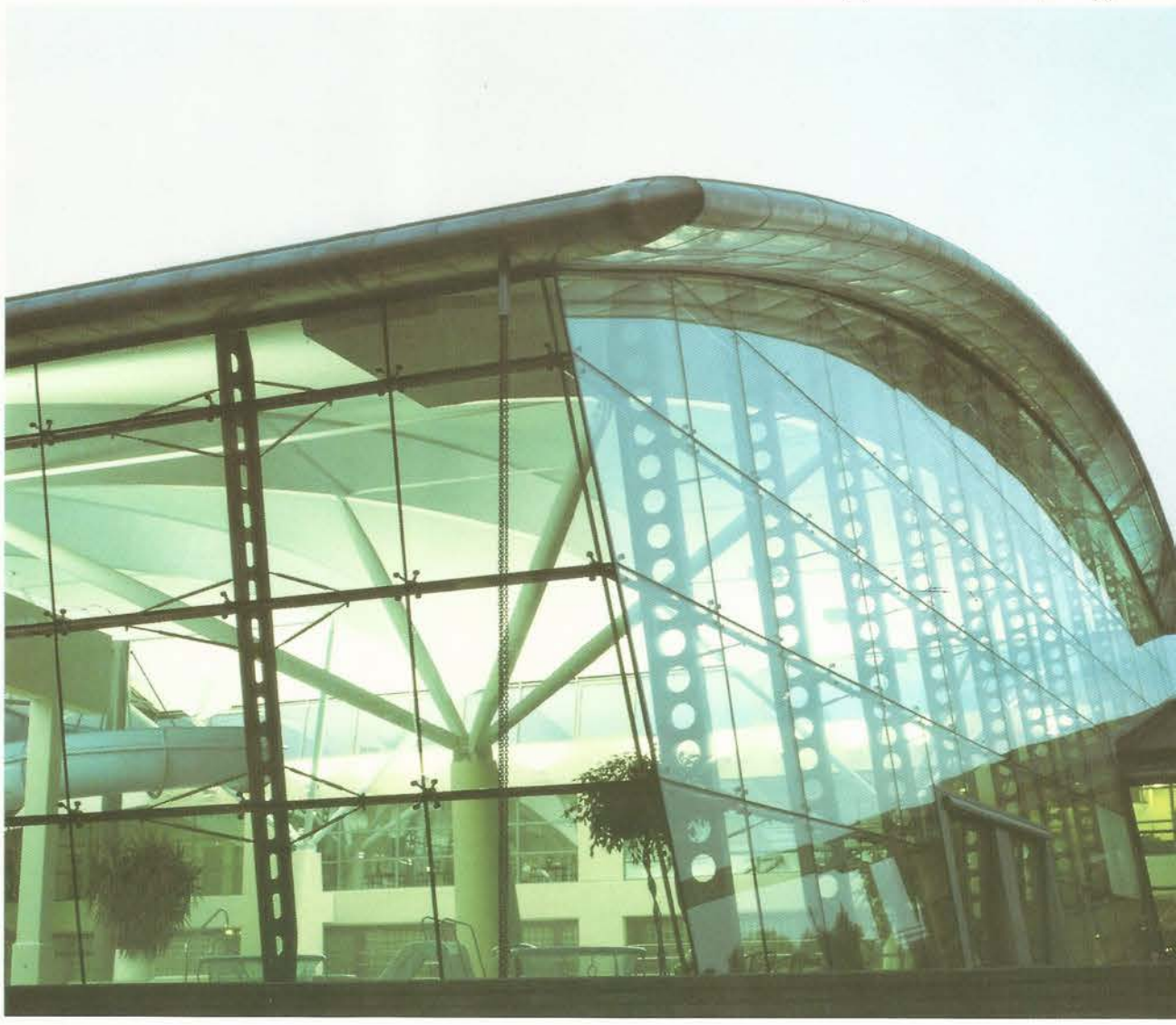
Christian Bjorn : Aparelho para surdez, 1995

PIOTR & CO

KHK Arquitetos, Prédio de Escritórios, 1994

JENS LINDHE

Nohr & Sigsgaard: Piscina Pública, Kolding, 1994

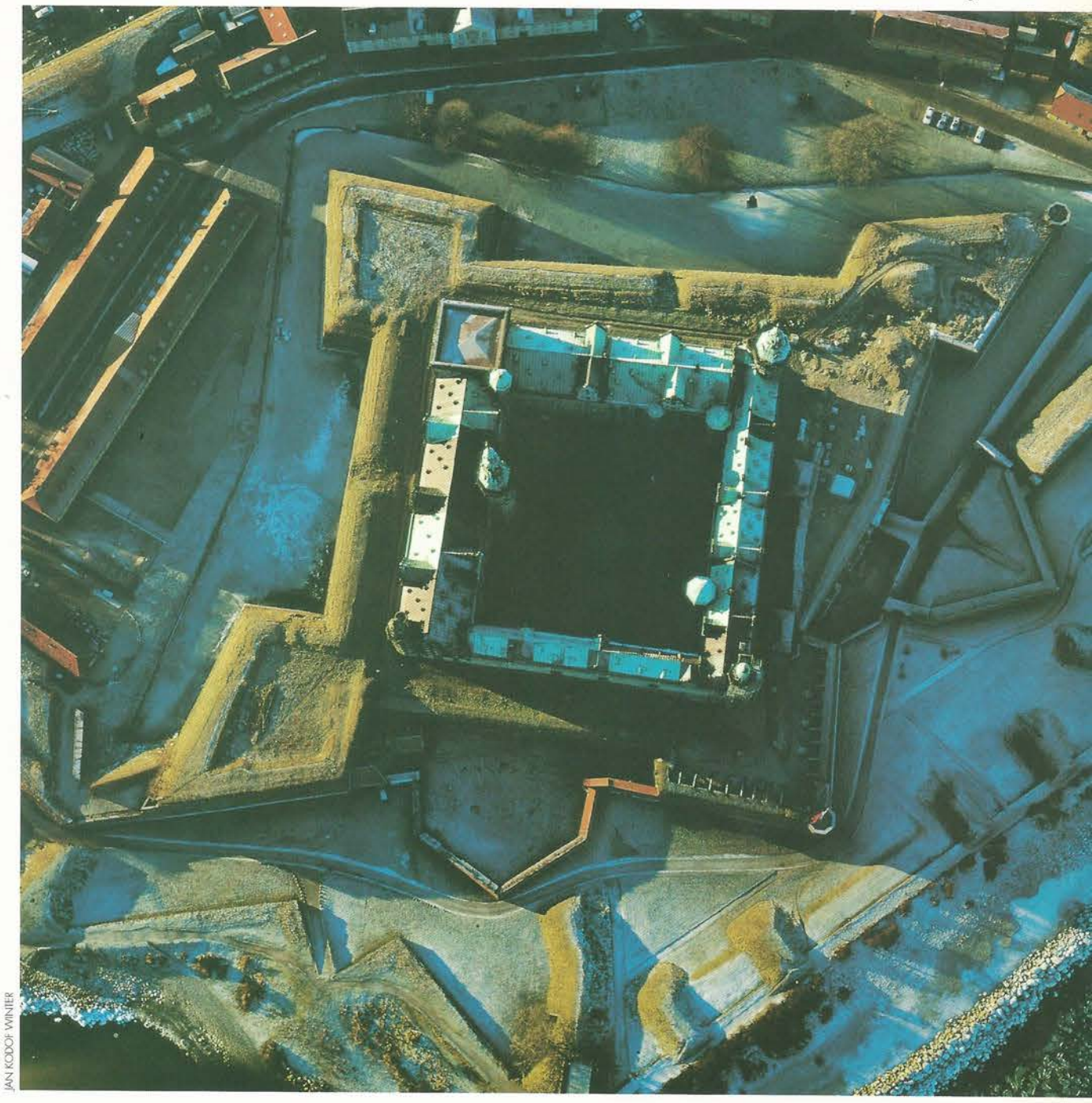


FINN CHRISTOFFERSEN

SCHMIDT, HAMMER & LASSEN

Schmidt, Hammer & Lassen: Centro Cultural de Greenland, Nuuk, 1997

Castelo Kronborg, Elsinore



JAN KODOF WINTER

Dez Mestres da Arquitetura da América Latina

Há quase 70 anos Le Corbusier atravessou o Atlântico para fazer dez conferências em Buenos Aires, reunindo-as um ano mais tarde, em 1930, em seu livro *Precisões*. Em seu caminho de volta à França, visitou São Paulo e o Rio de Janeiro (também passou por Montevidéu e Assunção, no Paraguai).

Le Corbusier não voltou mais à Argentina, entretanto traçou um projeto de extrema relevância em Buenos Aires (1938-1939), além da edificação de uma casa na cidade de La Plata (1949-1954). Apesar de sua ausência naquele país, retorna ao Rio de Janeiro em meados da década de 30, para assessorar o projeto do Ministério de Educação e Saúde (hoje Palácio da Cultura), construído em 1936-1943.

Nesses poucos anos entre a viagem de 1929 e a de 1936, a América Latina começou a transitar do modernismo europeu essencialmente representado por Le Corbusier para o modelo regionalista, que se consolidaria na década de 40, com um renovado desenvolvimento que perdura até hoje.

Do México à Argentina, do Chile ao Brasil, a arquitetura latino-americana havia iniciado o século XX com o empenho de libertar-se do academismo Beaux-Arts que dominava suas cidades desde 1880. Uma dessas tentativas de independência foi a assimilação da arquitetura da art noveau (Carlos Ekman e Víctor Dubugras, no Brasil, Julián García e Mario Palanti, na Argentina), entre 1902 e 1923; e logo, o do art déco, entre 1925 e 1935 (Vicente Mendiola e Carlos Obregón Santacilia, no México; Ricardo González Cortés, no Chile; Henri Sajous e Elisário da Cunha Bahiana, no Brasil; Alejandro Virasoro, na Argentina).

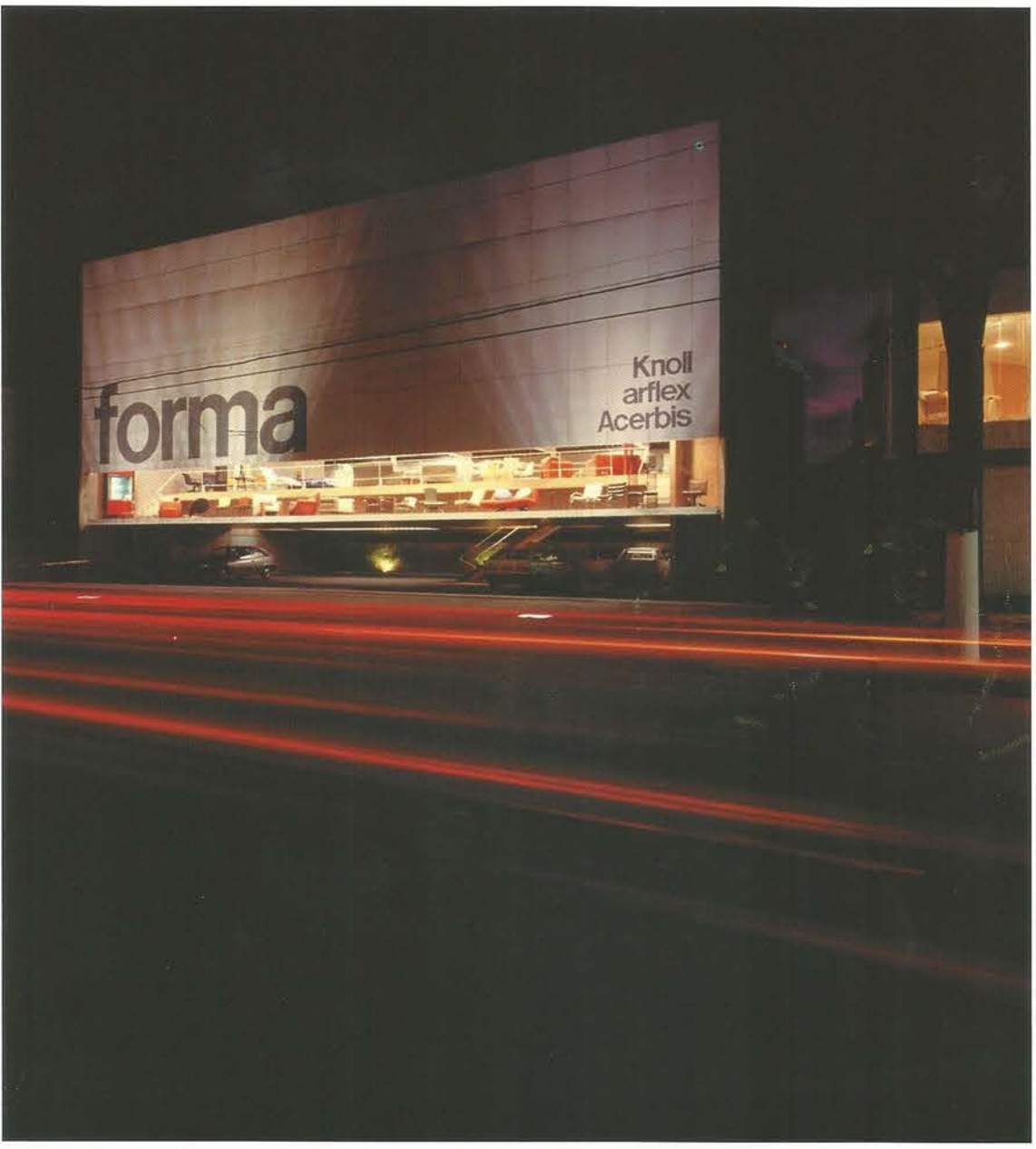
Em meio à aparição da art noveau e do art déco, a arquitetura latino-americana produziu um movimento exclusivo, o denominado Neocultural, que teve seus teóricos iniciais na Argentina de 1915 e desenvolveu suas obras nos anos 20 e na primeira metade dos anos 30.

Trata-se, é óbvio, da tentativa de formar uma arquitetura própria, assim como fora a do barroco latino-americano do século XVIII, tanto mais livre e imaginativo que o da Espanha e de Portugal. O certo é que o Neocolonial, termo inadequado, se é que isso existe, esgotou-se em reiterações e em hibridez, até se converter em um modelo historicista digno de ser somado ao mostruário eclético.

Apesar dessa decadência, ela não basta para tirar o mérito de três grandes conquistas do movimento: 1) o descobrimento e a valorização do patrimônio arquitetônico das nações latino-americanas, até então ignorado ou mal conhecido, mas desdenhado a princípio (*sic*); 2) o despertar de uma teoria arquitetônica própria, que se refere, ademais, à história, às tradições e à atualidade da América Latina; e 3) a busca de expressões locais (não-localistas), capazes de representar uma arquitetura autônoma, sem a deterioração das linguagens internacionais e das técnicas do momento.

Por isso, houve o Neocolonial no México (Ángel Torres Torrija e Edmundo Zamudio), no Peru (Ricardo Malachowski), na Bolívia (Emilio Villanueva), no Brasil (Angelo Bruhns, Dubugras), na Argentina (Martín Noel, Ángel Guido) e no Chile (Ismael Edwards Matte). Dois jovens arquitetos iniciam-se como neocoloniais: o mexicano Luis Barragán e o brasileiro Lúcio Costa.

O art déco, tão detestado pelos modernistas, serviu na América Latina de ponte para o racionalismo, que começa a introduzir-se aqui na década de 30; entretanto, as obras dessa tendência edificadas nas cidades latino-americanas nem sempre são ortodoxas: há em cada uma delas sinais de uma



Paulo Mendes da Rocha: Loja Forma, São Paulo/SP

Paulo Mendes da Rocha: Renovação da Pinacoteca do Estado de São Paulo

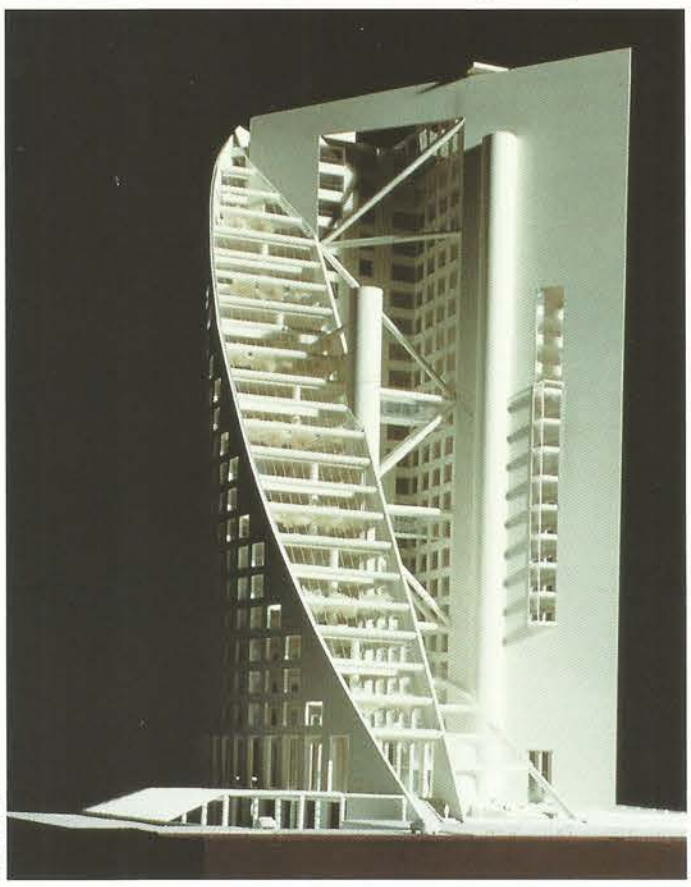
Teodoro Gonzalez de Leon: Conservatório Nacional de Música, México, DF

(re) interpretação particular, que põe de manifesto riquezas inesperadas. Em pouco tempo essas singularidades começam a dominar o modelo e a submetê-lo a suas intenções e regras a partir de uma perspectiva regionalista que, sem dúvida, bebe das fontes das concepções gerais, isto é, culturais, do Neocolonial.

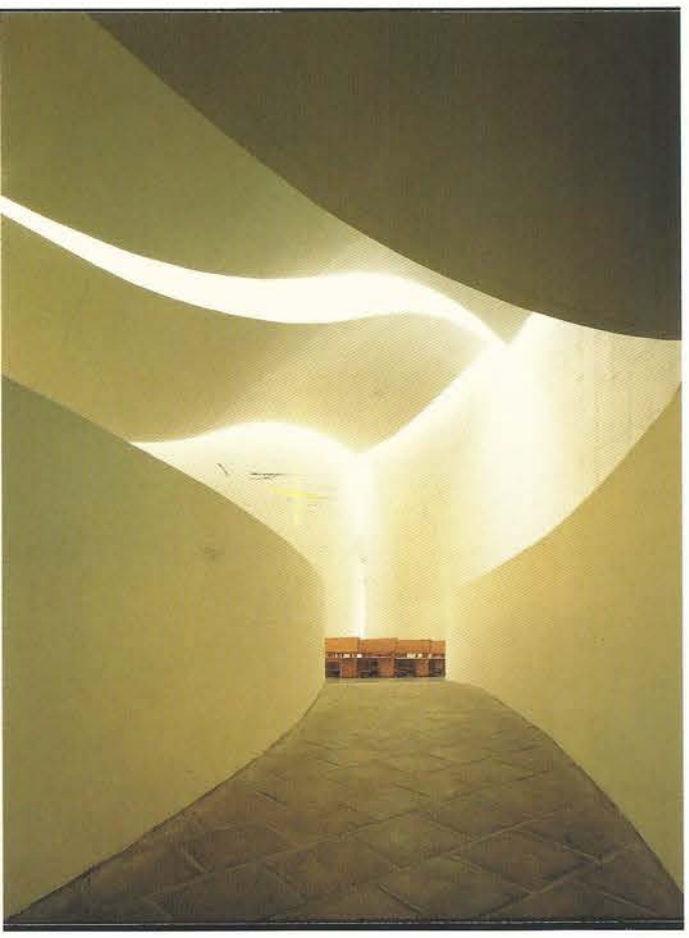
O mensageiro do regionalismo foi o pintor e teórico uruguaio Pedro Figari que, em 1915-1919, reivindicou a necessidade de uma maneira estética latino-americana, estabelecida pela incorporação das linguagens internacionais, recodificadas, ao acervo artístico de nossos países, com o fim de tratar e expressar as problemáticas regionais: para Figari, a América Latina é uma soma geohistórica, um universo cultural.

Teodoro Gonzalez de Leon: Casa Amsterdã, México, DF

Teodoro Gonzalez de Leon: Edifício de Escritórios Insurgentes Sur, México DF



PEDRO HIRIART

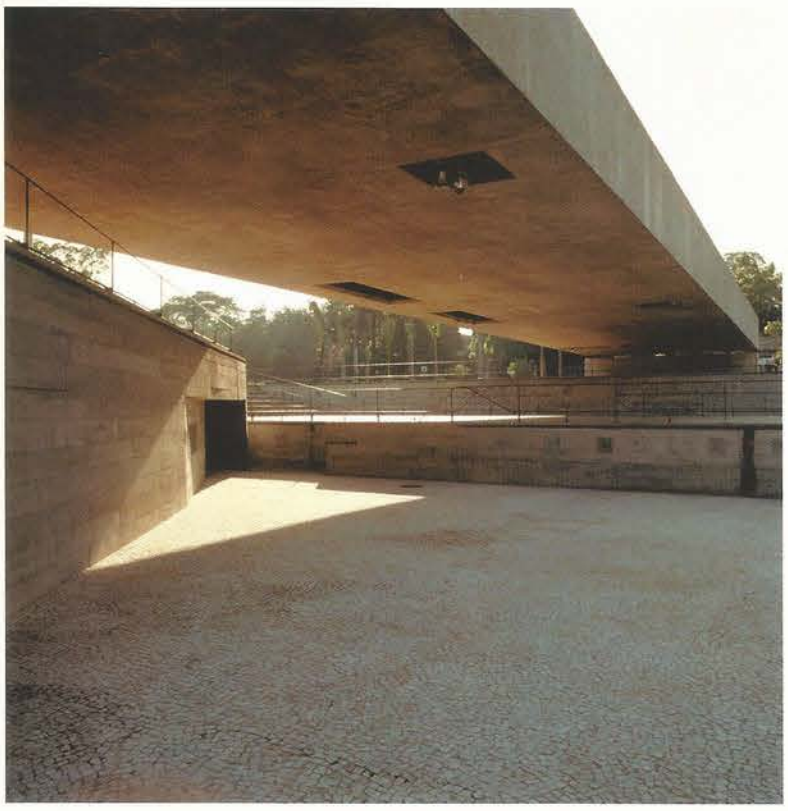


Enrique Browe: Capela do Colégio Villa Maria, Santiago do Chile

Escreve Figari: "Regionalizar é trabalharmos guiados pela própria mente, sem esquecer o que se fez de aproveitável por quem quer que seja (...) utilizar com critério próprio e não por imitação (...) os preciosos tesouros acumulados pelo Velho Mundo". É óbvio que Figari postula um regionalismo crítico: deste caráter será a arquitetura latino-americana contemporânea.

Suas criações aparecem na segunda metade da década de 30, no México (José Villagrán García), no Uruguai (Julio Vilamajó), na Colômbia (Bruno Violi), na Venezuela (Carlos Raúl Villanueva), no Brasil (Lúcio Costa e demais colaboradores no projeto do já citado Ministério do Rio, erroneamente atribuído a Le Corbusier), e na Argentina (Grupo Austral, Eduardo Sacriste).

Enrique Browe: Oficinas Pioneer, Paine, Chile



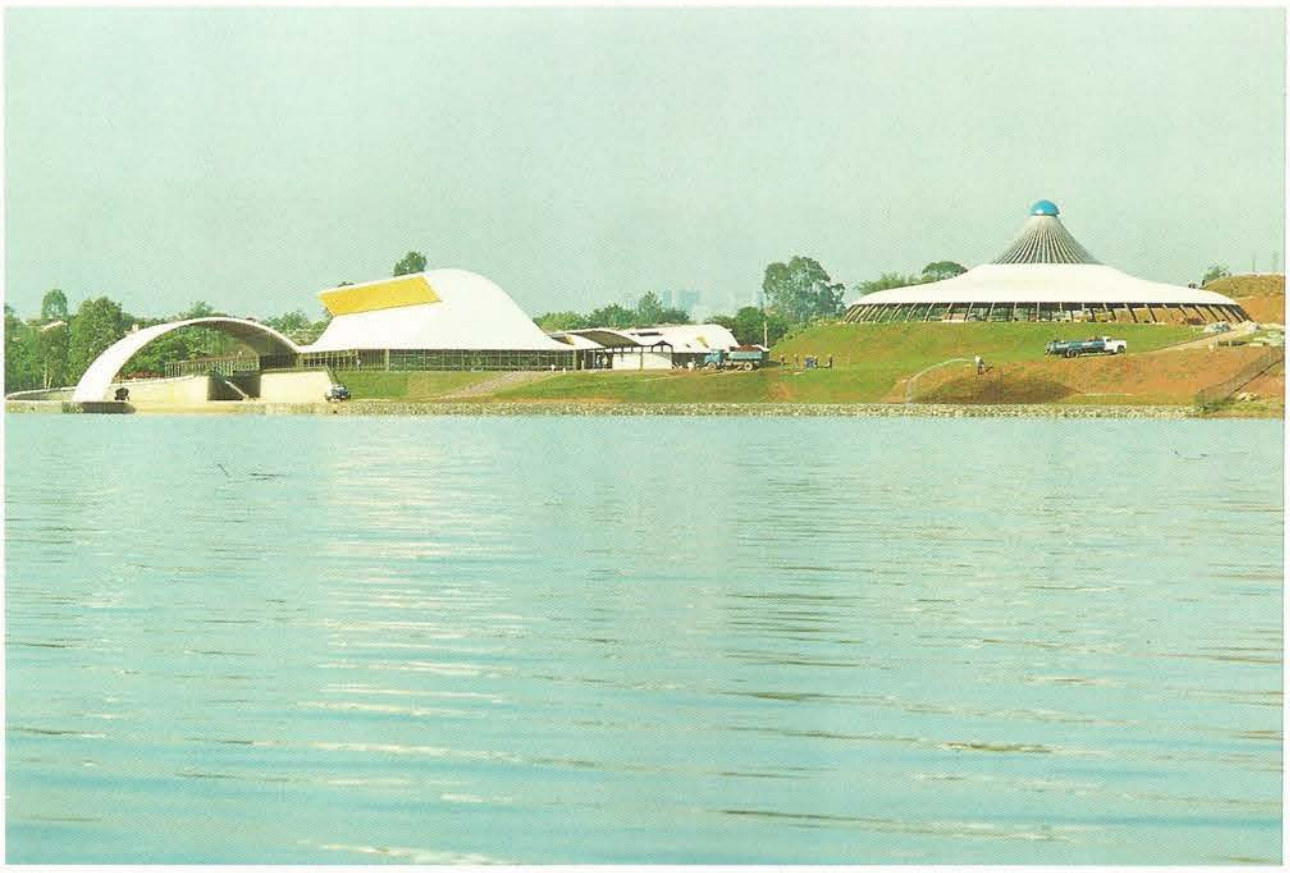
Paulo Mendes da Rocha: MUBE – Museu Brasileiro da Escultura, São Paulo/SP

Nas décadas de 40 e 50 somam-se outros expoentes do regionalismo crítico, entre os quais assinalamos Luis Barragán e Félix Candela, no México; Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy e João Baptista Vilanova Artigas, no Brasil; Fructuoso Vivas, na Venezuela; Eladio Dieste, no Uruguai, os estudos de Aslan e Ezcurra, Sánchez Elía, Peralta Ramos e Agostini, e Mario Roberto Álvarez, na Argentina.

Nos anos 60 e 70 acrescentam-se os mexicanos Abraham Zabludovsky, Teodoro González de León e Ricardo Legorreta, o cubano Fernando Salinas, o boliviano Gustavo Medeiros Anaya, o venezuelano Jesús Tenreiro, os colombianos Rogelio Salmona e Germán Samper, os chilenos Emilio Duhart, Christian de Groote, Cristián Boza e Pedro Murtinho Larrain, os brasileiros Joaquim Guedes, Severiano Mario Porto, Paulo Mendes da Rocha, Luiz Paulo Conde e João Filgueiras Lima e os argentinos Clorindo Testa, estudos de Manteola, Sánchez Gómez, Santos Solsona e Sllaberry; Urgell, Penedo, Urgell (*sic*); e Baudizzone, Lestard, Varas e Miguel Ángel Roca.

João Filgueiras Lima: : C̈entro de Reabilitação do Lago Norte, Brasília

Teodoro Gonzalez de Leon: Fundo de Cultura Econômica, México DF

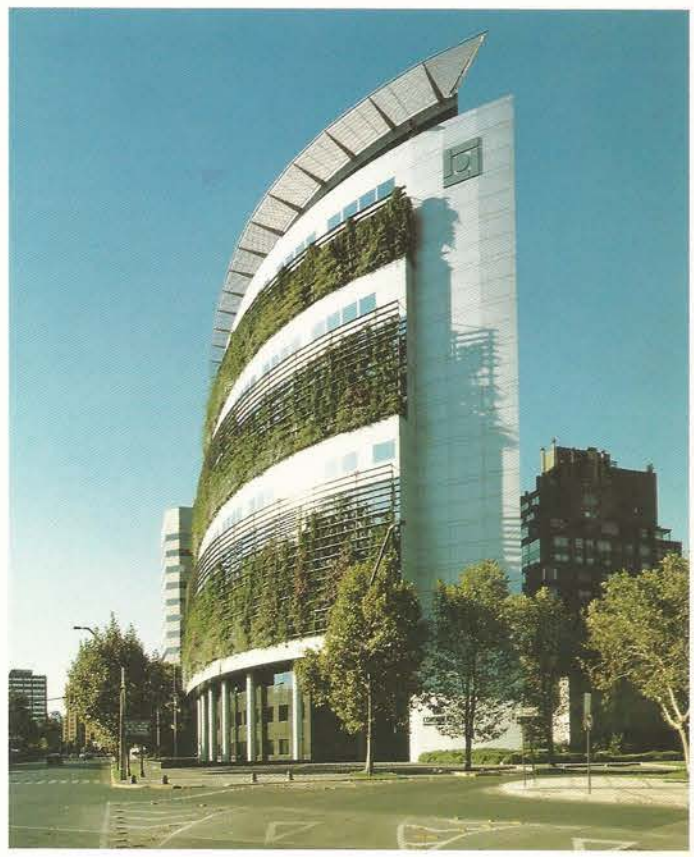


João Filgueiras Lima: Centro de Reabilitação do Lago Norte, Brasília

Nas décadas de 80 e 90, por último, encontramos os mexicanos Enrique Norten e Guillermo Springwall-Miguel Angel Lira, o colombiano Laureano Forero, os brasileiros Eolo Maia, Marcos Acayaba e Carlos Bratke, os peruanos José García Bryce e Juvenal Baracco, o chileno Enrique Browne, o venezuelano James Alcock e os estudos argentinos de Gramática, Guerrero, Morini, Pisani e Urtubey; Lier, Tonconogy, Mariani, Pérez Mraviglia; e Benadón, Berdichevsky, Chemy.

Resta ainda dizer que essas listas de nomes são apenas referenciais e não englobam uma qualificação hierárquica ou de valores diferentes em suas realizações, todos eles compartilham princípios similares, sua arquitetura não está encerrada em velhas concepções nacionalistas e folclorizantes; pelo contrário, trata-se de uma arquitetura aberta, atenta ao desenvolvimento internacional nos aspectos artísticos e tecnológicos, que cria a partir de tradições, necessidades e objetivos locais, isto é, regionais.

Enrique Browe: Edifício Consorcio Nacional de Seguros, Santiago do Chile

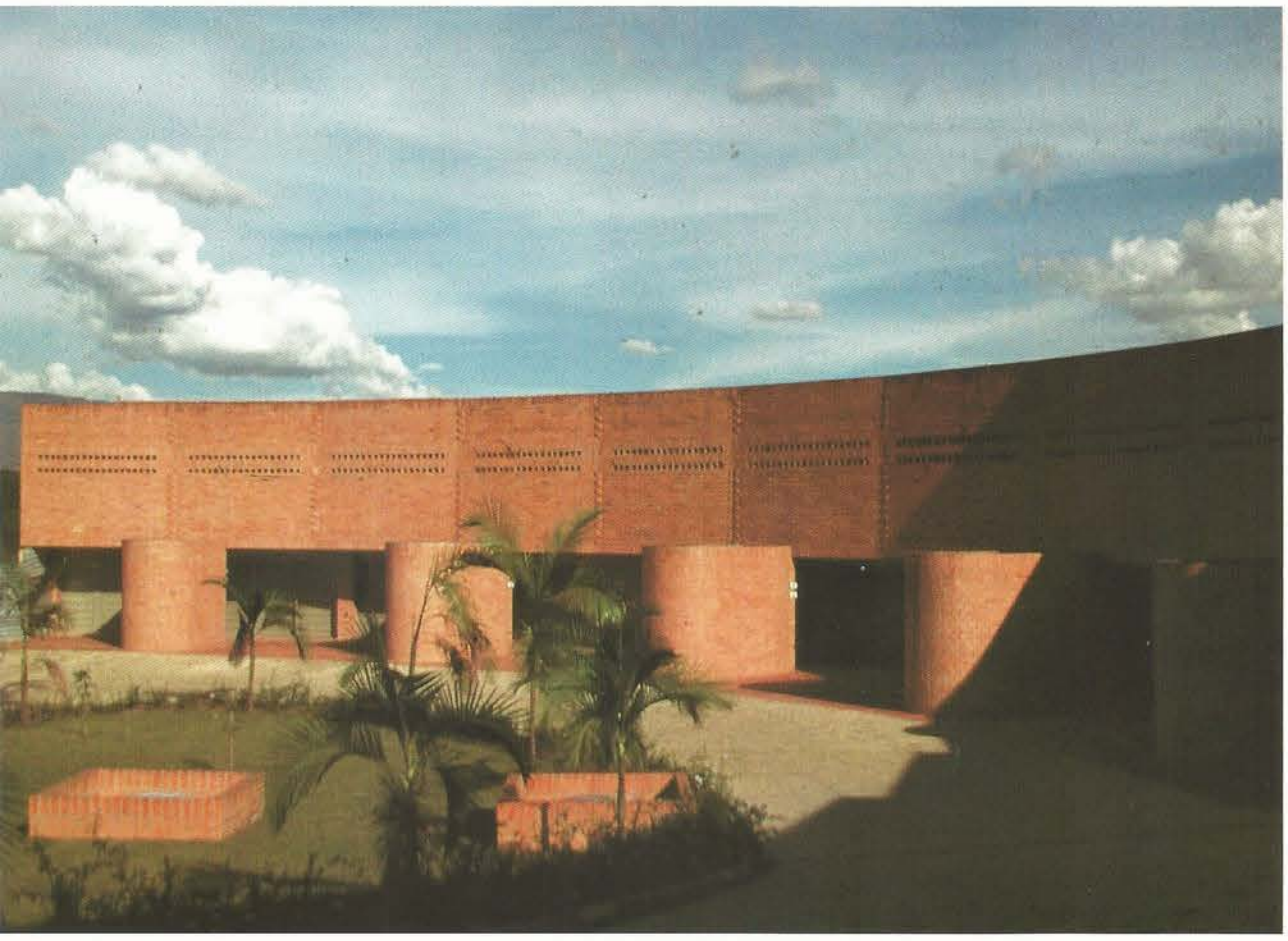


João Filgueiras Lima: Tribunal de Contas da União no Estado do Mato Grosso

Barragán, um dos grandes mestres da arquitetura latino-americana, Prêmio Pritzker 1980, dizia isso da seguinte maneira: "Deveríamos conseguir, com a arquitetura moderna, a mesma atração que existe nas superfícies, espaços e volumes da arquitetura pré-colombiana e da arquitetura colonial e popular, mas com uma expressão puramente contemporânea. É óbvio que não podemos repetir essas formas, mas sim concentrar-nos em analisar em que consistia a essência do agradável desses jardins, dessas praças, desses espaços. Assombra-nos que na arquitetura moderna não se tenha conseguido uma solução capaz de manifestar a atração de um lugar..." (1985)

Os dez arquitetos selecionados levam adiante as premissas enunciadas pelo notável criador mexicano em um período que vai de Mario Roberto Álvarez (n. 1913) a Boza (n. 1943). Nos dez, encontramos a paixão pelas formas e as soluções urbanísticas, o interesse pelos espaços públicos, a utilização de materiais comuns, o manejo sábio do concreto e do tijolo, o apoio estilístico do patrimônio arquitetônico herdado, a relação harmônica com a natureza e a vontade social.

João Filgueiras Lima: Tribunal Regional Eleitoral do Estado da Bahia

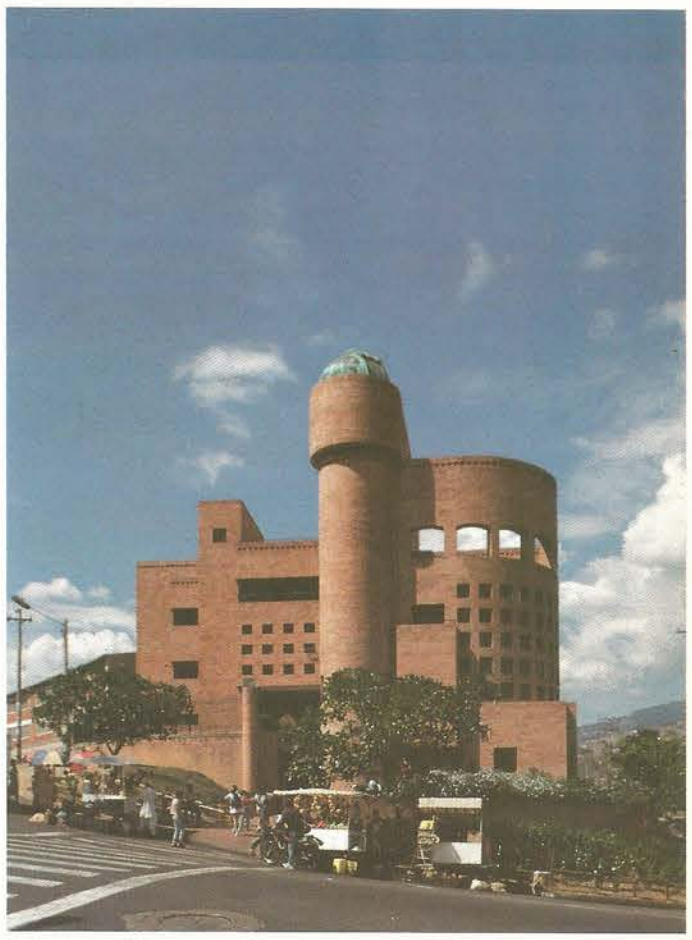


Laureano Forero Ochoa: Hotel Penthouse, Medellín, Colômbia

Na recepção do Prêmio Pritzker, em 1980, Luis Barragán sustentou: "Em alarmantes proporções, as seguintes palavras desapareceram das publicações de arquitetura: Beleza, Inspiração, Magia, Feitiço, Intimidade, Assombro. Todas elas encontraram um lar em minha alma e, apesar de estar longe de haver-lhes feito plena justiça em minha obra, utilizei-as como luzes orientadoras". Barragán acrescentou estas definições que bem poderiam servir de comentário não só à arquitetura da América Latina como também à do restante do mundo, nas vésperas do Terceiro Milênio: "A certeza de nossa morte é o fundamento de nossa vida. Quando os criadores de arquitetura sobrevivem às suas criações, a morte converte-se em vida".

Jorge Glusberg

Laureano Forero Ochoa: Comfama Aranjuez, Medellín, Colômbia



Ética e Estética para o Século XXI: 40 Estúdios Argentinos na Bienal de São Paulo

Organização:
Jorge Glusberg

Estamos chegando ao final de um milênio, cujos cem últimos anos poderíamos denominar "o século da arquitetura", afinal, a produção de arquitetura no mundo inteiro, nesse período, tem sido a maior da história.

Não é um dado para se desprezar, sobretudo se lembrarmos, como disse o filósofo alemão Walter Benjamin, que "as edificações têm acompanhado o homem desde seus primeiros tempos", e que "a história da arquitetura é mais longa que a de qualquer outra arte (...) e jamais foi interrompida".

Umberto Eco recordou certa vez o sobressalto de clérigos e príncipes, como também da gente comum, ao ver se aproximarem os derradeiros anos do primeiro milênio porque acreditavam que o mundo se acabaria. Se muitos ansiavam a chegada da vida eterna, outros temiam um além de sanções e tormentos.

Neste final de segundo milênio, não nos inquieta o fim do mundo, porque proclamamos que é o fim da história, e que o futuro é hoje (como escreveu Fukuyama), entretanto, nem terminou a história nem o futuro é hoje. Devemos pensar de que maneira vamos entrar no terceiro milênio, com que aportes, com que propostas, e nessa matéria a arquitetura é chamada para exercer um papel decisivo. A arquitetura sempre teve um papel importante, mas o chamado é mais decisivo se levarmos em conta que no ano 2000, o último do século e do milênio, a população do mundo se constituirá em cerca de 6,5 bilhões de habitantes e a metade dela viverá em cidades.

A arquitetura constrói um assombroso exemplo da expansão artística de nosso tempo, por isso é entendida hoje não só como a arte de construir edifícios, mas como a arte de construir o contexto humano. Sem dúvida, é possível (e necessário) considerar o contexto humano como a realização máxima da estética arquitetônica, mas não no sentido tradicional, que exige eliminar todas as observações práticas e adotar um distanciamento contemplativo com respeito à obra de arquitetura. O contexto humano (e todo contexto humano é predominantemente urbano em nossos dias) suscita e ao mesmo tempo resume uma experiência oposta a este sentido tradicional das concepções estéticas: é a experiência de um compromisso humano que a arquitetura sempre quis demonstrar e que muitas vezes conseguiu dar forma.

Como realização de uma estética arquitetônica que já não é primariamente visual e formal, o contexto urbano supõe e requer uma estreita participação entre o sujeito que percebe e o objeto percebido, participação que se conjuga com os interesses históricos e culturais do indivíduo.

Há uma mútua correspondência entre pessoa e arquitetura. O espaço de um edifício necessário para as atividades que deve abrigar, as circulações, a luz, a temperatura, o suporte estrutural, os materiais de construção e as superfícies são considerações práticas, entretanto geram, ao mesmo tempo, as condições perceptivas que determinam e guiam o funcionamento humano.

Um pórtico tem tanto ritmo como um pedestre que passa por debaixo dele. Nas unidades modulares de concreto pré-moldado existe movimento, assim como nos olhos de quem as observam.

Os espaços fechados não servem apenas para conter atividades, são apreendidos cineticamente, assim como a textura de suas superfícies que apelam à visão e ao tato. A luz torna possível não só o exercício de tarefas específicas, como também cria espaços e, por meio de suas sombras, evoca massas. Em suma, a arquitetura é inseparável e indissociável do ser humano e tem sido assim desde o começo dos tempos.

A metrópole moderna tem sido construída por seres humanos, é verdade, mas nem sempre ela os localiza no centro experimental. Os típicos arranha-céus sobrevoam opressivamente o pedestre, reduzindo-o a uma vulnerável insignificância. Apesar disso, somos importantes a nossos próprios olhos, se não o formos também aos olhos envidraçados dos edifícios em cuja companhia podemos encontrar-nos, entrando assim numa dinâmica relação com eles.

Se podemos conceber qualquer estrutura arquitetônica como um volume estável e nosso corpo como um volume móvel, o contexto construído é, na verdade, um todo dinâmico no qual pessoas e estruturas iniciam e afiançam relações recíprocas que mudam constantemente. Até podemos definir a arquitetura como a arte de construir um contexto ativo sobre a base do espaço, o volume e as outras modalidades perceptivas do lugar.

Há uma indissolúvel reciprocidade entre indivíduo e contexto, entre ação e respostas humanas, de um lado, e características e qualidades do contexto, de outro. A reciprocidade é, na verdade, um elemento constante na experiência do contexto, entretanto este último tem também uma dimensão temporal, que adquire sua forma elástica a partir dos movimentos daqueles objetos que o constroem. Massas, cores, luzes, linhas e sons fundem-se em nossa percepção e só os distinguimos nas atividades conceituais de ordenar e controlar a experiência. O corpo é igualmente parte desse amálgama, e seus processos compõem um modo de viver no contexto, da mesma forma como caminhar ou dirigir são maneiras de nos mover sobre a superfície da Terra, da mesma forma como nadar ou navegar são meios de atravessar uma extensão de água.

Para a pessoa, isto é ser, segundo Heidegger. Ser humano é estar na Terra, habitar, e isso é além do mais o que significa construir edifícios. Construir, diz Heidegger, é uma manifestação do habitar, do estar na Terra, um feito obscurecido pelas formas mais evidentes em que esse habitar e esse estar se expressam, tal como cultivar a terra e construir imóveis. Assim, o contexto não é o objeto de um ato subjetivo de contemplação, mas a condição de nossa vida.

O desenho urbano não pode limitar-se ao ordenamento de espaços públicos e privados, deve, além disso, criar seqüências experimentais. A cidade deve ser legível, suas imagens têm de ser reconhecidas de imediato pelo habitante. Além de atrações visuais, é preciso que a cidade ofereça estímulos auditivos, que vão além do estrondo do tráfego, percepções táteis e olfativas, que servem para distinguir os diferentes cenários urbanos e a consciência do movimento.
A planificação urbana tem de se dedicar a modelar experiências instrumentais. Jürgen Habermas destacou com acerto como a generalização dos bondes, em meados do século XIX, revolucionou a experiência do tempo e do espaço entre as massas urbanas, o que importou também modificar a percepção das cidades por seus habitantes.

A idéia desta mostra na última Bienal de Arquitetura de São Paulo do milênio não é só exibir os "40 Estúdios Argentinos" (ABBS Point Design; Alvarado-Font-Sartorio; Antonini-Fervenza-Hall-Schon-Zemborain; Aslan-Ezcurra; Baudizzone-Lestard-Varas; Benadón-Berdichevsky-Cherny; Besfamille-Rojo; Jacques Bedel; Bischof-Egozcue-Vidal; Blinder-Janches; Bodas-Miani-Anger; Mario Boschi; Cajide/Farji/Gombinsky; Andrés Carosio; Christin-Landi; Chiurazzi-Díaz-Díaz; Dujovne-Hirsch; Faivre-Román; Dergarabedian-Frangella-Del Puerto-Parodi-Sardin-Ferrari-Frangella; Fernández Prieto y Asociados; Ferreyra-Weskamp Arqs.; Galarregui-Busso; Goldman-Gómez Luengo; Ernesto Goransky; Gramática-Guerrero-Morini-Pisani-Urtubey; Grinberg-Dwek-Sartorio-Iglesias; Hampton-Rivoira; Estudio Jaraj; Lacroze-Miguens-Pratti; Marjovsky-Urruty; Mariani-Pérez Maraviglia; Peralta Ramos SEPRA; Pfeifer-Zurdo; Miguel Angel Roca; Rozenwasser-Silberfaden; San Martín-Lonné Arquitectos; Uriel Sevi; Turjanski-Sartori Asociados; Urgell-Fazio-Penedo-Urgell y Vila-Sebastián-Vila), mas o pensamento que este esforço implicaria colaborar com o desenvolvimento de um contexto estético que é, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de um contexto moral.

A arquitetura não deve renunciar nem à imaginação estética nem à realização moral, duas forças que hão de responder às peculiaridades de cada comunidade, de cada país e de cada região, sem perder de vista com isso a época em que atuam. Época significa novas idéias, novos valores, novas técnicas, novos materiais, sobretudo pensando que faltam menos de 60 dias para a entrada em um novo milênio.

Buenos Aires, 4 de novembro de 1999.
Jorge Glusberg

Os Novos Museus da França: Dez Anos de Arquitetura nos Museus 1990 – 2000

Organização:
A FAA – Associação Francesa de Ação Artística
Consulado Geral da França em São Paulo

O Consulado-Geral da França em São Paulo apresenta a exposição "Les Nouveaux Musées en France", assim como um seminário sobre" Os Museus do 3° Milênio", no quadro das atividades da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura.

A exposição concebida por Jean-Paul Midant, docente da Escola de Arquitetura de Nancy, foi produzida pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e pela Associação Francesa de Ação Artística (AFAA), com o concurso da Société Jean-Claude Decaux.

Há duas décadas, sob o impulso do Estado e das coletividades regionais, importante programa de renovação e criação de museus desencadeou-se através de toda a França. Nos últimos vinte anos, 400 museus foram reformados ou construídos, ou seja, um terço dos museus da França.

Esse movimento ultrapassou o quadro de Paris. Metrópoles regionais como Lille, Lyon, Estrasburgo e Nancy destinaram recursos muito importantes para apresentar, nas melhores condições, as coleções de seus museus. Cidades menores como Saintes e Artenay também puderam, a custos relativamente modestos, lançar-se em operações de transformação das edificações existentes em seus museus.

Funções novas e equipamentos novos – introduziram-se nas salas tradicionais das coleções permanentes que agora não representam, em média, mais de 40% da superfície dos museus: auditório, café, lojas, salas de exposição temporária, espaços de ação cultural, tanto para crianças quanto para adultos.

Esses desenvolvimentos refletem a vitalidade e a imaginação dos arquitetos e museógrafos e ilustram a evolução das missões dos conservadores de museu, a quem cabe conceber um museu aberto à cidade e fazer viver as coleções, para tanto organizando exposições temporárias, abrindo os acervos de obras e definindo uma estratégia coerente com os vários tipos de público.

Essa transformação do panorama dos museus, bem como a vontade de fazer os museus abrirem-se para o mundo, tiveram por resultado, em particular, a evolução espetacular da freqüência, que passou de 5,3 milhões de pagantes em 1980 para 9,3 milhões em 1996 (dos quais 35% estrangeiros) – e isso apenas nos 33 museus nacionais.

Por meio das 17 realizações, objeto desta exposição, estão presentes todas as temáticas – encontraremos em particular a arte e a arqueologia no Museu de Belas Artes de Lyon; a história e a sociedade no Memorial da Grande Guerra, em Pérrone; sem nos esquecermos da rede de museus de história natural – à frente dos quais, a Grande Galeria da Evolução, em Paris. Todos os modos de construção são analisados: criação, no caso do sítio romano de Saint-Romain-en-Gal; recuperação e ampliação, em Lille e Nancy.

O Museu do 3° Milênio, tal como hoje se constrói, é nítido resultado da adequação ótima entre um programa estabelecido pelo conservador a partir de uma coleção e um projeto arquitetônico que se acha em relação sempre mais estreita com a cidade onde venha a ser implantado, em benefício de um público mais fiel e mais numeroso.

A definição espacial desta exposição é de autoria de Xavier Barral, que selecionou um suporte original (MUPI) desenhado por Martin Szekely para a Sociedade Decaux, que permite uma instalação em ambientes tanto internos quanto externos.

A revista *Le Moniteur Architecture* produziu um número especial, em francês e inglês, que servirá de catálogo da exposição.

Dois filmes produzidos por Patrick Ladoucette acompanham a exposição. Um é dedicado à recuperação de um edifício do século XIX no Museu de Belas Artes de Lyon; o outro, à construção de um museu para o sítio arqueológico galo-romano de Saint-Romain-en-Gal.

Um seminário sobre os "Museus do 3° Milênio" será realizado em 23, 24 e 26 de novembro. Reunirá arquitetos, conservadores e dirigentes políticos brasileiros e franceses, especialmente Philippe Chaix e Jean-Michel Wilmotte (arquitetos), Pascal Hamon (direção dos museus da França) e Dominique Boudet (redator-chefe da revista *Le Moniteur*). Jean-Paul Midant (o historiador da arquitetura que concebeu a exposição) participará do Docomomo (de 8 a 11 de dezembro).

Montagem em frente ao Palácio Mimara em Zagreb, Croácia

Arquitetura da Modernidade

"Não só foram recentemente construídas, como estão para renovar-se com a mesma rapidez com que foram edificadas ..." A frase, do antropólogo Claude Lévi-Strauss, resume bem a velocidade com que as cidades nas Américas se transformam rumo aos ideais, ainda hoje vivos na sociedade, de progresso e modernidade. Resultado das relações do homem urbano com o espaço em que se fixou, a lógica da chamada "destruição modernizadora" não permite que os sentidos do vivido e da memória permaneçam arraigados ao crescimento dos grandes centros.

Procurando compreender a peculiar história arquitetônica de Belo Horizonte, nascida como o "sonho de uma ordem", o professor Leonardo Barci Castriota organizou o livro *Arquitetura da Modernidade*, cujo conteúdo motivou a exposição que ora participa da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura, em São Paulo.

Trata-se de uma produção de grande apuro gráfico, que apresenta um painel da arquitetura que se produziu em Belo Horizonte, ao longo dos últimos cem anos. Como um estudo de caso, a exposição acompanha as diversas facetas que a idéia da modernidade arquitetônica toma em nosso país, por meio de um conjunto de textos e fotografias que situa a arquitetura ao lado das outras manifestações culturais do século XX. *Arquitetura da Modernidade* é um convite aos apaixonados pela cidade para que desvendem a história do grande centro por meio de sua trajetória arquitetônica.

Coordenação
Leonardo Barci Castriota
Gaby Aragão

Praça da Liberdade restaurada

Museu Histórico Abílio Barreto, antigo Prédio dos Correios

Panorama atual da cidade, visto de uma varanda

EAUFMG

Arquitetura Virtual

Curadoria:
Emanuel Dimas de Melo Pimenta

Ainda hoje, quando se fala em arquitetura virtual, muitas pessoas imaginam, imediatamente, uma arquitetura feita com computadores. Isso pode realmente acontecer, mas não é obrigatório.

A palavra virtual não tem, aqui, o sentido de invisibilidade, de ausência, de promessa não-cumprida. Aqui, virtual significa potencialidade em todas as suas implicações.

Basta tomar-se de atenção a metamorfose planetária ocorrida nos últimos anos. Descobrimos antigas culturas e línguas havia muito desaparecidas. Estabelecemos novas fronteiras para o conhecimento de nosso próprio corpo. Na astronomia ampliamos os horizontes de maneira profundamente radical. Gradualmente, pela hipercomunicação, resgatamos o papel da formação do ser humano – espécie de nova Paidéia, para a qual o valor da memória é substituído pelo da articulação criativa. O tempo real desintegra fronteiras físicas da comunicação – pela primeira vez as relações humanas não estão mais dependentes da proximidade física. Da mesma forma, eludimos as estações climáticas pela via dos velozes meios de transporte e das novas técnicas de conservação de alimentos. Pela primeira vez, inauguramos um poderoso conjunto de tecnologias de baixa temperatura e alta eficiência. Mergulhamos na utópica escala da nanotecnologia, lidando com átomos na confecção de um novo tipo de máquinas.

Todo esse universo em mutação – para o qual a mudança não é mais objetivo, mas signo primeiro – conduz-nos a uma formidável utopia, como se, magicamente, os finais de século, pelo menos os dois últimos, se espelhassem. Mas utopia como aquilo que é inesperadamente realizável.

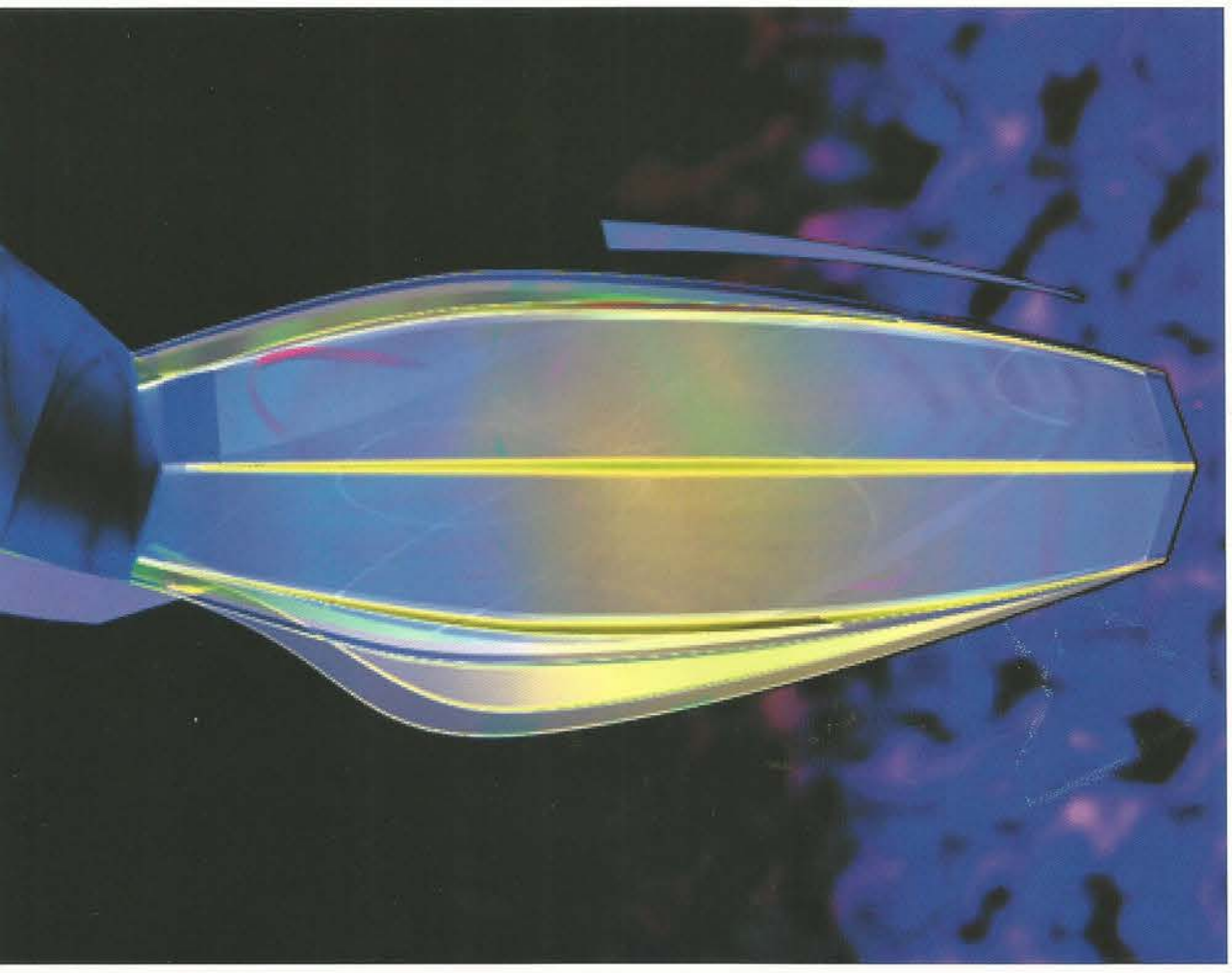
Isso tudo acontece com todos nós, todo o tempo. Basta ligar o aparelho de televisão e assistir em tempo real ao que está acontecendo do outro lado do planeta, acessar a Internet e dispor de centenas de milhões de documentos, imediatamente, e mais de dez por cento de todos os livros já escritos, fazer um chat qualquer, ir a uma livraria, a uma loja de música, ao supermercado, andar de automóvel, receber um fax ou simplesmente fazer uma chamada telefônica.

Nada disso, entretanto, é linear. Antes, esse fenômeno global, transcultural e transdisciplinar, implica uma natureza fluida, turbulenta e descontínua. Assim, essas transformações estão aqui e ali, um pouco por todo lado, mas raramente tudo ao mesmo tempo. Uma mutação sob o signo da diversidade.

Nesse surpreendente universo, todos os passados são uma única história, não mais estabelecida numa estratégia de forte hierarquia, mas como um formidável processo caleidoscópico articulado por coordenação; o sagrado é lentamente resgatado pela via de uma nova aspiração ao tempo livre, ao lazer; lançamos nossa percepção a domínios cada vez mais vastos, para os quais as antigas extensões humanas são substituídas por próteses sensoriais inteligentes.

Admiramos Monet, Leonardo da Vinci, Hokusai, Imhotep, Debussy, John Cage ou Ovídio, entre tantos outros, como quem admira uma parte de si próprio, seus ancestrais diretos, rasgando as antigas convenções do mundo literário pós-Gutenberg.

Arquitetura virtual é isso. É o espelho do mundo hoje. Não se trata de uma aspiração internacionalista, mas transnacional. Não se encerra a esta ou àquela disciplina específica, mas vai procurar suas raízes em todas elas. Não é nacionalista ou regionalista, mas transcultural.

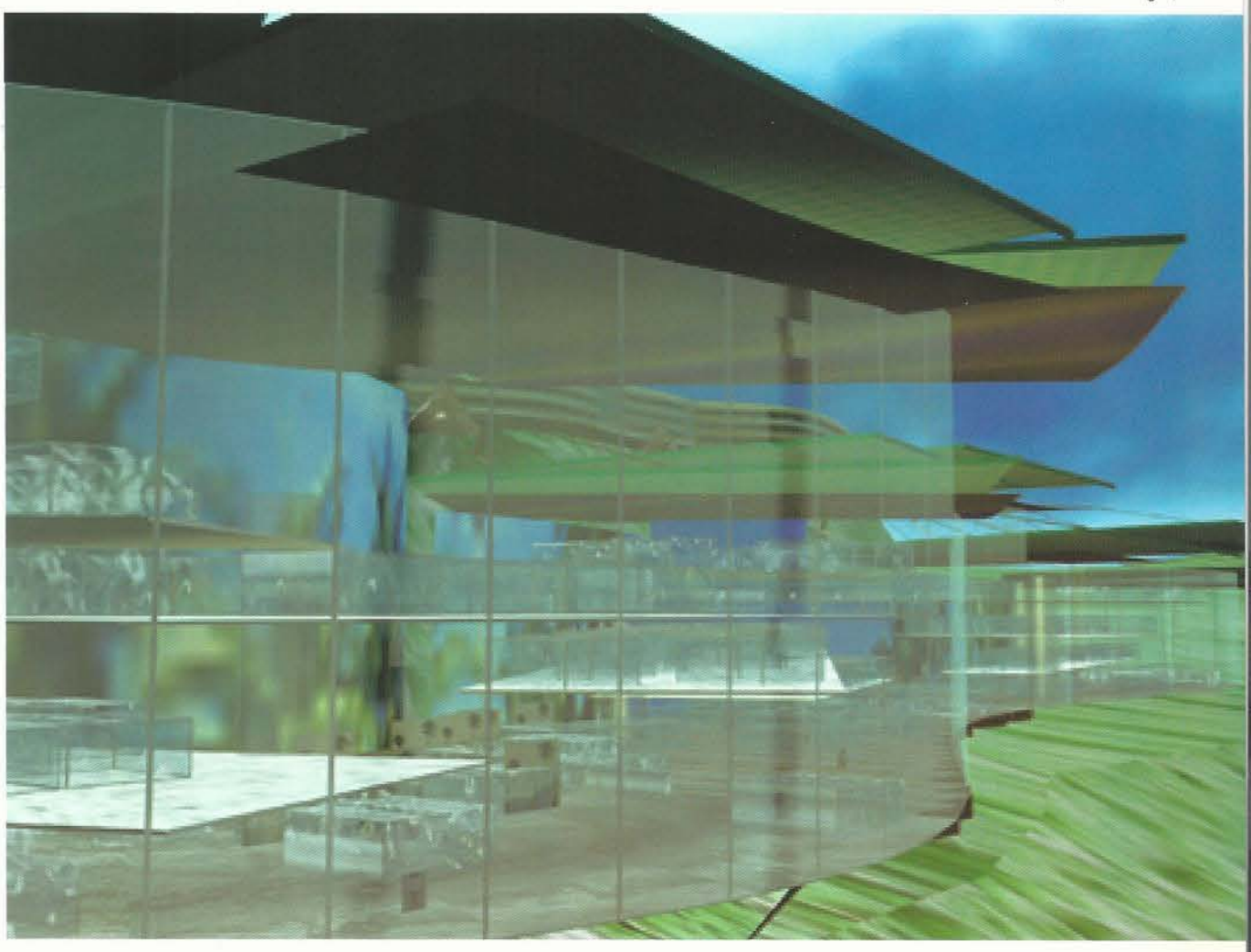


Las Oosterhuis (Holanda)

Por isso, embora a maioria dos projetos apresentados na 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, em 1999, seja realizada com computadores, essa é apenas uma de suas características, porque os computadores que fazem verdadeiramente essa arquitetura não são exclusivamente aqueles do desenho, mas tudo o que constitui um futuro presente, permanente invenção.

Emanuel Dimas de Melo Pimenta, 1999

Emanuel DM Pimenta (Brasil-Portugal)



Construir a Escola, Construir a Cidade

Curadoria:
Carlos A. Ferreira Martins

A Experência do Convênio Escolar em São Paulo, 1948 – 1954

Os projetos e as obras apresentados nesta exposição respondem a um contexto muito preciso e também a uma aspiração geral e permanente: a escola fundamental, pública e gratuita, concebida como direito individual e como instrumento necessário para a formação integral do cidadão e para a construção de uma nação socialmente justa e habilitada para a afirmação de sua soberania.

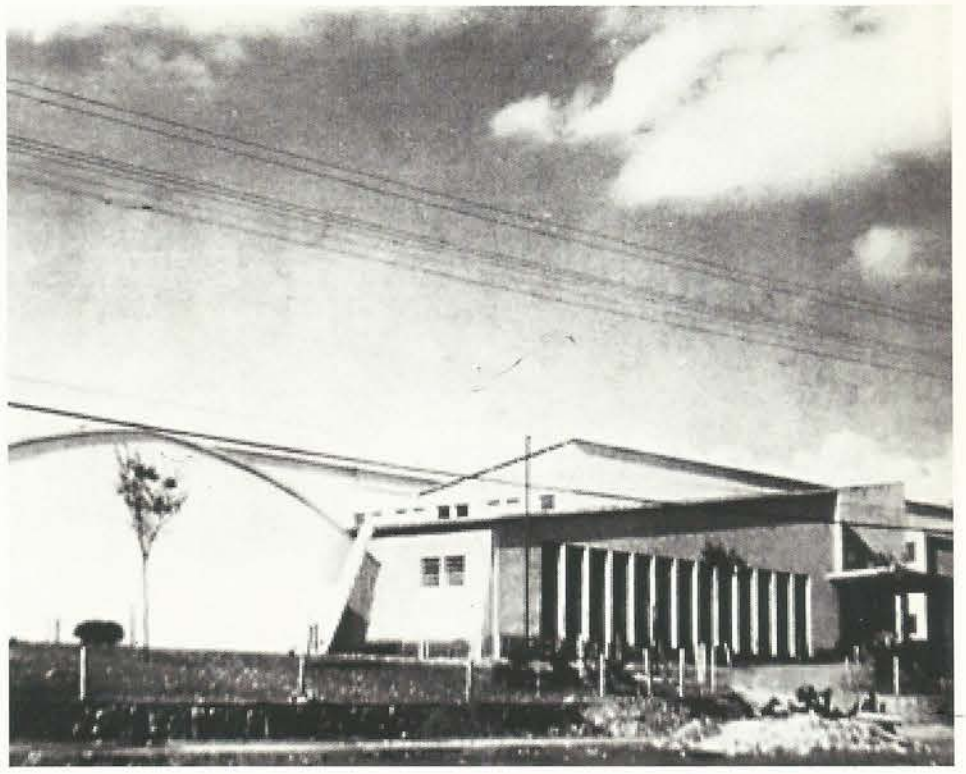
O Convênio Escolar é um instrumento legal, firmado na primeira metade dos anos 40 entre o Governo do Estado de São Paulo e a Prefeitura da Capital, com o objetivo de atender à legislação federal de 1942 que estabelecia os percentuais mínimos de aplicação orçamentária de Estados e Municípios na Educação básica. Pelo Convênio firmado, caberia à Prefeitura a construção dos edifícios e ao Governo Estadual a oferta do ensino.

Entretanto, somente a partir de 1948, com a criação da Comissão de Executiva do Convênio Escolar, presidida pelo Engenheiro José Amadei e tendo como presidente da Subcomissão de Planejamento o arquiteto Hélio de Queiroz Duarte, o Convênio Escolar passa a ter uma ação eficaz. A equipe básica de projetos incorpora ainda o engenheiro Ernest Robert de Carvalho Mange, e os arquitetos Eduardo Corona, Oswaldo Corrêa Gonçalves e Roberto Tibau.

As razões para o desempenho surpreendente da Comissão do Convênio Escolar, que projeta e constrói mais de 120 edifícios num espaço de menos de 5 anos, podem ser encontradas na necessidade política de atender às demandas sociais cuja manifestação encontra espaço com a abertura política subseqüente ao final do primeiro período Varguista. Como se verifica na imprensa da época, as escolas públicas são uma reivindicação constante da população, ao lado de transporte coletivo e saneamento básico. Por outro lado, o clima político vivido pela capital paulista nos anos que antecederam a 1954 levou a que se formulasse a consigna de "nenhuma criança fora da Escola no IV Centenário da cidade" – que se concretiza na criação de 48 mil vagas em 5 anos.

Nesse quadro, a equipe do Convênio Escolar propõe uma política de rede de equipamentos públicos com a qual se pretende enfrentar o déficit escolar da cidade. Em termos das opções e estratégias projetuais, esse caráter se manifesta no planejamento de uma rede distribuída pela mancha urbana da cidade em expansão em oposição à realização de obras emblemáticas e representativas, normalmente localizadas na zona central. Outra conseqüência da estratégia de rede sobre os procedimentos projetuais é a preocupação pela busca de soluções construtivas econômicas, pela normatização de dimensionamentos e pela racionalização de elementos e soluções construtivas.

As estratégias projetuais da equipe de arquitetos estão fortemente marcadas pela busca de uma articulação entre concepção espacial do edifício escolar e as propostas pedagógicas do educador e pensador baiano Anísio Teixeira – um dos fundadores do Movimento Escola Nova e introdutor do pensamento de John Dewey no Brasil – centradas na noção da escola como instrumento de formação integral do cidadão. O Centro Educacional Carneiro Ribeiro, implantado em Salvador por Teixeira com a colaboração do arquiteto Diógenes Rebouças, é uma referência privilegiada para a Comissão do Convênio Escolar. A experiência de Anísio Teixeira na Bahia caracteriza-se pela implantação do sistema Escola-Classe – Escola-Parque, que traduz para as condições brasileiras as concepções presentes no sistema escolar Platoon, trazido de Detroit por Teixeira.

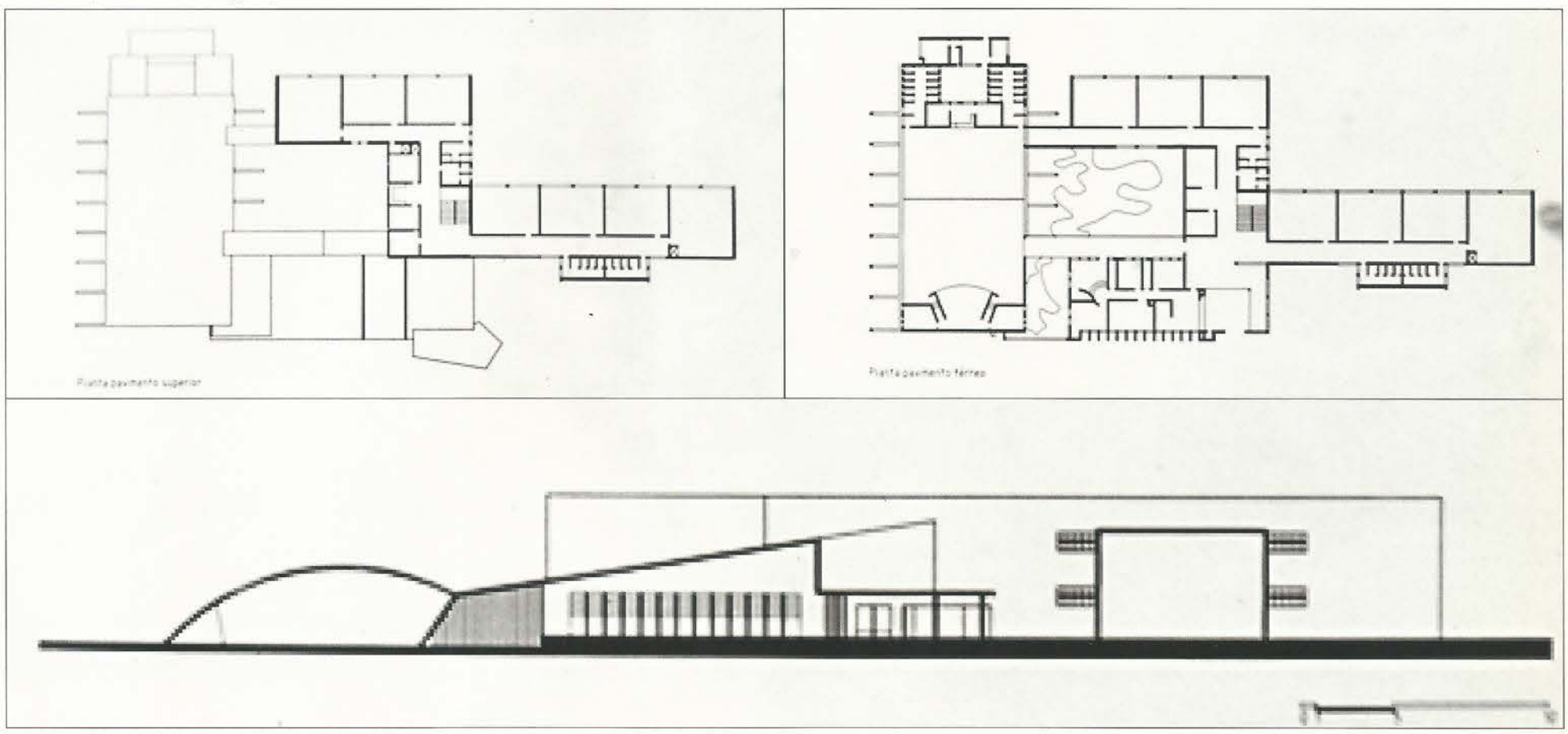


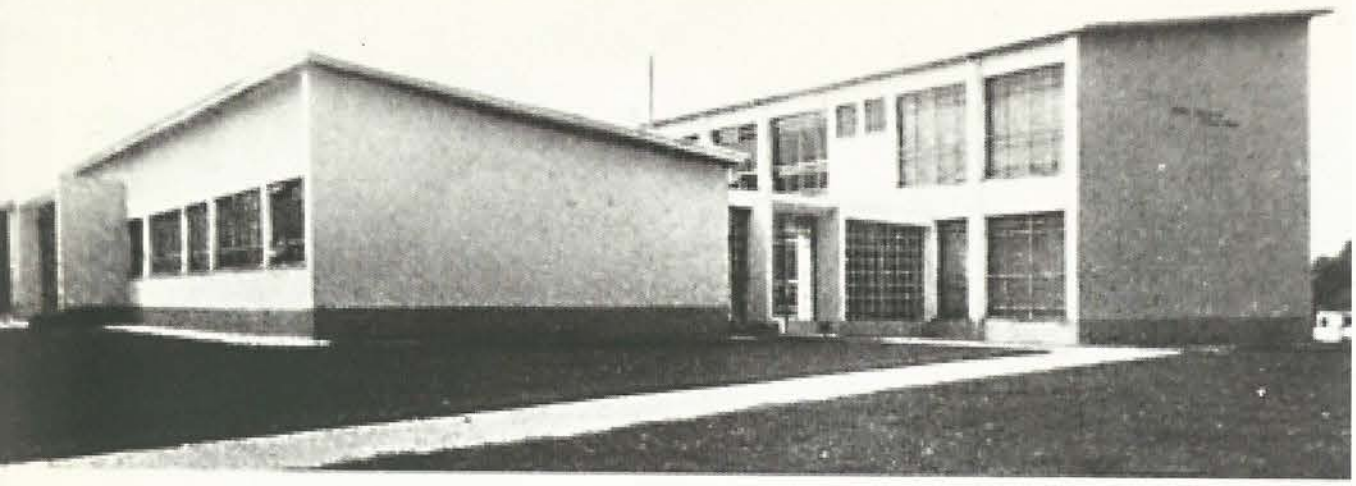
Hélio Duarte, EEPG Pandiá Calógeras, 1950

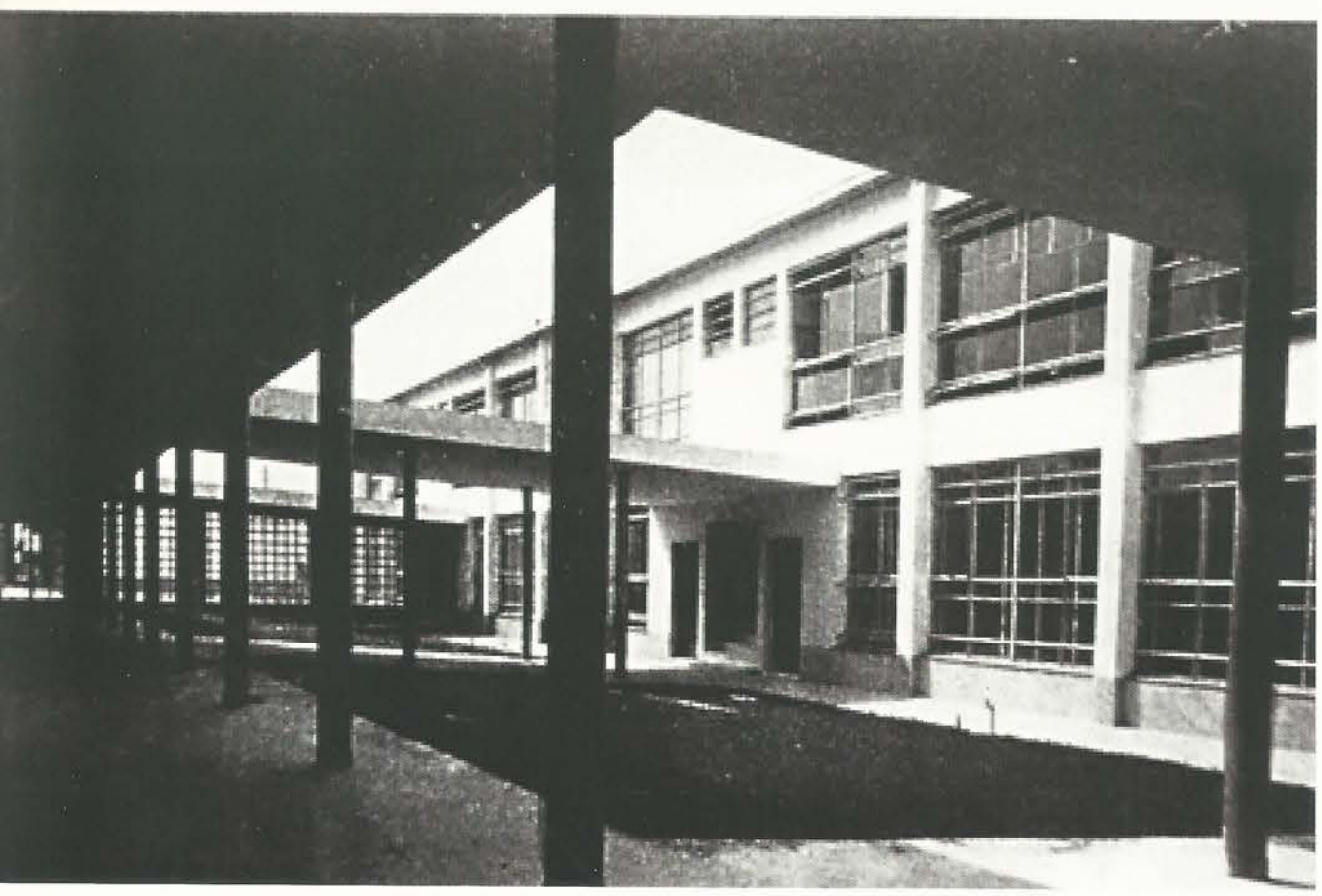
As dificuldades políticas em introduzir integralmente em São Paulo o sistema desenvolvido pelo educador baiano levam a um esforço de adaptação daquela proposta à realidade da capital paulista.

A organização espacial das escolas projetadas pelo Convênio Escolar, assim como sua articulação a outros elementos da rede de serviços educacionais (parques infantis, bibliotecas, teatros distritais etc.), demonstra o entendimento das escolas como "condensadores sociais", instrumentos de dinamização de atividades comunitárias não-restritas

Hélio Duarte, EEPG Pandiá Calógeras, 1950

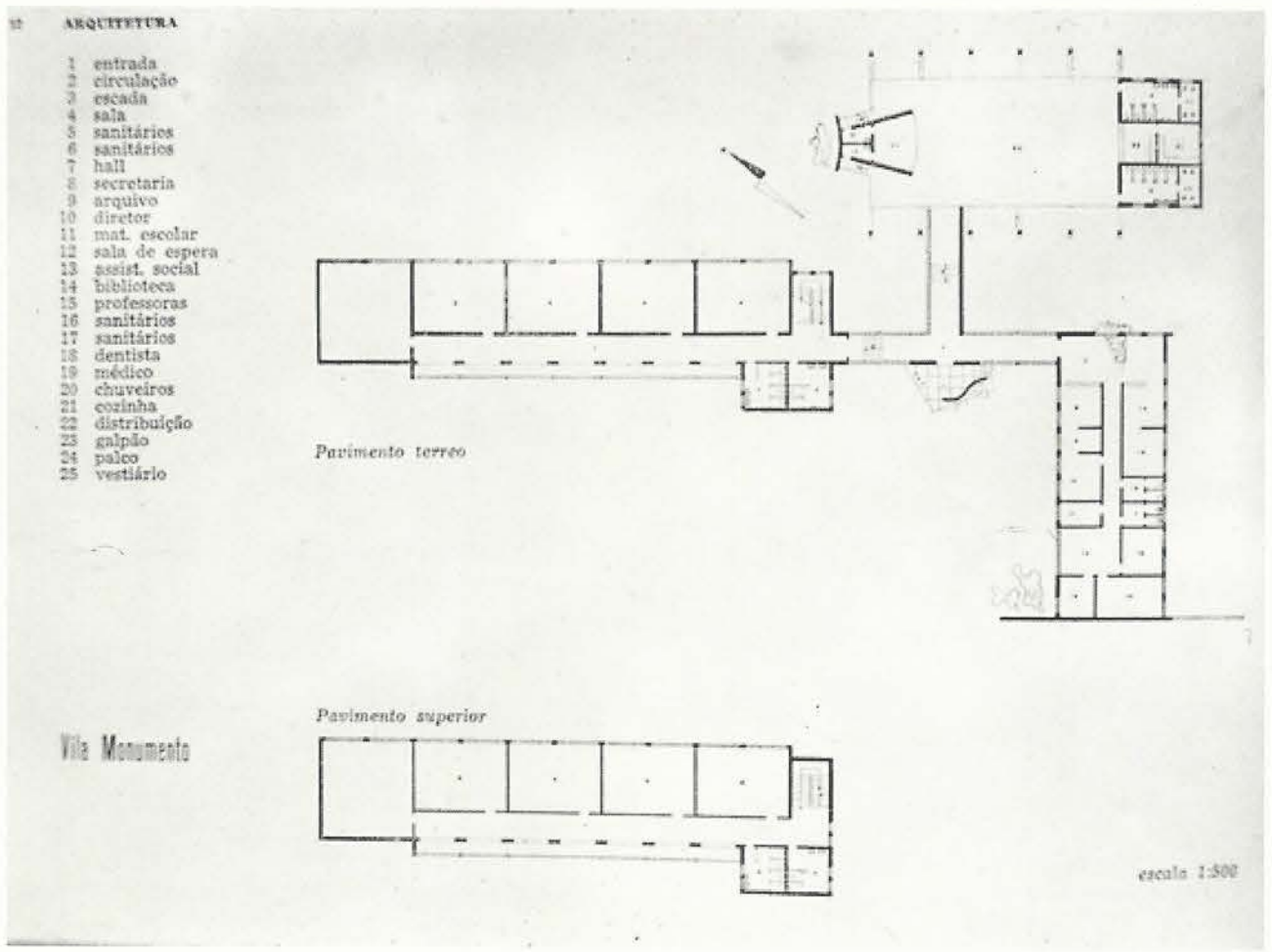


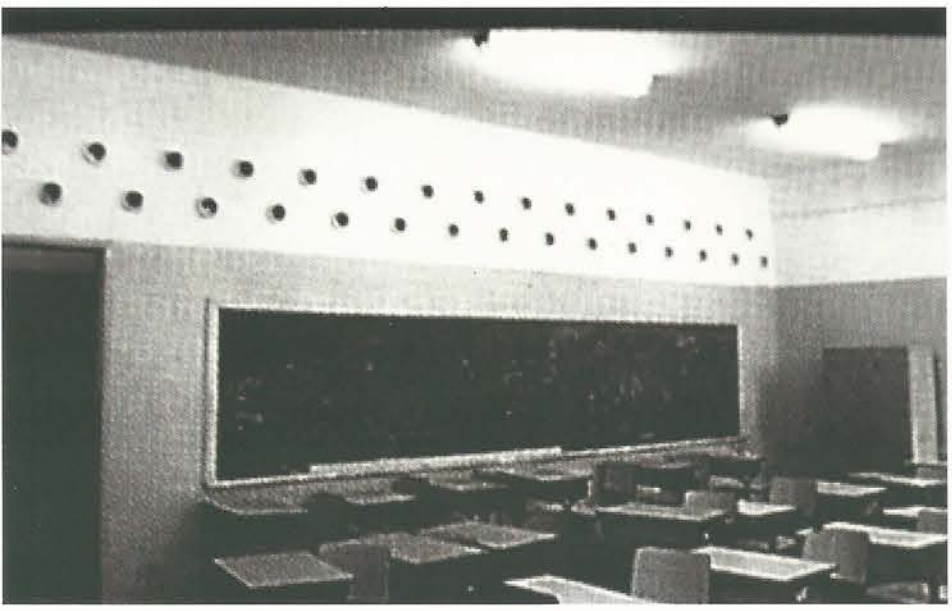


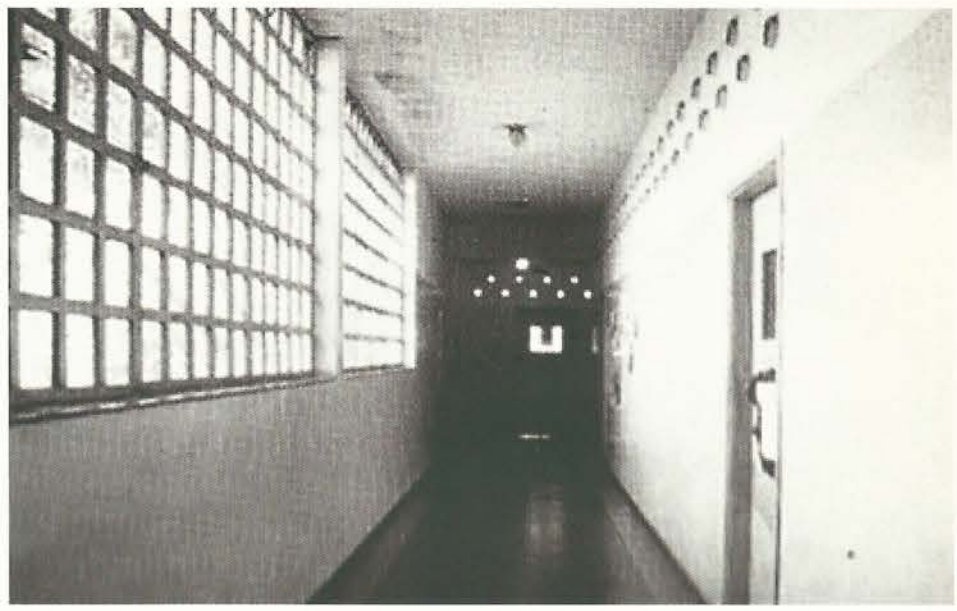


Ernest R. C. Mange, EEPG Pedro Voss, 1950

Hélio Duarte, EEPG Murtinho Nobre, 1949





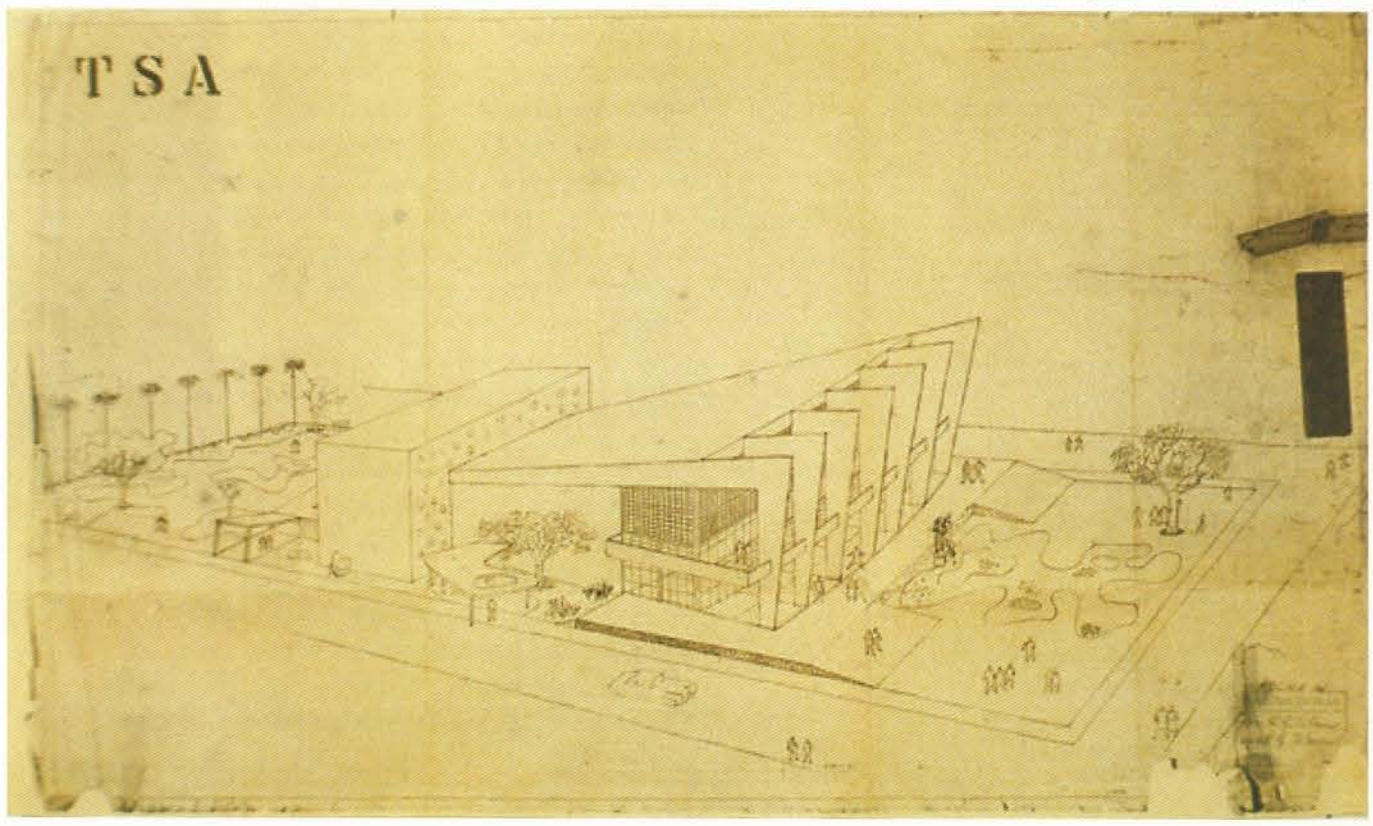


Eduardo Corona, EEPG Reinaldo Ribeiro da Silva, 1951

aos estudantes, numa manifestação clara da presença das concepções de Dewey e da Escola de Chicago sobre o papel comunitário da instituição escolar.

Outros dois aspectos, importantes para o debate da arquitetura moderna no Brasil, estão fortemente presentes na ação do Convênio Escolar: a dinâmica de trabalho da equipe de projetos, que relativiza a noção de autoria individual, e o fato de as obras constituírem a primeira intervenção em grande escala do poder público paulista a utilizar a linguagem estabilizada da arquitetura moderna brasileira.

Roberto Tibau, Teatro Distrital Padrão, 1950



Habitação Social Contemporânea

Coordenadores:
Akemi Ino
Marcelo Tramontana
Ioshaqui Shimbo

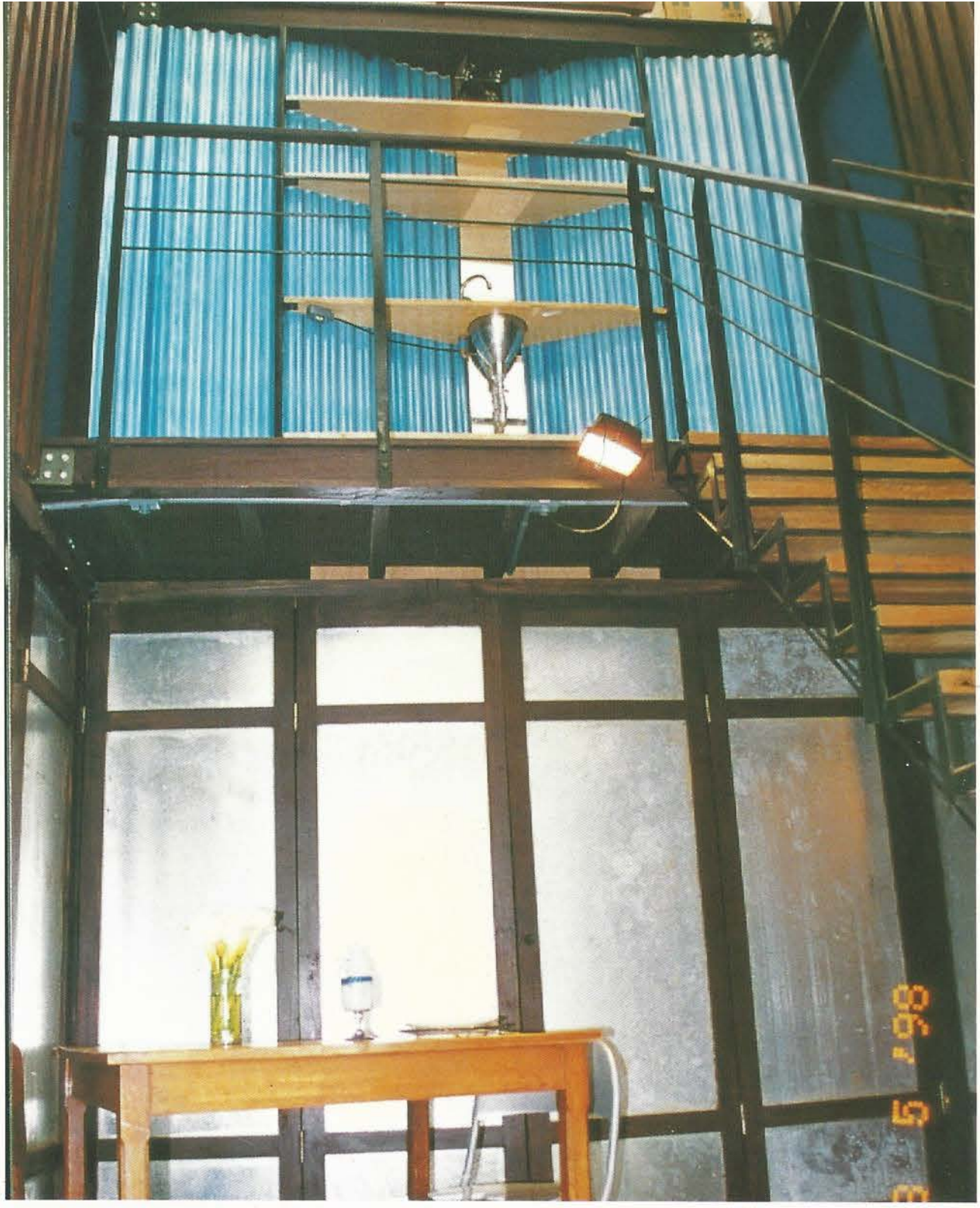
Muito se tem escrito sobre o déficit habitacional brasileiro, com seus números astronômicos, ainda que incertos. Contrariamente, quase nada tem sido feito no sentido de rever as soluções arquitetônicas de unidades e conjuntos destinados à população de baixa renda. As tantas e tão profundas transformações por que tem passado nossa sociedade neste século e, sobretudo, nas últimas décadas autorizam-nos a afirmar que as atuais soluções foram ultrapassadas pela velocidade dos fatos. A população, no que lhe cabe, anseia, como sempre, por melhores condições de moradia, o que na prática tem significado, em primeira instância, casa saudável, bem construída, bem desenhada e, preferencialmente, própria.

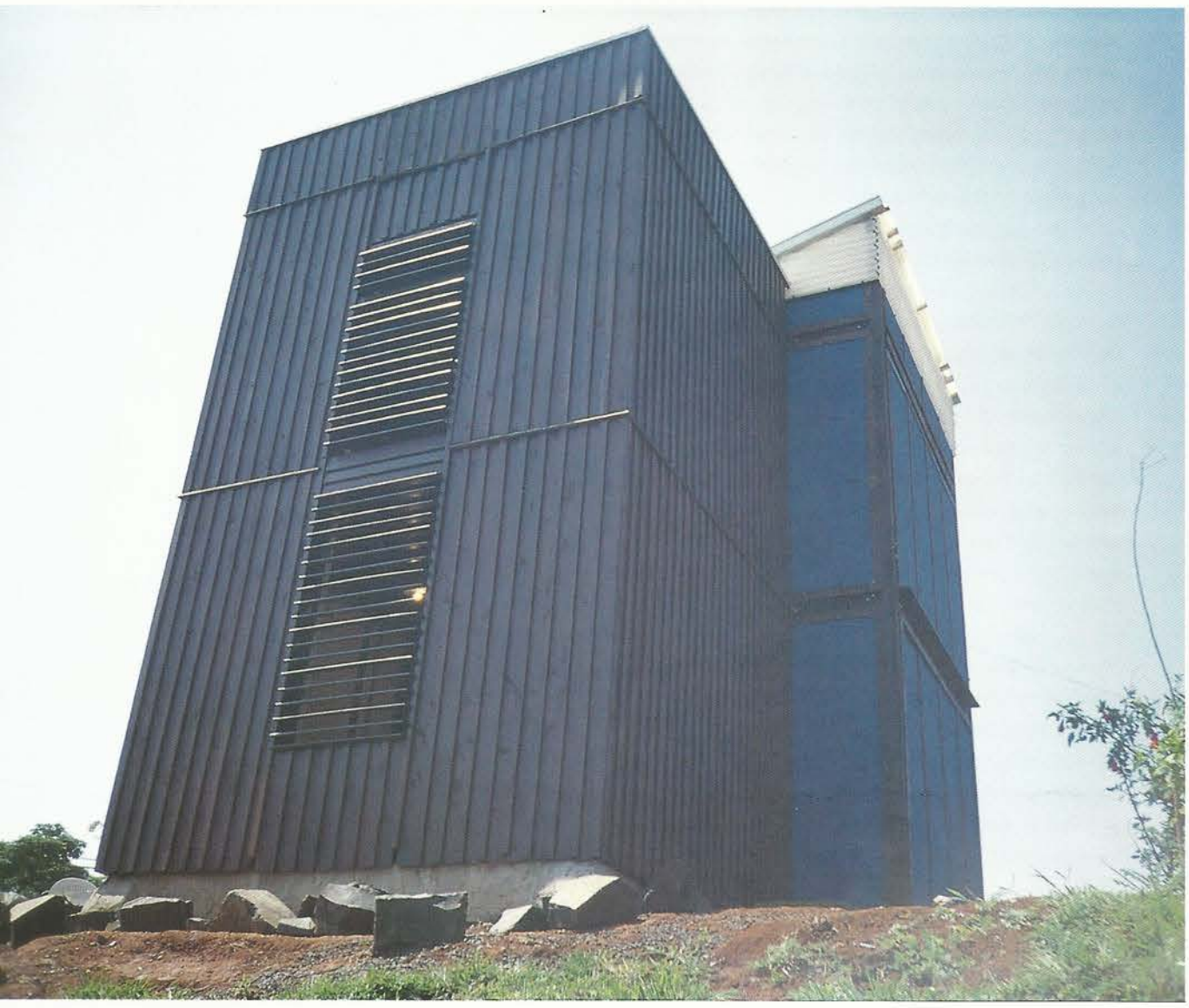
Percebe-se, contudo, que os conceitos que ainda norteiam a concepção espacial e tecnológica da moradia brasileira em geral, e particularmente das chamadas habitações de baixo custo, remontam ao modelo – internacionalmente difundido – da habitação burguesa européia do século XIX, resultando, em sua imensa maioria, em casas divididas em cômodos monofuncionais – quartos, sala, cozinha e banheiro –, organizados segundo zonas social, íntima e de serviços, executadas principalmente em alvenaria de tijolos.

Além disso, a concepção de casas populares, tais quais as conhecemos hoje no Brasil, tem também sido fortemente determinada por certos princípios enunciados pelo Movimento Moderno da primeira metade do século XX, os quais, difundidos mundialmente, acabaram inibindo, até pela extrema conveniência de sua fórmula, qualquer pesquisa sobre o assunto. Investimentos em investigações sobre materiais e técnicas construtivas locais, visando ao equacionamento das questões habitacionais, tornaram-se tão raros quanto iniciativas no sentido de repensar desenho e funções dos espaços de morar.

O GHab, Grupo de Pesquisa em Habitação da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, ligado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo, ao Laboratório de Madeira e Estruturas de Madeira e à Universidade Federal de São Carlos, por meio do projeto e da realização de duas unidades de habitação social – as Unidades Experimentais 001 e 002 –, propõe-se a rediscutir o desenho de seus espaços e otimizar seu processo construtivo, utilizando-se de materiais de fontes renováveis. Estruturas e vedações de madeira de reflorestamento, painéis de taipa de mão e blocos de terra palha são os principais componentes construtivos dessas duas Unidades, cujos detalhamento e planejamento do processo de pré-fabricação ocupam posição central no trabalho de pesquisa. Além disso, a população tem sido convidada a visitar e opinar sobre as casas, contribuindo para instruir futuros projetos habitacionais.

Essa realização está vinculada ao Projeto Integrado de Pesquisa Habitação Social: Concepção Arquitetônica e Produção de Componentes em Madeira de Reflorestamento e em Terra Crua, financiado, principalmente, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Fapesp, e conta com a participação de pesquisadores e especialistas de diversas áreas do conhecimento, tanto do Brasil como do exterior, bem como da infra-estrutura laboratorial do LaMEM – Laboratório de Madeiras e de Estruturas de Madeira da EESC-USP.





O IPHAN e a Arquitetura do Patrimônio

organização:
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artísitico Nacional

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) vem, ao longo de seus 62 anos de existência, ocupando-se do trabalho de preservação da memória nacional. Essa tarefa, desenvolvida de forma pioneira na América Latina, pelo Brasil por meio do IPHAN, se traduz no cuidado permanente com um acervo que abrange 16 mil edificações tombadas, além de 50 centros e conjuntos urbanos, que contemplam um mostruário da evolução da arquitetura brasileira.

Assim, tem-se desde as casas bandeiristas, os conjuntos urbanos de arquitetura colonial – preservados em vários estados –, os monumentos isolados representativos de cada época e estilo, inclusive todas as fases do barroco ao rococó, os exemplos de ecletismo, art noveau, neoclássico, até os exemplares mais emblemáticos da arquitetura moderna.

Na presente Bienal, o IPHAN exibe alguns trabalhos exemplares de restauração conduzidos recentemente em edificações capazes de expressar a pluralidade de estilos e influências de nossa rica arquitetura, a singularidade da qualidade artística de nossos artesãos e o luxo presente nos acabamentos encontrados nos monumentos de um passado próximo.

A restauração exige o cumprimento escalonado de diversos estágios como: levantamento arquitetônico e cadastramento fotográfico prévios à elaboração do projeto; pesquisas histórica e iconográfica; prospecções estratigráficas (identificação das camadas de pinturas anteriores), prospecções arqueológicas, quando necessárias; realização de estudos, análises e pesquisas para verificar a causa da deteriorização dos materiais, de modo a possibilitar que a intervenção proposta venha a assegurar a longevidade da edificação. A isso se seguem as etapas em que são definidas as propostas, são apresentadas as soluções, traduzidas por meio de especificações técnicas e desenhos que orientarão as obras de restauração propriamente ditas. Dadas as especificidades que envolvem os trabalhos de restauração, muitas vezes são necessárias adaptações ao projeto inicial, em função de "surpresas" que alteram o conhecimento anterior da edificação e conseqüentemente a concepção da intervenção.

Em alguns casos, como na preservação de exemplares da arquitetura moderna, a ação pioneira do IPHAN em efetuar o tombamento apenas alguns anos após sua inauguração garantiu condições excepcionais de autenticidade de sua arquitetura, inclusive com relação aos materiais de acabamento e mobiliário. Nesses casos específicos, o processo de restauração não se provou menos dificultoso, uma vez que a maior parte dos materiais industrializados empregados nas construções já não é mais fabricada nem passível de execução artesanal.

As obras de restauração constituem-se em oportunidades de aprendizado sobre os métodos construtivos já empregados no Brasil e sua variação de região para região, em função da disponibilidade de materiais existentes. Possibilitam também o prolongamento da vida útil das edificações, garantindo às gerações futuras o acesso a exemplares plenos de história.

Igreja Nossa Senhora dos Anjos

Mercado de Carne, Aquiraz, CE

Conjunto Arquitetônico Histórico de Manguinhos

Organização:
Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz – FioCruz

O Conjunto Arquitetônico Histórico de Manguinhos, sede da Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro – Brasil, foi projetado pelo arquiteto português Luis de Moraes Júnior e construído a partir de 1904.

Concebido segundo os padrões da arquitetura eclética e tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – em 1981, este complexo é formado pelos seguintes edifícios: Pavilhão da Peste (1904), Pombal (1904), Cavalariça (1905), Pavilhão Mourisco (1905-1917), Hospital Evandro Chagas (1912-1917) e Quinino (1919-1939).

O sistema construtivo dos edifícios tombados consiste em fundações corridas de blocos de granito, paredes de alvenaria de pedra e tijolos, lajes construídas com vigas metálicas de perfil I, sendo os vãos entre elas preenchidos com tijolos furados abobadados.

Com exceção do Pavilhão Mourisco, que tem terraços pavimentados com material cerâmico, e do Pombal, com coberturas de laje pigmentada, os edifícios são cobertos por telhas de Marselha apoiadas em estrutura metálica ou de madeira. Os materiais de construção utilizados foram quase todos importados: cerâmicas portuguesas da "Bordalo Pinheiro", azulejos alemães de "Meissen", fechaduras e dobradiças norte-americanas "Yale", tijolos de Marselha, ferro e cimento ingleses. As obras foram executadas por artífices italianos, espanhóis e portugueses, orientados por um mestre de obras austríaco.

O trabalho de conservação e restauro do Núcleo Histórico de Manguinhos tem sido desenvolvido desde 1987 pelo Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz. O trabalho de preservação segue os princípios modernos de restauração como: salvaguarda de testemunhos históricos; respeito pelas características originais dos bens culturais; e registro, por meio de relatórios teóricos, vídeos e slides, das intervenções que são feitas.

Em linhas gerais, já foram executados os seguintes serviços: impermeabilização dos terraços; tratamento e reforço de estruturas metálicas; recuperação de azulejos e pintura murária; recuperação ou substituição de ornamentos originais; restauração de esquadrias e substituição das instalações hidrossanitárias, elétricas e telefônicas.

Além da execução do projeto completo de restauração, que inclui estudo histórico, levantamento arquitetônico, mapeamento de danos, análise dos materiais de construção, estudos das causas de deterioração, diagnóstico e metodologia de intervenção, a ocupação atual do conjunto arquitetônico de Manguinhos tem como princípios a valorização, a conservação e o respeito ao caráter histórico-cultural do local.

Pavilhão Mourisco com atual iluminação monumental

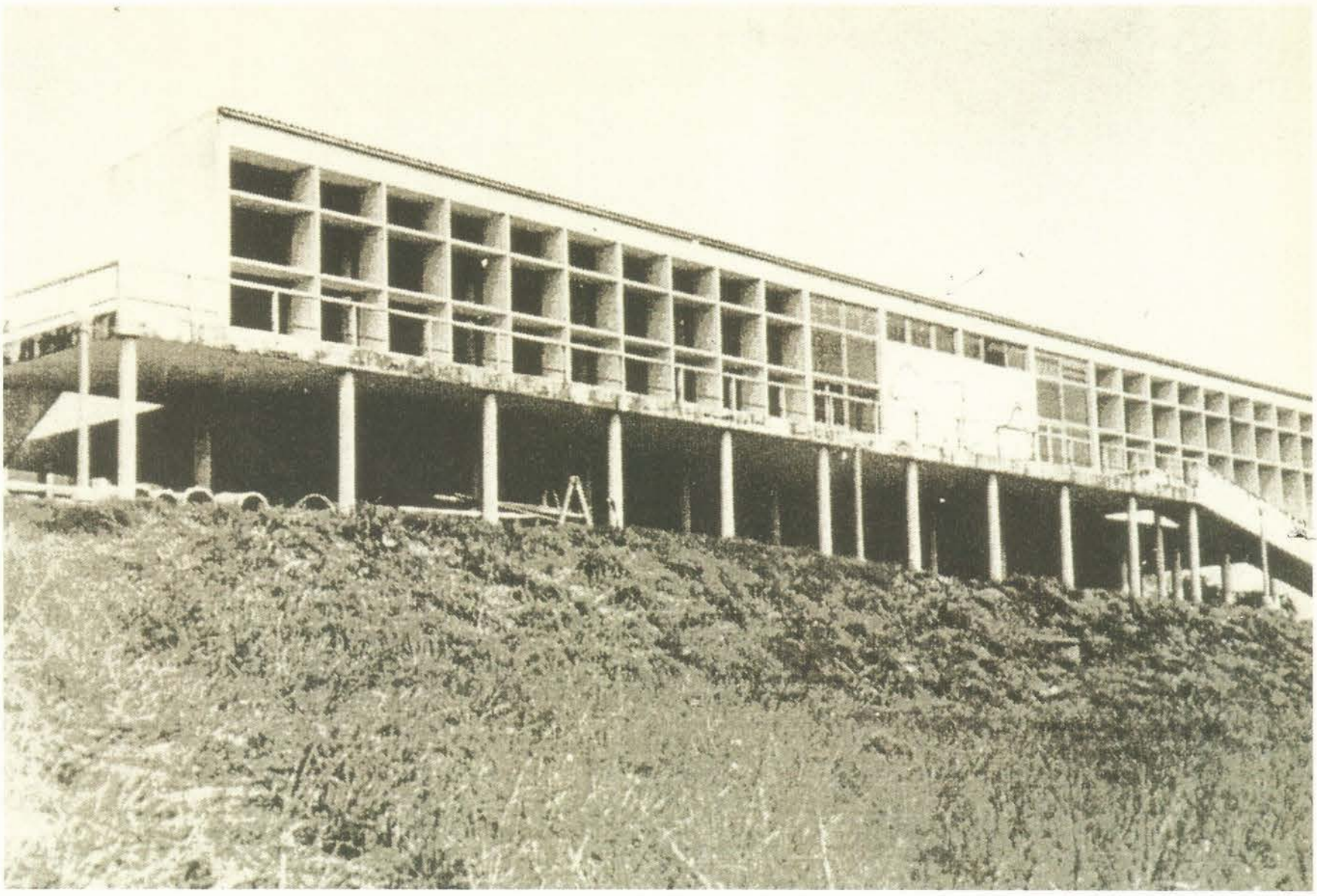
Interior do prédio do Centro de Recepção da Fundação Oswaldo Cruz, com a iluminação destacando a estrutura e a cobertura

Em 1998, o DPH (Departamento de Patrimônio Histórico) conseguiu o tombamento, por intermédio do Inepac (Instituto Estadual de Patrimônio Artístico e Cultural), de duas construções de autoria do arquiteto Jorge Ferreira: o Pavilhão do Restaurante Central e o Pavilhão de Cursos. O primeiro recebeu menção honrosa do júri da Bienal de São Paulo de 1951. Trata-se de dois exemplares no uso dos elementos da arquitetura moderna. Cabe, no momento, evitar novas alterações até que se possa realizar um completo projeto de restauro para recuperar aspectos e espaços originais, inclusive os painéis de azulejos de Burle Marx e Paulo Rossi.

Parte do trabalho do DPH é elaborar projetos de novas construções dentro da área preservada pelo IPHAN. Entre essas novas construções, destaca-se a do Centro de Recepção para os visitantes do Museu da Vida. Trata-se de uma construção de 880 m^2 em estrutura de aço e telha cerâmica, sem vedação lateral e toda aberta para a mata circundante, com as áreas destinadas a lojas, exposição, vídeo e sanitários, contidas em blocos independentes sob a cobertura.

Mais recentemente a Fundação Oswaldo Cruz recebeu para uso, em acordo assinado com o Governo do Estado do Rio de Janeiro, o Palácio Itaboraí, com a finalidade de abrigar o Fórum Fiocruz. Trata-se de uma construção de 1892, projetada pelo arquiteto italiano Antonio Jannuzzi, em linguagem eclética, localizada na cidade Imperial de Petrópolis, tombada em nível federal. Os projetos serão desenvolvidos em três etapas. O resultado final é a integração harmoniosa de um conjunto arquitetônico histórico restaurado com a implantação de uma moderna infra-estrutura de apoio em um sítio de privilegiada beleza natural.

Benedito Tadeu de Oliveira
Bettina Marion Collaro Goerlich
Marcia Lopes Moraes Franqueira
Renato da Gama-Rosa Costa
Sônia Aparecida Nogueira
Marcos José de Araújo Pinheiro



Vista geral do Pavilhão do Restaurante Central, em fase final de construção (1953)

Fachada do Palácio Itaboraí, sede do Fórum Fiocruz

Projeto Brasil 500 Anos de Arquitetura

Coordenação-Geral:
Roberto Montezuma

Múltiplo Objeto

O Projeto *Brasil – 500 Anos de Arquitetura* conta o desenvolvimento da arte de construir em nosso País, desde antes da chegada do homem branco até os dias de hoje, fazendo ainda prognósticos sobre as tendências para o próximo século. Nele veremos a arquitetura como um produto da sociedade, que evolui junto com ela, no tempo e no espaço, em perspectiva social e histórica, mas com autonomia artística. Ao olharmos para nossa arquitetura, olhamos para um aspecto de nossa sociedade que representa fielmente o todo. Vamos conhecê-la em sua multiplicidade e no quanto ela reflete nossa nação de homens únicos e plurais.

Múltipla Análise

O brasileiro ainda desconhece o Brasil e sua arquitetura, desconhece pelo menos parte dela e não imagina quantas leituras podem ser feitas do mesmo objeto. Mesmo aquele lugar onde ele vive, aqueles por onde passa, sobre os quais já ouviu falar a respeito, viu num cartão-postal ou estudou na escola – *todos locais arquitetônicos* – ainda são possíveis de serem reavaliados. Podemos ter certeza de que uma releitura do passado não pode ser descartada, ainda mais quando há a possibilidade de o passado ser projetado no futuro e nos revelar algo de novo ao ser relacionado com os fatos que ocorrem no presente.

O ano do V Centenário do Descobrimento do Brasil é uma oportunidade de análise profunda de nossas realidades, até mesmo para avaliar o significado e a validade do termo *descobrimento*. E a arquitetura, como expressão cultural de nosso país, não podia ficar fora dessas reflexões.

Esse trabalho vem suprir uma lacuna na historiografia, decorrente da ausência de um estudo sobre nossa arquitetura que aborde um período de tempo tão dilatado. O que se pretende, com a inclusão de pesquisadores acadêmicos nesse trabalho, é conferir rigor metodológico no trato da matéria em questão, aumentando a credibilidade dos produtos finais e tornando-os fonte de referência e citação para trabalhos posteriores. A quantidade de pesquisadores e as diferenças individuais entre eles visa a assegurar uma visão da arquitetura tão variada quanto a multiplicidade de seus aspectos.

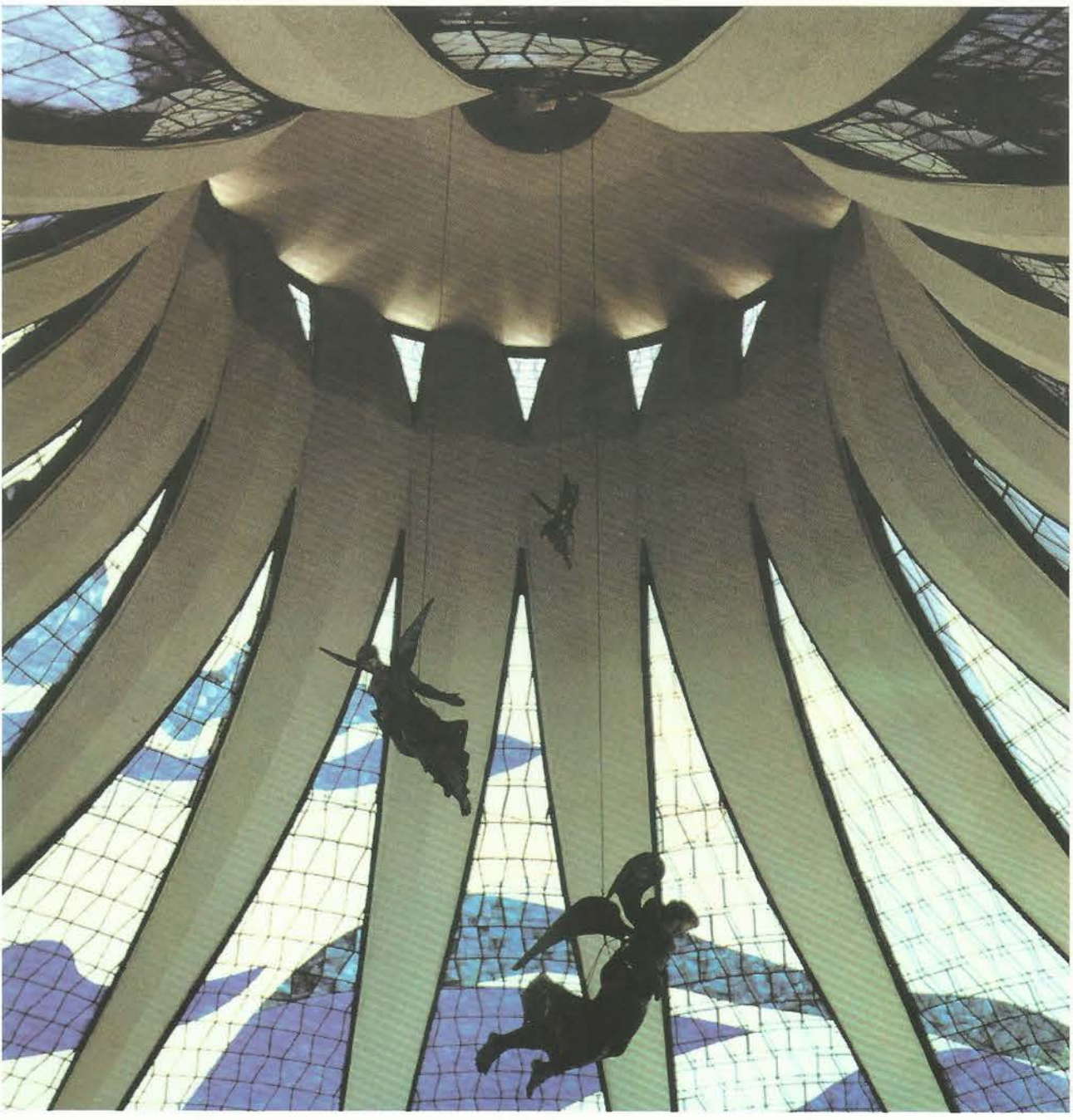
É pela própria multiplicidade de nossa arquitetura que se torna difícil estabelecer tendências ou categorias definidoras que imponham limites; mais difícil ainda é trabalhar sem poder estabelecê-las, quaisquer que sejam elas. Diante de tal problemática, identificamos as categorias que nos pareceram menos reducionistas, aquelas que mais preservam a criatividade, o valor artístico e a cultura de arquitetos e usuários, nas quais se podem encontrar, junto a uma corrente formal, uma extensão de tempo e uma tradição que já consagrou algumas delas, mesmo se *inexatas* ou *discutíveis*.

Naquelas categorias em que há maior unidade formal, a documentação é escassa e as mudanças são mais lentas, o período de tempo se alonga, como em Arquitetura Colonial. Naquelas em que a unidade formal desaparece quase por completo, a documentação é mais abundante e as mudanças são mais rápidas, o período de tempo se encurta, como nas décadas posteriores à de 60.

Arquitetura Indígena e *Arquitetura Popular* resgatam a produção arquitetônica das construções projetadas por arquitetos informais.

Brasília mereceu um tratamento particular pela magnitude dessa experiência que, a cada dia, ganha maior relevo.

Brasília



Catedral de Brasília

ESCRITÓRIO NIEMEYER

Desenhando o Futuro terá o caráter de uma visão prospectiva de nossa arquitetura. Menos utópica e mais factível.

Dessa forma, estabelecemos as seguintes categorias temático-cronológicas e as confiamos a esses pesquisadores:

- Arquitetura Indígena (Jorge Derenji – UFPA)
- Arquitetura Popular (Betânia Uchôa)
- Arquitetura Colonial – 1500 a 1930 (Geraldo Gomes – UFPE)
- Arquitetura Moderna -1930 a Brasília (Carlos Eduardo Comas – UFRS)
- Brasília (Maria Elisa Costa)
- Anos 60/70 (Mauro Neves Nogueira – UFRJ)
- Anos 80 (Marcelo Suzuki – USP)
- Anos 90 (Roberto Montezuma – UFPE)
- Desenhando o Futuro (Pedro Sales – USP)

Múltipla Apresentação

Esse Projeto não quer apenas contar uma história, ele quer também participar dela, criando todas as possíveis condições de visibilidade do Objeto, pois só assim as discussões poderão atingir o grau de participação popular que almejamos.

A Mostra *Brasil – 500 Anos de Arquitetura*, já está em andamento desde 1998, tornou-se pública desde que entrou em funcionamento nosso website *http://arq500.cesar.org.br* e prosseguirá até o ano de 2002, com as apresentações nacional e internacional da exposição.

Nesse Projeto apresentaremos, ao todo, seis produtos culturais: website, série audiovisual de documentário, livro, exposição, ciclo de palestras e CD-ROM. Todos esses produtos serão rigorosamente alimentados por materiais fornecidos pelos pesquisadores, permitindo uma vasta multiplicidade de apresentação do conhecimento adquirido sobre a arquitetura brasileira. É a vitória de um esforço digno e raro, num momento oportuno.

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo/SP

Abrahão Sanovicz

O arquiteto Abrahão Sanovicz sempre será lembrado como "O Mestre" por suas atitudes na busca da educação em seu sentido mais amplo: educar os alunos, educar os arquitetos, educar a sociedade, educar o cliente, educar os governantes.

Sua obra como arquiteto é pautada pelo rigor construtivo, pela contenção de custos, pela funcionalidade, pelo conforto do usuário e por uma beleza própria nunca cooptada por modismos.

É marcante sua insistente defesa da "qualidade do espaço construído" e dos programas de conteúdo social.

Sua dedicação ao Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e suas posições de equilíbrio e de veemência quando necessárias fizeram-no ser o grande Conselheiro nas decisões políticas do IAB.

Artista, deixa também uma obra consistente de gravuras e desenhos bem-humorados, em que extravasa sua crítica mordaz.

Sua contribuição como arquiteto para que a cidade fosse mais humana e bonita está viva nos inúmeros edifícios projetados e construídos por ele, e visitá-los é uma aula.

Abrahão Sanovicz foi um batalhador pela dignidade, ética e qualidade da profissão de arquiteto.

O roteiro da exposição em homenagem a Abrahão Sanovicz foi elaborado a partir de material organizado pelo próprio arquiteto para apresentação de livre-docência, em 1998, com a colaboração de Cláudia Calado, Paula Santoro, Alessandro Castroviejo, José Wolf e Lucinda Prestes.

Os projetos e textos que integram a mostra buscam apresentar uma abordagem conceitual de sua obra.

Curador:
Edson Elito

ABRAHÃO VELVU SANOVICZ (Santos, SP, 1933 – São Paulo, SP, 1999)
Arquiteto formado pela FAUUSP (1958).
Professor do Departamento de Projetos da FAUUSP desde 1962.
Doutorado em 1973.
Livre-docência em 1998.
Com Escritório de Projetos desde 1958, realizou projetos dos mais diversos programas.
Premiado em concursos e exposições de arquitetura nacionais e internacionais.

Casa do arquiteto, São Paulo/SP, 1976 – 1977

Terminal para Turismo de Massa, Bertioga/SP, 1985

Principais Projetos:

- Projeto do Centro Social do Setor Politécnico na Cidade Universitária "Armando Salles de Oliveira", São Paulo/SP. Trabalho em colaboração com os arquitetos Oswaldo Corrêa Gonçalves e Júlio Roberto Katinsky, 1962.
- Projeto da Linha de Móveis para Escritório, da Escriba – Indústria e Comércio de Móveis Ltda. São Paulo/ SP, 1962.
- Projeto de Edifício Residencial, rua Pará, Pacaembu, São Paulo/SP, para a Construtora Ambiente, 1963/68.
- Redesenho de Máquina de Escrever, para a Olivetti do Brasil S/A. Trabalho em colaboração com o designer Bramante Buffoni e o arquiteto Júlio Roberto Katinsky, 1966.
- Projeto do Conjunto Residencial com Casas-Padrão, rua Bolívia, Jardim Prudência, São Paulo – SP, para Formaespaço S/A Construções, 1969.
- Projeto da Diretoria Regional Agrícola de Sorocaba/SP, para Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1970.
- Projeto do Conjunto Residencial Nova Cidade em Jundiaí/SP, para Formaespaço S/A Construções, 1970/71.
- Projeto de Edifícios Residenciais, Modulados e Repetíveis, para Formaespaço S/A Construções, 1970/72.
  1ª Fase: rua Graúna
  2ª Fase: rua Vieira de Moraes, av. Divino Salvador, rua Tabapuã, av. Jurema, rua Thomaz Carvalhal, av. Lavandisca, av. Conselheiro Rodrigues Alves, av. Irerê, rua Caiubi, rua Campevas.
- Projeto de Edifício Residencial, rua das Fiandeiras, 479, São Paulo/SP, para Construtora Carraresi – Dell'Acqua Ltda., 1972.
- Projeto de Sub-Regionais Agrícolas implantadas em cinco regiões: Guaratinguetá, Botucatu, Catanduva, Andradina, Santa Fé do Sul/São Paulo, para Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1973/74.
- Projeto da Usina de Beneficiamento de Algodão em Aguaí/SP, para a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, 1973/78.
- Projeto do Parque Habitacional Cecap, Serra Negra/SP, para a Caixa Estadual de Casas para o Povo (Cecap), 1975.
- Projeto de Unidade Residencial, rua Alexandre Marcondes Machado, 33, Butantã, São Paulo/SP, de propriedade de Abrahão Sanovicz, 1976/77.
- Projeto de Áreas e Edifícios para Companhia Energética de São Paulo (Cesp) em Porto Primavera, Pontal do Paranapanema/SP, 1979.
  1 – Área de lazer esportivo – campo de futebol e equipamentos;
  2 – Clube de campo para funcionários – Associação Atlética Porto Primavera;
  3 – Clube de campo para funcionários – Rosana Esporte Clube;
  4 -Hotel para o centro da cidade nova de Porto Primavera, com equipamentos de lazer.

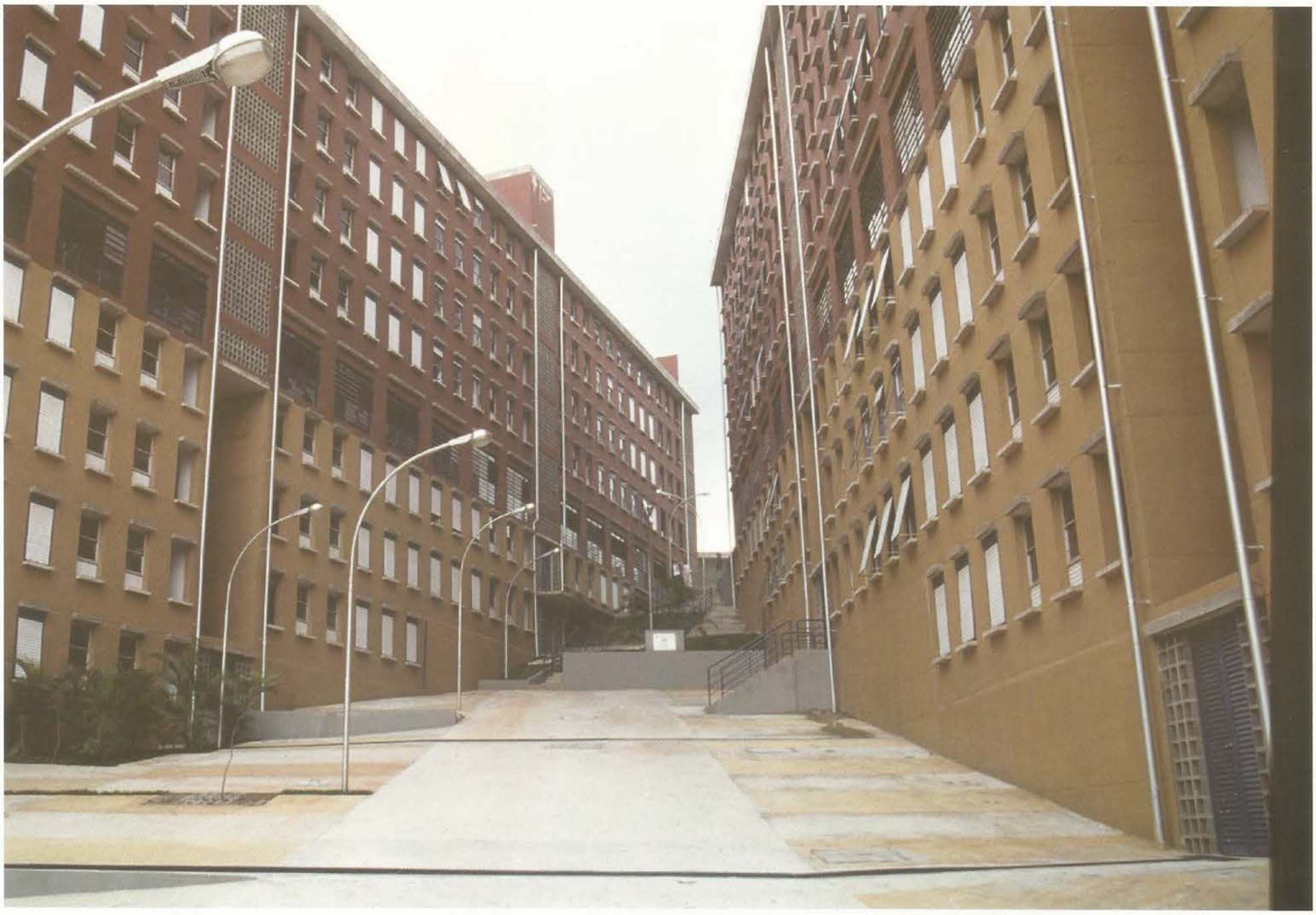
Parque Habitacional Cecap, Serra Negra/SP, 1975

Usina de Beneficiamento de Algodão em Aguaí/ SP, 1973 -1978

- Projeto do Terminal Rodoviário de Passageiros em Campos do Jordão/SP, para a Prefeitura Municipal de Campos do Jordão e Departamento de Estradas de Rodagem (DER), 1981. Co-autor: arquiteto Edson Jorge Elito.
- Anteprojeto de Restauro e Reciclagem do Centro Histórico de Ubatuba/SP, Projeto do Terminal para Turismo de Massa na Praia de Perequê-Açu e Projeto do Mercado de Peixes na Ilha dos Pescadores para o Fomento de Urbanização e Melhoria das Estâncias Fumest, 1984.
- Projeto de Edifício Escolar Técnico-Profissionalizante no bairro do Tatuapé, São Paulo/SP, para o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac)/Administração Regional no Estado de São Paulo, 1984 e 1985.
- Projeto de Edifício para o Fórum da cidade de Bragança Paulista/SP, para a Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Estado de São Paulo (CDH), 1985. Co-autores: arquitetos Affonso Risi Jr., Edson Jorge Elito, João Carlos Monteclaro Vasconcellos e Leo Tomchinsky.
- UBS-Unidade Básica de Saúde, em Vila Califórnia, São Paulo/SP, para a Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Estado de São Paulo (CDH), 1985.
- Reimplantação do Terminal para Turismo de Massa, localizado na Praia da Enseada, Jardim Raphael, Bertioga/SP, para Fumest-Fomento de Urbanização e Melhoria das Estâncias, 1985.
- Projeto do Edifício Sede na cidade do Recife/PE, para o Banco do Estado de São Paulo (Banespa), 1986.
- Projeto de Edifício Escolar Técnico-Profissionalizante em Jundiaí/ SP, para o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac)/Administração Regional no Estado de São Paulo, 1988. Co-autor: arquiteto Edson Jorge Elito.
- Projeto do Edifício do Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam) em Itapecerica da Serra/SP, para a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU), 1990.
- Projeto do Centro Social do Sesc – Araraquara/SP, para o Serviço Social do Comércio (Sesc), 1994. Co-autor: arquiteto Edson Jorge Elito.
- Projeto dos Conjuntos Habitacionais Pascoal Melantônio e Celso dos Santos, em São Paulo, para a Prefeitura Municipal de São Paulo, Secretaria da Habitação de Desenvolvimento Urbano – Programa de Saneamento Ambiental da Bacia do Guarapiranga, 1995. Co-autores: arquitetos Edson Jorge Elito, João Honorio de Mello Filho e Marcos Carrilho.
- Projetou mais de 50 unidades escolares da rede Estadual.

Centro Social do Sesc – Araraquara /SP, 1994

Conjunto Habitacional Celso dos Santos, São Paulo/SP, 1995



Affonso Eduardo Reidy

Curador:
Nabil Bonduki

A Ênfase no Espaço Público na Arquitetura Moderna Brasileira

Essa mostra apresentará a trajetória profissional e a obra completa (até agora conhecida) do arquiteto carioca Affonso Eduardo Reidy, sistematizada para a produção de livro integrante da Coleção Arquitetos Brasileiros do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, que acompanha a exposição.

Resultado de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa e Assessoria em Habitação e Urbanismo do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da USP, com o apoio da Fapesp e CNPq, sob coordenação de seu curador, esta exposição divide-se em dez partes:

1. A trajetória pessoal e profissional de A.E. Reidy
2. Formação: projetos desenvolvidos na Escola Nacional de Belas-Artes
3. Primeiros projetos para a Prefeitura do Distrito Federal
4. A experiência com a equipe de Lúcio Costa e Le Corbusier: os projetos do MEC e Cidade Universitária
5. Do MEC ao Pedregulho: uma linguagem em construção
6. Projetos e a atuação da área da habitação social
7. O Rio de Janeiro de A.E. Reidy: a experiência do Departamento de Urbanismo
8. Museu de Arte Moderna
9. Arquitetura e cidade nos projetos dos edifícios públicos
10. As casas de A.E. Reidy

Affonso Eduardo Reidy é um dos pioneiros da arquitetura moderna brasileira. Formado na Escola Nacional de Belas-Artes em 1930, fez parte – com Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e companheiros do projeto do MEC – da geração que teve papel decisivo na renovação da arquitetura brasileira. Ganhou, no entanto, destaque nessa geração por ter melhor trabalhado com a "enquadração urbanística da arquitetura" e por ter garantido, mais do que qualquer outro, uma feição social para arquitetura e urbanismo brasileiros.

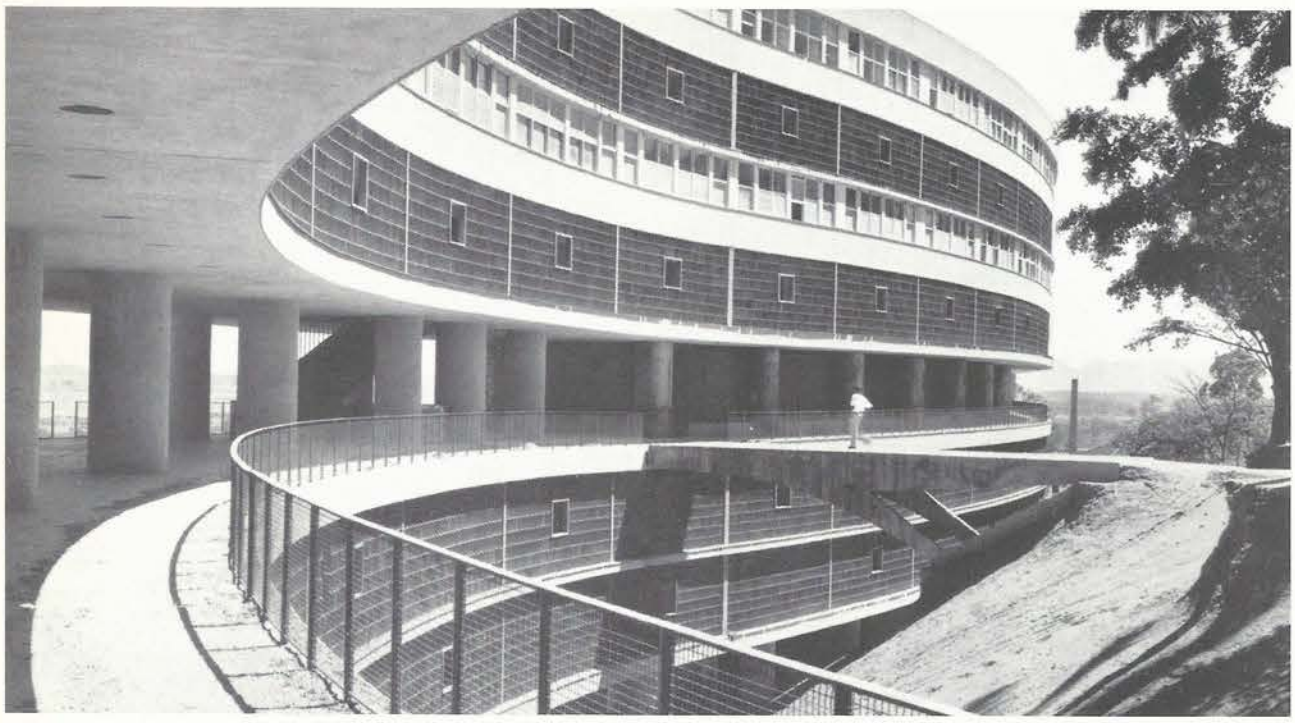
Em Reidy, a exigência fundamental do social e do urbanístico esteve sempre presente. A formação que teve, trabalhando com Agache no Plano Urbanístico do Rio de Janeiro e posteriormente como arquiteto municipal na Prefeitura do Distrito Federal, indicou essa trajetória. Ela, entretanto, foi trilhada por opção própria.

Funcionário público, Reidy, como afirmou Geraldo Ferraz, "não trabalhou para clientes particulares, não serviu à habitação individual, não foi solicitado pela iniciativa privada, trabalhou à margem da iniciativa suntuária e das injunções imobiliárias especulativas". Embora a própria exposição mostre que Reidy desenvolveu alguns projetos privados, temos nele um raro exemplo de arquiteto que se destacou trabalhando para o poder público, mas de maneira alguma burocratizado ou oficializado. Prova dessa postura foi sua revolta e demissão da diretoria de Urbanismo, quando um prefeito do Rio de Janeiro dos anos 50 pretendeu privatizar a área ganha ao mar no Aterro do Flamengo e nela construir edifícios para particulares. Reidy não se curvou ao poder, e o aterro se salvou como área pública.

Alguns anos depois, pôde implantar, na paisagem privilegiada da Baía da Guanabara, um dos mais generosos, agradáveis e bonitos espaços de uso coletivo do mundo. Nela se destaca, com grande transparência e horizontalidade, para não perturbar

Affonso Eduardo Reidy em frente ao MAM, Rio de Janeiro, 1962

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em Construção

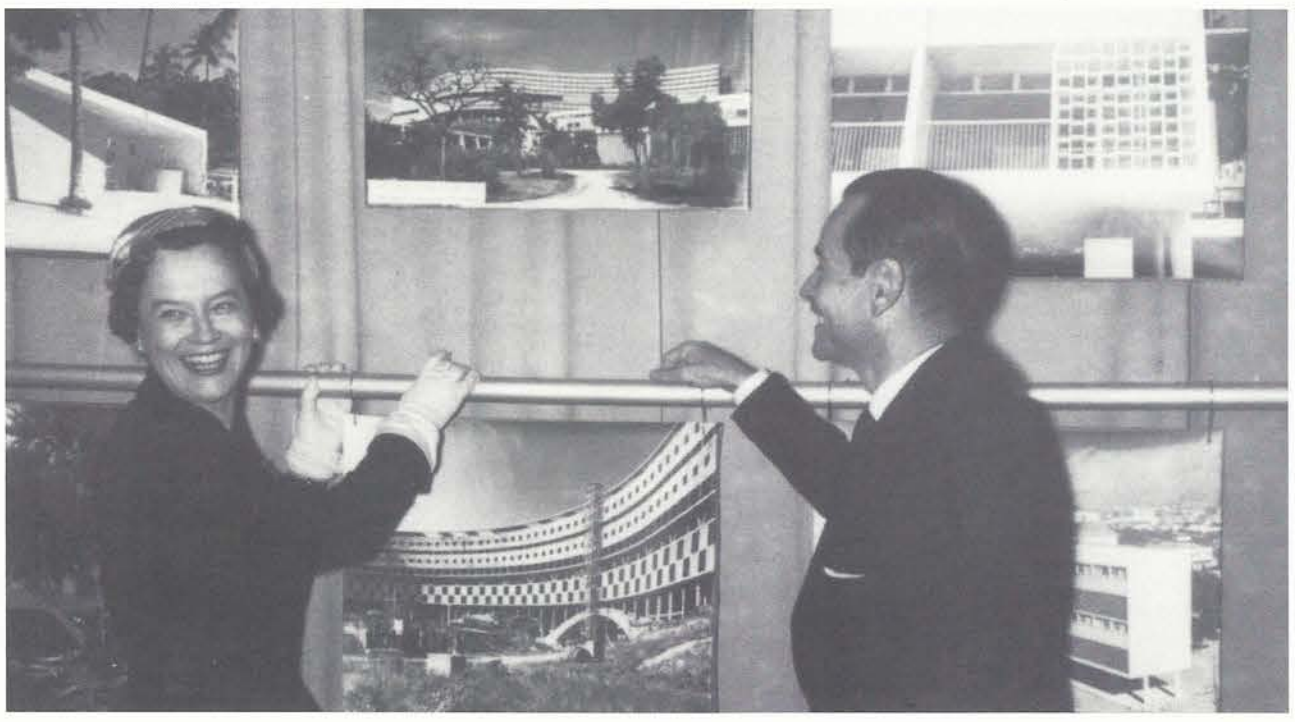


Conjunto Habitacional de Pedregulho, Rio de Janeiro

a paisagem, o Museu de Arte Moderna, que junto com o Conjunto Residencial de Pedregulho – principais obras apresentadas na exposição – podem ser consideradas suas realizações mais importantes, além da participação na equipe que projetou o Ministério de Educação, obra-chave de autoria coletiva que colocou a arquitetura brasileira no primeiro plano no cenário mundial, e, ainda, seu projeto de vanguarda de 1931, o Albergue da Boa Vontade, primeira obra moderna do Rio de Janeiro.

Como afirma a engenheira municipal Carmen Portinho – sua companheira por 30 anos e sua grande parceira na construção e viabilização dos projetos –, apesar de "fortemente influenciado por Le Corbusier, amigo com quem teve ocasião de conviver e com quem se familiarizou por leituras e trabalhos, por Gropius que o impressionou pela sobriedade formal e ausência do decorativo e, finalmente, pelo extraordinário Mies Van der Rohe, cujas audaciosas estruturas e pureza tanto admirava, Reidy preservou seu estilo próprio, resultado de sua personalidade fantasiosa, de seu culto pela forma e de sua preocupação com a função social da arquitetura e do urbanismo". A disposição de Reidy para enfrentar concursos de projetos é mais um traço de sua personalidade de homem público, que se coloca profissionalmente pelo mérito. Lamentavelmente, vários projetos vitoriosos nos concursos não se concretizaram.

Affonso Eduardo Reidy em Nova York, anos 50



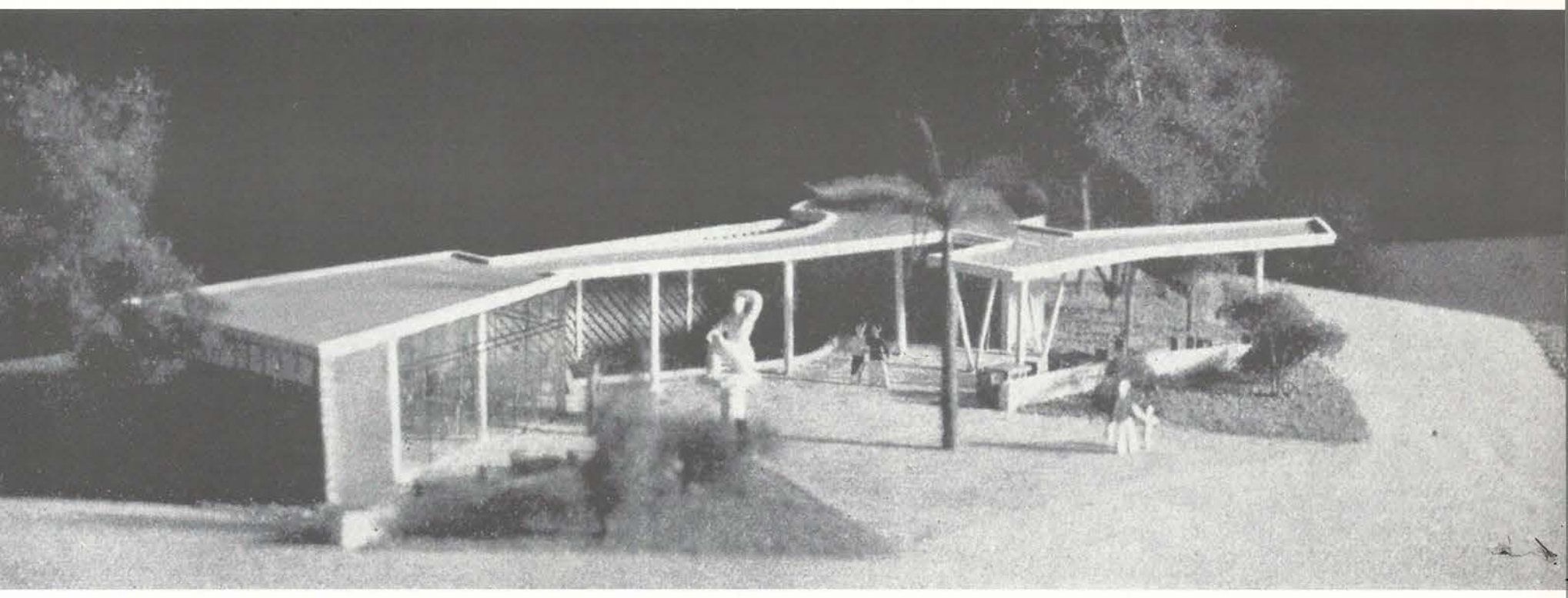


Foto de maquete

A atividade de Reidy, entre 1929 e 1964, corresponde ao período (entre a Revolução de 30 e o golpe militar de 64) em que a arquitetura brasileira pôde contribuir para o projeto de desenvolvimento nacional que buscava compatibilizar a industrialização e a modernização do país com a preocupação social e ampliação do acesso à educação e cultura. Sua obra, portanto, não pode ser vista isoladamente, mas como parte de um esforço coletivo para edificar o espaço de um novo país que se construía. É nesse contexto que se insere a preocupação que Reidy teve em dar feição social e pública à sua arquitetura.

Sua morte prematura aos 55 anos, no ano em que se instaurou a ditadura militar, certamente nos privou de grandes projetos que ainda poderia realizar; mas, por outro lado, livrou-o da frustração de ver sua concepção de arquitetura ser abandonada por um Estado autoritário, que se desinteressou pela questão pública e social.

Na conjuntura em que vivemos, onde o espaço público vem sendo destruído e desprezado, resgatar a memória e a obra de A.E. Reidy ganha grande relevância e atualidade. Essa é a intenção última de trazer esta exposição à 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.

Escadaria do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Alvar Aalto e o Tijolo Vermelho espaço, forma, superfície

Organização:
Instituto Alvar Aalto

O centenário do nascimento do arquiteto finlandês Hugo Alvar Henrik Aalto (1898-1976) foi comemorado em 1998 com várias exposições internacionais. Aalto é, sem dúvida, um dos grandes mestres modernos que, juntamente com Le Corbusier, Mies van der Rohe, Walter Gropius, Oscar Niemeyer, Frank Lloyd Wright, Gerrit Rietveld e Kenzo Tange – forjaram a identidade do século XX.

A 4ª Bienal Internacional de Arquitetura presta também homenagem à obra de Aalto por meio de uma mostra constituída por duas exposições, complementada pela exibição de alguns móveis projetados por Aalto.

Essa mostra foi organizada pelo Alvar Aalto Museum em Jyväskylä e pela Alvar Aalto Foundation em Helsinque, Finlândia, apresentando as diversas formas de como Aalto utilizava o tijolo para a criação de espaços, formas e superfícies. Como afirma o texto que acompanha a mostra, a arquitetura de Aalto sempre foi caracterizada pela busca da forma livre, do orgânico, da funcionalidade, do humanismo, da ligação íntima entre a natureza e a arquitetura e materiais genuínos. Essas características "cristalizaram-se no seu período de tijolo vermelho, entre fins da década de 40 até meados da década de 50. Nos edifícios dessa época também se percebe a profundidade histórica de sua arquitetura: motivos e temas da Antiguidade e do urbanismo medieval do Mediterrâneo".

Para o arquiteto, "um tijolo, quando devidamente empregado, 'valia seu peso em ouro'. Quando este não se adaptava aos seus propósitos, por exemplo nas superfícies curvas, Alvar Aalto concebia um novo tipo de tijolo".

"A exposição concentra-se especialmente nos edifícios da Câmara Municipal de Säynätsalo (1949-52) e da casa piloto de Muuratsalo (1952-54) dos quais se exibem material gráfico e maquetes. Estes edifícios estão situados em Jyväskylä, a cidade de Alvar Aalto. A casa piloto de Muuratsalo era a residência de verão da família Aalto. Outros importantes edifícios como a Fábrica de Sunila, a Escola Superior de Pedagogia de Jyväskylä (hoje Universidade de Jyväskylä), o Instituto Superior Técnico, o Instituto Nacional de Pensões e Previdência Social, e a Casa de Cultura são apresentados de uma forma mais sucinta através dos temas espaço, forma e superfície."

A mostra apresenta maquetes volumétricas, maquetes em corte, fotografias e desenhos. As fotos pertencem aos arquivos do Museu Alvar Aalto e da Fundação Aalto. Os desenhos e as plantas são dos arquivos da Fundação Aalto; além de fotografias do acervo da Suomen Tiiliteollisuusliitto ry (Associação Finlandesa da Indústria do Tijolo).

Edifícios exibidos na mostra:

Edifício Aira em Jyväskylä (1924-26)

Habitação coletiva de três pavimentos em tijolo para ferroviários, foi o primeiro prédio de apartamentos projetado por Aalto.

Fábrica de Celulose ao Sulfato de Sunila (1936-39/1945-47/1951-54)

Esse complexo industrial foi projetado por Aalto em 1936. As estruturas dos edifícios industriais são de concreto armado e as paredes, de tijolo, cujo uso integra a fábrica nas tradições da arquitetura industrial.

Residência para Estudantes, Instituto de Tecnologia do Massachusetts (MIT), Boston, Estados Unidos (1947-49)

Sua forma sinuosa permitiu quartos com características individuais, voltados para a paisagem ribeirinha. As fachadas são em tijolo irregularmente cozido, com exceção da ala do refeitório, onde foi utilizada pedra calcária.

M. HOMMA/ALVAR AALTO MUSEUM

Casa experimental, Muuratsalo, Finlândia, 1952-1954

Jyväskylä University, Jyväskylä, Finlândia, 1951-1971

M. HOMMA/ALVAR AALTO MUSEUM

Instituto Nacional de Pensões e Previdência Social, Helsinque (1948/1952-57)

Aalto conferiu escala humana a este edifício de grande porte por meio de volumes articulados e escalonados, revestidos de tijolo.

Instituto Superior Técnico de Helsinque, Otaniemi (1949-74)

O ponto focal desse grande projeto é o auditório em forma de cilindro, inspirado nos anfiteatros clássicos. No edifício central foi utilizado um tijolo especial vermelho-escuro.

Câmara Municipal de Säynätsalo (1949-52)

Os diversos edifícios em tijolo desse complexo (repartições, sala de sessões, biblioteca, apartamentos e lojas) estão ao redor de um pátio central ajardinado.

Escola Superior de Pedagogia de Jyväskylä (1951-71)

Aalto ganhou em 1951 o concurso fechado para o projeto de ampliação dessa escola, que foi construída em fases até os anos 70, de acordo com o projeto.

Casa de Cultura, Helsinque (1952-58)

Foi projetada para acolher um programa feito pelo Partido Socialista, com espaços polivalentes para realização de concertos e congressos. A sala de concertos, em concreto armado, configura-se como um anfiteatro irregular. Os exteriores foram revestidos de tijolos moldados para superfícies curvas e planas.

Casa Piloto de Muuratsalo (1952-54)

Residência de verão do arquiteto na ilha de Muuratsalo, caracteriza-se por um complexo de alas de habitação e um pátio distribuídos de forma lúdica e livre. Na sua construção, Aalto experimentou diversas proporções e formas. Nos muros do pátio central, testou formatos e resistência de vários tipos de material cerâmico, tijolo e argamassa.

Museu Alvar Aalto, Jyväskylä (1971-73)

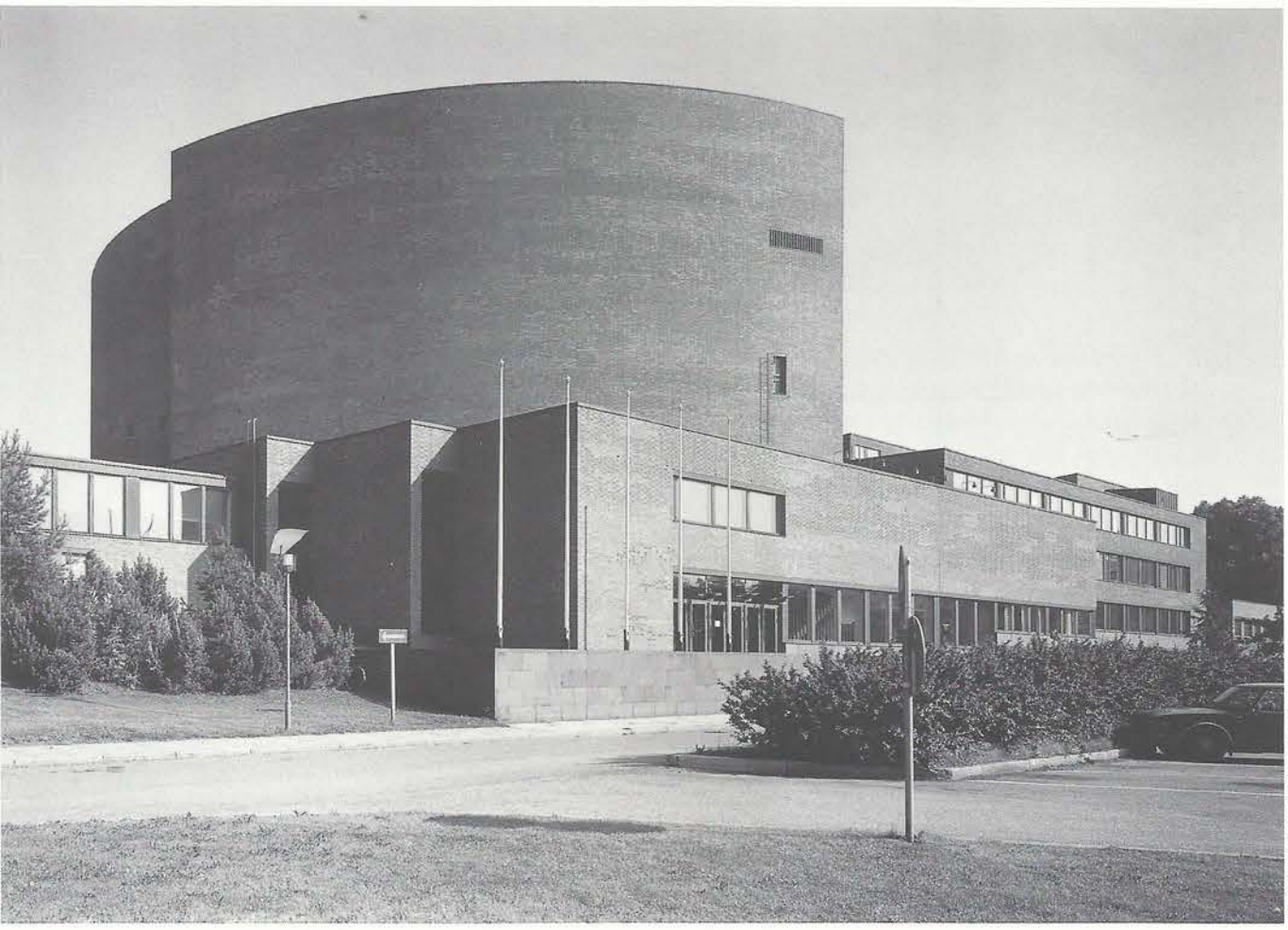
O Museu foi fundado em 1966 e o edifício, projetado por Aalto, construído em 1973. Sua missão é preservar e pesquisar a herança do arquiteto e desenvolver atividades vinculadas. Sua fachada é de tijolo claro e elementos cerâmicos.

Alvar Aalto – Uma Estrutura Mais Delicada para a Vida

Esta exposição de fotos de Maija Holma foi realizada em 1997, enquanto ela fotografava obras de Alvar Aalto para seu livro *A Gentler Structure for Life*. O propósito da mostra não é apresentar uma documentação geral da obra de Aalto, mas uma visão pessoal dos locais enquadrados por Maija Holma, "lugares onde a arquitetura interage de perto com a natureza circundante".

Para Maija Holma, o seu processo de fotografar arquitetura não difere de outros trabalhos: ela procura retratar sua própria disposição de ânimo na paisagem. Não sendo uma especialista, ela se considera muito mais uma fotógrafa de lugares e das relações criadas com eles.

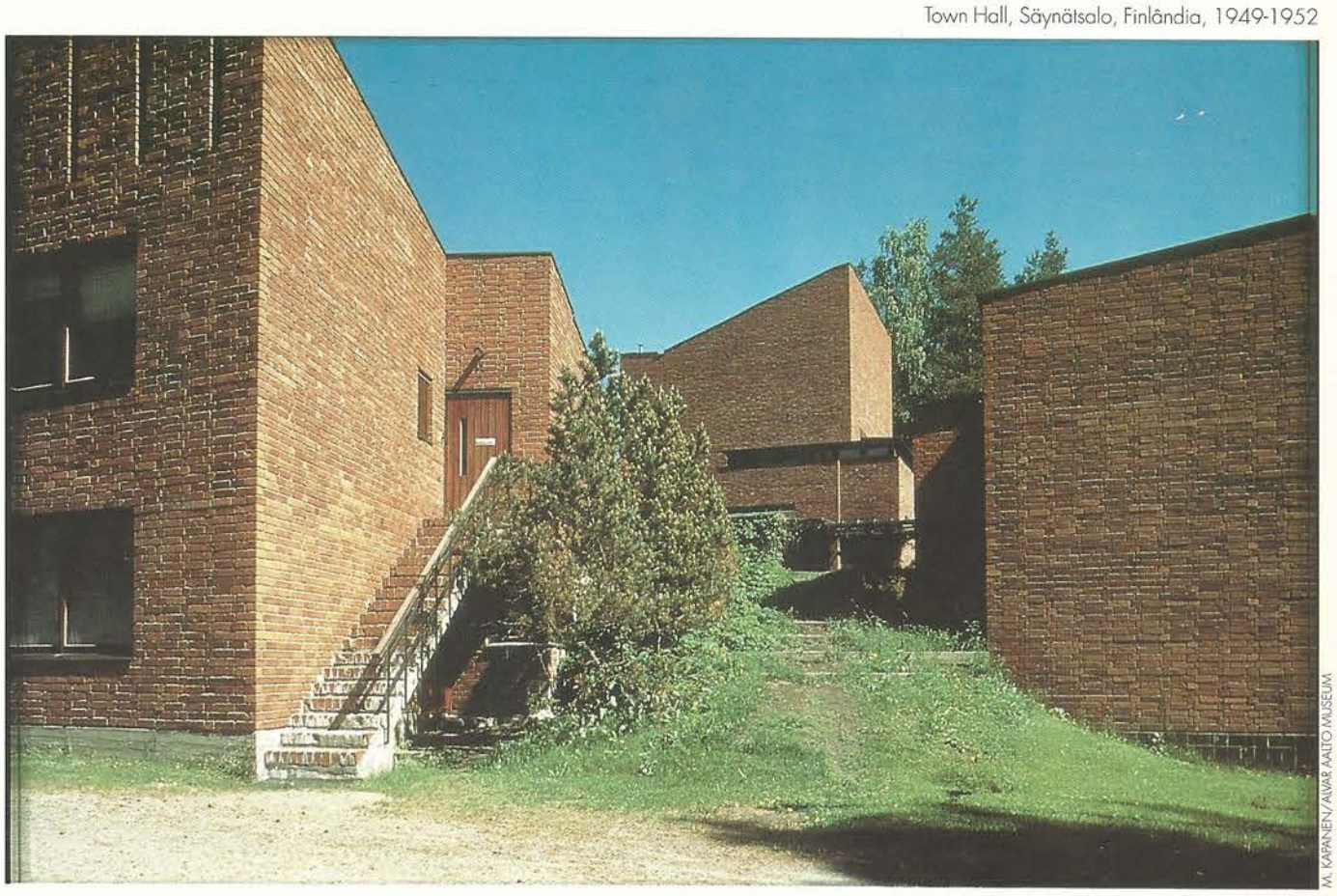
Em suas palavras, "os melhores lugares são raramente formados somente pela natureza pura, pois apesar da natureza em si ser insuperavelmente esplêndida e completa, como um lugar de abrigo para a mente, uma pessoa necessita de algo humano, algo falível, algo incompleto e fugaz – arquitetura. Da relação entre natureza onisciente e os trabalhos das mãos inadequadas do homem, uma paisagem é criada, onde uma pessoa que está presente pode sentir um sentimento de pertencer ao lugar".



M. KAPANEN / ALVAR AALTO MUSEUM

Town Hall, Säynätsalo, Finlândia, 1949-1952

Town Hall, Säynätsalo, Finlândia, 1949-1952



M. KAPANEN / ALVAR AALTO MUSEUM

Antonio Bonet Castellana

Organização:
COAC – Colégio de Arquitetos da Catalunha

A obra de Antonio Bonet Castellana tem sido até o momento insuficientemente divulgada, apesar de ele ser um dos mais importantes arquitetos catalães, com projeção internacional e muitas obras fora do país. Para preencher esse vazio, o COAC entendeu que a forma mais apropriada e oportuna seria mediante uma exposição e um catálogo que incluísse toda a sua obra e fosse ao mesmo tempo uma justa homenagem por parte dos arquitetos da Catalunha.

A arquitetura de Bonet Castellana foi influenciada pela experiência recebida durante sua passagem pelo estúdio de Le Corbusier, no final dos anos 30, um dos laboratórios de projetos onde se definiam as bases do Movimento Moderno. Essas primeiras influências foram amadurecendo posteriormente, sem se alienarem daquilo que ocorria com seus contemporâneos, ligando a arquitetura do Movimento Moderno às preexistências vernáculas, matizadas por meio de um amplo processo de investigação pessoal, levando-o a realizar obras com características próprias de inquestionável valor formal, que produzem um impacto inesquecível, de impressionante valor estético, que se caracterizam na força de suas linhas, na contundente definição de seus planos e formas, na beleza surpreendente de seus espaços interiores e exteriores e na relação direta entre eles.

Vale lembrar que seu grande profissionalismo juntamente com seus grandes valores humanos fizeram dele um trabalhador e perseguidor inesgotável da perfeição, com dedicação constante na análise, para que sua arquitetura respirasse a escala humana e estivesse a serviço da sociedade.

Em meados dos anos 80, estava no mesmo cargo que ocupo hoje na Junta de Governo do COAC, quando Antonio Bonet Castellana ainda estava vivo, e naquela época veio me visitar o jovem arquiteto Felipe Pich-Aguilera, falando com veemência contagiosa sobre Bonet Castellana e da necessidade de realizar esta exposição. Naquele tempo o COAC gerenciava as exposições de José Antonio Coderch, de Josep Maria Jujol, e a proposta ficou estacionada por falta de recursos. Quase dez anos depois, aquele projeto se torna realidade, e o conhecimento, a acreditada experiência e dedicação dos arquitetos encarregados por sua produção, Fernando Álvarez, Felipe Pich-Aguilera e Jordi Roig, garantiram que esta exposição atingisse seus objetivos de uma forma brilhante. Aproveito estas linhas para agradecer em nome do Collegi d'Arquitectes de Catalunya a participação de todos os que colaboraram nesta exposição.

Gerard Garcia Ventosa
Conselheiro de Cultura do COAC

Casa Oks, Martinez, Buenos Aires, Argentina, 1953-56

Canódromo (lugar para corridas de cachorros galgos) Meridiana, Calle Concepción Arenal, Barcelona, Espanha, 1962-63

Artificial e Natural

Organização:
Alberto Varas
Diego Wisnivesky

Baudizzone, Lestard e Varas

Os dois maiores projetos de intervenção urbana em Buenos Aires nas últimas décadas – renovação da área do Retiro e a nova Cidade Universitária –, presentes na 4ª BIA por meio de painéis e maquetes, são frutos de anos de pesquisa acadêmica de Alberto Varas, cujos resultados estão publicados em seu livro *Metropolis – Buenos Aires 2000*. Um dos mais destacados arquitetos argentinos contemporâneos, Varas tem-se destacado como urbanista que tenta conciliar os modernos equipamentos e sistemas infra-estruturais com valores humanos e ecológicos.

A Sala Especial com os projetos urbanísticos para a área do Retiro e para a Cidade Universitária, autoria do escritório Baudizzone, Lestard e Varas, contou com apoio da *Óculum*, revista de arquitetura e urbanismo da PUC-Campinas. A Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, em conjunto com a *Óculum*, são os responsáveis pela vinda de Alberto Varas ao Brasil.

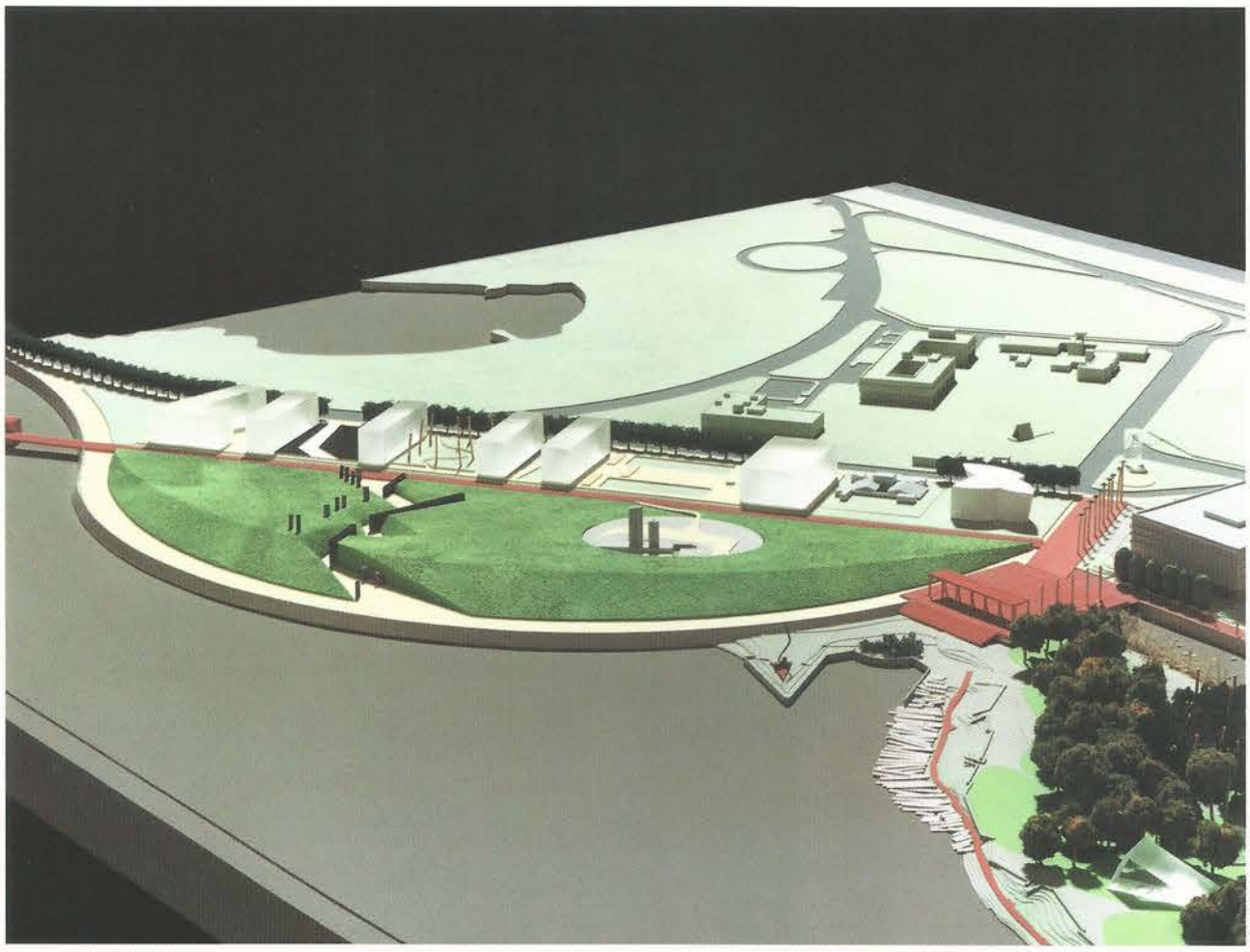
Retiro

O projeto, vencedor em concurso de 1996, propõe uma ocupação territorial baseada na renovação da infra-estrutura, cada vez mais fundamental dentro do sistema urbano. Contando com projetos novos – centro de múltiplo uso, torres comerciais, centro de transbordo, equipamentos diversos – e de preservação e valorização dos edifícios existentes, busca uma síntese feliz que aponte para a inovação comprometida com os valores históricos. A escolha dos espaços públicos e áreas verdes como elementos estruturadores do espaço é o aspecto mais destacado do projeto e seu maior mérito.

Cidade Universitária

O projeto foi vencedor em concurso realizado em 1998. A ocupação de terrenos vazios que rodeiam os pavilhões da cidade universitária, a reinserção de fragmentos monofuncionais – como é o caso do câmpus – e a reconstrução da paisagem urbana contemporânea da cidade são seus objetivos essenciais. Com a intervenção, busca-se encontrar um equilíbrio entre a paisagem natural e a cidade, a fim de se conquistar uma identidade para a área dentro de uma concepção que valorize os elementos naturais que valham a pena ser conservados e inclua programas sociais (recreativos, educativos, contemplativos etc.), constituindo um ponto de partida para a criação de uma nova urbanidade contemporânea.

Abílio Guerra, arquiteto, editor da *Óculum* e professor da FAU PUC-Campinas



GRACIELA SILVESTRI

Projeto da nova Cidade Universitária de Buenos Aires

Projeto de reurbanização do Bairro do Retiro

Charles Sampson Bosworth

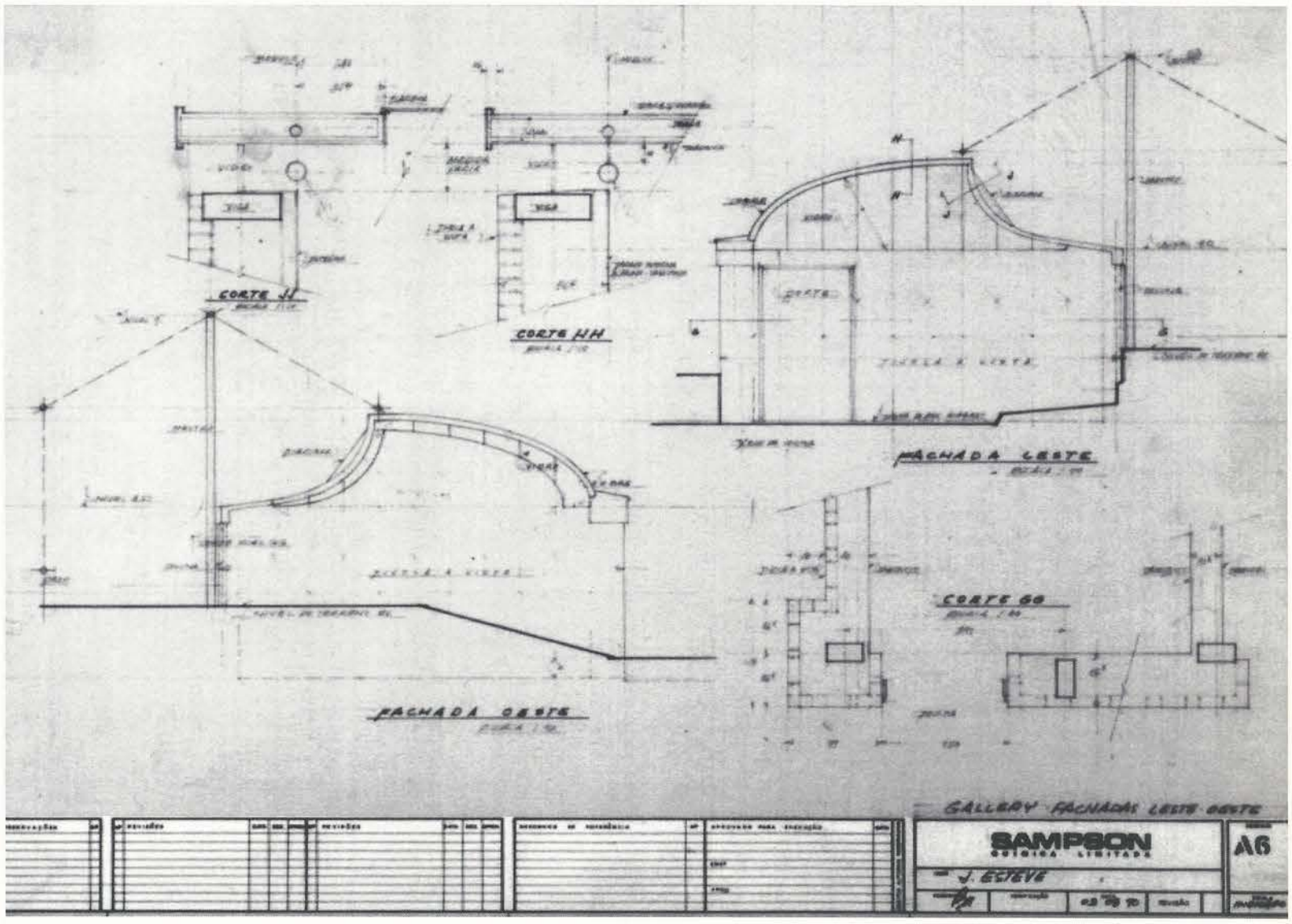
Curador:
Edward Leffingwell

Destacado designer e construtor, na vanguarda do desenvolvimento brasileiro durante as décadas subseqüentes à Segunda Guerra Mundial, o arquiteto americano Charles Sampson Bosworth chegou a São Paulo em 1947 para abrir um escritório e criar clientela para o lendário designer industrial Raymond Loewy. Em parceria com o rico paulistano Jorge Prado e a esposa deste, a americana e socialite Marjorie Gage, Loewy pretendia desenvolver um projeto imobiliário na praia de Pernambuco, na cidade de Guarujá. Bosworth, com a criatividade já posta à prova numa ampla gama de experiências profissionais, inclusive no design automotivo e aeronáutico, estabeleceu a Raymond Loewy Associates & Cia. Ltda. na rua Marconi, no centro comercial e cultural de São Paulo. Com a reputação de desenvolver um design moderno e elegante e sempre satisfazer aos clientes, Bosworth desenhou embalagens e escritórios para a Gessy Industrial e as Fábricas Peixe S.A., assim como para a General Motors do Brasil, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo S.A., a Pignatari S.A. (Rochedo), a Companhia Calçado Clark e a Cassio Muniz S.A.

Bosworth logo se firmou como destacado designer e empreiteiro independente, célebre por seus inovadores projetos empresariais e residenciais, a começar pelo prédio do National City Bank na avenida Ipiranga (São Paulo), pelas fábricas e showrooms da E.R. Squibb & Sons e da Lion S.A. e pelo assentamento dos alicerces do Hotel Sheraton (Rio de Janeiro), projetado por Henrique Mindlin. Entre seus primeiros trabalhos, também se incluíam o projeto do Clube Americano, no Rio de Janeiro, e residências na Gávea, confrontando a baía de Guanabara, e em São Paulo. Nos anos seguintes, Bosworth foi diretor da empreiteira Hedeager Bosworth (HB), com escritórios e projetos desde o Recife até Porto Alegre e Buenos Aires. Muitas vezes concorrendo e às vezes colaborando com os serviços de design e empreitada da Christiani-Nielsen, a firma de Bosworth e seus sucessores executaram mais de cem contratos, inclusive trabalhos para a Ericsson, a Pfizer Corporation, a Merck, a Sharp & Dohme, a Willys Overland do Brasil, a Ford, a General Motors, a General Electric, a White Martins, a Union Carbide, a Dominium Café Solúvel, a Nestlé, a Solteca Usina Termoelétrica, a Avon e a Xerox, entre outros clientes.

Charles Bosworth

Bosworth projetou esse pavilhão de exposições na Chácara Flora, em São Paulo (1991), para harmonizar-se com a casa do colecionador Kim Esteve, uma residência com jeito de parque florestal. As proporções, baseadas na regra áurea, e os materiais simples, com telhado de folhas de cobre e fachada de tijolos à vista, destinam-se a concentrar a atenção nas mostras de artes, e não na estrutura do local.



O principal centro de distribuição da Ericsson Telefone em São Paulo foi concluído em 1967. Por causa das periódicas enchentes do Tietê, ali perto, Bosworth projetou o térreo como área de recebimento, instalando em andares superiores a manufatura leve e os escritórios administrativos. O projeto para a Ericsson se distingue pela fachada de concreto pré-moldado, a primeira dessas dimensões na América Latina.

Ele abriu e construiu a estação de veraneio da Península e o Clube Samambaya em Guarujá, inclusive a infra-estrutura de vias de acesso e serviços públicos. O elogiadíssimo Edifício Eluma, na Avenida Paulista, centro financeiro do Brasil, foi concluído em 1977 e até hoje é considerado um marco na construção de prédios para múltiplos clientes e aplicações. Bosworth, figura importante no cenário social e cultural de sua época, projetou e construiu no decorrer dos anos mais de 20 residências em São Paulo e no Rio de Janeiro, inclusive um projeto futurista (não-realizado) para o industrial Francis Pignatari e uma série de 11 residências construídas em parceria com o Grupo Eluma, de Luiz Eduardo Campello.

Os 23 mil metros quadrados desse centro de pesquisas da Ford (antes Willys Overland do Brasil) na Via Anchieta, em São Paulo, foram construídos sobre as ruínas de concreto de uma antiga empresa de colchões e estofados. A fachada de concreto pré-moldado foi instalada por uma grua da Mecânica Sampson, subsidiária da HB. Um centro de projetos que fica à parte, o elemento mais radical do projeto, apóia-se em quatro esferas de aço que repousam sobre colunas de concreto reforçado.

Trabalhando para a fábrica AXL, de Detroit, no começo dos anos 40, Bosworth projetou um trator com reboque elevatório que se encostaria aos aviões aterrados e ergueria a carga ao nível da cabine de passageiros, facilitando o trabalho de embarque e desembarque. Ele propôs que um dos dois grupos motopropulsores (que tinham dois lugares e cobertura da cabine em bolha) servisse a múltiplos reboques, puxando um enquanto os outros eram descarregados. O sistema hidráulico acabou sendo adaptado para ajudar a transportar o presidente Roosevelt e sua cadeira de rodas.

Nos últimos anos de vida, Bosworth voltou sua atenção para a escultura e a pintura, e para encomendas particulares, entre elas o admiradíssimo pavilhão de exposições de Kim Esteve na Chácara Flora, em São Paulo, e vários projetos residenciais. Ele e sua família construíram o balneário da ilha de Itanhangá, perto de Angra dos Reis, que ainda é administrado pelos Bosworth. Charles Bosworth foi figura relevante durante cinco décadas de enorme e freqüentemente radical crescimento e mudança num dos maiores e mais dinâmicos centros urbanos do mundo, São Paulo, onde ele morreu em maio de 1999, em casa, com a família.

Edward Leffingwell

Charles Bosworth (à esquerda) discute com seu cliente Francis Pignatari e a socialite Nelita Alves Lima os complexos planos para a futurística Chácara Tangará. Esse projeto irrealizado (1952) destinava-se a criar uma residência tão hospitaleira quanto íntima e levava aos limites da tecnologia a tradicional idéia do refúgio campestre. Deveria ter sido construído no Morumbi, perto de um parque florestal pertencente a Pignatari e projetado por Roberto Burle Marx.

Clorindo Testa, o Artistarquiteto

Organização:
Clorindo Testa
Diego Wisnivesky

Em Clorindo Testa, o artista e o arquiteto são inseparáveis, mesmo que ele procure diferenciar suas obras plásticas de seus edifícios.

É que tal diferença se reduz à mera especificidade de cada uma das duas disciplinas; e disciplinas devemos chamá-las, no caso de Testa, recordando o significado latino de "ensino" que essa palavra contém.

Porque, definitivamente, tanto a arte como a arquitetura são para Testa duas vias convergentes de entendimento e conhecimento, de expressão e comunicação. Estamos na presença de um humanista, no mais amplo e nobre sentido do termo que sempre define os grandes criadores.

E essa é a chave: criar. Criar espaços estéticos sobre o terreno, onde a arte possa viver no homem e o homem possa viver na arquitetura. Não há aqui um jogo de palavras, mas um jogo das concepções e das convicções de Testa, que repousam sobre um fundo estético, como é (ou deveria ser) natural em todo criador.

Assim, seus espaços estéticos são, em última instância, espaços éticos, sejam pictóricos, objetuais, sejam construídos. No entanto, o fundo ético e as formas estéticas encontram-se animados por um espírito de liberdade e ousadia, de crítica e paixão, emanações que lhe permitem gerar o deleite e a impugnação, o patético e a ironia, a certeza e a utopia, a aventura e a ordem.

Arte e arquitetura, arquitetura e arte, aliam-se e confundem-se, buscam-se e retroalimentam-se. O artista mostra ao arquiteto os litígios e as necessidades do homem contemporâneo. O arquiteto assume a descarnada, lúcida visão que o artista traz da realidade social e da história, ao mesmo tempo que incita o artista a procurar no passado e no presente para descobrir causas e efeitos. E assim ocorre, de maneira sucessiva e circular, em uma (pré)disposição autobiográfica que se sente ao longo de sua obra, tão sua e tão autônoma.

Certamente a interdependência do artista e do arquiteto, e vice-versa, não é para ser tomada no sentido absoluto: nem o artista se submete ao arquiteto, nem o arquiteto se subordina ao artista. Há entre ambos – se acaso nos é permitido dissociá-los – uma ativa e sólida "correspondência mútua".

É sabido que a arquitetura, por muitas razões, sinaliza os limites de que o fazer artístico necessita. Por outro lado, graças à arte, a arquitetura de Testa pode driblar certos limites e superá-los; porém, também é difícil conceber a arte de Testa sem arquitetura, e não somente pela utilização de códigos e modalidades da linguagem arquitetônica em muitas de suas pinturas e desenhos.

Em *Borges e Eu* (1960), o admirável escritor dividiu-se em duas personalidades. *"Yo he de quedar en Borges, no en mi (si es que alguien soy), pero me reconozco menos en sus libros que en muchos otros, o que en el laborioso rasgueo de una guitarra."* E ainda: *"Asi mi vida es una fuga y todo lo pierdo y todo es del olvido, o del otro. No se cual de los dos escribe esta pagina"*.

Testa sabe muito bem quem escreve suas páginas: o artistarquiteto, único e plural, dono de si e dedicado aos demais.

Jorge Glusberg

Biblioteca Nacional, Buenos Aires, 1962. Arquitetos Associados: F. Bullrich e A . Cazzaniga.

Galeria de Arte Altera, Pinamar, Buenos Aires, 1998. Colaborador: Juan Fontana

Croce, Aflalo e Gasperini

Curadoria:
Aflalo & Gasperini e Marcelo Aflalo

Contemplar a obra produzida e executada por esses arquitetos significa passar em revista 50 anos de arquitetura da cidade de São Paulo.

A inserção de seus projetos no contexto urbano de São Paulo é o testemunho da evolução da cidade, de seu crescimento e de suas mudanças. Esse acervo assume, por isso, uma forte conotação histórica.

Gian Carlo Gasperini, nascido na Itália, iniciou os estudos na Universidade de Roma e formou-se no Rio de Janeiro em 1949, assistindo, pois, à afirmação precursora do modernismo carioca. Veio a São Paulo no começo dos anos 50, quando esta se tornava "a cidade que mais cresce no mundo", para trabalhar com Jacques Pilon. Com ele, Gian Carlo Gasperini executou, entre outros, o Edifício Paulicéia na avenida Paulista, precursor do desenvolvimento da avenida, e colaborou para a realização do Edifício Barão de Iguape (Banco Moreira Salles), na Praça do Patriarca, importante marco na remodelação do centro da cidade. Em 1960 projetou, com o arquiteto Salvador Cândia, o Conjunto Metropolitano na Praça D. José Gaspar, ainda hoje um dos pontos mais vivos do centro da cidade.

Plinio Croce (1921-1984) formou-se pela Escola de Engenharia Mackenzie, onde dominava a visão de Cristiano Stockler das Neves, um dos mestres do ecletismo acadêmico, estilo dominante na primeira grande urbanização de São Paulo. Plinio pertenceu, pois, à geração que assistiu à afirmação e ao florescer do modernismo arquitetônico brasileiro, do qual seria um dos representantes. Logo no início de sua carreira, associou-se a um colega mais jovem do Mackenzie, Roberto Claudio dos Santos Aflalo (1926-1992). Em 1950, em conjunto com Salvador Cândia e Jacob M. Ruchti, desenvolveram um projeto que seria vencedor do concurso para a Estação de Passageiros de Belo Horizonte. Dois anos depois, associaram-se a Miguel Forte, Jacob Ruchti, Carlos Millan e Chen Y Hwa para abrir a Branco e Preto, loja de móveis de design racionalista e apurado acabamento artesanal, algo inédito no Brasil daqueles anos. Em 1961, Croce, Aflalo e Cândia receberam o prêmio internacional da categoria Habitação na IV Bienal de São Paulo, pelo projeto do Edifício Residencial João Ramalho, em Perdizes, SP. O júri era formado por Marcel Breur, Kenzo Tange, Phillip Johnson.

Em 1962, Croce e Aflalo associaram-se a Gian Carlo Gasperini (Itália-1926) para participar do concurso do Projeto Peugeot, em Buenos Aires, formando uma equipe destinada a marcar para sempre sua presença no modernismo paulista.

Passando pela forte influência do racionalismo europeu na década de 60, em sua vertente miesiana, caracterizado pelo purismo volumétrico, simetrias espaciais, modulação, rigor no detalhamento, estruturas aparentes e flexibilidade das plantas, os projetos desse período demonstram uma grande preocupação com a atualidade dos conceitos em debate no mundo da época.

Na década de 70 há um progressivo afastamento do dogmatismo miesiano, sobretudo quanto à solução geométrica, embora fosse mantido o rigor projetual na enfatização dos aspectos construtivos.

A estrutura como elemento expressivo e definidor da arquitetura permeia toda a obra e ganha vigor ao longo desses anos, presente ainda hoje pelas inovações baseadas em pesquisas, que fogem ao arranjo banal da estrutura. Divergindo do purismo radical da escola paulista, os projetos dessa década buscam evidenciar a "verdade estrutural" com soluções específicas para cada situação.

ARNALDO PAPPALARDO

Sede do Tribunal de Contas, São Paulo

Edifício Bandeirantes, São Paulo

ARNALDO PAPPALARDO

ARNALDO PAPPALARDO

Banco Sudameris, São Paulo

A partir dos anos 80, com a introdução das grelhas estruturais à vista, surgem novas linguagens no tratamento das volumetrias, agora mais abertas, possibilitando uma nova maneira de colocar o objeto arquitetônico no meio urbano e atribuindo maior importância ao intercâmbio entre o edifício e a cidade, ao relacionamento do projeto com o entorno. Enfatiza-se, dessa forma, o conceito de "espaço público" como tecido conector da estrutura urbana. Valoriza-se também o coroamento dos prédios como elemento que enriquece e dialoga com o "skyline" urbano, numa clara intenção de se criar uma relação visual urbana que dá maior sentido à caracterização da cidade.

Sede IBM do Brasil, São Paulo

ARNALDO PAPPALARDO

ARNALDO PAPPALARDO

Auditório, Campos do Jordão

A consolidação desses princípios permanece e se desenvolve na década de 90 (agregando agora a segunda geração de titulares com Roberto Aflalo Filho e Luiz Felipe Aflalo Herman), justapondo ao crescimento caótico e antropofágico de São Paulo alguns marcos que evidenciam o rigor profissional dos projetos e o profundo respeito pela cidade nas soluções adotadas.

Ao investirem em pesquisas tecnológicas capazes de aproximar mais o processo de projetação dos sistemas construtivos e acreditarem numa "arquitetura da cidade" que seja uma autêntica afirmação dos princípios inovadores que emanam de nossa cultura, os novos projetos consolidam a velha tradição de 50 anos de atividade profissional.

Credicard Hall, São Paulo

GAL OPPIDO

Arquiteto Fábio Penteado

Curadoria:
Mônica Junqueira de Camargo

Paulista, arquiteto, jornalista e professor, atuando desde 1953, Fábio Penteado desenvolve significativos trabalhos no panorama da arquitetura brasileira. Seu maior talento está em conceber uma arquitetura que interage com a natureza, a cidade e o cotidiano das pessoas. Consegue ser questionador, provocativo e irreverente sem, contudo, perder a poesia das coisas simples da vida; não se prende às formas, aos materiais ou às técnicas e preserva-se o direito à liberdade de especular, sempre.

A busca da maior rentabilidade social dos edifícios tem sido seu grande desafio. Fábio Penteado desenvolve os programas de maneira que atendam não apenas às suas necessidades explícitas, mas também proporcionem outras atividades, quantas forem possíveis, visando atender a um público mais amplo, durante mais tempo. Sua arquitetura estabelece uma relação muito dinâmica entre usuário e espectador: abre-se para o público ao mesmo tempo que resgata em seu interior a condição urbana.

O espaço público, um tema caro no debate arquitetônico moderno, assume uma condição muito especial e determinante nas obras de Fábio Penteado. Trata-se de um lugar de encontro, onde se verifica um grande entrelaçamento entre paisagem, usuário e construção. Os teatros que projetou, por exemplo, são propostas que vão muito além das especificações do programa. Inicialmente prevêem um intenso uso por quase 24 horas, em que as salas de espetáculos, determinadas pelo maior rigor técnico, se intercalam com áreas de exposições, bibliotecas e praças, provocando uma nova dinâmica social. O mercado e asilo desenvolvem-se ao redor de uma praça, enquanto o fórum se configura como a própria praça.

Observador atento da dinâmica da vida, sua arquitetura se identifica com um vasto espaço social. Suas propostas, independentemente da escala ou da especificidade técnica de seus programas, acabam por se constituir em dinâmicos centros de convivência, uma deferência à vida como a arte do encontro. Locais de trabalho, áreas de passagem, espaços de estar e contemplação se mesclam, se confundem e se sobrepõem, transformando-se num amplo lugar de encontro onde as pessoas passeiam, descansam, contemplam, observam e se abrigam. Essa tem sido sua constante preocupação: a preservação da dignidade humana na árdua rotina do cotidiano. O hospital, o asilo, o fórum, o mercado, o teatro, o clube, o escritório, a residência, programas de complexidades diversas são desenvolvidos pelo arquiteto sempre a partir da ótica do usuário, das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia e de como superá-las, de uma maneira mais poética.

Seu espírito criativo não estabelece limites: a partir de poucos elementos e de formas simples, Penteado atinge resultados de grande impacto. Seus desenhos, de traços muito fortes e precisos, impõem-se com tal determinação que parecem adquirir vida própria: diluem-se na natureza, caminham conforme o Sol, passeiam pelos arredores, delineando formas imprevisíveis, transgredindo as barreiras, conquistando e integrando a paisagem. Suas obras se sobrepõem à paisagem, ao mesmo tempo que a transformam e são por ela transformadas.

Penteado tira proveito dos elementos construtivos e daí cria efeitos surpreendentes. A grelha de concreto, por exemplo, é explorada de modo criativo, de acordo com a especificidade do projeto: ora com uma presença minimizada pela transparência dos domos, que permite a iluminação natural, estabelecendo uma relação mais direta com a oscilação da luz solar; ora com uma presença incisiva, quando agregada a domos coloridos, assumindo as

AVANI STEIN

Sociedade Harmonia de Tênis, São Paulo, 1964

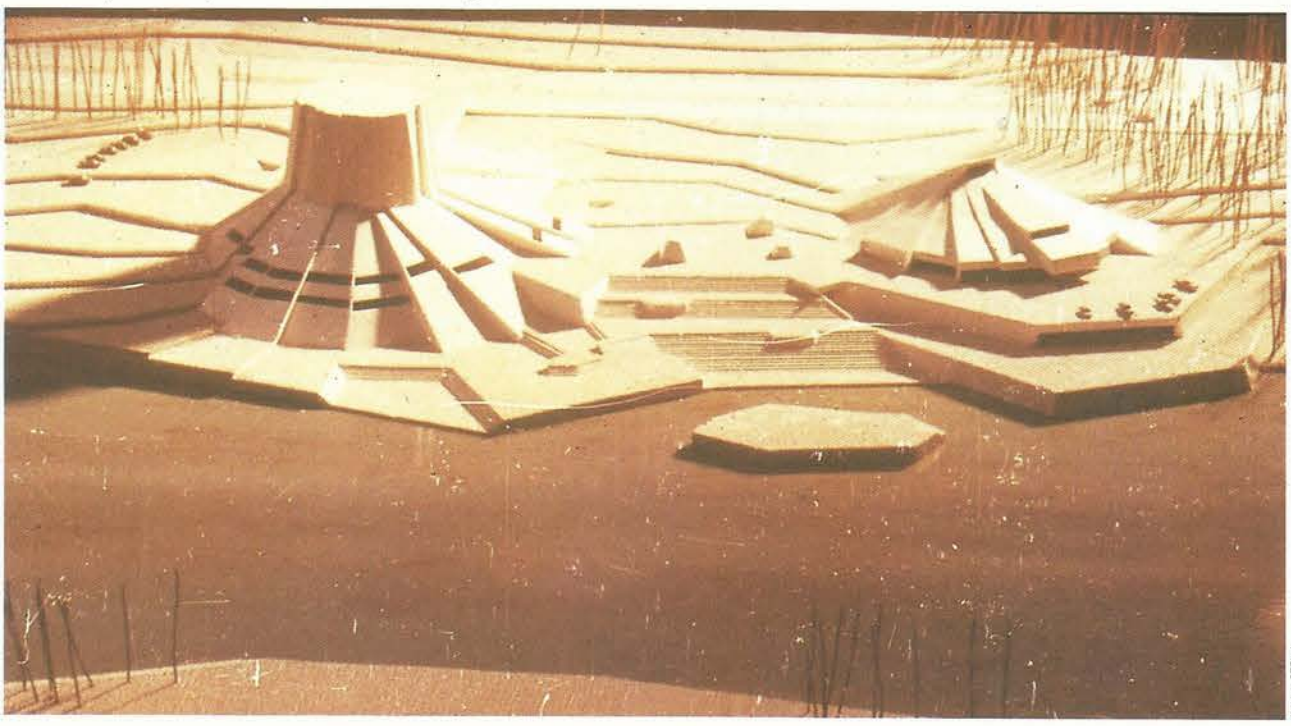
características de um gigantesco vitral, que reflete um jogo cromático sobre o solo que caminha no ritmo da rotação da Terra, conquistando as áreas circunvizinhas.

Pelos projetos que realizou para conjuntos habitacionais, Penteado buscou implantar uma frente de desenvolvimento industrial para arquitetura em que os arquitetos coordenariam um sistema de produção voltado à habitação em larga escala: usinas de pré-fabricados, indústrias de componentes construtivos, de mobiliário, de eletrodomésticos e de todo tipo de equipamento relacionado à moradia. E como jornalista – editor de arquitetura e urbanismo da Revista *Visão* – divulgou a profissão no meio empresarial.

Entusiasta dos concursos arquitetônicos, ele pôde constituir muitas parcerias, com as quais troca idéias, que são incorporadas a seu repertório. Imbuído de um otimismo característico dos espíritos revolucionários, consegue manter em seus mais recentes projetos o mesmo vigor daqueles de sua juventude, o mesmo sonho de transformar o dia-a-dia das pessoas. Alguns de seus projetos não foram realizados, provavelmente por estarem à frente de seu tempo, situados no espaço estreito que separa a utopia de ontem da realidade de amanhã, mas cumpriram o importante papel de suscitar a reflexão, tão necessária ao avanço da arquitetura.

Mônica Junqueira de Camargo

Teatro de Ópera, Campinas, 1966 (Concurso: 2° lugar)



AVANI STEIN

45 anos da obra de Fernando M. Chacel

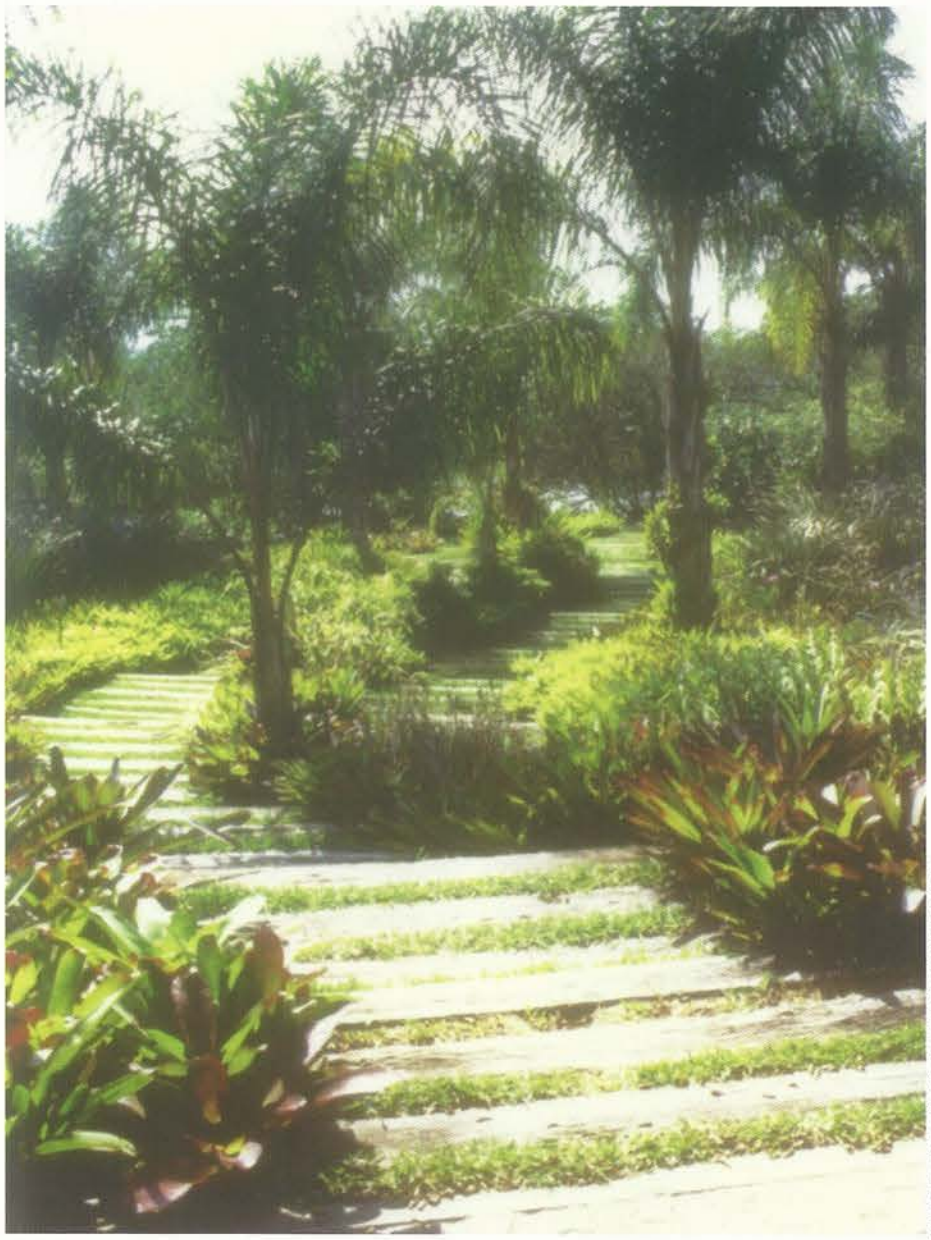
Fernando Magalhães Chacel, em mais de 45 anos de atividades profissionais, consolidou-se como um dos mais importantes profissionais do paisagismo brasileiro e internacional da geração posterior a Roberto Burle Marx, com quem trabalhou no início da carreira nos anos 50.

A trajetória de Chacel é permeada por sua dedicação ao manejo do espaço público – como as áreas verdes do antigo Estado da Guanabara, ainda na década de 60, a ação pioneira em intervenções de notável porte e responsabilidade ambiental nos anos 70 – como nas usinas hidrelétricas de Paraitinga e Furnas e posteriormente Itaipu e o tratamento paisagístico-ambiental da pequena à grande escala – como a Praça Antero de Quental (Rio Cidade Leblon), Parque Professor Mello Barreto, módulo inicial do Parque Municipal Ecológico do Marapendi, Parque Gleba E na Barra da Tijuca, inúmeras urbanizações, projetos para setores urbanos, entornos de edificações institucionais, comerciais e residenciais. Paralelamente, Chacel desenvolveu atividades em cursos de paisagismo para o Instituto de Arquitetos do Brasil em vários Estados do país e como professor titular da Universidade de Montreal, conferencista internacional e consultor em assuntos ambientais e paisagísticos.

Realização e Organização:
ABAP – Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas

PAULA PAPE, CELSO BRANDO, RAUL CANTO E MELLO, F. CHACEL

Parque da Gleba "E"
Projeto: 1986
Execução:1990
Área: 300.000 m²
Proprietário: Barra da Tijuca Imobiliária S.A.
Execução: Carvalho Hosken Engenharia e Construções S.A.
Arquitetos Paisagistas: Fernando Magalhães Chacel e Sidney Schwindt Linhares
Consultor Botânico: Luiz Emygdio de Mello Filho
Colaboradores: Elaine Salles Biella e Helena M. B. Pereira De Mello, Paula Pape, Celso Brando, Raul Canto e Mello, F. Chacel



PAULA PAPE, CELSO BRANDO, RAUL CANTO E MELLO, F. CHACEL

PAULA PAPE, CELSO BRANDO, RAUL CANTO E MELLO, F. CHACEL

Parque Mello Barreto
Projeto e Execução: 1995
Proprietário: Prefeitura do Rio de Janeiro
Execução: Carvalho Hosken Engenharia e Construções S.A.
Patrocínio: Acibarra
Arquitetos e Paisagistas: Fernando Magalhães Chacel e Sidney Schwindt Linhares
Colaboradores: Elaine Salles Biella e Patricia Zurano Bizelli
Custódio Coimbra

CUSTÓDIO COIMBRA

Mobiliário
Frank O. Gehry

Curador:
Jutta Oldiges

Vitra Design Museum

"Fazer arquitetura demora muito – aí está por que os móveis sempre me interessam tanto" (palavras de Gehry).

Quando estudante, Gehry trocou a arte pela arquitetura. Hoje em dia, vê a si mesmo como arquiteto e, nos últimos 15 anos, tornou-se um dos mais famosos nessa área.

Em arquitetura, criou maneiras novas de interpretar o espaço, a luz e a matéria. Para ele, os resultados arquitetônicos também são um processo; portanto, suas construções costumam ter a aura do inacabado, assim como seus móveis. Podemos constatar que a preocupação que o orienta no caso dos móveis é a mesma dos edifícios: tentar fazer com que a estrutura se mantenha a mais simples possível.

Porém, a arte que Gehry levou para a arquitetura desafiou irreverentemente todo um sistema de valores consolidado durante décadas de modernismo.

No centro da exposição encontra-se o mobiliário de design de Frank Gehry. Antes mesmo de fazer parte da história da arquitetura, no início dos anos 70, Gehry causou polêmica nos Estados Unidos com seus móveis ousados e não-convencionais de papelão.

O que vale para a arquitetura de Gehry tem a mesma medida em seu design. A maneira original e a busca experimental da abordagem de seu objeto de trabalho trazem resultados de estética e encanto próprios. O esforço de Gehry sempre foi no sentido de introduzir um novo material – processado industrialmente – que tornasse o móvel de design mais acessível economicamente. Ele utiliza o simples papelão como matéria-prima de suas obras. Desse material descartável, são criados mesas e acentos leves e extremamente robustos. Em 1972 surge no mercado a assim chamada série Easy-Edges, que é divulgada nas revistas e distribuída nos grandes magazines a um preço acessível, podendo ser adquirida por qualquer pessoa. É justamente esse mobiliário que evidencia a conhecida preferência na arquitetura de Gehry pelas formas *zoomorfas*.

Além dos inúmeros trabalhos de arquitetura que lhe foram confiados mais tarde, Gehry dedicou-se também, nos anos 80, a seu mobiliário de papelão. Segue-se uma segunda série: Experimental Edges. O corpo dos diversos acentos desta série é mais volumoso e compacto, a estrutura do papelão ondulado processado, mais bruto. Enquanto os Easy-Edges apresentavam um contorno nítido e liso, era parte do conceito Experimental Edges apresentar uma superfície áspera, desfiada e ter um contorno difuso. Por terem sido produzidos em pequena escala, somente para exposição, o preço final tornou-se elevado.

As obras em madeira compensada (Bentwood collection), fabricadas pela Empresa Knoll desde 1991, têm um caráter completamente diferente. Ripas finas são dobradas uma por uma na forma desejada, trançadas entre si e coladas, dando origem a um móvel elástico e estável. Como nos móveis de papelão, a capacidade de reciclagem tem grande evidência.

Em paralelo aos 30 móveis expostos, haverá uma mostra de painéis fotográficos de edifícios de Frank Gehry, entre outros, do Museu de Guggenheim em Bilbao, do Dancing House em Praga e do Zollhof-Ensemble em Düsseldorf. Também serão apresentados o Museu Vitra Design, o Vitra Center Birsfelden e o American Center em maquetes. Esse enfoque arquitetônico cria um diálogo entre o designer e o arquiteto Gehry. Tanto em um quanto no outro, percebe-se a tendência para a forma escultural. Suas excepcionais qualidades individuais estão evidentes em ambas as áreas.

Arquiteto Jorge Machado Moreira (1904-1992)

Curador:
Jorge Czajkowski

No panorama da arquitetura moderna brasileira, a obra de Jorge Machado Moreira destaca-se por sua coerência constante e comedimento formal. Essas características, cultivadas pelo arquiteto ao longo de toda a sua carreira, imprimem a seus projetos uma clareza classicizante que faz deles os exemplos mais representativos da tendência racionalista no Brasil.

Membro da equipe que projetou o edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, Jorge Machado Moreira dirigiu de 1949 a 1962 o Escritório Técnico encarregado de idealizar a nova Cidade Universitária da então Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse empreendimento gigantesco, que compreendia a urbanização de uma área de aproximadamente 6 km^2 e a construção de instalações para um total de 40 mil usuários, foi apenas parcialmente realizado.

Os 4 edifícios construídos (de um total de 12 projetos), muito diversos em dimensões e uso, mantêm uma identidade comum: a mesma escala e atmosfera, uma monumentalidade sóbria e despojada. No entanto, a individualidade de cada prédio torna-se aparente no contato mais próximo, quando os elementos arquitetônicos mostram-se apropriados a cada caso – resultando de exigências funcionais particulares – e revelam a riqueza de possibilidades que um vocabulário pode oferecer quando articulado com maestria.

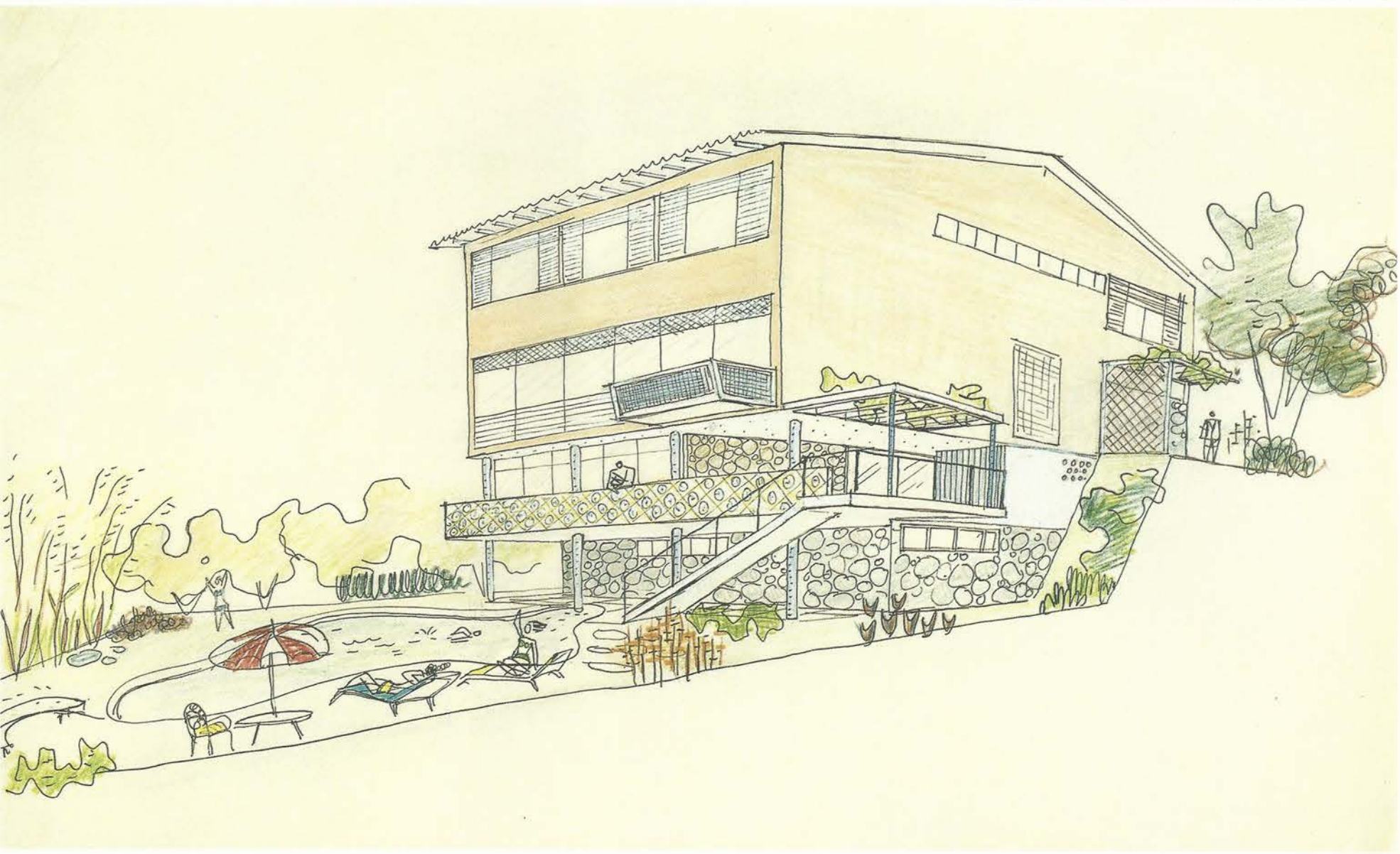
O Instituto de Puericultura e Pediatria e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo receberam o Primeiro Prêmio em suas categorias, respectivamente na II e na IV Bienal Internacional de São Paulo, quando também foram premiados o Edifício Ceppas e a Residência Ceppas. O conjunto de obras da Ilha do Fundão foi, ainda, premiado com a Medalha de Ouro na Exposição Internacional de Bruxelas, em 1958.

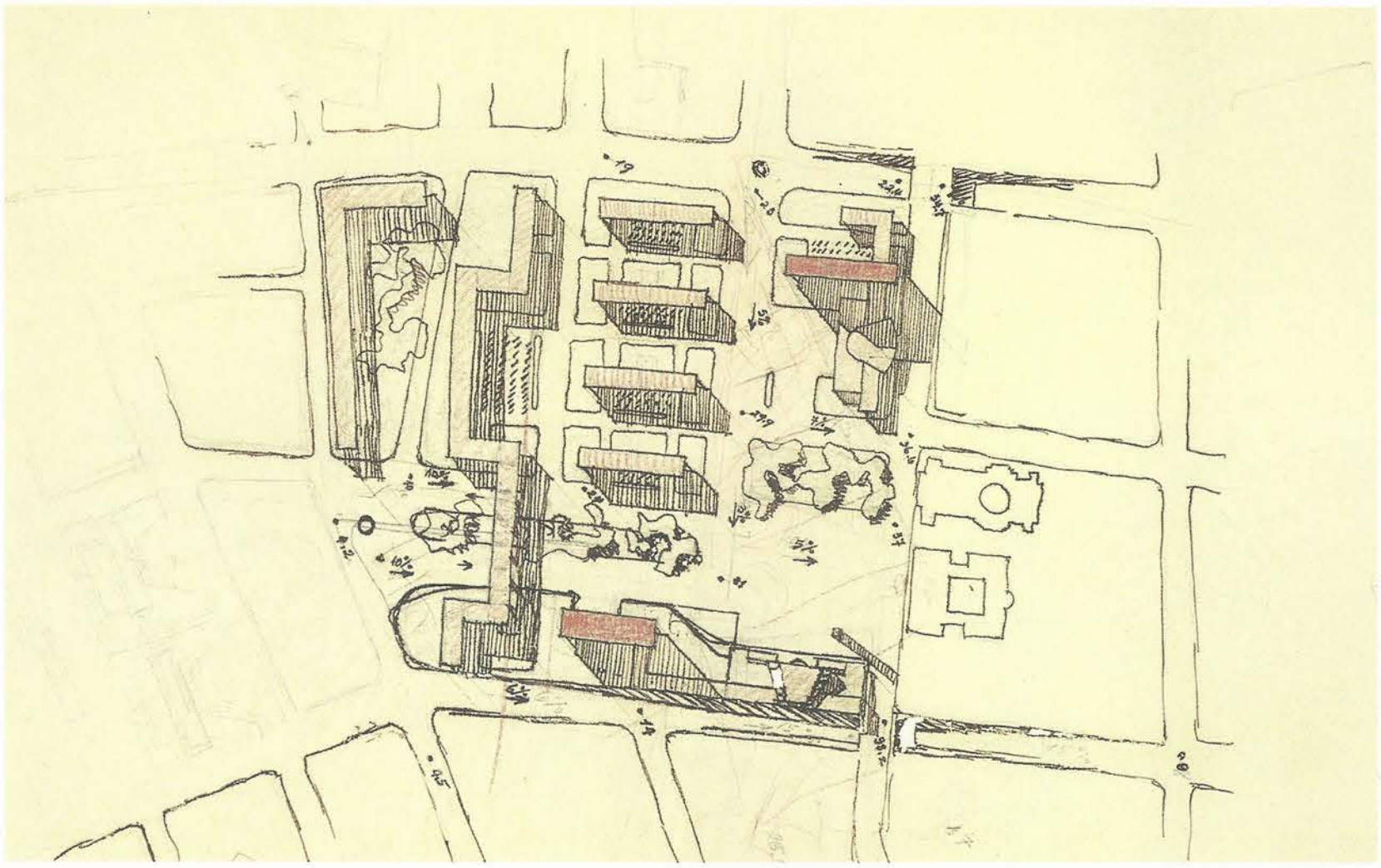
A atuação constante de Jorge Machado Moreira em favor dos interesses de classe e da proteção do meio ambiente natural e construído lhe valeu também inúmeras homenagens importantes, como a outorga do Colar de Ouro do Instituto de Arquitetos do Brasil (1967) e o título de Personalidade do Ano, que lhe foi conferido em 1978 pelo mesmo Instituto.

Jorge Czajkowski
Curador

Instituto de Puericultura e Pediatria da Universidade do Brasil/ETUB, Rio de Janeiro, 1949-1953
Equipe: arquitetos do Escritório Técnico da Universidade do Brasil/ETUB
Paisagismo: Roberto Burle Marx

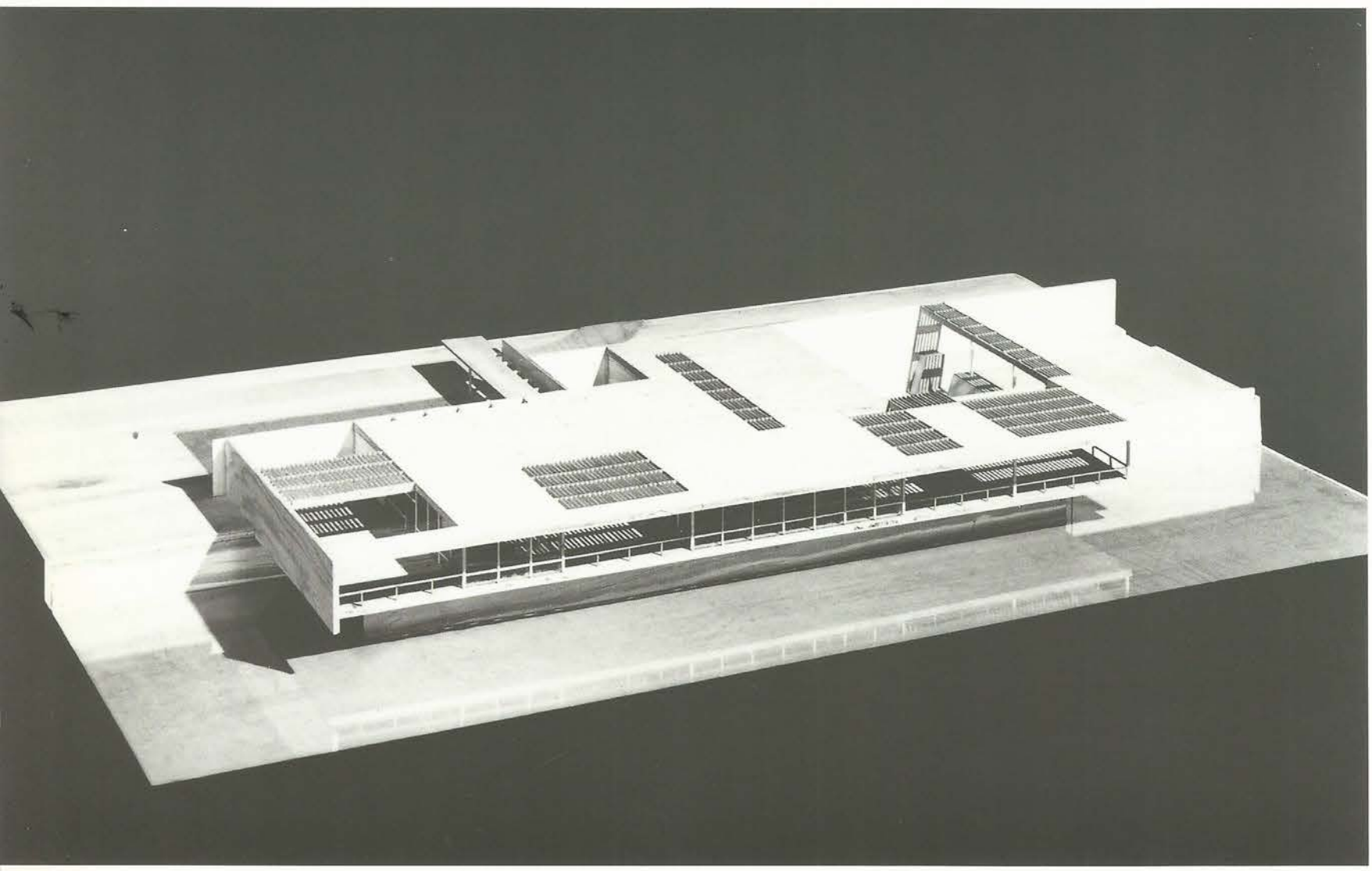
Residência Sérgio Corrêa da Costa, Rio de Janeiro, 1951–1957

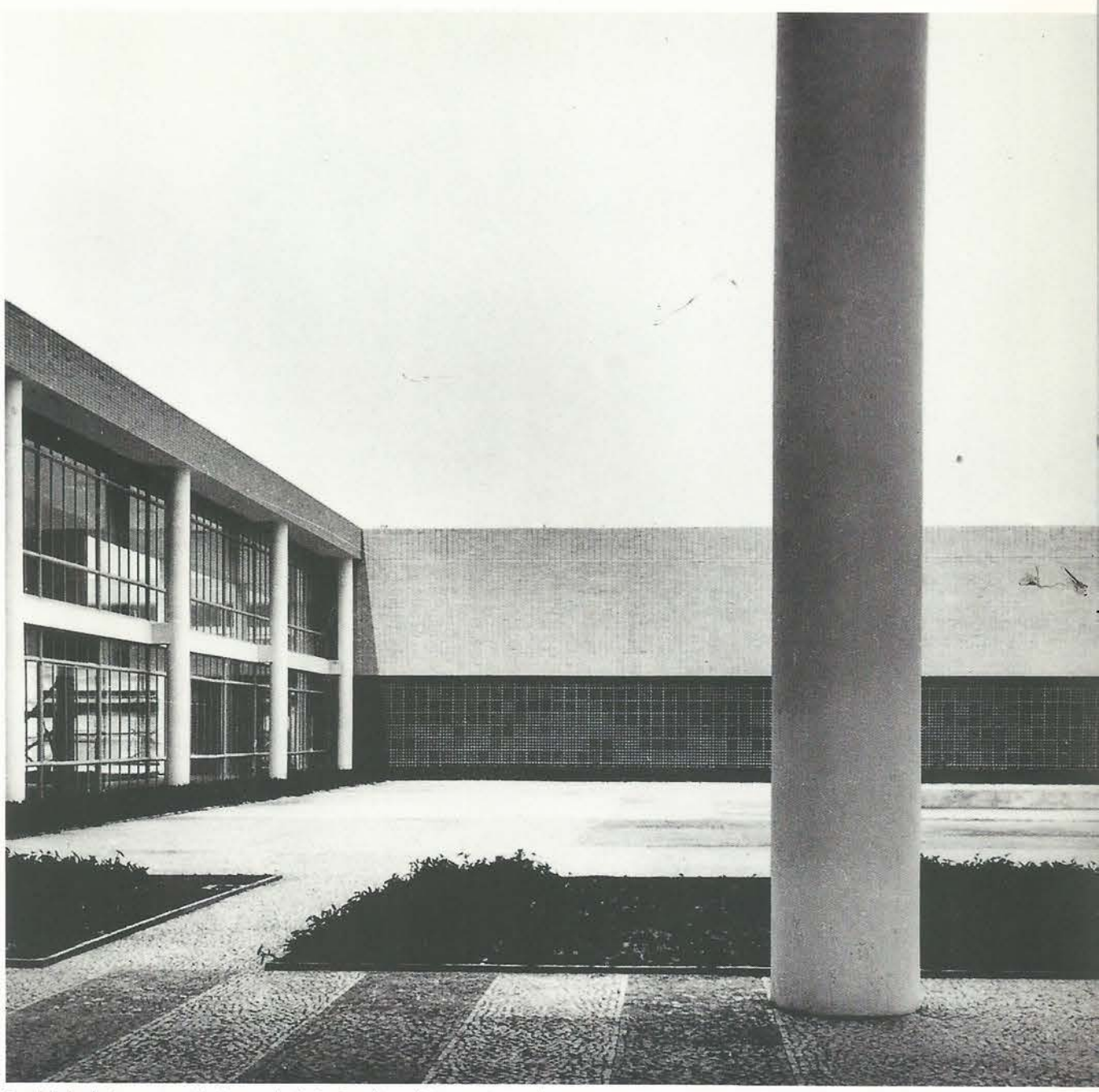




Centro Cívico de Porto Alegre, 1943

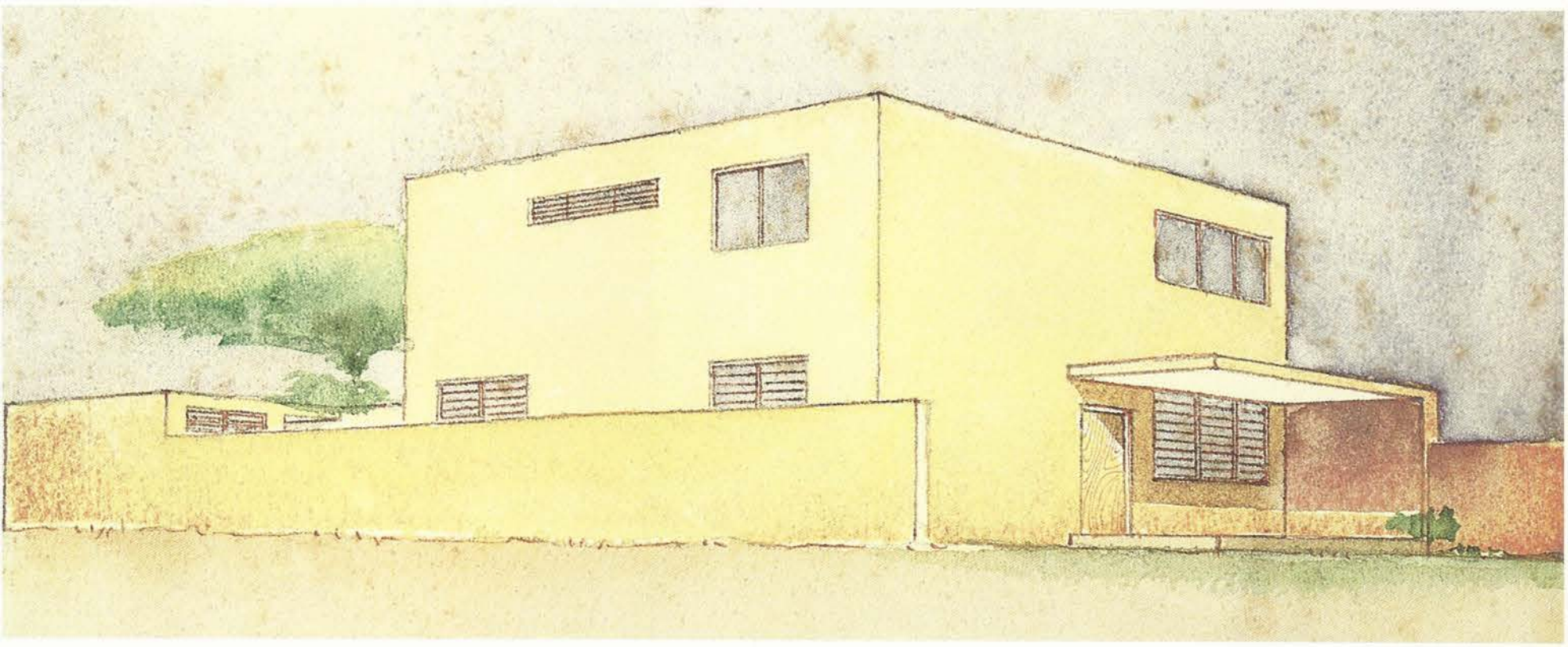
Restaurante do Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, 1962-1965
Projeto: Jorge Machado Moreira
Equipe: Grupo de Trabalho para Urbanização do Aterro Glória – Flamengo
Paisagismo: Roberto Burle Marx





Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil (atual FAU-UFRJ), Rio de Janeiro, 1957
Equipe: arquitetos do Escritório Técnico da Universidade do Brasil/ETUB
Paisagismo e painel externo: Roberto Burle Marx

Residência Fernando Lyra, Rio de Janeiro, 1933-1937



João Filgueiras Lima (Lelé)

Organização:
Rede Sarah
Associação das Pioneiras Sociais

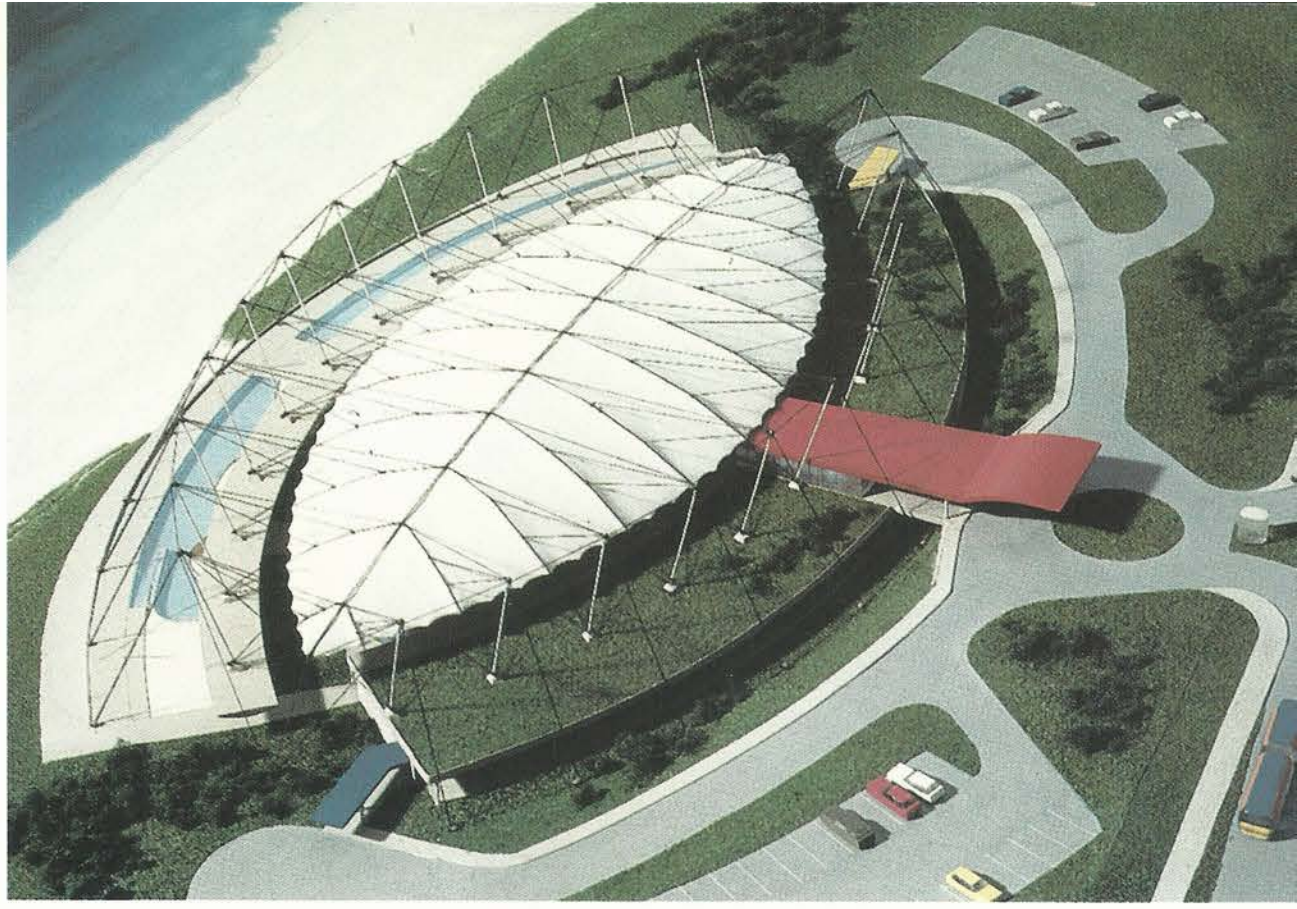
Encontramo-nos em janeiro de 1964. Tempos de esperança. Lelé e sua mulher Alda estavam internados no então primeiro Hospital Distrital de Brasília, hoje Hospital de Base. Eu, retornando de meu treinamento na Universidade de Oxford e recebendo um espaço de trabalho, equipado como nem na Inglaterra havia. Coisas do início de Brasília... Com 24 anos, a noite era dia e tínhamos a sensação de a cada momento, jovens, fazermos tradição.

Subitamente deparei com um moço esguio. Observava-me montar trações para tratamento de fraturas em candangos quebrados na epopéia da construção. Equipamentos de ponta que poucos hospitais americanos tinham. Observava e desenhava. Traço firme, puro, preciso. Suas pranchas começaram a ser emolduradas nas paredes do décimo andar. Ortopedia. Interferência no espaço. Ação de educar. Encontramo-nos também na música, ele ao piano e eu ao trompete. Nas noitadas de sábado conversávamos. Por que o Hospital Distrital é vertical, vidro e concreto que acumulam doentes como objetos em prateleiras, de resto um hospital americano? Os hospitais ingleses são todos horizontais, grandes enfermarias que se abrem para pátios, para onde as camas com doentes nas trações e toda a parafernália médica são levadas nos raros momentos de sol de uma Inglaterra cinza! Por que não aproveitar aquilo que tínhamos de melhor? O sol, a luz e, principalmente, a bela visão horizontal de uma Brasília que nos emocionava a cada pôr-do-sol? Muito dessas conversas se concretizou na primeira experiência. Hospital de Taguatinga, com seus terraços, em uma colina escolhida para tal. Entretanto, os tempos difíceis fizeram com que aqueles que o projetaram e construíram não tivessem o poder de regular a ocupação. O primeiro passo, o Hospital de Taguatinga, destruído por Macunaíma!

Anos 70. O encontro com Eduardo Kertész. O planejamento do Sarah em Brasília. Quando Kertész encaminhou o Projeto para a Seplan, a catilinária dos três jovens contra o absurdo de uma assistência médica que já então visava ao lucro explorando a doença e o doente, como "produto", era tamanha que pensávamos que o projeto seria engavetado. No entanto, já eram tempos de abertura e o presidente Ernesto Geisel escreveu na primeira folha do Memorando: "Aprovo!" E assinou. Lelé perguntou: "Como você, Aloysio, vê o Hospital?" Respondi: "Espartano!" Três dias depois, o primeiro desenho de uma Viga Vierendeel! Hospital vertical, mas com grandes espaços nos ambulatórios, terraços alternados nas fachadas leste e oeste, luz, sol, vento.

SARAH Brasília

Auditório e passarela – SARAH Brasília



SARAH Natal

Depois vieram suas experiências em Abadiana, na fábrica de escolas do Rio, a sofrida primeira experiência em Salvador e finalmente os Cieps. Homem sempre à frente de seu tempo. Com governantes que viam simplesmente a forma sem nunca entender que ela trazia em si a necessidade de mudança de cultura. Exceção para Darcy, para nossa geração, imortal de fato e de direito. Aí, José Sarney, membro antigo, amigo na origem do Conselho da então Fundação das Pioneiras Sociais, com a caneta de presidente da República decretou: O Brasil terá uma rede de Hospitais de Medicina do Aparelho Locomotor! Surgia a idéia da Rede Sarah.

Com o tempo, o convívio e principalmente com uma abordagem profundamente humanista que sempre olhava para as necessidades do incapacitado físico, Lelé tornou-se a própria essência, o extrato destilado, daquilo que, ao longo de gerações, a medicina tentou e quase nunca conseguiu fazer.
Os hospitais de Lelé, ao contrário de espaços constrangedores de sofrimento, tornaram-se locais amenos, generosos, ricos em volumes e cores: a própria expressão e sentido da palavra reabilitação.
Quando um velho titular de ortopedia e reabilitação da mais antiga e tradicional universidade inglesa visitou os belos espaços horizontais do Sarah Salvador, virou-se para mim e murmurou com os olhos marejados: sempre sonhamos com isso! Hoje você me trouxe ao próximo século!

Centro Comunitário de São Luís

Posto de Estiva – São Luís

É tedioso ouvir em Brasília, Salvador, Belo Horizonte e São Luís : "Isso aqui é primeiro mundo". A isso, costumo responder: não é primeiro mundo! É possível sempre com humanismo e sensibilidade criar espaços que influenciem profundamente a cultura médica que se implantou e permitiu que hoje a Rede Sarah exista e resista aos impactos e traumas de uma sociedade retrógrada e egoísta. O contra-sistema que a Rede Sarah hoje representa no caos da assistência médica brasileira só é possível a partir das fortalezas belas e espartanas que Lelé projetou e construiu e que consolidaram um pacto com o povo de todos os Brasis, que as compreendeu e delas se apropriou.

Lelé construiu e constrói monumentos que têm vida. Porque abrigam o homem. Aqueles que sofrem em sua fragilidade e os que deles cuidam em seu cotidiano de entrega.

Aloisio Campos da Paz Junior
Cirurgião-Chefe da Rede SARAH
Presidente da Associação das Pioneiras Sociais

Tribunal de Contas da União – Salvador

Sobre João Walter Toscano

Encontramo-nos pela primeira vez no ano de 1963, quando, na companhia de Carlos Lemos, um e outro visitaram Portugal à procura de raízes da arquitetura de seu país. A partir dessa data, nossos encontros foram freqüentes, aqui ou no Brasil, e pouco a pouco o jovem e entusiasta arquiteto que se me deparara no primeiro encontro foi, naturalmente, transformando-se, identificando-se consigo próprio e afirmando-se como homem e profissional.

O que mais venho apreciando em sua personalidade e em sua obra? Um discurso arquitetônico simples e largo, não complicado nem mesquinho; simples, mas não ingênuo nem primário; largo, mas não disperso – antes contido. E, mais, um discurso claramente brasileiro, pela abertura e pela grandeza – que pode não ser grande – de suas criações, onde estarão presentes as obras e as figuras de Vilanova Artigas, de Lúcio Costa ou de Oscar Niemeyer.

Passaram-se 30 anos entre o edifício da Faculdade de Filosofia, construído em sua cidade natal de Itu, e o recente edifício da Estação Pêssego, construído em sua cidade de São Paulo: em ambos os edifícios, a mesma clareza, a mesma sábia distribuição de volumes e sua relação, o mesmo poder de sentar e assentar no solo sua arquitetura ou de dialogar com sua envolvente e, insisto, mesma naturalidade de quem ocupa para si e para sempre quaisquer daqueles espaços que foram postos à sua disposição. Os anos que separam os dois edifícios não são, em verdade, um vazio entre duas caprichosas concepções, mas a evolução da prática de uma concepção que sabe, entretanto, evoluir e marcar as datas de sua gestação, obedecendo a um processo sempre diverso na forma, mas sempre constante no conceito.

É difícil ser natural, simples ou dialogante num mundo como o nosso, de artificialismos, complicações e prepotências; metade desse mundo anda em bicos de pés para ser mais alto, mais rico, mais notável, mais visível, mais diferente. Meu querido amigo João Walter Toscano, que conheço sempre igual a si próprio há 36 anos, não precisa disso: pode continuar a andar tranqüilamente sobre seus pés bem apoiados nesse fertilíssimo chão de seu Brasil.

Porto, março de 1999
Fernando Távora

Organização:
João Walter Toscano
Odiléa Setti Toscano

Estação Pêssego do Metrô, São Paulo, 1999

Residência Ademar Bastos, 1978

CRISTIANO MASCARO

João Walter Toscano

Nascido em Itu, São Paulo, em 1933. Formado em arquitetura pela Universidade de São Paulo, em 1965. Bolsista da ASTEF, França 1963/64 e da Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal, 1971. Professor do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU-USP.

Tem realizado cursos, conferências e depoimentos no Brasil e no exterior e seus trabalhos têm sido publicados em revistas nacionais e internacionais como: *L'Architecture D'Aujourdhvi, Spazio & Società, Architecti, Domus, Módulo e Projeto.*

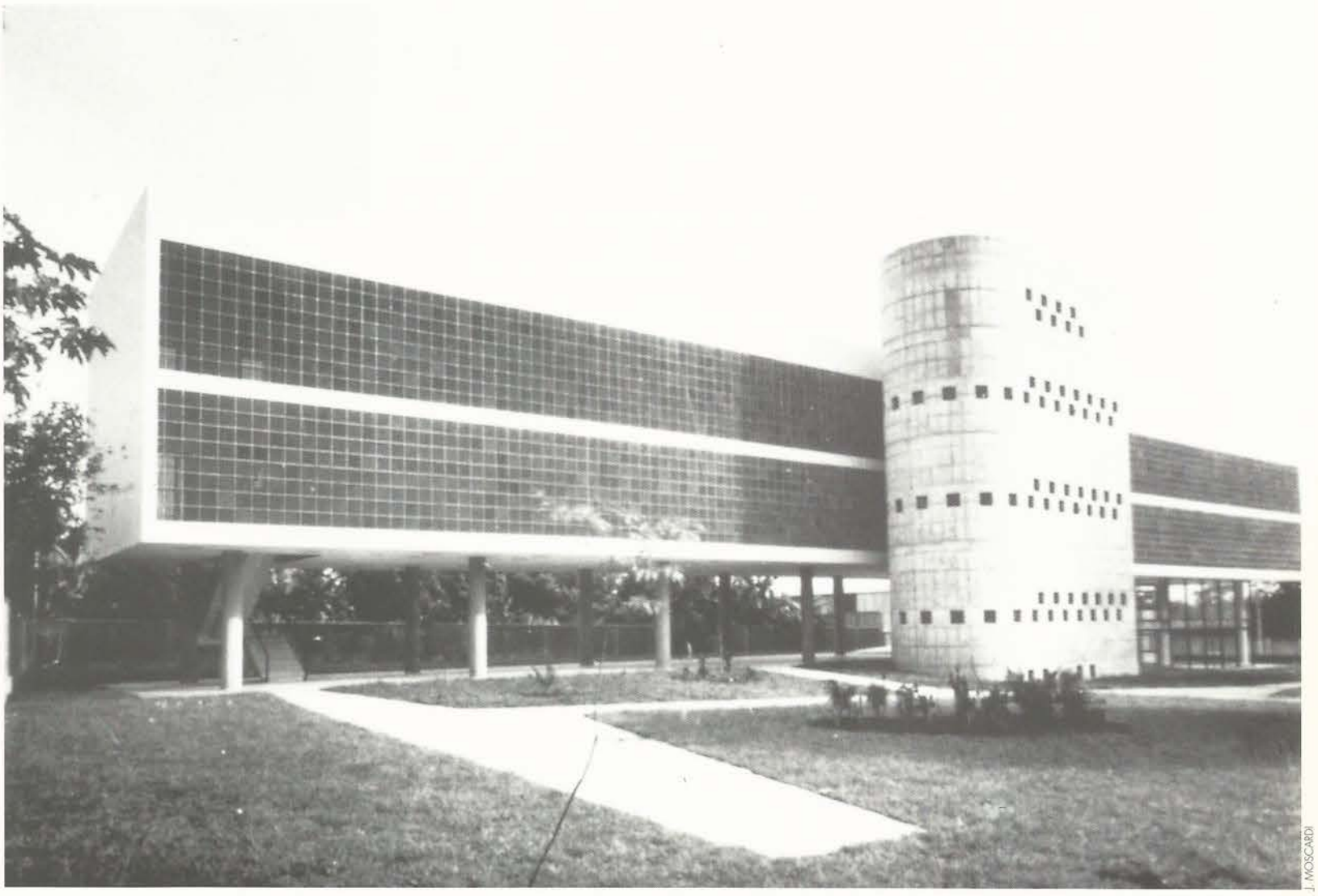
Desenvolve atualmente estudos e projetos voltados à aplicação de novas tecnologias e novas linguagens na arquitetura. Entre suas obras mais importantes estão: Plano Diretor do Município de Itu (1966); Plano Diretor de Transportes e Programa de Ação Imediata de Transportes e Tráfego para o Município de Itu (1983); Diagnóstico Geral da Cidade de Itu/Programa de Ação Cultural (1984); Câmpus Universitário de Araraquara, Rio Claro e Assis; Balneários de Águas da Prata (1972) e de Serra Negra (1980); Estações Ferroviárias da Fepasa; Estação Largo Treze de Maio; Estações de Metrô Pêssego, Vila Madalena; Centro de Ciências da USP; Praça do Monumento do Ipiranga e Terminal Princesa Isabel, nas quais desenvolveu pesquisa sobre o aço.

Suas obras foram premiadas na Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires, 1987; Bienal Mundial de Arquitetura de Sófia/Bulgária, 1987; 3ª Bienal Internacional de Arquitetura/São Paulo, 1997 e IX Congresso Brasileiro de Arquitetos – São Paulo, 1976. Recebeu ainda os prêmios: Prêmio A.P.C.A. – Melhor Arquitetura de 1984; Associação Paulista de Críticos de Arte; Prêmio ABCEM/Paulo Fragoso, 1986 – Estação Largo 13 de Maio, Fepasa; Rino Levy – Instituto de Arquitetos do Brasil, 1974.

Seu nome foi incluído no *Dictionnaire de L' Architecture du XX Siècle*, Editions Hazan – Paris, 1997

Terminal de ônibus Princesa Isabel, São Paulo, 1997

Faculdade de Filosofia de Itu, 1959



J. MOSCARDI

Odiléa Setti Toscano

Arquiteta, nasceu em São Bernardo do Campo, SP, em 1934. Diplomou-se pela FAUUSP, em 1958. Recebeu bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, e do Governo Francês, ASTEF, Paris 1963/64.

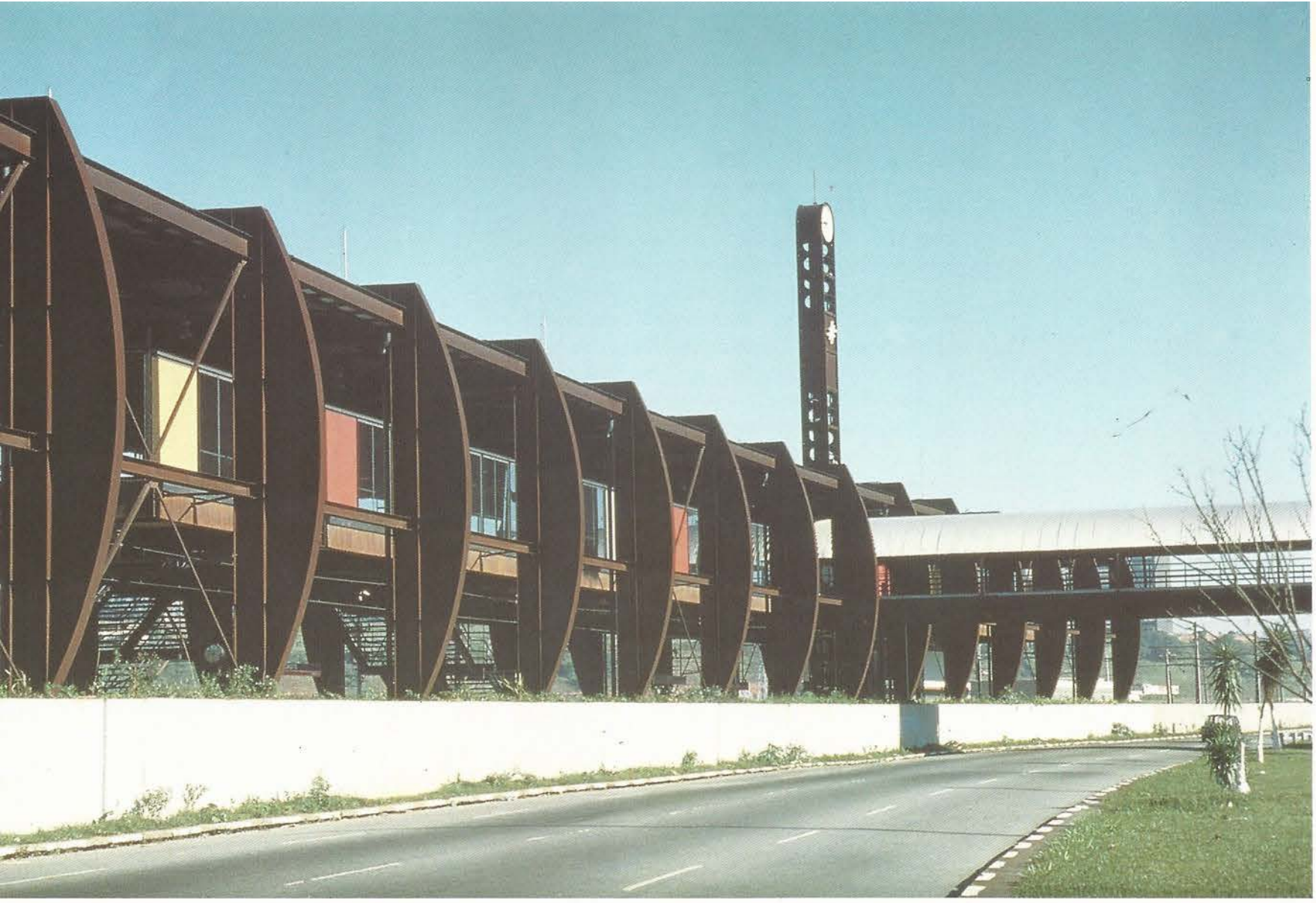
Exerce atividades didáticas desde 1960. Atualmente é professora-doutora do Departamento de Projeto da FAUUSP e integra a diretoria da empresa João Walter Toscano Arquitetos Associados. Tem artigos publicados no Brasil e no Exterior. Desenvolveu diversos projetos gráficos para empresas brasileiras.

Participou de concursos, conclaves culturais e exposições no Brasil, na Argentina, Bulgária, México e Portugal.

Recebeu diversos prêmios, entre os quais: "Metalurgia" Bienal Mundial de Arquitetura, Interach/87, Sófia, Bulgária; Prêmio Centro de Arte y Comunicacíon (CAYC), Bienal Latino-Americana de Arquitetura e Design, Buenos Aires; Conjunto de Obras, IX Congresso Brasileiro de Arquitetos, SP; Prêmio "Destaque" II Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, na categoria "OBRAS", em 1993, e 3ª Bienal Internacional de Arquitetura/São Paulo, 1997.

Executou murais e painéis para: Estações do Largo 13 de Maio e da Lapa, para a Fepasa; Centro de Convenções de Serra Negra, Fumest; Banco Itaú S/A – Ag. Barra Funda; Air France, agências do Rio de Janeiro de Buenos Aires; Indústrias Martini Rossi e Estações do Metrô de São Paulo (Santana, Jabaquara, São Bento e Paraíso).

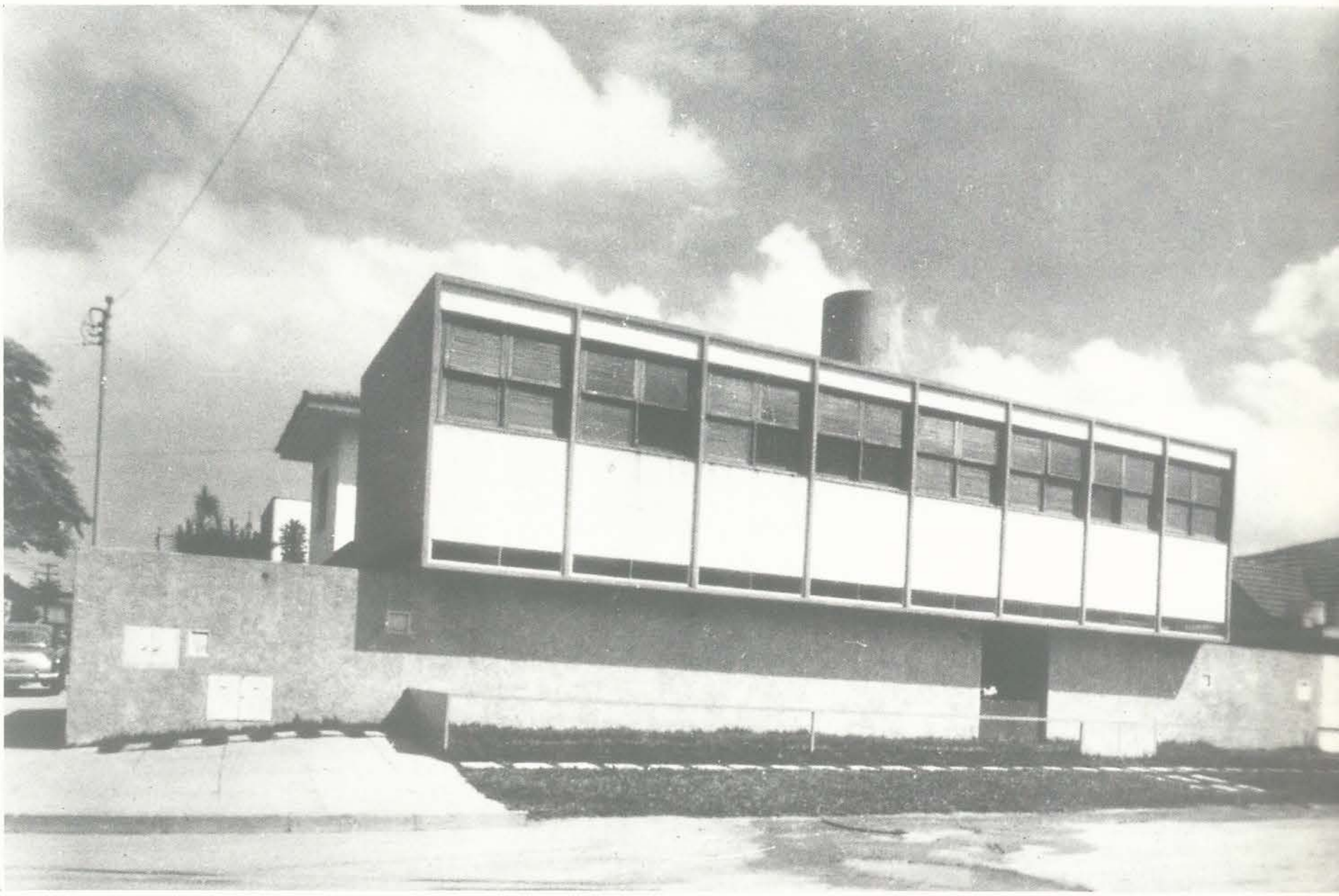
Arquiteto Colaborador:
Massayoshi Kamimura



CRISTIANO MASCARO

Estação Largo Treze, São Paulo, 1986

Residência Yagle, 1962



J. MASCARDI

José Forjaz
Entre o Adobe e o Aço Inox

Curador:
José Forjaz

Os projetos que se mostram a seguir, quase todos construídos, alguns ainda à espera, outros nunca mais, são ordenados por ordem cronológica, talvez apenas para que haja uma ordem.

O primeiro e talvez o mais significante motivo de os mostrar é o de que representam uma escolha de vida, de lugar, de atitude; fazer arquitetura. Fazê-la do móvel à cidade, da cidade à religião, da ilustração ao objeto, da paisagem à investigação teórica técnica, histórica, e sobretudo, permanente.

Estes projetos foram escolhidos quase fortuitamente, de entre muitos outros, talvez porque cada um representa uma intenção mais clara, uma imagem poética mais intensa ou mais intensamente perseguida.

Os projetos representam também uma outra atitude que ao longo dos anos cada vez mais parece justa a de considerar que não são os programas, nem o custo, nem a dimensão, nem as limitações técnicas ou tecnológicas, nem os parâmetros ambientais que condicionam o interesse (ou qualidade) de um projeto. Esses nunca são limites à grande aventura que é inventar (como se fosse sempre a primeira vez) um pedaço de poesia espacial.

Os pequenos escritos que acompanham cada projeto são apenas uma tentativa de caracterizar, em cada um, o aspecto mais significativo (pelo menos na memória) de cada problema, de cada conceito, de cada realização ou, simplesmente, de cada experiência.

"As fotografias nunca mostram as reais dimensões da arquitetura. Quando muito transmitem algumas das qualidades escultóricas mas muito raramente o sentido do espaço.

Estas fotos mostram algum do meu trabalho, dos últimos 30 anos, sobretudo em África.

Cada projeto significou a procura de um conceito poético nascido do lugar e do programa, do uso mais inteligente das limitadas tecnologias disponíveis, da economia dos materiais e dos meios estéticos, da integração dos valores e elementos naturais, da simplicidade e clareza e daquela moral da forma a que se chama proporção.

Agora, como há 30 anos, sinto que estou apenas no início; sinto cada novo projeto como o mais interessante desafio, e, ainda antes que cristalize o conceito poético, como se toda a experiência acumulada de nada servisse.

Agora como há 30 anos, sinto a solidão renovada que nos vem da necessidade de inventar uma alma de uma estrutura; um espírito feito de luz e de textura, de materialidade e de som, de cheiro e do eco da luz cambiante do dia e das estações.

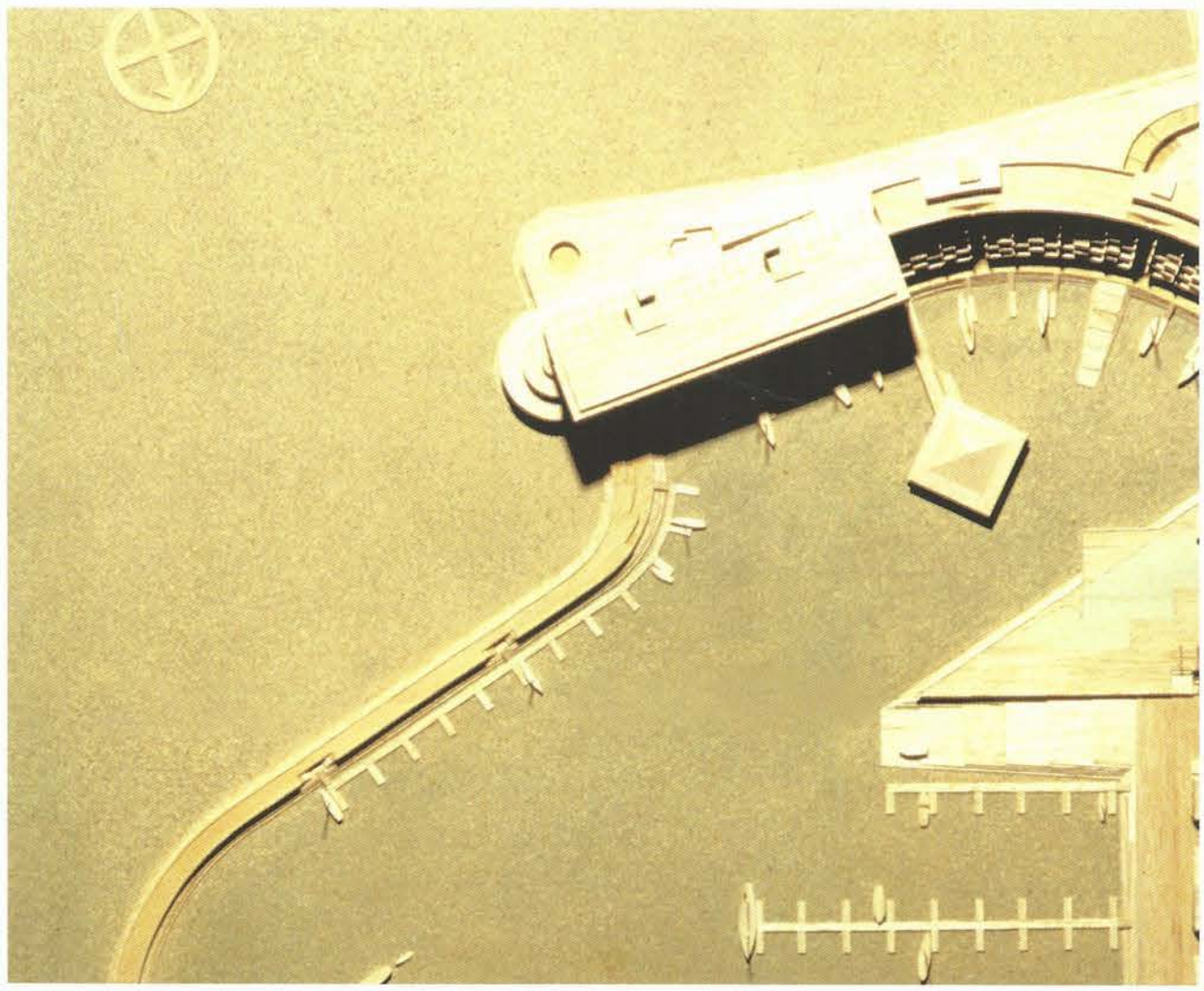
Para cada nova construção, agora, como há 30 anos, há uma renovada exigência de qualidade; mais do que nunca, agora, devo saber construir, devo exigir respeito pelos materiais e pelas dimensões.

Agora, mais do que nunca, as capacidades dos artífices estão a desaparecer e o amor pelo ofício de construir a desvanecer-se.

Cada trabalho torna-se assim, mais difícil para mim, como arquiteto.

A nossa é uma tarefa solitária lutada em cada fase, em cada nível, em cada momento, mas, com cada nova construção que sai do chão, há um novo sentimento de plenitude.

Alguns dos meus edifícios foram concebidos e desenhados até ao mais ínfimo pormenor; outros desenhados com a ponta do sapato no chão, marcados no chão a galhos martelados com uma pedra casual. Alguns descobertos ao longo do processo de construção, outros na ponta do lápis.



O meu amor pelo processo de construir, pela humanidade odorosa de um estaleiro, pela profanidade fraternal dos construtores, pela reinvenção de cada edifício ao longo do processo de o fazer, é cada vez mais profundo.

Depois há sempre um momento, quando quem os vai usar os ocupa, difícil como uma crise conjugal – de algum modo as profundas emoções investidas apagam-se e infectam-se de razões menores.

Mais tarde (por vezes...) voltamos a compreender e a valorizar a simplicidade da idéia original e a respeitar-nos, a nós próprios, por isso."

Excertos do livro *José Forjaz "Entre o Adobe e o Aço Inox" Idéias e Projetos*, Lisboa: Ed. Caminho, 1999.

O urbanismo do engenheiro Jorge de Macedo Vieira

Organização:
AMJS – Associação de Moradores do Jardim da Saúde
Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia São Carlos da USP – Universidade de São Paulo
DPH – Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura
Prefeitura Municipal de São Paulo
Instituto de Geografia – FFLCH-USP

Engenheiro civil formado pela Escola Politécnica de São Paulo, em 1917, Jorge de Macedo Vieira (1894-1978) foi responsável, do início dos anos 20 até os anos 50, por inúmeros projetos de loteamentos residenciais e planos urbanísticos nos Estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro.

Cursou a Escola Politécnica entre 1912 e 1917, período em que o curso de Engenheiros Civis dessa Escola, fundada em 1894, formava os profissionais mais bem preparados para atuar na escala da cidade, o que pode explicar a atuação de Macedo Vieira, dirigida principalmente para o urbanismo. Foram seus professores, entre outros: Paula Souza, Ramos de Azevedo, Victor da Silva Freire, Carlos Shalders, Victor Dubugras.

Nesse período, a cidade de São Paulo foi objeto de intensas discussões urbanísticas motivadas pelas intervenções e planos existentes para diversas áreas da cidade, como os de Alexandre Albuquerque, de Freire-Guillem e de Samuel das Neves para a área central; os projetos de Bouvard para os parques da cidade; a abertura do Jardim América e os novos loteamentos da Companhia City.

O interesse pela atuação urbanística ocorre, também, entre seus contemporâneos e colegas da Politécnica, destacando-se o engenheiro e arquiteto Francisco Prestes Maia, seu amigo e colega de turma, que se tornou um importante urbanista, marcando com sua atividade técnica e administrativa a fisionomia das cidades de São Paulo e Campinas; Mariano Wendel, com quem Macedo Vieira manteve sociedade durante os primeiros anos de sua carreira; Geraldo Ferreira Sampaio e José de Toledo Moraes, que trabalharam longamente no escritório de Saturnino de Brito, respeitado urbanista e sanitarista; José Goes Manso Sayão Filho, com quem realizou vários loteamentos e aberturas de estradas.

Macedo Vieira iniciou sua vida profissional na Companhia City de São Paulo, na mesma época em que o arquiteto inglês Barry Parker trabalhava para essa empresa imobiliária, e foi muito influenciado pelas soluções tipo "garden city".

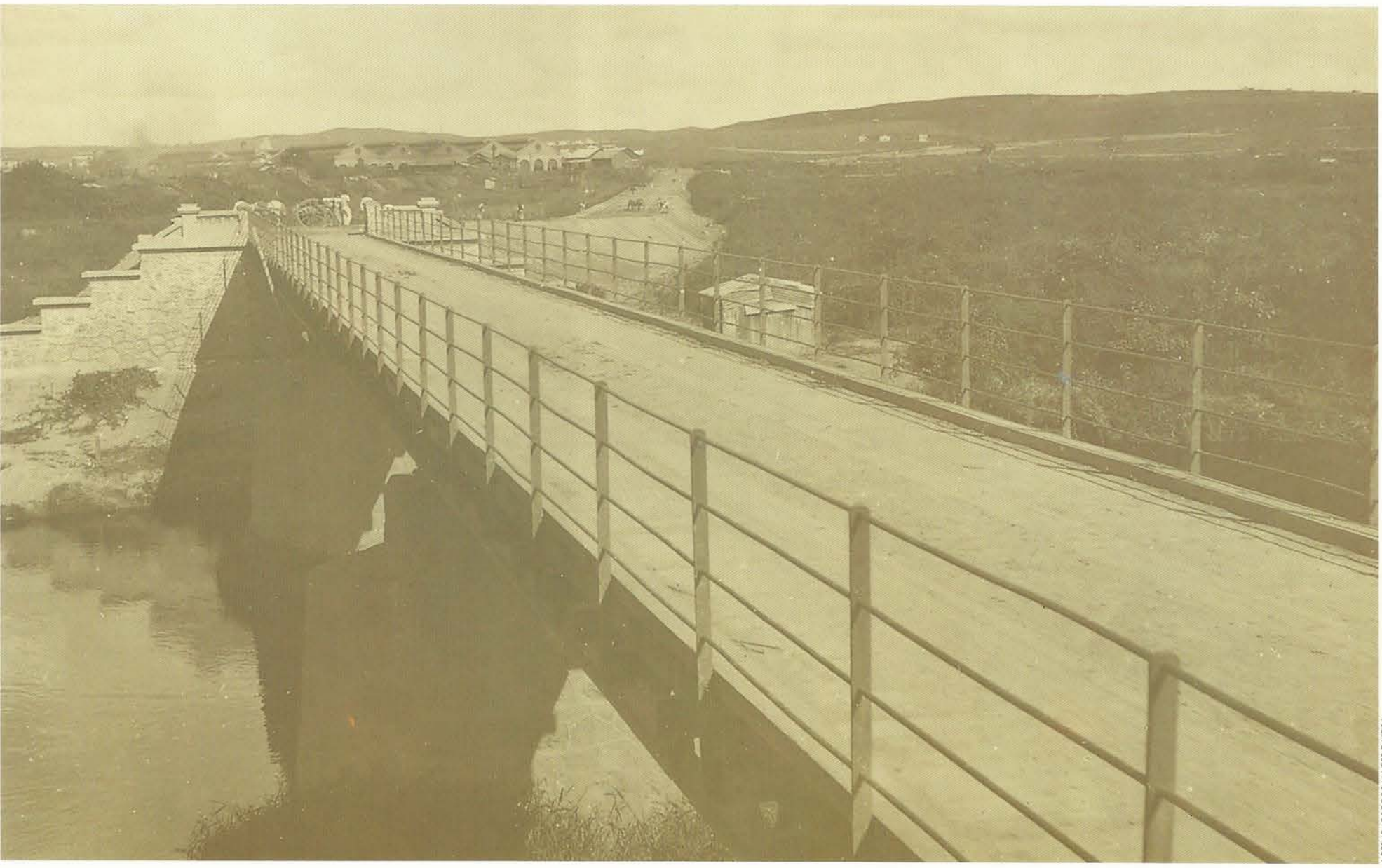
A exposição procura apresentar a obra urbanística desse engenheiro, ainda praticamente desconhecida pela historiografia, situando-a em relação à cultura urbanística de sua época e ao quadro das transformações da Capital paulista em pleno processo de metropolização. Por meio de seus projetos, pretende-se apontar os sentidos da contribuição de um engenheiro politécnico, fortemente inspirado nas propostas do movimento pelas cidades-jardins, na definição de um novo padrão urbanístico para as cidades brasileiras.

Inicialmente em sociedade com o engenheiro Mariano Wendel e, já no início dos anos 20, organizando o Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira, sediado em São Paulo, Macedo Vieira desenvolveu seus projetos mais significativos nas cidades de São Paulo (como Chácara da Mooca, Parque Edu Chaves, Vila Nova Manchester, Jardim da Saúde, Jardim Japão etc.), Campinas (Vila Isa, Nova Campinas e Chácara da Barra), Osasco (Vila Campesina) e Rio de Janeiro (Jardim Guanabara). Foi também o autor dos planos urbanísticos das cidades novas balneárias – Águas de São Pedro (1943), em São Paulo, e Pontal do Sul (1951), em Paranaguá/PR (não implantado), bem como das cidades novas de colonização do norte do Paraná – Maringá (1947) e Cianorte (1955).

O traçado urbanístico adotado por Macedo Vieira em seus projetos de assentamentos residenciais pode ser dividido em dois tipos.

Fotos aéreas da abertura do loteamento do Jardim Guanabara, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro. Projeto e execução do escritório de Jorge de Macedo Vieira. Data: década de 20

Obras civis em ponte à Rua William Speers, no bairro do Anastácio, executada pelo escritório de Jorge de Macedo Vieira. Data: abril de 1921



ACERVO JORGE DE MACEDO VIEIRA

ACERVO JORGE DE MACEDO VIEIRA

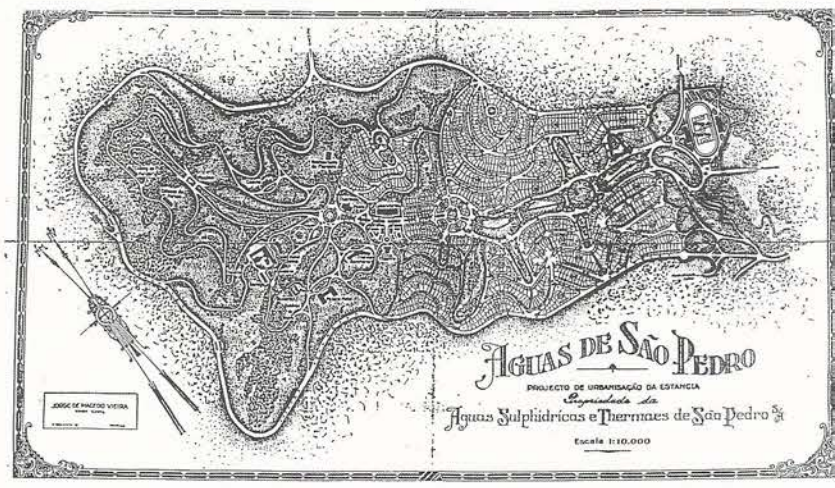
Jorge de Macedo Vieira e seu irmão Luiz. Data: 1930

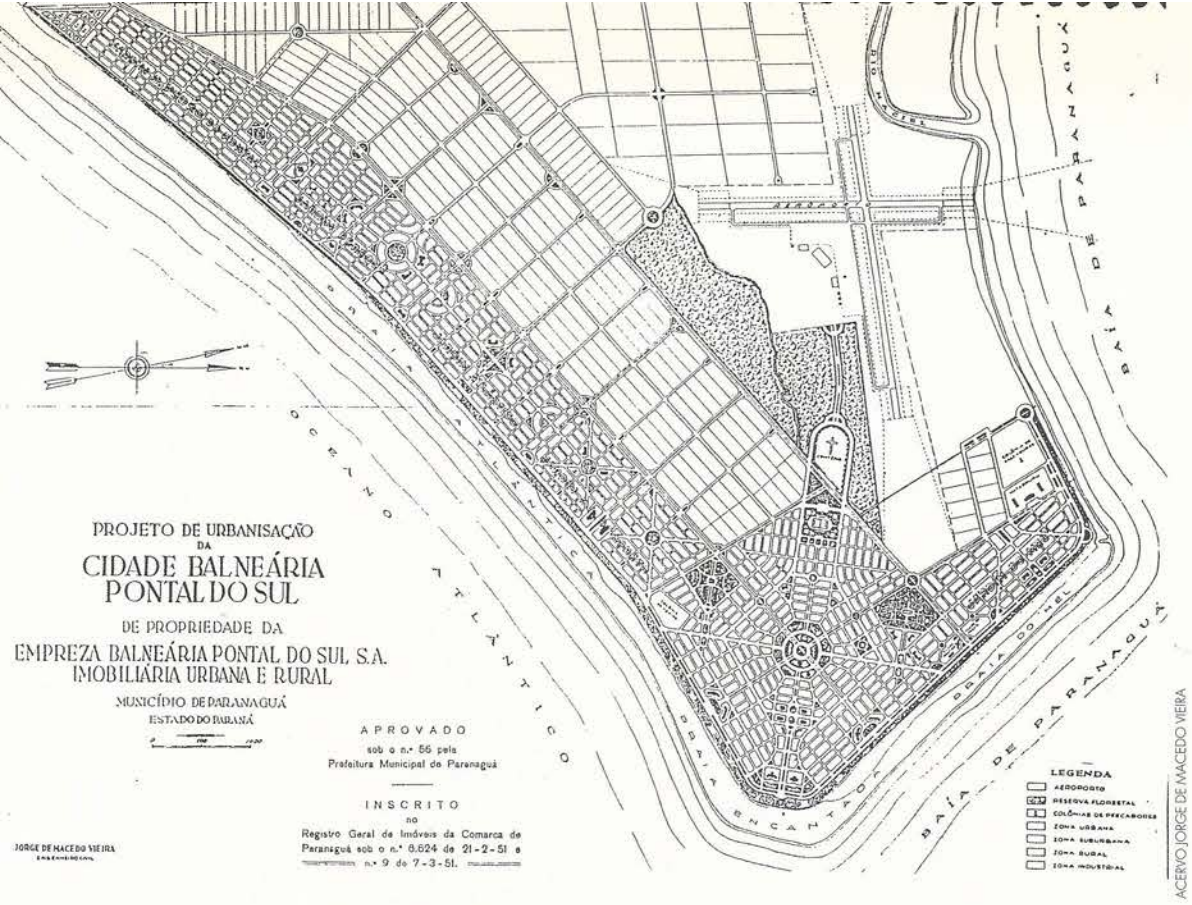
Um desenho tipicamente pitoresco, com o sistema viário ajustando-se à topografia do sítio – nesses casos, sempre movimentada e com declividades acentuadas, como no Jardim da Saúde, Jardim Japão, Jardim Guanabara, ou em Águas de São Pedro. Com ruas sinuosas acompanhando as curvas de nível, esse traçado caracteriza-se por sua irregularidade, diferentes tamanhos e formas de quadras. Outro tipo de desenho é aplicado apenas em áreas planas, como em Pontal do Sul, apresentando um traçado geométrico, regular, dando caráter quase barroco à paisagem urbana, com largas vias axiais que cortam diagonalmente a trama. A mesma solução é utilizada por Vieira no desenho dos chamados centros cívicos das cidades novas que projeta, como nos casos de Maringá e Cianorte, cujos paços municipais e áreas centrais inscrevem-se num risco clássico, enquanto as zonas de moradia visam a recuperar os ideais românticos de uma vida comunitária.

A exposição destaca dentre seus planos urbanísticos o do bairro do Jardim da Saúde, apresentando sua história fundiária, processo de loteamento e ocupação, procurando resgatar sua memória, hoje ameaçada pelo adensamento e pela verticalização que promovem a descaracterização de sua riqueza paisagística. A exposição de uma sucinta história social desse bairro paulistano aponta suas especificidades, em grande parte marcada pela presença significativa de japoneses, que fez dele a maior colônia nipônica da cidade, mas também conformadas pelo original traçado urbanístico projetado por Macedo Vieira, entre 1938 e 1943.

O rico acervo documental desse engenheiro e urbanista foi localizado em 1997, com sua sobrinha-neta Amalia Christina Marialva de Macedo Vieira, durante pesquisas iniciadas pela Associação dos Moradores do Jardim da Saúde e pelo Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, com a finalidade de instruir no processo de tombamento do bairro Jardim da Saúde.

Planta do projeto urbanístico da cidade balneária de Águas de São Pedro, projeto realizado em 1943 pelo Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira





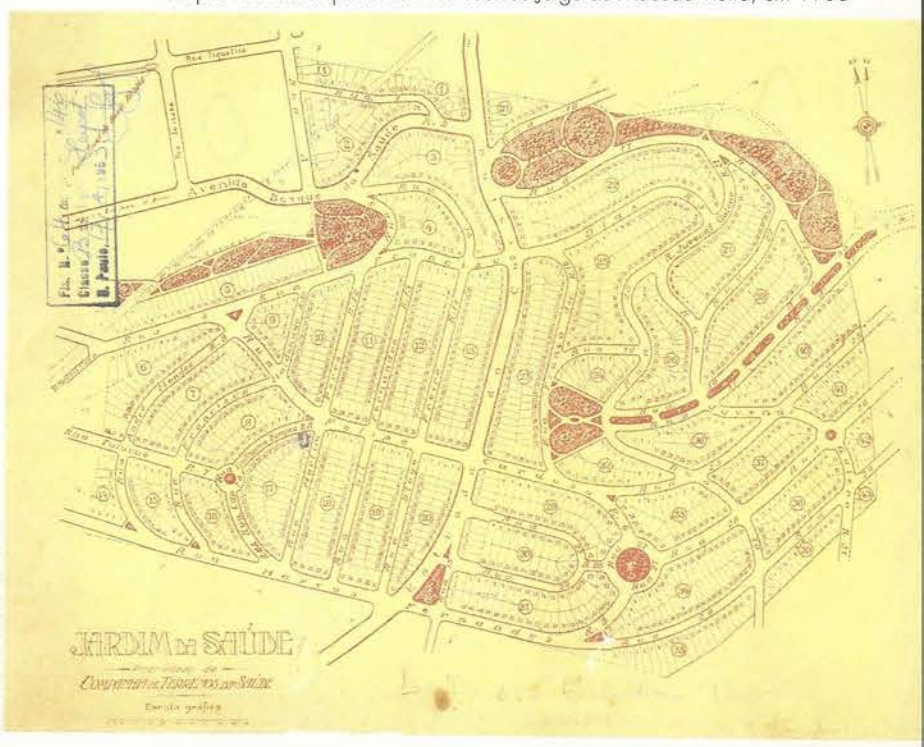
Planta de Pontal do Sul, Paranaguá (PR) – projeto não-executado

A partir da localização desse acervo, formou-se uma equipe composta por pesquisadores do Departamento do Patrimônio Histórico, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos/USP, da Associação dos Moradores do Jardim da Saúde e do Curso de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da FFLCH/USP, que vem organizando e analisando essa documentação.

Uma das particularidades dessa pesquisa é o trabalho com fontes primárias inéditas, como o próprio acervo técnico de Jorge de Macedo Vieira, e fontes orais ou testemunhas vivas da criação, implantação e desenvolvimento dos loteamentos e cidades projetados pelo engenheiro urbanista.

Com a realização da exposição e sua divulgação, pretende-se contribuir para o estudo da formação da malha urbana paulistana e brasileira; levar a conhecimento público a produção urbanística de Jorge de Macedo Vieira, característica de um período (anos 20-50), sobre o qual há escassa pesquisa; divulgar as ações da sociedade civil na preservação da memória e da qualidade de vida urbana, trabalho que levou à localização do acervo do engenheiro; divulgar e defender a preservação da qualidade do projeto urbanístico original do Jardim da Saúde e dos demais bairros e cidades novas planejados por Jorge de Macedo Vieira.

Planta da primeira gleba do loteamento residencial do Jardim da Saúde, em São Paulo. Projeto executado pelo Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira, em 1938



ACERVO JORGE DE MACEDO VIEIRA

Hélio Duarte

Curadoria-Geral:
Alexandre E. Lipai

Moderno, Peregrino, Educador

Apresentar o arquiteto e professor Hélio Duarte (1906-1989) às gerações de arquitetos e estudantes que não o conheceram tornou-se o objetivo principal dessa exposição.

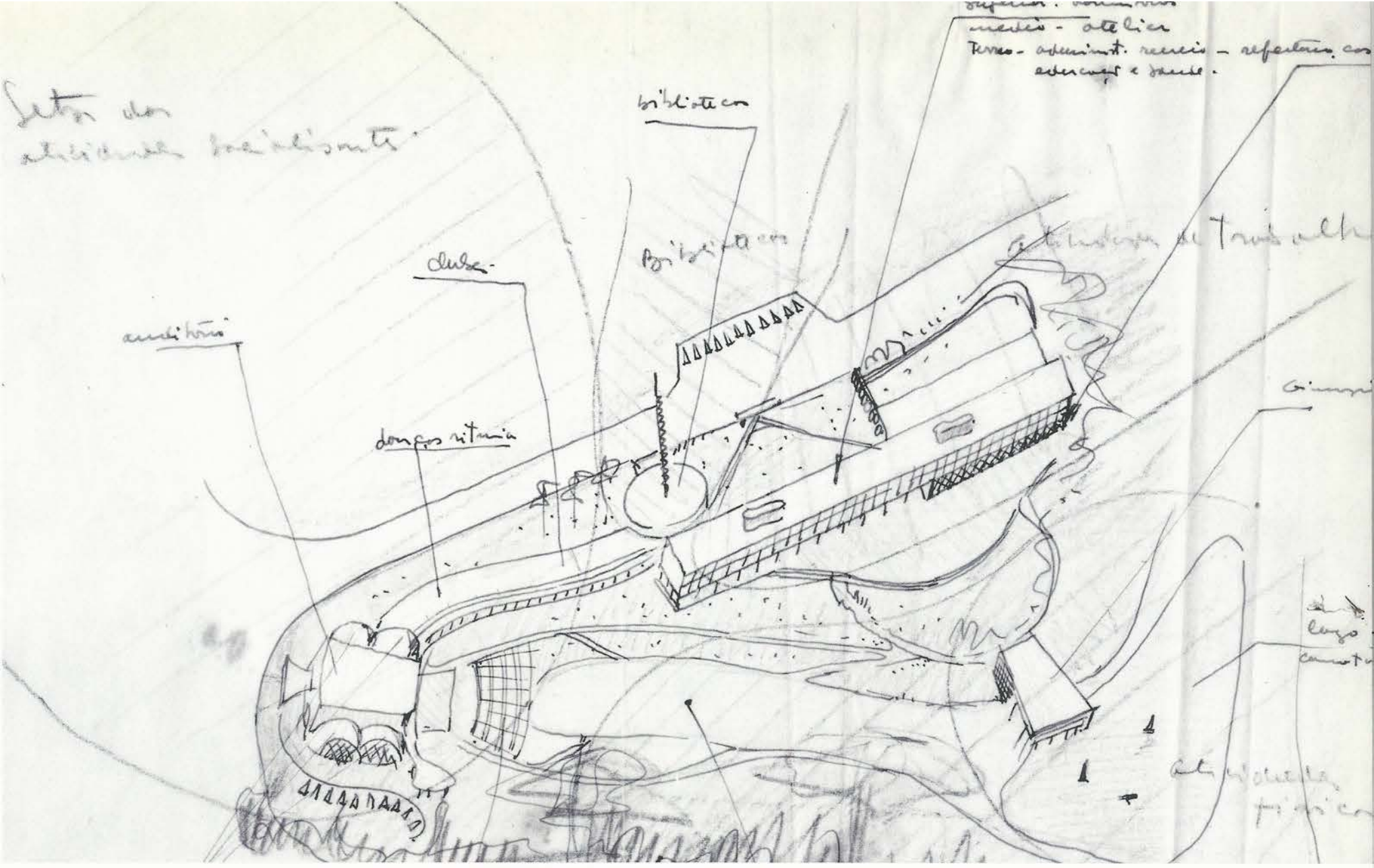
O arquiteto e educador carioca, formado pela Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, embora envolvido com o movimento moderno de arquitetura brasileira durante os anos 40 a 60, não obteve a mesma projeção de alguns de seus contemporâneos, apesar da densa e significativa produção que essa retrospectiva procura apresentar.

Caminhos, trilhas e rastros recolhidos de fragmentos de história e registros de depoimentos mostram Hélio Duarte como um humanista preocupado em difundir o espírito novo do modernismo por meio de uma obra diversificada e abrangente. Planos urbanísticos, edifícios públicos institucionais e residenciais, edifícios para as áreas de saúde como hospitais, maternidades, creches e, em especial, edifícios educacionais para escolas e universidades são testemunhos de um profissional que, ao observar atentamente a existência humana, procurou unir teoria e prática, aliar arte e técnica para produzir uma arquitetura que permitisse o fluir da vida.

Peregrino, suas obras e presença se disseminaram no Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Santa Catarina, Ceará e Brasília. Não foram poucos os rastros deixados pelo arquiteto carioca. O período que passou na Bahia (1936 a 1944) representa o início de sua trajetória de peregrino e a oportunidade de conhecer seu amigo também educador Anísio Teixeira, mentor dos conceitos "escolas-classe e escola-parque", ensaiados em Salvador em conjunto com o arquiteto Diógenes Rebouças. Esses conceitos foram incorporados com muita propriedade na filosofia adotada por Hélio Duarte na concepção de edifícios escolares, quando, já radicado em São Paulo, atuou como diretor técnico da Comissão Executiva do Convênio Escolar da Prefeitura, na década de 50. Foi uma rara oportunidade em que filosofia educacional, política e arquitetura constituíram um marco de referência de grande importância.

Contando com a participação dos arquitetos Eduardo Corona, Roberto José Goulart Tibau, Oswaldo Corrêa Gonçalves e Ernest Robert de Carvalho Mange, o Convênio Escolar foi responsável por uma série de grupos escolares, ginásios, parques infantis, teatros populares e bibliotecas públicas com uma admirável coerência de expressão construtiva/plástica e estrutura pedagógica, marcando efetivamente um período característico da arquitetura moderna paulista. Com a mesma filosofia foram criadas as escolas profissionalizantes do Senai.

Uma característica peculiar da postura profissional de Hélio Duarte foi sempre desenvolver trabalhos em equipe, razão pela qual essa exposição procura mostrar também a produção realizada em parceria com a presença de Eduardo Kneese de Mello, Zenon Lotufo, Abelardo de Souza, Gregori Warchavchik, Ernest Robert de Carvalho Mange, Roberto José Goulart Tibau, Marlene Picarelli e Lúcio Grinover.



Escola-Classe, São Paulo, 1948. Croqui esquemático da implantação. Desenho de Hélio Duarte

Escola Senai Anchieta, Vila Mariana, São Paulo, 1952
Autores: Hélio Duarte e Ernest R. C. Mange

HUGO SEGAWA

HUGO SEGAWA

Hélio Duarte

Hélio Duarte foi um dos arquitetos modernos com o perfil mais improvável entre seus pares de geração, realizadores da utopia moderna, distinguindo-se de seus contemporâneos por perseguir também outra utopia: a da educação. Arquiteto que enfrentou toda a gama de projetos educacionais, de creches a cidades universitárias, seu esforço não foi apenas o de materializar os lugares de ensinamento mas também o de, entre os poucos modernos, abraçar uma dedicada carreira de educador paralela à sua atuação de prancheta. Principal responsável pela criação do mais prestigioso programa de pós-graduação do Brasil, o da FAUUSP, foi virtualmente o "inventor" do TGI, os trabalhos finais de graduação, hoje consagrados em todas as escolas. Aprimorar o processo de formação de novos arquitetos e paralelamente o de novos professores foi importante meta perseguida pelo educador que se descobriu fonte de conhecimento a ser compartilhado com outros como forma de "doação" pelo ato de educar.

Sede do IBIT (Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose), Salvador, 1942
Franca colaboração entre o arquiteto e o médico José Silveira. A foto registra o edifício após reforma que introduziu *brises* na fachada

ARQUIVO JOSÉ SILVEIRA

J. MOSCARDI (ARQUIVO LÚCIO GRINOVER)

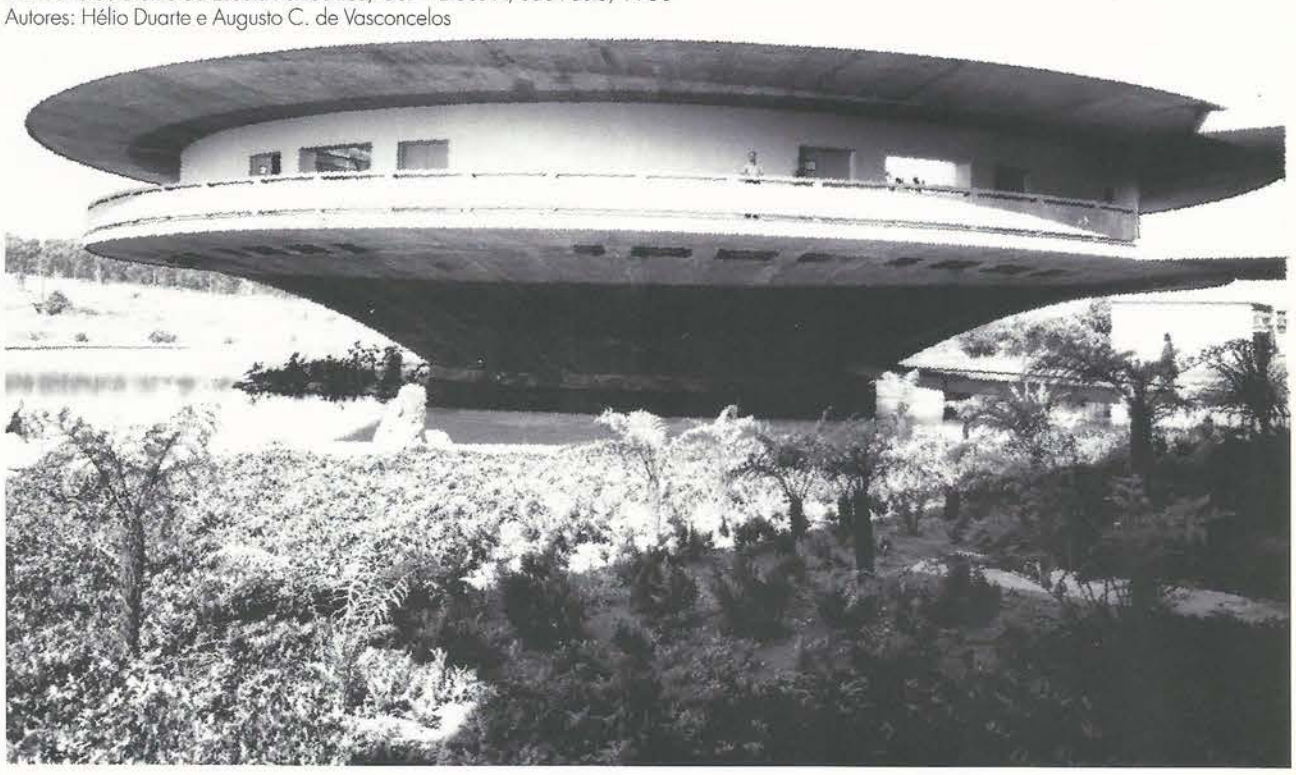
Sede das Indústrias ROMI, São Paulo, 1964
Autores: Hélio Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto J.G. Tibau

Procurando novos caminhos de pesquisa, Hélio Duarte escreve e publica *Roteiro do* replanejamento da *Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira; Nossa Senhora da Conceição de Almofala*/Ceará, um alerta para defesa de um patrimônio histórico; *Espaços flexíveis, uma tendência em arquitetura*, discutindo racionalização, industrialização, modulação dos espaços sem perda da dimensão humana e humanizadora da arquitetura; *Escolas-classe e escola-parque: uma experiência educacional*, um tributo a Anísio Teixeira.

O espírito sensível e investigativo de Hélio Duarte levou-o a incursões na arte do desenho, da pintura e da poesia, estimulado desde 1919 por seu interesse na cultura oriental, o que culminou com a publicação *Permanência do fazer artístico no Japão* e uma bolsa com viagem de estudos da Fundação Japão, em 1977, ano em que um antigo sonho iria ser finalmente realizado.

Alexandre E. Lipai e Hugo Segawa

Anfiteatro do Biênio da Escola Politécnica/USP – Bloco A, São Paulo, 1960
Autores: Hélio Duarte e Augusto C. de Vasconcelos



J. MOSCARDI

Cidadela da Liberdade

Concepção e projeto da exposição:
André Vainer e Marcelo Carvalho Ferraz

A experiência de Lina Bo Bardi no Sesc Fábrica da Pompéia

O Sesc Pompéia é resultado de uma arrojada idéia de equipamento destinado ao lazer urbano: o aproveitamento de uma construção industrial paulista que, por representar um expressivo marco em sua época, foi preservada pela instituição. A idéia que motivou seu restauro surgiu da preocupação em criar um ambiente vital e ativo, mutável dentro de um espaço histórico. Assim, pudemos vislumbrar suas paredes e, ao ser removido o acabamento exterior de suas vigas e pilares, tivemos revelada a antiga técnica construtiva, o que permitiu o contato com as formas originais da construção.

Constatar que a Pompéia é um patrimônio cultural envolve reconhecer que a preservação de seu espaço não foi feita apenas para salvar uma edificação do passado, mas também para ressignificar essa construção, adequando-a às novas formas de utilização, atribuindo-lhe novos significados. Um espaço transformado de um equipamento consagrado à produção econômica em outro, dedicado à produção cultural.

A exposição *Cidadela da Liberdade* é uma recuperação visual das etapas do projeto arquitetônico e do processo de restauro, executado e coordenado pela arquiteta Lina Bo Bardi. Ela mostra também parte dos diversos programas desenvolvidos em seus diferenciados espaços. Um registro de uma trajetória marcada pela concretização de ações dirigidas para a melhoria da qualidade de vida e do desenvolvimento cultural da população.

Danilo Santos de Miranda
Diretor do Departamento Regional do Sesc no Estado de São Paulo

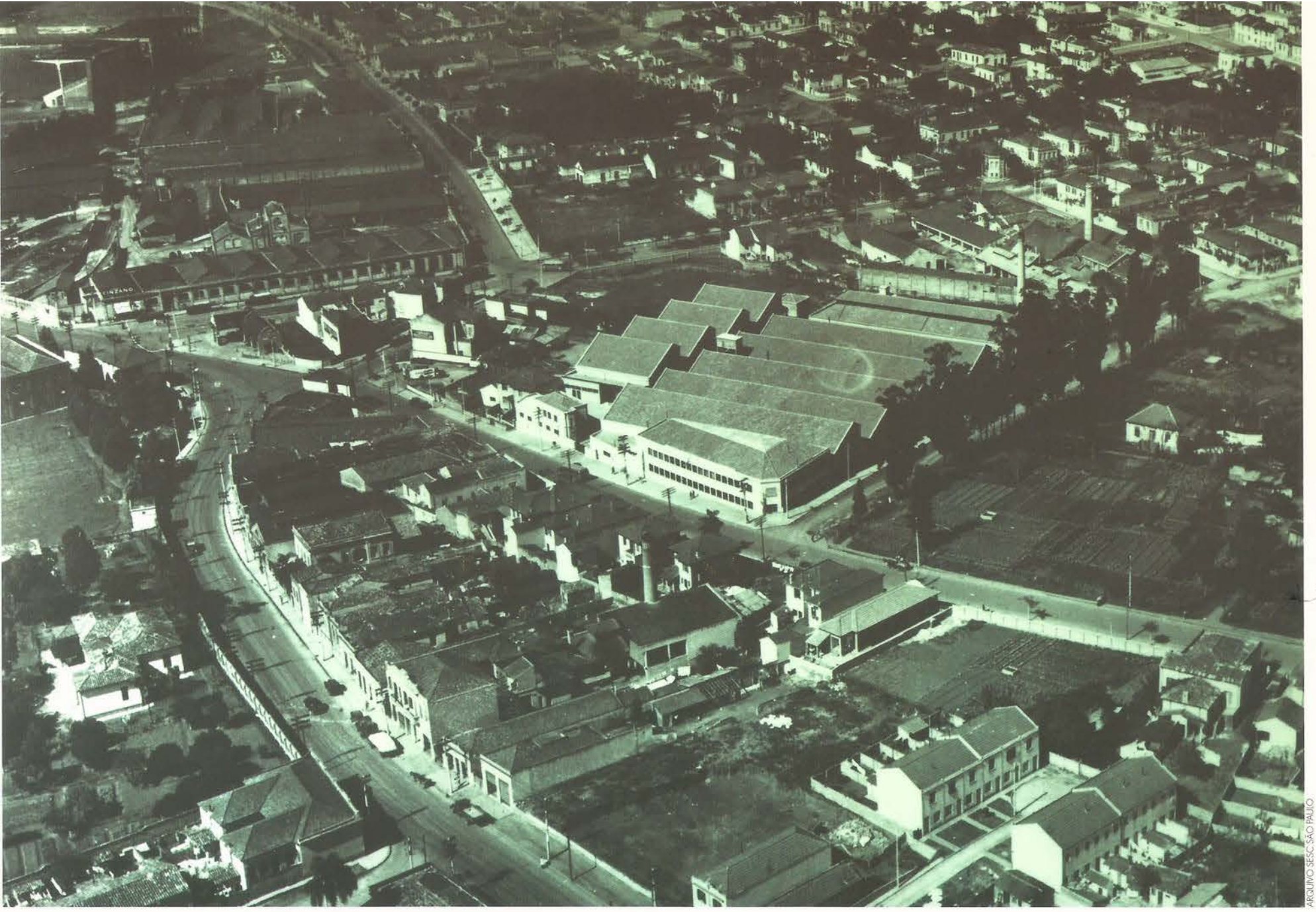
A idéia para a exposição *Cidadela da Liberdade* é apresentar o projeto de Lina Bo Bardi de uma das obras mais significativas deste século, no âmbito da cultura e do lazer: são estudos, desenhos, textos, projetos técnicos e uma grande documentação fotográfica da obra em andamento, dos trabalhadores em todos os níveis – engenheiros, mestres, operários, artistas – e das atividades, em 17 anos de intenso uso pelo rico e variado público.

É uma mostra que atende a diferentes interesses, sejam eles ligados às questões técnico-arquitetônicas, sejam ao simples desfrute de uma documentação rica e variada, no intuito de reafirmar o papel da arquitetura na formação das cidades.

O Centro de Lazer – Sesc Fábrica da Pompéia é uma das iniciativas mais felizes, em todos os sentidos que o termo possa conter: acerto de propósitos, projeto, programação, uso e inserção na realidade urbana. É uma ilha, um oásis, na barbárie de nossas metrópoles.

André Vainer e Marcelo Carvalho Ferraz
Arquitetos

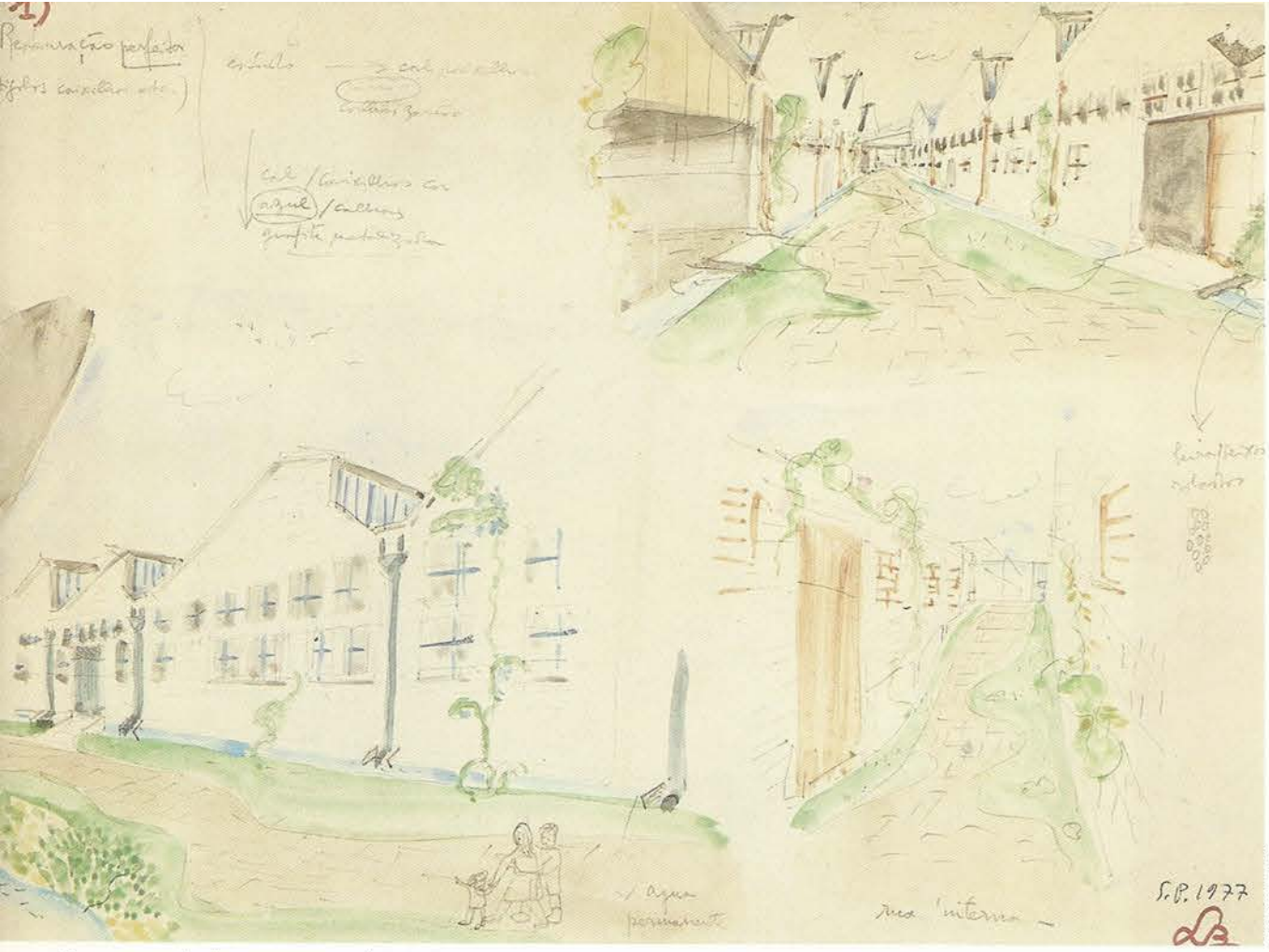
Obs.: Essa exposição está sendo apresentada no Sesc Pompéia, Rua Clélia, 93



ARQUIVO SESC SÃO PAULO

Fábrica da Pompéia e Seu Entorno, em 1940

ARQUIVO SESC SÃO PAULO. FOTO: PAQUITO



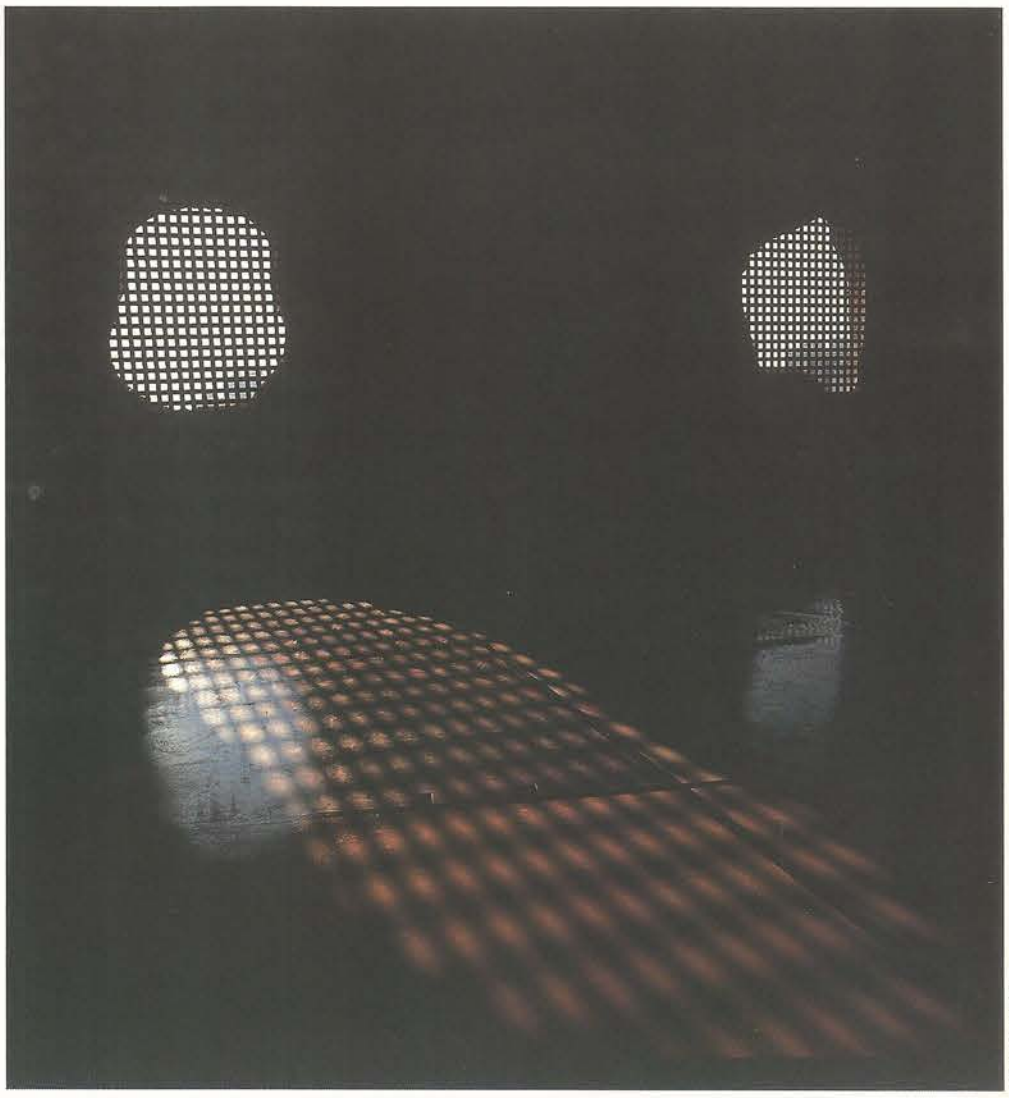
ARQUIVO LINA BO

Primeiros estudos da rua interna e galpões

Rua interna

Evento no Sesc Pompéia, 1982

Janelas do bloco novo



ARQUIVO LINA BO

Mario Botta

Organização:
Mario Botta

Centro de Tradições Judaicas e Sinagoga Cymbalista Tel-Aviv, Israel (1996-1998)

Um lugar para rezar e um lugar para debater – uma sinagoga e um salão de conferências, um lugar onde o religioso e o secular podem reunir-se. Foi essa a incumbência que recebi de Paulette e Norbert Cymbalista, quando me confiaram a construção de um edifício novo no câmpus da Universidade de Tel-Aviv.

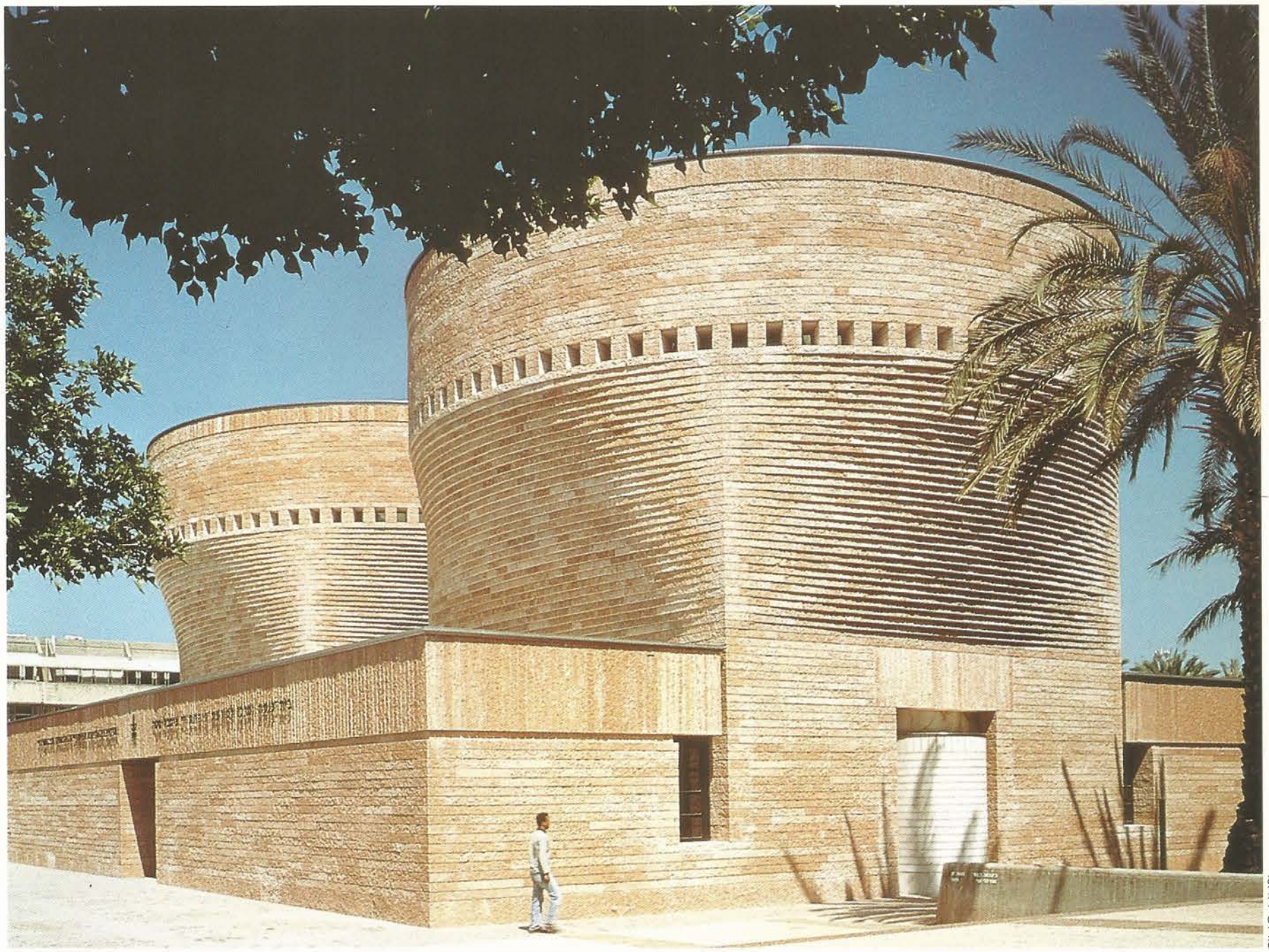
O local apropriado foi escolhido em reunião com as autoridades universitárias em janeiro de 1996: uma esquina do gramado principal onde se realizam grandes assembléias estudantis – localização que asseguraria a percepção imediata de que o novo edifício estaria a serviço dos próprios alunos.

No mundo de hoje, os arquitetos raramente recebem encargos com metas tão claras e precisas quanto as desse projeto: construir dois espaços de funções distintas, mas de desenho unificado; e exprimir a necessidade espiritual de que todas as pessoas partilham. Minha concepção do projeto amparou-se não só nas idéias claras dos clientes sobre o que eles próprios queriam mas também em sua generosidade. Estou convencido de que qualquer projeto que resultasse dessa incumbência teria de ser simples e vigoroso.

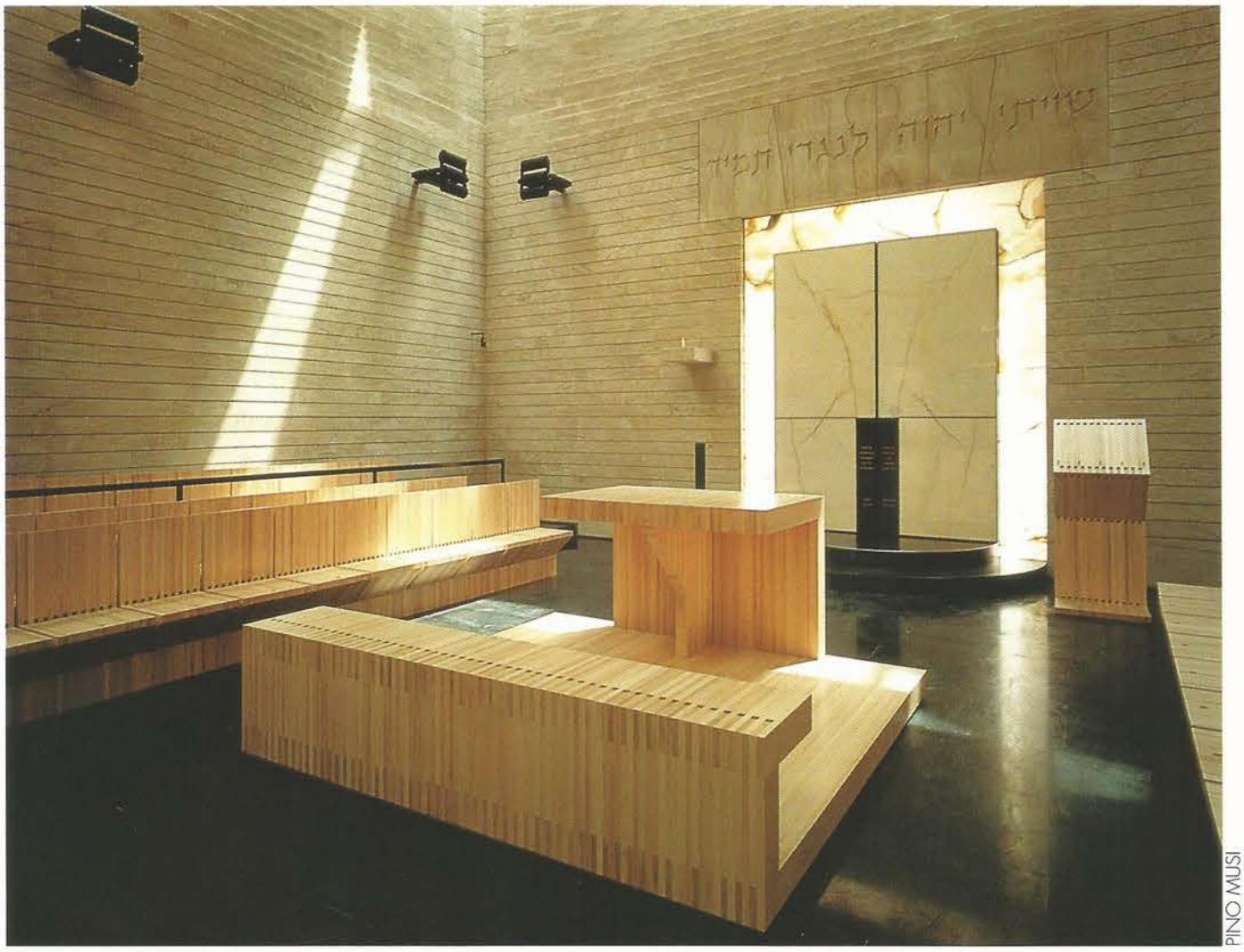
O edifício especificado pelos Cymbalistas tem duas áreas interligadas, separadas e distintas. Como tal, o projeto dá unidade à imagem de duas torres ligadas, no andar térreo, por um saguão de atendimento a usuários. As fundações quadradas das duas torres elevam-se em forma de conóide que se transforma em círculo na altura do telhado. Ambas as torres são construídas com os mesmos materiais – *pietra dorata* (pedra "dourada" da Toscana) por dentro, pedra de Verona por fora – e ambos os interiores são iluminados de cima exatamente do mesmo modo. Assim, geram espaços geométricos idênticos, projetados para funções diferentes, tal como uma criatura de duas cabeças a apresentar misteriosa dualidade de prováveis significados e funções.

No entanto, os verdadeiros temas – independentemente da qualidade funcional óbvia da sinagoga e do salão de conferências – são inteiramente arquitetônicos, uma vez que as características intrínsecas dos próprios espaços têm absoluta prioridade. Apesar de ambas as torres serem realmente bem pequenas, o que nelas impressiona são os exteriores à guisa de escultura e as proporções incomuns em relação ao volume útil. A aparência da estrutura, totêmica e enigmática, desafia os usuários a procurarem saber o que de fato o edifício comunica – tanto na qualidade de espelho de sua época quanto na de repositório de milhares de anos de memória.

Mario Botta, abril de 1998



PINO MUSI



PINO MUSI

Mies van der Rohe

Curadores:
Fernando Vásquez
Marcelo Carvalho Ferraz

O principal objetivo que inspirou a exposição sobre Mies foi o de apresentar a obra arquitetônica de um dos maiores arquitetos do século XX. Com essa finalidade em mente, a exposição foi concebida com um caráter abrangente e informativo sobre sua produção artística.

Na exposição, mostram-se, por fotografias inéditas (da *Editora Blau*) e painéis com plantas e documentação técnica, os trabalhos europeus que o consagraram como um dos grandes arquitetos da modernidade, além dos projetos realizados nos Estados Unidos e das grandes obras de arte de seu período final.

Além de sua produção arquitetônica, formam parte da exposição reproduções de seus textos mais importantes, traduzidos para o português, e uma coleção de peças de mobiliário emprestada pela empresa Forma.

Acredita-se que com essa exposição será possível alcançar uma compreensão ampla do trabalho do arquiteto, permitindo aos leigos iniciarem-se no conhecimento de uma das experiências mais criativas da arte moderna e aos especialistas a oportunidade de comparar, 30 anos após sua morte, as diferentes peças de arte que a genialidade do arquiteto criou nos mais de 60 anos de pausada atividade criativa.

Europa, 1886-1936

Na cidade alemã de Aachen, em 27 de março de 1886, nascia Maria Ludwig Michael Mies Rohe, que mais tarde seria conhecido como Mies van der Rohe, um dos mais importantes arquitetos do século XX. O jovem, filho caçula de um marmorista, morou em sua cidade natal até 1905, quando se mudou para Berlim em busca de um futuro mais promissor.

Na capital do Império alemão, iniciou-se como desenhista, trabalhando para o arquiteto Bruno Paul. Por seu bom desempenho no escritório, foi-lhe dada a oportunidade de projetar sua primeira casa para o filósofo Alois Riehl (1907). Esse encargo seria determinante para o aprofundamento de Mies nas questões filosóficas e estéticas que lhe acompanharam a vida toda. Também graças a seu bom desempenho, ele conseguiu, em 1908, ingressar no escritório de Peter Behrens, o mais importante arquiteto alemão da época. Para ele, trabalhou até abrir seu próprio escritório, em 1912.

Durante os primeiros anos de sua carreira independente, recebeu poucos encargos que não evidenciavam uma imagem moderna, porém, obras como a casa Perls (1910-1911) ou a casa Werner (1913) indicavam já um domínio das proporções e uma ausência de ornamentos que prenunciavam as tendências futuras.

No início dos anos 20, realizou os trabalhos *utópicos* que lhe dariam fama: *Arranha-Céus de Cristal* (1921 e 1922) e *Casas de Campo* (1923 e 1924). Durante esses anos, o trabalho de defesa e criação de uma nova sensibilidade dá ao arquiteto o status de um importante artista. Essa atividade fervilhante permitiu-lhe ser o responsável pelo projeto para a *Weissenhofsiedlung* (1925-1927), em Sttutgart. Como diretor artístico, Mies conseguiu juntar os esforços dos mais reconhecidos arquitetos modernos na construção de um bairro que se transformou em importante expressão da nova sensibilidade.

RUI MORAIS DE SOUZA

Crown Hall, Sede da Escola de Arquitetura e do Instituto de Design, Illinois Institute of Technology, Chicago, Estados Unidos, 1950-1956

Em 1928 foi convidado pelo governo alemão para projetar o pavilhão para a Exposição Internacional de Barcelona. Assim, realizaria um dos mais importantes exemplos da arquitetura moderna: o Pavilhão de Barcelona (1928-1929). No entanto, o Pavilhão teve uma vida curta, pois foi demolido em 1930. Ainda assim, o pequeno edifício constou de todas as referências à arquitetura moderna deste século e foi reconstruído em 1986.

Paralelamente ao Pavilhão, Mies trabalhou no projeto da Vila Tugendhat (1929-1930), para a cidade de Brno, na antiga Tchecoslováquia. A casa é um palácio moderno, luxuoso e elegante, totalmente relacionado com a sensibilidade que definiu os espaços do Pavilhão. Complementando seu trabalho de arquiteto, Mies projetou para essas obras vários móveis (poltronas Barcelona e Tugendhat, cadeiras Brno, e mobília tubular).

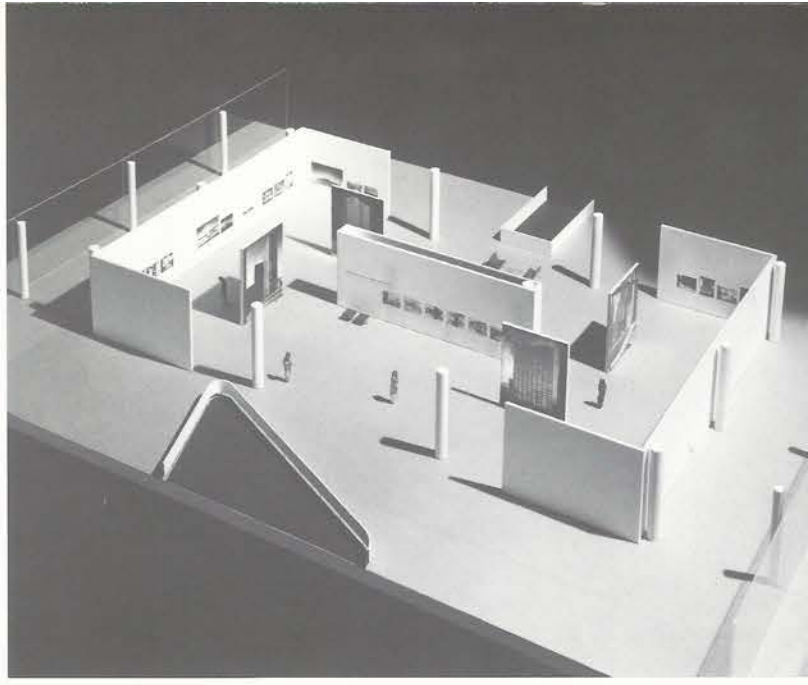
Com o sucesso de sua arquitetura, foi convidado, em 1930, para ser diretor da Bauhaus. Mies assumiu a escola ainda em Dessau, porém, por questões políticas e financeiras, decidiu se mudar para Berlim no mesmo ano. Foi o último diretor da escola, já que esta seria fechada definitivamente em 1933.

Estados Unidos, 1937-1969

A instabilidade da Europa em 1937, o domínio do espaço cultural berlinês pelo aparato de propaganda nazista e a crise financeira forçaram o traslado de Mies para os Estados Unidos, onde recebeu a oferta de assumir a direção do departamento de arquitetura do Armour Institute of Technology (Illinois Institute of Technology).

Casa Farnsworth, Plano, Illinois, Estados Unidos, 1946-1951

RUI MORAIS DE SOUZA



Maquete da Sala Especial "Mies van der Rohe", V Bienal de Arte de São Paulo, 1959

Mies iniciou seu trabalho em Chicago com dois projetos: a casa Resor (1938) e o Câmpus do IIT (1939-1957). Nesse câmpus se destacam o Alumni Memorial Hall (1945), o Prédio das Caldeiras (1945-1950), a Capela (1949-1952) e o Crown Hall (1950-1956).

Além de seu trabalho no IIT, Mies aprimorou seu talento no campo da arquitetura de moradias na residência que fez para Edith Farnsworth (1946-1951), que lhe encomendara o projeto de uma casa de campo em Plano, Illinois. A casa é considerada atualmente a mais delicada criação da arquitetura de Mies.

Em paralelo a sua atuação no IIT, Mies desenvolveu ainda uma intensa atividade profissional como arquiteto com a Herbert Greenwald, que deu a Mies os encargos de seus primeiros trabalhos de grande escala: Promontory (1946-1949) e 860-880 Lake Shore Drive (1948-1951), onde Mies utilizou pela primeira vez os perfis "I" soldados aos montantes da caixilharia, criando a imagem do arranha-céu de cristal e aço que se difundiria pelo mundo como representante formal do *Estilo Internacional*.

Graças a essa atividade, recebeu o encargo de projetar o Seagram (1954-1958), em Nova York, hoje o mais representativo e venerado dos arranha-céus de aço e vidro da arquitetura moderna.

Brasil, 1957-1962

Durante esses anos de grande atividade profissional, Mies recebeu a incumbência de projetar o Consulado Americano (1957-1962), em São Paulo. Situado num terreno de frente para a Avenida Paulista, entre as ruas Rio Claro e Itapeva, Mies projetou um prédio de aço e vidro de três andares, sendo um semi-enterrado, com uma distribuição de planta organizada em torno de dois pátios com as quatro fachadas de janelas de piso a teto. O conjunto se elevaria sobre um pódio de mármore com uma escadaria da rua ao andar térreo. O acesso assumia seu caráter monumental pela organização dos corpos verticais das escadas internas que se apresentam ao exterior como duas caixas de mármore.

Pavilhão Alemão para a Exposição Internacional de Barcelona, Espanha, 1928-1929 (desmontado em 1930 e reconstruído em 1986)

RUI MORAIS DE SOUZA

RUI MORAIS DE SOUZA

Edifício de Apartamentos Weissenhofsiedlung, Stuttgart, Alemanha, 1927

O projeto foi abandonado pelos americanos, deixando São Paulo sem uma obra de arte de um dos mais importantes arquitetos do século. Todavia seu trabalho no projeto rendeu para a cidade uma visita do mestre em 1957, em que aproveitou para fazer uma série de conferências para estudantes, visitar Lúcio Costa no Rio de Janeiro e conhecer o projeto de Brasília.

A participação de Mies no cenário paulista complementa-se com a presença de seus trabalhos nas Bienais de Arte. Na I Bienal (1951, com: *860 Lake Shore Drive, Casa de Caldeiras* e *Casa Farnswoth*); as mesmas obras foram apresentadas na II Bienal (1953), dentro dos trabalhos enviados pelo MoMA; por último, na V Bienal (1959), uma *Sala Mies van der Rohe*, projetada pelo próprio arquiteto, apresentou obras européias (*Arranha-Céu de Cristal, Pavilhão de Barcelona* e *Casa Tugendhat*) e obras norte-americanas (*Seagram, 860 Lake Shore Drive* e *Promontory*).

A "Volta" a Berlim, 1952-1967

Sua última obra foi a Neue Nationalgalerie (1962-1967), em Berlim, obra de uma grandiosidade opulenta e herdeira do mais sofisticado e apurado desenho do artista. É, sem lugar a dúvidas, o canto final da carreira de um artista preocupado com detalhes. Nela se encontra o resultado final do processo de criação que se iniciou com o projeto para os *Escritórios Bacardi* (1957-1958), em Santiago de Cuba, e que continuou com o projeto para o Museu Schaefer (1960-1963), em Schweinfurt.

Mies van der Rohe trabalhou incansavelmente até sua morte, em Chicago, no dia 17 de agosto de 1969. Neste ano comemoramos 30 anos do desaparecimento de um dos artistas mais apurados e geniais do século XX.

Casa Tugendhat, Brno, Eslováquia, 1928-1930 (restaurada em 1986)

RUI MORAIS DE SOUZA

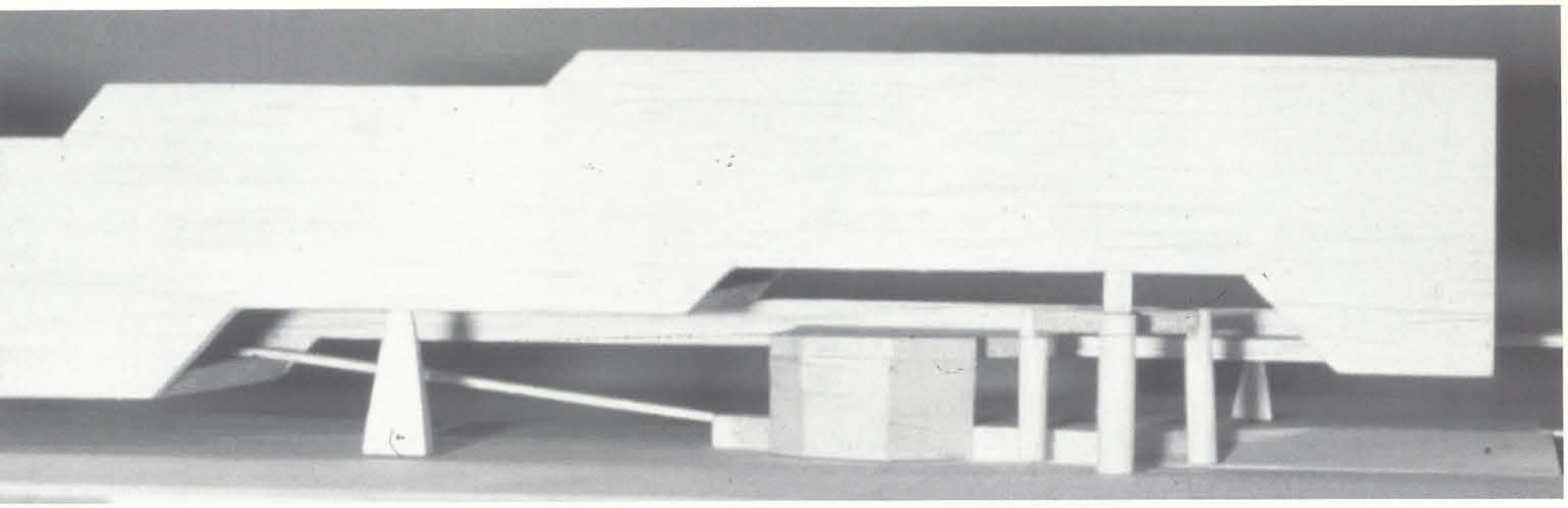
Paulo Mendes da Rocha

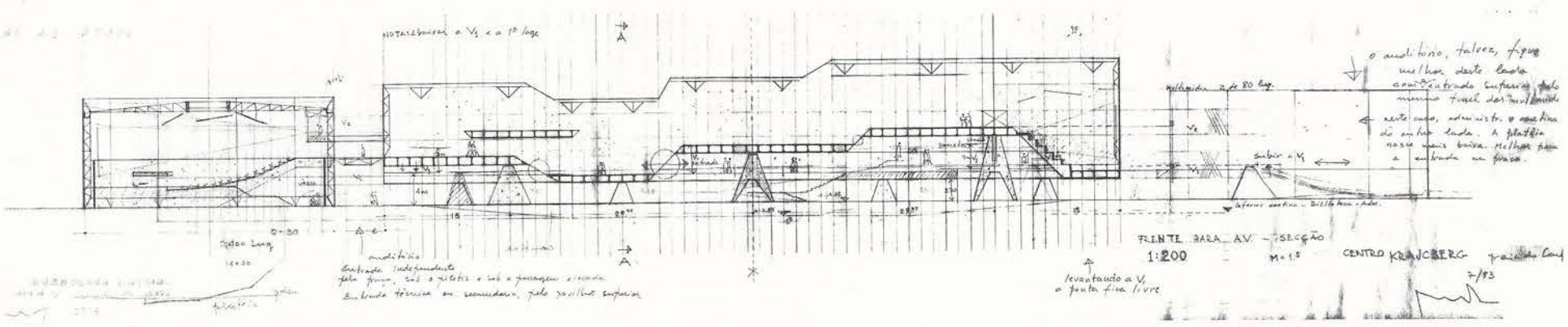
Concepção:
Paulo Mendes da Rocha

Para o olhar que busca na arquitetura tão somente um repertório de soluções, os desenhos de Paulo Mendes da Rocha são literalmente invisíveis; para o senso comum habituado às formas, sua economia é desconcertante, a inteligência da obra construída quase sempre, um enigma.

Há, em Paulo Mendes da Rocha, a tensão de um duplo movimento, aquele que entrevê as possibilidades das ciências e das técnicas, e o que se detém sobre o sentido dos caminhos percorridos. Talvez essa tensão seja própria da experiência das Américas, se por experiência entendermos a compreensão dos limites, a marca de nossa circunstância. A América ainda é um campo de possibilidades, mas o colonialismo foi um "erro histórico". Retomar o percurso sem os enganos dessa herança depende essencialmente de uma vontade e uma convicção, de um modo de conhecimento concentrado em repensar a situação e o lugar onde se está. No entanto, seu projeto distancia-se de nossa precária tradição artesanal e de referências européias das elites do país; guardam ambas os efeitos da era colonial, os extremos de pobreza e riqueza produzidos por essa história. E assim como a erudição, com sentido em culturas já maduras, arrisca-se aqui a um mero formalismo, o afeto pelas formas construtivas do passado não deve bloquear o impulso do pensamento. Se a percepção do que somos, do que nos tornamos, carrega o travo de um dualismo entre nós e os outros, talvez a natureza tenha sido, sempre, nosso Outro. O projeto de Paulo Mendes da Rocha parece lançar-se por sobre essa cisão. O que procura não é uma identidade, mas a intimidade com o país. Seu desenho abre-se ao território, à geografia e à capacidade técnica em tomar a natureza como possibilidade e não como destino. Uma paisagem construída com seus rios navegáveis, as máquinas e as cidades, disponível a novas sociabilidades no continente.

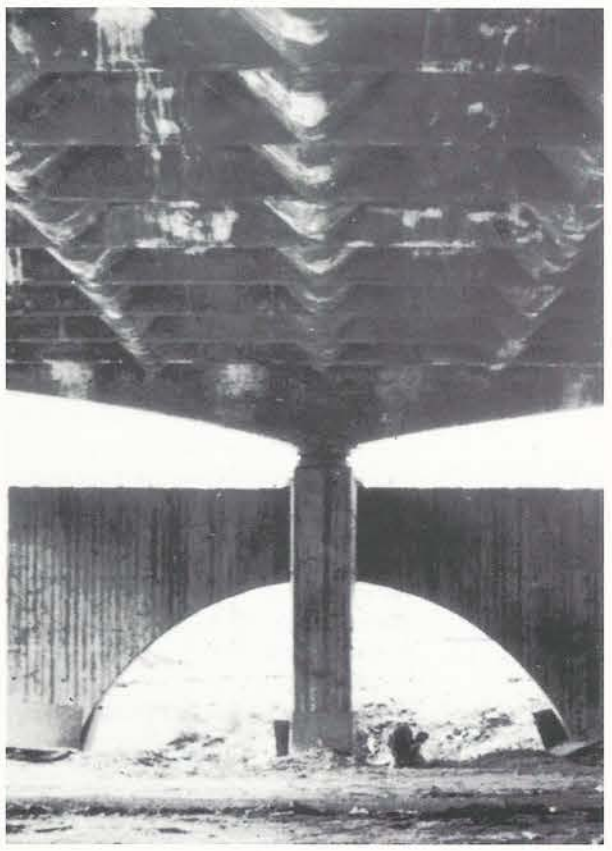
Maquete e Croqui do Museu de Arte de Vitória





MUBE – Museu Brasileiro da Escultura

Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Osaka – Expo 70

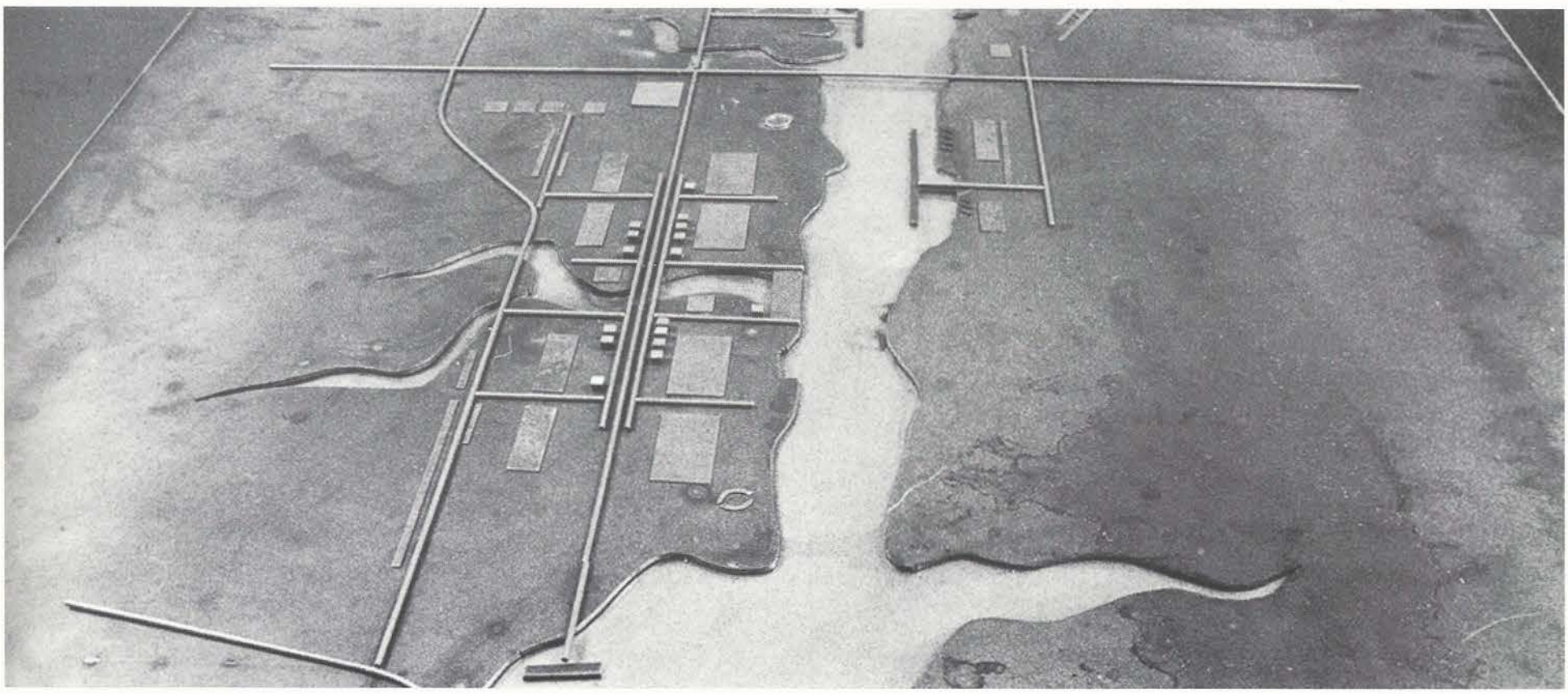


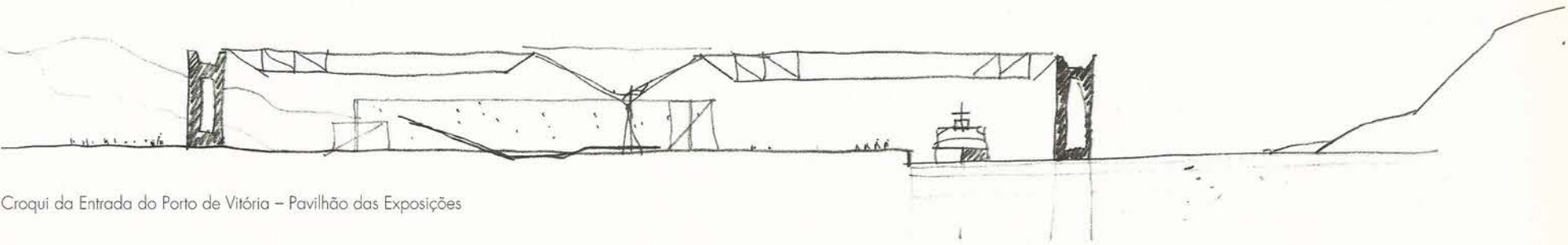
Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Osaka – Expo 70

Entre a memória e a imaginação, seu movimento quer dissolver a oscilação entre o contínuo e o descontínuo, revertendo os termos: em lugar do isolamento criador do artista, a imaginação parte do que já se fez e do que se conhece como tecnicamente possível na moderna arquitetura do país. E se detém no que nos preocupou e nos preocupa ainda, nos campos social e político. O descontínuo, o novo, seria a invenção espantosa da memória, a possibilidade da incessante reinvenção de um sentido comum, coloquial e, por isso, essencialmente popular. Como a música.

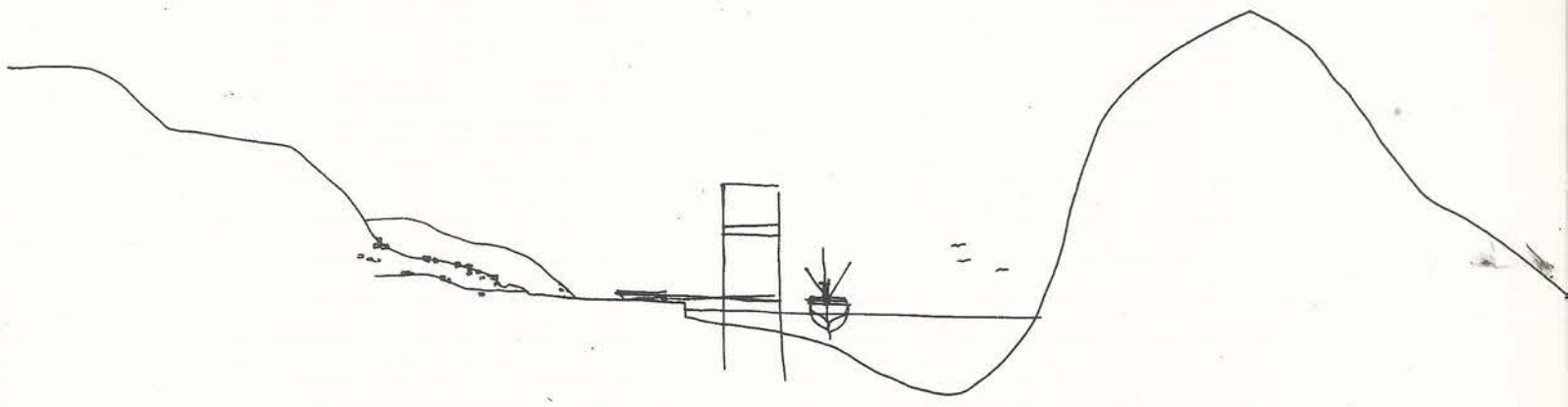
O projeto revê, assim, a idéia moderna de expansão da racionalidade na vida cotidiana. Aqui, ao contrário, a técnica acolhe as reverberações, mais do que reflexos, da ordem e do imprevisível.
A contenção formal não proviria, portanto, de uma ascese ou de um esquema essencial; as estruturas não são abstrações, são antes elementos expostos ao máximo em sua disposição de se manterem como unidades discretas – pilar, viga, empena, cobertura.

Maquete da Cidade Fluvial no Tietê





Croqui da Entrada do Porto de Vitória – Pavilhão das Exposições



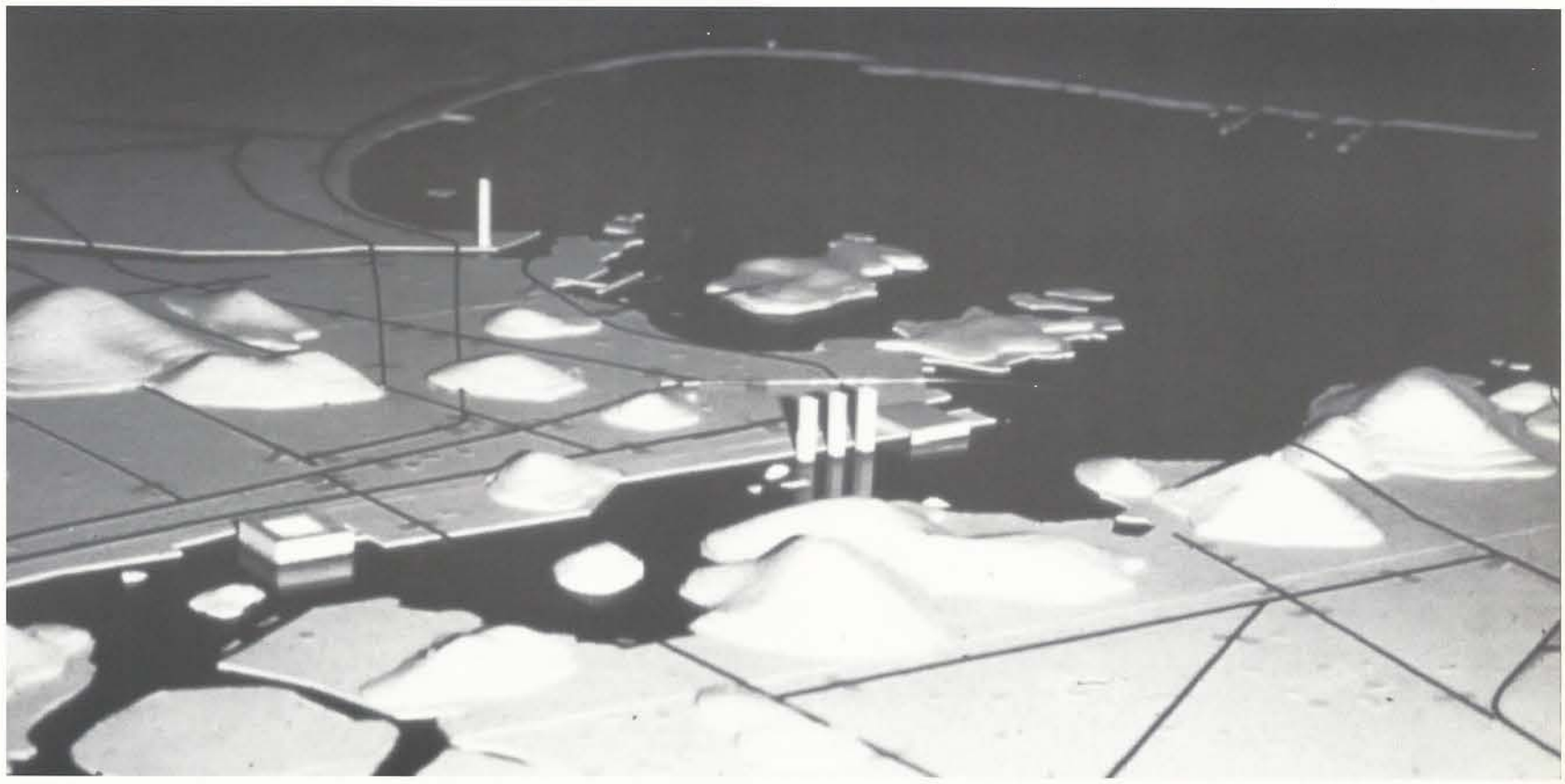
Croqui da Entrada do Porto de Vitória – Centro Empresarial

O projeto aspira a uma unicidade que não resulta, exatamente, da autonomia de um "objeto", um produto, mas de uma delicadíssima articulação entre superfície e construção, controlada apenas pela geometria e pela escala. Um *continuum* vertical que faz do corte o seu desenho primeiro. Os projetos de Paulo Mendes da Rocha escapam da figuração porque são proposições programáticas. São ações, não formas. Desenhos sem imagem que permitem, por isso, todas as imagens. Mas não seria essa a vocação mais bela da América?

Longe de algum discurso do "coletivo", o percurso singular do arquiteto, sua mobilidade contemporânea talvez se devam, mais do que tudo, a um projeto com a lúcida consciência da responsabilidade e dimensão pública de qualquer individualidade.

Sophia S. Telles

Maquete da Baía de Vitória – Urbanização da Esplanada do Suá



Villanueva Momentos do Moderno

Curadores:
William Niño Anaque
Carmen Cecilia Araujo

Carlos Raúl Villanueva (1900–1975) é o emblema do artista moderno; pertence ao grupo de arquitetos que desponta a partir dos ideais do romantismo e revela-se contra a tirânica subordinação ao conceito da representação. Por meio de suas qualidades criativas, conseguiu construir um espaço em que o moderno, a tradição e seus princípios básicos não eram antagônicos.

Primeiro momento. Queda do ecletismo: Mestrança de Maracay, Museu de Belas Artes, Museu de Ciências.

"Vou tratar de falar de arquitetura: grave e perigosa matéria; a arquitetura não é, de fato, o cenário obrigatório de toda a nossa vida? Nesse cenário nascemos, atuamos e morremos."

Segundo momento. A primeira modernidade: Escola Gran Colombia, Reurbanização de El Silencio, Zona Médica e Estádio Olímpico da Cidade Universitária de Caracas.

"Gosto dos materiais que por sua sinceridade plebéia permitem-me desafiar a estúpida presunção do exibicionismo. Entre eles, me atrai particularmente o concreto armado, o símbolo do processo construtivo de todo um século, rugoso, dócil e forte como um elefante, monumental como a pedra, pobre como o tijolo."

Terceiro momento. A plena modernidade: Cidade Universitária de Caracas, Conjunto Central (Praça Coberta, Sala Magna, Biblioteca Central), Faculdade de Arquitetura.

"(...) em síntese, a composição já não aparece como mera sucessão de sólidos e vislumbra-se como uma possível e ilimitada prolongação e interpretação de espaços, reciprocamente, sem obstáculo aparente: os espaços interiores e exteriores já não se dão as costas, deixaram de ser inimigos."

Quarto momento. O compromisso social, o funcionalismo extremo: Urbanização 23 de Janeiro, Casas Caoma e Sotavento.

"A arquitetura é um ato social por excelência, arte utilitária, como projeção da própria vida, ligada a problemas econômicos e sociais e não unicamente a normas estéticas. Para ela a forma não é o mais importante: sua principal missão é resolver feitos humanos."

Quinto momento. A busca do minimalismo: Museu Soto, Cubos de Montreal.

"Construir sem necessidade de utilizar materiais seria o ideal. O edifício tem sua importância pelo conteúdo vivente que abriga. Gostaríamos de construir uma forma ideal, sem nada de inútil, tão lógica e pura que já não existiria diferença apreciável entre tetos, muros e espaços naturais."

Cidade Universitária de Caracas, Praça Coberta, vista do pátio do "Pastor de Nubes" de Jean Arp

Cidade Universitária de Caracas, Praça Coberta, vista do efeito da luz

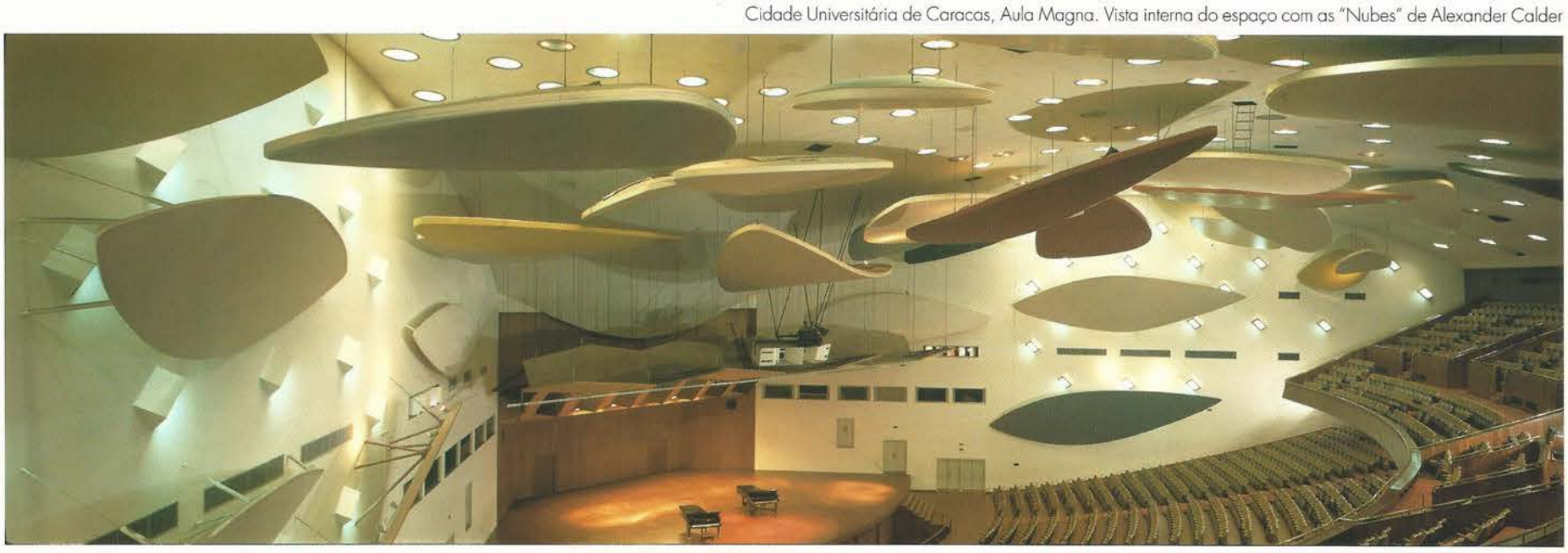
Villanueva concebe a forma como algo que cresce e crescendo se constrói; o espaço é simplesmente sua zona vital, seu construir-se em uma dimensão. O edifício não é mais um volume compacto e terminado em um espaço determinado, mas é, ao mesmo tempo, princípio e fim desse espaço. A arquitetura já não será algo que se olha de fora, mas algo que se vive de dentro para fora. Seu projeto é íntegro, total e contínuo; reflete-se nas forças das formas em movimento que, como uma epifania, integra as variações da luz, das sombras e do ar na expressividade de uma atmosfera planejada nas bordas da cobertura e na dimensão sossegante que adquire o concreto.

Villanueva não propôs uma forma arquitetônica, mas um método harmonizado na base cultural de uma nação com geografia própria. Em sua obra, história e modernidade não são antagônicas. A partir de 1945 evolui de uma modernidade abstrata e autônoma para uma modernidade figurativa que se enriquece com a mimese do vernacular e da história real. Superando a polaridade em que se havia construído a estética do século XX: a luta entre a abstração e a mimese, sobre um suporte cartesiano e estritamente racional, introduziu as situações mais inesperadas como fundamento de uma poética tropical e irrepetível. Villanueva pertence a uma "segunda geração" de arquitetos modernos internacionais que demonstram como o projeto das vanguardas, ao se aplicar-se à América Latina em condições totalmente diferentes das que deram sua origem na Europa, revitalizou-se e humanizou-se.

Josep Maria Montaner. *A Modernidade Superada*, Barcelona: Gustavo Gili, 1977.

Cidade Universitária de Caracas, Aula Magna. Vista interna do espaço

Cidade Universitária de Caracas, Aula Magna. Vista interna do espaço com as "Nubes" de Alexander Calder



Zanine Caldas

Curadoria:
Projeto Cultural A CASA e Silvio Maciel

"Precisamos crescer para estar à altura da natureza do Brasil."

Zanine

Para se entender a arte extraordinária de José Zanine Caldas, antes de mais nada é preciso entender o homem. Nascido em 1919, em Belmonte, no sul da Bahia, ele sempre foi um homem fascinado com a construção, com a transformação, com a feitura das coisas.

Sua essência é sentir e fazer.

Grande humanista, ele pode ser descrito como uma mistura de trabalhador, autodidata, arquiteto, filósofo, designer etc.

Criador de espaços sedutores, belos, agradáveis, ele talvez seja mais um ordenador do que um criador. É que Zanine nunca se preocupou com estilos, ele quer apenas edificar da maneira mais natural possível, dentro de nossa realidade de país tropical, com farta matéria-prima fundamental, que é a madeira, mas da maneira mais bela e inteligente possível também. Acredito ser esse o objetivo de Zanine.

A origem da palavra matéria tem a ver com a raiz de *mater*, ou seja, matéria, madeira, mas também tema e assunto. Sujeito e objeto. É o grande tema de Zanine. Tema que, não por coincidência, é o nome de sua terra, o Brasil. Fundou em 1983 o DAM (Fundação Centro de Desenvolvimento das Aplicações das Madeiras do Brasil) para que sua intenção sobreviva a ele.

Zanine tem sua história pessoal integrada com seu país.

A verdade é que ele é um brasileiro da estirpe de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Darci Ribeiro, Paulo Mendes da Rocha, João Gilberto, Tom Jobim, mestres em suas artes, mas principalmente mestres em brasilidades.

A trajetória profissional de Zanine também explica sua estética. Começou sua carreira fazendo maquetes de arquitetura no Rio de Janeiro e mais tarde se mudou para São Paulo, trabalhando principalmente para o arquiteto Oswaldo Arthur Bratke.

Quando ainda se dedicava às maquetes, Zanine já contribuía com os arquitetos que as encomendavam com palpites e soluções muitas vezes bem-vindos.

Entre fazer reproduções da arquitetura alheia e edificar a própria, Zanine foi criador dos famosos móveis Z, nos anos 50, fabricados em São José dos Campos, em sociedade com um empresário chamado Pontes. Assim surgiu a famosa fábrica de móveis Zanine e Pontes, cujo mobiliário era uma espécie de arquitetura no estilo dos anos 50, feita na escala da ergonomia humana. Assim, seus bares parecem edifícios, e seus móveis, casas; sempre com direito a muitos pilotis, pérgolas e formas derivadas de amebas ou bumerangues. Esteticamente, o mobiliário de Zanine dos anos 50 é filho de dois criadores extraordinários, que produziram uma mistura finíssima. Um dos maiores artistas gráficos deste século, Alexey Brodovitch, editor da revista *Harper's Bazaar* por 24 inesquecíveis anos, que também desenhou peças semelhantes no mesmo estilo; e o sensualista, arquiteto, fotógrafo e designer italiano, o fabuloso Carlo Mollino, cujas formas têm tudo a ver com as de Zanine. Esse mobiliário tinha ainda o mérito de ser desmontável e de baixo custo.

Entre os anos 60 e 70, Zanine construiu dezenas de casas no bairro de Joatinga, no Rio de Janeiro, um local de geografia privilegiada, situado entre São Conrado e a Barra da Tijuca. Realizou aí uma arquitetura ao mesmo tempo colonial e moderna, cuja escolha de material como portas, janelas e gradis de época tinha o intuito de prover um senso histórico às suas construções.

O uso do madeirame e de grandes panejamentos de vidros conferiam, por outro lado, o caráter moderno a essas construções.

Mais tarde, nos anos 70, criou um mobiliário natural, feito com toras, que ele ainda reinventa até hoje. Chamados de naturais por alguns e brutalistas por outros, tem o estilo do mobiliário que fez a fama de Alexandre Knoll no começo dos anos 50.

Dentro de suas preocupações sociais, Zanine participou de projetos de autoconstrução em que aplicava sua capacidade de trabalhar a madeira para projetos de construções de baixo custo.

A humanidade é uma coisa só. Assim ele se exprimiu em sua arquitetura, que pode ter influência indo-portuguesa, africana, colonial, mas que se sentiria em casa em quase meio mundo, literalmente.

O arquiteto cuja cabeça está além da estética pura, do mesmo jeito que é um visionário da edificação, começa a pensar também a cidade e as pessoas. Logo começa a filosofar, e pior, a fazer política. Essa é a grandeza e o perigo da arquitetura em todo o seu potencial.

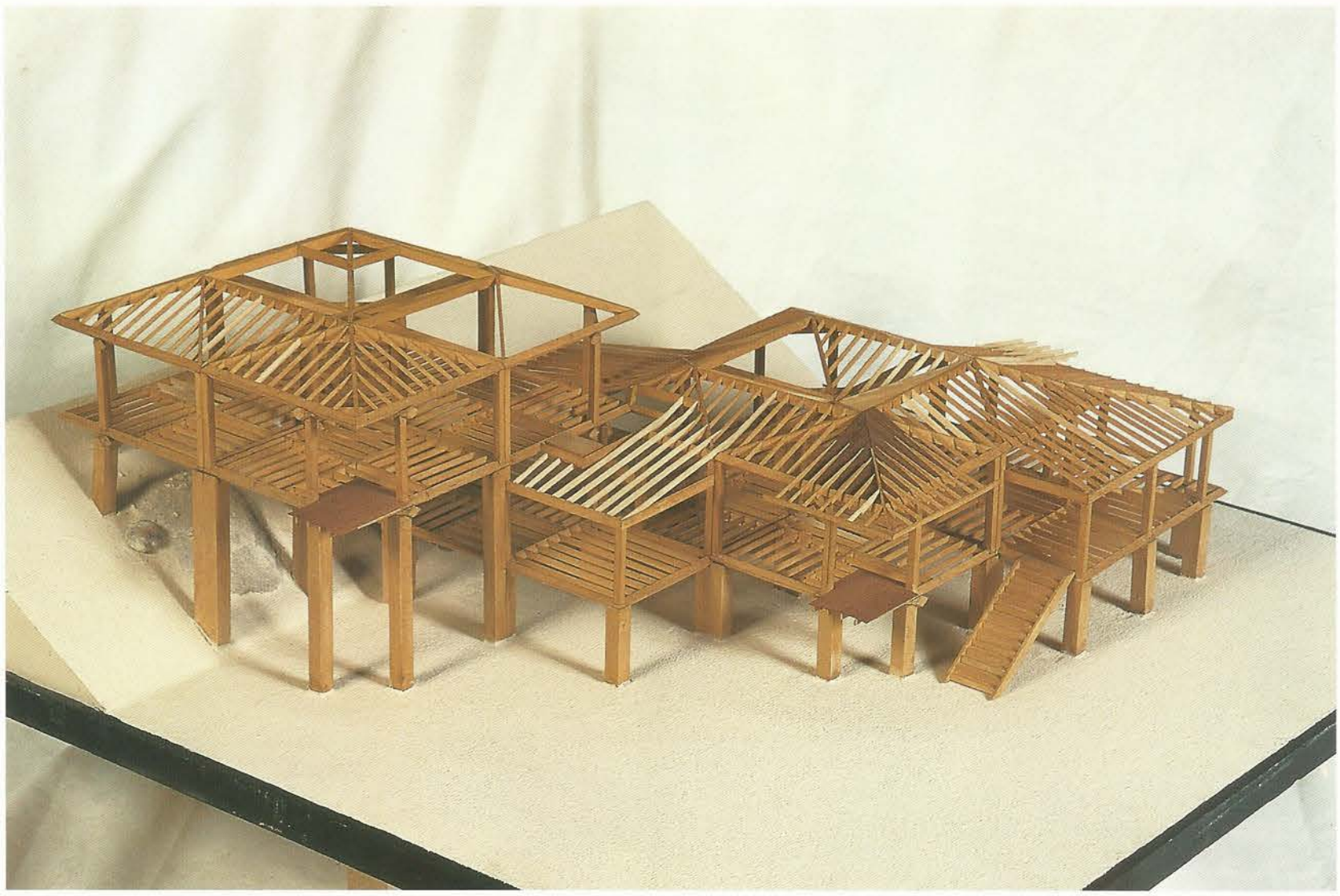
Zanine sempre foi "do contra", porque sempre sentiu o Brasil como uma terra de potencial extraordinário, de povo inventivo, mas sempre um tanto aviltado por suas condições sociais e políticas.

Durante muitos anos, Zanine foi o centro de uma polêmica que tentou impedi-lo de construir por não ser um profissional diplomado. Hoje é unanimidade na esfera acadêmica que Zanine é um doutor honoris causa, que dispensa qualquer diploma para realizar suas muitas artes.

Autodidata ou profissional com larga experiência, Zanine tem uma obra de resultado elegante e interessante. Sua obra é pessoal, ímpar, revestida de uma brasilidade única. Sua visão espacial nunca passa despercebida, não se entra num espaço de Zanine impunemente, eles são sempre impressionantes.

Suas obras são feitas para se inserirem harmoniosamente na natureza; elas têm uma relação visceral com a mata brasileira. É como se ela lhe ditasse seus cânones.

A riqueza fundamental de Zanine é sua brasilidade, tendências e modismos não querem dizer nada para ele. Seus mestres e deuses têm nomes tão sonoros quanto pequi, juerana, maraçanduba, angelim, goiabeira, acariquara, catana do pequi e angelim-pedra. Zanine Caldas, exemplar único de uma brasilidade quase perdida, mas não esquecida, mesmo num mundo global e massificado.



"Sua maneira de projetar e construir está diretamente relacionada com essa sua capacidade de manipular os materiais mais simples e toscos, como a madeira, a pedra, as alvenarias etc., em geral encontrados onde está trabalhando, extraindo deles um resultado elegante e refinado, corretamente integrado à paisagem local, sem se apoiar em modismos de época ou estilos do passado. Sou grande admirador de seus trabalhos."

Oswaldo Arthur Bratke

"Zanine é um caso feliz de autodidata. Sua escola foi a própria vida e seu caminho, natural e inevitável."

Oscar Niemeyer

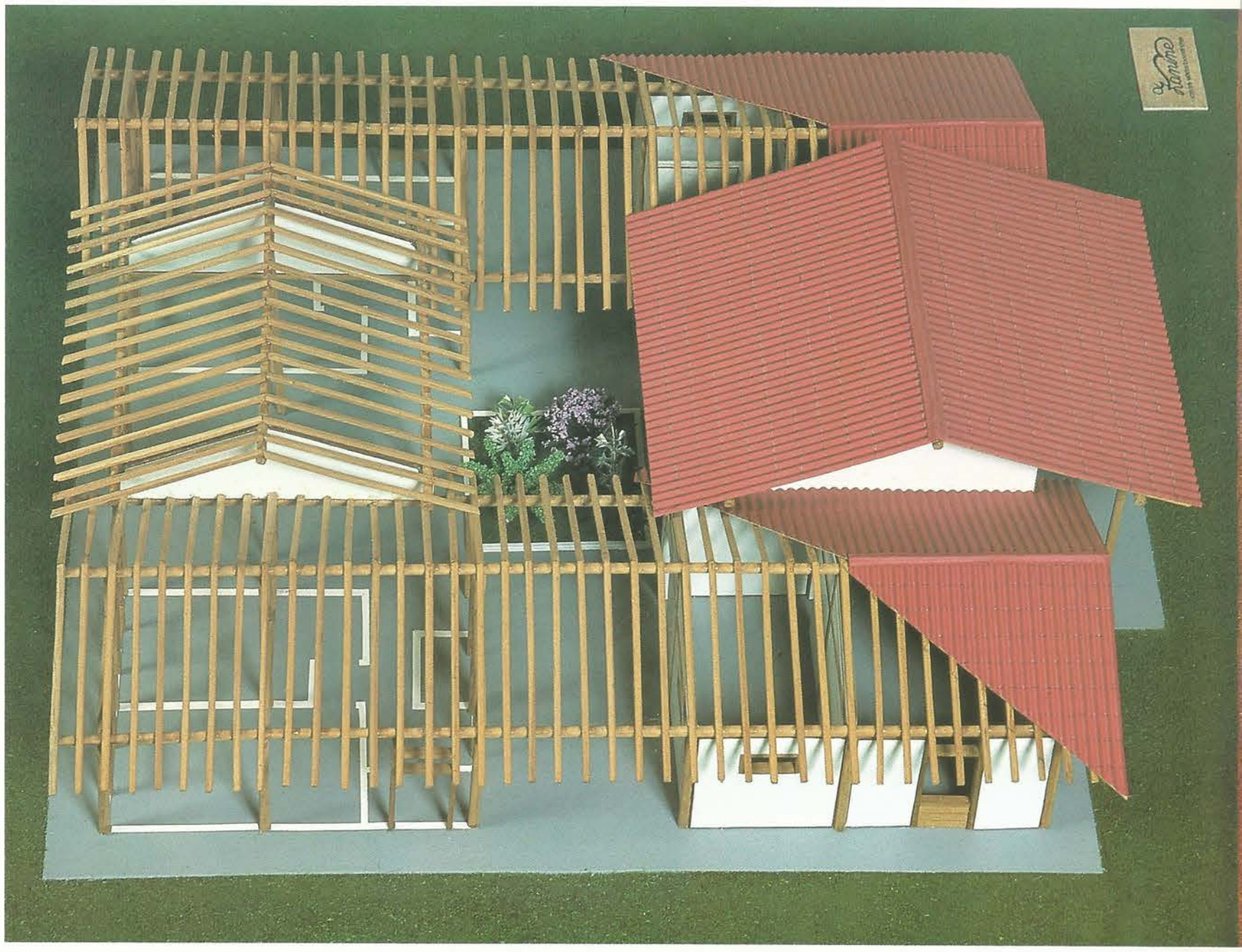
"Zé Zanine mostra e sempre mostrou espaços lindos que emolduram os espaços fora!!!"

Sérgio Bernardes

"Quando eu próprio comecei a fazer casa, vi como era definitiva a obra de Zanine. Todos aqueles encaixes com a madeira etc. Na casa que fiz no sítio de minha mãe, foi ele quem me ajudou. Também dr. Lúcio Costa contribuiu para nossa aproximação. Eram conversas intermináveis em sua casa."

Tom Jobim

João Pedrosa



China Antiga e Nova: Pequim – Xangai Projeto do Trem 2000

Concepção:
Hu-Xian Cheng

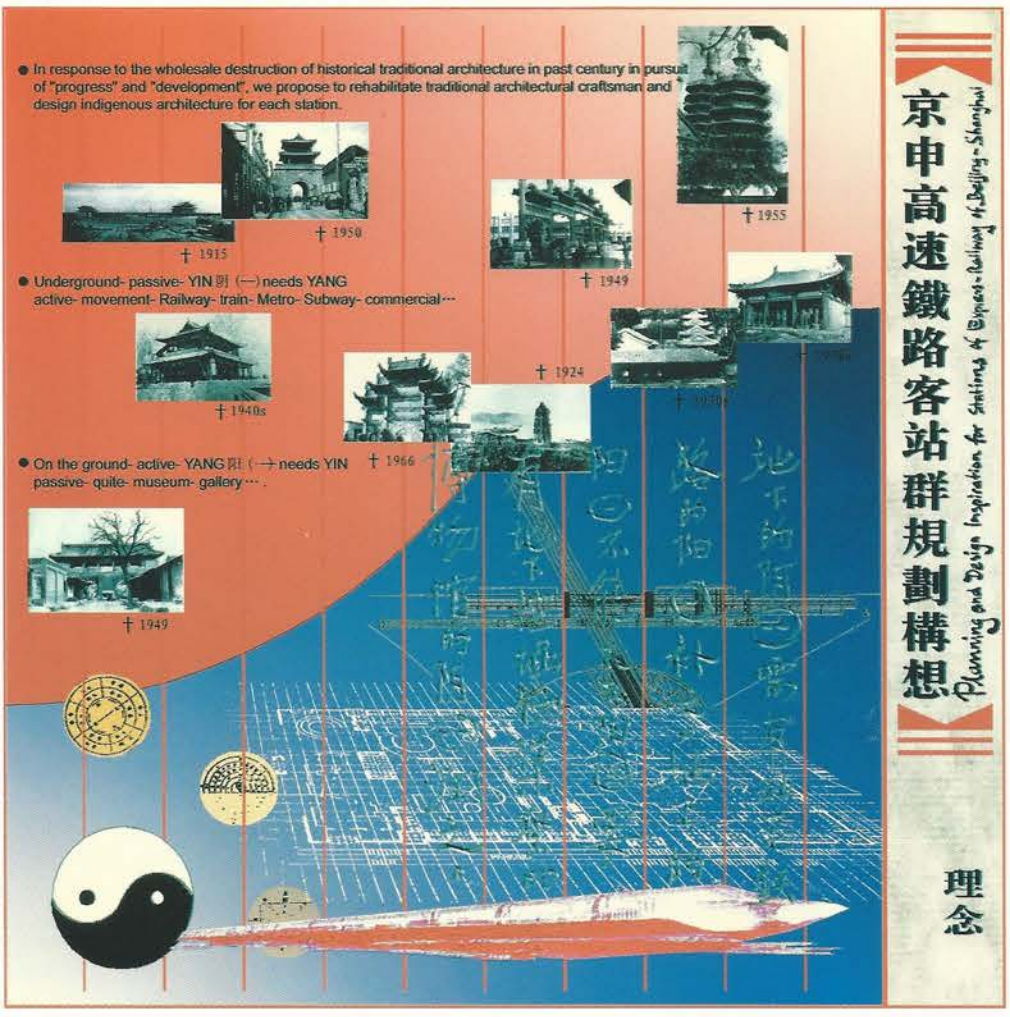
Curador:
Chang Tzong-Zung

Para o novo milênio, está em processo de planejamento na China um supertrem ligando Pequim e Xangai. Para este projeto, mais de duas dúzias de estações serão construídas entre Xangai e Pequim. Em resposta à destruição indiscriminada da arquitetura histórica nas recentes décadas de busca desenfreada do "desenvolvimento" (a estimativa é de que 70% da arquitetura antiga existente foi demolida em 1990), nós propusemos reabilitar a arquitetura tradicional e adotar as raízes locais em cada estação. Para a construção térrea, cada estação será no estilo regional local, construída com técnicas tradicionais autênticas. Esta proposta pretende despertar e estimular o interesse pela arquitetura nativa (construída autenticamente), de modo que as características regionais possam ser preservadas. É importante que as construções não sejam simplesmente imitações, mas construídas com materiais tradicionais e técnicas próprias. Todas as facilidades modernas e construções em estilo moderno, incluindo o saguão principal, lojas e linhas de estradas de ferro serão colocadas no subsolo.

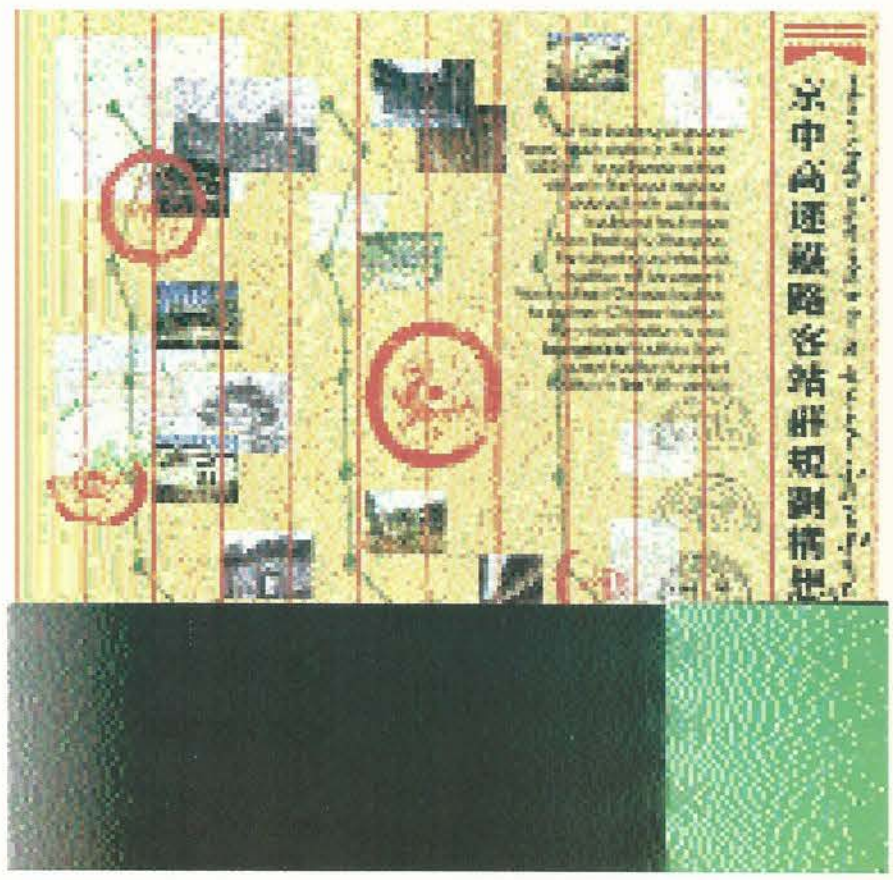
As construções tradicionais acima do térreo serão usadas com objetivos culturais (museu e/ou galeria de artes e/ou sala de concertos). Quando os viajantes chegarem a cada estação, perceberão o verdadeiro sentido de lugar. Como monumentos culturais, estas estações se tornarão destinos em si próprias, não apenas para viajantes como também para cidadãos locais.

Objetivos da proposta:

1. Instilar orgulho e autoconfiança na cultura local.
2. Resgatar memórias culturais perdidas, reconstruindo o mundo visual demolido no processo de modernização.
3. Reavivar ofícios artesanais tradicionais (principalmente arquitetônicos) em perigo de ser permanentemente perdidos.
4. Encorajar estilos regionais para quebrar a monotonia da arquitetura genérica atual.
5. A arquitetura pública deve servir a propósitos culturais. Estas estações de trem serão usadas também como galerias de arte, museus, teatros de ópera e ou centros de atividades auto-sustentáveis.
6. A China tem uma necessidade desesperadora de novos museus públicos. Há apenas algumas dezenas na nação inteira, ainda assim insuficientemente subsidiados. As novas estações ajudarão a suprir esta necessidade. Como museus, essas construções deverão exibir artefatos culturais locais. Atualmente, a maioria das coleções de arte não está à vista do público por falta de oportunidades. Além disso, artefatos importantes são geralmente transferidos para coleções maiores na capital em vez de serem mantidos em seus locais, fragilizando a identidade cultural nas regiões.
7. Nós esperamos recuperar tanto a cultura visual como as atividades culturais "invisíveis", por longo tempo perdidas no processo de modernização. Cultura "invisível" inclui costumes locais e celebrações festivas. Parte da conseqüência de reviver tais atividades é o crescimento da indústria do turismo. Economicamente, o enorme investimento no projeto de desenvolvimento deste supertrem faz da operação e manutenção a principal força financeira, pelo menos durante os primeiros anos de operação. Transformar cada estação em destino turístico auto-sustentável ajuda a aliviar essa responsabilidade financeira.



8. Historicamente, figuras literárias de cada região têm sido plenamente respeitadas e tornaram-se visíveis por meio de seus escritos que enfeitam espaços públicos (incluindo placas e estrofes de poesia e provérbios sábios sobre vigas e pilares). Revivendo essa prática, nas novas estações serão incorporados escritos de figuras históricas locais na decoração arquitetônica, encorajando, desse modo, valores morais tradicionais e suscitando orgulho pela cultura regional. Em contraste, escritos públicos modernos, especificamente propagandas, serão permitidos somente nos andares abaixo do térreo.



A Experiência Imaginária da Paisagem e o Gesto Projetual na Cidade de Ouro Preto

Curadoria:
Rogério Amorim do Carmo

Essa pesquisa busca trazer uma contribuição ao estudo do projeto urbano e do desenho da paisagem, atribuindo ao olhar emotivo um caráter essencial à compreensão do ambiente em que vivemos. O espaço tem, entre outros, os significados da dimensão existencial e da poética; portanto, ao vivenciá-los, nossa capacidade de atribuir-lhes valores pode crescer, elevar-se. A ênfase nessa apreensão de valores expressa, de certo modo, uma singularidade através do olhar do pesquisador, conferindo uma sensibilidade maior à mão que desenha.

Essas questões são trabalhadas na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, e buscam compreender o encantamento desse lugar, ao mesmo tempo que exploram o processo projetual e o próprio projeto, como desígnio de intervir com esse olhar. Entende-se por gesto projetual um ensaio, um aceno – e não uma forma acabada –, que traz consigo o caráter intrínseco de uma atitude de valorização do lugar.

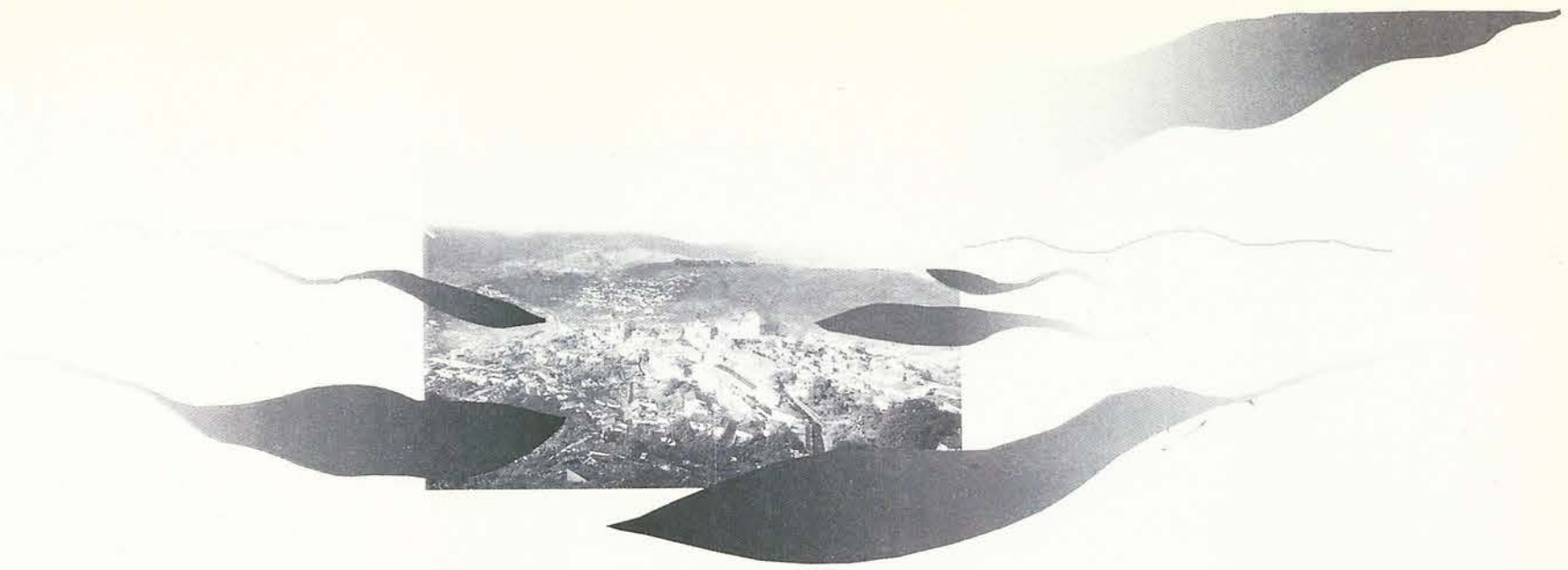
Por se considerar Ouro Preto uma cidade sedutora por sua arquitetura, história, paisagem, enfim, por toda a sua ambiência, mergulha-se no mundo das imagens, fazendo dessa experiência substância às intenções do autor. Assim, a experiência imaginária da paisagem e o gesto projetual na cidade de Ouro Preto devem expressar a verve e o olhar de quem a deseja.

A partir de uma leitura de Bachelard, Heidegger e Norberg Schulz, entre outros, consubstancia-se um arcabouço teórico que propicia o desenvolvimento da temática. Metodologicamente, recorre-se ao fecundo universo de imagens visuais e literárias que Ouro Preto oferece, produzidas por Manuel Bandeira, Drummond, Bracher ou Guignard, constituindo um material documental significativo, traduzido em material poético, revelador de determinados aspectos do encantamento de Ouro Preto. Além dessa identificação, parte do experienciar a cidade expressa-se por meio de incontáveis fotografias, extraídas de sua paisagem.

Em sua totalidade, o caráter de Ouro Preto é revelado por um conjunto de ambivalências que procuramos expressar por meio de imagens sob a forma de "estruturas imaginantes" – uma forma de olhar. Essas estruturas imaginantes, denominadas pelo pesquisador de véus reveladores e celeste subterrâneo, constituem peculiaridades ou especificidades de um olhar não-escrutinador, mas de profundidade, e com as quais se trabalha o encantamento de Ouro Preto. Se por um lado cabem aos véus reveladores as possibilidades de experienciarmos a cidade pelas ambivalências, por outro atribuímos ao celeste subterrâneo a capacidade de renovarmos, de renascermos a cada instante nessa mesma experiência e nesse mesmo lugar. Desse modo, fazemos parte de um processo, de uma inquietação, de uma transformação que torna Ouro Preto uma cidade eterna e nos eterniza por meio de sua "metáfora".

A partir dessa vivência foram criadas as bases da proposta de projeto: um ensaio projetual, que busca revelar a paisagem onírica da cidade, estabelecer aberturas para outras formas do "pensar arquitetônico", permitindo-se, assim, novas respostas de desenhar e redesenhar a paisagem.

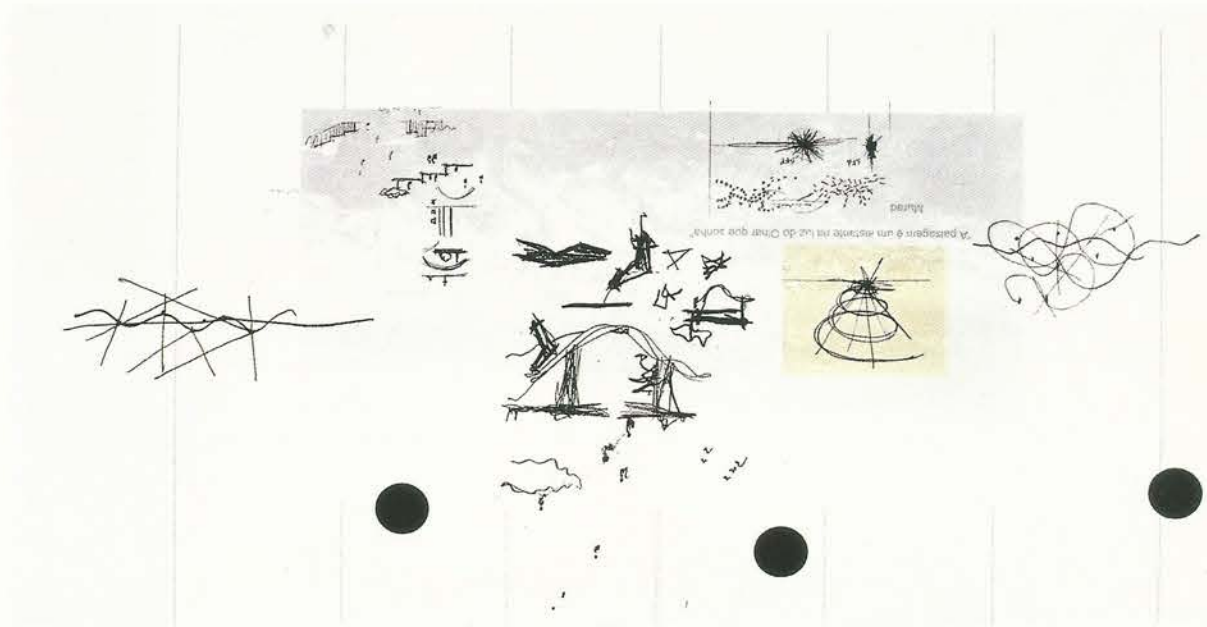
Com a intervenção, diversos pontos tornaram-se visíveis, sob diferentes formas, por meio de uma área onde percorre um curso d'água, perpassando o celeste subterrâneo e desvelando mais um dos véus reveladores da cidade.



A experiência imaginária trouxe uma contribuição significativa à apreensão do espaço e ao entendimento do lugar, na medida em que parte das qualidades "invisíveis" e não mensuráveis da cidade se manifesta nessa experiência, e parte do encantamento é de alguma forma representada em imagens com as quais identificamos o mesmo sentimento.

Verificamos que o encantamento de Ouro Preto compreende a grandiosidade e a singularidade de seu patrimônio em vários aspectos que a arquitetura, o urbanismo e o paisagismo podem abranger. Assim, seu locus, sua forma e escala, seus valores históricos, culturais e paisagísticos constituem parte desse fenômeno. Mas descrevemos a força de seu genius loci, que, em síntese, se instaura numa poética repleta de ambivalências, muitas vezes composta por elementos ocultos na paisagem da cidade, os quais, enfim, pairam em sua atmosfera misteriosa. Pelas "estruturas imaginantes" nos foi possível desvelar o encantamento de Ouro Preto. Os véus reveladores e o celeste subterrâneo, como partes integrantes de tais estruturas, aclararam-nos ainda mais, colocando-nos diante de uma nova paisagem: uma paisagem que tem sempre a nos oferecer algo de extraordinário.

A experiência imaginária, como profunda exploração, contribuiu para o conhecimento íntimo de Ouro Preto e para potencializar os devaneios intrínsecos ao ato criativo, permitindo a liberdade necessária para a produção de novas imagens, pelas quais o gesto projetual se expressa.



Em obras: História do Vazio em Belo Horizonte

Curador:
Carlos M. Teixeira

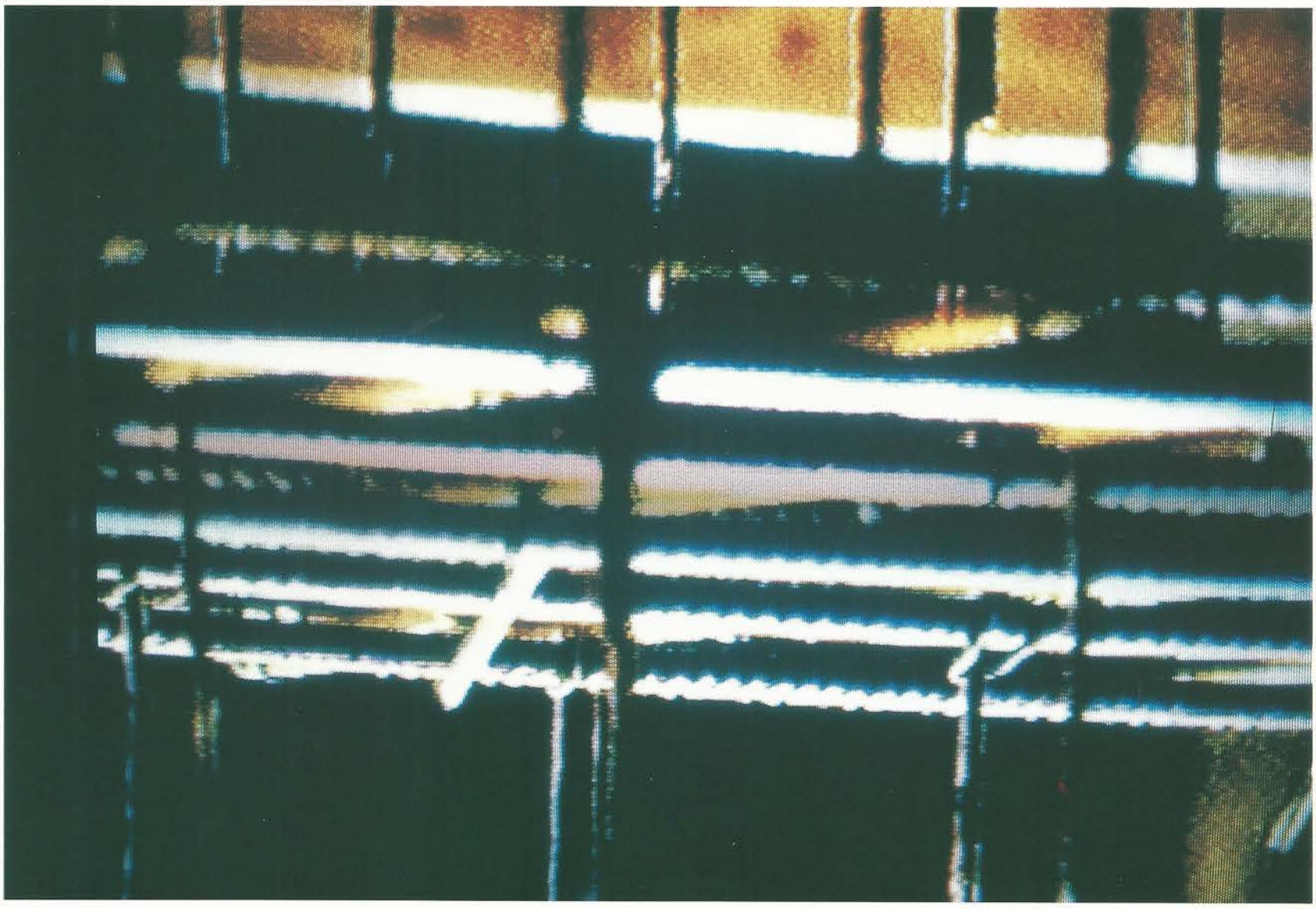
"Em obras: história do vazio em Belo Horizonte" é um espaço baseado no livro homônimo, recentemente publicado pela Cosac & Naify Edições. Adepto de uma estratégia radical – a de eleger o vazio em vez do cheio, a mobilidade em vez da fixidez –, seu autor, o arquiteto Carlos M. Teixeira, propõe aqui uma subversão do olhar no que concerne à formação e ao futuro das metrópoles. Tomando como ponto de partida as comemorações do centenário de Belo Horizonte, o autor não aposta em marcos e monumentos como formas de perpetuar a memória da cidade, mas investe, precisamente, em seu contrário: na ausência de símbolos arquitetônicos estruturados, nos ciclos de destruição e construção da cidade e na complexa vitalidade do aqui e agora. Assim, em capítulos incisivos como lâminas, *Em obras: história do vazio em Belo Horizonte* opera cortes radicais no tempo, passando em revista as inúmeras tentativas de ordenação-desordenação da capital mineira, desde o projeto positivista de Aarão Reis em 1895 (que já trazia no bojo uma série de contradições) até a explosão relativamente recente da zona suburbana, incluindo o exame de algumas das principais obras de engenharia e arquitetura dos anos 40/50. O que emerge desse conjunto é uma figura singular. Uma espécie de mantra mecânico, marcado por ciclos ininterruptos de construção e abandono cuja equivalência musical seria algo como os compassos infindáveis do Bolero de Ravel. Desse modo, ao traçar a história descontínua de Belo Horizonte, o arquiteto acaba flagrando um processo inerente a quase todas as metrópoles brasileiras – quiçá do Terceiro Mundo –, dilaceradas entre o apego a formas fixas, canônicas, e o desenraizamento total.

Esse conflito, Carlos Teixeira transporta-o para a estrutura mesma do livro e da sala, cujo entrelaçar de textos e imagens semelha, em muitos aspectos, a complexa malha viária de uma grande cidade. Daí, também, seu recurso a um leque bastante extenso de referências: da história clássica da arquitetura ao cinema, com várias incursões pela música, literatura e artes plásticas. Contudo, mais do que nos textos, é na articulação extremamente inusitada das imagens que melhor se evidencia a estratégia do autor.

Ao dispor, sem solução de continuidade, antigos cartões-postais ao lado de fotos de monumentos liquefeitos com Polaroid; ou, ainda, imagens do subúrbio de Belo Horizonte junto a fotogramas de um filme em que David Bowie envelhece cinco anos num minuto, Teixeira induz o olhar, inevitavelmente, a um exercício recorrente de curto-circuito. Talvez porque só no entrecruzamento dessas várias vias, na ramificação quase infinita das linguagens, a consciência possa – de forma urgente e vital – captar a energia que circula livremente pelos vazios da cidade.

Trabalho acima de qualquer simplificação rotuladora, *Em obras: história do vazio em Belo Horizonte* é um quase-manifesto, um relato poético-histórico feito de imagens, textos e projetos urbanos que questiona aquilo que está sendo construído em nossas cidades – e, talvez por isso, o autor tenha enfatizado a destruição e os espaços ainda não ocupados de Belo Horizonte.

Histórias
Fotos
Textos
Projetos
>I n i
Do Cartão - Postal
U r b a n a
S u b u r b a n a
Adorável Mundo Novo
C J K
LIBERDADE, Ela é o Vazio
CONCLUSÃO



Laboratório de Projeto Integrado e Participativo para Requalificação de Cortiço

Organização:
Escritório – Piloto do Grêmio Politécnico da USP e Politécnica de Turim (Itália)

Em São Paulo existem cerca de 600 mil pessoas que moram em cortiços, tipo de moradia precária e coletiva. A cidade conta ainda com milhares de imóveis desocupados. Este é um problema que afeta toda a população da cidade.

Nos últimos anos vêm ocorrendo, sistematicamente, a ocupação de imóveis abandonados no centro da cidade. Este movimento busca superar a lógica de degradação e abandono dos espaços urbanos centrais, que estão descartados temporariamente pelo mercado imobiliário, pois a cidade cresceu de forma desordenada, valorizando novas áreas - processo que contribuiu para desvalorização e degradação ambiental de locais que contam com infra-estrutura instalada, mas subutilizada.

A ocupação desses edifícios abandonados tem sido uma das formas que os movimentos sociais de moradia encontraram para chamar a atenção do poder público e da sociedade civil para a gravidade do problema habitacional:

"Estamos ocupando este prédio por falta de política habitacional."

(Frase utilizada por um dos movimentos, em faixas nas fachadas dos edifícios ocupados).

Uma requalificação verdadeira dos espaços urbanos centrais é aquela que incorpora a inclusão social da população que mora no centro.

O Laboratório de Projeto Integrado e Participativo para Requalificação de Cortiço teve como objetivos: contribuir para a melhoria da qualidade de vida no centro e na cidade de São Paulo; possibilitar aos estudantes universitários o conhecimento, a vivência prática e propositiva com a realidade habitacional da região central; executar um projeto integral de requalificação de edifício ocupado por moradores de cortiços; propor e experimentar uma metodologia multidisciplinar integrada e participativa para esse tipo de intervenção prática.

O trabalho desenvolveu-se dentro do próprio edifício, permitindo que as equipes pudessem interagir diretamente com os moradores durante os nove dias de levantamentos, diagnósticos e elaboração das propostas. Outra característica importante do trabalho foi a interdisciplinaridade que pôde ser efetivada com a formação de cinco equipes básicas: arquitetura, engenharia, sociologia, financeira e jurídico-legal. No decorrer do trabalho, a atuação das equipes e a própria metodologia foram ajustadas conforme a necessidade.

O *Laboratório de Projeto Integrado e Participativo para Requalificação de Cortiço* foi uma iniciativa que contou com o Apoio Institucional do Escritório Piloto do Grêmio Politécnico da USP e do Politécnico de Turim.

Participaram desse trabalho mais de 130 pessoas, entre estudantes, professores, pesquisadores, profissionais independentes de diversas áreas de atuação (arquitetura, engenharia, ciências sociais, direito, economia, terapia ocupacional, psicologia, história, biologia) e de diversas universidades (USP, UNITAU, PUC-SP, Universidade São Francisco, Mackenzie).

O trabalho contou com o apoio de diversas ONGs de assessoria em habitação social e direitos humanos (Usina, Peabiru, Passo, Casa, AD – Ação Direta, C e D – Cidade e Democracia, Instituto Polis, Centro Gaspar Garcia) e laboratórios e núcleos de habitação: NHDU – Núcleo de Habitação e Desenvolvimento Urbano da UNITAU, LabHab do Grêmio da FAUUSP, Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos da FAUUSP e do ITCP-USP – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares.

Escolheu-se o edifício a partir de várias visitas a imóveis ocupados pelos movimentos de moradia, levando-se em conta: a escala do edifício, a organização da população, a existência de salas para instalação de um espaço de trabalho e a localização. Foi selecionado o edifício de 13 pavimentos, localizado à rua do Ouvidor, nº 63. Esse imóvel, desocupado há vários anos, foi ocupado pelo movimento organizado "Movimento por Moradia no Centro" (MMC) há cerca de dois anos.

Ao final dos nove dias, chegou-se a uma proposta global, apresentada e discutida com as famílias moradoras no último dia de trabalho dentro do prédio. A proposta compôs-se de:

- *projeto imediato*, com a finalidade de melhorar as condições ambientais do prédio, conjugando curto prazo e baixo custo;
- *projeto de inclusão social*, com uma finalidade mais ampla, de inclusão, geração de renda, educação;
- *projeto de financiamento*, para viabilizar uma proposta de financiamento para os moradores, por meio do estudo de diferentes linhas de crédito;
- *projeto jurídico-legal*, com a finalidade de identificar a situação legal do edifício e das famílias e amparar juridicamente os outros projetos;
- *projeto definitivo das unidades habitacionais e áreas comuns*, definindo a requalificação física do imóvel para uso de habitação de interesse social.

A finalização do trabalho pautou-se na revisão e sistematização dos projetos em formatos específicos para divulgação e disponibilização para todos os participantes envolvidos, Universidades, ONGs, Movimentos de Moradia e Sociedade Civil.

Ressaltamos que o trabalho não se encerrou. Questionamentos e novas perspectivas afloram. O *Laboratório de Projeto* foi mais um passo importante na busca da compreensão de nossa realidade social e de políticas públicas alternativas de inclusão social como um exercício de cidadania.

Projeto Tamanduatehy

Realização:
Prefeitura de Santo André

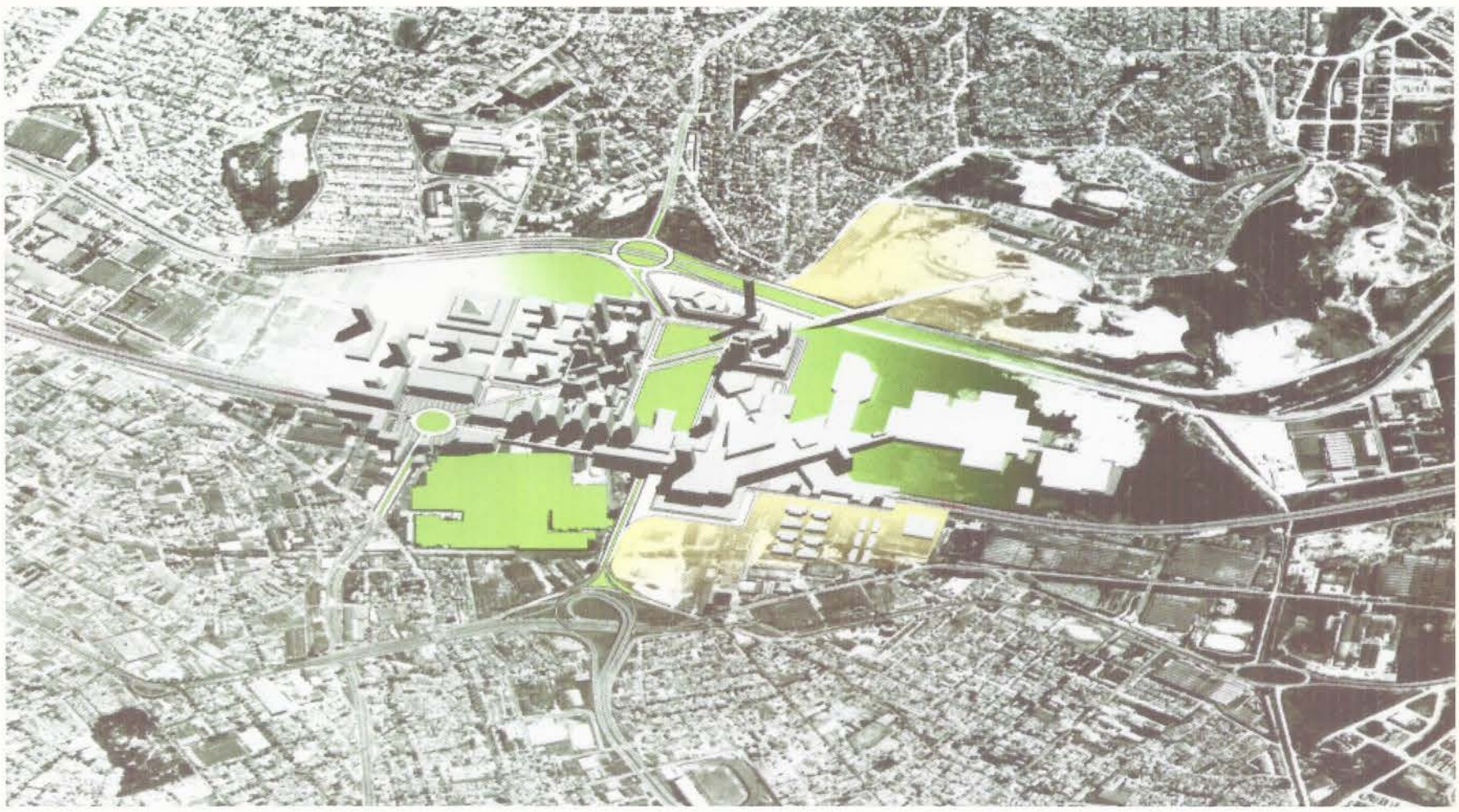
Na região do Grande ABC e no município de Santo André, a construção de uma estratégia de desenvolvimento que responda aos desafios da reestruturação produtiva tem uma dimensão urbanística. Trata-se de reorganizar o espaço urbano para atrair e posicionar atividades econômicas com função estratégica e de fazê-lo de forma a irradiar processos multiplicadores de geração de renda e trabalho, criar espaço público de qualidade, promover coesão social, reverter a segregação territorial, contribuir para a segurança coletiva, qualificar a vida urbana e afirmar o município como lugar na metrópole.

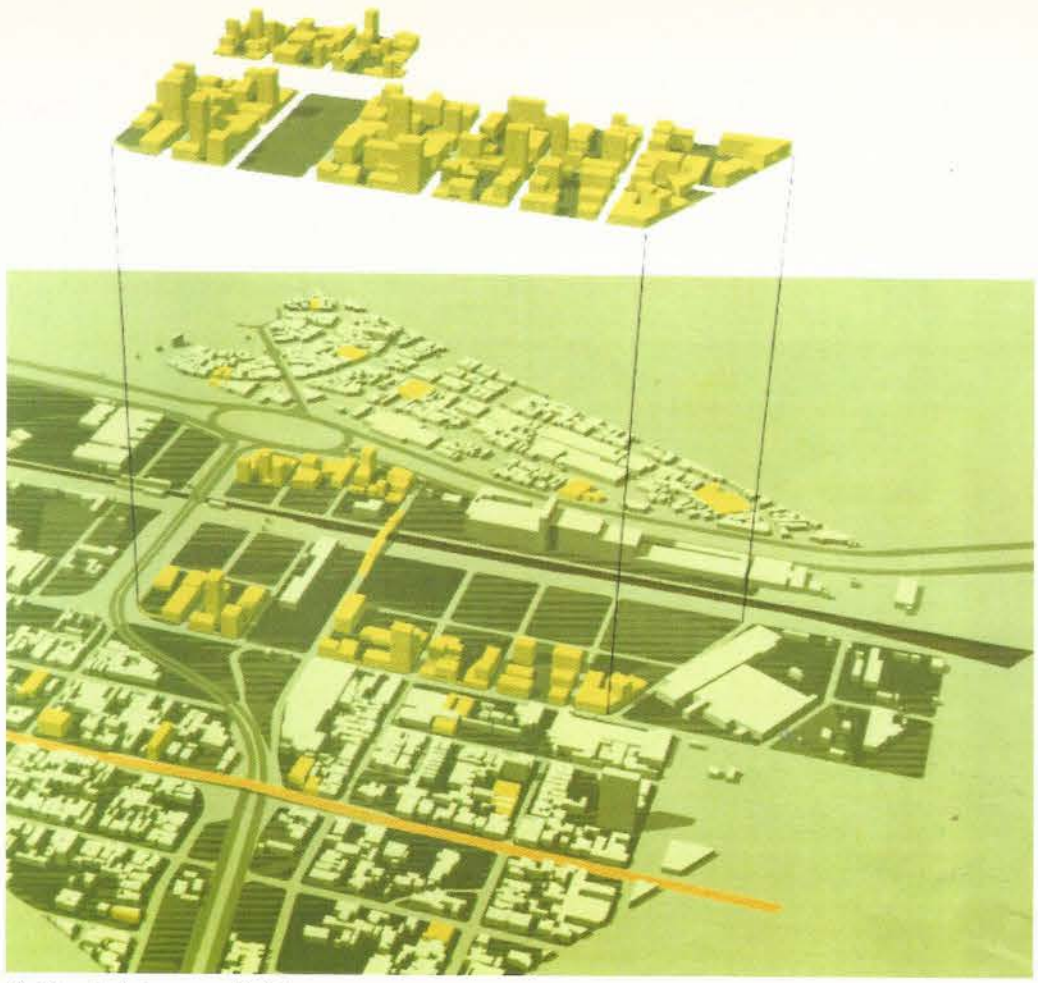
O macroeixo constituído pela Avenida dos Estados e pelo ramal ferroviário da antiga Santos-Jundiaí, ao longo do rio Tamanduateí, é um território que, pela localização estratégica, exige respostas múltiplas nos campos econômico, social e cultural. Novos empreendimentos, incluindo indústrias de base tecnológica e parcelas do terciário de ponta, compondo cadeias produtivas que incorporem dinâmicas de cooperação, centros de qualificação dos recursos humanos locais, convivência territorial dos usos urbanos e das classes sociais, transformação das favelas em bairros populares com qualidade urbanística, constituição de signos de uma identidade urbana que reprocesse a cultura da cidade industrial, são desafios ali colocados.

O Eixo Tamanduatehy apresenta três potencialidades principais: posicionamento metropolitano, acessibilidade diferenciada baseada no transporte sobre trilhos e na conexão com o Rodoanel, e disponibilidade de amplas áreas passíveis de reurbanização. Seu desenvolvimento estratégico tem como elemento-chave a transformação do ramal ferroviário sudeste em trem metropolitano de alta qualidade, estruturador de uma nova intermodalidade nos transportes de passageiros ao longo da bacia do Tamanduateí.

Joan Busquets (Barcelona)

Eduardo Leira (Madri)





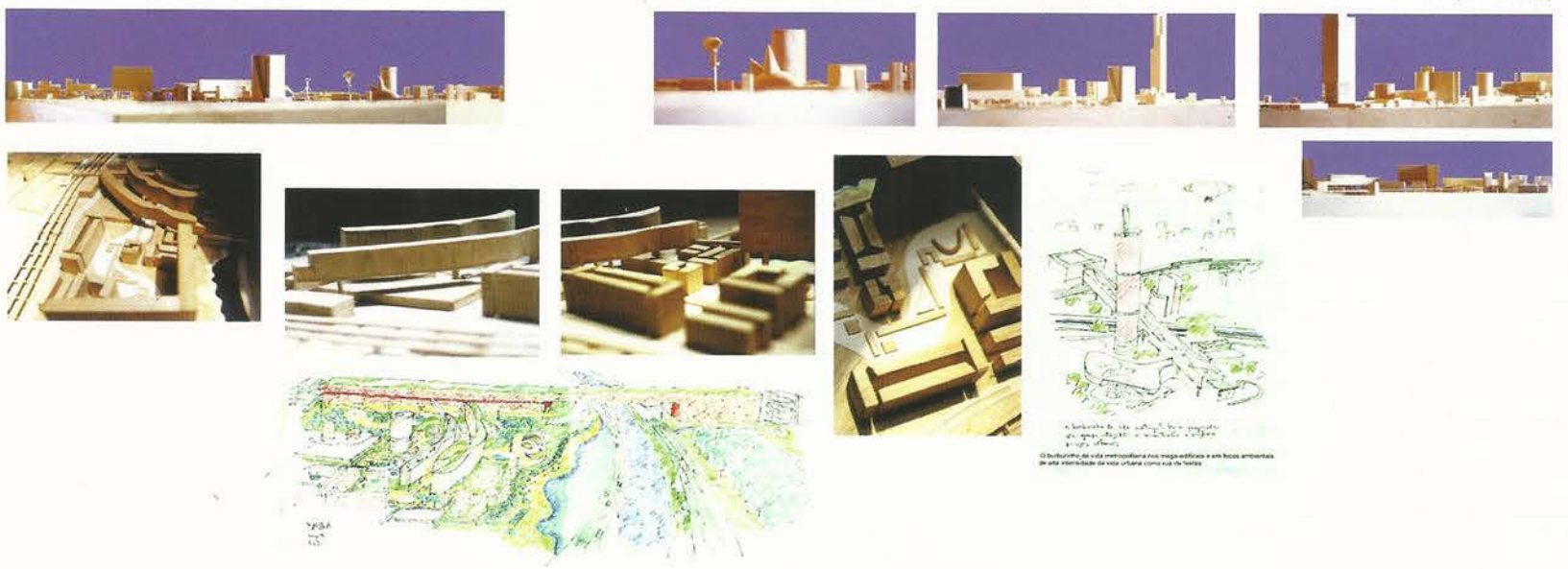
Christian de Portzamparc (Paris)

Quatro anteprojetos foram elaborados por equipes coordenadas pelos arquitetos Christian de Portzamparc (Paris), Eduardo Leira (Madri), Joan Busquets (Barcelona) e Cândido Malta (São Paulo), com consultoria de Jordi Borja (Barcelona) e Raquel Rolnik (São Paulo). Por orientação da Prefeitura, as três primeiras equipes contaram com destacados arquitetos brasileiros.

A equipe de Portzamparc teve como tema a volumetria; a de Leira, a acessibilidade; e a de Busquets, os espaços públicos, constituindo três elementos estruturadores de um novo desenho urbano.

Os urbanistas internacionais trouxeram experiências ligadas a operações de renovação urbana de grandes áreas que estão em marcha em Lisboa, Barcelona, Roterdã, Madri e Bilbao, entre outras. Isso foi importante no trabalho realizado em conjunto com os arquitetos locais, que possuem grande capacidade, conhecem nossa realidade, mas não têm tido a mesma oportunidade de praticar grandes operações de reurbanização.

Cândido Malta (São Paulo)



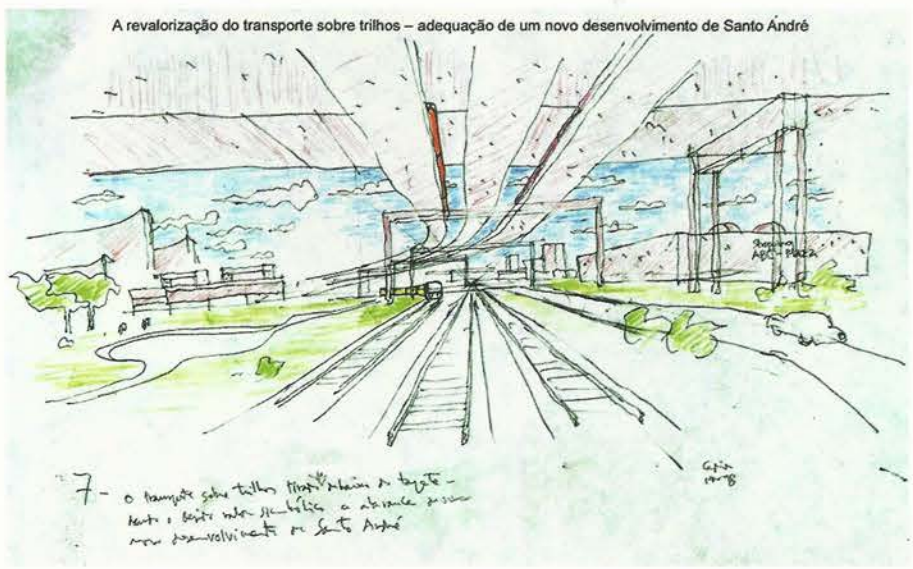
Cândido Malta (São Paulo)

Em uma etapa inicial, de produção das primeiras idéias básicas, quando se buscava criatividade, as quatro equipes trabalharam isoladas. Nas etapas seguintes, de desenvolvimento dos estudos, elas já trocavam informações entre si. Em todo o processo, houve interação com o governo e o corpo técnico da Prefeitura. Os quatro anteprojetos foram colocados no mesmo nível de importância, sem julgamento ou hierarquização. Completado esse ciclo, a Prefeitura e o Grupo Promotor, esse com presença de lideranças da cidade, assumiram a produção do projeto final, correspondendo a um novo ciclo de elaboração.

Assim, a partir da apresentação dos quatro anteprojetos, coloca-se atualmente a tarefa de construir, com debate e participação, um projeto de reurbanização que conte com legitimação, consenso e adesão por parte da comunidade local, traduzi-lo em novas normas legais, estruturar uma forma de gestão que lhe assegure estabilidade, dinamismo e continuidade e estabelecer a estratégia para sua implantação, incluindo projetos piloto de curto prazo.

O Projeto Tamanduatehy reestrutura o sentido de centralidade urbana. Por um lado, coloca-se como alternativa de uma nova centralidade metropolitana diversificada, na lógica de uma metrópole policêntrica. Por outro, constitui-se como um novo espaço central no município, englobando e reposicionando o velho centro histórico. Ao mesmo tempo, ao estabelecer essa nova relação de centralidades, deve promover a valorização dos centros de bairros como pólos articuladores de dinâmicas econômicas, sociais e culturais em nível local.

Cândido Malta (São Paulo)



Puerto Madero Um Novo Modelo de Gestão Urbana

Organização:
Corporacion Antiguo Puerto Madero S.A.

Puerto Madero hoje experimenta a renovação de sua margem ribeirinha, transformando-se numa zona residencial, comercial e administrativa. Seus 160 hectares de frente para o centro histórico da cidade têm o privilégio de redefinir o perfil da cidade desde o rio.

Desde a década de 20, quando suas instalações tornaram-se inadequadas e o porto perdeu seu papel original, suas características de centralidade e extensão transformaram Puerto Madero na área indicada para a expansão de atividades centrais, comerciais, administrativas e recreativas.

A reciclagem do Puerto Madero, que estava desativado e abandonado durante décadas, começou com a criação da Corporación Antiguo Puerto Madero S.A. O Estado e o Município, seus únicos acionistas, uniram-se para dar início à gestão de desenvolvimento de Puerto Madero. Formado como uma sociedade anônima, seu patrimônio compõe-se de bens imóveis que lhe foram transmitidos. Esses bens são explorados para obter os recursos operativos, já que não conta com orçamento proveniente do governo central ou da prefeitura. A Corporação tem a capacidade jurídica de qualquer sociedade comercial e este fato lhe permite superar as dificuldades jurídicas e institucionais originadas pela superposição de competências de diversos organismos do Estado.

O Plano de Desenvolvimento Urbano define claramente os espaços, as circulações, os volumes, os usos do conjunto e as características da paisagem e se constitui no elemento estruturador das gestões a se realizar na área.

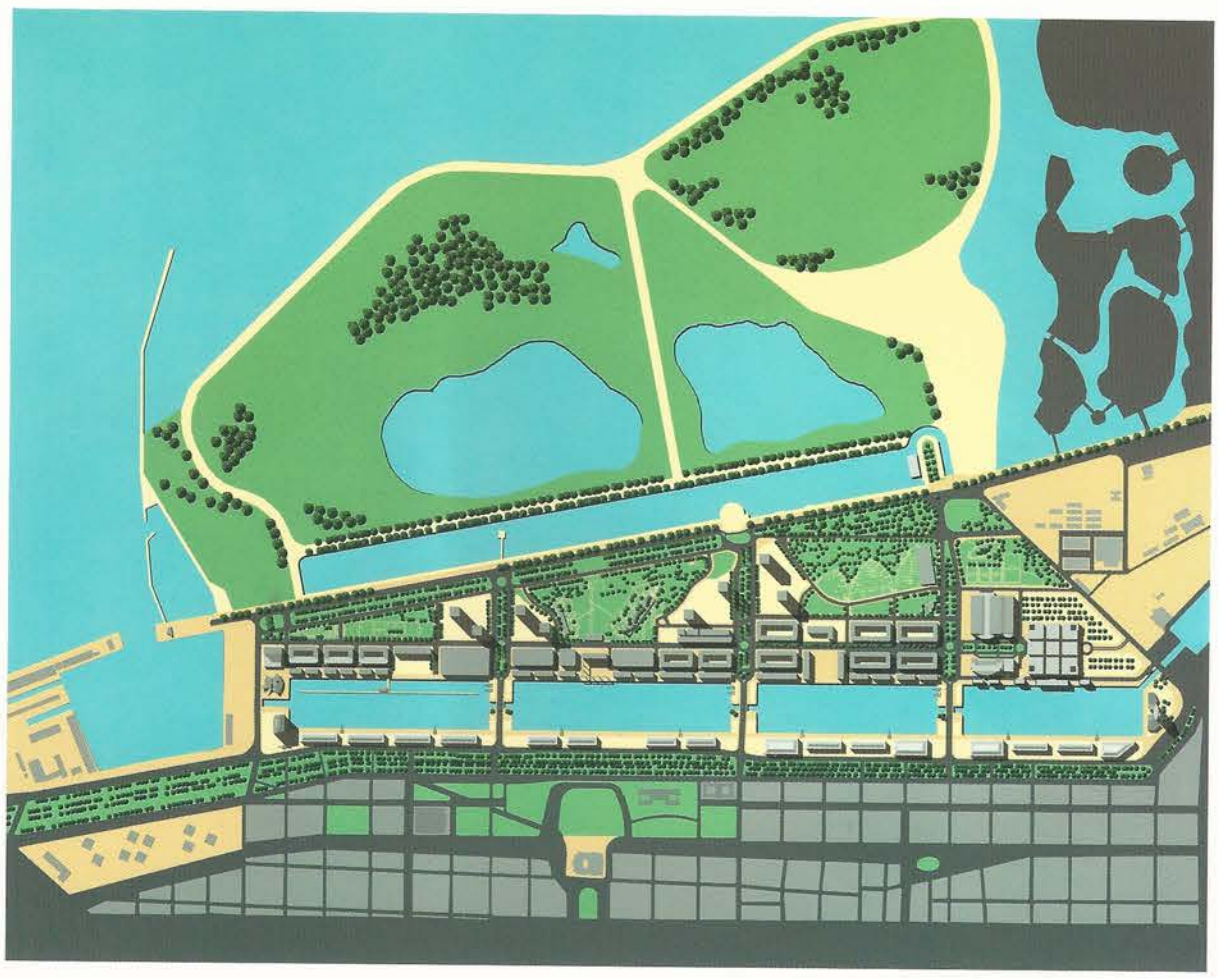
As premissas do projeto são:

- A reconversão da área, equilibrando o déficit da área central.
- A recomposição do caráter urbano, preservando seu poder evocativo.
- A oportunidade de abrigar atividades do terciário que requerem uma localização central e residências que não encontram, no denso tecido, superfícies de terreno e contexto ambiental adequado.
- A recuperação da relação com o rio, incorporando áreas verdes para recreação e lazer.

Apenas dez anos depois do início da gestão, os objetivos foram plenamente alcançados. Isso se revela na consolidação da área ocupada pelos 16 edifícios de valor histórico-patrimonial, que tiveram suas funções reestruturadas para abrigar novos e diferentes usos. Esta etapa foi autônoma no início das obras e sua venda desencadeou o processo de financiamento das etapas sucessivas.

Puerto Madero antes da reciclagem

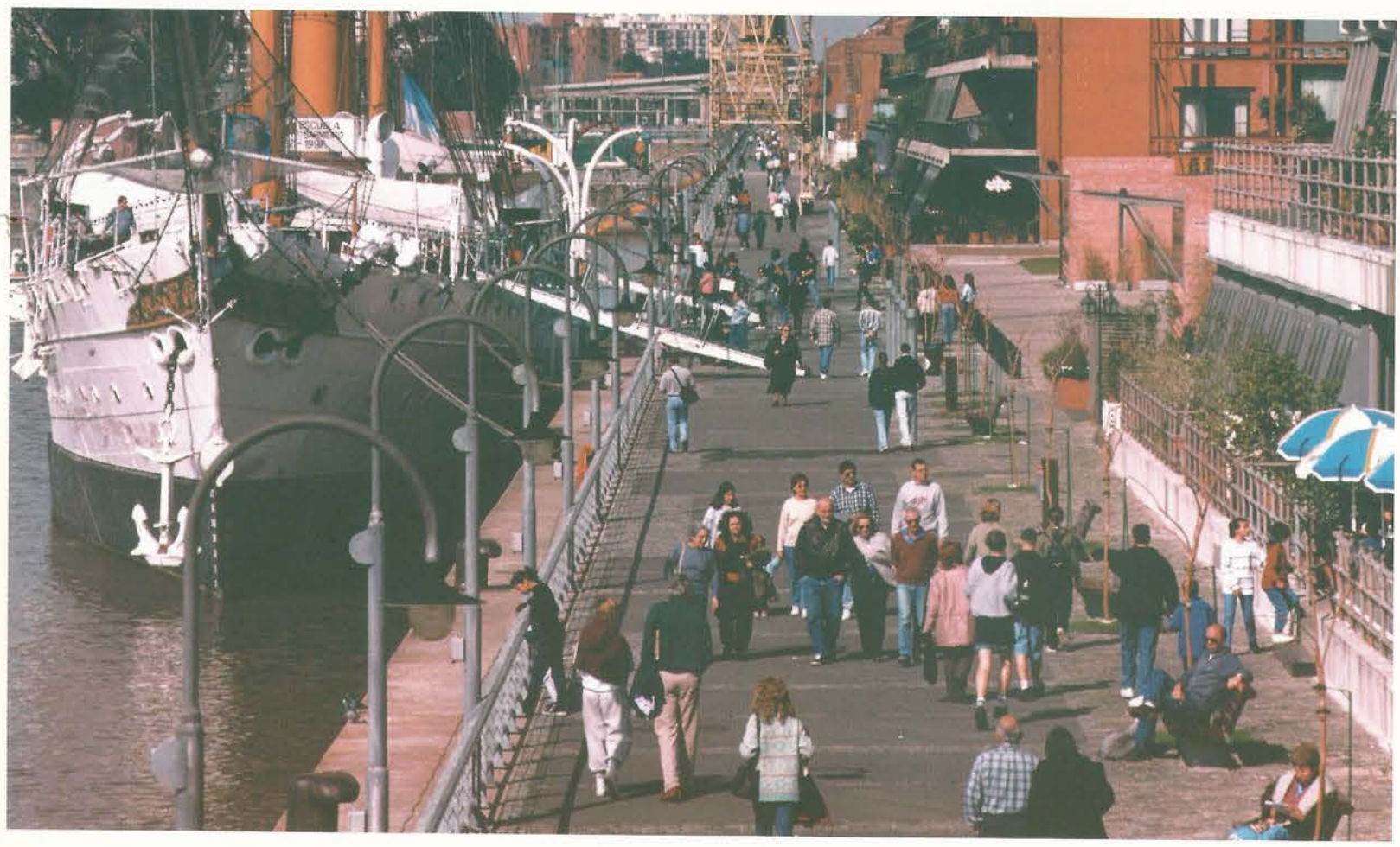
Puerto Madero depois da reciclagem



Plano Diretor

A construção da infra-estrutura de serviços e as obras no espaço público tornam visível o Plano Diretor surgido de um Concurso Nacional de Idéias. As obras iniciadas no setor conformam a nova área urbana. No píer 4 há vários projetos em construção: sobre o extremo norte edifica-se um museu de arte, em sua direção erguem-se vários edifícios com modernos escritórios sobre o espelho d'água do píer. Defronte ao píer 3 está sendo construído um complexo de edifícios formado por uma cadeia internacional de hotéis, um centro de convenções, flat para executivos, três edifícios de escritórios e um centro comercial que contará com 20 salas de cinema e o Museu do Mar e Navegação. A sede de um instituto universitário e dois conjuntos de torres destinados a escritórios completam o cenário desse setor.

Malecon



No píer 2 estão sendo construídos diversos prédios de moradia, que se somarão aos novos empreendimentos hoteleiros e de escritórios previstos para essa área.

Finalmente, no píer 1, e cumprindo com o objetivo de ajudar no crescimento da área sul da cidade, será instalado um importante complexo de moradias, escritórios e entretenimento.

A construção de três grandes parques, Mujeres Argentinas, Virginia Bolten y Micaela Bastidas, somará à cidade de Buenos Aires 20 hectares de novos espaços verdes de uso público.

A partir da reconversão de Puerto Madero, o centro urbano tradicional recupera seu lugar de protagonista e se equilibra no eixo norte-sul.

Essa nova função adquire uma dimensão maior. Puerto Madero transforma-se na peça de articulação norte-sul de toda a fachada costeira da cidade. A força com que se impõe este novo eixo provém de sua dimensão regional: o eixo de integração da cidade à área metropolitana e, numa escala maior, à rede urbana do Mercosul.

Vista geral

Quapá – Quadro do Paisagismo no Brasil

Coordenador:
Silvio Soares Macedo

O marco inicial do paisagismo nacional foi a construção do Passeio Público no Rio de Janeiro, de autoria de Mestre Valentim. Foi inaugurado em 1783, na então capital do Vice-Reino, como o primeiro espaço público oficialmente destinado ao lazer da população.

Era cuidadosamente ajardinado, com canteiros geométricos de inspiração clássica portuguesa e francesa e continha um mirante que se debruçava sobre as águas da Baía de Guanabara.

Nos séculos anteriores era comum a construção de pequenos jardins em pátios de residências senhoriais ou conventos, de traçado simples, em cruz ou xadrez, lembrando seus congêneres europeus, típicos dos claustros e pátios de castelos e mosteiros. O espaço público – ruas, largos e terreiros – era tratado de um modo singelo. Esse espaço, muito sujo, era disputado por vendedores, mascates, animais, feiras e procissões. Quando muito, apresentava um calçamento simples.

A única obra de porte de que se tem notícia e de curta duração foi o Parque do Palácio de Friburgo, de Maurício de Nassau, no Recife, da qual não restou vestígios.

O século XIX caracteriza-se pela formação das bases da arquitetura paisagística nacional, calcada numa forte influência européia, principalmente francesa. É ela que direciona a concepção dos mais diferentes espaços urbanos, a princípio dentro de uma postura neoclássica, típica da primeira metade do século, e depois no Segundo Império sob a égide de um romantismo exacerbado.

Esse foi um século de grandes mudanças para a antiga colônia portuguesa, que se forma como nação, se urbaniza e desenvolve atividades econômicas próprias. Nesse período, cessa a drenagem total de recursos locais para a metrópole lusa e parte deles são reinvestidos no país, que se moderniza em todas as instâncias, tanto sociais como formais.

A urbanização se expande e interioriza, estradas de ferro, iluminação elétrica, museus, teatros, música, arquitetura, tudo é novo e deve ser construído e implementado. As cidades principais deixam de ser meros entrepostos comerciais e centros exportadores e passam a centralizar a administração do país e também a abrigar uma elite emergente de proprietários e administradores, que se identifica na medida do possível em seus costumes e hábitos, com seus interlocutores mundiais.

O Rio de Janeiro, como capital, torna-se o grande centro urbano nacional e passa por constantes reformas e transformações, na medida em que deve ser modernizada e adaptada para atender às novas funções que lhe são impostas e para receber os novos contigentes populacionais que a ela acorrem.

Surge o palacete, a residência de elite, e, com ele, o jardim privado formal, que exige cuidados especiais e para os quais são feitos projetos especiais. As praças públicas passam a ser ajardinadas e muitas vezes cercadas, e o primeiro parque urbano é criado em 1875 por Auguste François Marie Glaziou, contratado desde 1858 por Dom Pedro II, como diretor-geral de Matas e Jardins.

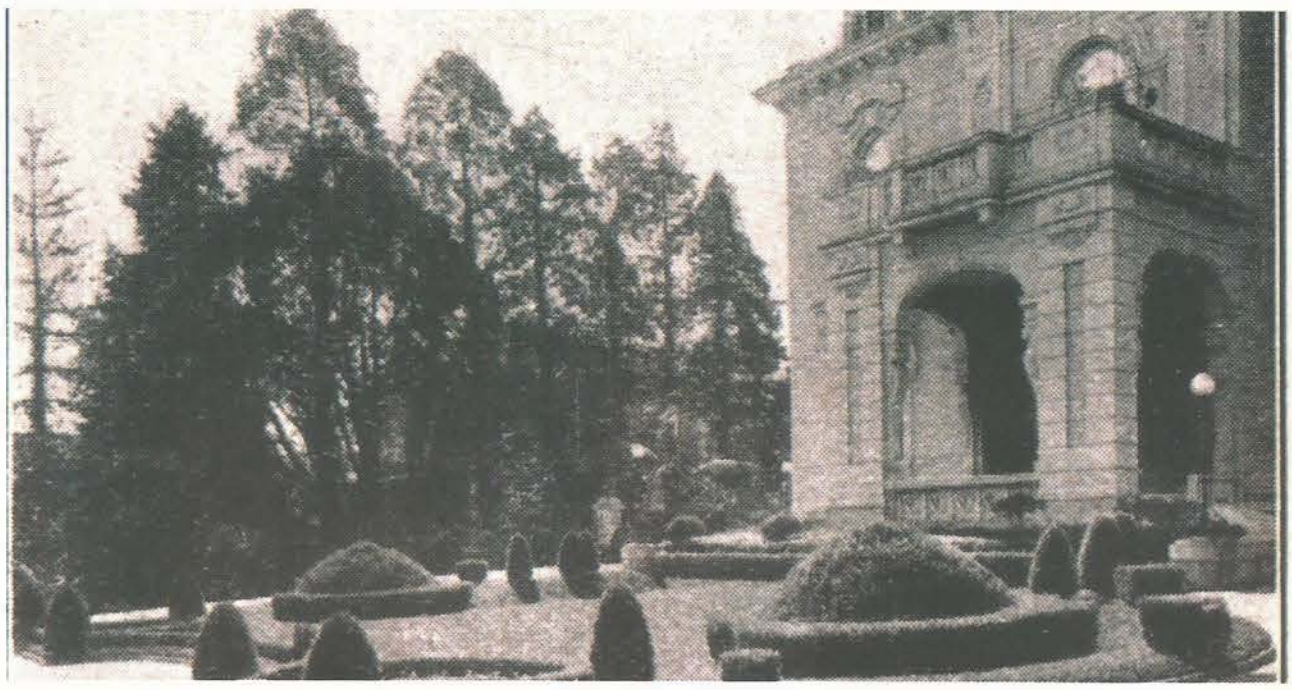
Glaziou foi, com certeza, o grande paisagista brasileiro do século XIX, sendo atribuídas a ele as principais obras de seu tempo, como a reforma do Passeio Público do Rio de Janeiro (1862), os jardins da Quinta da Boa Vista (1867), o Parque São Clemente de Nova Friburgo, o Parque do Palácio Imperial de Petrópolis (1864), a Praça Dom Pedro II no Rio de Janeiro, os Jardins de Dona Veridiana Prado em São Paulo e muitos outros.

Passeio Público, Rio de Janeiro

Glaziou, natural da Bretanha, trabalhou por mais de 30 anos no país e foi responsável pela introdução do modo romântico de elaboração do espaço livre, criando paisagens bucólicas, inspiradas nos motivos e nas formas desenvolvidas por Jean Charles Adolphe Alphand em Paris, no período das grandes reformas urbanas lá efetuadas pelo Barão Hausmann. Foi um pesquisador de espécies nativas e, ainda que projetando de acordo com os padrões europeus então vigentes, sempre aproveitou os elementos da paisagem local em suas composições espaciais. Essa proposta da arquitetura paisagística era basicamente voltada à construção e à concepção de espaços de caráter essencialmente romântico e dedicados especialmente ao flanar, denominados *Ecléticos*, numa correlação com os estilos arquitetônicos então em voga. No caso a denominação eclética significava diversidade, mistura, colagem e cópia, que foi a característica geral do paisagismo de então.

Suas características podem ser observadas desde os primitivos trabalhos de estrutura, basicamente neoclássica, do início do século XIX, mas já bastante híbridos em termos de plantio e organização espacial em relação a seus congêneres europeus, até as obras dos paisagistas do final de século e das primeiras décadas do século XX. Esses, entre os quais se destacam John Tyndale, Paul Villon, Arsène Puttmans, Germano Zimber, João e Reynaldo Dierberguer, projetam espaços em cenarizações

Reinaldo Dieberger



Desenho do Campo de Santana, Rio de Janeiro

diversas do estilo inglês ao romano neocolonial, como também criam obras dentro dos cânones exclusivamente clássicos e românticos.

O século XX, par a par das grandes reformas urbanas do início do século que consagram o uso do grande espaço público na cidade brasileira, identifica-se como o tempo do surgimento do paisagismo tipicamente nacional.

Esse fato se dá a partir dos anos 30 e 40, com as grandes transformações socioculturais então em andamento e que possibilitam, com o apoio do Estado Novo, o surgimento de uma arquitetura paisagística moderna ou modernista.

O projeto dos jardins do prédio do Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro em 1938 é o marco dessa ruptura e modernidade que se anunciam, e seu autor, Roberto Burle Marx, torna-se em razão de sua extrema qualidade projetual o símbolo dessa vertente nacionalista de projeto.

Campo de Santana, Rio de Janeiro

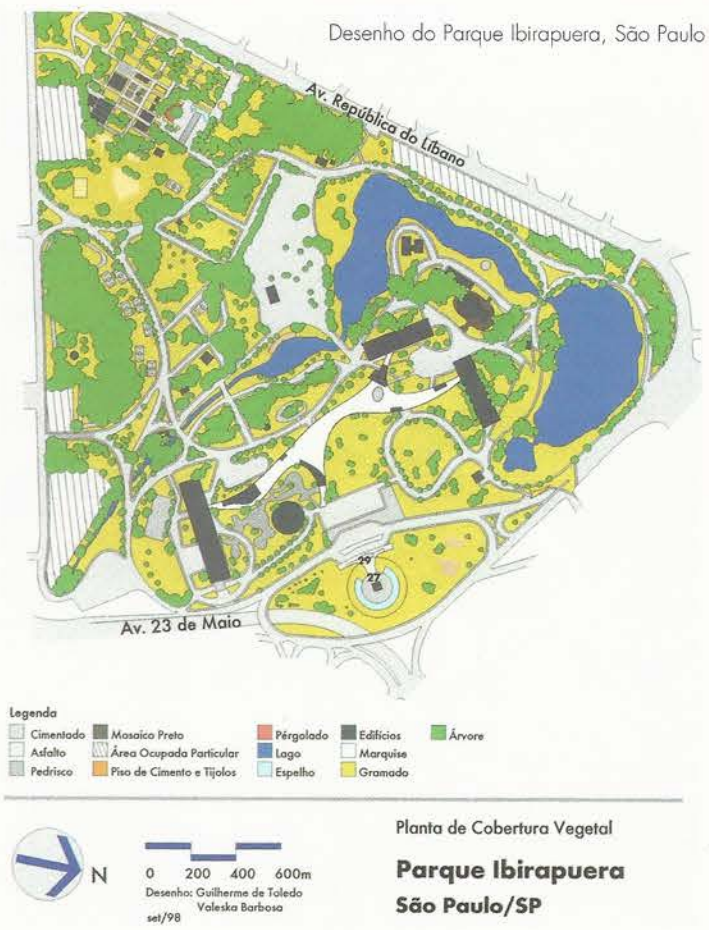
MEC, Rio de Janeiro

Trabalhando durante toda a sua vida para o Estado e para as elites nacionais, Roberto Burle Marx torna-se, como Glaziou no século XIX, a referência básica para os novos autores que surgem nas décadas de 40, 50, 60 e 70, influenciando na concepção formal de seus projetos.

A obra de Burle Marx é extensa, reconhecida internacionalmente e abrange um sem-número de obras emblemáticas, dentre as quais se destacam o Aterro do Flamengo (1954), diversos jardins em Pampulha (1940), os jardins dos principais palácios de Brasília, parques e praças por todo o país, jardins e parques particulares no Brasil e em outros países, todos de extrema qualidade projetual.

Seus projetos caracterizam-se por um completo domínio tridimensional e formal, nos quais explora as formas e cores típicas da paisagem brasileira, utilizando com generosidade a vegetação nativa e tropical como elemento estruturador de projeto.

Desenho do Parque Ibirapuera, São Paulo



Parque Municipal do Mindu, Manaus

Paralelamente ao nacionalismo, característico da obra de Burle Marx, outra influência atua na formação do paisagismo moderno nacional, aquela advinda da obra dos paisagistas americanos da Costa Oeste Americana, especialmente Garret Eckbo, Thomas Church e Lawrence Halprin.

Essa influência se dá principalmente no modo de projetar o espaço, que deve ser concebido a partir de conceitos arquitetônicos: cada espaço sendo arquitetonicamente estruturado por planos verticais, de preferência com uma identidade própria e permitindo ao usuário ampla diversidade de lazer.

A fusão dessas influências de Burle Marx e seu nacionalismo com a americana, absorvidas por gerações de paisagistas, cria uma cultura paisagística moderna, forte e particular, e é expressa na obra de um sem-número de autores de qualidade como Rosa Kliass, Miranda Magnoli, Fernando Chacel, Ayako Nishikawa, Benedito Abbud, Luís Vieira, Luciano Fiaschi e outros.

O século XX caracteriza-se por ser um tempo de mudanças constantes que se expressam fortemente no uso e na forma dos espaços livres, objeto focal de trabalho do paisagista. Esses passam a colher formas de

Praça Pio XII, Florianópolis

Desenho da Praça Itália, Porto Alegre

uso diversas, especialmente as de caráter esportivo e cultural, e novas figuras são criadas, como o bulevar (no início do século): o calçadão, o playground e o calçadão de praia.

Ao final do século, nos anos 90, delineia-se uma nova corrente projetual no país, uma nova ruptura expressa por uma exacerbação da liberdade formal, uma revisão do Ecletismo, então renegado pelos modernos, uma introdução forte do viés ecológico, um abandono relativo e inconseqüente do uso da vegetação tropical (em alguns projetos), uma cenarização radical e, pode-se mesmo dizer, de uma forte irreverência.

Essa nova linha de projeto, denominada *Contemporânea*, caracteriza-se por uma extrema diversidade de soluções espaciais, observadas em obras como a Praça Itália (Porto Alegre), de Carlos Fayet, a Praça Pio XII em Florianópolis, de Roberto Rita e Sylvio Mantovani, o Parque do Mindu em Manaus, de Roberto Mota e equipe, e as intervenções do projeto Rio Cidade no Rio de Janeiro.

Praça Itália, Porto Alegre

São Paulo Megacidade 2000

Coordenação:
Arq. Bruno Roberto Padovano

O Projeto "São Paulo MEGACIDADE 2000" visa criar um espaço de pesquisa em Desenho Urbano sobre a Região Metropolitana da Grande São Paulo, com a participação de entidades como a Fundação para a Pesquisa Ambiental (Fupam), a Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo (Emplasa), a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) e mais dez outras faculdades de arquitetura e urbanismo de São Paulo convidadas para participar do projeto: (Universidade Mackenzie, Fundação Armando Alvares Penteado [FAAP], Faculdade de Belas Artes de São Paulo [FEBASP], Universidade de Guarulhos [UnG], Universidade Brás Cubas [UBC], Universidade de Mogi das Cruzes [UMC], Universidade Anhembi Morumbi [UAM], Universidade Paulista [UNIP], Universidade do Grande ABC [UniABC] e Universidade São Judas Tadeu [USJT]).

A partir de quadros e diretrizes urbanísticas elaboradas pela Emplasa, cada faculdade está desenvolvendo propostas de desenho urbano que focalizam macroeixos da Grande São Paulo, com ênfase nas regiões Leste, Oeste e o eixo do rio Tamanduateí. Essas áreas foram consideradas as mais aptas para receber planos e investimentos públicos e privados que ofereçam melhores níveis de qualidade de vida, especialmente para a população de baixa renda, hoje penalizada pelo alto déficit habitacional, carências no transporte público, altas taxas de desemprego e violência urbana.

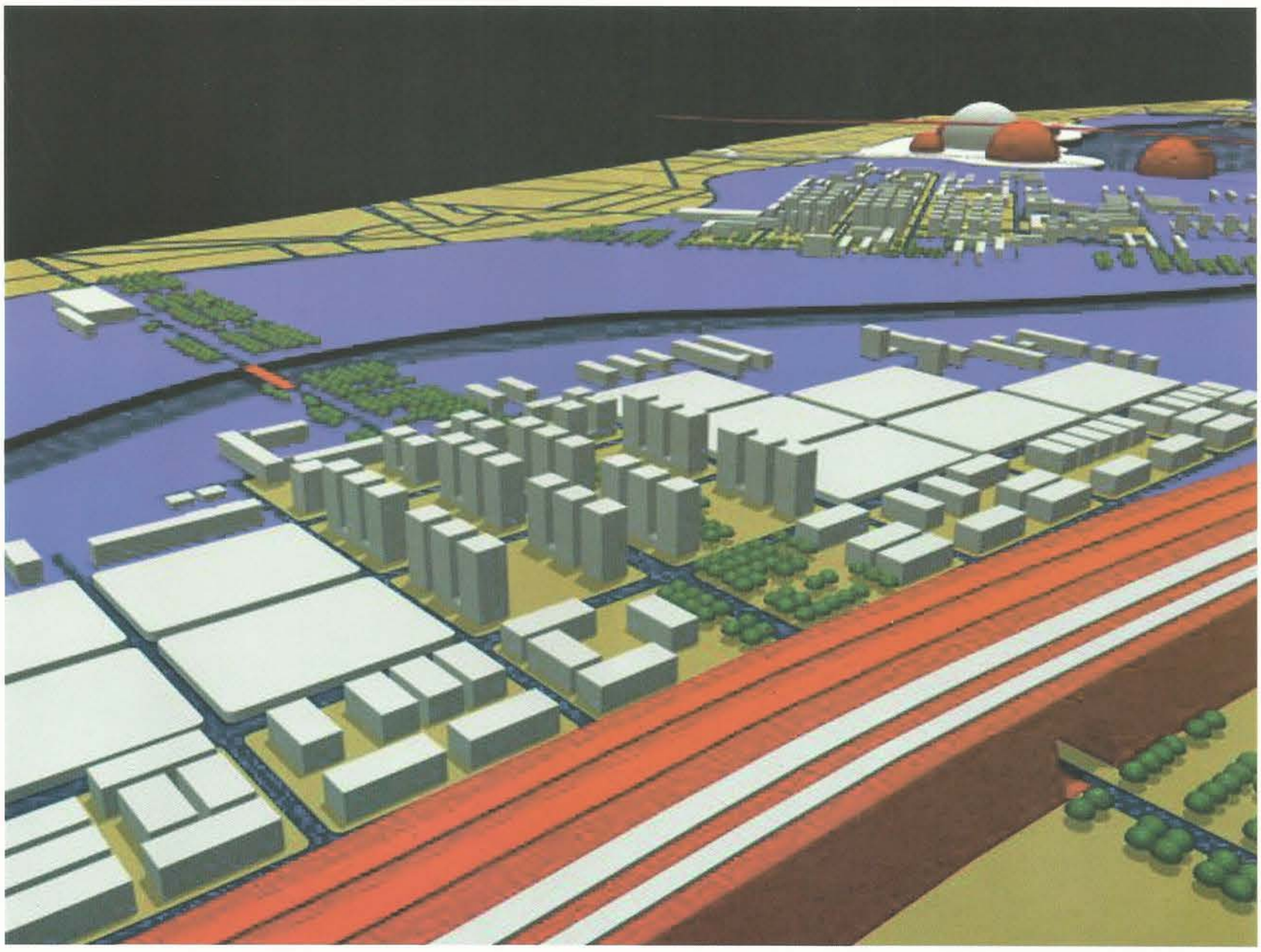
As propostas elaboradas pelas escolas serão expostas na 4ª BIA – Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo –, em novembro do presente ano, e em fevereiro do ano 2000 serão apresentadas na Conferência Internacional Megacities 2000, promovida pela Universidade de Hong Kong, em Hong Kong.

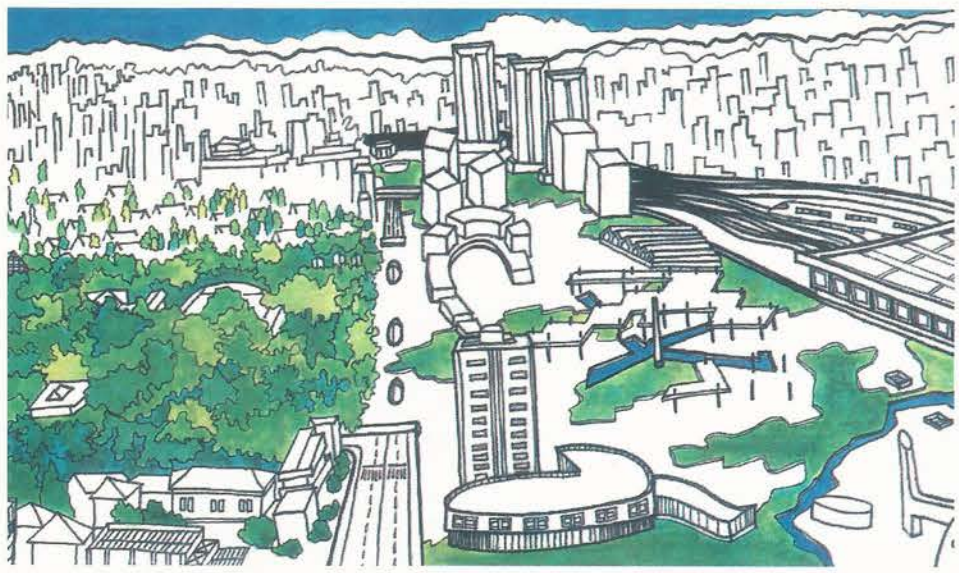
Participarão da conferência como destaques as cidades de São Paulo, Tóquio, Xangai e a própria Hong Kong, todas megacidades com populações acima de oito milhões de habitantes.

A coordenação-geral da conferência é do arquiteto e professor Stephen S.Y. Lau, do Departamento de Arquitetura da Universidade de Hong Kong e coordenador do Centre for Architecture and Urban Design for China and Hong Kong. No Brasil, o projeto está sendo coordenado pelo arquiteto e professor da FAUUSP, Bruno Roberto Padovano, que também é vice-presidente da Fupam.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paulista

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paulista

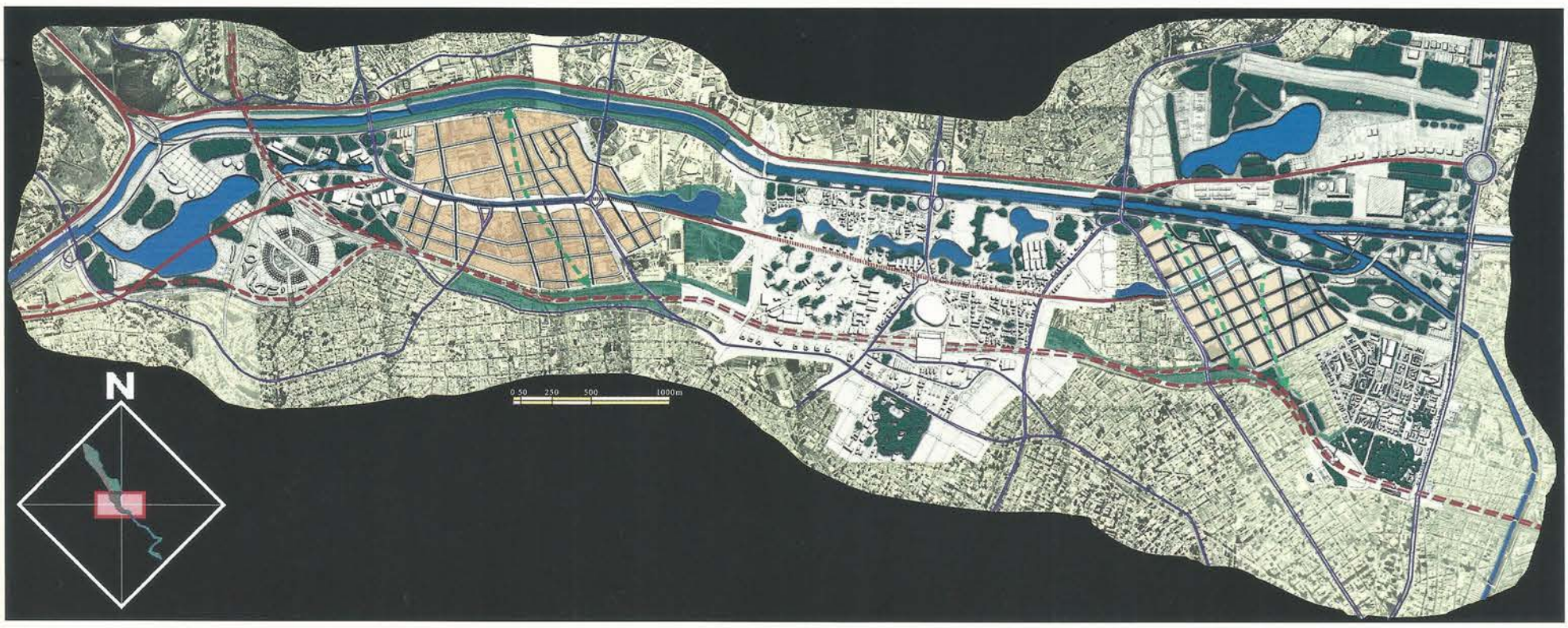




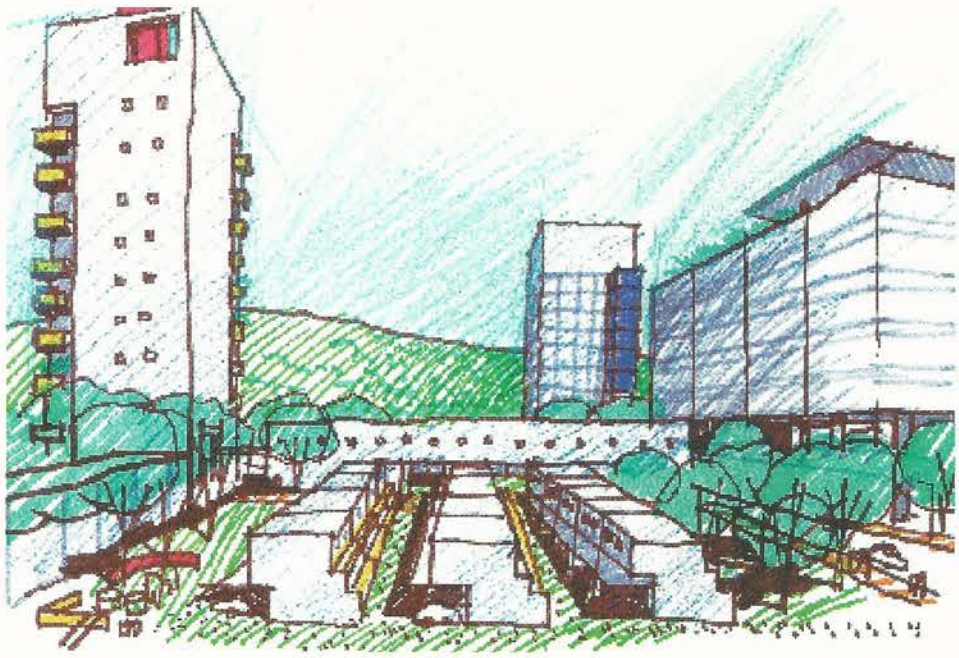
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Fundação Álvares Penteado

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas

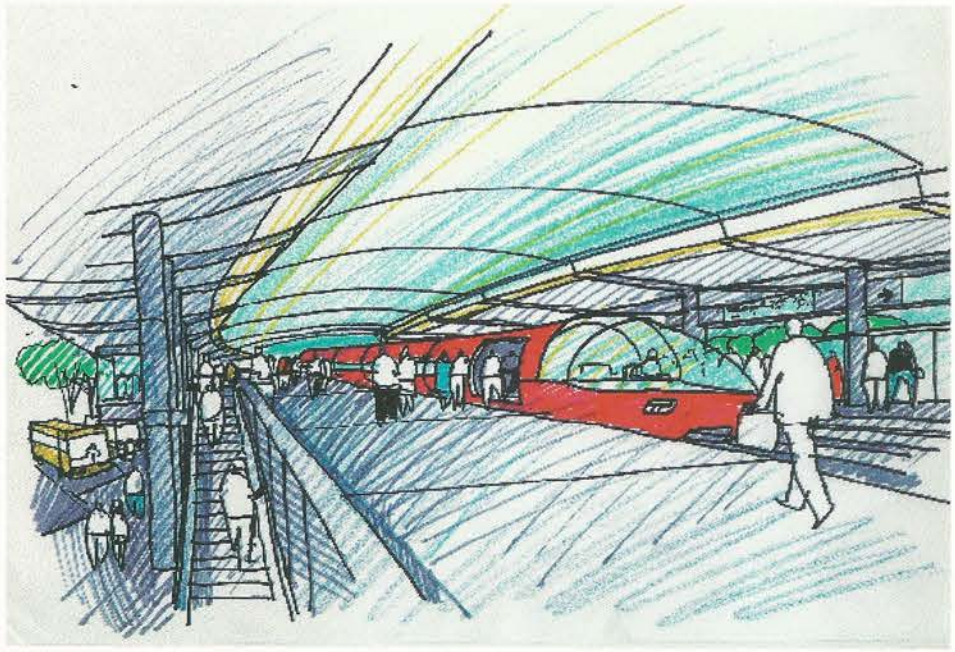
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Mackenzie



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

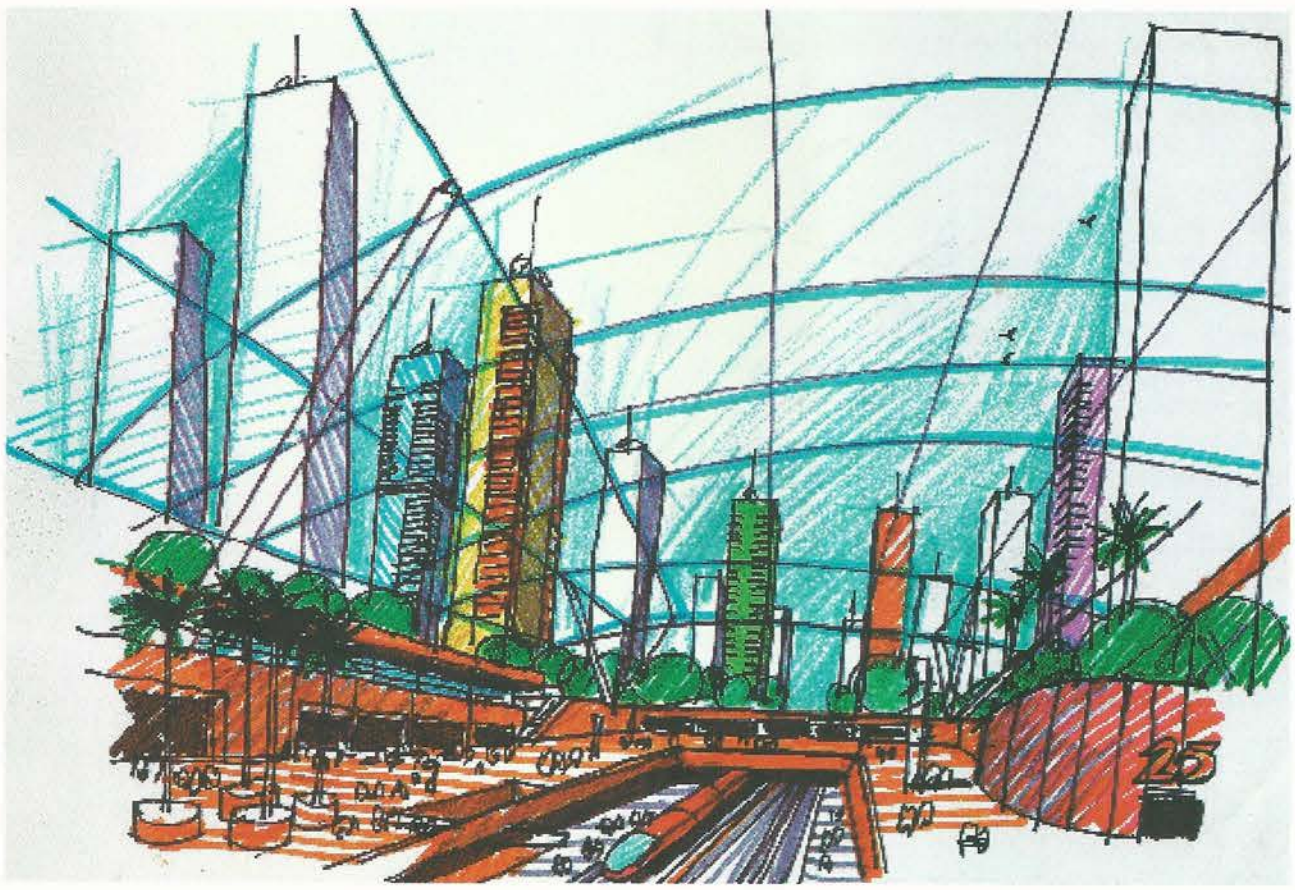


Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo



Brazil Builds

Brazil Builds (1642-1942), a pioneira exposição organizada pelo MoMA – The Museum of Modern Art New York, e registrada no livro que revelou ao mundo os quatro séculos de arquitetura no Brasil, levantando a hipótese de vinculação do legado do Barroco Mineiro com a manifestação original da Arquitetura Moderna Brasileira, comemora o cinqüentenário.

Foram encarregados da exposição e do livro o arquiteto Philip Goodwin e G.E. Kidder Smith, um dos maiores fotógrafos especializados em arquitetura deste século.

A presente exposição objetiva resgatar as imagens desta publicação lendária tornando-a aos mais jovens – arquitetos e estudantes – na medida em que se trata de uma obra rara e difícil de ser encontrada mesmo nas melhores bibliotecas brasileiras e do Exterior, pois nunca foi reeditada.

Sem dúvida, um dos eventos mais importantes na História da Cultura Brasileira no século XX, a exposição *Brazil Builds Architecture New and Old 1652-1942* foi organizada para o MoMA em 1942 e realizada em colaboração com Nelson Rockefeller, do Departamento de Estado – Escritório de Assuntos Interamericanos, promotor de diversas outras ações da "Política de Boa Vizinhança". Seu catálogo causou grande impacto de crítica e público nos EUA (e mais tarde, no pós-guerra, na Europa e Japão), divulgando internacionalmente a Arquitetura Moderna Brasileira.

Mostrando extraordinárias imagens de nossa arquitetura – de Antônio Calheiros e Aleijadinho a Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Atílio Corrêa Lima, Rino Levi e Lúcio Costa – esta exposição marcou época por apresentar também uma vertente inovadora e distinta dentro do Movimento Moderno, em contraponto aos princípios rígidos e intransigentes do *International Style*. Pela primeira vez, apresentava-se uma arquitetura moderna de características próprias, regionais – fruto de uma leitura da tradição do Barroco Mineiro, da arquitetura bandeirista e colonial, dos usos e costumes da arquitetura vernacular de raízes ibéricas, mouriscas e nativas, ao lado de imagens que vinculavam as técnicas construtivas então utilizadas e a arquitetura delas resultantes.

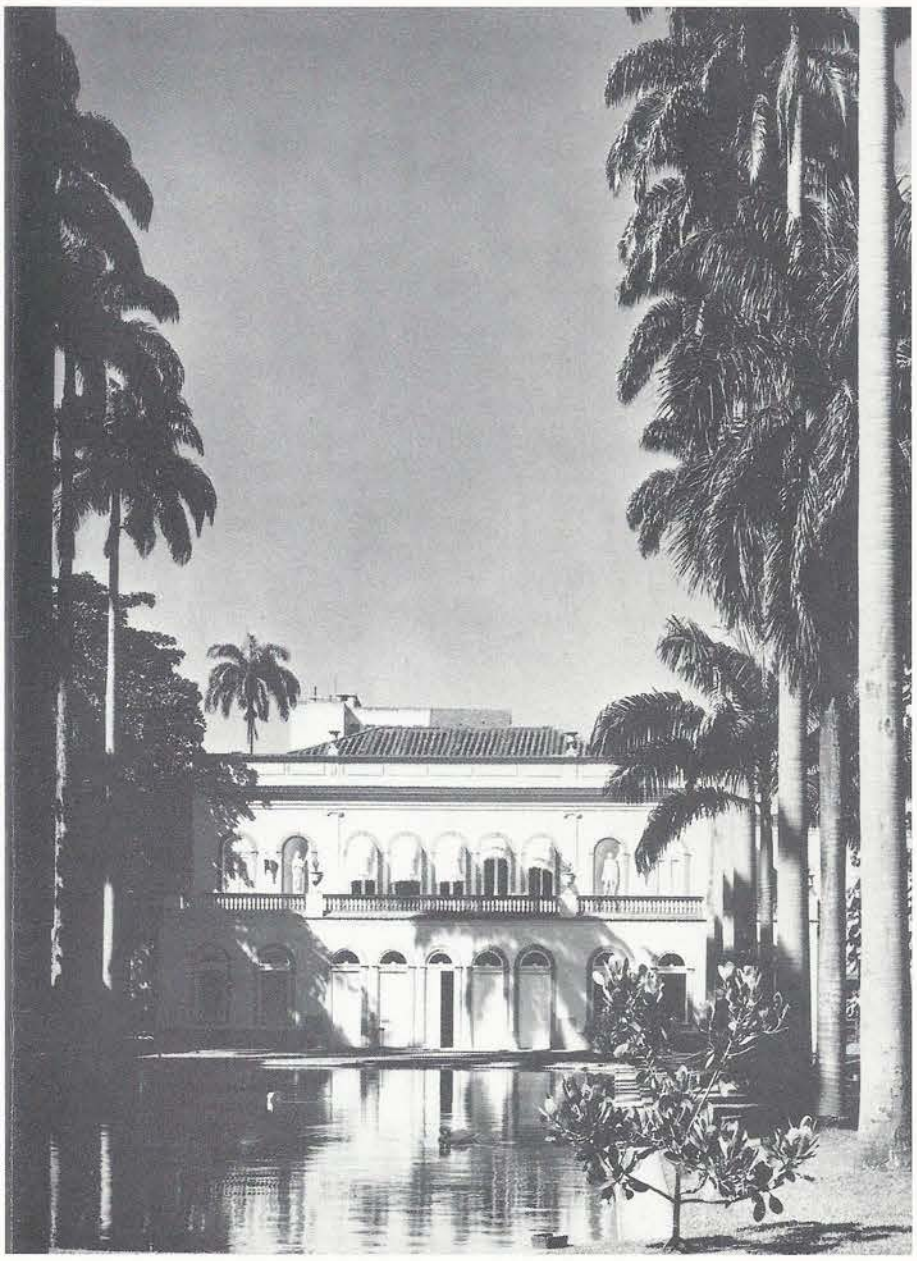
Neste sentido, *Brazil Builds* também foi importante para os rumos da Arquitetura Moderna Japonesa nos anos 50, na medida em que influenciou os arquitetos racionalistas japoneses a incorporar as tradições históricas na arquitetura modernista. E, no Brasil, o reconhecimento internacional da Arquitetura Moderna Brasileira através do *Brazil Builds* levou à consolidação e aceitação do Movimento Moderno pelas elites brasileiras.

Para os europeus e norte-americanos, o livro seria, durante anos, talvez a única referência abrangente sobre a arquitetura brasileira.

Curadoria:
Lúcio Gomes Machado
Luiz Fisberg

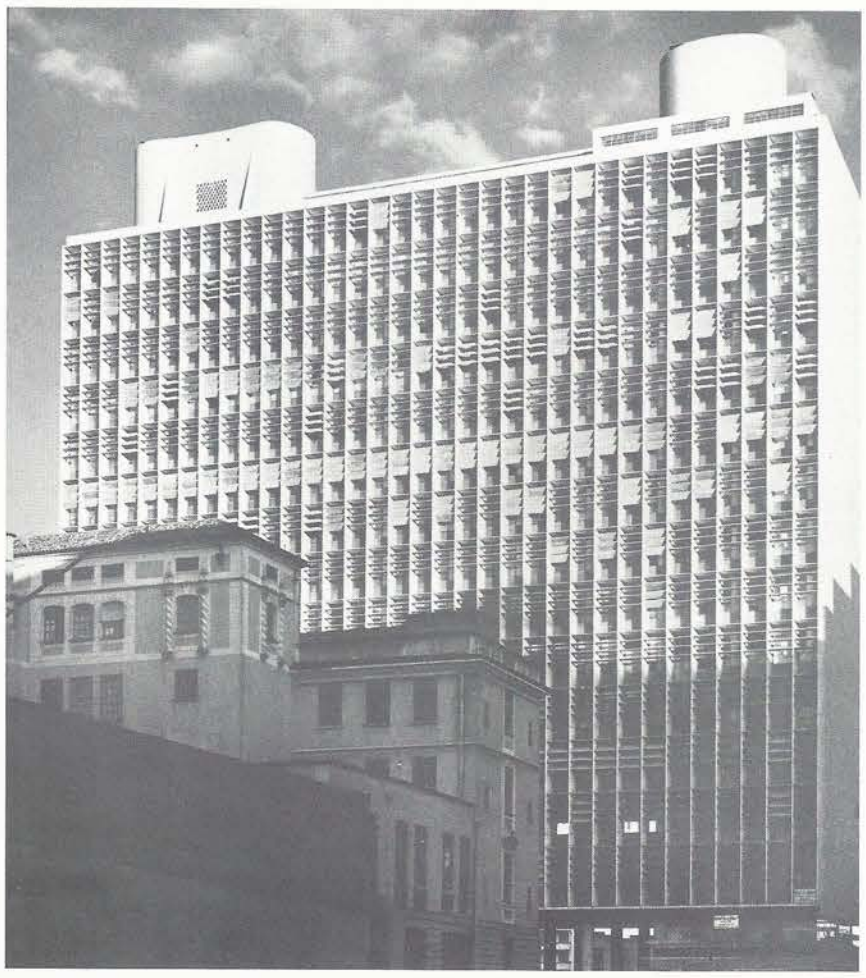
Fazenda Colubandé, São Gonçalo/RJ, primeira metade do século XIX

Palácio do Itamarati, Rio de Janeiro/RJ, 1851. Arquiteto: José Maria Jacinto Rebelo



Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Ouro Preto/MG, 1785. Arquiteto: José Pereira Arouca

Igreja Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto/MG, 1766
Arquiteto: Manuel Francisco Lisboa



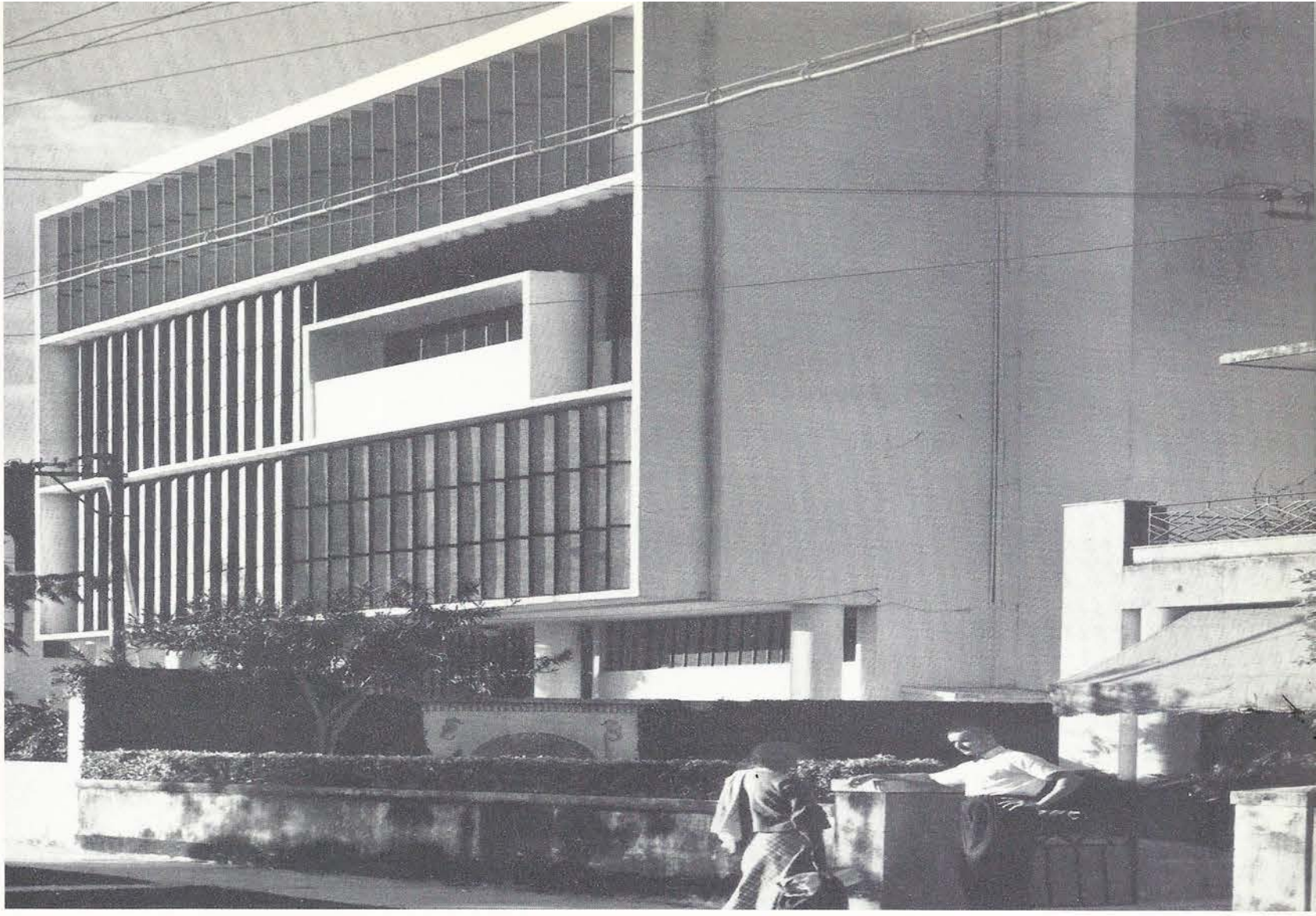
Ministério da Educação e Saúde Pública, Rio de Janeiro/RJ, 1937. Arquitetos: Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos

Entre nós, pode-se afirmar que, em última instância, a exposição de Philip Goodwin e Kidder-Smith tornaria possível as obras de Oscar Niemeyer para Brasília e o Parque do Ibirapuera, o MAM do Rio de Reidy e o câmpus da UFRJ de Jorge Machado Moreira.

Robert C. Smith, o eminente historiador da arte e arquitetura portuguesa (e objeto de outra sala especial da 4ª BIA), também colaborou na exposição.

As imagens de Kidder Smith, de grande qualidade técnica, tornaram-se também historicamente importantes como registro do estado original das cidades e dos edifícios pioneiros do Movimento Moderno no Brasil (muitos deles já demolidos ou em ruínas, atualmente).

Estação para hidroaviões, Aeroporto Santos Dumont, Rio de Janeiro/RJ, 1940. Arquiteto: Atílio Corrêa Lima



Obra do Berço, Rio de Janeiro/RJ. Arquiteto: Oscar Niemeyer

O acervo de Kidder Smith, depositado no MoMA, foi adquirido posteriormente por um colecionador particular e cedido à Corbis-Bettmann. Esta instituição prontificou-se a ceder as imagens originais para uma exposição sobre Brazil Builds e uma possível futura reedição histórica do catálogo.

A mostra consta de 90 reproduções ampliadas de fotos selecionadas do acervo de Kidder Smith para o Brazil Builds, atualmente de posse da Corbis-Bettmann International em Nova York. As fotos serão impressas com recursos de tecnologia de reprodução de última geração.

Casino Pampulha, Belo Horizonte/MG, 1942. Arquiteto: Oscar Niemeyer

Robert C. Smith – 1912-1975: A Investigação na História da Arte

Curador:
Dalton Sala

"Robert Chester Smith foi um dos pioneiros nos anais da história da arte. Seu conhecimento de arte e arquitetura portuguesa e brasileira, e de artes decorativas européia e americana, não teve paralelo em sua geração.

Em um tempo de sempre crescente e contínua especialização na história da arte, Smith teve curiosidade ilimitada e entusiasmo por todos os meios artísticos e formas de expressão, da arquitetura aos interiores dourados das igrejas, escultura, cerâmica, prataria, mobiliário e tecelagem. Sua exploração e documentação do patrimônio artístico e arquitetônico de Portugal e do Brasil deu forma, substância e identidade àquilo que, por muito tempo, havia sido anônimas tradições artísticas. E, assim o fazendo, colocou a arte e a arquitetura de Portugal e do Brasil no mapa da arte mundial: esta é a sua indelével contribuição."

Hellmut Wohl

"Para Robert Smith a vida era o o seu trabalho – a investigação, a redação dos livros e artigos, as visitas de estudo –, condicionando a isso tudo o mais. Os seus projectos, viagens, distribuição do tempo, organizava-os tendo em conta as tarefas eruditas que queria realizar; e mesmo a maioria dos seus contactos sociais não estava divorciada de intenções pragmáticas relativas àquele escopo. Detentor de uma resistência física verdadeiramente invejável, dela se servia numa atividade intensa e sentida, que por ser constante depressa fatigaria qualquer outro."

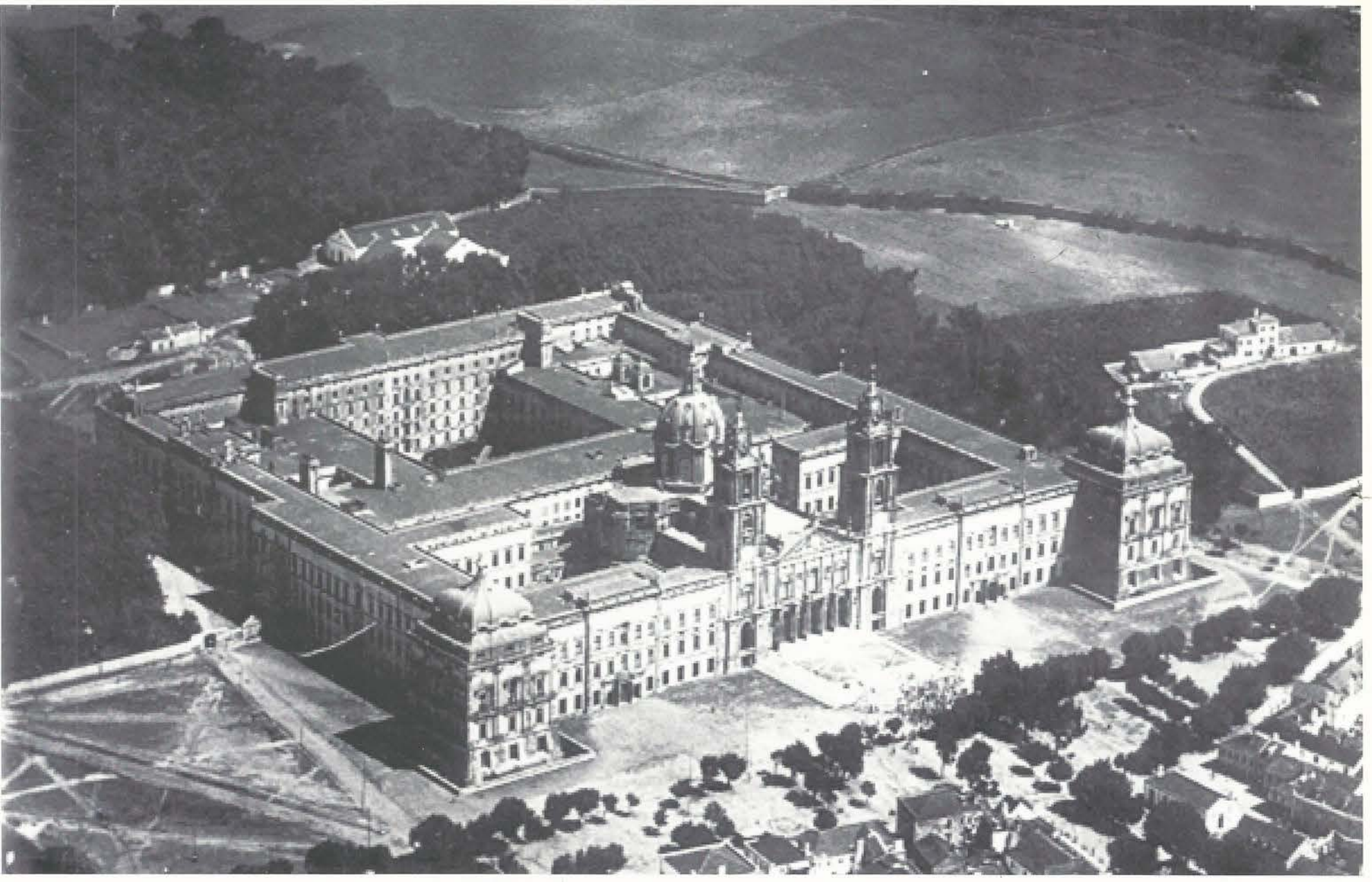
Flávio Gonçalves

"Podemos dizer que Robert C. Smith se tornou uma pessoa querida em nosso meio, quase como se fosse um filho da terra, que manda lembranças, que recebe lembranças, cuja saúde a muitos interessa saber e cujos novos trabalhos são acompanhados com atenção. Talvez seja mesmo possível dizer que de todos os estados brasileiros onde possui dedicados amigos, como Pernambuco, Minas, Rio, São Paulo, a Bahia é aquele onde se sente mais em casa. O que estaria plenamente de acordo com as tradições baianas – deve-se acrescentar."

José Valadares

"Lusófilo ardente, estudioso apaixonado da arte portuguesa e dos seus reflexos além dos mares, sobretudo no Brasil, Robert Smith, em cujas veias não circulava uma só gota de sangue peninsular, tornou-se, pela sua profunda identificação conosco e com as nossas coisas, mais do que um português de adoção, um verdadeiro compatriota nosso, um português de lei, como se aqui fora nascido e criado, de genuína cepa lusitana, cujas raízes fundamente mergulhassem, desde a alvorada dos tempos, no húmus das encostas docemente soalheiras desta faixa atlântica. E aqui era seu desejo ficar sepultado, se os fados lhe permitissem tal graça..."

Alexandre Alves



Vista aérea do Palácio de Mafra. Foto de propaganda do Governo Português, 1937

Símbolo da Exposição: detalhe da decoração do Palácio de Mafra

ARQUIVO DE ARTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Capela dourada do Recife

"Por que Robert Chester Smith vem a Portugal e resolve estudar arte portuguesa?

Em parte por perceber um imenso campo a ser estudado, arquivos virgens a serem descobertos e pesquisados, uma imensa documentação a ser compulsada. Muitas vezes é o aparecimento de uma documentação que leva o pesquisador a tomar uma direção. Este é o caso do interesse de Smith em relação a frei José: quando surgiu a documentação, colocou-se no rumo de várias descobertas.

E, nas primeiras páginas deste mesmo livro sobre frei José de Santo Antônio Vilaça, ele próprio nos conta como, no início de sua carreira como investigador, encontrou em Nápoles os desenhos de Luigi Vanvitelli para a Capela de São João Batista, na Igreja de São Roque, em Lisboa: de repente, abriu-se-lhe o caminho para Portugal.

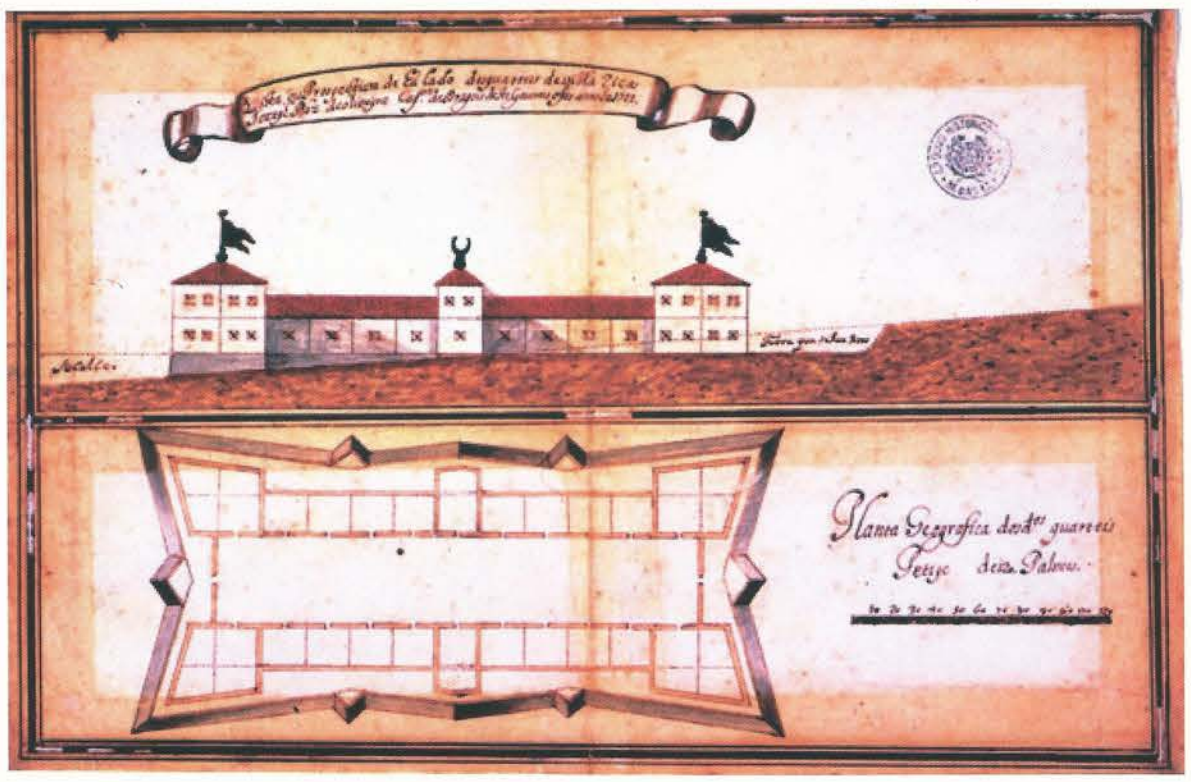
E para o Brasil."

Dalton Sala

"Robert Smith foi um dos grandes estudiosos de cultura portuguesa da sua geração – um perfeccionista com uma natural elegância de espírito e um recorde de descobertas de arte e arquitetura portuguesas."

Hellmut Wohl

Quartéis de Vila Rica. Desenho de Joseph Rodrigues de Oliveira, 1779



ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

ARQUIVO DE ARTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Casa do Padre Inácio no Embu, 1999

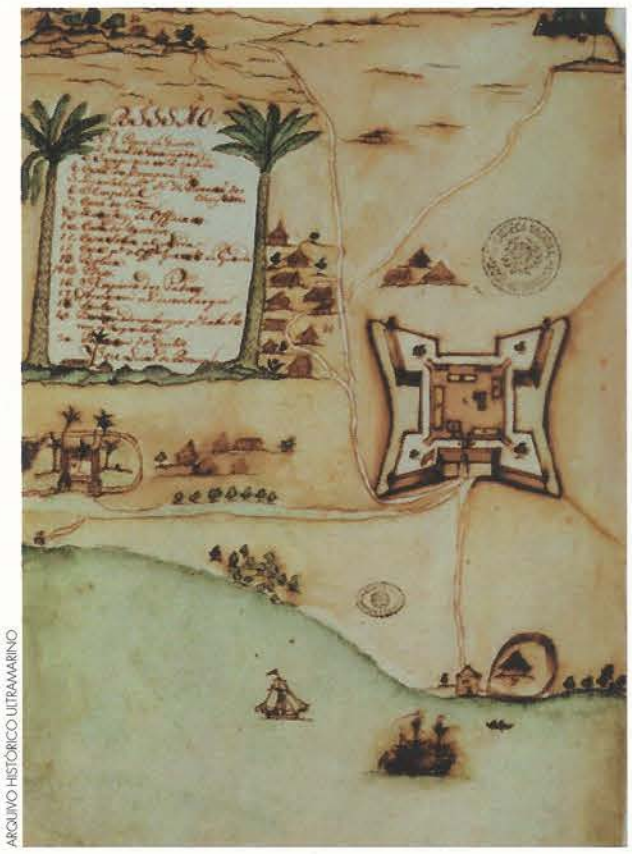
"Em grande parte, deve-se a Smith a valorização acentuada da talha nos estudos da arte colonial portuguesa: a atenção a ela dedicada pelo estudioso norte-americano é decisiva para a sua valoração como fenômeno artístico autônomo.

Embora seu interesse inicial fosse a arquitetura (como fica patente em seu interesse pela obra de João Frederico Ludovice em Mafra e em seu levantamento sobre arquitetura brasileira), ao longo de sua trajetória cada vez mais se dedicou ao mobiliário e, finalmente, compôs uma grande obra sobre a talha portuguesa e seus principais artífices (Smith certamente teria preferido a expressão: artistas).

Dominado, entretanto, pelos aspectos formais, biográficos e documentais desta enorme e magnífica produção, em grande parte lhe escapa seu complexo sentido social."

Dalton Sala

Planta da Povoação e Praça de São José de Bissau.
José Luís de Braun, 1780



ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

Homenagem a Pietro Maria Bardi

Curadoria:
Marcelo Carvalho Ferraz

Esta sala presta um tributo à memória de Pietro Maria Bardi (1900-1999), testemunhando seu vínculo militante com o Movimento Moderno da Arquitetura, seja na primeira metade de sua vida (1900-1946), na Itália, seja na segunda metade (1946-1999), no Brasil.

Através da coleção de revistas *Quadrante*, aqui apresentada, reconhecemos a luta pela difusão, desenvolvimento e, pela adoção, por parte do governo fascista italiano, da arquitetura moderna, com Le Corbusier à frente, Terragni e tantos outros. Editada na Itália por P. M. Bardi e Massimo Bontempelli, entre 1933 e 1936, a revista *Quadrante* dedicou-se às artes e à arquitetura e foi uma trincheira naqueles tempos difíceis, em ambiente político refratário aos ideais modernos.

A coleção da revista *Habitat*, criada e editada por Bardi, entre 1950 e 1954, com 14 exemplares e dedicada à arquitetura, às artes e à cultura brasileira, testemunha seu contínuo e apaixonado envolvimento com a arquitetura.

Em seus oito primeiros números, Bardi compartilhou a direção de *Habitat* com sua mulher, a arquiteta Lina Bo Bardi.

Esta pequena exposição conta ainda com 4, dos 10 desenhos de Le Corbusier, de grandes dimensões (2,5 x 2,0 m), feitos em 1936 durante sua famosa série de conferências na Escola Nacional de Música, no Rio de Janeiro. Essa série de desenhos foi adquirida por P. M. Bardi do próprio Le Corbusier e doada ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – em 1989, passando a fazer parte do acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Esses desenhos são uma referência ao estreito relacionamento entre Bardi e Le Corbusier, a quem aquele chamava "o Valente".

Segundo, sua próprias palavras, no livro *Lembrança de Le Corbusier – Atenas, Itália, Brasil*: "Antes que o pano de boca do meu teatrinho particular desenrole-se para baixo, penso que seja de algum interesse aflorar a recordação de um convívio que tive por longos anos com Le Corbusier. O protagonista de emergentes aventuras estéticas do século, anotador de nutrido calendário de eventos, propostas, polêmicas, ilusões e certezas, a ponto de considerá-lo o mais singular fujão das normalidades atribuídas à tradição, um curioso tecedor de fábulas raras e instituidor de uma nova quaresma, após o Carnaval oitocentesco da Arquitetura".

No espaço privilegiado da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, o Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, juntamente com o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, a Pinacoteca do Estado, a Fundação Memorial da América Latina, o Museu Lasar Segall e a TV Cultura lançam a programação das comemorações do Centenário de P. M. Bardi para o ano 2000.

Com esta pequena exposição, a Fundação Bienal presta também sua homenagem a um de seus Conselheiros Vitalícios, e o IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil – concede o título – *post mortem* – de Sócio Benemérito a P. M. Bardi, por sua enorme contribuição ao desenvolvimento da arquitetura.

Marcelo Carvalho Ferraz
Outubro/99

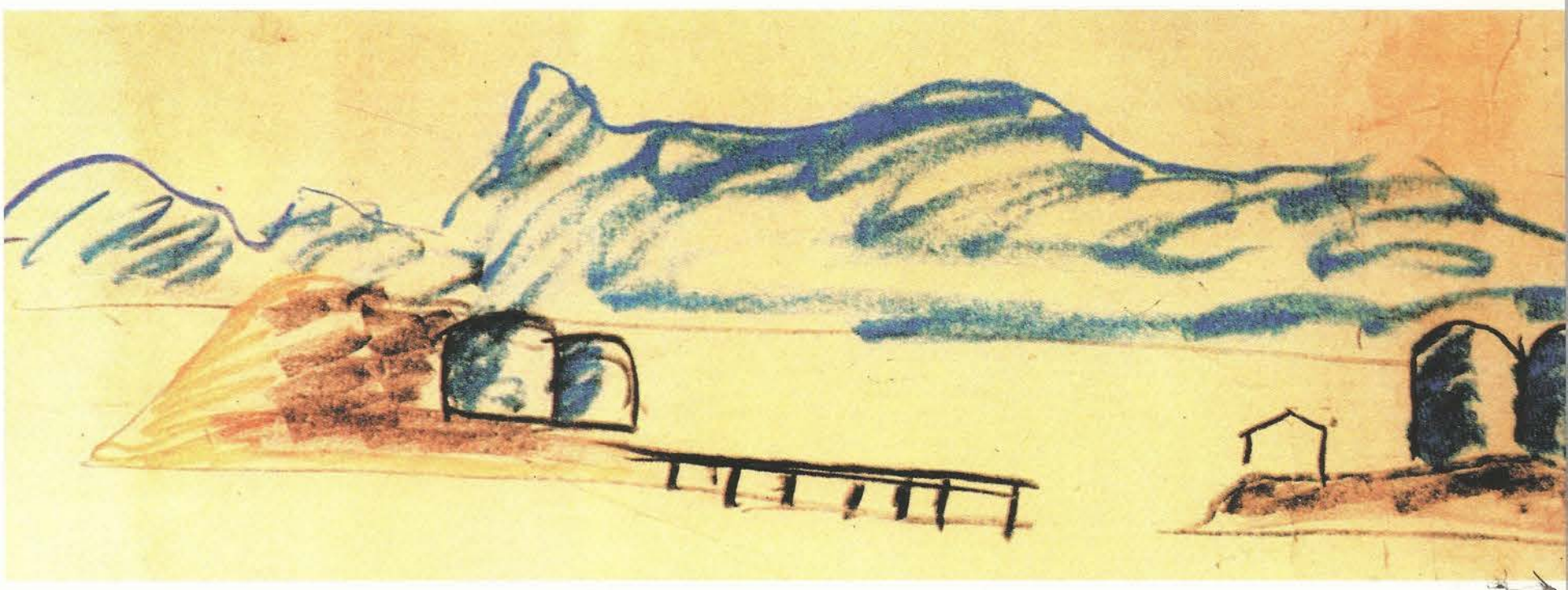
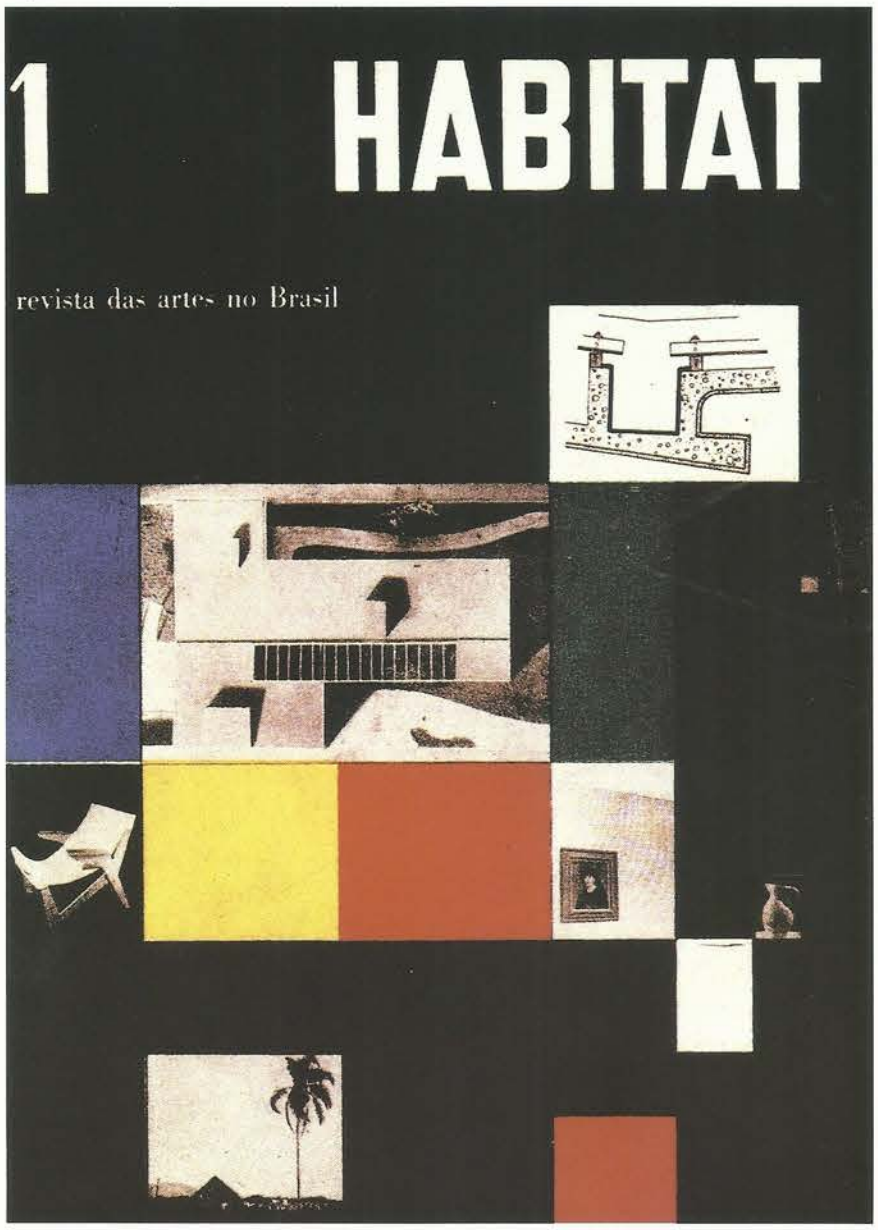
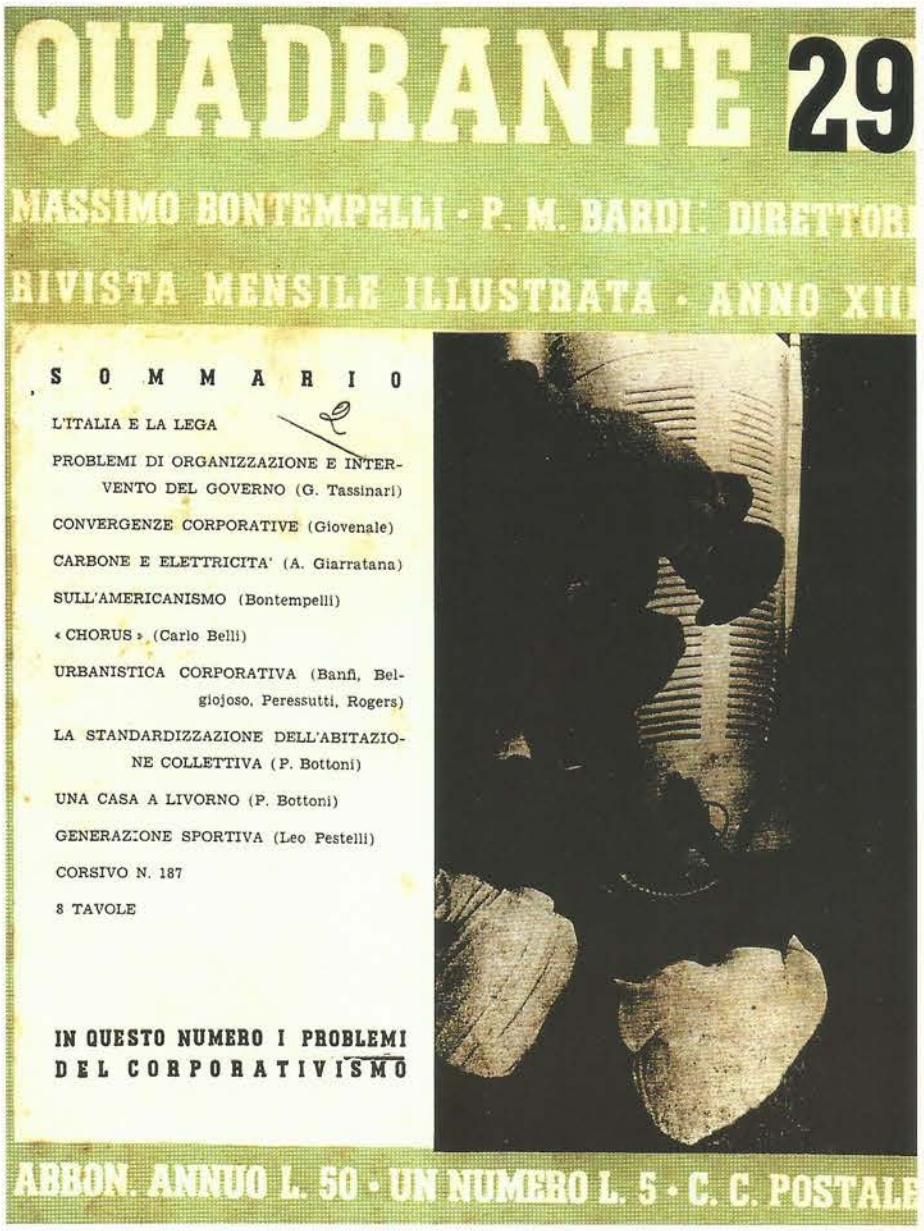


Ilustração para a conferência Programa de Uma Faculdade de Arquitetura (1936). Sem assinatura. SPHAN/Pró-Memória, 1989

Capa da Revista *Habitat*



Capa da Revista *Quadrante*



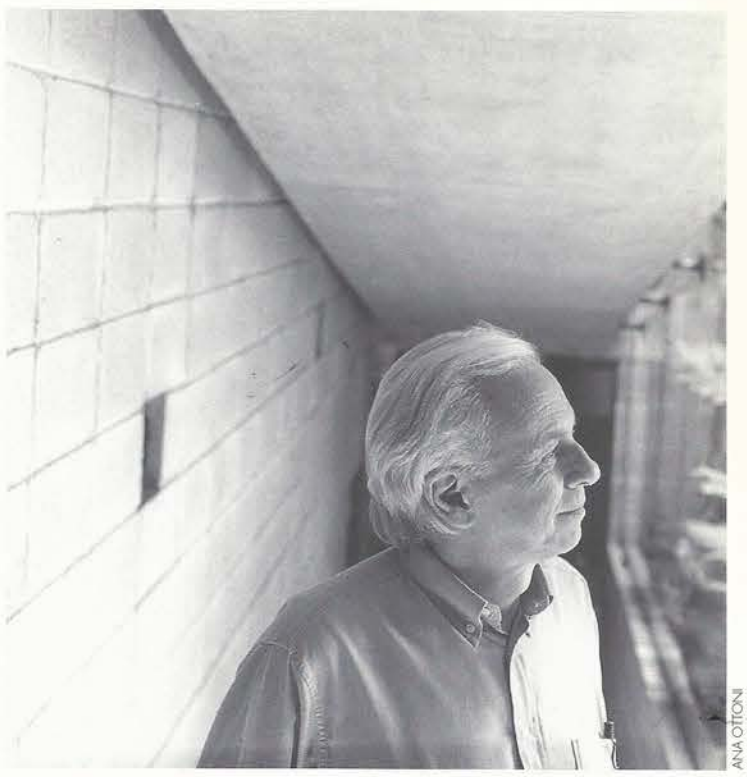
Arquitetos Brasileiros

"Arquitetos Brasileiros" não é uma exposição de arquitetura, e sim uma mostra de retratos. Retratos de quem faz arquitetura. Rostos pouco vistos pelo grande público: ainda que se conheçam as obras, dificilmente se conhecem seus autores. A não ser que freqüentem colunas sociais, criem desfiles de moda, construam avenidas, liderem campanhas contra projetos de suas prefeituras ou se elejam eles mesmos prefeitos...

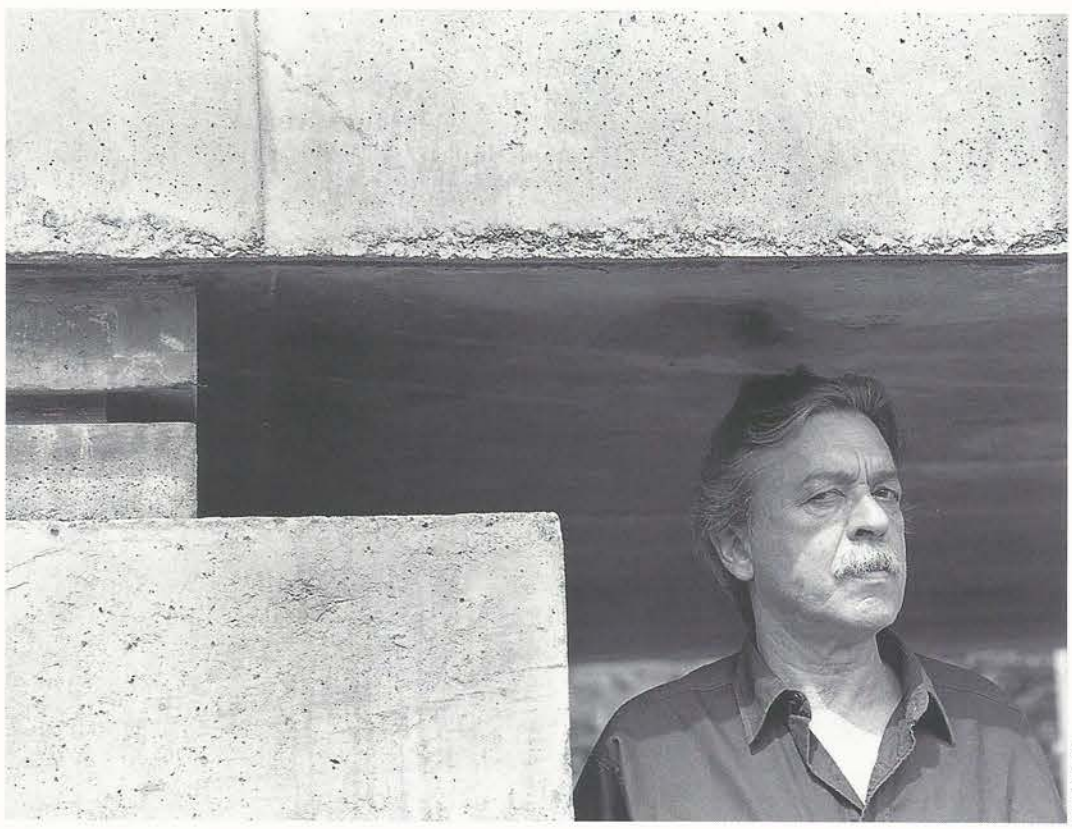
Para mostrar esses e outros arquitetos colocamos esta exposição de *portraits* em meio a uma grande mostra de projetos: caras de arquitetos no cenário de suas obras.

Autoria:
Ana Ottoni

Carlos Bratke



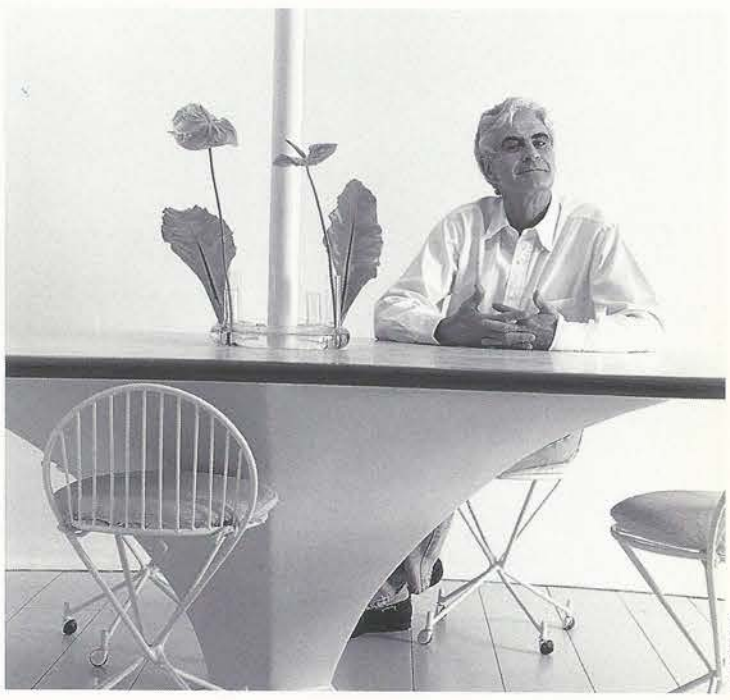
Eduardo de Almeida



Paulo Mendes da Rocha

Ilsay Weinfeld e Márcio Kogan

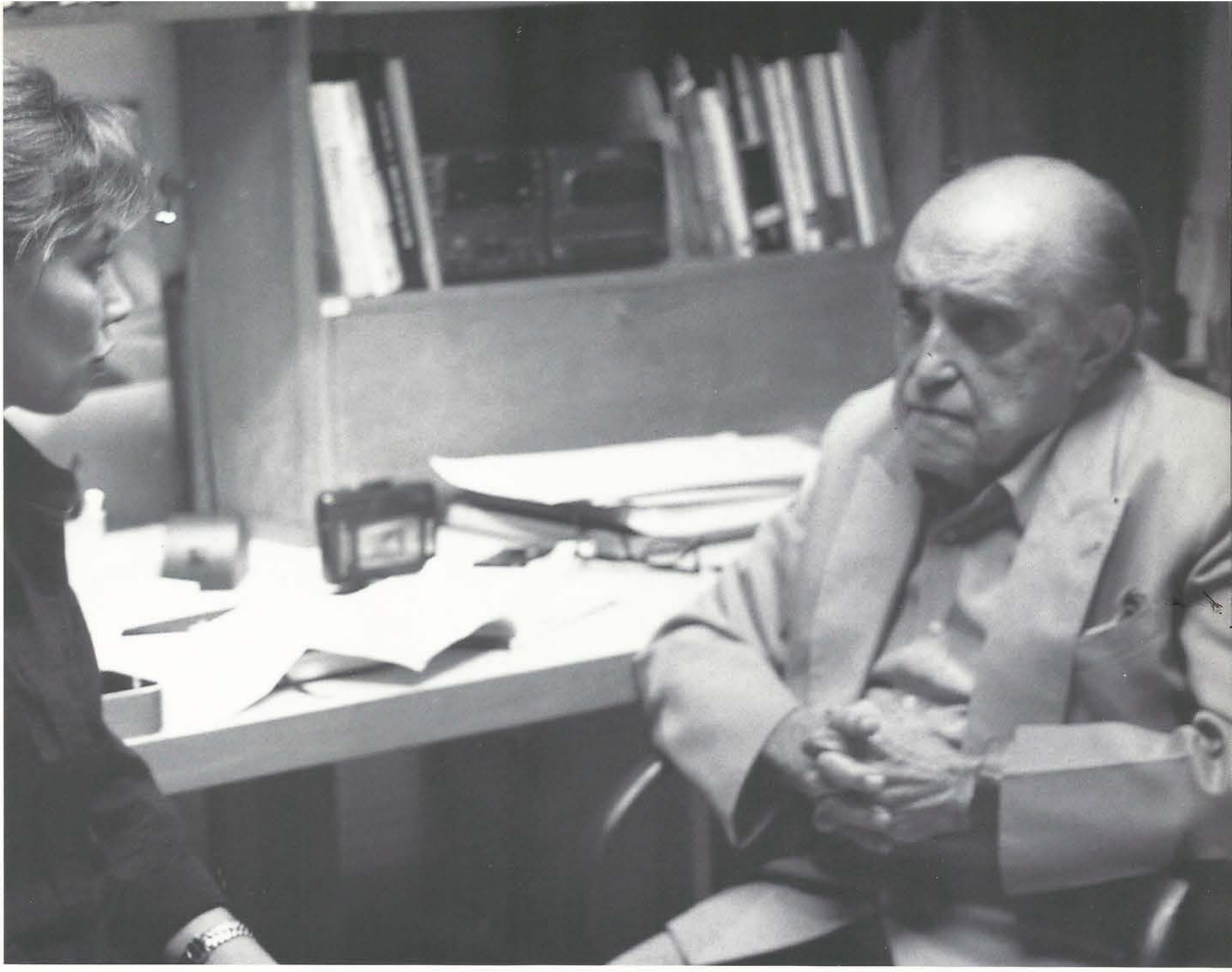
Eduardo Longo



Niemeyer/ Do Abstrato ao Concreto

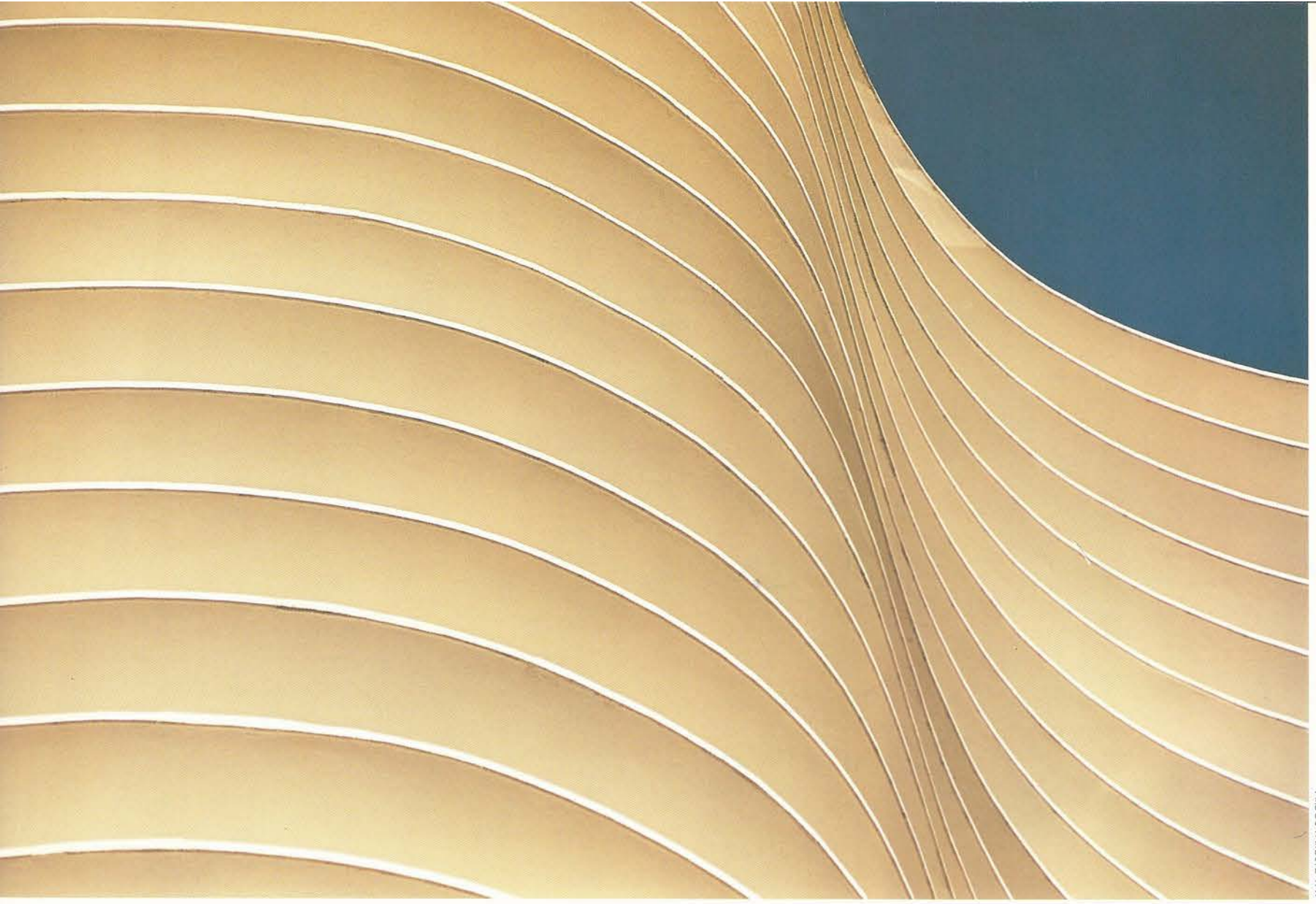
As fotos enfatizam a beleza plástica, os traços artísticos e a monumentalidade das obras de Niemeyer, dando a elas a marca de um olhar que, ao mesmo tempo, valoriza os detalhes da caneta do mestre impressos no concreto armado e transforma a obra, ao registrá-la, compondo quadros essencialmente contemporâneos, espaciais e futuristas como as próprias obras o são.

Autoria:
Ana Carolina Boclin

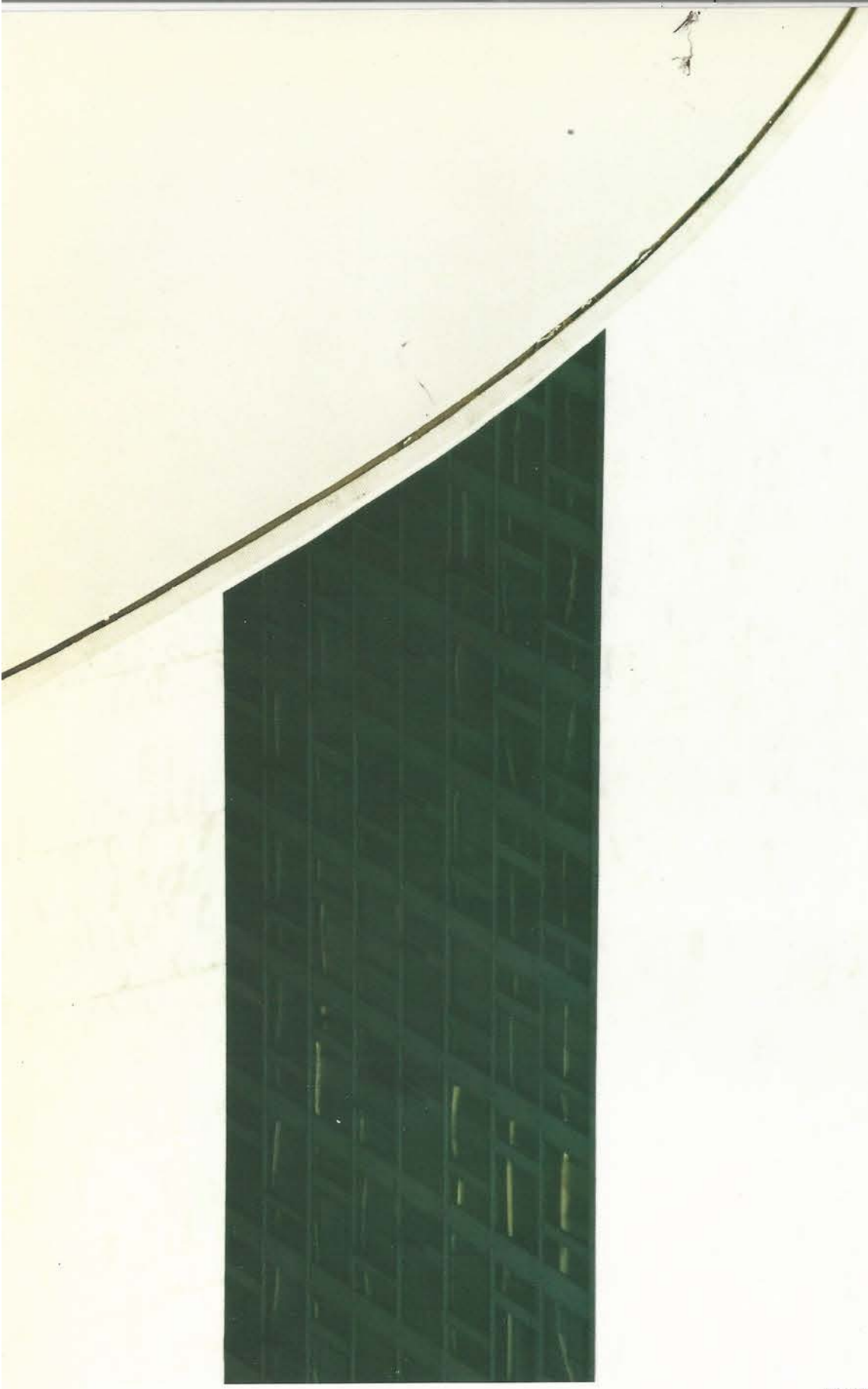


ANA CAROLINA BOCLIN

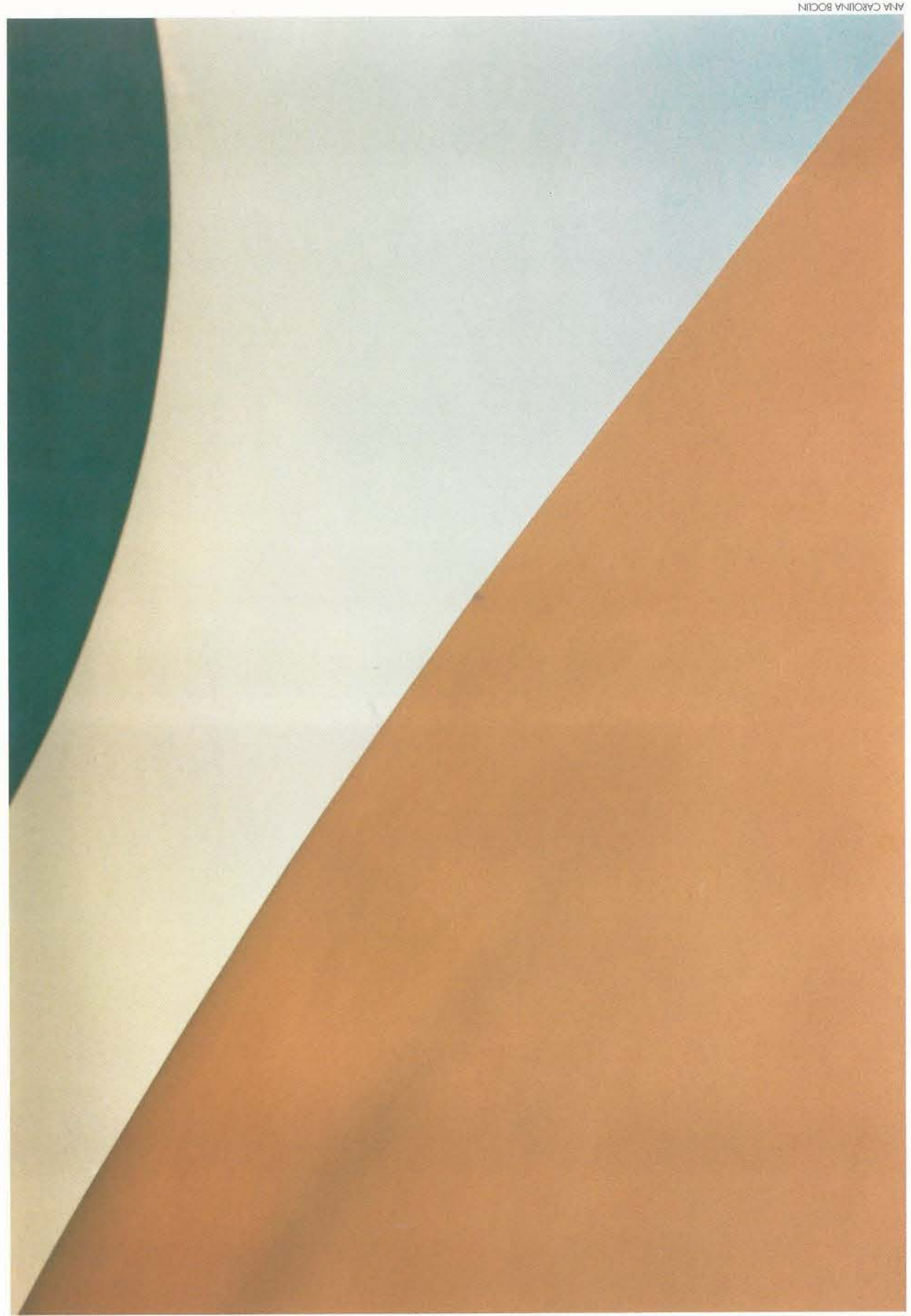
ANA CAROLINA BOCLIN



ANA CAROLINA BOCLIN



ANA CAROLINA BOCLIN



ANA CAROLINA BOCLIN

Paisagem e Memória

Meu trabalho nasce da memória e não da imaginação.

Memória das paisagens construídas pelos homens ao longo do tempo nas cidades, locais de encontro e passagem.

Não é a perspectiva fotográfica, clássica, geometricamente precisa que me atrai, mas a do movimento, do percurso e velocidade, aquela que representa o próprio dinamismo da vida urbana. É como se sempre estivéssemos de passagem pelas passagens urbanas.

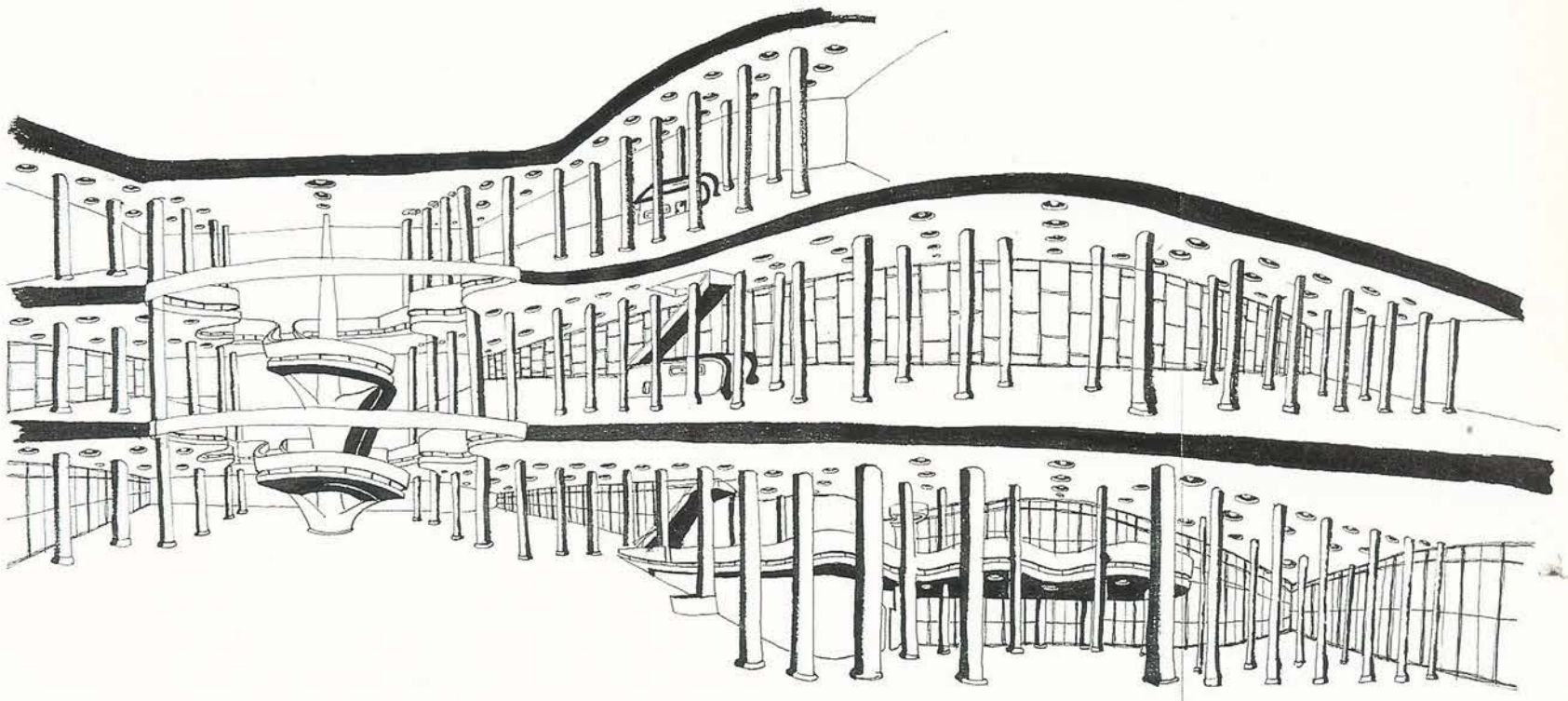
Os desenhos vão ocupando folhas e folhas, vezes um caos de "esparadrapos" e durex, juntando pedaços, adicionando outros com cola. Uma técnica que vai do maopi aos pingos de velas; do *fotoshop* à *aquarela*. De certa forma como as técnicas construtivas de nossos abrigos, nas cidades injustas em que vivemos, do madeirite e papelão ao aço escovado e cristal.

A técnica de representação conversa com as técnicas construtivas.

Tudo para representar as cidades que já desenhei: Nova York, São Paulo, Paris e Salvador.

Carla Caffé

Autoria:
Carla Caffé



Construir com terra na América Latina

Organização:
ABCTerra
Sylvio Barros Sawaya
Paulo Montoro
Márcia Macul
Letícia Achcar
Wilma Abdalla Artigas
Maria de Lourdes Zuquim

A ABCTerra, Associação Brasileira dos Construtores com Terra, é uma organização sem fins lucrativos, que se propõe ser um centro de referência, de pesquisa e de divulgação do tema da construção com terra crua. Não se trata de retomar técnicas construtivas arcaicas, mas sim de superar os mecanismos de personificação do arquiteto como artista e gênio criador e individualista. Incitamos a que a participação do autor e do executor se unam no mesmo objetivo e com o mesmo empenho e dedicação para a realização da obra. Através desse processo participativo, descentralizador e da abordagem multidisciplinar, a arquitetura com terra passa a reconhecer a pluralidade e a diversidade cultural e contribuir para a formação de uma consciência crítica em relação ao ambiente construído.

Desenvolver hábitos e atitudes de convivência harmônica com a natureza são questões primordiais que regem a intenção e o desejo em atingir a melhor qualidade de vida e a humanização da morada.

Nosso propósito, nesta exposição da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, é direcionar o debate a um âmbito populacional mais amplo – e, por isso, pensamos na América Latina. A questão é buscar a idéia da integração entre povos irmãos, através de um tema que é o da construção com TERRA CRUA. Sabemos que 60% da população mundial vive em moradias de terra e reconhecemos que esse número, em nosso continente, aumenta consideravelmente.

Interessa-nos a interação, a integração e também o posicionamento que esse discurso pode provocar – e, principalmente, a possibilidade de fortalecimento do nosso bloco ibérico na América, frente aos demais grupos, que se constituem no contexto da globalização.

A idéia é ensaiar um tipo de eficácia, que se propõe solucionar problemas comuns: o grande déficit habitacional, e também o abandono do patrimônio histórico arquitetônico, o que representa um atraso e um esquecimento das técnicas tradicionais de construção, embotando o próprio desenvolvimento cultural. A ABCTerra quer investir na idéia de uma integração do nosso continente, através do reconhecimento daquilo que é comum e do que é singular em cada um desses países na questão de técnicas construtivas tradicionais de terra crua. Nossas taipas e tapías, nossos adobes, nossos pau-a-pique, nossos rebocos.

Para instituir essas trocas, temos algo nas mãos: um privilegiado manancial de recursos naturais na nossa superfície, dos quais a terra ocupa lugar principal. Também óxidos de ferro, diversas argilas e areias, caulinitas – que fizeram o nosso patrimônio conhecido, hoje fragilizado pela ausência de cuidados e até do conhecimento dos próprios habitantes. A intuição de trocar experiências e conhecimentos expressos e impressos no território e na cultura polifônica é a meta de uma mostra que busca dialogar com os povos vizinhos, sejam eles usuários, sejam profissionais – direcionando expectativas, instaurando identidades e paralelismos, e construindo novas relações e caminhos.

Painéis de parede em terra crua. Técnica: taipa de pilão

Residência em Jaguariúna em taipa de pilão. Projeto: Sylvio Barros Sawaya

Banco de Imagens Digitais de Arquitetura

Coordenação Técnica e Concepção do Projeto:
Abílio Guerra
André Kaplan

Projeto Piloto: "Rino Levi"

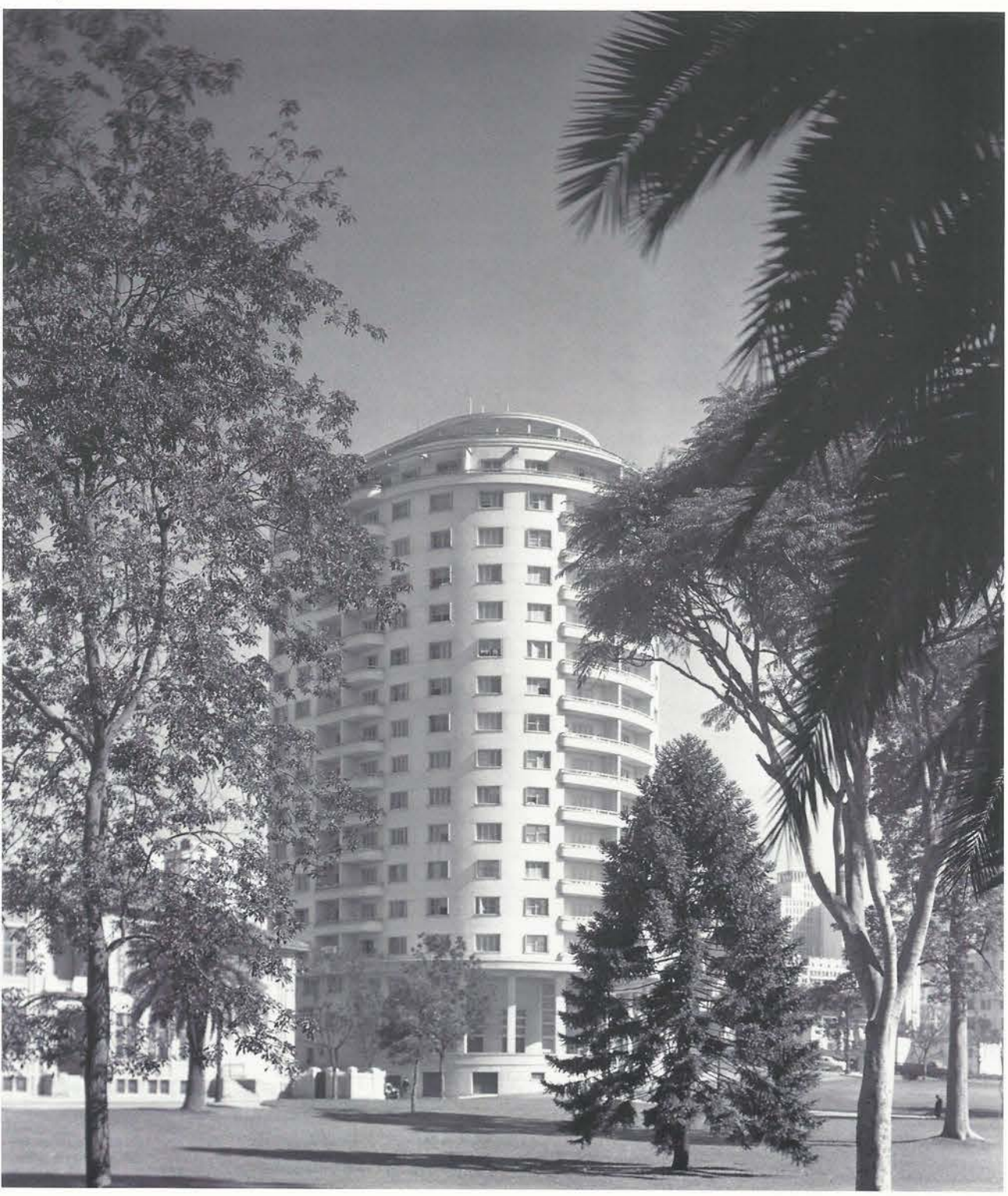
Quando as tecnologias digitais invadiram os escritórios de arquitetura, muitos cogitaram se o desenho à mão não seria totalmente abandonado, dando lugar aos processos simbióticos entre máquina e homem. Hoje, redimensionados os riscos dessas cogitações, os computadores foram irremediavelmente assimilados no nosso cotidiano, trazendo contribuições inegáveis. Evidentemente o desenho técnico feito em nanquim sobre o vegetal aliado ao normógrafo – técnica insignificante diante do caráter mecânico e isolado dentro do composto das práticas projetuais – tornaram-se obsoletos. Em contrapartida, o desenho à mão, o croqui, o traço como representação de uma instância prévia ao esforço conceitualizado do projeto não desapareceu. Essa forma de expressão ganhou novo alento ao ser elevada à categoria de obra artística e, para alguns arquitetos, acabou representando uma instância de proximidade cognitiva capaz de conduzir suas arquiteturas rumo às novas linguagens contemporâneas. Simultaneamente, abriram-se novas formas de intermediação entre projeto, pensamento e obra acabada. Exemplos vão desde o modelo tridimensional de estudo às colagens e maquetes eletrônicas, entre outros; das faturas manuais aos expedientes infográficos.

Se o desenho não foi abandonado, mas tomou novo fôlego como suporte apropriado em situações específicas, a informática propiciará em breve outras tantas formas de suporte para as idéias construtivas arquiteturais das quais ainda estamos apenas considerando as possibilidades. Não está claro como ou mesmo em que medida essa tecnologia poderá ainda transformar a prática e os resultados na área da arquitetura. Dentre esses novos suportes para a informação estão os bancos de dados que, aliando o acesso remoto e a capacidade de armazenamento de grandes quantidades de informação com custo relativamente baixo, poderão ampliar e democratizar a pesquisa de referências para o projeto.

Tudo leva a crer que os bancos de imagens digitais facilitarão a consulta cotidiana dos documentos que, de outra forma, estariam fora do acesso da maioria, guardados nos acervos originais e restritos a alguns pesquisadores nos meios acadêmicos. As edificações de valor histórico e arquitetônico, como conseqüência, podem se transformar em referência para os futuros projetos e até em exemplares paradigmáticos. Abre-se a possibilidade, portanto, para que arquitetos e estudantes de arquitetura conheçam melhor o que se faz e o que já se fez, tanto entre os seus conterrâneos quanto entre os povos mais distantes, o que favorece a interação de conhecimentos e culturas. Por sua vez, as identidades regionais podem se estabelecer mais plenamente e uma verdadeira cultura arquitetônica ganha condições para ir se engendrando.

Edifício Columbus, 1932

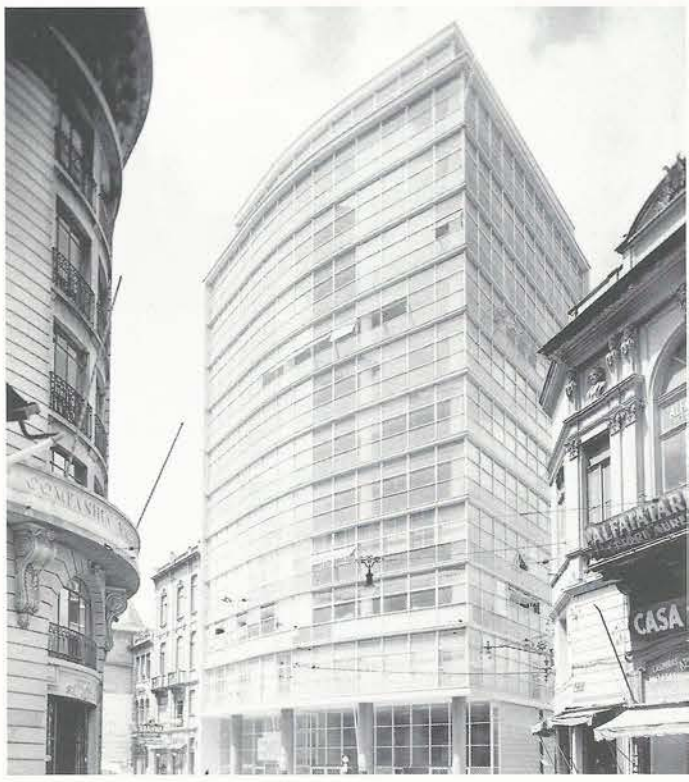
Guarani, 1936



Hotel Excelsior, 1941

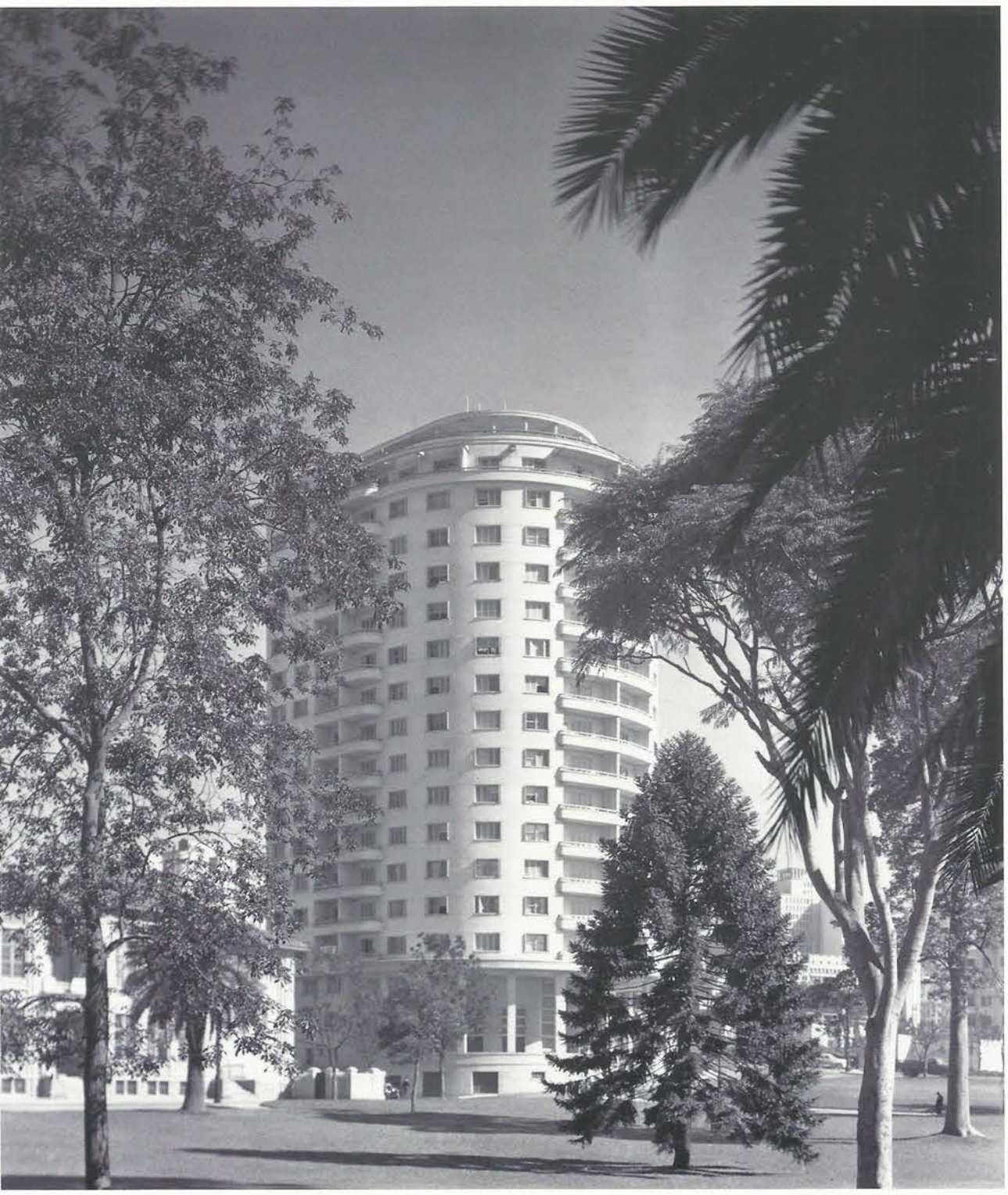
É comum valorizar o objeto arquitetônico construído, mas não a enorme quantidade de documentos e registros elaborados como subproduto dessas edificações. Entretanto sabe-se que diversos projetos excelentes nunca foram construídos. Da mesma forma muitos projetos distanciaram-se das suas concepções originais, por várias razões, no canteiro, durante o período da obra. Outras tantas edificações foram alteradas posteriormente devido à readaptação para funções diversas das iniciais, sendo descaracterizadas, adulteradas, reinventadas. O acesso às informações contidas nos desenhos originais, bem como aos usuais registros fotográficos das fases construtivas das obras, aos documentos escritos, aos organogramas e a tantos outros documentos, tudo conjugado aos próprios exemplares edificados, poderia fornecer uma visão mais lúcida da arquitetura brasileira. Essa valiosa documentação está espalhada nos acervos particulares, muitos em estado de abandono, merecendo atenção da comunidade acadêmica e profissional. A digitalização desse material, por preservar indistintamente a produção edificada e não edificada, permanente e efêmera, favoreceria a consulta e a revisão crítica do nosso patrimônio arquitetural num sentido mais abrangente.

Banco Paulista do Comércio, 1947



Edifício Columbus, 1932

Guarani, 1936



Hotel Excelsior, 1941

É comum valorizar o objeto arquitetônico construído, mas não a enorme quantidade de documentos e registros elaborados como subproduto dessas edificações. Entretanto sabe-se que diversos projetos excelentes nunca foram construídos. Da mesma forma muitos projetos distanciaram-se das suas concepções originais, por várias razões, no canteiro, durante o período da obra. Outras tantas edificações foram alteradas posteriormente devido à readaptação para funções diversas das iniciais, sendo descaracterizadas, adulteradas, reinventadas. O acesso às informações contidas nos desenhos originais, bem como aos usuais registros fotográficos das fases construtivas das obras, aos documentos escritos, aos organogramas e a tantos outros documentos, tudo conjugado aos próprios exemplares edificados, poderia fornecer uma visão mais lúcida da arquitetura brasileira. Essa valiosa documentação está espalhada nos acervos particulares, muitos em estado de abandono, merecendo atenção da comunidade acadêmica e profissional. A digitalização desse material, por preservar indistintamente a produção edificada e não edificada, permanente e efêmera, favoreceria a consulta e a revisão crítica do nosso patrimônio arquitetural num sentido mais abrangente.

Banco Paulista do Comércio, 1947

Cia. Seguradora, 1962

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC de Campinas, há algum tempo, dedica-se, por meio do CIDD (Centro Integrado de Documentação Digital), a um projeto especialmente voltado para a criação de um banco de imagens digitais que deverá conter acervos de arquitetos brasileiros de importância. O projeto piloto, financiado pela Fapesp, resultou a digitalização de parte do acervo do escritório Rino Levi Arquitetos Associados. Durante essa fase experimental, foram digitalizadas aproximadamente 3.000 imagens, todas em resoluções diversas, atendendo às demandas de circulação na rede mundial e às de impressão. Esse acervo digital é totalmente institucional e destina-se a atender pesquisadores, arquitetos, professores, alunos, além de interessados em arquitetura e cultura geral. A iniciativa não deve restringir-se ao projeto piloto, mas estender-se, quando viabilizados os necessários recursos humanos e financeiros, por meio de parcerias com os setores institucionais e privados. Vale lembrar que os resultados alcançados poderão ser em breve acessados e pesquisados na rede mundial consultando-se nosso site.

O que estamos apresentando nesta 4ª Bienal Internacional de Arquitetura vai além da conclusão da fase inicial de mais um projeto piloto. É uma idéia que, se adequadamente estimada em seu valor cultural, poderá valorizar a nossa arquitetura aqui e em outros territórios.

Profª Drª Jane Victal Duduch
Curadora

Banco Sul-Americano, 1962

Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo

Curadores:
Lucio Gomes Machado
Paulo Yassuhide Fujioka
Silvia Martha Castelo Branco Bezerra

Esta exposição pioneira visa a apresentar ao público o acervo de documentação arquitetônica do Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal, que preservou registros das exposições de arquitetura organizadas a partir da 1ª Bienal de Artes do Museu de Arte Moderna em 1951.

O objetivo é mostrar algumas das imagens e dos documentos memoráveis que foram arquivados em todos esses anos – reproduções de documentos históricos, desenhos, maquetes e painéis; fotografias de exposições, projetos, obras e eventos. Enfim, reconstruir não apenas uma parte importante da História das Bienais, mas uma parte da História da Arquitetura Moderna.

O Arquivo Histórico Wanda Svevo foi criado após a 3ª Bienal Internacional de Artes, em 1955. Contém 590 m lineares de documentos de gêneros, tipos e suportes diversos abrangendo um período entre 1948 aos nossos dias, organizados de acordo com os princípios arquivísticos de proveniência e de respeito à ordem original, de modo a manter a organicidade do conjunto e assegurar a possibilidade de recompor as funções e atividades da instituição originária. Destacam-se, entre outras séries, cartas (cerca de 60 mil), fichas de inscrição, projetos e dossiês individuais de 15 mil artistas, arquitetos e personalidades das artes plásticas.

A importância da documentação reunida no Arquivo é fundamental, sendo a única na América Latina suscetível de desempenhar um pólo aglutinador e catalisador de investigação especializada e de fornecer suporte documental ao projeto que se pretende implementar, posteriormente, de criação de um Centro de Pesquisa sobre Arte e Arquitetura Contemporânea. Para muitos especialistas, o potencial informativo da documentação confere ao Arquivo envergadura e importância comparáveis apenas ao material que se encontra disponível no acervo da Bienal de Veneza.

A formatação da Bienal Internacional de Arquitetura – com a Exposição Geral de Arquitetos, Salas Especiais e Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura – originou-se na 1ª Exposição Internacional de Arquitetura da 1ª Bienal de Artes, que já nasceu prestigiada pela vinda de alguns dos mais importantes arquitetos e pensadores da época, tanto na exposição como nos júris de premiação.

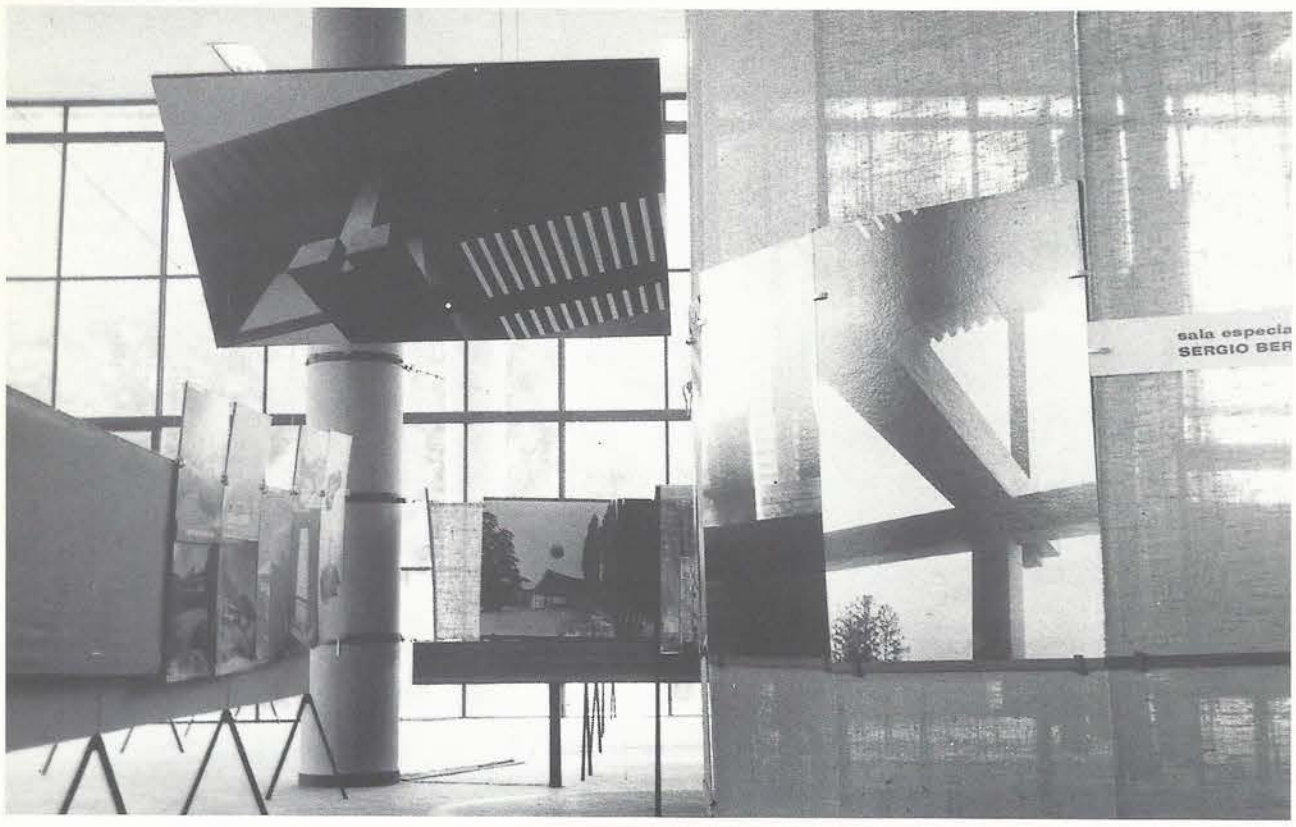
A partir dos anos 50, essas exposições conquistaram grande prestígio, com exposições e premiações de grandes mestres como Le Corbusier, Mies van der Rohe, Walter Gropius, Oscar Niemeyer etc. Com o impulso na indústria da construção durante o "milagre econômico", sentiu-se necessidade de ampliar a mostra para uma bienal exclusivamente dedicada à arquitetura. Assim, a 1ª Bienal Internacional de Arquitetura nasceu em 1973, iniciando-se uma parceria entre a Fundação Bienal e o Instituto de Arquitetos do Brasil. O conceito da Exposição Geral de Arquitetos como uma mostra aberta foi firmado na 1ª BIA, de forma a exibir um retrato da arquitetura de uma época.

Durante o levantamento de pesquisa para essa mostra, deparou-se com uma quantidade imensa de documentos (cartas, fichas de inscrição, textos) e imagens (fotos e desenhos) que celebram importantes arquitetos do Brasil e do exterior, que compareceram à Bienal como expositores, membros de júris e palestrantes de 1951 a 1997.

Maquete de projeto de casa de campo em São José dos Campos, de Rino Levi, 1ª Exposição Internacional de Arquitetura da 1ª Bienal de Artes de 1951

Interior de apartamento do Edifício Prudência, de Rino Levi, 1ª Exposição Internacional de Arquitetura da 1ª Bienal de Artes de 1951

PETER SCHEIER



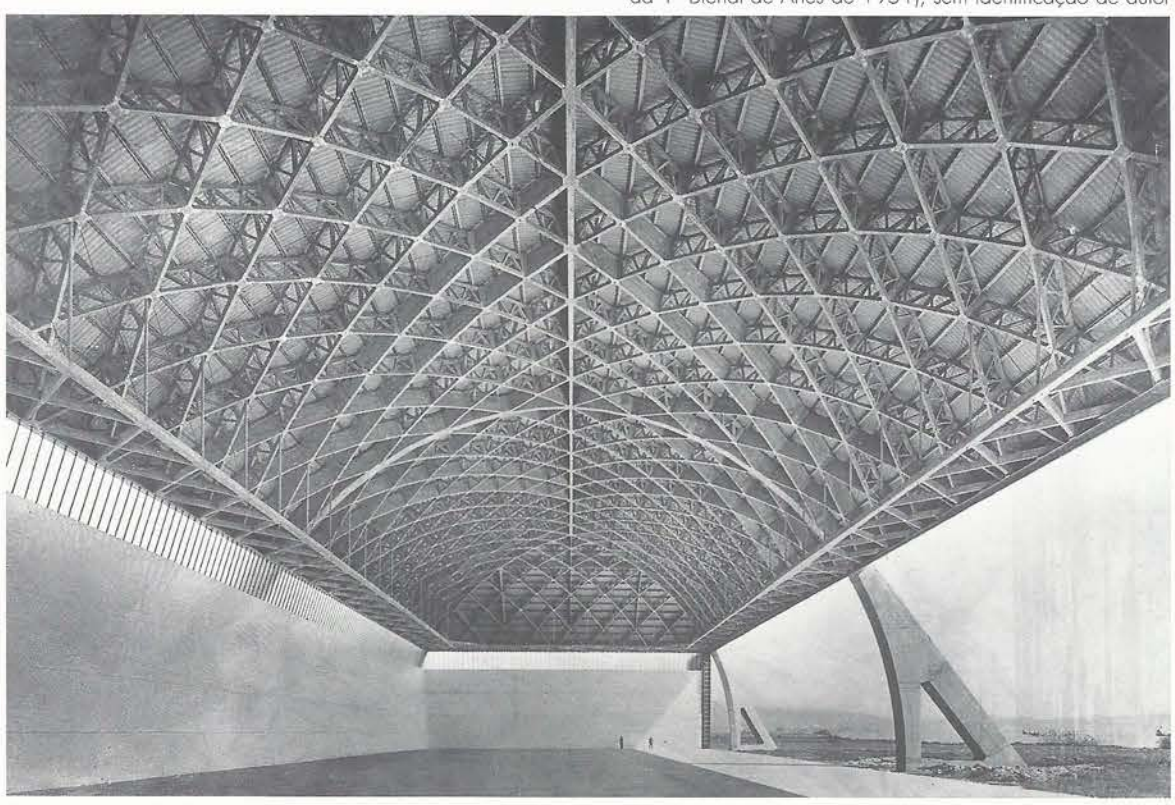
Sala Especial Sérgio Bernardes na VII Bienal de Artes (1963). No centro da foto está o Pavilhão do Brasil para a Exposição Mundial de Bruxelas de 1958 (sem identificação de autor)

Por exemplo, os júris de premiação das exposições internacionais de arquitetos e dos concursos internacionais de escolas incluíram nomes como Siegfried Gideion, Junzo Sakakura, Eduardo Kneese de Mello, Francisco Beck, Walter Gropius, Josep Luis Sert, Alvar Aalto, Ernesto N. Rogers, Affonso Eduardo Reidy, Oswaldo Bratke, Marcel Breuer, Kenzo Tange, Philip Johnson, Jacob Ruchti, Eduardo Corona, Zenon Lotufo, Maurício Roberto etc.

Entre os arquitetos premiados estiveram Philip Johnson, Le Corbusier, Pier-Luigi Nervi, Lúcio Costa, Henrique Mindlin, Rino Levi, Álvaro Vital Brazil, Oscar Niemeyer, Joaquim Cardoso, Oswaldo Bratke, Ícaro de Castro Mello, Salvador Candia, Plínio Croce, Roberto Aflalo, Sérgio Bernardes, Vilanova Artigas etc. Nas listas de estudantes premiados podemos ver nomes como Carlos Milan, Luís Roberto Carvalho Franco, Jon Maitrejean, Adolfo Rubio Morales, Roger Zmekhol, Jeronimo Esteves, Júlio Katinsky e Israel Sancovski, entre tantos.

É interessante observar que muitos desses nomes voltaram a comparecer na 4ª BIA, na forma de Salas Especiais, como Mies van der Rohe, Carlos Raúl Villanueva, Affonso Reidy e Jorge Moreira.

Foto de construção em concreto armado e elementos pré-fabricados – Orvieto e Ortobetello, de Pier-Luigi Nervi (Prêmio para Projeto apresentado por estrangeiro não-residente no Brasil – 1ª Exposição Internacional de Arquitetura da 1ª Bienal de Artes de 1951), sem identificação de autor



Sala especial Affonso Eduardo Reidy na VI Bienal de Artes, 1961 (sem identificação de autor)

As facilidades criadas pela Internet encorajaram um recorde de participação internacional na Exposição Geral de Arquitetos, no Concurso de Escolas e no segmento Arquitetura para a Cultura, incluindo neste último obras de Norman Foster, Itsuko Hasegawa (também participante da Exposição Geral de Arquitetos), Tadao Ando, Fumihiko Maki, Arata Isozaki, Ricardo Legorreta, Herzog & de Meuron, Enrique Norten etc.

Um avanço cuja medida pode ser avaliada quando vemos a troca de correspondência entre Le Corbusier, ou Gropius, e os organizadores da Bienal, em cartas datilografadas com cópia em carbono.

Como resultado, com a documentação dos dados da 4ª BIA no Arquivo, este se tornará um importante centro de referência para estudantes e pesquisadores, não somente pelo acervo histórico mas também pelo material digitalizado das Salas Especiais da 4ª BIA, englobando uma seleção de alguns dos mais importantes projetos de arquitetura deste fim de século – além do quadro da produção brasileira nos anos 90 – totalizando mais de 500 projetos. O registro em VHS e áudio de palestras, debates e premiações das 3ª e 4ª BIAs também serão catalogados.

Portanto, esta mostra constitui uma oportunidade para divulgar o acervo do Arquivo Histórico Wanda Svevo ao público, que em sua forma atual já pode ser considerado um dos mais valiosos para a documentação da História da Arquitetura Moderna Brasileira.

Premiação da 1ª Exposição Internacional de Arquitetura da 1ª Bienal de Artes de 1951 (sem identificação de autor)

Arquitetura no Espaço

Curadoria:
Marcos Weinstock

Realização:
Rede Globo

Um Novo Olhar sobre Todas as Coisas

Não importa se a virada do milênio acontecerá em 2001. Esta é a última Bienal de Arquitetura do século. Nesta Bienal, o que está em jogo é o direito que toda pessoa tem de exigir melhorias em sua qualidade de vida. E só exige quem sabe o que quer. A 4ª Bienal Internacional de Arquitetura quer treinar o olhar e despertar os sentidos para essas questões.

Neste momento, 16 países estão reunidos em torno de um megaprojeto: o ISS – International Space Station – que representa o que há de mais avançado em ciência aplicada e tecnologia em todo o mundo. Esse laboratório espacial, essa casa do espaço, tem o Brasil entre seus parceiros.

Pode soar estranho que um país com problemas na área de habitação, urbanismo, saúde, educação etc. esteja inserido nesse restrito clube, por seu padrão de ciência e tecnologia. Mas o Brasil tem ilhas de excelência que lhe permitem ser um dos signatários e ter a chave desse condomínio espacial.

O ISS é um grande salto no espaço e, sobretudo, um olhar voltado para o futuro, para um tempo em que a ciência não será só ciência, a tecnologia não será só tecnologia, a arte não será só arte e a arquitetura não será somente arquitetura. A marca será a da interdisciplinaridade. E todo mundo terá de aprender a ter um novo olhar sobre todas as coisas.

É por esse espírito que a questão da conquista do espaço se torna tão relevante na 4ª BIA quanto uma análise introspectiva sobre a genealogia dos caiapós. Na 3ª BIA já mostramos a planta industrial do Projac, de que forma a Rede Globo estava equipada em sua engenharia de Broadcasting e o que ela poderia produzir. Agora estamos subvertendo a ordem e instigando quem é craque em dramaturgia e em televisão a pensar em antropologia e ciência exata, e quem só faz ciência, como o INPE e a Agência Espacial Brasileira, a pensar em espetáculo, ajudando a criar um espaço lúdico onde ancestralidade e futuro se encontram. Esse espaço não é apenas para o arquiteto ou o astrônomo, é também para o público leigo. E, principalmente, para os jovens. Que, com estímulos como esse, possam eles despertar para a ciência, para a tecnologia, para a arte e, sobretudo, para a cidadania.

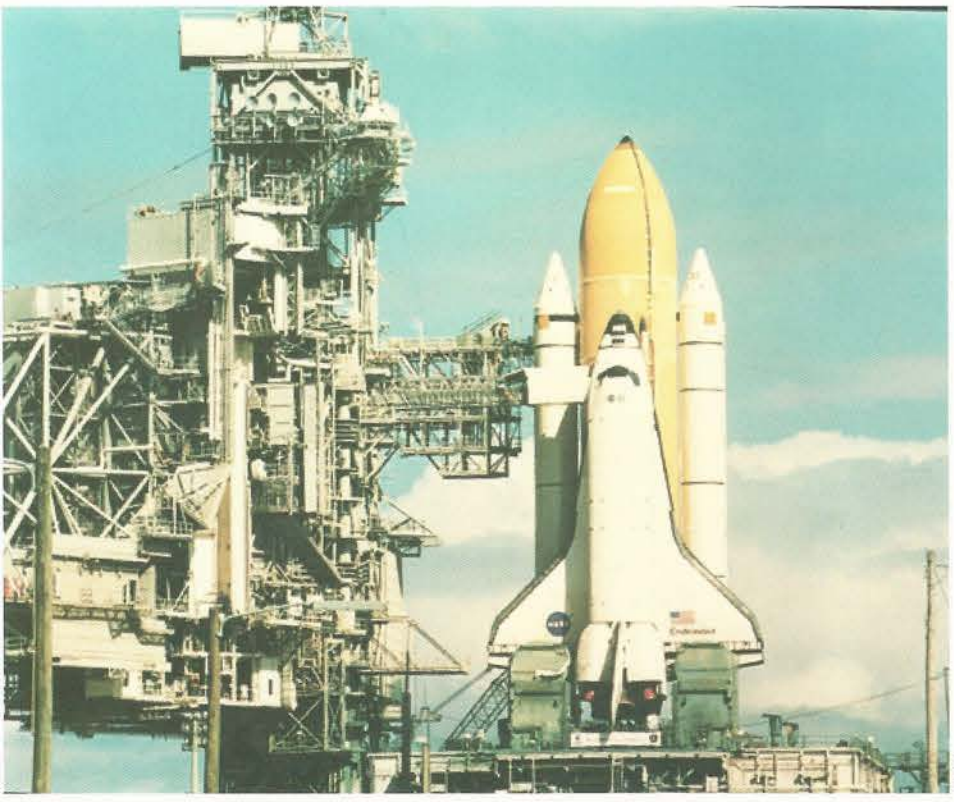
A Sala Especial Arquitetura no Espaço só foi possível graças à parceria entre a Fundação Bienal de São Paulo e a Rede Globo, ao apoio da Agência Espacial Brasileira e do INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Aeroespaciais, à colaboração da Boeing e da NASA e ao patrocínio da Intelig.

Marcos Weinstock
Curador

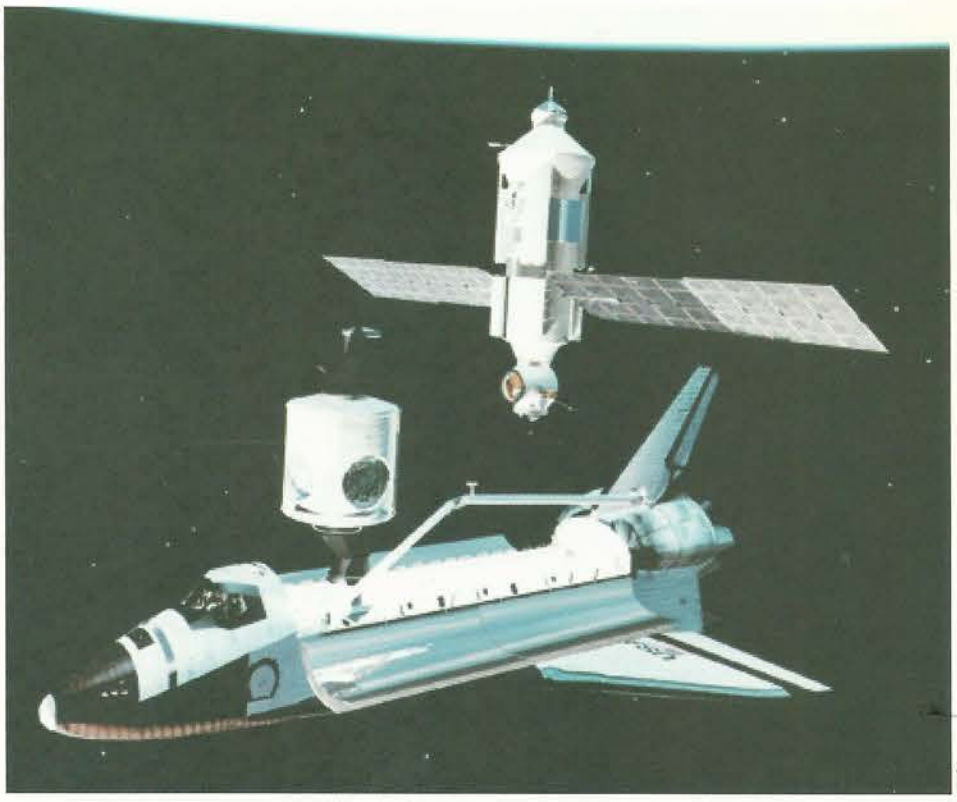
Desenhando Sonhos

A televisão pode ser uma ponte entre dois mundos separados por milhares de anos e milhões de quilômetros. Foi dessa forma lúdica que a Rede Globo decidiu participar da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.

Não estamos simplesmente trazendo um pedaço da Estação Orbital da NASA e mostrando como vivem os astronautas no espaço. Estamos, sim, criando e construindo sonhos. A partir de um tema recorrente na mitologia de diversas tribos indígenas brasileiras, desenvolvemos uma instalação para contar uma belíssima história.



NASA



NASA

Estação Internacional Espacial – Primeiro elemento

Segundo lendas de diversas tribos, os índios brasileiros vieram do espaço. Cada tribo conta a história da sua maneira. Nós escolhemos a versão que mostra os índios chegando à Terra nos fios da teia de uma Deusa-Aranha. Nem todos, porém, conseguiram alcançar nossas florestas. Alguns ficaram no céu e as estrelas que vemos no espaço são as fogueiras acesas por eles. Em nossa vocação de criar sonhos, usaremos a nave espacial para que nossos índios encontrem seus amigos que ficaram no espaço.

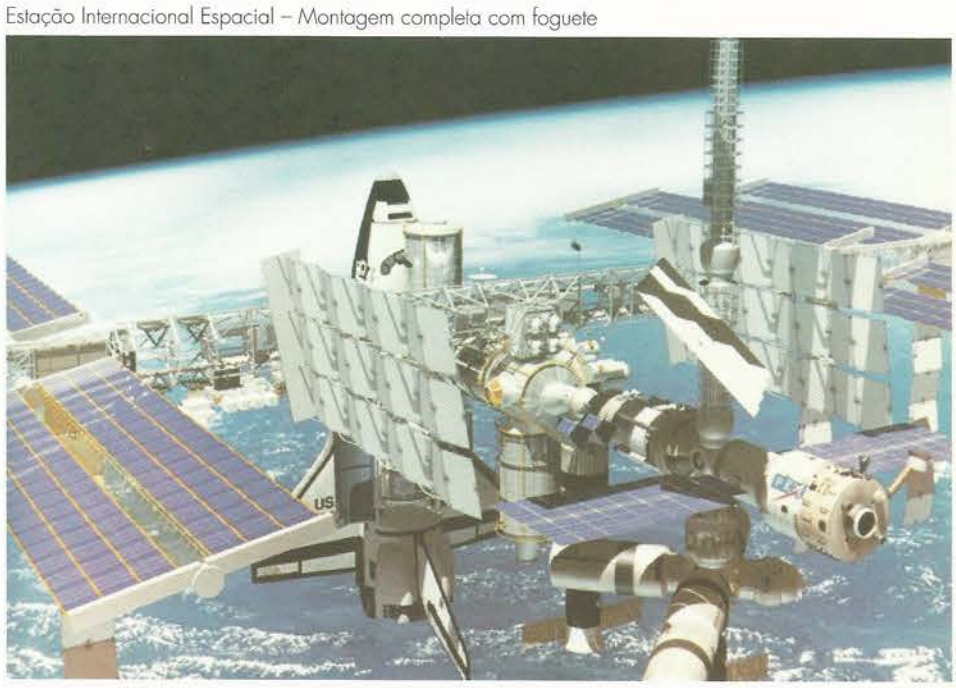
O visitante da Bienal, ao chegar, entra na taba que une o mundo dos índios ao universo dos astronautas. Dessa maneira, acreditamos estar mostrando um pouco daquilo que nos apaixona: criar a oportunidade para que as pessoas sonhem.

Mario Cohen
Diretor da Central Globo de Comunicação

Estação Internacional Espacial – Montagem completa

NASA

Estação Internacional Espacial – Montagem completa com foguete



NASA

Salas Institucionais

A Estrada Real

A divulgação de roteiros a pé, que orientem viajantes em caminhos já esquecidos dos séculos XVIII e XIX, pode parecer paradoxal se considerarmos os confortos e as facilidades que o limiar do século XXI nos oferece.

Entretanto, ao refazer a pé os antigos trajetos, o caminhante, por um lado, retorna, mesmo que subliminarmente, às suas origens, abrindo mão da viagem motorizada. Por outro lado, dispõe-se a conhecer as suas reais limitações físicas e psicológicas, se assim o desejar.

Relaciona-se também de maneira completa com a natureza, a verdadeira, aquela com a qual vivemos e interagimos todos os dias e não nos damos conta.

O viajante pode também fazer uma viagem histórica e cultural, cheia de aspectos religiosos e folclóricos, e conhecer in loco o nosso país.

De certa forma deparamos com a base de nossa gênese social e com as reminiscências dos fatos ocorridos com nossos ancestrais, tão carentes do necessário resgate para o melhor entendimento da nossa cultura e definição de nossa identidade.

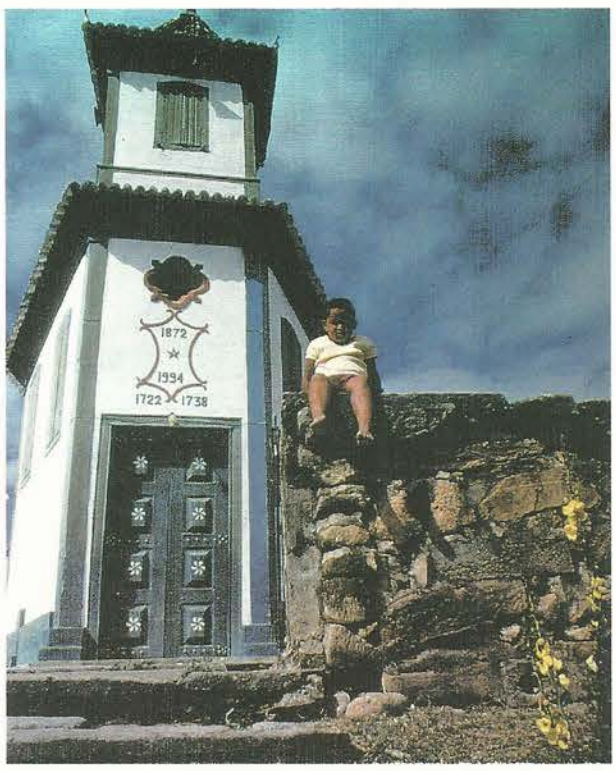
Organização:
Governo do Estado de Minas Gerais

Trecho calçado da Estrada Real entre São Gonçalo do Rio das Pedras e Diamantina, MG

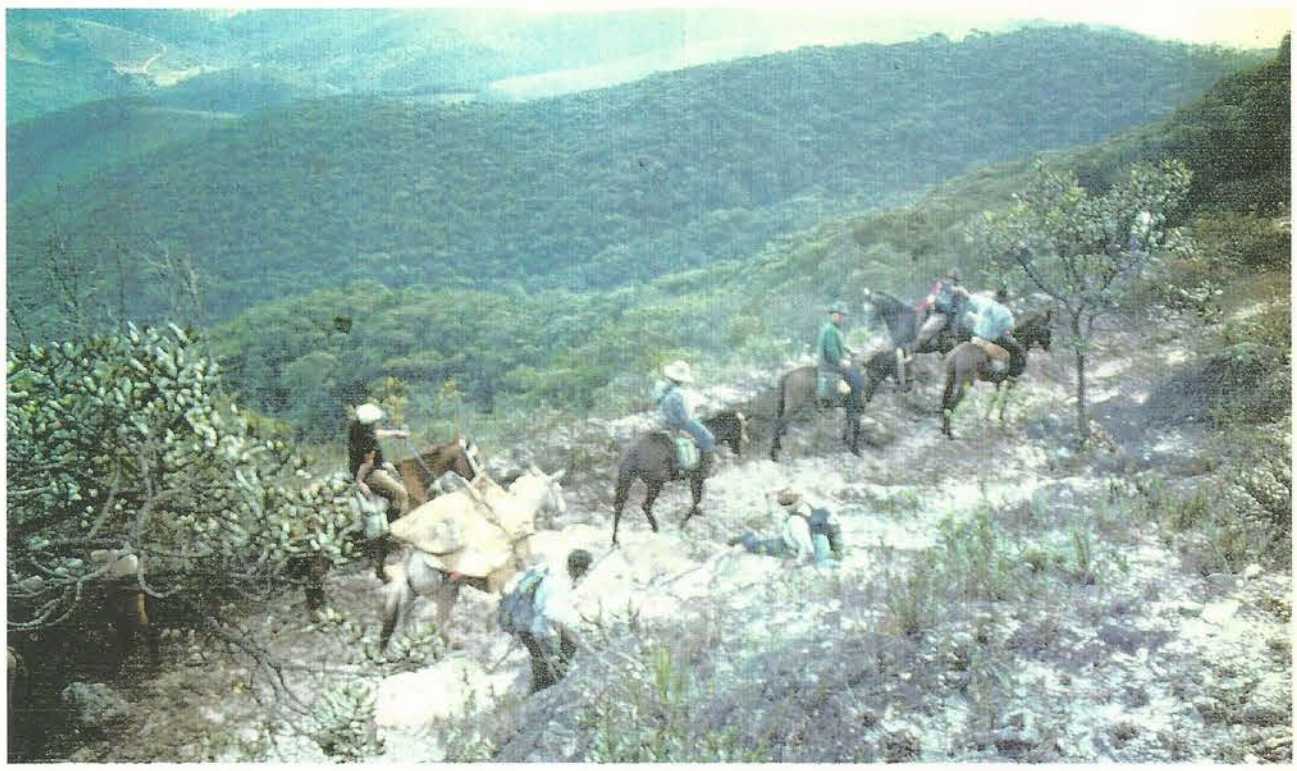
Torre do Sino, Cocais, MG

Fazenda do Morro Vermelho situada à margem da Estrada Real, atual Avenida Padroeira do Brasil, entre Guaratinguetá e Aparecida. Construída no século XVIII, tem sua história ligada ao ouro de Minas Gerais

Igreja, Córregos, MG



Tropeiros na Estrada Real



Centro Cultural Banco do Brasil

Organização:
Centro Cultural Banco do Brasil

O Banco do Brasil, um dos mais atuantes parceiros da cultura no país, está trazendo para São Paulo um projeto que, há dez anos, é sucesso: O CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL.

O CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL será instalado no prédio que sediou a primeira agência do BB na capital, localizado na rua Álvares Penteado, esquina com a rua da Quitanda, no Centro Velho.

O edifício, construído em 1901, foi reformado em 1923, de acordo com o projeto do Escriptório Téchnico Hipolyto Gustavo Pujol Junior. Sua fachada original foi mantida e sua estrutura interna adaptada, incorporando os modernos padrões bancários europeus da época.

Considerado um precioso exemplar da arquitetura do começo do século, o prédio foi tombado pelo DPH/Conpresp (Departamento do Patrimônio Histórico/Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) e pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Arqueológico e Turístico do Estado).

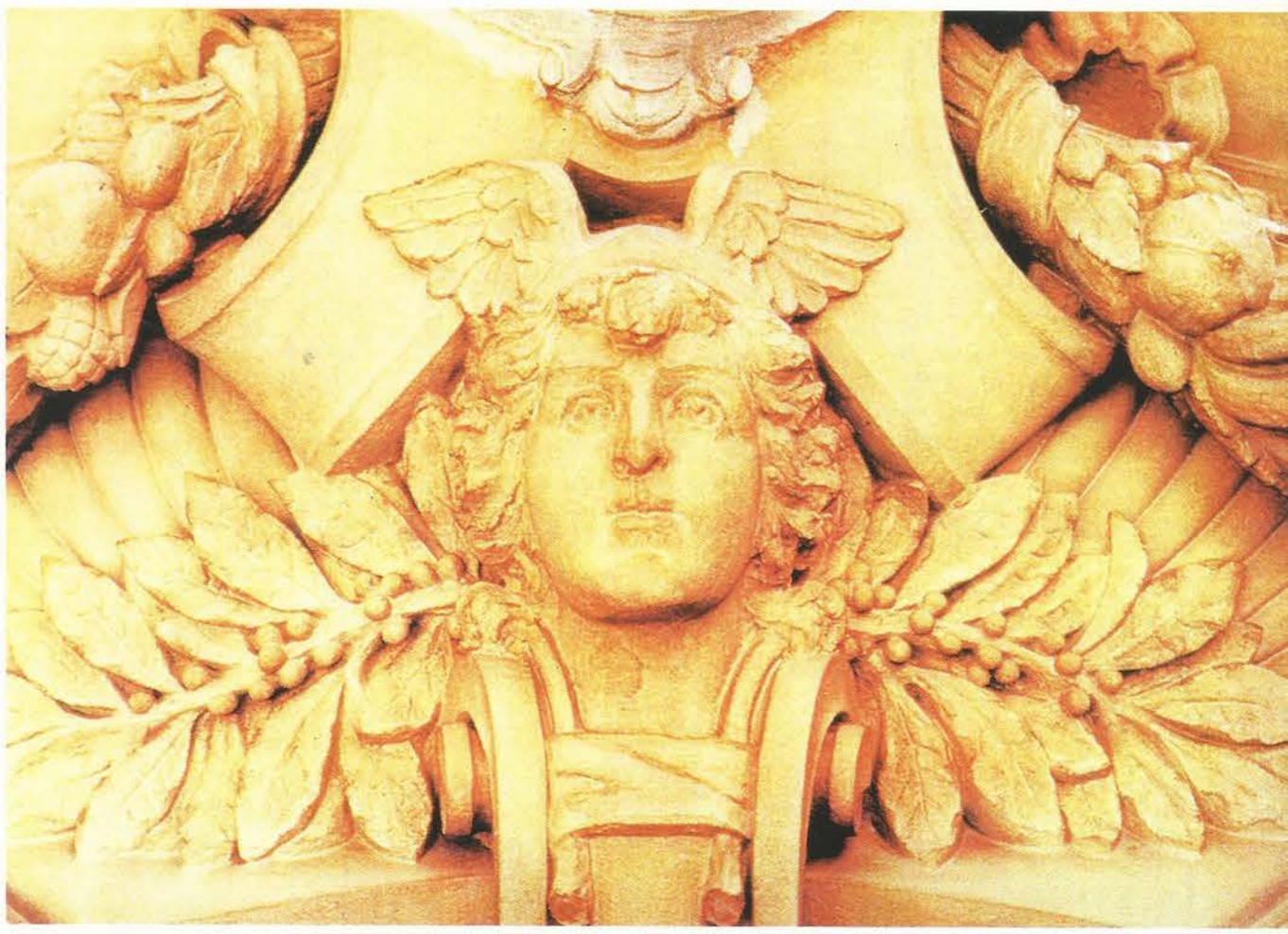
A idéia de instalar o CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL no Centro Velho – a exemplo do que aconteceu no Rio de Janeiro – reflete a preocupação do Banco do Brasil com a preservação do patrimônio histórico e cultural e com a revitalização da área central.

Mais uma vez, o prédio terá os espaços internos redefinidos para atender um novo uso. O projeto de adaptação resgata o valor histórico do edifício e sua linguagem arquitetônica inicial, restaurando ornamentos, colunas e detalhes.

O CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL terá uma área total de 4.183 m², abertos para exposições de arte, cursos, palestras, espetáculos de teatro, dança e música, ciclos de cinema e vídeo, além de salas de consulta com equipamentos multimídia, sala de programas educativos, restaurante e cybercafé.

Criado para difundir a arte e o pensamento e funcionar como um laboratório de idéias e valores, o CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL apresentará uma programação diversificada, seguindo a linha consagrada no Rio de Janeiro, priorizando o ineditismo da proposta, o arrojo no conceito e, fundamentalmente, a qualidade cultural de cada projeto.

O CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL será referência obrigatória no circuito cultural da cidade, divulgando e popularizando a arte, constituindo-se numa nova opção de lazer em São Paulo.



Projeto de Zoneamento Urbano e Rural de Município através de Tecnologia Aeroespacial

Organização:
INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

Apresentação - Conceitos

A partir de 1957, quando pudemos ver do espaço que a Terra é uma bela e frágil esfera azul, e do espaço infinito, sereno e silencioso observamos que os cataclismos e as tempestades são fenômenos naturais provocados simplesmente por alterações climáticas ocorridas na própria Terra, então a humanidade percebeu, do espaço, que esta frágil esfera azul deve ser protegida e amada.

Desde então proliferaram os movimentos de defesa e proteção dos Recursos Naturais, que são finitos.

Os arquitetos e urbanistas historicamente têm o compromisso de trabalhar para a melhoria da qualidade de vida do cidadão e da humanidade. Para isso atuamos no manejo e na ordenação do território em seus vários níveis.

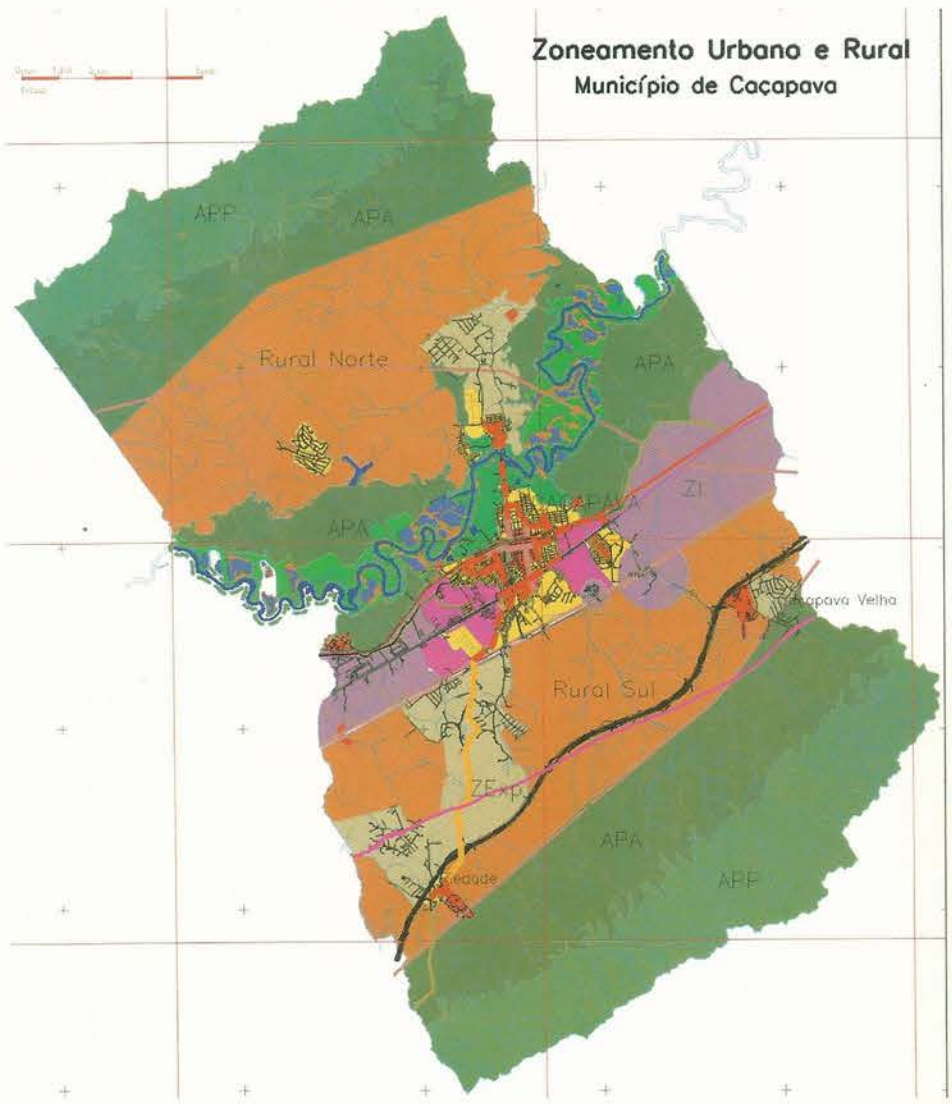
Hoje trabalhamos e formamos profissionais para estarem preocupados com as questões de aeração, insolação, ventilação e iluminação. No urbanismo salientamos a necessidade do saneamento básico, da recuperação dos córregos, rios e lagoas, do combate à poluição do ar por monóxido de carbono ou outros efluentes industriais ou da necessidade dada à recuperação e à reciclagem de resíduos sólidos, urbanos e rurais.

Projetar os Municípios com suas áreas urbanas e rurais é uma tarefa complexa. Analisar e projetar espacialmente um Estado ou Macrorregiões, então, torna-se quase uma abstração.

Hoje nós observamos o território com o ponto de observação no solo. A tecnologia aeroespacial por meio dos Sensores Remotos de Observação da Terra associados a Sistemas de Geoprocessamento nos permite elevar o ponto de observação e ver o território de fora dele, do espaço, a uma distância de até 36 mil km. Hoje dispomos de satélites: francês, americano, hindu, canadense, soviético e sino-brasileiro com resolução espacial variando de 250m x 250m a 1m x 1m. Esse modo novo de observar o território requer uma revisão na base teórica do urbanismo em função da possibilidade de podermos ter fácil acesso ao conhecimento holístico relacionado ao comportamento do território. Questões como o clima e o comportamento da alta atmosfera, a identificação de complexos ecossistêmicos homogêneos e a dinâmica dos recursos hídricos e dos oceanos passam agora a incorporar os dados para análise urbanística e socioeconômica dos territórios e das populações, além da possibilidade de conhecer integralmente este território em detalhes, antes impossíveis e nem imaginados. Esse novo conhecimento deve estar incorporado na formação do arquiteto urbanista em seu cotidiano e principalmente em seus cursos de graduação.

O trabalho "Projeto de Zoneamento Urbano e Rural de Município através de Tecnologia Aeroespacial" apresenta a metodologia e os resultados de um Plano Diretor desenvolvido pela utilização do Sensoriamento Remoto e do Geoprocessamento.

Carta Imagem – Satélite LANDSAT
Zoneamento Urbano e Rural
Município de Caçapava
Rural Norte
APA
ZI
Rural Sul
ZExp
APP


Zoneamento Urbano e Rural
Município de Caçapava
APP
APA
Rural Norte
ZI
Rural Sul
ZExp

Metodologia

A partir de imagens do satélite Landsat-TM (EEUU) e Spot-Pan (Francês), processa-se a interpretação visual e digital empregando as sete imagens de bandas espectrais isoladamente diferentes e combinadas por meio de composições coloridas. Obtém-se de forma precisa o mapeamento do território, com a composição detalhada de seus usos, quantificados imediatamente, qualificados de forma que o olho humano isoladamente antes não conseguia e em tempo real atualizado.

Essa interpretação, complementada por pesquisas de campo e informações disponíveis em literatura clássica, permite a elaboração do Diagnóstico Ambiental do Município em mapeamentos simplificados por meio de Cartas-Imagem orbitais em escala de até 1:10.000.

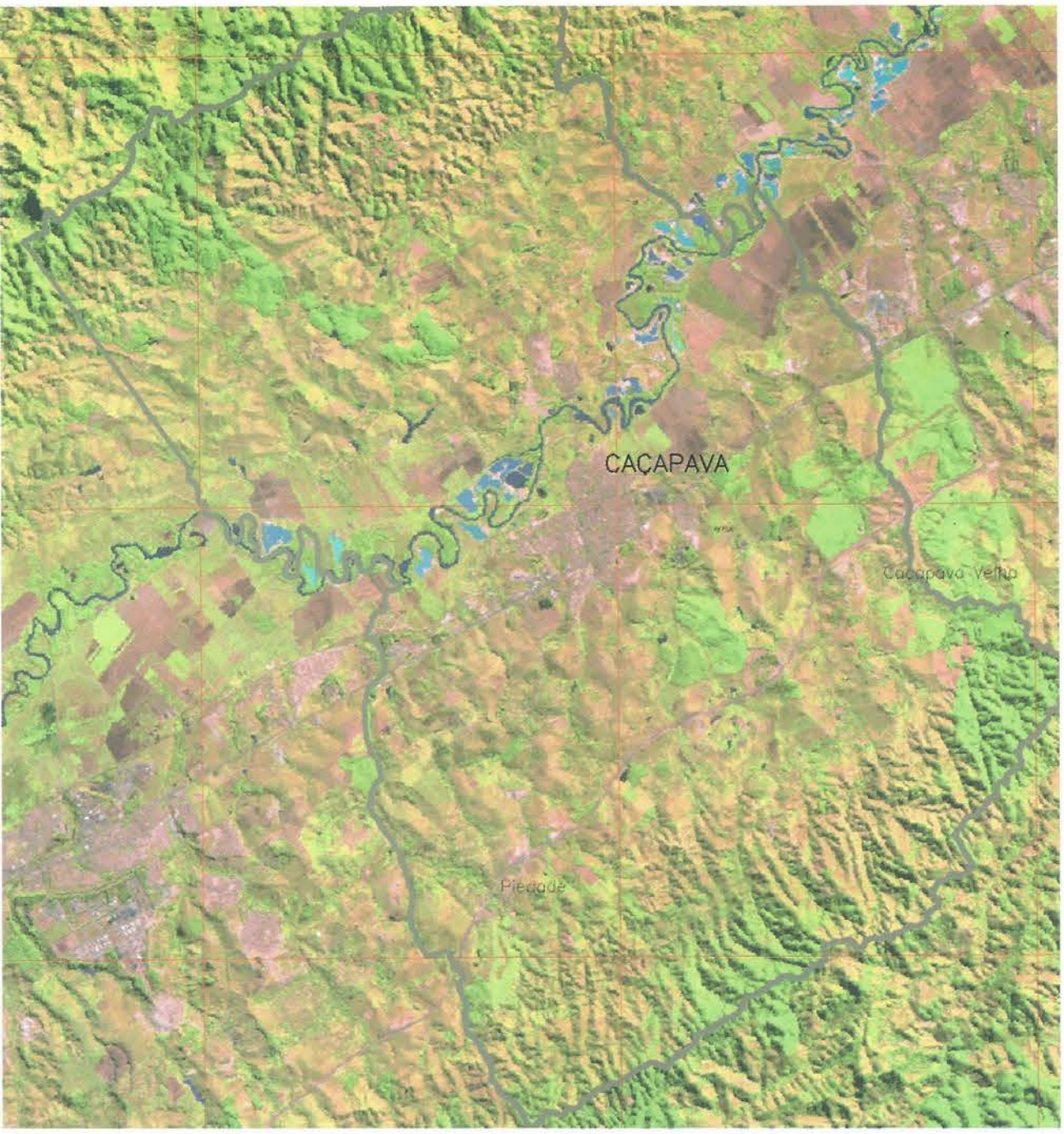
A periodicidade dos satélites em curto espaço de tempo permite conferir e verificar o desenvolvimento das atividades ocorridas, a avaliação de sua dinâmica, e ainda estabelecer seu monitoramento de forma ágil, precisa e econômica.

Essa base cartográfica digital, associada a dados e pesquisas socioeconômicas urbanas e rurais inseridos em um sistema de Banco de Dados georreferenciados, possibilita a elaboração do diagnóstico urbano e rural do Município.

Os três diagnósticos – ambiental, urbano e rural – espacial e visualmente disponíveis, associados às diretrizes de Políticas Públicas e à criatividade do profissional arquiteto urbanista, produzem o desenho do zoneamento urbano e rural que consubstanciará na elaboração da respectiva lei.

A base digital cartográfica e alfanumérica, instalada com o Zoneamento Urbano e Rural, é complementada com tecnologia já disponível de aerofotogrametria, utilizando-se das facilidades dos recursos de GPS, propiciando a elaboração dos Planos Setoriais na escala 1:10.000 ou 1:5.000 e do Cadastro Técnico Imobiliário na escala 1:2.000.

Todo o trabalho foi desenvolvido com o software Spring (Sistema de Processamento de Informações Georreferenciadas), desenvolvido integralmente pelo INPE, com tecnologia totalmente nacional e disponível na Internet com custo zero de acesso. O Spring permite manipular imagens obtidas por satélites ou aeronaves, mapas, modelos numéricos e informações tabulares, geograficamente coincidentes, o que permite a análise de múltiplas visões do espaço simultaneamente, além de facultar sua modelagem matemática.


CAÇAPAVA
Caçapava Velho
Piedade

Poupatempo

Organização:
Governo do Estado de São Paulo

Poupatempo – Central de Atendimento ao Cidadão – é um projeto do Governo do Estado de São Paulo que estabelece um novo padrão de qualidade em serviços públicos, visando a melhorar a qualidade de vida da população, desburocratizando e democratizando o acesso às informações, reunindo vários órgãos e empresas num único local, oferecendo ao cidadão um atendimento diferenciado, eficiente e de qualidade.

Hoje, o Poupatempo já conta com cinco postos de serviços em funcionamento, dos quais três estão na Capital – o Poupatempo Sé (6 mil m²), o Alfredo Issa (1.600 m²) e o Santo Amaro (9 mil m²) – e dois no Interior, o Poupatempo Campinas (3 mil m²) e o São José dos Campos (2.100 m²). Desde a inauguração do primeiro posto em outubro de 1997, o Poupatempo Sé, os postos já realizaram juntos mais de 10 milhões de atendimentos à população.
Para o ano 2000, já está prevista a implantação de mais dois postos Poupatempo: um em Itaquera e outro em São Bernardo do Campo.

Para a implantação dos postos, todas as instalações passam por reformas para se adequarem ao padrão de atendimento Poupatempo, que inclui áreas de espera confortáveis para os usuários, comunicação visual adequada e áreas de atendimento prevendo flexibilidade para readequações de layout, conforme as necessidades e demandas de cada posto.

Baseados nessas diretrizes, os arquitetos Roberto Loeb (Poupatempo Sé e Poupatempo Santo Amaro), Ricoy Torres e Colonelli (Poupatempo Alfredo Issa), Abrahão Sanovicz e Edson Elito (Poupatempo Campinas) e Marco Ozeki (Poupatempo São José dos Campos) desenvolveram os projetos dos postos já em funcionamento, que estarão em exposição fotográfica na Bienal. O Poupatempo Itaquera, posto a ser inaugurado em agosto do ano 2000, tem projeto assinado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha.

4ª BIA

Um miniposto do Poupatempo, com projeto do arquiteto Edson Elito, estará em funcionamento durante a 4ª Bienal de Arquitetura. Nele, o Instituto de Identificação Ricardo Gumbleton Daunt (IIRGD) estará emitindo a nova Carteira de Identidade, que terá foto, impressão digital e assinatura do portador digitalizadas: a grande novidade em termos de serviços do Poupatempo. Todo o trabalho de emissão do novo modelo do RG, que será realizado em caráter demonstrativo durante a Bienal e, em breve, implantado nos postos Poupatempo, poderá ser acompanhado pelos visitantes.

Além disso, o público verá uma exposição de Carteiras de Identidade e Prontuários antigos e de personalidades, como da cantora Elis Regina, montada pelo Instituto de Identificação Ricardo Gumbleton Daunt (IIRGD), mostrando toda a evolução dos documentos de identidade através do tempo.

Todos os projetos dos postos do Poupatempo estarão expostos, inclusive a maquete do projeto de Itaquera.

BEATRIZ ALBUQUERQUE

Poupatempo Alfredo Issa. Projeto: Ricoy Torres e Colonelli

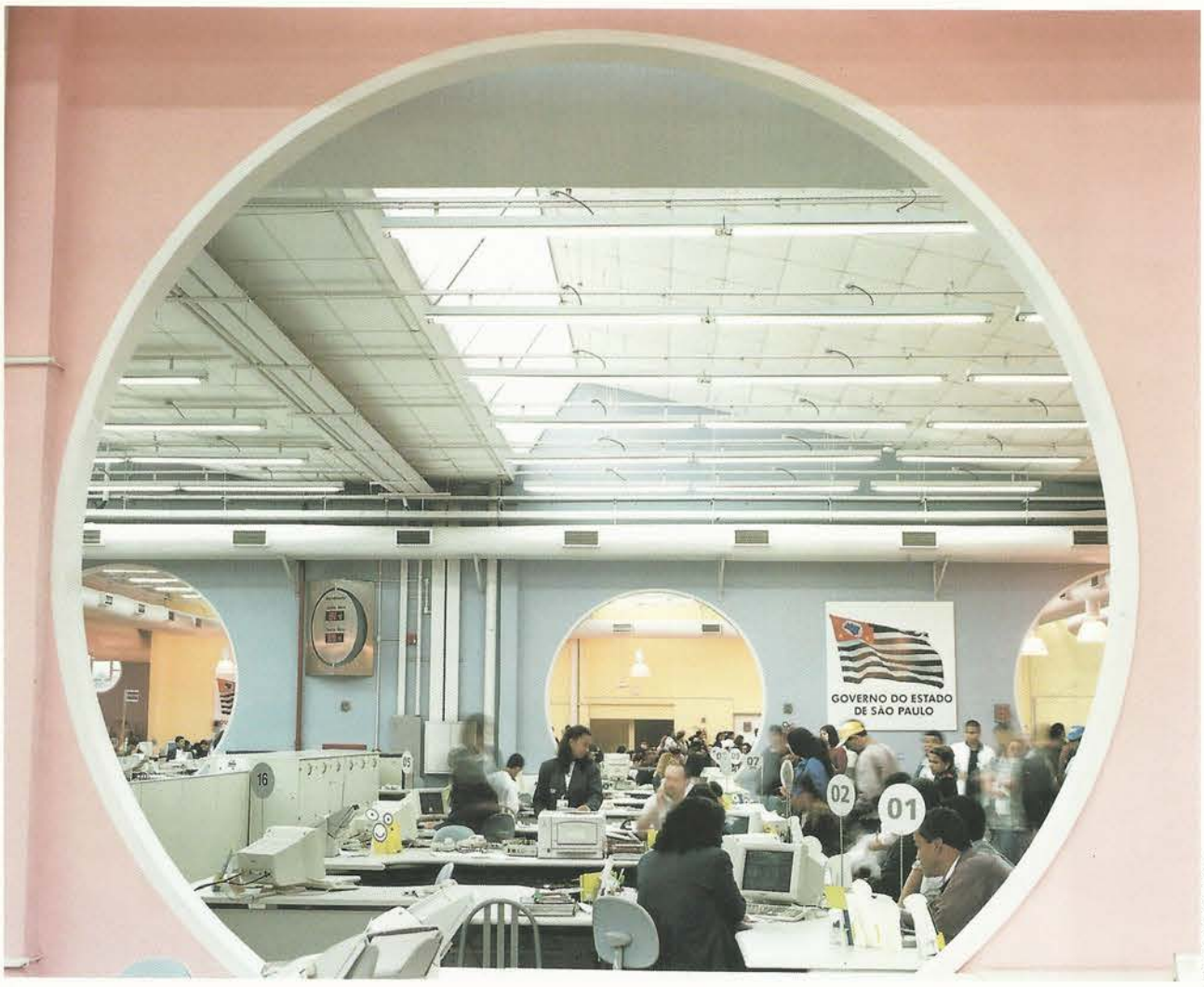
BEATRIZ ALBUQUERQUE

Poupatempo São José dos Campos. Projeto: Arq. Marco Oseki

Poupatempo Campinas. Projeto: Arqs. Abrahão Sanovicz e Edson Elito

Poupatempo Sé, São Paulo. Projeto: Arq. Roberto Loeb

BEATRIZ ALBUQUERQUE



BEATRIZ ALBUQUERQUE

Poupatempo Santo Amaro, São Paulo. Arq. Roberto Loeb

Poupatempo Santo Amaro, São Paulo. Arq. Roberto Loeb

BEATRIZ ALBUQUERQUE

Poupatempo Sé, São Paulo. Projeto: Arq. Roberto Loeb

Poupatempo Alfredo Issa. Projeto: Ricoy Torres e Colonelli

BEATRIZ ALBUQUERQUE

Projeto para o Rio de Janeiro

Organização:
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Devolver o Rio aos cariocas: este tem sido o objetivo da administração municipal. Nos últimos anos, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro vem desenvolvendo um vasto programa de requalificação urbana, formado por uma série de ações planejadas nas áreas de habitação e urbanismo, destacando a valorização do espaço público e a recuperação da cidadania.

As intervenções empreendidas pela Prefeitura do Rio partilham a convicção de que é preciso resgatar a cidade, seus usos e espaços, como pólo de integração, combatendo as desigualdades que marcam as grandes metrópoles brasileiras. Nesse sentido, priorizam a busca da qualidade urbanística, arquitetônica e espacial, vista como elemento indispensável à democratização da cidade.

Para tanto, foram estruturados projetos que abrangem diferentes modalidades de atuação: a repercussão alcançada por essas iniciativas tem contribuído para ressaltar a importância do Rio no panorama urbano brasileiro.

Política Habitacional

Carro-chefe da política habitacional promovida pela Prefeitura carioca e sua Secretaria Municipal de Habitação, o Programa Favela-Bairro procura transformar os assentamentos irregulares em bairros integrados à cidade oficial. O programa transcende os modelos tradicionais de urbanização de favelas, utilizando o espaço como instrumento de integração urbanística e social, e se expressa em planos detalhados de intervenção, elaborados por escritórios de arquitetura de acordo com metodologias selecionadas em concurso público promovido pelo IAB/RJ e pelo Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos/IPP.

Além de obras de infra-estrutura, os diferentes projetos do Favela-Bairro prevêem a integração interna da favela, e esta com seu entorno, por meio de conexões viárias, espaços públicos de lazer e equipamentos comunitários. Eventualmente são construídas novas unidades habitacionais, embora as remoções sejam evitadas. Projetos integrados de urbanismo e arquitetura, considerando-se as características e o potencial de cada área, requalificam o ambiente coletivo, priorizando a unidade e a qualidade espacial.

Todo o processo de elaboração e implantação dos projetos conta com a participação intensiva da comunidade. Financiada pelo BID, a primeira etapa do Favela-Bairro atinge 115 favelas, representando 45% da população favelada do Rio; na segunda etapa, serão atendidos mais 52 assentamentos. As maiores favelas, assim como aquelas de pequeno porte, são objeto dos programas Grandes Favelas e Bairrinho, financiados pela União Européia e pela CEF.

Outras ações da Secretaria Municipal de Habitação incluem o Programa Morar sem Risco, de relocação de moradores em áreas de risco; o Programa Morar Legal, de regularização de loteamentos populares; o Programa Novas Alternativas, para moradores de cortiços, e o Programa Morar Carioca, que financia materiais de construção, cartas de crédito para aquisição de imóveis e a recuperação de conjuntos habitacionais deteriorados.

Requalificação de Espaços Públicos

Ao propor a reintegração da cidade com o mar, o Projeto da Frente Marítima, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Urbanismo, por meio do IPP, com consultoria dos arquitetos Oriol Bohigas e Nuno Portas, concentra-se sobre a interface do centro urbano com a Baía de Guanabara, entre o Aeroporto

Santos Dumont e a avenida Presidente Vargas, trecho hoje comprometido por uma série de intrusões que impedem o contato direto com a baía.

Centrado na Praça XV, antigo portal marítimo da cidade, o projeto prevê a reestruturação desse setor por meio da abertura de grandes espaços públicos à beira-mar, interligando-se, por baixo do Viaduto da Perimetral, ao tecido urbano. Um aquário e um novo atracadouro ladearão uma grande praça semicircular que prolongará a Praça XV sobre a baía. As principais vias de acesso serão reurbanizadas, com a criação de garagens subterrâneas. Praças, parques e novas edificações compõem um cuidadoso desenho urbano, articulando os marcos existentes – Paço Imperial, Palácio Tiradentes, Museu Histórico Nacional – aos espaços propostos. A extensão do mergulhão até a avenida Presidente Vargas, como uma grande praça pública, devolve ao pedestre o espaço entre a igreja da Candelária e o mar. Outra ação de destaque do projeto é a remoção, próxima à faixa frontal ao mar, dos edifícios cujas funções ou valores arquitetônicos não justifiquem a preservação. Parte das obras do projeto tem seu início programado para o próximo ano.

O Programa Rio-Cidade, pensado como um programa de requalificação do espaço público em bairros já consolidados, baseia-se no disciplinamento e melhoria dos padrões urbanísticos locais, como calçamento, iluminação, mobiliário urbano, sinalização e arborização, abrangendo também questões de engenharia de tráfego e traçado viário, além da implementação das redes de infra-estrutura da cidade: rede de drenagem, tratamento de água e esgoto.

Com a valorização do ambiente coletivo da rua por meio da garantia da qualidade urbanística, reverte-se o processo de degradação do espaço urbano. Buscando reforçar a identidade de cada bairro, o programa faz uso de projetos individualizados, desenvolvidos por escritórios de arquitetura (selecionados mediante concurso promovido pelo IAB/RJ e pelo IPP), dando origem a soluções originais em termos de desenho urbano e equipamentos.

O projeto RioMar, iniciado em 1998 em parceria com empresas do setor privado, pretende revitalizar a orla carioca no trecho compreendido entre o Aeroporto Santos Dumont e o Leblon, incluindo nesse percurso o Aterro do Flamengo e as praias de Copacabana e Ipanema. O Parque do Flamengo foi recuperado de acordo com o projeto original de Reidy e Burle Marx; o calçadão de Copacabana, também criado por Burle Marx, está em fase de restauração, com a implantação de *umbrellones* de alumínio e poliéster.

Na Secretaria Municipal de Urbanismo está sendo desenvolvido o sistema Cadurb (Cadastro Urbanístico) que organiza, em meio digital, toda a legislação urbanística da cidade, seja ela escrita, seja desenhada. O sistema, com lançamento previsto para abril do ano 2000, reflete o processo de modernização da secretaria cujos marcos são a democratização e a descentralização da informação. O primeiro módulo, lançado em outubro deste ano, é o CD-ROM do zoneamento urbano da cidade do Rio de Janeiro, que confere à cidade o título de primeira metrópole brasileira a ter importante ferramenta de trabalho em meio digital, agilizando consultas de arquitetos, engenheiros e de todos os profissionais envolvidos com o ordenamento urbano da cidade antes do início de um projeto, o que conseqüentemente torna mais rápido e seguro o processo de licenciamento.

Sala São Paulo Estação Cultura

Coordenação Geral:
José Roberto Walker

A cidade de São Paulo acabou de ganhar a maior e mais moderna sala de concertos da América Latina – a Sala São Paulo –, nova sede da Orquestra Sinfônica do Estado, instalada, por iniciativa do Governador Mário Covas, na antiga Estação Júlio Prestes, projetada por Christiano Stockler das Neves, no final da década de 20. Além de sua beleza arquitetônica, a Sala São Paulo oferece qualidade acústica de nível internacional e os mais modernos recursos para a realização de grandes apresentações.

Com área útil de 25 mil m², o antigo prédio da Estação foi inteiramente restaurado, devolvendo à cidade um patrimônio que o tempo vinha destruindo. Para garantir fidelidade arquitetônica ao projeto de restauração e adequação do edifício à sua nova função, os profissionais responsáveis pela obra dedicaram dois anos de pesquisa e estudo do projeto original. A tarefa de implantar no prédio tombado uma sala de espetáculos dotada das mais modernas condições técnicas, interferindo o mínimo possível na arquitetura original, foi um desafio vencido com sucesso.

São Paulo ganha, agora, uma sala de concertos no padrão das melhores salas do mundo. Dentre as virtudes do projeto executado, a Sala São Paulo possibilita que os espectadores tenham audição perfeita em qualquer um dos 1.509 lugares disponíveis. Com 30 m de pé-direito, a sala dispõe de um forro móvel de altura variável que adapta as condições de audição às diversas necessidades de execução. O palco, com 320 m², é apropriado para uma orquestra de grande porte e permite, também, a apresentação de coral com até 200 vozes.

Conservando-se o desenho do antigo prédio, foram instaladas todas as facilidades modernas, tais como sistema computadorizado de controle de luz e ar-condicionado, dois elevadores de palco e salas de ensaio específicas para cada tipo de instrumento musical.

O público conta, ainda, com estacionamento subterrâneo com capacidade para 600 veículos – anexo à sala de concertos.

A exposição "Sala São Paulo – Estação Cultura" mostra as origens desse prédio histórico, as transformações do contexto urbano nos 70 anos que separam a concepção do projeto arquitetônico original da sala de concertos hoje existente. Mostra, também, as diversas fases da obra e o novo edifício que resultou dessa intervenção.

Vista da Praça e do Prédio

IATÃ CANABRAVA

Vista do Prédio à Noite

IATÃ CANABRAVA

Santo André
Cidade Agradável

Organização:
Prefeitura Municipal de Santo André

Santo André se afirmou, ao longo deste século, como um importante município industrial e comercial e referência sociopolítico-cultural significativa na região do ABC paulista. Principalmente a partir dos anos 50, a cidade recebeu indústrias de ponta, acompanhadas por avanços no setor.

As transformações tecnológicas contemporâneas e a inserção do Brasil no quadro internacional de mudanças econômicas tiveram um forte impacto nas atividades produtivas de Santo André e, conseqüentemente, em todas as esferas da vida do município e de sua população. Nesse cenário, a atual administração municipal de Santo André vem desenvolvendo vários projetos e concretizando uma série de obras para ampliar o potencial econômico do município, na perspectiva da inclusão social, conservando seu patrimônio ambiental, com qualidade de vida urbana, cultural, de lazer, de educação, de esporte, acessíveis a todos, com participação da sociedade nas decisões.

Identidade Urbana

O PEC – Plano de Embelezamento da Cidade – parte da reformulação viária nos bairros, para criar uma acessibilidade plena para os pedestres, incluindo os portadores de deficiência física, e reintroduzir o cidadão nos espaços públicos abertos, criando praças e centros de bairro arborizados e iluminados, com equipamentos de lazer para diversas faixas etárias, construindo um laço maior de identidade do cidadão com o lugar onde mora ou trabalha.

O Parque Escola foi reaberto para estabelecer um compromisso mais consciente entre o cidadão de Santo André e as áreas verdes da cidade, além da difusão de idéias e práticas de conservação da vegetação e da paisagem, atraindo um público heterogêneo por meio de cursos, palestras e excursões sobre os temas relativos à conservação e ao reaproveitamento de recursos naturais, práticas de cultivo e manejo de vegetação.

A revitalização do Parque Duque de Caxias seguiu um novo conceito com iluminação diferenciada para garantir o funcionamento ininterrupto, oferecendo ao cidadão novas opções de lazer, espaços de reunião e de contemplação. Esse parque sempre foi utilizado para prática de esportes, pois contém ginásio poliesportivo, quadras abertas e equipamentos de ginástica. Ganhou novos equipamentos, uma pista para caminhadas e corrida.

Policentralidade

O projeto "Centro com Vida" busca transformar o centro em área revitalizada economicamente, mais segura, com infra-estrutura adequada, melhorias no trânsito, qualificação dos espaços públicos para as atividades de cultura e lazer. Todas as ações e reformulações na legislação de uso e ocupação do solo são debatidas com o Fórum do Centro, garantindo o acompanhamento da sociedade civil nas diversas fases do projeto.

O Programa Centros de Bairros, com obras em andamento nos bairros Santa Terezinha e Vila Luzita, objetiva melhorar a qualidade de vida nos bairros com incremento do seu potencial econômico e requalificação espacial, estimular as relações de convívio social nos bairros, renovar espaços para a convivência da comunidade, inserir equipamentos públicos e elementos referenciais, fortalecer o seu papel de centralidade local, envolvendo a comunidade em todas as etapas do processo.

DAVID REGO JR.

Projeto Centro com Vida, Américo Brasiliense

Parque Duque de Caxias

DAVID REGO JR.

Projeto Integrado – Urbanização de Favela

Requalificação de Espaços Públicos

A Rodoviária de Santo André é um equipamento urbano de porte metropolitano, uma intervenção na área central da cidade, com irradiações metropolitanas e regionais, oferecendo melhoria nas condições de conforto e segurança aos usuários dos serviços de transporte urbano e intermunicipal.

Localiza-se no eixo da Av. dos Estados e da ferrovia, com traçado e funções de alcance regional e metropolitano, ligando-se ao minianel viário metropolitano com relação direta com o Rodoanel. Está ligada, ainda, a uma das estações da CPTM, possibilitando, e até induzindo, a reformulação do sistema de trens rápidos metropolitanos.

O Sistema Tronco-Alimentado e Corredor de Vila Luzita liga bairros de intensa ocupação habitacional ao Terminal da Vila Luzita e à área central da cidade. Enquadra-se em uma visão ampla de sistema de transporte integrado, que será otimizado com o desenvolvimento operacional dos corredores.

Seus objetivos são melhorar as condições do serviço de transporte público de passageiros e as condições do tráfego, estabelecer um conceito de serviço estrutural no transporte municipal e o tratamento viário dos corredores, construindo estações e priorizando a circulação dos ônibus em faixas exclusivas ou preferenciais.

Hospital Municipal.

ANA PAULA LEPORE

Mutirão Pça. Maria Quitéria

O Programa ReciproCidade Agradável-Coleta Seletiva/Reciclagem é parte da Política Municipal de Gestão Ambiental, que se norteia pelos princípios do desenvolvimento sustentável e da melhoria contínua das condições ambientais e vem reunindo ações de limpeza pública e qualificação do espaço urbano ao eliminar áreas degradadas pela disposição clandestina de resíduos, transformando-as em novos espaços públicos para a utilização da comunidade, gerando renda por meio de novas formas de emprego para a população.

O Plano Diretor de Drenagem propõe soluções a curto, médio e longo prazos para os pontos de enchente na cidade, no sentido de planejar a execução das obras de maneira que a cada etapa finalizada já sejam sentidos os resultados de minimização dos transtornos e normalização do cotidiano da população.

Inclusão Social

O Projeto Integrado de Inclusão Social é uma ação concentrada de esforços para mudar a vida das pessoas nas áreas mais carentes da cidade. Trata-se de aplicação simultânea de programas sociais numa mesma região, buscando atingir as causas de exclusão: urbanização de favelas, programa de renda mínima, programa criança cidadã, saúde da família, movimento de alfabetização de adultos, ensino profissionalizante, reciclagem de lixo e ainda a atuação do Banco do Povo e da Incubadora de Cooperativas, com parcerias com a União Européia e Programa de Gestão Urbana da ONU.

PEC – Pça. São Camilo

ANA PAULA LEPORE

Arquitetura da Violência

São Paulo nunca esteve tão em foco na mídia do país inteiro quanto nestes últimos tempos. Não mais como o grande centro financeiro, a metrópole dos imigrantes. São Paulo está nas manchetes por seus índices alarmantes de violência. São guerras na Febem, assassinatos em série, chacinas, pobreza. E as elites passando com seus carros blindados. É nesse contexto que a cidade prepara a 4ª edição da Bienal Internacional de Arquitetura, e não haveria como ficar indiferente a esse caldeirão.

Tradicionalmente parceira da Fundação Bienal, a *Folha de S. Paulo* aceitou o desafio de mergulhar no submundo da violência. Durante seis semanas o jornal publicou uma série de reportagens que, mais do que diagnosticar o problema em seus vários aspectos, foi em busca de soluções, de exemplos que deram certo.

As reportagens buscaram em temas como lazer, moradia e trânsito as causas e as soluções da violência urbana. Através de painéis de discussão no site da 4ª BIA, do Universo On Line (UOL), a população participou com um número expressivo de intervenções.

Realização:
Fundação Bienal de São Paulo e *Folha de S. Paulo*

ARQUITETURA DA VIOLÊNCIA

A discussão em torno da Arquitetura da Violência ganha contornos ainda mais abrangentes com o Fórum de Debates na 4ª BIA e a participação do Núcleo de Estudos da Violência, da USP. Este fórum pretende traçar os mapas de risco, de cidadania e de participação social, fazendo a trajetória da cidade perigosa à cidade pacificada.

É a sociedade buscando alternativas para modificar esta realidade que não pode mais ser tolerada.

Ficha Técnica

ALÉM DO MODERNISMO
Três momentos da arquitetura do pós-guerra na Holanda

Organização:
Faculdade de Arquitetura, Universidade de Tecnologia de Delft
Instituto Holandês de Arquitetura (NAi), Roterdã
Fundo Holandês de Arquitetura, Roterdã
The Urban Fabric, Utrecht

Curador:
Max Risselada

Assistente do curador:
Cornelius Mangold

Correspondente da Bienal e coordenação:
Paul Meurs

Cronologia
Conceito:
Max Risselada

Textos e pesquisa:
Herman van Bergeijk, Hans van Dijk, Jeroen Schilt

Design:
Jaap van Triest

Agradecimentos:
Embaixador Frans van Haren
Embaixada do Reino dos Países Baixos, Brasília

Aldo van Eyck e seu estilo

Conceito:
Hannie van Eyck

Produção da exposição:
Abel Blom e Vincent Ligtelijn

Organização:
Abel Blom

Maquetes:
Architectenburo Aldo en Hannie van Eyck

A mostra foi realizada graças aos subsídios de: Fundação Holandesa de Artes Visuais, Design e Arquitetura, em Amsterdã, e Fundo Holandês de Arquitetura, em Roterdã.

Herman Hertzberger – Articulations

Conceito:
Herman van Bergeijk

Compilação e Design:
Lily Hermans

Textos:
Sander van Wees, Herman van Bergeijk

Architectuurstudio Herman Hertzberger, Arquitetos e Urban Designers:
Dickens van der Werff, Marijke Teijsse (Maquetes), Ariënne Matser, Colette Sloots

A mostra foi realizada graças a contribuições do Fundo Holandês de Arquitetura, em Roterdã e do Comitê HGIS, composto pelo Ministério da Educação, Cultura e Ciências e Ministério das Relações Exteriores.

Patrocinadores:
Leebo bouwsystemen bv, Plegt-Vos Bouwgroep bv, Eurowoningen bv, Adviesbureau voor bouwtecniek bv, Koninklijke Nederandse Jaarbeurs

---

Escondendo-se em Plena Vista

Conceito:
Francine Houben e Henk Döll

Pesquisa:
Max Risselada, Katrien Overmeire

Design da mostra:
Francine Houben, Alfa Hügelmann

Organização:
Hanneke Hollander

Maquetes:
Henk Bouwer, Robert Nottrot, Bertha van den Dolder e Marius Voet

A mostra foi realizada graças aos subsídios de:
Fundação Holandesa de Artes Visuais, Design e Arquitetura, em Amsterdã, e Fundo Holandês de Arquitetura, em Roterdã

Patrocinadores das maquetes:
ING Vastgoed Haia; Proper Stok Woningen B.V. Roterdã; Universidade de Tecnologia de Delft; Biblioteca Pública de Almelo; Volker Bouwmaatschappij, Roterdã

Raumplan versus Plan Libre
Adolf Loos e Le Corbusier, 1919-1930

Conceito e design:
Max Risselada

Reconstrução:
Daniel Micke

Produção:
Dick van Gameren e Bjarne Mastenbroek

Cronologia:
Joost Mars

Maquetes:
Oficina de maquetes, Faculdade de Arquitetura, TU (Maarten van Wageningen)

A mostra foi realizada graças às contribuições de:
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Delft
e Fundo Holandês de Arquitetura, em Roterdã

Horta e após. 25 mestres da moderna arquitetura belga

Curador: Mil De Kooning

Departamento de Arquitetura e Planejamento Urbano da Universidade de Ghent
Presidente: Prof. Dr. Mil De Kooning
Pesquisadores Assistentes: Iwan Strauven, Fredie Floré, Dimitri Meessen, Françoise Vermeersch

Centro de Arquitetura e Design, Kortrijk
Presidente: Prof. Em. Geert Bekaert

Fundação Frank Devienne, Mechelen
Diretor: Conchita Schoonhuydt

Layout da Exposição: Ronny De Meyer

A Cidade Branca/Tendências Atuais da Arquitetura Israelense

Curador:
Asa Shaish
Organização: Arieh Sivan, Dan Eitan, Michael Levin, Sérgio Lerman
(membros do Israel Art Council Steering Committee)

Patrocínio:
Ministério das Relações Exteriores de Israel
Departamento de Relações Culturais e Científicas

Ministério da Ciência, Cultura e Esportes de Israel
Divisão de Arte e Cultura

Agradecimentos:
Prof. Ran Schori, Diretor de Artes Plásticas
Conselho Público de Cultura e Arte, Israel

Cônsul Ran Yaacoby
Consulado-Geral de Israel, São Paulo

Tel Aviv Museum of Art
(pelo empréstimo da exposição "White City")

Arquitetura para a Cultura

Curadoria:
Lúcio Gomes Machado
Luiz Fisberg

Coordenação de Produção:
Tania Mills

Projeto da Exposição e Projeto Gráfico:

Coordenação de Montagem:
Cláudio Knapp B. Ottoni
Renata Domingos
Luana de Alencar Radesco

Colaboração:
Luciana Zamin

Pesquisa:
Lúcio Gomes Machado
Paulo Yassuhide Fujioka

Colaboradores:
Monica Shiroma De Carvalho
Paulo Yassuhide Fujioka
Vania Mamede
Yannick Bourguignon

Produção dos painéis:
Paper Express

Tradução:
Klaus Brandini Gerhardt
Christine Röhig
Octávio Shigueto Kobayashi
Georgia Rodriguez
Cláudio Frederico Ramos

Padronização e revisão de textos:
Sheila Fabre
Tereza Gouveia

Patrocínio
Volkswagen do Brasil S/A

The Danish Wave

Realização:
Danish Centre for Architecture
Danish Cultural Institute

Conceito e Coordenação:
Eric Massererschmidt
Danish Centre for Architecture

Colaboração:
Kim Paulsen
Danske Designere

Projeto da exposição:
Arne Kvorning

Agradecimentos:
Ministério das Relações Exteriores da Dinamarca
Svendt Kindt, Jens Lindhe e Torben Eskerod, pelos textos e fotos

---

Os Novos Museus da França:
Dez Anos de Arquitetura nos Museus 1990 – 2000

Organização:
Association Française d'Action Artistique – AFAA
Consulat Général de France à São Paulo

Realização:
Ministère de la Culture et de la Communication
4ª Bienal Internacional de Arquitetura
Association Française d'Action Artistique – AFAA – Ministère des Affaires Etrangères
Com a colaboração da empresa Jean Claude Decaux

Apoio:
Air France

Arquitetura da Modernidade

Coordenação da Exposição: Leonardo Barci Castriota (Iab/Mg)

Coordenação de Produção da Exposição: Gaby Aragão

Pesquisadores: Beatriz de Almeida Magalhães, Carlos Antônio Leite Brandão, Celina Borges Lemos, Heloisa Soares de Moura Costa, Leonardo Barci Castriota, Luiz Mauro do Carmo Passos, Maria Elisa Baptista, Renato César José de Souza, Rodrigo Ferreira Andrade

Assistente de Pesquisa e Produção: Jurema Marteleto Rugani

Projeto Gráfico: Jomar Bragança

Reproduções Fotográficas: Archimedes Correia de Almeida, Charles Silva Duarte, Nino Andrés

Fotografia: Nino Andrés

Arquitetura Virtual

Curadoria: Emanuel Dimas de Melo Pimenta
Assistente em São Paulo: Eduardo Lopes

Organização:
Peter J. Band (Inglaterra)
Odile Fillion (França)
Joe Brenner (Suíça)
Marco Brizzi (Itália)

Arquitetos participantes:
Emanuel Dimas de Melo Pimenta (Brasil-Portugal)
Stephen Perrella (Estados Unidos)
Dennis Holloway (Estados Unidos)
Iliona Lénárd (Holanda)
Kas Oosterhuis (Holanda)
Mark Lawton (Estados Unidos)
Fiona Meadows (França)
Fréderic Nantois (França)
Ammar Eloueini (França)
Till Beyer (Alemanha)
Jörg-Peter Scherz (Alemanha)
Akio Hizume (Japão)
Katsuhito Atake (Japão)
Lars Spuybroek (Holanda)
Marcos Novak (Estados Unidos)
Stéphane Maupin (França)
Claire Petetin (França)
Philippe Gregoire (França)
Eduardo Lopes (Brasil)
Paula Püschel (Brasil)
Silvio dos Santos (Brasil)

Apoios:
ASA Art and Technology (Inglaterra)
RISK Arte Oggi (Itália)
Noronha Advogados (Brasil-Inglaterra)
Duvídeo Audiovisuais (Portugal)
Martins Lemos Computer Graphics (Portugal)
Editek Sistemas Informáticos (Portugal)
Revista Architécti (Portugal)

Construir a Escola, Construir a Cidade
A Experiência do Convênio Escolar em São Paulo, 1948-1954.

Curadoria: Carlos A. Ferreira Martins
Arquiteto, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC da USP São Carlos, é coordenador do Grupo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo no Brasil

---

Habitação Social Contemporânea

GHab USP UFSCar
Pesquisa em Habitação

Coordenadores:
Profª Dra. Akemi Ino
Prof. Dr. Marcelo Tramontano
Prof. Dr. Ioshiaqui Shimbo

Professores Colaboradores:
Prof. Dr. Antonio Alves Dias
Prof. MSc. Adriana Nolasco
Prof. Dr. Joubert Lancha
Prof. Dr. Marcos Tadeu Gonçalves
Prof. MSc. Obede Borges Faria
Prof. Dr. Wilson K.Tachibana
Prof. MSc. Varlete Benevente

Profissionais Colaboradores
Eng. Alexandre Souza
Arq. Anja Pratschke
Arq. Carlos Eduardo Sacagne
Arq. Gilson Lameira de Lima
Arq. Maria Leticia Achcar
Arq. Renata Rabbat

Consultores Externos
Arq. Elisabeth Lillman
Eugen Güller
Arq. Hansjörg Hilti
Arq. Heiner Lippe
Eng. Hugo Houben
Peter Willem
Dr. Sture Samuelsson

Exposição

Coordenação:
Prof. Dr. Marcelo Tramontano
Profª Dra. Akemi Ino

Colaboradores:
Carlos Eduardo Sacagne
Daniela Bonazzi
Juliano Fiorelli

Apoio Técnico:
Renato Dibo
Roseli Guilherme

Apoio Institucional
Departamento de Arquitetura e Urbanismo EESC-USP/
Escola de Engenharia de São Carlos – USP
Fapesp

O IPHAN e a Arquitetura do Patrimônio

Organização:
Ministério da Cultura – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Responsáveis pela exposição:
Carlos Henrique Heck – Presidente do IPHAN
Fernando Coelho – Diretor do Departamento de Promoção do IPHAN
Louise Henriques Ritzel – Diretora do Departamento de Proteção do IPHAN

Apoio: Corpo Técnico do IPHAN

Conjunto Arquitetônico Histórico de Manguinhos

Equipe Técnica do Departamento de Patrimônio Histórico/FIOCRUZ
Ministério da Saúde - Governo Federal

Benedito Tadeu de Oliveira
Doutor em Restauração de Monumentos - Universidade de Roma "La Sapienza", 1985

Márcia Lopes Moraes Franqueira
Mestre em Conservação do Patrimônio Cultural - PROARQ/FAU/UFRJ, 1998

Renato da Gama-Rosa Costa
Mestre em História da Arquitetura - PROARQ/FAU/UFRJ, 1998

Bettina Marion Collaro Goerlich
Mestre em Conservação de Patrimônio Cultural - PROARQ/FAU/UFRJ, 1999

Sonia Aparecida Nogueira
Mestranda em Arquitetura - PROARQ/FAU/UFRJ

Marcos José de Araújo Pinheiro
Mestrando em Engenharia de Produção - COPPE/UFRJ

Maria Cristina Fernandes de Mello
(desligada da equipe em 1991)

Bolsistas:
Alexandre José de Souza Pessoa
Arquiteto e Urbanista - FAU/UFRJ, 1997

Thorsten Nolte
Arquiteto - Universidade de Detmold, Alemanhã, 1998

Estagiários:
Ana Lúcia de Oliveira
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo - UFRJ

André Henrique Quintanilha Ronzani
Graduando em Arquitetura e Urbanismo -UFF

Mônica Rosa de Freitas
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo -UFF

Administração:
Célia Maria Moraes
Secretária

Débora Moreira Santos Vaz
Administração de Empresas - Universidade Estácio de Sá, 1993

Artesãos:
Adorcino Pereira da Silva
Miguel Jorge Pataro

Consultorias:
IPHAN
Ana Lucia Gonçalves
Edgard Jacinto da Silva
Sabino Barroso
Silvia Pucciani
Yanara Haas
Estrutura
Cerne Engenharia e Projetos ltda.
Ar Condicionado
UGC Engenharia
Fotos:
Flávio de Souza
Jorge Carvalho
J. Pinto (Arquivo COC)
Paulo Rodino
Roberto Jesus Oscar
Vinícios Pequeno
Programação Visual
Nanquim Elétrico Studio

Projeto Brasil – 500 Anos de Arquitetura

Comitê Executivo para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil
Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Equipe:
Liana Vallicelli – Assessora Especial do Comitê Executivo para as comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil
Mozart Neves Ramos – Reitor UFPE
Maria Adélia Bandeira de Melo – Presidente da Comissão Executiva dos 500 Anos de Descobrimentos
Antenor Vieira – Chefe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo UFPE
Roberto Montezuma – Coordenador-geral do projeto Brasil – 500 Anos de Arquitetura
Bruno Lima – Coordenação Executiva
Cláudio Cruz – Documentação e Pesquisa
Luiz Carvalho – Coordenação Gráfica
Acácio Gil Borsoi – Consultor
Carlos Brandão – Consultor
Marcus Lontra – Consultor
Marisa Barda – Consultor
Ruth Verde Zein – Consultor

Apoio institucional:
Comitê Executivo para as comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil
Ministério da Cultura – Lei Rouanet
Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil
Facepe – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco
Mamam – Museu de Arte Moderna Aluisio Magalhães
Secretaria de Cultura do Governo de Pernambuco
Fundação de Cultura da Cidade do Recife

Colaboração:
Consultexto – Consultoria de redação e revisão
Sharing English – Tradução
Cesar – Centro de Estudos Avançados do Recife

Abrahão Sanovicz

Curadoria e Projeto:
Edson Elito

Affonso Eduardo Reidy
A Ênfase no Espaço Público na Arquitetura Moderna Brasileira

Realização: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi
Curador: Nabil Bonduki

Colaboração: Antônio Kell, Elaine Pereira da Silva e Rafael Sposel

---

Alvar Aalto e o Tijolo Vermelho
espaço, forma, superfície

Organização:
Instituto Alvar Aalto
Cidade Jyväskylä, Finlândia

Patrocínio:
Associação Finlandesa da Indústria do Tijolo ry

Projeto da Exposição:
Arkkitehtitoimisto Davidsson Oy

Maquetes:
Pienoismallit Jetsonen Oy

Fotografias:
Museu Alvar Aalto, Jyväskylä
Associação Finlandesa da Indústria do Tijolo ry, Helsinque
Fundação Alvar Aalto, Helsinque

Desenhos:
Fundação Alvar Aalto/Arquivo, Helsinque

Agradecimentos:
Markku Lahti, diretor do Museu Alvar Aalto
Arq. Hanni Sippo do Museu Alvar Aalto
Arq. Aki Davidsson
Arq. Teppo Järvinen

Antonio Bonet Castellana

Organização:
Ministerio de Fomento - Dirección General de la Vivienda, la Arquitectura y el Urbanismo.
Colegio de Arquitetos de Cataluña

Produção:
Supervisão-geral:
Gerardo García Ventosa, membro da Junta de Cultura do COAC

Encarregados:
Fernando Alvarez
Felipe Pich-Aguilera
Jordi Roig

Desenho:
Willy Müller

Coordenação:
Secretaria d'Acitivitas Culturals do COAC

Documentação e Investigação:
Arxiu Històric de la Demarcació de Barcelona, Centre de Documentación do COAC
Graziela Ma. Chaia
Ma. José Masnou

Desenho em CAD:
Alfons Civit
David Moncusí
Guillermina Abeledo
J. Pablo Naya

Agradecimentos:
Ibéria Lineas Aéreas de Espaã S.A.

Catalónia
Grupo de Catalães de São Paulo
Sociedade Catalã de Cultura
Sociedade Cultural Brasil-Espanha
Embaixada da Espanha

Charles Sampson Bosworth

Curador:
Edward Leffingwell

Projeto e Montagem:
Augusto Livio Malzoni

Assistente:
Gil Soares de Mello

Produção:
Sabine Elisabeth Berg

Patrocínio:
Kim Esteve
Grupo Lund de Editora Associadas

Agradecimento Especial:
Júlio Landmann

Clorindo Testa, o Artistarquiteto

Montagem e Seleção da Documentação:
Jeronimo Bedel
Maria Victoria Maluf
Joaquina Testa

Fotografias:
Diego Trolliet

Croce, Aflalo e Gasperini

Gian Carlo Gasperini (1926)
Plinio Croce (1921-1984)
Roberto Aflalo (1926-1992)
Roberto Aflalo Filho (1952)
Luiz Felipe Aflalo Herman (1955)

Curadoria:
Aflalo & Gasperini e Marcelo Aflalo

Projeto da Exposição:
Marcelo Aflalo

Montagem e iluminação:
Atelier Damiranda

Plotagem do Piso: Outgraphics Comunicação Visual

Arquiteto Fábio Penteado

Curadoria: Mônica Junqueira de Camargo

Projeto: Vallandro Keating

Colaboradores:
César Sampedro (pesquisa e seleção de imagens)
Maria Gorete Nunes (digitação)

"De longe é paisagem
de perto é monumento
A praça é o povo."

Memorial descritivo do projeto para o concurso Monumento Plaza Giron – Cuba, 1962

Mobiliário Frank O. Gehry
Vitra Design Museum

Curador: Jutta Oldiges
Coordenadora da mostra: Antonia Simon

Arquiteto Jorge Machado Moreira (1904 -1992)

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Urbanismo/Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro

Luiz Paulo Fernandez Conde
Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

Hélia Nacif Xavier
Secretária Municipal de Urbanismo

Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro

Curador
Jorge Czajkowski

Coordenador
Fernando Sendyk

Exposição Jorge Machado Moreira

Curadoria
Jorge Czajkowski

Consultoria
Giuseppina Pirro de Moreira

Coordenação executiva
Fernando Sendyk

Realização
Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro

Assistentes
José Cláudio Travassos Bastos
Sergeo Alvim

Pesquisa
Claudia Ricci
Roberto Conduru

Apoio à pesquisa
André de Campos Alvarenga
Cláudia Grangeiro da Silva Castro
Eucanãa Ferraz
José Cláudio Travassos Bastos

Revisão de texto
Rosalina Gouveia

Equipe técnica
Ahmed Nazih Heloui
Alberto Taveira
Luciana Vasconcellos
Maria Helena Röhe Salomon
Nilza Cunha

Apoio administrativo
Blanca Leme Paes
Cléa de Jesus Barbosa
Nélio Pelizari
Norma Cirilo
Sueli M. Pereira

Consultoria em design
Guto Índio da Costa
Elena Golebiowski
Heloisa Guinle
Rodrigo Carneiro

Design das peças gráficas
Danowski Design Ltda.
Sula Danowski
Claudia Machado
Adriana Cataldo

Design dos painéis fotográficos
Demibold Edição e Projetos Gráficos
Glória Afflalo
Sula Danowski

Restauração dos originais em papel
NPD – FAU/UFRJ

Fotografias
Carlos Botelho
Celso Brando
Clarival do Prado Valadares
Foto Carlos
Foto Stille
Guilherme Fracornel
Juvêncio Souza
Marcel Gautherot
Michel Aertsens

Restauração das fotografias
Guilherme Fracornel
Rose Otterbach

Reproduções fotográficas e plotagens
César Barreto
Guilherme Fracornel
Studio Oficina
Molduras
Celina e Tom Murray

Agradecimentos
Ana Maria Bezerra Cavalcanti (in memoriam)
Angela Laboissière
Antônio Paulo Cordeiro
Celso Quintana
Eduardo Sidney Silva Muniz
Elizabete Rodrigues de C. Martins
Francisco Bologna
Helenita Bueno Gonsalez
Ivan Gil de Mello e Souza
Ivy Souza da Silva
Jorge Castro
Márcia Regina Pereira Lessa
Marcos Barros de Araújo
Maria Ângela Dias
Maria Magdalena Saint Martin de Astácio
Mônica de Almeida Kornis
Olivier Gautherot
Paulo Jardim de Moraes
Rachel Corrêa Lima
Rachel Teixeira Fares-Menhem
Thaís Helena de Almeida Slabi
Trajano Garcia Quinhões (in memorian)
Ulysses Petrônio Burlamaqui (in memorian)

Biblioteca Nacional
Biblioteca Paulo Santos
Escritório Técnico da Universidade – UFRJ
Fundação Getúlio Vargas/CPDOC/Arquivo
Gustavo Capanema
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN

Apoio
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Núcleo de Pesquisa e Documentação
Fundação Universitária José Bonifácio

Para esta exposição foi utilizado o acervo do arquiteto Jorge Machado Moreira, de propriedade da senhora Giuseppina Pirro de Moreira, sob responsabilidade e guarda do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFRJ

João Filgueiras Lima (Lelé)

Agradecimentos:
Direção da Associação das Pioneiras Sociais
Presidente Dr. Aloiso Campos da Paz, Cirurgião-Chefe da Rede SARAH

O urbanismo do engenheiro Jorge de Macedo Vieira

PESQUISA E MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO:

AMJS – ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO JARDIM DA SAÚDE
Milvia Mitie Aracava – arquiteta

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO/ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS/USP
Carlos Roberto Monteiro de Andrade – arquiteto e professor
Rosana Steinke – historiadora e mestranda
Stella Schrijnmackers – bolsista de pesquisa

DPH – DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA/PMSP
Lia Mayumi – arquiteta
Maria Candelária V. Moraes – historiadora
Walter Pires – arquiteto

INSTITUTO DE GEOGRAFIA/FFLCH/USP
Celia Kawai – arquiteta e mestranda

COLABORARAM NA MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO OS ESTUDANTES DE ARQUITETURA:
Amanda Franco (EESC/USP)
Gustavo Partezani (EESC/USP)
Taciana Milene Pongelupi (EESC/USP)
Márcio Eiji Tanaka (FAUUSP), estagiário de arquitetura do DPH

PATROCINADOR EXCLUSIVO DA EXPOSIÇÃO:
BANCO HSBC, com apoio da LEI MENDONÇA

Hélio Duarte - Moderno, Peregrino, Educador

Curador-Geral: Alexandre E. Lipai

Coordenação e Pesquisa: Alexandre E. Lipai e Hugo Segawa

Documentação: Família Hélio de Queiróz Duarte, Helena Romariz Duarte
Ernest Robert C. Mange
Roberto José G. Tibau/Lucio Grinover
Candido Malta Campos F°/Siegbert Zanettini
Hugo Segawa
Biblioteca FAUUSP
Ag.Estado/ Júlio Moreno
J.Moscardi/J.Moscardi Jr.
FDE Fundação Para Desenvolvimento da Educação
Alice Seiko Matsumoto
Midori Hatanaka

Apoio/Patrocínio: Universidade de São Paulo/USP
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/FAUUSP
Prof. Dr. Júlio Roberto Katinsky
Profª Dra. Maria Ruth Amaral de Sampaio
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP
Comissão de Cultura e Extensão Universitária da FAUUSP
Editora Pini / Revista Au / Mário Sérgio Pini
Escritório Júlio Abe Wakahara SC/Ltda.

Coordenação Gráfica: Giovanna Ishida Tedesco

Programação Visual/Montagem: Giovanna Ishida Tedesco
Alice Seiko Matsumoto
Midori Hatanaka
Juliana Yamashita

Produção Gráfica/ Plotagem: Escritório Julio Abe Wakahara SC/Ltda.
Laboratório de Programação Gráfica FAUUSP

Cidadela da Liberdade

Serviço Social do Comércio
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional:
Abram Szajman
Diretor do Departamento Regional:
Danilo Santos de Miranda
Superintendente Técnico Social:
Joel Naimayer Padula
Gerente de Ação Cultural:
Ivan Paulo Giannini

Sesc Pompéia

Gerente:
Sérgio José Battistelli
Gerente Adjunto:
Cristina Riscalla Madi

Assistentes de Programação:
Mariângela Abbatepaulo/Lidia Tolaba
Assistente de Administração e Serviços:
Edmilson Ferreira
Assistente de Alimentação:
Maria Fabiana Ferro Guerra
Assistente de Comunicação:
Marcos Carvalho

Concepção e Projeto da Exposição:
André Vainer e Marcelo Carvalho Ferraz

Coordenação de Produção:
Roberto Cenni

Equipe de Produção:
Dóris Larizzatti, Silvia Rabaça, Renato Bittencourt
Sheila Schneck, Simone Yunes, Fátima Bomfin, João Gatti,
Iremar Alves e Jocélio Ramos

Colaboradores:
Cicero Ferraz Cruz e Fábio F.L. Mosaner,
Luciana Alem Gennari e Thaís Basílio

Projeto de Iluminação:
Abel Kopanski

Pesquisa Fotográfica: Paquito

Pesquisa e Produção de Vídeo: Central de Produção de Vídeo do Sesc-SP

Apoio:
Nelson Soares da Fonseca e equipe
Elsio Pichinelli e equipe
Márcia Rehem de Macedo e equipe
Vitório Olsen e equipe

Realização: SESC SÃO PAULO

Apoio: INSTITUTO LINA BO E P.M. BARDI

Mario Botta
Centro de Tradições Judaicas e Sinagoga Cymbalista, Tel-Aviv, Israel, 1996-1998

Agradecimentos:
Norberto e Paulette Cymbalista
Pino Musi – Fotógrafo
Progetto Marmo Consorzi Marmist del Veneto
Roberto Bianconi

Mies van der Rohe

Realização:
Instituto Lina Bo e P. M. Bardi
Editorial Blau

Curadoria:
Fernando Vázquez
Marcelo Carvalho Ferraz

Projeto e Texto:
Fernando Vázquez

Fotografias:
Rui Morais de Souza

Colaboradores:
Andréa de Oliveira Tourinho, Maria Fernanda Barberio, Andrea Ribeiro,
Luiz Eduardo V. Junqueira, Adriana Cozzo, Christy L. de Carvalho,
Giancarlo Latorraca, Laura Ciriaco,Thais Basílio

Patrocinadores:
Forma S.A. Móveis e Objetos de Arte, Rodrigues Barbosa, MacDowell de Figueiredo Advogados, Arquivo Histórico Wanda Svevo (da Fundação Bienal), Empório Beraldin Tecidos Naturais, Rio Bonito Revestimentos e Pedras, Solutia Brasil – Divisão Saflex, Pilkington Blindex, Qualitinox, Avanti Tapetes e Carpetes, Construnet, Marcenaria Barauna, Trust Sistema de Iluminação, Verbo & Sujeito Comunicação Empresarial, Ricardo Penteado, Arnaldo Malheiros, Marcos Galvão Rossi, Mauricio e Vilma Carrano, Luis Carlos B. Cavalcanti Jr., Francisco Almeida Prado, Gilberto e Rita Rossi, Pedro e Rosana Cabral.

Agradecimentos:
Elza Salugo, Flávia F. Arrigucci, Gilberto Fagundes, Gregório Zolko, Luíz Trigueiros, Manuel G. Gouveia, Paulo Egreja,
Paulo Yassuhide Fujioka, Rosangela Ribeiro de Oliveira,
Raphael M. Benviniste, Samuel Figueiredo,
Silvia M. Castelo Branco Bezerra, Zeco Beraldin.

Paulo Mendes da Rocha

Concepção:
Paulo Mendes da Rocha

Colaboração:
Sophia S. Telles
Marta Moreira – MMBB Arquitetos

Montagem:
Eduardo Ferroni
Moraci Almeida
Pablo Hereñu

Maquete:
Felipe Tassara e Maurízio Zelada – Cenotécnica Artes Técnicas

---

Villanueva. Momentos do Moderno

Projeto realizado pela Galeria de Arte Nacional (Caracas, Venezuela)

Curadoria: William Niño Araque e Carmen Cecilia Araujo

Apoio: CANTV e CONAC

Zanine Caldas

Organização:
Projeto Cultural A CASA

Curadoria:
Projeto Cultural A CASA e Silvio Maciel

Texto:
João Pedrosa

Direção-Geral:
Renata Bueno Mellão, Silvia Sasaoka,
Ana Luisa Mutran

Produção:
Jaine da Silva

Estagiária:
Fabiana Supino

Fotos:
Silvio Maciel e Rogério Freitas

Montagem:
Joel Jardim e José Mendes

Agradecimentos:
Lourdes Madeira, João Pedrosa,
Eduardo Brandão, Armando Prado,
Luisa Strina, Elisa Gomes,
Celina Kouznetz, Pedro Henrique, Ricardo Caruana,
Adriano Pedrosa, Adolpho Leirner, Rebeca Aronis,
Raul Loureiro, Cesar Cruz, Paula Musatti, Marcelo Palotta

China Antiga e Nova: Pequim-Xangai Projeto do Trem 2000

Concepção:
Hu Xian-Cheng

Curador:
Chang Tsong-Zung

Projeto:
Instituto de Pesquisa para Planejamento Urbano e Arquitetura, Xangai Tian Gong Sociedade de Construção Cooperativo, Hong Kong

Urbanista:
Wu Zi-Giang, Diretor, Instituto para Planejamento Urbano e Arquitetura, Xangai

Arquitetos:
Zheng Shi-ling, Diretor Associado da Associação de Arquitetos da China e Vice-Presidente da Universidade Tongji em Xangai

Arquitetos Associados:
GAN Arquitetos, Saitama, Japão
Horie Laboratório de Arte Ambiental, Osaka, Japão
Studio Kobatake, Tóquio, Japão

Documentário em Vídeo:
Tang Ying-shan, Televisão Central da China, Pequim, China
Zhu Wen-gi, Televisão Oriental, China

Modelos Arquitetônicos:
Fan He-sheng, Chen Zi-ping e outros da Academia de Artes e Departamento de Arquitetura da Universidade de Tongji

Projeto
Construir estações em estilos tradicionalmente locais nativos para cada uma das vinte e quatro de estações ao longo da estrada
de ferro do novo supertrem entre Pequim e Xangai

A Experiência Imaginária da Paisagem e o Gesto Projetual na Cidade de Ouro Preto

Autor:
Rogério Amorim do Carmo
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

Curso:
Prourb – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo
FAU-UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro – 1999

Orientador:
Lúcia Maria Sá Antunes Costa

Apoio institucional à pesquisa:
Capes

Apoio institucional à mostra:
Universidade Federal de Juiz de Fora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Edição de imagem:
Imago Design

Em Obras: História do Vazio em Belo Horizonte

Carlos M. Teixeira
Sala especial baseada no livro Em obras: história do vazio em Belo Horizonte (Cosac & Naify Edições, 1999, 336 p.)

Projeto da Exposição: Carlos M. Teixeira
Design do site www.vazio.com.br: LAGEAR- Escola de Arquitetura da UFMG
Produção e roteiro do vídeo História do Vazio em BH: Natora Produções
Ampliações fotográficas: Laboratório Versycolor
Patrocínio: Banco Mercantil do Brasil S/A

Laboratório de Projeto Integrado e Participativo para Requalificação de Cortiço

Promoção:
Escritório Piloto do Grêmio Politécnico da USP
Escola de Pós-graduação: "Tecnologia, Arquitetura e Cidades nos Países em Desenvolvimento" – Politécnico – Torino (Itália).

Concepção do Projeto:
Arq. Letizia Vitale – Politécnico Torino, Itália

Coordenação-Geral:
Profª. Andrea Piccini – Politécnica USP
Prof. Francisco Comaru – UNITAU
Henrique Lauriani Alfonsi – coord. Escritório Piloto USP
Arq. Letizia Vitale – Politécnico Torino

Apoio à Coordenação:
Daniel Yuhasz
Roberto de Gouveia e Freitas Jr.
Estudantes da FAUUSP e estagiários do Escritório Piloto.
Prof. Francisco Comaru – UNITAU
Henrique Lauriani Alfonsi – Coord. Escritório Piloto USP
Arq. Katia Luli Nakashigue (pós-graduação) Poli USP
Arq. Letizia Vitale – Politécnico Torino

Infra-Estrutura:
Escritório Piloto do Grêmio Politécnico da USP

Coordenação das Equipes:
Professores das Universidades:
PUC – Faculdade de Ciências Sociais e Faculdade de Direito
USP – Escola Politécnica
FAU – Terapia Ocupacional
UNITAU – Depto. de Arquitetura – N.H.D.U
Universidade São Francisco – Faculdade de Ciências Jurídicas

Organizações Não-Governamentais:
AD – Ação Direta
Africa70 (Itália)
Casa Assessoria (Br)
Centro Gaspar Garcia (Br)
Passo Assessoria (Br)
Peabiru (Br)
Polis (Br)
Usina (Br)

Movimentos de Moradia:
MMC Movimento de Moradia do Centro
ULC Unificação das Lutas de Cortiços
UMM União de Movimentos de Moradia

Instituições:
Associação dos trabalhadores da região da Mooca
ITCP – USP Incubadora tecnológica de cooperativas populares
Escritório Piloto

Participantes das Equipes:
Estudantes das Universidades:
Mackenzie: Psicologia
PUC: Ciências Sociais
UNITAU: Arquitetura
USF: Direito
USP: Biologia, Ciências Sociais, Escola Politécnica, FAU, FEA, Geografia, História, Terapia Ocupacional

População:
Famílias dos moradores do edifício da Rua Ouvidor, 63 – São Paulo

Patrocínio:
Indústria de Embalagens Tocantins Ltda.

Apoios:
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP
Grêmio da FAUUSP
CN6 Engenharia

Quapá – Quadro do Paisagismo no Brasil

Coordenador
Prof. Dr. Silvio Soares Macedo

Arquitetos Pesquisadores
Adriana Daud
Alessandra Maestro
Alessandra Viude
Ana Castro
Denise Morales
Fabio Robba
Francine Gramacho Sakata
Mauro Font
Omar Cardoso
Solange Aragão
Valeska Barbosa

Pesquisadores
Ana Carolina Melaré
Carlos Verzola Vaz
Cesar Augusto de Assis
Clarisse Ohtsuki
Clara Nori Sato
Claudia Borges
Cínthia Behr
Fabio Namiki
Fabio Figueiredo
Guilherme de Toledo
Isabela da Silva Cecconi
Lúcio Marcos Casonatto
Luis Fernando Meira
Luís Maurício Brandão
Marcelo Kussunoki
Martin Miguel Daniel
Renata Parizotto

Colaboradores
Ana Carolina Magalhães
Giovanna Tedesco
Leonardo Loyolla Coelho
Luciane Ferreira Chaskel
Roberto Sakamoto de Souza
Vladimir Navazinas
Francisca de Souza Lima

Colaboradores associados
Ézia do Socorro Neves
Guttemberg Weingartner
Vera Tangari
Vicente Barcellos

Assessoria
Edlayne de Aquino
Gisele de Benedetto
Yolanda Barozzi

Obs.: a Equipe 99
O Projeto QUAPÁ está locado no Laboratório da Paisagem do Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e conta com o apoio da Fapesp, CNPq.

Brazil Builds

Curadoria:
Lúcio Gomes Machado
Luiz Fisberg

Produção:
CORBIS
Fundação Bienal de São Paulo

Produção Gráfica da Mostra:
Leora Kahn – Corbis Managing Photo Editor
Michelle Glisson – Corbis Corporate Communications

Colaboradores:
Ariel Bergemann
Jonathan Raible
Marisa Bergemann
Paulo Yassuhide Fujioka
Tania Mills

Robert C. Smith – 1912-1975: A Investigação na História da Arte

Coordenação:
Serviço de Belas-Artes
Manuel da Costa Cabral
Jorge Rodrigues

Curadoria:
Dalton Sala

Consultoria:
Hellmut Wohl

Comissão Científica:
Dalton Sala
Hellmut Wohl
Benedito Lima de Toledo
Jaime Ferreira-Alves
John Russell-Wood
Jorge Rodrigues

Projeto de montagem:
Cristina Sena da Fonseca

Consultoria de montagem:
Maria Alice Milliet

Fotografia:
Luís Pavão
Dalton Sala

Homenagem a Pietro Maria Bardi

Realização:
Instituto Lina Bo e P.M. Bardi
Curador:
Marcelo Carvalho Ferraz

Apoio:
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
Museu Nacional de Belas Artes
Colaboradores:
Giancarlo Latorraca
Laura Silveira Cyríaco
Patrocinador:Banco BNLL do Brasil - Associado à Banca Nazionale del Lavoro

---

Arquitetos Brasileiros

Núcleo de Revistas Folha
Autoria: Ana Ottoni
Coordenação: Eduardo Brandão
Colaboração: Mara Gama

Niemeyer - Do Abstrato ao Concreto

Fotos : Ana Carolina Boclin

Apoios:
Ministério do Esporte e Turismo do Brasil - Secretaria Executiva
FUJIFILM - FUJI PHOTO FILM do Brasil Ltda
Empresa Advanced House Photo Coffe Tabacco

Paisagem e Memória

Autoria:
Carla Café

Patrocinadores:
Editora DBA Books
Grupo PEM SETAL

Construir com terra na América Latina

Arquitetos autores:
Sylvio Barros Sawaya
Paulo Montoro
Márcia Macul
Leticia Achcar
Wilma Abdalla Artigas
Maria de Lourdes Zuquim

Apoio:
ILAM – Instituto Latino-Americano

Patrocinador:
HSBC

Banco de Imagens Digitais de Arquitetura
Projeto Piloto: Rino Levi

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Centro Integrado de Documentação Digital – CIDD
Coordenação-geral
Prof. Dr. Ricardo Marques de Azevedo

Coordenação técnica e concepção do projeto
Prof. Abílio Guerra
André Kaplan (monitor responsável)

Coordenação institucional
Prof. Wilson Roberto Mariana

Coordenação acadêmica
Prof. Maria Beatriz de Camargo Aranha
Fábio Villela (monitor responsável)

Monitores
Daniel Carnelossi
Flávio Arancibia Coddou
Flávio Laurini
Priscila Carolina Vieira Davini
Ricardo Borges de Freitas
Tatiana Alarcon

Apoio:
Fapesp

Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo

Curadores:
Lúcio Gomes Machado
Paulo Yassuhide Fujioka
Silvia Martha Castelo Branco

Colaboradores:
Andréa Gomes Leite
Lucas Gomes Magalhães
Maíra Fernandes Bittencourt
Maria Angela Raus
Renata Basseto de Oliverira

Apoio:
Aceco – Fernando

Arquitetura no Espaço

Curador:
Marcos Weinstock

Realização:
Rede Globo

Patrocínio:
Intelig

Apoio:
Agência Espacial Brasileira e INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Aeroespaciais

---

A Estrada Real

Realização:
Secretaria Estadual de Turismo
Governo de Minas Gerais

Patrocínio:
Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração

Responsáveis pelo Projeto:
Raphael Olivé
Guilherme Magalhães
Mário Cordeiro
Julio Abe Wakahara
Antonio Henrique Borges Paula

Centro Cultural Banco do Brasil

Arquitetura:
LT Arquitetura SC Ltda.
Renato Riani Arquitetura e Urbanismo SC Ltda.
Silvana Simões e Paulo Gambini Arquitetos Associados SC

Ar-Condicionado:
Termoplan Engenharia Térmica Ltda.

Acústica:
Daltrini Granado Arquitetura e Conforto Ambiental SC Ltda.

Análise e Verificação de Projeto:
Addor e Associados Projetos e Consultoria SC Ltda.

Automação e Segurança:
Bettoni Automação e Segurança SC Ltda.

Consultoria no Desenvolvimento e Implantação do Projeto:
PAC – Projetos de Arte e Cultura
Elizabeth Machado

Estrutura:
França e Associados Engenharia SC Ltda.
Engebrat Consultoria Engenharia e Projeto

Elétrica Hidráulica e Telefonia:
Sermon Engenharia e Instalações Ltda.

Impermeabilização:
PROASSP Assessoria Projeto SC Ltda.

Luminotécnica:
Espaço Luz Iluminação SC Ltda. ME

Teatro:
JC Serroni Criações Visuais SC Ltda.

Restauração:
Restauro e Produções Culturais

Projeto de Zoneamento Urbano e Rural de Município Através de Tecnologia Aeroespacial

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Diretor-Geral - Dr. Márcio Nogueira Barbosa

Coordenação-Geral da Observação da Terra - OBT
Dra. Thelma Krugg

Autores do Projeto:
Arquitetos:
Romeu Simi Junior
Romeu Simi Neto
Adalton Paes Manso

Apoio - FUNCATE - Fundação de Ciências, Aplicações e Tecnologia Espaciais

---

Poupatempo

Realização:
Governo do Estado de São Paulo
Secretaria do Governo e Gestão Estratégica & PRODESP – Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo

Apoio:
Polaroid
SMD do Brasil e W. Toledo
Plurigoma Pisos de Borracha
Alberflex Indústria de Móveis

Projeto:
Arquiteto Edson Elito

Programação gráfica dos Painéis:
Paula Santoro
Ana Cláudia Castro

Projeto para o Rio de Janeiro

Prefeito:
Luiz Paulo Fernandez Conde

Secretário Municipal de Habitação:
Sérgio Ferraz Magalhães

Secretária Municipal de Urbanismo:
Hélia Nacif Xavier

Secretária Municipal de Obras e Serviços Públicos:
Angela Nóbrega Fonti

Programa Favela-Bairro:
Secretaria Municipal de Habitação
Gerente do Programa Favela-Bairro
Maria Lúcia Petersen

Projeto da Frente Marítima:
Secretaria Municipal de Urbanismo
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – IPP
Presidente Verena Vicentini Andreatta
Diretoria de Urbanismo:
Diretora Ana Luiza Petrik Magalhães
Arquitetos Consultores Oriol Bohigas e Nuno Portas

Programas Rio-Cidade e RioMar:
Secretaria Municipal de Urbanismo
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – IPP
Presidente Verena Vicentini Andreatta
Diretoria de Projetos Especiais:
Diretora Olga Maria Esteves Campista

Produção no Rio de Janeiro
Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro
Equipes técnicas responsáveis pelos programas e projetos
Design da exposição: UNIDESIGN

Sala São Paulo – Estação Cultura

Coordenação-Geral:
José Roberto Walker/Retrato Imaginário

Projeto Gráfico:
João Bento/Uni Comunicação

Pesquisa e Texto:
Pedro Braz/Informações Culturais

Imagens: Iatã Canabrava

Projeto e Montagem:
Luiz Viviani/Inter2Due

Realização:
Retrato Imaginário Publicidade e Comunicação

Patrocínio:
Secretaria de Estado da Cultura
Governo do Estado de São Paulo

Apoio:
Construtora Triunfo
Acciona do Brasil
Spenco Engenharia e Construção

Arquitetura da Violência

Realização:
Fundação Bienal de São Paulo e Folha de São Paulo

Participação:
Núcleo de Estudos da Violência - USP
TV Cultura

Patrocínio:
Eletropaulo Metropolitana

Créditos

Curadoria

Lucio Gomes Machado
Luiz Fisberg

Paulo Yassuhide Fujioca
Assistente da Curadoria

Liliane Fratto Calazans Salim
Secretária da Curadoria

Vilma Rossi
Assistente

Coordenação Operacional

Carlos Wendel de Magalhães
Marcos Weinstock

Projeto da Exposição

André Vainer & Guilherme Paoliello Arquitetos
Autores do Projeto

Cesar Shundi Iwamizu
Eduardo Chalabi
Colaboradores

Produção

Pieter Th. Tjabbes
Coordenação-Geral

Ana Elisa de Carvalho
Liliane Fratto Calazans Salim
Melina Cardoso Valente
Mônica Shiroma de Carvalho
Tânia Mills
Vânia Mamede
Yara Kerstin Richter
Assistentes

Monitoria

Yara Kerstin Richer
Coordenação

Lilian Amarae
Projeto Ação Educativa

Glauce Sciência
Assistente Monitoria

Robson Calazans
Simone Farias
Coordenação Aeroportuária

Montagem

Mariah Villas Boas
Coordenação-Geral

Marize de Almeida Nóbrega Martins
Assistente

Ernesto Tuneu
Supervisão Geral

Marcelo Morato
Assistente

Guimar Morelo
Hildimar Gonçalves Francisco

José Geraldo Faria
Chefe da equipe

Benedito Donato
Eduardo Waspe
Emerson Horst
Manoel Geraldo Costa
Responsáveis pela montagem

Comunicação Visual

Claudio Ottoni
Luana de Alencar Radesco
Renata Domingos
Autores

Fatima Pinheiro
Colaboração

Assessoria para Relações Institucionais

Luiz Carlos Frigério

Assessoria de Imprensa

Maria Amélia Rocha Lopes Gaspar
Coordenação

Mônica V. Lourenci
Célia Perrone
Assistentes
Claudia Senna Frederico
Redação do Site

Secretaria

Maria Rita Marinho
Lucia Aparecida Rizzardi
Givonete Alves dos Santos
Anderson de Andrade

Arquivo Histórico

Silvia Castelo Branco Bezerra
Coordenação

Andrea Gomes Leite
Renata Basseto de Oliveira
Assistentes

Equipe de Apoio Administrativa e Operacional

Maurício Marques Netto
Gerente Financeiro

Katia Silveira Marante
Mario Rodrigues da Silva
Luiz Carlos Estevanin
Marcelo de Souza Crispim
Amarildo Firmino Gomes
Equipe Administrativa

Adriana Cristina de Lima Pereira
Lisania Praxedes dos Santos
Recepcionistas

Laercio Ribeiro Silva
Roberto Alvarenga
Nicacio Jeane Pereira de Souza
Vinicius Robson da Silva Araujo
Auxiliares das Gerências

Dorgival Cordeiro Costa
José Antonio dos Santos
José Leite da Silva
José Pereira da Costa
Lindomar Raimundo de Freitas
Antonio Milton de Araujo
Elias Lima da Silva
Evilazio Pereira Sampaio
Gilberto Pereira da Silva
Isaias de Jesus Siqueira
Nivaldo Francisco da Costa
Tabajara de Souza Macieira
Cilailde Bispo de Souza
Enoque Alves dos Santos
Idelvina Rosa de Jesus
Josefa Gomes Lopes da Silva
Josenita Vitor dos Santos Souza
Maria da Glória Araujo
Severina Ferreira da Mota
Apoio de montagem e manutenção

Agradecimentos

Adauto Martins de Jesus
Heloisa Maringoni
Ícaro Machado Hueza

Comissão de seleção da Exposição Geral de Arquitetos

Edson Jorge Elito
Jorge Wilhem
José Geraldo Martins de Oliveira
Lúcio Gomes Machado
Marcelo Carvalho Ferraz
Mário Figueroa
Oswaldo Correa Gonçalves
Paulo Júlio Valentino Bruna
Pedro Cury
Regina Maria Prosperi Meyer
Renato Dal Pian
Renato Nunes
Rubens Cunha Lima
Telesforo Cristofani
Tito Lívio Frascino

Catálogo
Glória Bayeux
Coordenação-Geral e Produção

Paschoal Fabra Neto
André Rivetti Perri
Projeto Gráfico, Criação e Concepção

Rosa Artigas
Valdir Zanetti
Textos e Produção da Exposição Geral dos Arquitetos

Ana Gabriela Godinho Lima
Cláudio Frederico da Silva Ramos
Diana Cohen
Katica Szábo
Rosane Kurc
Tradução

Sheila Fabre
Tereza Gouveia
Padronização e Revisão

Edit 5 - Editoração Eletrônica S/C Ltda.
Diagramação e Editoração

Luis Carlos Vigeta
Produção

Colaboradores da Takano Editora Gráfica Ltda
Antonio Takano
Roberto Barbeiro
Robison Borges
Edson Massayuki
Kyioso Yokoshi
Sandra Regina Bonani
Antonio Sérgio Faé
Eduardo Pessan
Marcílio Gomes Pimentel
Ailton Pedrosa Lima
Rogério Veiga
Marcio Mamoru Tamura
Eduardo de Almeida Santos
Giucirley Alves Ferreira
Wladir krilovicius
Ricardo Tomio Ahiyama
Coordenação da Reprodução e Escaneamento das Imagens

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bienal Internacional de Arquitetura (4. : 1999 : São Paulo)
Catálogo da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo / [coordenação geral e produção Glória Bayeux]. - São Paulo : Fundação Bienal, 1999.

Obra em 2 v.

1. Arquitetura - Exposições _ Catálogos
2. Bienal Internacional de Arquitetura (4. : 1999 : São Paulo) I. Bayeux, Glória. II. Título.

99-4840 CDD-720.98161074

Índices para catálogo sistemático:

1. Bienal Internacional de Arquitetura, 4. : São Paulo : Cidade : Catálogos 720.98161074
2. Catálogos : Exposições de arquitetura : São Paulo : Cidade 720.98161074
3. São Paulo : Cidade : Arquitetura : Exposições : Catálogos 720.98161074

Copyright © 1999 by
Fundação Bienal de São Paulo

Edição
Fundação Bienal de São Paulo
Parque do Ibirapuera Portão 3
CEP 04098-900 São Paulo Brasil
Tel.: 0XX 5511 - 574 5922
Fax: 0XX 55 11 - 549 0203
E-mail: bienalsp@uol.com.br

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida ou utilizada em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem expressa autorização da editora.

4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

20 de novembro de 1999 a 25 de janeiro de 2000

Catálogo Geral

ISBN 85-85298-10-3